

XIV COLÓQUIO  
DE OUTONO

# Humanidades: Novos Paradigmas do Conhecimento e da Investigação

ORGANIZAÇÃO

ANA GABRIELA MACEDO  
CARLOS MENDES DE SOUSA  
VÍTOR MOURA

hums



Universidade do Minho  
Centro de Estudos Humanísticos



**XIV COLÓQUIO  
DE OUTONO**

# **Humanidades: Novos Paradigmas do Conhecimento e da Investigação**

## **ORGANIZAÇÃO**

**ANA GABRIELA MACEDO**

**CARLOS MENDES DE SOUSA**

**VÍTOR MOURA**

**(REVISÃO DE TEXTOS DE JOANA PASSOS)**

**UMUS**



**Universidade do Minho**  
Centro de Estudos Humanísticos

XIV COLÓQUIO DE OUTONO

**HUMANIDADES: NOVOS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO E DA INVESTIGAÇÃO**

Organização: Ana Gabriela Macedo, Carlos Mendes de Sousa e Vítor Moura

Capa: António Pedro

Edição do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

© EDIÇÕES HÚMUS, 2013

End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 252 301 382 / Fax 252 317 555

E-mail: [humus@humus.com.pt](mailto:humus@humus.com.pt)

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão

1.ª edição: Outubro de 2013

Depósito legal: 364900/13

ISBN 978-989-755-011-9

## ÍNDICE

- 9 **Foreword**  
11 **Introdução**
- 23 ***Et in Arcadia...? Undercurrents in Act one of Ashton's Sylvia***  
Frederico Lourenço
- 33 **The Promise of Cosmopolitanism: Art, Ethics and Imagination  
in a Global World a positional parlay**  
Marsha Meskimmon
- ARTE, GÊNERO E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS**
- 49 **Para além do olhar: o feminismo na obra de Maria José Aguiar e  
Graça Pereira Coutinho**  
Márcia Oliveira
- 61 **'Taking the Story from the Location': The Politics of  
Authenticity in Storm Jameson's *Europe to Let***  
Rebecca Kirstein Harwood
- 71 **Alda Lara, figura fundadora na poesia das mulheres angolanas**  
Joana Passos
- 87 **Literary Cartographies and Humanistic Criticism.  
The Indian Ocean as a "critical paradigm"**  
Elena Brugioni
- INTERTEXTUALIDADES**
- 101 **A literatura brasileira em Portugal nos anos 1930**  
Valéria Paiva
- 123 ***Dis-play da morte em José Saramago***  
Sara Lima e Sousa

- 133 **Brief Encounters with an Exotic but Decadent Other:  
The Image and Perception of Portugal (and the Portuguese) in  
Early Victorian Women's Poetry**  
Paula Alexandra V. R. Guimarães

- 147 ***Fabulous freak of nature:*  
da autorrepresentação em Alanis Morissette**  
Diogo André Barbosa Martins

- 175 ***De Ensalmis: o pensamento inquisitorial sobre algumas  
crenças populares no Portugal de Seiscentos***  
João Peixe

**LÍNGUA E IDENTIDADE:  
PRODUÇÃO, MANIPULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO**

- 189 **“Honour Killing” in the UK: Gender, Cultural or  
Muslim Phenomenon?**  
Habiba Chafai

- 217 **Constructing Identities / Mapping the field: The Social Dimension  
of Translation Market(s) and Translator's Professionalization**  
Fernando Ferreira Alves

**PROJECTO “PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA FALA BRACARENSE”**

- 229 **Trajectoria da Comunidade de Fala Carioca**  
Maria da Conceição de Paiva

- 243 **Braga: o frágil equilíbrio entre preservação dialetal  
e standardização**  
Celeste Rodrigues

**PROJECTO “ESTÉTICAS DA BREVIDADE. NARRAÇÕES ORAIS E  
MICRONARRATIVAS”**

- 263 **Récit sans narrativité, narrativité sans récit. Temps et  
mutations du conte dans la série microfictionnelle  
*Petits Chaperons*, de José Luis Zárate**  
Cristina Álvares

- 273 **Corpo-sem-órgãos, Efeito Estético (Histórias do) Cinema. Sobre *Flip-Book*, de Jérôme Game**  
Sérgio Guimarães de Sousa
- 289 **On the art of containment of the very short story: is it a seed that grows or a bush that is pruned down?**  
Salomé Osório
- PROJECTO “PER-FIDE:  
PORTUGUÊS EM PARALELO COM SEIS LÍNGUAS”**
- 303 **Compilación e aplicacións dos corpus paralelos na lingua galega: o *Corpus CLUVI***  
Xavier Gómez Guinovart
- 323 ***Per-Fide*: Projeto de compilação de um *corpus* multilingue**  
José João Alameida, Sílvia Araújo, Idalete Dias e Ana Correia
- PROJECTOS DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS /  
EXPANDIR A IGUALDADE**
- 343 **What happens when the pact is broken? Limits of democracy, human rights and the neoliberal imperialism**  
Marta Nunes da Costa
- 353 **A luta contra a pobreza: condição ou efeito do respeito pelos direitos humanos?**  
Maria João Cabrita
- 369 **“Dignidade” no discurso dos juristas: por onde passa a determinação do humano**  
Nuno M. M. S. Coelho
- 375 **Igualdade para além da espécie: uma proposta positiva**  
Cátia Faria
- 385 **The public / private dichotomy: implications for women’s citizenship**  
Ana Isabel Dapena Sieiro

## PROJECTO O USO DE METÁFORAS NA PESQUISA BIOMÉDICA

395 **Rationality and Reasoning with metaphors**

Bipin Indurkha

425 **A presença da metáfora em artigos de investigação biomédica**

Vítor Moura, Mauro Maldonato, Ricardo Pietrobon e Paulo Monteiro

## TESTEMUNHOS DE PROJECTOS NO ÂMBITO DA CULTURA NO CEHUM

455 **Apresentação do Grupo de Investigação em Estudos Transculturais (GIETCult) e do seu projeto Mobilidade e Memória Local: Representações Interculturais da Região Minho (MoMeL)**

Joanne Paisana e Mário Matos

461 **Linhas Orientadoras do Projeto de Investigação: “O ‘Ser Português’ e o ‘Outro’: A China na Identidade Cultural de Portugal”**

Sun Lam, Manuel Gama e Rui Silva



XIV COLÓQUIO DE OUTONO  
**HUMANIDADES  
NOVOS PARADIGMAS  
DO CONHECIMENTO E DA INVESTIGAÇÃO**

**Foreword**

The present volume offers a selection of the papers presented at the XIV Colóquio de Outono organized by the research unit *Centro de Estudos Humanísticos* (Universidade do Minho) in November 2012, under the global topic *Humanities: New Paradigms of Knowledge and Research* (*Humanidades: Novos Paradigmas do Conhecimento e da Investigação*).

It has been the main objective of CEHUM, throughout the various Colóquios de Outono organized in just over a decade, to listen carefully to the “noise of the world” and attempt a global interpretation of the signs of the times issuing from the world around us, as vibrant echoes of many social and cultural pressing issues. This volume gathers the majority of the texts presented in the XIV Colóquio de Outono, which the authors generously offered us for publication, and which will certainly testify of the important debate around the wide topic proposed for this years analysis and discussion. We hope that this new volume may give evidence of our concern, as a Research Centre within the Humanities which operates in a transdisciplinary structure, of the crucial role played by the Humanities in today’s world and the multidisciplinary dialogue that can be fostered by the different research groups that compose it. Throughout the three days of this XIV Colóquio de Outono we had the privilege to listen to and debate the propositions of a vast number of national and international specialists in the manifold fields of inquiry here represented, engaging keynote

speakers, project advisors, members of research teams and external researchers attached to the various research projects currently running in CEHUM, in the fields of literature, linguistics, philosophy, ethics, visual arts, cultural studies, music and performance. Each specific field of studies was however never seen isolated, but always embodied in a geo-cultural context and within the scope of a wide variety of critical debates and current theories of knowledge, as a signal of our understanding of the Humanities as a rich and plural territory which engages us all, scholars, researchers, students.

For these lively and thought-provoking three days of the conference we wish to thank each and every one of the colleagues present, our distinguished guests, as well as the research members of CEHUM, who so enthusiastically joined in the debate on the proposed topics of analysis.

Special thanks to the Board of Directors and the research team leaders of CEHUM for the precious help provided towards the organization and the setting up of this international event.

Last but not least, we wish to thank the *Instituto de Letras e Ciências Humanas*, as well as the research assistants and staff of CEHUM for all the precious logistic support.

Finally, our gratitude to our main sponsor, *Fundação para a Ciência e a Tecnologia* (FCT), for encouraging and financially supporting this yearly event and the present publication.

Braga, July 2013  
Ana Gabriela Macedo  
(CEHUM Director)

# XIV COLÓQUIO DE OUTONO **HUMANIDADES NOVOS PARADIGMAS DO CONHECIMENTO E DA INVESTIGAÇÃO**

## **Introdução**

O XIV Colóquio de Outono do CEHUM, subordinado ao tema *Humanidades. Novos Paradigmas do Conhecimento e da Investigação*, realizou-se entre 8-10 de Novembro de 2012. No âmbito deste Colóquio, evento anual e com grande ênfase na transdisciplinaridade que caracteriza este Centro de Investigação, procurou-se refletir sobre uma questão basilar e de grande premência no tempo presente neste vasto campo de estudos, mais do que nunca debaixo de um severo escrutínio: os novos paradigmas e as novas conjunturas que definem hoje as Humanidades e que, em larga medida, transgridem os limites e as fronteiras tradicionais desta área de conhecimento e, daí decorrente, os desafios que essa singular porosidade de campos de investigação, pluralização de discursos críticos e estratégias metodológicas colocam à investigação em curso, causando de certo modo, uma revolução dos paradigmas críticos tradicionais.

Em virtude da temática proposta, foi dado particular relevo à apresentação e discussão dos projetos de investigação em curso no Centro, bem como à atividade dos seus distintos grupos de pesquisa. Deste modo, a participação dos investigadores do CEHUM nesta XIV edição do seu Colóquio anual, privilegiou o trabalho de pesquisa coletivo, representativo da investigação multidisciplinar em curso. Este foi assim, deliberadamente, um Colóquio de reflexão e de balanço, tanto a nível interno, como no que diz respeito à globalidade do nosso campo de pesquisa, sobre os avanços, as conquistas, as novas inquietações e os

desafios contínuos que as Humanidades têm sabido enfrentar, face à mudança de paradigmas do conhecimento e da investigação que o novo século aportou (a multidisciplinaridade, o multiculturalismo, os novos migrantes, as culturas alternativas, a falência das ideologias, etc.), a que não são de todo alheias a crise, ou talvez melhor, as “crises”, que conjunturalmente vivemos.

Destacamos os nomes dos oradores convidados, a quem vivamente agradecemos a sua inestimável colaboração neste fórum: Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra), Conceição Paiva (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Celeste Rodrigues (Universidade de Lisboa/CLUL), Marsha Meskimmon (Loughborough University), Bipin Indurkha (IIIT- Hyderabad, Índia), Mauro Maldonato (Universidade de Basilicata, Itália), Ricardo Pirotton (Universidade de Duke, EUA), Nuno Coelho (Universidade de São Paulo, Brasil), Irène Langlet (Universidade de Limoges, França), Xavier Gómez Guinovart (Universidade de Vigo).

Verificou-se, como é habitual, uma ampla participação dos investigadores do CEHUM, bem assim como de outros investigadores vindos de distintas Universidades e centros de investigação do país e do estrangeiro, que, em conjunto, transformaram este XIV Colóquio de Outono do Centro de Estudos Humanísticos num importante fórum de reflexão e debate em torno de uma premente problemática da cultura da contemporaneidade.

O Colóquio iniciou-se com uma comunicação de Frederico Lourenço intitulada “*Et in Arcadia...? Undercurrents in Act One of Ashton’s Sylvia*”, na qual o autor focou as potencialidades da leitura da dança enquanto texto e as adaptações de obras literárias a ballet, focando em particular a obra do coreógrafo Frederick Ashton (1904-1988), como um exemplar *case study* do modo como texto e dança se iluminam reciprocamente, quando em diálogo performativo.

Marsha Meskimmon focou na sua intervenção, “*The Promise of Cosmopolitanism: Art, Ethics and Imagination in a Global World a Positional Parlay*”, a questão da relação da arte contemporânea com a globalização e os movimentos transnacionais. Segundo a autora, a arte contemporânea, se bem que profundamente imbricada na economia do mercado global, insere-se também nas economias afectivas da comunicação transcultural, enquanto modo de produção e circulação cultural. A autora argumenta que as múltiplas economias da arte se interrelacionam ao nível do imaginário cultural, como catalisadoras de uma ecologia, isto é, uma complexa rede de significações e trocas entre diversos sujeitos e objectos interdependentes. O cosmopolitismo da

arte contemporânea residirá assim no ênfase das diferenças e na articulação da diversidade, não no seu esbatimento e precaridade.

No âmbito do painel Arte, Género e Estudos Pós-Coloniais, Márcia Oliveira apresentou uma comunicação intitulada “Para além do olhar: o feminismo na pintura de Maria José Aguiar e Graça Pereira Coutinho”. No contexto de uma historiografia da Arte e das suas relações com o Feminismo, a autora focou a obra de duas pintoras portuguesas da geração de 1970, contextualizando-a na tensão dos paradigmas moderno e pós-moderno e no esbatimento das fronteiras e hierarquias entre as diversas artes (da pintura à *performance*, à *body-art*, ao vídeo ou à fotografia), no sentido de uma problematização dos paradigmas das artes e das novas conceptualizações em curso. Neste sentido, sendo o Feminismo um dos principais motores desta viragem, a autora interroga-se de que forma as perspectivas feministas se podem relacionar com o meio artístico canónico por excelência que é a pintura, através da análise do trabalho de duas pintoras portuguesas, Maria José Aguiar e Graça Pereira Coutinho.

Rebecca Kirstein Harwood, no texto ‘Taking the Story from the Location’: the Politics of Authenticity in Storm Jameson’s *Europe to Let*, reflecte sobre a autobiografia de Jameson, *Journey from the North*, e as experiências e vivências pessoais da sua autora em viagens efectuadas nos anos trinta e quarenta através da Europa. Segundo R. Harwood, o *travelogue* de Jameson resulta de uma ‘retextualização’ das vivências da autora, demonstrando claramente a ‘natureza híbrida’ do género da literature de viagens, negociando o documental com a invenção e criatividade artísticas. Situada no contexto do espaço entre as duas guerras mundiais, esta obra traduz, segundo R. Harwood, uma tentativa radical de ‘re-presentar’ no contexto híbrido da autobiografia ficcionalizada, as tensões sociais e os conflitos políticos de um dado momento histórico.

Joana Passos, num texto intitulado, “Alda Lara, figura fundadora na poesia das mulheres angolanas”, esboça uma cartografia de um dos períodos da literatura angolana que corresponde à consolidação da literatura moderna do país. Trata-se, segundo a autora, de uma literatura de resistência contra o regime colonial, pela qual se define a voz e o papel do jovem intelectual de países colonizados como vanguarda de uma luta nacional (e transnacional) que levou ao processo de descolonização. Alda Lara é aqui apresentada como uma das vozes fundadoras da moderna literatura angolana e, enquanto mulher escritora, com um papel determinante no mapeamento do contributo das mulheres no contexto da literatura angolana.

Elena Brugioni, em “Literary Cartographies and Humanistic Criticism. The Indian Ocean as a Critical Paradigm”, salienta a necessidade de repensar espaços, tempos e relações no âmbito da contemporaneidade pós-colonial, assim como de reflectir sobre a ocorrência de paradigmas críticos e epistemológicos alternativos das práticas e das linguagens de representação na contemporaneidade global, sugerindo uma leitura situada e “mundana” (Said). A partir de uma leitura da obra de João Paulo Borges Coelho e de MG Vassanji a autora propõe-se reflectir em torno da relação entre história, memória e representação que pauta estas escritas, as quais configuram o espaço literário como um lugar de resgate da memória, questionando a articulação entre experiência e objectividade, público e privado.

Em “O Olhar do Outro: a literatura brasileira em Portugal nos anos 1930”, Valéria Paiva apresenta uma leitura que procura sublinhar a importância da literatura brasileira na génese do neo-realismo português. Pretende-se revelar o impacto que tiveram as obras de autores como Jorge Amado ou José Lins do Rego nos escritores portugueses neo-realistas. Este texto sublinha o facto de esses autores brasileiros terem sido lidos e incorporados no debate público sobre o papel da arte e do escritor na produção literária em Portugal.

Constatando que a figuração da morte é um ponto nevrálgico da obra de José Saramago, Sara Lima e Sousa apresenta no seu artigo uma leitura sobre os exercícios de dessacralização da solenidade e tragicidade da finitude no universo romanesco do autor. Releva nesse sentido o uso de procedimentos de que Saramago se serve como a crueza narrativa ou a sátira, duas faces da mesma moeda daquilo a que a autora denomina de “*dis-play* da morte”.

Em “Brief Encounters with an Exotic but Decadent Other”, Paula Guimarães estuda as representações de Portugal na Poesia Feminina Britânica do Século XIX. Entre essas autoras contam-se Felicia Hemans, que explorou o potencial romântico e histórico de mulheres portuguesas míticas; Charlotte Tonna, que usou o contexto dramático do ‘teatro de guerra’ durante as invasões napoleónicas da Península; Charlotte e Emily Brontë, que utilizaram locais, personagens masculinas e femininas fictícias, *alter egos*, com apelidos, características e contextos portugueses; ou Elizabeth Barrett Browning, que incorporou convenções poéticas renascentistas e barrocas portuguesas de forma subtil na sua poesia de amor mais famosa. Paula Guimarães mostra como estas escritoras contribuíram substancialmente para re-imaginar e re-configurar Portugal como um país romântico e exótico, mas também imbuído de uma visão marcadamente decadente e intolerante.

“*Fabulous Freak of Nature*: da autorrepresentação em Alanis Morissette”, de Diogo Morgado interpreta a escrita musical de Alanis Morissette, contrapondo-a ao cânone da autorrepresentação, nomeadamente literária. A presença insistente de Morissette na sua própria produção artística é um factor importante quando se considera a ambivalência da sua recepção pela crítica, ora elogiando uma sólida consistência artística, ora acusando a compositora de uma abusiva autoindulgência. Mais próximas da expressão de uma *snapshot*, as canções de Morissette prolongam o desafio interpretativo que decorre de todo o exercício de autobiografia e autorretrato e acrescentam-lhe a especificidade de se apresentarem como um “espaço autobiográfico” próprio, que só uma leitura híbrida e pluridisciplinar – entre texto, música, performance e imagem – poderá compreender. O artigo sugere que abordemos as *snapshots* morissetteanas como uma variante verbal do que Roland Barthes pensa sobre a fotografia, no sentido em que as *lyrics* de Alanis Morissette seriam simples emanações do seu referente, indiferentes ao circuito textual ou literário.

“*De Ensalmis*: o pensamento inquisitorial sobre algumas crenças populares no Portugal de Seiscentos”, de João Peixe, debruça-se sobre a obra *De incantationibus seu ensalmis*, da autoria de Manuel do Vale de Moura, um tratado sobre encantamentos ou ensalmos, publicado em 1620. A partir da definição de Ensalmo fixada por Vale de Moura, deputado da Inquisição de Évora, João Peixe no seu artigo faz uma leitura de alguns argumentos do autor do tratado pela condenação destas práticas, à luz de uma polémica que não era nova, e onde ecoam marcas do Livro dos Números aos diálogos platónicos, de poetas clássicos a médicos coevos.

Habiba Chafai, no artigo «“Honour Killing” in the UK: Gender, Cultural or Muslim Phenomenon?», apresenta uma leitura do modo como os “crimes de honra” entre as comunidades muçulmanas na Grã-Bretanha são apresentados na imprensa britânica. Trata especificamente de um estudo de caso, a partir de análise das diferentes estratégias linguísticas e discursivas utilizadas na cobertura desse caso por diversos jornais. O trabalho de Habiba Chafai visa mostrar como a imprensa lida com os conceitos de identidade e diferença na crescente sociedade multicultural e multirreligiosa da Grã-Bretanha.

O artigo de Fernando Ferreira Alves, “Constructing identities/Mapping the field: The social dimension of translation market(s) and translator’s professionalization”, apresenta uma reflexão sobre as práticas de tradução/interpretação que pressupõem uma relação entre texto e contexto, entendidas numa perspetiva interdisciplinar, envolvendo várias metodologias de pes-

quisa. Dada a natureza complexa da tradução/interpretação como um evento sócio-cultural global, nenhuma disciplina isolada pode por si só oferecer um quadro completo.

Sublinhando a relevância da variação e da mudança nas línguas naturais, o estudo de Conceição Paiva parte da análise de corpora sociolinguisticamente controlados. O artigo “Perfil da comunidade de fala carioca ao longo dos últimos trinta anos” centra-se em dois fenómenos morfossintáticos de larga extensão na fala carioca: a alternância entre as formas de 1<sup>a</sup>. pessoa do plural *nós* e *a gente*, na função de sujeito, e a variação entre as preposições *a* e *para*, na introdução de complementos dativos. A autora mostra a forma como através da análise de corpora representativos é possível depreender a sistematicidade destes fenómenos, sua configuração social e sua direccionalidade no português brasileiro.

No artigo “Braga: o frágil equilíbrio entre preservação dialectal e standardização”, Celeste Rodrigues propõe uma reflexão acerca da importância relativa da variação fonética encontrada em Braga nos dados recolhidos pela autora (1996-97), de modo a que se possa perceber como a fala bracarense se aproxima e se afasta da variedade standard do Português Europeu. O estudo permite constatar que na década final do século passado o português falado em Braga apresentava um equilíbrio frágil entre a tendência conservadora das principais características linguísticas identificadoras do dialecto do qual Braga faz parte e as características inovadoras assimiladas por efeito de standardização linguística.

Em “Récit sans narrativité, narrativité sans récit: temps et mutations du conte dans la série microfictionnelle *Petits Chaperons*, de José Luís Zárte », Cristina Álvares examina a configuração do tempo, considerando-o central para a reescrita do conto de Perrault-Grimm apresentada nas micronarrativas José Luís Zárte. A autora interroga-se sobre a forma narrativa do tempo, tanto no interior de cada microficação, como nas relações que umas estabelecem com as outras. De que modos(s) é que a temporalidade microsserial afeta a narratividade do conto? Descrevem-se as duas operações (ação única e parataxe) que alteram a continuidade temporal da narração tradicional nas micronarrativas, produzindo quer narrativas sem narratividade, quer narratividade sem narração. Cristina Álvares interroga-se ainda sobre o papel destas operações nas mutações contemporâneas do conto e sobre o seu significado na transmissão da memória coletiva no mundo pós-moderno.

Sérgio Guimarães de Sousa, no artigo “Corpo-sem-órgãos, efeito estético (histórias do) cinema”, trabalha sobre *Flip-Book*, de Jérôme Game. O autor



mostra como Jérôme Game, em jeito de montagem, se compraz em descrever diversos trechos filmicos, por meio de descrições em moldes cinematográficos. Isto é, dá azo à transposição para o domínio verbal de expedientes técnico-narrativos afins da linguagem audiovisual. Sérgio G. de Sousa destaca ainda o facto de *Flipbook* se constituir enquanto sucessão heterogénea (e por isso disruptiva) de cenas (filmicas), lembrando Godard em “Histoire(s) du Cinéma”, e configurando deleuzianamente o livro na proporção de um Corpsem-Órgãos.

O artigo de Salomé Osório “On the art of containment of the very short story: is it a seed that grows or a bush that is pruned down?” discute o processo de categorização ou nomeação das micronarrativas. Mostrando a panóplia de termos usados na nomeação destas formas literárias, a autora propõe um termo mais abrangente que englobaria todas as diferenças de nomenclatura.

No âmbito do projecto *Per-Fide: Português em paralelo com seis línguas*, Xavier Gómez Guinovart apresentou o texto “Compilación e aplicación de corpus paralelos na lingua galega: o Corpus CLUVI”, (<http://sli.uvigo.es/CLUVI/>), uma colecção de textos paralelos que cobrem diversos âmbitos da língua galega contemporânea. Com uma extensão de cerca de 23 milhões de palavras, esta base de dados divide-se por seis colecções principais, dedicadas a cinco registos especializados (literatura, informática, divulgação científica, direito e administração) e a cinco combinações linguísticas. A metodologia seguida na compilação e anotação do *corpus* foi explicada, seguindo-se a apresentação de algumas das suas aplicações ao nível da lexicografia computacional, da terminologia e da tradução.

O texto de José João Almeida, Sílvia Araújo, Idalete Dias e Ana Correia apresenta o projeto de pesquisa “*Per-Fide*”, que tem por principal objetivo a compilação de *corpora* paralelos multilingues com vista à construção de uma plataforma de investigação vocacionada para diferentes áreas, nomeadamente a linguística contrastiva, o ensino e o estudo de línguas e da tradução, da lexicografia bilingue, entre outras. O *corpus Per-Fide* pretende estabelecer uma rede de relações entre seis línguas, em que o Português surge como língua pivô, podendo funcionar quer como língua de partida quer como língua de chegada.

Iniciando o painel sobre *Democracia e Direitos Humanos*, “What happens when the pact is broken? Limits of democracy, human rights and the neoliberal imperialism”, de Marta Nunes da Costa, regressa à noção de contrato político, lembrando que o modelo democrático está assente sobre um pacto entre representantes e representados, um pacto que se edifica com base num con-

junto de direitos humanos que suportam a construção democrática – de entre os quais, o direito à igualdade política e participação política – assim como no consentimento implícito e necessário à manutenção das relações de representatividade que suportam o aparato institucional de cada Estado. O consentimento – explícito ou tácito – gera legitimidade. As democracias actuais – e mais especificamente, as democracias europeias – foram sendo constituídas com base em direitos conquistados ao longo dos tempos: o direito à liberdade de expressão, liberdade de associação, igualdade de género, igualdade no trabalho, direito à educação, direito à saúde. Hoje, porém, a universalidade destes direitos surge contestada e eles tendem a ser retidos como ‘regalias’ de uma minoria, geralmente detentora de capital. Este texto pretende confrontar dois grandes desafios com os quais o discurso dos direitos humanos se confronta: por um lado, a identificação dos problemas normativos que afectam as actuais teorias da democracia, numa redefinição dos conceitos centrais sobre os quais estas têm sido edificadas, nomeadamente, os conceitos de representação, participação e deliberação. Por outro lado, a identificação dos obstáculos trazidos quer à democracia quer à realização dos direitos humanos como projecto cosmopolita, nomeadamente, os obstáculos trazidos pelo neoliberalismo prevalente ao longo das últimas três décadas. Finalmente, o artigo propõe uma busca de alternativas conceptuais e práticas aos actuais discursos e práticas democráticas.

Com “A luta contra a pobreza: condição ou efeito do respeito pelos direitos humanos?”, Maria João Cabrita retoma o debate filosófico sobre os direitos humanos, inserindo-o no horizonte actual do liberalismo igualitário e repensando o confronto entre a primeira geração de direitos – políticos e civis – e a segunda – económicos e sociais. Enquanto a utopia realista de John Rawls, ao tomar por desígnio a paz e estabilidade entre povos, reitera a tradição de uma prioridade dos direitos políticos sobre os económicos, o cosmopolitismo sobre a justiça (Beitz e Pogge, entre outros) implica uma troca de prioridades. Se, na acepção rawlsiana, o respeito pelos direitos humanos - compreendidos como direitos básicos a qualquer sistema de cooperação social - constitui uma condição essencial à resolução da privação económica, entre os defensores do alcance global da justiça - justiça económica e social que promove a igualdade de oportunidades e a (re) distribuição de rendimento e riqueza – supõe-se, ao invés, que a eliminação da pobreza extrema é condição fundamental do respeito pelos direitos humanos. Neste artigo, a autora apresenta o confronto argumentativo entre as duas posições.

“‘Dignidade’ no discurso dos juristas: por onde passa a determinação do humano”, de Nuno Coelho, aborda o justo natural como conceito problemático entre os clássicos gregos. Quando integrado no contexto dos processos de disputa que marcam a origem e o desenvolvimento da polis, assim como de sua apropriação pelos pensadores pré-socráticos, o justo natural torna-se uma instância polémica e já não uma noção neutra a que se pode recorrer para resolver questões jurídicas ou políticas.

Em “Igualdade para além da espécie: uma proposta positiva”, interroga a consideração de interesses fora da espécie humana e a aplicabilidade, neste contexto, da noção de igualdade. A autora, Cátia Faria, começa por considerar diferentes versões do especismo, enumerando razões para sua rejeição. Em seguida, avalia as consequências que uma consideração igualitária de interesses terá sobre a assunção de obrigações, negativas e positivas, para com os animais não humanos. Finalmente, a autora defende que, não existindo razões pertinentes para limitar a defesa da igualdade ao tratamento dos membros da espécie humana, tal deverá conduzir a uma rejeição de práticas que supõem dano para as outras espécies, mas também a uma abstenção face a acções militantes que promovam activamente os interesses dessas espécies.

“The public/private dichotomy: implications for women’s citizenship”, de Ana Isabel Dapena Siero, recorda que o feminismo é, na sua essência, uma crítica à separação política entre espaço público e privado. Esta dicotomia é vista como um factor opressivo, que torna invisível alguns dos problemas políticos que afectam as mulheres. Elemento essencial do liberalismo político, a ruptura promove a esfera pública a espaço de relevância política, por excelência, obscurecendo a vida doméstica e negando-lhe influência sobre a determinação da igualdade e liberdades cívicas.

No âmbito do painel *O uso das metáforas na pesquisa biomédica*, o texto de Bipin Indurkha, “Rationality and Reasoning with Metaphors”, faz uma súpula de investigações recentes que realçam a omnipresença da metáfora em diversas instâncias do pensamento criativo, designadamente ao nível da jurisprudência e da história da ciência, e defende que qualquer teoria da racionalidade deve reconhecer a ontologia da representação e incluir um mecanismo modificador de ontologias. Após esta introdução, o texto propõe uma perspectiva interacionista da cognição e da racionalidade. O autor defende que a racionalidade está intimamente ligada à atitude do sujeito perante a incoerência, ou seja, perante instâncias de incongruência operacional no mundo externo.

Em “O uso de Metáforas na Pesquisa Biomédica”, Vítor Moura, Mauro Maldonato, Ricardo Pietrobon e Paulo Monteiro fazem um balanço dos resultados obtidos na primeira fase de desenvolvimento do seu projecto de investigação. O projecto visa, fundamentalmente, uma maior compreensão do modo como as metáforas são usadas na investigação biomédica, como podem expandir os nossos horizontes ou limitar as nossas perspectivas, simplificar os nossos conceitos ou conduzir a erros conceptuais. Ao longo das últimas décadas, o papel das metáforas alterou-se substancialmente. De mera figura de estilo, a metáfora passou a ser considerada como um mecanismo cognitivo fundamental. A importância deste “novo” entendimento das metáforas tem muitas implicações em áreas que vão desde a educação das próximas gerações de cientistas até à optimização do modo como o conhecimento transmitido através da comunidade científica. Usando as matemáticas como exemplo, se os seres humanos traduzem conceitos matemáticos utilizando metáforas com representações corporais, então é provável que a educação dos futuros matemáticos profissionais devesse enfatizar mais o uso de metáforas que facilitem o entendimento de tais conceitos e que, no limite, facilitem a aprendizagem da matemática. Apesar de o papel das metáforas matemáticas ter vindo a ser estudado numa gama já extensa de literatura filosófica e científica, o tema tem sido muito pouco estudado ao nível da pesquisa biomédica. Esta discrepância é particularmente significativa se tivermos em conta os milhões de euros que a União Europeia desembolsa todos os anos em pesquisa biomédica, e que são destinados tanto à geração e comunicação de descobertas científicas como na formação da nova geração de investigadores.

No espaço do Colóquio dedicado à apresentação e discussão de Projectos no âmbito da Cultura no CEHUM, Joanne Paisana e Mário Matos apresentaram o projecto *Mobilidade e Memória Local: Representações Interculturais da Região Minho*, [MoMel], o qual congrega docentes e investigadores do ILCH e do CEHUM de diversas áreas culturais, nomeadamente dos estudos alemães, eslavos, espanhóis, franceses, ingleses e norte-americanos, portugueses e greco-latinos. Este projecto pretende cruzar duas áreas de estudo que, apesar dos notórios incrementos verificados durante as últimas décadas, têm vindo a ser desenvolvidas sem grandes confluências, a saber, os estudos sobre a mobilidade e mediação interculturais, por um lado, e, por outro, os estudos em torno da memória cultural, mormente na sua vertente local. Alicerçado numa matriz interdisciplinar, o projecto é dedicado ao estudo dos complexos processos da (re)construção de memórias culturais a dois níveis distintos mas

indissolúvelmente interligados: as memórias colectivas referentes às diversas culturas de origem dos viajantes-narradores e a memória local da região visitada e descrita. Para tal, serão exploradas múltiplas visões da região do Minho patentes em relatos, reportagens e guias de viagens produzidos por estrangeiros de nacionalidades, épocas e condições socioculturais muito diversas. Por sua vez, Manuel Gama, Sun Lam e Rui Silva apresentam em “O ‘ser português’ e o ‘outro’ – a China na Identidade Cultural de Portugal” as linhas gerais de um vasto projecto de investigação no domínio das relações interculturais, o qual compreenderá três fases. Em primeiro lugar, uma revisitação da história e cultura portuguesas no diálogo com a cultura e civilização chinesas, destacando o caso de Tomás Pereira (1645-1708); em segundo lugar, o estudo da introdução do chá em Portugal e a sua cultura nos Açores, através do ensino directo pelos chineses; finalmente, um estudo comparativo sobre as funções medicinais do chá, recolhendo dados a partir da sabedoria chinesa e da tradição portuguesa.

Em nome da Direcção do CEHUM queremos deixar aqui expresso o nosso profundo reconhecimento a todos quantos colaboraram eficazmente de modo a tornar este Colóquio tão diverso, possível, desde os nossos convidados oriundos de distintos países, assim como os investigadores nacionais, os organizadores dos distintos painéis temáticos, os bolseiros do CEHUM que tomaram a seu cargo a organização da exposição de *posters* de investigação decorrente no Centro, os funcionários do CEHUM, pelo seu profissionalismo e dedicação. O nosso reconhecimento também ao ILCH, por todo o apoio prestado. Por fim, importa salientar que devemos à *Fundação para a Ciência e a Tecnologia*, FCT, a viabilidade e apoio financeiro para a organização deste Colóquio internacional, bem assim como a publicação deste volume.

Braga, Julho 2013  
Ana Gabriela Macedo  
Carlos Mendes de Sousa  
Vítor Moura



## ET IN ARCADIA...? UNDERCURRENTS IN ACT ONE OF ASHTON'S SYLVIA

Frederico Lourenço

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Even *Sylvia*'s enthusiasts have hitherto sounded half-hearted. James Monahan's glowing opinion of Act One (quoted below) did not prevent him from the damning verdict that 'the beauty dwindles when Fonteyn is not Sylvia'<sup>[1]</sup> – a statement which in recent years the ballerinas Darcey Bussell, Zenaida Yanowsky and Marianela Nuñez have since proved to be unfounded. Twenty-five years after Ashton's death, one thing seems increasingly clear: as the gap in time widens between the original performances in the 1950s and today's performances with today's casts, it is *Ashton's choreography*, quite apart from its various interpretations, that has ultimately stood the test of time.

\*\*\*

*Sylvia* is the third in a remarkable series of ballets on Greek subjects created by the British choreographer Frederick Ashton (1904-1988) for the Sadler's Wells Ballet (as The Royal Ballet was called then) at Covent Garden between April 1951 and September 1952. The series began with *Daphnis and Chloe* (premiered on April 3, 1951), continued with the now lost *Tiresias* (July 9, 1951) and culminated with *Sylvia*, premiered on September 3, 1952. All three works were showcases for Margot Fonteyn and Michael Somes in the main roles, but

---

1 Quoted by Daneman (2004: 286).

that – and the Greek subject matter – is far from being the only link between them. In many ways, *Daphnis* and *Sylvia* seem to form a diptych, not only because both are variations on the same storyline (in both works the narrative is focused on an abducted heroine, restored to the hero by divine intervention and hence through no effort of his own – thus giving rise to the complaint that both Daphnis and Aminta are disappointingly passive characters), but equally because material from Longus' *Daphnis and Chloe* and from Ashton's initial ideas on *Daphnis* (not used, in the event, in the ballet of 1951) spilled over into *Sylvia*, linking the two ballets even more closely. Another obvious link between all three ballets is a very Hellenic emphasis on sex.

Similarities notwithstanding, we may at once point out one crucial difference: whereas *Daphnis* and *Tiresias* presented the audience with daring new concepts (concepts indeed so outrageous in the case of the sexually explicit *Tiresias* that they brought about the worst fiasco in Ashton's career and the ballet was never revived), *Sylvia* appeared to eschew controversy by existing in a sort of unashamedly dated, neo-classical time-warp; as if, after resolutely bringing ballet into the second half of the twentieth-century with dancers clad in modern dress and a ballerina simulating an orgasm in *Daphnis*, Ashton had preferred to take refuge in the soothing, un-shocking world of nineteenth-century ballet, serving up what has been described as a 'luscious pastiche'<sup>[2]</sup>.

However, despite its apparently uncomplicated surface, Ashton's *Sylvia* is actually one of the most aesthetically accomplished and rewarding of all his ballets. Act One, in particular, presents one of the great balletic sequences in the whole classical repertoire: a choreographic masterpiece, displaying Ashton at his most musically responsive as he brings out the essence of Delibes' score in dance after dance of effortless inventiveness. Moreover, despite its 'conventional' Arcadian story full of nymphs and other mythological beings, *Sylvia*'s first act is in reality a highly complex dance text which accrues additional meaning thanks to the storyline's uncanny way of evoking other texts, both literary and balletic. Indeed, as James Monahan is credited with having said, there is 'nothing in the nineteenth-century classics or in the Ashton-Fonteyn repertoire which excels the first act'<sup>[3]</sup>.

What, then, of Acts Two and Three? Admittedly, there is a problem with the three-act *Sylvia*: there is not really enough plot for Acts Two and Three.

---

2 Anderson (2006: 117).

3 Quoted by Daneman (2004: 286).



Most of the narrative content of the ballet is concentrated in Act One. Act Three is practically a plotless allegorical ballet, magnificent to look at but with hardly any action, its main function being to state explicitly, now that there is practically no story left to tell, what *Sylvia* had really been all along, namely an overt homage to Petipa's *The Sleeping Beauty* (even the much derided *pas de deux* for the duo of sacrificial goats in Act Three of *Sylvia* needs to be acknowledged for what it is: a tongue in cheek rewriting of Petipa's Puss-in-Boots *pas de deux* in Act Three of *The Sleeping Beauty*). Act Two, set in Orion's grotto, is a little more dramatic and the captive Sylvia clearly invites comparison with the captive Chloe, if only by contrast: the cool-headed collectedness with which Sylvia manages to keep a step ahead of her would-be rapist shows a very different kind of empowerment when compared with the captive Chloe's heart-rending dance with bound wrists in *Daphnis and Chloe*, a moment of supreme pathos. However, Act Two of *Sylvia* ekes out the same dramatic situation practically from start to finish, very differently from Act One, where change follows kaleidoscopically upon change.

In Ashton's defence, it must be said that the three-act structure derives from Delibes' musical score, which was composed and organised as a three-act ballet, with set numbers that Ashton elected to follow closely. The feeling, however, that something was amiss with Acts Two and Three was one which not even the choreographer himself could suppress. Accordingly, in 1967 Ashton tried to distil *Sylvia* 'into one act, eliminating not only the silly goats but also the sorcerer and several other highlights'<sup>[4]</sup>. But Act One in the three-act version was perfect as it was, needing neither to be curtailed nor to be extended. That the hapless sacrificial goats were sacrificed out of existence was one thing; dispensing with Eros' indispensable appearance as sorcerer in Act One was quite another. The compressed, one-act version was also impossibly exhausting to dance<sup>[5]</sup>. Not surprisingly, the experiment of the one-act *Sylvia* was deemed unsuccessful – so much so that it had the effect of making the ballet drop out of the repertoire. Towards the end of his life, Ashton again began to take interest in the possibility of reviving the three-act *Sylvia*, but he died before the project could reach fruition. Fortunately, Christopher Newton, who had danced in the original production and who revived the ballet in 2004 from memory and from a silent film of the original production, still had the

---

4 Kavanagh (1996: 404).

5 Cf. Jordan & Grau (1996: 165).

benefit of discussing the project with Ashton in the months before his demise. Newton's three-act revival of 2004 is the text to which I refer<sup>[6]</sup>.

As viewed in the theatre, *Sylvia* is an optical tour-de-force. The original designs by Robin and Christopher Ironside, 'Second Empire' Claude Lorrain with all the stops pulled out, are ideally geared both to Delibes' music and to Ashton's choreography, the end result being a vindication of the Oliver Messel aesthetic which was to have been applied to *Daphnis* before Ashton decided instead to opt for the more contemporary look provided by John Craxton. Living as he did on the Greek island of Poros, Craxton was able to endow *Daphnis* (set in Longus' text on the Aegean island of Lesbos) with the 'real' spirit of Greece. As Ashton's nephew Anthony Russell-Roberts has pointed out, 'Fred really did want it to have a genuinely Greek feeling'<sup>[7]</sup>. Interestingly, this hankering after an authentic Greek aesthetic in *Daphnis* had taken root in Ashton's mind before he had ever been to Greece. Luck so had it that, in the summer of 1951, Ashton and Margot Fonteyn actually did visit Greece and saw for themselves the Greek islands that Craxton had so enthused about.

But *Sylvia*, surprisingly, was left untouched by Ashton's experience of having been to Greece. For the summer of 1952 brought another 'classical' holiday in its wake, this time Italy and the magical Villa Cimbrone in Ravello. As Kavanagh (1996: 206) notes, 'with Ashton in mythopoeic frame of mind, contemplating *Sylvia*, his next ballet, Cimbrone's formal gardens and classical statuary provided an inspirational setting'. This may go some way to explaining why, when it came to staging *Sylvia*, Ashton should have opted for an 'Arcadian rococo' (Kavanagh) vision of classical antiquity – exactly what might have been expected from Oliver Messel, had he been called upon to design *Daphnis* as planned. In the end, the painterly perfection with which the Ironside brothers created their idealized Arcadia actually overtrumped Messel (if we take as paradigm Messel's original *Sleeping Beauty* of 1946, to which the Royal Ballet again reverted in 2006).

Nevertheless, opting for this kind of self-conscious, deliberately derivative aesthetic entailed risks, the most dangerous of which being the ease with which art of this kind lends itself to being misunderstood, written off

---

6 This production was recorded on DVD and is available in the Opus Arte series, with Darcey Bussell and Roberto Bolle in the roles of Sylvia and Aminta.

7 Cf. Jordan & Grau (1996: 164).

as 'frilly'<sup>[8]</sup> or just witheringly dismissed (by no less a personage than Hans Werner Henze, the composer who was later to provide the music for Ashton's *Ondine*) as 'rather sugary and camp'<sup>[9]</sup>. Whether 'sugary' and 'camp' are qualities to which everyone is bound to respond negatively is a question no one person can answer to everyone else's satisfaction. For my part, though, I will maintain that Ashton's ballet would not make such perfect sense without the Ironside designs: not only are they integral to the experience of seeing Ashton's *Sylvia*; they also contribute to the meaning of the ballet more actively than is the case with Craxton's designs for *Daphnis*, thanks to the interaction between painterly effect and significant detail in prop and costume<sup>[10]</sup>. *Sylvia* is really far less 'frilly' than it seems.

Similarly to Ashton's later *A Month in the County*, *Sylvia* is a ballet that purports to adapt a famous play: Torquato Tasso's *Aminta*, written in 1573. Differently from the Turgeniev adaptation, however, *Sylvia* aligns itself with Tasso's text in a cavalierly loose and vague manner. Indeed, the impression we receive from Ashton's storyline is that, rather like Virgil's *Arethusa*, it moves beneath Tasso's text in a effort to reach and mingle with other literary texts more relevant to its meaning than *Aminta*. Certainly, the characters of *Sylvia* and *Aminta* are taken from Tasso's play; otherwise, it has to be admitted, remarkably little else.

In Tasso's play, *Sylvia* is a huntress, dedicated to the goddess *Diana*, determined to renounce love and remain a virgin. The shepherd *Aminta* is in love with *Sylvia* and suffers the conventional pangs of unrequited love. In the play, a sexually incontinent Satyr tries to rape *Diana*'s huntress, but the attempt is foiled and, after both *Sylvia* and *Aminta* have presumed each other dead, they are reunited at the end, with *Sylvia* now converted to love. In Ashton's ballet, the story – though keeping the same sequence of unrequited love, abduction and requited love – is in fact quite different.

As the curtain rises on Act One, the Ironside designs depict a misty woodland glade in the moonlight. The predominant colours are blue and grey. The colour blue is significant, because it is also the colour of the costumes of the characters in Act One who might be regarded as legitimately inhabiting this

8 As Zoe Anderson called it in her review of a performance of *Sylvia* in *The Independent* (30 January 2008).

9 Henze (1996: 177)

10 The Ironside designs, updated by Peter Farmer, were maintained by Christopher Newton in his 2004 revival of *Sylvia* for the Royal Ballet.

woodland space – sylvans with faun-like horns, dryads and Sylvia's huntresses (Sylvia herself being dressed in lunar white) – whereas the two male intruders and, later, the group of peasants will stand out from their surroundings by virtue of not being colour-coordinated with the landscape. In the midst of this eerily blue vegetation, three features of the scenery stand out: a shrine to the god Eros, with the god's alleged statue in a grisaille niche over a fountain (the statue is in fact an immobile dancer dressed in a body suit imitating marble); a suspended bridge; and a shrub covered with white flowers. These visual props will play an important part in the development of the plot.

This moonlit glade is where, in Act One, all three main characters will converge. Aminta is the first to make his entrance, after the opening dance for sylvans and dryads, which is far from the conventional piece of padding presented to the audience as a ploy to delay the entrances of premier danseur and prima ballerina. Apart from the ever miraculous appositeness of Delibes' music – to which Ashton responds in infinitesimal detail with his characteristically unerring touch – the opening number functions as a summary of the issues dealt with in Act One: the woes of sexual attraction generally and the mischievous ways of Eros (the statue of Eros dominating the scene throughout, up to and beyond the startling moment when it suddenly springs to life); and the vulnerability to desecration to which Eros' woodland sanctuary is fatally prone. In the opening dance, the male sylvans' same-sex cavortings are clearly not sufficiently absorbing to the participants themselves to divert their attention from the menace of approaching intruders. Tension is relaxed, however, after they pair themselves off with the female dryads (whose initial fluttering hand movements directly quote Petipa's Fairy of the Song Bird from the prologue of *The Sleeping Beauty*). Six flirtatious couples then play the varying games of love (males and females alternately dominating and yielding), the garlands with which the sylvans catch and restrain the dryads being an ominous sign that, in this blue-tinted Arcadia, females are quarry to be stalked and caught: the fate which awaits Sylvia herself.

Aminta's approach revives the woodland creatures' fear of intrusion, forcing them to leave (just as Sylvia's approach will precipitate Aminta into hiding). The lovelorn shepherd pays homage to the god Eros and performs a solo full of the slow, sustained movements that typically suggest male melancholy in classical ballet (Prince Florimund's solo, set in a misty forest in Act 2 of *The Sleeping Beauty*, is surely the model Ashton had in mind). Then Sylvia comes bursting in with her group of huntresses, her body itself a weapon with its high

kicks and missile-like *grand jetés*. Finally the character derived from Tasso's Satyr appears on the bridge to spy voyeuristically on Sylvia.

In the ballet, Sylvia's sinister stalker is a hunter called Orion, who might be said to epitomise, in visual terms, the classical dichotomy between Greek and 'barbarian'. In Ashton's ballet he is given Eastern dress and is made to look like a cross between Attila and Genghis Khan. Indeed, the synopsis which David Vaughan provides in his book on Ashton's ballets colourfully refers to Orion as 'the robber Khan, whose depredations are the scourge of a terrorized peasantry' (Vaughan 1999: 441). But Orion is, of course, a well-known figure from classical mythology, who in one version of the myth (famously alluded to by Horace) forces his attentions upon the unwilling Diana and is killed by a shot from her arrow<sup>[11]</sup>. In the ballet, he abducts and nearly rapes Diana's huntress Sylvia; in the last act, he so incenses the goddess that she takes an arrow from her quiver and shoots him dead. Plainly, despite his unexpected Eastern garb, this balletic Orion is the mythological Orion, the giant hunter and serial rapist known from Hesiod onwards<sup>[12]</sup>.

Greek mythology, as is well known, is a repository of famous stories about stalkers, rapists and peeping toms who meet tragic ends. Mythology is also known for its stories about characters who, by prizing their virginity above everything else in life, end up depriving themselves not only of sex, but of life itself. From the first category, the most emblematic character is surely Actaeon, the young hunter with a prurient interest in watching women undress without stopping first to ask permission for the privilege. In Ovid's gory account in Book 3 of the *Metamorphoses*, he spies one day on Diana bathing in a forest spring and is turned by the angry goddess into a stag; he is then set upon and torn apart by his own pack of hounds<sup>[13]</sup>. From the second category, the most representative character is Hippolytus, again a hunter and a devoted follower of Artemis (the Greek Diana). In the first scene of Euripides' tragedy *Hip-*

11 Hor. *Odes* 3.4. 70-2 '... *notus et integrae / temptator Orion Dianae, / virginea domitus sagitta*'. Before Horace, Hellenistic poets had also referred to Orion's sexual assault on Artemis: cf. Aratus, *Phaenomena* 637-44, Callimachus fr. 570. See Griffiths (1986: 66-70).

12 Although Orion is mentioned by Homer – *Od.* 5. 121-4 (where the issue is not rape, but Artemis' killing of him) and *Od.* 9. 572-4 (where he is, perhaps significantly, mentioned along with the rapist Ixion) – his career as stalker and rapist found its first chronicler in Hesiod (*Works and Days* 619-21). There are many twists and turns to the Orion myth, but as Griffiths (1986: 66) remarks, 'one general characteristic of the mighty hunter is clear beyond doubt: his irrepressible randiness'. According to Corinna (fr. 655 Page), Orion fathered fifty sons on as many nymphs.

13 Cf. Ov. *Met.* 3, 155 ff.

*polytus*, the young hunter returns triumphant from his venatory pursuits and shows his contempt for Aphrodite, goddess of love, by insulting her statue.

To the viewer sitting in the theatre during the first act of *Sylvia*, the stories of Actaeon and Hippolytus suggest themselves as ominous undercurrents to the scenes that Ashton created. Sylvia herself clearly re-enacts the beginning of Euripides' *Hippolytus*. As in the Greek play, she returns Hippolytus-like with her companions from a victorious hunt and insults the statue of Eros, god of love<sup>[14]</sup>. As for Ovid's voyeur Actaeon, he is doubly present in the characters of Aminta and Orion. Both spy on Sylvia and her companions, but only Aminta (the more harmless of the two) is confronted and ultimately killed, whereas the far more dangerous Orion can do his spying unobserved, bidding his time until the opportune moment to attack and abduct Sylvia.

Now in the Greek myth, Actaeon spies on Diana and her companions bathing. Since it is a ballet we are dealing with here, it will come as no surprise that Sylvia and her huntresses are being spied upon not as they bathe, but as they dance. As the scene develops, Sylvia adopts increasingly the stance of the irate Diana and kills Aminta with a clean shot from her bow. Ashton spares us, then, the gruesome imagery of Actaeon torn apart by his own dogs, not least because Aminta's body needs to be kept whole, as it is soon to be reanimated by the god who starts going about resurrecting things in this ballet by making his own statue spring to life.

Later on in Act One, the doings of Ashton's Eros evoke another famous text when, in the ballet's most brilliantly tragi-comic moment, the god resuscitates Aminta. The statue has broken loose from its pedestal and is now very much alive (despite its marmoreal pallor); suddenly, in the midst of the group of distraught peasants mourning Aminta's corpse, Eros appears out of nowhere disguised in a cloak and broad hat (oddly reminiscent of Wotan's Wanderer hat in Wagner's *Siegfried*; Kavanagh prefers to liken him to an 'impish sorcerer'<sup>[15]</sup>). It must be said in passing that the statue is in itself an unusual take on the Greek Eros, in that the god is not presented as a child (like the Roman Cupid), but as a lithe and athletic looking grown-up man ('ripped and buff', in Luke Jennings's phrase<sup>[16]</sup>). But Eros disguised in his cloak and hat reminds us of another Eros: the one described in Plato's *Symposium*, 'condemned to

14 Compare the mime sequence after 'Les Chasseresses' in *Sylvia* (in which Sylvia and her companions deride the statue of Eros) with Eur. *Hipp.* 88 ff.

15 Kavanagh (1996: 404).

16 Review of a performance of *Sylvia* in *The Observer* (27 January 2008).

perpetual indigence, miserable, barefoot and with nowhere to live, sleeping rough on doorways and on the street' (*Symposium* 203 c-d). The bare feet are in themselves an interesting detail, given how averse Ashton was to having his dancers shod in anything other than proper ballet shoes<sup>17</sup>.

How improbable is this proposed link between Ashton's barefoot Eros and Plato's? Perhaps not as improbable as it might appear. Kavanagh's biography of Ashton informs us that he knew (of) Plato's *Symposium* and once gave a copy to a friend<sup>18</sup>. Nevertheless, the main point, I think, is not so much that the Platonic text was deliberately evoked by the choreographer, but the fact that *Sylvia* has, of its own accord, the power to evoke that text. This brings us back to what I have already suggested: that *Sylvia* is less 'frilly' – and a lot more complex – than it seems.

## References

- ANDERSON, Zoe (2006), *The Royal Ballet: 75 Years*, London: Faber & Faber.
- CRAINE, Debra & Mackrell, Judith (2010), *The Oxford Dictionary of Dance*, Oxford University Press.
- DANEMAN, Meredith (2004): *Margot Fonteyn: A Life*, London, Penguin Books.
- FRANCHI, Cristina (2004), *Frederick Ashton: Founder Choreographer of the Royal Ballet*, London.
- GRIFFITHS, Alan (1986), 'What leaf-fringed legend...? A Cup by the Sotades Painter in London', *Journal of Hellenic Studies* 106 (1986), pp. 58-70.
- HENZE, Hans Werner (1996), *Reiseliieder mit böhmischen Quinten: Autobiographische Mitteilungen 1926-1995*, Frankfurt am Main.
- JORDAN, Stephanie & Grau, Andrée (1996), *Following Sir Fred's Steps: Ashton's Legacy*, London.
- KAVANAGH, Julie (1996), *Secret Muses: the Life of Frederick Ashton*, London.
- KERSLEY, Leo & Sinclair, Janet (1977), *A Dictionary of Ballet Terms*, London.
- MORRIS, Geraldine (2012), *Frederick Ashton's Ballets: Style, Performance, Choreography*, London.
- VAUGHAN, David (1999), *Frederick Ashton and his Ballets*, London.

17 It may of course be objected that Ashton's Eros is not really barefoot, since what appears to us as bare feet is in reality a pair of feet clad in the statue's marmoreal body suit.

18 Cf. Kavanagh (1996: 332).





# THE PROMISE OF COSMOPOLITANISM: ART, ETHICS AND IMAGINATION IN A GLOBAL WORLD A POSITIONAL PARLAY<sup>[1]</sup>

Marsha Meskimmon  
LOUGHBOROUGH UNIVERSITY, UK

## 1. Exposition

Ideas are a matter of position and in advancing an idea, we take up positions and stage encounters. We advance, formulate preliminary thoughts, advance again and begin to accumulate the weight of an argument. We parlay.<sup>[2]</sup>

This paper acts as a positional advance, rather than a conventional position statement, suggesting some of the wider issues that emerge when contemporary art is explored in relation to the promises of cosmopolitanism.

## 2. Proposition: cosmopolitan promise

The promises of cosmopolitanism are as many and varied as are its interlocutors. Cosmopolitanism is speculative, potentially precarious and always, already poised on the brink of co-option yet, I would argue, its promises in our global world are too great simply to ignore.

- 
- 1 This paper was first presented at the conference *New Asian Imaginations* at Nanyang Academy of Fine Arts, Singapore and a longer version was published in the accompanying volume.
  - 2 I am indebted to Phil Sawdon for the precise use of 'parlay' here, as accumulation through aleatory speculation: cf Sawdon, Phil. 'A Drawing Parlay'. *Soanyway*. Created 2011. <<http://www.soanyway.org.uk/philsawdondrawingparlay.htm>>.

Critics of cosmopolitanism level charges which could be applied as easily to contemporary art, namely, that it is a world-view held principally by a wealthy, well-educated elite, whose privileged position is enhanced by iniquitous political and economic situations engendered by globalisation, and whose consumption of 'exotic' products from around the world masks their neo-liberal 'tourism' as enlightened political humanism. But while the critical association of cosmopolitanism and indeed, contemporary art, with the exclusive economic and political interests of a wealthy metropolitan elite is a powerful paradigm, it is also limited in its historical and theoretical propositions.

Conventional, neo-liberal, cosmopolitanism is focused upon the transcendent, self-contained subject,<sup>[3]</sup> keen to experience the frisson of 'the other' through a veil of pleasurable, commodified distance. Cosmopolitanism is thus read as the inverse of identity politics, but also as an apolitical abstraction, able to be appropriated by a capitalist elite eager to cover their interests in a cloud of fallacious universalising claims. Simply, this model of cosmopolitanism colludes with the most destructive features of globalisation by occluding the specificity of nation, history and location in an attempt to transcend, rather than negotiate, difference.

However, as many scholars have demonstrated in recent years, there are viable contemporary configurations of cosmopolitanism that move beyond the limits of privileged bourgeois consumption, not least in the construction of the notion of the 'individual' citizen or subject, assuming a position in the world. Take, for example, Rob Wilson's argument from his work on the 'new cosmopolitanism' that:

... at best, globalisation is generating new forms of reflexivity, altered terms of citizenship, amplified melanges and ties to transnational culture, and thus provoking an aesthetic of openness toward otherness that is not just the chance for commodification, spectatorship, and colonisation.

Wilson<sup>[4]</sup>, 1998: 355

---

3 Pollock, S., Bhabha, Homi K., Breckenridge, Carol A., Chakrabarty, D., eds. 'Cosmopolitanisms'. *Cosmopolitanism*. Durham, NC and London: Duke University Press, 2002. 1, 5, 11.

4 Wilson, Rob (1988) 'A New Cosmopolitanism is in the Air' in *Cosmopolitics: Thinking and Feeling Beyond the Nation*, Cheah, Pheng and Robbins, Bruce (eds.) Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 355.

This “aesthetic of openness toward otherness” begins the work of thinking the subject through difference and generosity, rather than “commodification ... and colonization”. This cosmopolitan subject is embodied, dynamic and interpellated through cross-cultural and intersubjective encounters in the world. These insights make a vital connection between a reconceived, fully-social and fully-sensory, cosmopolitan subject and a cosmopolitan imagination, marked by an aesthetic(s) of openness. More strongly, it is my contention that the aesthetic dimension of a cosmopolitan imagination is crucial to engendering a global sense of ethical and political responsibility at the level of the subject.

As I am using it here, cosmopolitanism is grounded, materially specific and relational; it is a committed address to cultural diversity and movement beyond fixed geopolitical borders. Moreover, it is aesthetic in the strongest possible sense; as a politics that locates and affects us, it transforms our relationship with/in the world and, potentially, makes art one of its most significant forms of enunciation. Cosmopolitanism’s promise emerges through this compelling interplay between imagination, art and affect in the development of a cosmopolitan ethical subject and a ‘cosmopolitical’ commitment to difference and intercultural dialogue.

In *Visceral Cosmopolitanism: Gender, Culture and the Normalisation of Difference*, Mica Nava further affirmed the significance of the affective underpinning of contemporary cosmopolitanism, arguing that:

Domestic, local and political practices..., boosted by the emotional and libidinal economies of identification and desire, are, I would argue, the foundational elements of twenty-first-century urban cosmopolitan imaginaries and more inclusive experiences of belonging.

Nava<sup>[5]</sup>, 2007: 14

And, if we are to take the logic of a visceral cosmopolitanism seriously, then the embodied, empathic visuality capable of producing subjects with/in their domestic, local encounters with others in the world has significant ramifications:

---

5 Nava, Mica (2007), *Visceral Cosmopolitanism: Gender, Culture and the Normalisation of Difference*, Oxford, New York: Berg, p. 14.

... this domestic, visceral cosmopolitanism may offer ... a new image of the world, a new way of being modern, a supranational national identity, a means by which to counter ... old and new imperial projects.

Nava<sup>[6]</sup>, 2007: 15

Interrogating the specific potential of contemporary art to engender a critical, yet effective, cosmopolitan imagination, an aesthetic of openness that acknowledges its place within the world and is responsible for it, does not efface the local, the domestic, the affective or the aesthetic dimensions that constitute the imminent, embodied subject's experiences of belonging. Rather, the composition of the cosmopolitan imagination enables us to locate ourselves, make ourselves 'at home' in the world, without denying the global extensivity of that world or the multiple positions of others who, likewise, seek to belong and make their homes in it.

### 3. Composition: cosmopolitan imagination

As the term 'cosmopolitan imagination' is developed here, it is critically informed by positioning, by the significance of taking up positions in relation to others, and of bridging disparate entities through composition, an act of 'positioning with'. The imagination itself can be described as a composite, an admixture of varied constituent parts, including images, ideas, affects and percepts. Arguably, whilst the activities and force of the imagination can be experienced individually, it is not a solely private or personal composition. That is, what might be understood as the 'cultural imagination' is engaged in every act of 'personal' imagining and is likewise composite, but here the residues, traces and sediments of generations of intersubjective interaction is constitutive of its mutable *mélange*.

Composition is being used here strategically, as both a noun and a verb; the cosmopolitan imagination operates similarly, as both a hybrid constellation of a complex and changing set of figurations that adhere (however tenuously) in their co-positioning, and as an activity that composes images, ideas, figures and forces that interpellate the embodied, enworlded cosmopolitan subject. As I suggested above, the compositional power of the cosmopolitan imagination resides in its ability to make us belong, or be 'at home', in the world, a

---

<sup>6</sup> *Ibid.* 15.

world marked by the simultaneity of its local and global formations, a world constituted, as Doreen Massey has argued so compellingly, through an ‘extroverted’ sense of place.<sup>[7]</sup>

Extroverted places are not simply fixed composites, but are engendered through continual acts of composition, of negotiation, of practising. As an arena where negotiations are forced upon us, globalisation makes the practising of place an imperative and, I would argue, the crucible in which a cosmopolitan imagination, an extensive, extroverted sense of belonging in a global world that fosters collectivity and connectivity in and through differences, can be forged.

The strong sense of ‘imagination’ that I am mobilising here is indebted to the work of a range of scholars who have not been content to leave the concept of imagination beyond the bounds of critical interrogation in relation to its social, political and ethical impact.<sup>[8]</sup> In line with these scholars, I would argue that cosmopolitan imagination is a form of ‘constitutive imagining’ and thus would acknowledge the power of social fictions to have ‘real’, material, consequences for our sense of identity or understanding of our place in the world.<sup>[9]</sup>

Without overstating the power of imagination to change the world, I find the insights of the Antillean theorist Edouard Glissant, on the critical role of imagination and aesthetics in ethico-political transformation, convincing:

---

7 Massey, Doreen, ‘A Global Sense of Place’ in *Marxism Today*, June 1991: 28.

8 I am particularly indebted to the thinking of Edouard Glissant, Edward Casey, Moira Gatens and Genevieve Lloyd: cf. Casey, Edward (2000) *Imagining: A Phenomenological Study*. 2nd ed. Bloomington: Indiana University Press; Glissant, Edouard (1997) *Poetics of Relation*, Wing, Betsy (trans.) Ann Arbor: University of Michigan Press; Gatens, Moira and Lloyd, Genevieve (1999) *Collective Imaginings: Spinoza Past and Present*, London and NY: Routledge. In addition, I would note: Kearney, Richard (1996), (ed.), *Paul Ricoeur: the Hermeneutics of Action*. London: Sage; Pippin, Robert, Feenberg, Andrew and Webel, Charles P. (1988), *Marcuse: Critical Theory and the Promise of Utopia*, Basingstoke: Macmillan.

9 I am using the term ‘constitutive’ here as Gatens and Lloyd have, and I am aware that a notion of ‘constitutive imagination’ was formulated in: Veyne, Paul (1988) *Did the Greeks Believe in their Myths: An Essay on the Constitutive Imagination*, Wissing, Paula (trans.) Chicago: University of Chicago Press. This sense is not unlike my use, but is not as connected to a notion of subjectivity. Finally, I am also aware of that body of political theory, drawn from anarchism, that falls under the auspices of ‘constituent imagination’ cf. Stephen, Shukaitis, David, Graeber, and Biddle, Erika (2007), (eds.) *Constituent Imagination: Militant Investigations/Collective Theorization*, Edinburgh, Oakland and West Virginia: AK Press. This work frequently places a key emphasis upon concrete aesthetic and poetic acts as political, and in that, is akin to my thinking, but the term ‘constituent’ is not used in the same sense as ‘constitutive’ here.

No imagination helps avert destitution in reality, none can oppose oppressions or sustain those who ‘withstand’ in body or spirit. But imagination changes mentalities, however slowly it may go about this. ...[And], if the imaginary carries us from thinking about this world to thinking about the universe, we can conceive that aesthetics, by means of which we make our imaginary concrete, with the opposite intention, always brings us back from the infinities of the universe to the definable poetics of our world.

Glissant, *Poetics of Relation*, 1997: 183 and 203

Glissant’s insights enable us to expand upon the moral and political implications of the development of a cosmopolitan imagination that is articulated in and through aesthetics. By connecting the infinitely-varied and extensive ‘universe’ with the ‘concrete’ actuality of the here and now, using imagination as a socially-transformative force, art-making becomes a primary site for the materialisation of a cosmopolitan ethics in a global world.

Ethics and imagination are further connected by their relationship to future change and the possibilities of the new. The ethical subject is responsible for the past but not hidebound by it. It is just as critical to the development of an ethical relationship with others to be able to envisage the pure potential of the future and not simply replicate the errors of the past. Casey’s work on the phenomenology of imagining, positions art as ‘an experiential domain’ centred upon just this sort of imaginative agency:

The possibilising activity of imagination in art opens up an experiential domain that would not otherwise have been available either to the artist or the spectator. This domain is one in which *everything appears as purely possible*.

Casey, <sup>[10]</sup> 2000: 206

Significantly, however, Casey’s understanding of the experience of imagining is neither disembodied, nor transcendent. Imagination embodies and emplaces us, or as Casey put it: “... we imagine with our bodies and in place, never without the ingreience and cooperation of both”.<sup>[11]</sup> This is an affective understanding of the power of imagination to entwine us with others and constitute us through our intersubjective engagement in the world.

At this point, the insights of Gatens and Lloyd on ethics, imagination and the constitution of the responsible subject, comes into its own:

<sup>10</sup> Casey. *Op.cit*, 2000: 206, italics in original.

<sup>11</sup> *Ibid.* xi.

Sociability is inherently affective... Our identities are constituted through sympathetic and imaginative forming of wider wholes with others rather than through a merely cognitive grasp of pre-existing relations... Imaginative constructions of who and what we are, are 'materialised' through the forms of embodiment to which those constructions give rise. The imagination may create fables, fictions or collective 'illusions', which have 'real' effects, that is, which serve to structure forms of identity, social meaning and value...

Gatens and Lloyd, 1999: 123

Identities based on hard and fast boundaries are inherently limited;<sup>[12]</sup> they have no potential to open themselves to the future as it unfolds, but must hold fast to the past. Gatens and Lloyd stress the interrelationship between the affective and cognitive dimensions of subjectivity in and through sociality as a future-oriented agency. In their work, imagination plays a key role in enabling us to connect with others, and to make ethical and political moves toward difference.

Intersubjectivity premised upon what I have called elsewhere a "reciprocal affective permeability"<sup>[13]</sup> has the potential to connect the individual circumstance of a subject 'imagining that' (a condition could pertain), with the cultural imaginary, the weight of collective 'fictions' that make sociality (and social change) possible. In so doing, it plays an important part in the composition of a cosmopolitan imagination that can link the affective dimensions of art with the imperative to position ourselves as global ethical subjects.

#### **4. Transposition: nomadic ethics and affective economies**

In her tellingly titled book, *Transpositions: On Nomadic Ethics*, Rosi Braidotti argued that "[f]aith in the creative powers of the imagination is an integral part of feminists' appraisal of embodiment and the bodily roots of subjectivity".<sup>[14]</sup> Braidotti's work is significant to the question of the development of a cosmopolitan imagination as she consistently links embodiment with a mobile, nomadic ethics of difference and a practical insistence on the potential of

12 Brennan, Teresa (2004), *The Transmission of Affect*, Ithaca and London: Cornell University Press, p. 11.

13 Meskimmon, Marsha (2010), *Contemporary Art and the Cosmopolitan Imagination*, London and New York: Routledge, p. 87.

14 Braidotti, Rosi (2006), *Transpositions: On Nomadic Ethics*, Cambridge: Polity Press, p. 273.

aesthetics to engender new political figurations. In her account, the ethical practice of the nomad articulates an aesthetic and spatial dialogue with/in difference, open to others and the possibility of change.

The ethical agency of the nomad and the aesthetic agency of art are both compositional and transpositional. Their activity co-positions the subject with other subjects in the world and moves, continually, between and across a range of images, objects, meanings and ideas. In this respect, they share their transitivity; characterised by transition, they establish relations between objects and processes, but do not resolve these in simple equivalence. They promote a logic of connectivity without assimilating difference or merely establishing an “economy of the same”.

Braidotti’s nomadic ethics are the product of what she called a “rhizomatic mode in feminism” where, again, transposition, the crossing between and across disciplinary boundaries, meets composition, the creation of multiple connections. As she argued:

I think that the term ‘transdisciplinary’ is a rather adequate one in describing the new rhizomatic mode in feminism. It means going in between different discursive fields, passing through diverse spheres of intellectual discourse. The feminist theoretician today can only be ‘in transit’, moving on, passing through, creating connections where things were previously disconnected or seemed unrelated, where there seemed to be ‘nothing to see’.<sup>[15]</sup>

Braidotti, 1994: 177

These ideas have important resonances with the imaginative agency of art as it moves across varied terrain, creating connections where there appeared to be ‘nothing to see’. If imagination can be described as ‘possibilising’, or bringing forth new and emergent ideas, then its material manifestation in works of art will by necessity create just such transpositional compositions.

Art’s agency – be that political, ethical or otherwise – resides in articulation, rather than representation,<sup>[16]</sup> in its production of affective connections between and across multiple modes and meanings. That is, art does more than

---

15 Braidotti, Rosi (1994), ‘Toward a New Nomadism: Feminist Deleuzian Tracks; or, Metaphysics and Metabolism’ in *Gilles Deleuze and the Theater of Philosophy*, Boundas, C. V. and Olkowski, D. (eds.) New York and London: Routledge, p. 177.

16 I have discussed this shift in other work, cf. Meskimmon, Marsha (2003) *Women Making Art: History, Subjectivity, Aesthetics*, London and NY: Routledge, (especially the Introduction).



reflect the world – it produces it. Arguably, it is art’s positional parlay, its ability to accumulate meaning through circulation and the multiple engagement(s) of participant-spectators, that gives it such power within the constitution of the cultural imagination, whilst leaving it open to change. That is, meanings conveyed through art can have profound imaginative and affective impact and yet, at the same time, be ambiguous, unfixd and mutable. This is not a hallmark of contradiction, but of the significance of affective economies to the emergence of meaning-in-process in art.

In her careful delineation of the notion of an affective economy, Sara Ahmed argued that:

Affect does not reside in an object or sign, but is an effect of the circulation between objects and signs (= the accumulation of affective value). Signs increase in affective value as an effect of the movement between signs: the more signs circulate, the more affective they become...<sup>[17]</sup>

Ahmed, 2004: 45-46

In an affective economy, artworks gain affective power from the process of circulation and the process gains agency from the material and social exchange of the economy. Art’s power increases when it is in circulation, being traded, collected, re-traded and ‘re-collected’ repeatedly. The languages of art-making – material, visual, spatial, visceral – precede their ‘individual’ articulation in works of art; the ‘individual/subject’ is always, already social and agency is generated by intersubjective acts (engagements between people) rather than by sole authorship or singular intention (the expression of a ‘self’).

As I have argued elsewhere:

... affective economies have material ramifications, even as they negotiate ‘psychic’ or ‘imaginary’ territories. ... I am asking precisely how we might account for the affective power of art in terms of its ability to generate knowledge, compel critical thought and motivate social change. ...We act when we are moved to do so and, while art cannot determine action, it can compel it in the most extraordinary ways.<sup>[18]</sup>

Meskimmon, Marsha 2010: 68

---

17 Ahmed, Sara (2004), *The Cultural Politics of Emotion*, Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 45-46.

18 Meskimmon, *Contemporary Art and the Cosmopolitan Imagination*, London and New York, Routledge: 2010: 68.

How art compels action is through imagination and affective influence, not through legislative force or representation. Importantly, however, imagination and affect, as developed here through notions of co- and trans-positioning, are not purely ‘personal’, psychological/physiological states, but intersubjective, open-ended modes of engagement within the world.<sup>[19]</sup> It is imperative in the production of a cosmopolitan imagination that the connections made between and across the circulating signs of an affective economy accumulate to produce a cultural imagination that is capable of drawing together many, different, participant-spectators, who need not be positioned as unified or homogeneous, to be engaged by arresting images. In this way, the power of the cosmopolitan imagination resides in the way that it composes a differentiated yet connective space, open to collective encounters with others in the world.

## 5. Reposition: economy to ecology

The previous section of this brief parlay was focused upon the notion of an affective economy as this relates to the operation of meaning-production in contemporary art. Clearly, however, contemporary art functions within multiple economies, not least the global marketplace. This fact is not unrelated to the question of art’s potential to engender ethical agency, nor should it be overlooked in discussions of a cosmopolitan imagination. It is my contention that contemporary art simultaneously signifies productively within, and sometimes as a counter to, the global market. That contention acknowledges that art is thoroughly embedded within global markets as a high-level commodity, circulating along transnational trade routes between key metropolitan centres.

It is important to remember that the effects of globalisation are neither homogeneous nor static; similarly, the art practices that have emerged in this climate demonstrate complex negotiations between places, subjects and power. I would argue that it is precisely the embeddedness of contemporary art within the global marketplace, the fact of its negotiation with globalisation, that lends it the potential to engage with the pressing questions we face today. Engaging productively with what it means to inhabit a globalised world,

---

19 In this, I am thinking through affect in parallel with scholars such as Sara Ahmed, Jill Bennett and Teresa Brennan, who have likewise stressed affect’s intrinsic sociality to argue that it is the very ground of political agency. See Ahmed, *Op.cit.*; Bennett, Jill (2005), *Empathic Vision: Affect, Trauma and Contemporary Art*, Palo Alto, CA: Stanford University Press; Brennan. *Op.cit.*

contemporary art participates in a critical dialogue between cosmopolitan imagination, ethical responsibility and locational identity.

The cosmopolitan promise of art does not negate its embeddedness within a number of compromised and coercive economies; rather, it argues that its transformative potential operates through these intertwined economies. The notion of multiple economies is important here. The term 'economy' (*oikes*) developed from its earliest usage as a term for 'home management' to include bodily organisation – the operations of the body as economies – and, ultimately, to encompass the now more common descriptions of the organisation of financial exchanges and trade at the level of the nation-state, or the transnational. Economies, then, are systems of bodily, home, national and supra-national management of circulation and exchange.

Whilst they might be framed as isolated systems in order to focus attention on specific attributes within each, they are clearly interconnected – especially in relation to the cross-cultural exchanges between subjects that take place as art moves globally. Moreover, if these multiple economies are understood as intrinsically interconnected, they underpin the development of an ethical, cosmopolitan subject as well, a subject interpellated through embodied exchanges with (different) others at the nexus of home and world.

Inhabiting a global world, making ourselves at home within an 'extroverted' sense of place, has been argued to be a critical feature of contemporary cosmopolitanism beyond the limits of neo-liberal universalism. Finding a way to materialise the crucial links between these multiple economies gives art, and the circulation of affect through which it engenders meaning, a central role to play in the development of a cosmopolitan imagination and the ethical subjects who participate in its constitution.

Generating these links through the compositional force of imagination is akin to creating networks, or webs of connections, between bodies and spaces. In this sense, it has everything to do with the notion of ethics as a matter of position, of ethics as dwelling – place and practice. The work of Rosalyn Diprose on this point is exemplary:

[Ethics] is about being positioned by, and taking a position in relation to, others. It should not be surprising then that 'ethics' is derived from the Greek word *ethos*, meaning character and dwelling, or habitat. Dwelling is both a noun (the place to which one returns) and a verb (the practice of dwelling); my dwelling is both my habitat and my habitual way of life. ... From this understanding of *ethos*, *ethics can be defined as the study and practice*

*of that which constitutes one's habitat, or as the problematic of the constitution of one's embodied place in the world.*

Diprose,<sup>[20]</sup> 1994: 18-19

Our habitual ways of living are not just given in isolation to us as individuals, but constituted in intersubjective encounters between subjects and places. These habitual encounters are repetitive and bodily; they constitute us in our corporeal and fully-sensory subjectivity and they suggest that our ethical orientation within the world is place-making, where places and subjects must negotiate their mutual positions. Again, positioning emerges as a key theme as we work through the relationship between cosmopolitan imagination and the embodied, ethical subject who dwells in a global home.

As ethics is a matter of position, it is hardly surprising to be reminded that our 'dispositions' describe our habitual modes of engagement with our surroundings, our 'propositions' are statements of our orientation toward the world, 'compositions' explore our abilities to imaginatively constitute ourselves in relation to others, and 'transpositions' suggest the multiple movements we make between and across the territories in which we locate ourselves, in the widest sense of the word. To 'reposition', then, is to radically rethink ourselves in the world, intellectually, creatively and bodily.

The reposition that I would like to suggest as a fitting end to my positional parlay is a critical relocation from the notion of economies of exchange to ecologies of meaning.<sup>[21]</sup> In thinking through the ethical agency of contemporary art in the global arena, the economies we have been exploring have suggested multiple levels of connection, webs of interaction, in and through complex cross-cultural conversations. There has been no singular line of transit and these interweaving lines leave traces, residues, that have material effects. They create ecologies – multi-layered relationships between subjects and their environments.

Global ethics, intersubjective responsibility, the critical relationship between affect and geopolitics, critically connect economies with ecologies. The promises of cosmopolitanism that can be engendered through forms of contemporary art and the questions of imagination and its relationship to the constitution of ethical subjects belong in the realm of the creation of new

20 Diprose, Rosalyn (1994) *The Bodies of Women: Ethics, Embodiment and Sexual Difference*. London: Routledge, pp. 18-19.

21 I am grateful to the work of Martin L. Davies for this use of 'ecology'.

ecologies of agency, meaning and materiality. To generate the future, both differently and through difference, is to be able to transform spaces and subjects without negating the material legacy of the past in their very constitution. It is, as Gatens said, to create “a tremor in the web”:

It's not as if one says 'here is the future, a blueprint', but rather by questioning past practices and by revaluing present practices, one causes a shift or a tremor in the web.<sup>[22]</sup>  
Gatens, 1995: 65

The promises of cosmopolitanism are like these tentative tremors – affective, imaginative shifts at the level of the subject that go toward a new aesthetics of openness, a new ecology of meaning.

## References

- AHMED, Sara (2004), *The Cultural Politics of Emotion*, Edinburgh: Edinburgh University Press.
- BENNETT, Jill (2005), *Empathic Vision: Affect, Trauma and Contemporary Art*, Palo Alto, CA: Stanford University Press.
- BRAIDOTTI, Rosi (1994), ‘Toward a New Nomadism: Feminist Deleuzian Tracks; or, Metaphysics and Metabolism’, *Gilles Deleuze and the Theater of Philosophy*, Boundas, C. V. and Olkowski, D., (eds.) New York and London: Routledge.
- BRAIDOTTI, Rosi (2006), *Transpositions: On Nomadic Ethics*, Cambridge: Polity Press.
- BRENNAN, Teresa (2004), *The Transmission of Affect*, Ithaca and London: Cornell University Press.
- CASEY, Edward (2000), *Imagining: A Phenomenological Study*, (2nd ed.) Bloomington: Indiana University Press.
- DIPROSE, Rosalyn (1994), *The Bodies of Women: Ethics, Embodiment and Sexual Difference*, London: Routledge.
- GATENS, Moira and Lloyd, Genevieve (1999), *Collective Imaginings: Spinoza Past and Present*, London and NY: Routledge.
- GLISSANT, Edouard (1997), *Poetics of Relation*, Wing, Betsy (trans.), Ann Arbor: University of Michigan Press.
- KEARNEY, Richard (1996) (ed.), *Paul Ricoeur: the Hermeneutics of Action*, London: Sage.
- MARAS, Steven and Rizzo, Teresa, ‘On Becoming: An Interview with Moira Gatens’ in *Southern Review*, Vol. 28. Mar., 1995.

---

22 Gatens, Moira, cited in Maras, Steven and Rizzo, Teresa, ‘On Becoming: An Interview with Moira Gatens’ in *Southern Review*. Vol. 28. Mar., 1995: 65.

- MASSEY, Doreen, 'A Global Sense of Place', *Marxism Today*, June 1991.
- MASSEY, Doreen (2005), *For Space*, Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage Publications.
- MESKIMMON, Marsha (2010) *Contemporary Art and the Cosmopolitan Imagination*. London and New York: Routledge.
- MESKIMMON, Marsha (2003), *Women Making Art: History, Subjectivity, Aesthetics*, London and NY: Routledge.
- NAVA, Mica (2007), *Visceral Cosmopolitanism: Gender, Culture and the Normalisation of Difference*, Oxford, New York: Berg.
- PIPPIN, Robert; Feenberg, Andrew and Webel, Charles P. (1988), *Marcuse: Critical Theory and the Promise of Utopia*, Basingstoke: Macmillan.
- POLLOCK, S.; Bhabha, Homi K.; Breckenridge, Carol A. and Chakrabarty, D. (2002), (eds.), 'Cosmopolitanisms' in *Cosmopolitanism*, Durham, NC and London: Duke University Press.
- SAWDON, Phil, (created 2011), 'A Drawing Parlay' in *Soanyway*:  
<[HTTP://WWW.SOANYWAY.ORG.UK/PHILSAWDONDRAWINGPARLAY.HTM](http://www.soanyway.org.uk/philsawdondrawingparlay.htm)>.
- STEPHEN, Shukaitis; David, Graeber and Biddle, Erika (2007), (eds.), *Constituent Imagination: Militant Investigations/ Collective Theorization*, Edinburgh, Oakland and West Virginia: AK Press.
- VEYNE, Paul (1988), *Did the Greeks Believe in their Myths: An Essay on the Constitutive Imagination*, Wissing, Paula (trans.), Chicago: University of Chicago Press.
- WILSON, Rob (1998), 'A New Cosmopolitanism is in the Air' in *Cosmopolitics: Thinking and Feeling Beyond the Nation*, Cheah, Pheng and Robbins, Bruce, (eds.), Minneapolis: University of Minnesota Press.

ARTE, GÉNERO E  
ESTUDOS PÓS-COLONIAIS





# PARA ALÉM DO OLHAR: O FEMINISMO NA OBRA DE MARIA JOSÉ AGUIAR E GRAÇA PEREIRA COUTINHO

Márcia Oliveira

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

No decorrer de uma conversa sobre práticas artísticas feministas recentes<sup>[1]</sup>, Mary Kelly abordou a questão da existência ou não de uma arte feminista propondo uma mudança de perspectiva. A fórmula ‘arte feminista’ coloca dificuldades pelo facto de não representar um estilo, mas sim uma ideologia, pelo que a artista defende a utilização da designação ‘arte informada pelo feminismo’, para além de alertar para o perigo de periodizar arte feminista. Assim, de que forma podemos pensar a arte em diálogo com o feminismo no que concerne a práticas ditas canónicas como a pintura e a escultura, sem esquecer que estas são também influenciadas por um tempo, ou por vários tempos, e contextos? Rosemary Betterton coloca esta problemática em relação à pintura abstracta (Betterton, 2004), a qual, pelas intrínsecas características formais que inibem processos de interpretação narrativa (discursiva) e figurativa, se abre necessariamente ao campo de possíveis leituras formalistas. Notando que esta se trata de uma das áreas mais negligenciadas pelo feminismo, Betterton explora a questão da pintura não-figurativa e da corporalização “com o objectivo de examinar a possibilidade de reclamar uma autoria feminina para a abstracção” (Betterton, 2004: 79).

---

1 O diálogo, no qual participaram, para além de Kelly, Silvia Kolbowski, Mignon Nixon, Hal Foster, Liz Kotz, Simon Leung e Ayisha Abraham, foi publicada sob o título *A Conversation on Recent Feminist Art Practices*, na revista *October Magazine*. Kelly et al., ‘A Conversation on Recent Feminist Art Practices’, *October Magazine*, 71/Winter (1995), 46-69.

A associação da abstracção ao paradigma modernista contestado quer pela crítica, quer pelas práticas feministas surgidas a partir da década de 1960, justifica a negligência denunciada por Betterton, que identifica a importância de estabelecer uma relação entre as duas premissas, sobretudo porque a questão engloba o problema daquilo que a pintura abstracta representa ou de que forma o representa: “trata-se de perceber exactamente de que forma a abstracção funciona enquanto representação da *diferença de género*, sobretudo no que diz respeito ao corpo definido pelo género, ao qual a crítica modernista tem negado reconhecimento” (Betterton, 2004: 79). Esta é também a *estória* da difícil relação do feminismo com a estética, temendo-se sempre uma confluência com críticas de reducionismo essencialista, e com os seus dispositivos analíticos, assim como do necessário questionamento da normatividade dos seus paradigmas teóricos, de Kant a Clement Greenberg.

A pintura abstracta em particular pode ser vista como paradigmática de processos considerados pelo feminismo totalizadores e patriarcais. Baseada em pressupostos formalistas, esta recusava qualquer tipo de politização, centrando-se ao invés na lógica interna do processo artístico propriamente dito. Clement Greenberg, no entanto, vê esse mesmo processo como “imitação da imitação”, sendo que “Picasso, Braque, Mondrian, Kandinsky, Brancusi, até mesmo Klee, Matisse e Cézanne vão buscar inspiração ao próprio meio artístico que trabalhavam” (Greenberg, 1939). Pelo contrário, num segundo momento da abstracção, a cujo desenvolvimento podemos fazer corresponder a neo-vanguarda da segunda metade do século XX, a mesma torna-se politizada, distinguindo-se assim desse primeiro momento em que a pintura se definiu como “sistema autónomo da superfície pictórica” (Meinhardt, 2005: 6)<sup>[2]</sup>. É, portanto, no âmbito de um tal contexto crítico que o Ocidente assiste

2 A confusão de termos, potencializada pela profusão e heteronímia de práticas e conceitos artísticos ao longo de todo o século XX no ocidente encontra-se bem expressa no volume *Pintura. Abstracção depois da Abstracção* (2005), o qual reúne um conjunto de ensaios em torno da temática. Em “De bem com a pintura”, ensaio publicado originalmente na revista *Art in América*, em 1981, Marcia Hafif defende que a habitual dicotomia figurativo/abstracto é insuficiente para caracterizar a pintura contemporânea, propondo um modelo quadri-partido, composto pelas categorias “1) representação da natureza; 2) abstracção a partir da natureza; 3) abstracção sem referência à natureza; 4) o tipo de pintura do qual tenho vindo a falar e para o qual não existe termo minimamente satisfatório. Esta pintura já foi designada “real”, “concreta”, “pura”, “Absoluta” e “pintura-pintura”. É não figurativa e não icónica; existe por direito próprio no mundo e não simboliza nem representa nada (a não ser, talvez, a “pintura”)”. Marcia Hafif, ‘Getting on with Painting’, in Joahannes Meinhardt (ed.), *Pintura. Abstracção Depois da Abstracção*, 5; Porto: Público/Fundação de Serralves, [1981], 108-12, p. 112. É interessante notar que esta posição de Hafif, pintora nova-iorquina, surge precisamente num

à “explosão da arte Pop, do Minimalismo e da Performance” (Haskell, 1984), desenvolvidos em concomitância com a emergência de posicionamentos feministas na arte contemporânea, cuja conjugação não só marcou definitivamente o enquadramento conceptual e material das artes visuais, mas também prefigurou a constituição de uma sensibilidade estética radicalmente transfigurada.

Nancy Spero foi uma das artistas que mais explicitamente trabalhou o seu estilo pictórico em torno da elaboração de uma ‘pintura feminina’<sup>3</sup>, recorrendo a estratégias como a utilização do pormenor nos seus trabalhos. Dirigindo-se a problemáticas como a sexualidade e a violência, sempre em articulação com o poder (Arkestein, 2008), a obra de Spero questiona as estruturas da linguagem, sendo que é a impossibilidade de falar que frequentemente convoca. A articulação entre linguagem e imagem presente, por exemplo, nos trinta e oito pergaminhos que compõem *Codex Artaud* (1973), uma das suas obras seminais que pode ser caracterizada como um ‘manuscrito’ reunindo colagem, desenho e escrita, insere-se precisamente nesta tentativa de esboçar a possibilidade de uma pintura feminina através do recurso ao pormenor, sobretudo de forma serial. A língua como pénis, por exemplo, surge em *Codex Artaud* como elemento figurativo central, traço repetido sucessivamente, sendo que, no trabalho de Maria José Aguiar (Barcelos, 1948) é a figuração do falo enquanto referência das estruturas estéticas e políticas patriarcais e dominantes que se estende no espaço pictural. No entanto, o poder do feminino surge através da autofagia do falo na pintura de Aguiar, sugerida por uma estratégia plástica que articula a repetição com o pormenor, constituindo-se um paradoxo entre o carácter finito e contido do pormenor (potenciado pela sua autofagia que remete para um espaço interior de confinamento em oposição a um espaço exterior expansivo) e a multiplicidade [virtual] proposta pela repetição desse elemento.

Em *Reading in Detail* (2007), Naomi Schor trabalha precisamente a noção do pormenor através de uma perspectiva definida pelo género, sendo que, ao longo do tempo, o mesmo tem vindo a ser associado a noções de feminilidade, visto como ornamento ou como peça integrante do quotidiano. Esta estrutura do pormenor, integrada numa lógica de valoração que o negligencia, assegura a

---

momento em que ressurge o interesse na pintura enquanto prática autónoma em sintonia com o pós-modernismo da década de 1980.

3 Como notou a própria artista, “as feministas francesas estão a tentar produzir *escrita feminina*, eu estou a tentar fazer *pintura feminina*”. Roel Arkestein (ed.), *Codex Spero: Nancy Spero - Selected Writings and Interviews 1950-2008* (Amesterdão: Roma Publications ; De Appel Arts Center, 2008), p. 12.

ambição política desta postura crítica, uma vez que, como nota Ellen Rooney em texto de apresentação desta obra crítica, “o pormenor é em si uma figura móvel; sublimada e dessublimada, contingente e dispersa, sacralizada, dessacralizada e ‘inútil’, o pormenor nomeia um trabalho textual arriscado que atravessa um vasto leque de discursos” (Schor, 2007). O pormenor aproxima a figuração da abstracção, esbate as fronteiras entre ambas e cria um território cinzento no qual as potencialidades de interpretação são exponencialmente multiplicadas. Ora este é precisamente o processo que se desenrola nas telas da autoria de Maria José Aguiar que subverte continuamente o código visual masculino associado à pintura – *genderizada* segundo Betterton (Betterton, 2004) através de posições como a de Clement Greenberg que distinguiu a pintura pura (vanguardista) da cultura de massas (*kitsch*) (Greenberg, 1939), partindo de uma clara dicotomia social e ideológica<sup>[4]</sup>. Dificilmente caracterizável como pintura abstracta ou figurativa<sup>[5]</sup> esta obra desenha-se através da uma estrutura que é marcada pela fragmentação. Na primeira série que expôs em 1973 na Galeria Alvarez, no Porto, Maria José Aguiar trabalha fragmentos do corpo feminino num conjunto de quinze telas de grande formato, realizadas entre 1972 e 1973, antecipando assim as bases da sua pesquisa posterior. Manifestações de desejo

- 
- 4 Escrito em 1939, altura em que foi publicado na revista *Partisan Review*, *Avantgarde and Kitsch* sustenta a dicotomia entre vanguarda e cultura popular, a primeira assumida por Greenberg como cultura de elite (*high culture*), a segunda como arte *kitsch* (ou popular), fruto do desenvolvimento industrial e elemento uniformizador das massas urbanizadas do ocidente. Greenberg é claro ao demonstrar a opinião de que estas massas, compostas pelo proletariado e burguesia mesquinha (*petty bourgeois*), arautos do *kitsch*, se revelaram “insensíveis aos valores da cultura genuína”, o que resultaria na comodificação da cultura e conseqüente integração no sistema produtivo. Associando o gosto artístico a questões de classe social (“Todos os valores são humanos e relativos, quer na arte quer em qualquer outro domínio. No entanto, parece haver uma concordância relativa ao longo dos tempos entre os seres humanos cultos sobre as definições de arte de boa ou de má qualidade”), Clement Greenberg conclui a sua reflexão notando que a vanguarda imita os processos artísticos, enquanto o *kitsch* imita os seus efeitos. Greenberg, Clement (1939), ‘Avant-Garde and Kitsch’, *Partisan Review*, (6:5). 39-49.
- 5 Bernard Piens, num número especial da revista *Actualite des Arts Plastiques* dedicada à problemática da nova-figuração, expressa em duas exposições realizadas em Paris em 1961 e 1962 na Galeria Mathias Fels (nas quais participaram os artistas Appel, Bacon, Dubuffet, Giacometti, Saura, de Staël, Lisndström, entre outros), nota que as obras expostas manifestam uma qualidade abstracta que, no entanto, remete para a figuração. O termo nova-figuração, nota Piens, “implique que celle-ci se démarque des autres courants figuratifs antérieurs ou actuels. Il est insuffisant en effet d’opposer un retour à la figuration face à une abstraction alors dominante, érigée en art «official»; encore faut-il pouvoir distinguer le part d’innovation introduite par rapport au Pop’Art don’t elle est issue, additionner les ressemblances, multiplier les differences sur un nombre certes limité d’artistes, mais choisis de façon a offrir un éventail le plus large possible”. Bernard Piens, *Actualite des Arts Plastiques*, 37/La nouvelle Figuration (I) (1977), vii-xiii, p. vii.

carnal intenso, mas também de enorme dilaceração do corpo feminino, estas mostram, segundo Egídio Álvaro, “o espaço de um Eros torturado, o corpo lutando contra a agressividade ambiente, a simplicidade da aventura desejada” (Álvaro, 1973; s/p). Nestas telas, o uso das cores em bloco, cores fortes (azuis, vermelho, amarelos, rosas) e compactas impedem a difusão dos contornos, o que, paradoxal e simultaneamente, une as diferentes parcelas de cada complexa composição nunca antecipando sentidos [como significados] mas potenciando sentidos [sensoriais]. Por outro lado, um dos elementos que se tornará recorrente na sua obra, o pénis, surge já nestas primeiras telas, ainda que de certa forma diluído no conjunto de formas-corpo entrecruzadas numa disposição típica da colagem, mas concretizadas pela canónica pincelada definidora das bases processuais da pintura.

Contrariando a pesada tradição das definições de género e correspondente valoração moral (Betterton, 1996: 85), Aguiar subverte o código da pintura segundo a leitura de Shirley Kaneda, que identifica a pintura abstracta com um discurso tipicamente masculino, sugerindo plasticamente um conceito de ‘pintura feminina’ “que não depende do género do seu executante mas sim da re-inscrição de um conjunto de valores suprimidos da arte abstracta” (Betterton, 1996: 84), através da negação de noções de autoridade (modernistas) e a recuperação de valores “marginalizados” (Betterton, 1996: 84), de base pós-estruturalista. Segundo Kaneda “o pós-estruturalismo abriu caminho a uma multiplicidade de critérios. Quando a noção de uma leitura conclusiva é eliminada, também as noções de dominação e encerramento são descartadas.” (*apud* Betterton, 1996: 84). O jogo da diferença e da repetição surgido num segundo conjunto de telas sem título, que compõem a série *Marcas*, vem anular seguramente qualquer possibilidade de identificação do corpo feminino já esboçado nas primeiras telas, criando estratégias de resistência a essas mesmas noções. Nestes trabalhos o pénis torna-se autofágico, anulando através da serialidade a associação a uma simbologia dominante. Transformando-se em pormenor, a figura do pénis passa assim, à abstracção, que se assume como abstracção política, ideológica e, logo, passível de ser associada a uma pintura feminina. Esta estratégia de repetição de um pormenor visual pode ser observada na utilização de pormenores de reminiscência figurativa (como Spero, também o faz Maria José Aguiar), mas sob a forma de articulações abstractas, como a grelha, explorada no contexto português nos interstícios entre pintura e escultura por Graça Pereira Coutinho (Lisboa, 1979).

\*

Também dispositivo pictórico repetitivo, a grelha surge na pintura associada primeiramente ao modernismo. Num texto seminal escrito em finais da década de 1970, Rosalind Krauss analisou a utilização deste ‘mito do modernismo’ e a sua natureza estrutural, em sintonia com o ambiente artístico e político marcado pela negação da discursividade e remetendo as artes visuais ao âmbito da pura visualidade (Krauss, 1979). Notando a impermeabilidade da grelha, apesar da proliferação de pesquisas em seu torno, Krauss sustenta que esta serve para “declarar a modernidade da arte moderna” (Krauss, 1979: 9) temporal e espacialmente. Espacialmente, “a grelha assegura a autonomia do reino da arte”, sendo que “achatada, geometrizada, ordenada, ela é anti-natural, anti-mimética, anti-real” (Krauss, 1979: 9) (avessa à natureza); já na sua dimensão temporal, “a grelha funciona como emblema de modernidade pelo facto de não ser mais que isso mesmo: uma forma ubíqua na arte do *nosso* século, embora ausente, completamente ausente, da arte do século passado” (Krauss, 1979: 10). Ainda que puramente materialista, a sua ambivalência, no entanto, o seu carácter paradoxal, reside precisamente na expressão de um materialismo aparentemente puro que era, para muitos artistas (Krauss cita Mondrian e Malevitch), um meio de exprimir preocupações existenciais.

O processo evolutivo da grelha levou também ao questionamento de pressupostos associados à pintura – nomeadamente os conceitos de originalidade e autoria – assumindo-se como método pictórico com potencial subversivo, também em termos de uma interpretação feminista. Podemos neste sentido referir o caso português de Graça Pereira Coutinho, cuja obra associa o uso deste dispositivo à utilização de materiais pobres e orgânicos na produção de peças fortemente marcadas por um rigor formalista. Reconhecendo a influência de artistas como Eva Hesse e Agnes Martin<sup>[6]</sup>, a pesquisa plástica de Graça

---

6 Como diz a artista, “Agnes Martin interessou-me precisamente pela parte conceptual da grelha. A grande influência que ela teve sobre mim foi na parte intelectual, conceptual. No rigor. (...). Vejo a Agnes Martin como uma artista que trabalha as suas ideias em relação a um espaço, que divide e organiza o espaço em relação a outras dimensões tais como o tempo, a temperatura, a luz”. Graça Pereira Coutinho em entrevista a Ruth Rosengarten. In Ruth Rosengarten and Tony Godfrey (eds.), *Graça Pereira Coutinho* (Estar, 1999), p. 22. Sobre Hesse, Coutinho reconhece ainda que a forma de trabalhar os materiais por parte da artista norte-americana de ascendência alemã, “de uma maneira tão clara e feminina”, para além do rigor com que articulava matéria e conceitos, foi determinante na influência exercida sobre a sua obra (ibidem, p. 21). Para Ruth Rosengarten, Hesse e Coutinho partilham “uma parte visceral e uma parte estruturada” (ibidem).

Pereira Coutinho opera uma síntese entre as dimensões orgânica e formal de cada peça, articulando a relação do seu corpo com os materiais que compõem as obras. A importância do espaço na obra de Graça Pereira Coutinho, subsequentemente central ao longo do seu percurso artístico, foi determinante na sua opção educativa, tendo-se matriculado no curso de escultura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1966, opção que denota também as bases de uma linguagem pictórica construída a partir do corpo (frequentemente o seu próprio corpo), arriscando-se a explorar um terreno de confluência entre a escultura e a pintura. Como salienta Coutinho, “sempre, desde criança, as coisas que fazia eram escultura, ou pelo menos eram tridimensionais. Para mim, o espaço sempre foi muito importante – o espaço real, físico. Nunca usei pincéis: mesmo quando pinto, uso as mãos. O que ‘quero essencialmente’ com os meus quadros – quando estou a trabalhar numa superfície plana – é criar um ambiente” (in Rosengarten e Godfrey, 1999: 16), ambiente que a artista associa a uma “bolsa uterina”<sup>[7]</sup>.

A espacialidade sugerida pela estrutura grelha é transposta da pintura bidimensional para três-dimensões em obras como os sem título, de 1972 e 1973, ou em partes de instalações como aquela mostrada nos Riverside Studios, em Londres, 1979: ambos os exemplos se constituíam de pequenas bolas de plásticos, as quais formavam a quadrícula da grelha. Por outro lado, a sua incursão no terreno da pintura no sentido mais convencional não poderia deixar de parte a questão sempre presente da espacialidade (como no caso da sua Pintura de 1976, composição de uma grelha em tinta acrílica sobre tela), preocupação surgida numa fase precoce da sua vida<sup>[8]</sup>, sendo que não há uma progressão linear entre ambas as estratégias. Depois de três anos a estudar Escultura em Belas Artes, e na sequência das greves gerais da Universidade de Lisboa, 1971 foi ano de rumar a Londres, depois do casamento, cidade privilegiada por um vasto número de artistas portugueses no exílio<sup>[9]</sup>. Tendo beneficiado da atri-

---

7 (...) É importante envolver-me com a matéria. Portanto, a escultura foi para mim uma opção óbvia e natural” (ibidem, p. 17).

8 Como a artista nota em entrevista com Ruth Rosengarten: “Desde que me lembro, eu protegia-me, protegia o meu mundo infantil criando espaços imaginários. Espaços sem arestas. O que eu estava a criar era uma espécie de bolsa de proteção maternal. Claro que não percebi na altura qual era o processo. Mas desde muito pequenina percebia que me queria envolver – queria criar espaços e coisas envolventes: por exemplo imaginava quartos que eu cobria com uma matéria de barro esbranquiçado e, assim, todo o espaço se tornava redondo e suave” (Ibid., p. 11).

9 Graça Pereira Coutinho salienta os nomes de Paula Rego, Eduardo Batarde e Jasmim, mas muitos outros viveram no ambiente londrino ao longo das décadas de 1960 e 1970. O poeta Alberto de

buição de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian em 1975 para concluir os estudos na St. Martin's School of Art (Londres), e de outra em 1979 para desenvolver a sua pesquisa plástica, Pereira Coutinho desenvolveu uma obra cujo carácter conceptual integrava não só a sua preocupação com a natureza, mas também essa síntese entre formalismo e matéria que sempre marcou o seu trabalho. A instalação fotografada para o relatório de actividades que a artista apresentou na sequência da atribuição da bolsa mostra precisamente este processo, ou seja, a forma como diversos fragmentos entre desenho, pintura e escultura, se conjugaram na construção de uma “paisagem” ordenada, antevendo trabalhos futuros. Como salienta a artista no mesmo relatório:

Comecei por usar elementos naturais, areia, terras, diferentes tipos de pó, gessos, etc, etc [sic] e transformei-os, misturando-os com tintas, plásticos, resinas diversas. Pela primeira vez criei uma paisagem na verdadeira acepção da palavra, assim como tinha criado objectos através da abstracção (na pintura), em 1976-77. Agora sou capaz de criar não apenas objectos, mas todo o *céu-Terra-Ar-Calor-Temperatura*. O estudo de civilizações antigas (Etrusca-Grega-Romana) exerceu enorme influência sobre mim. Observei as marcas que homens e tempo deixaram nestas ruínas e a forma como as mesmas influenciaram a história das culturas vindouras. As imagens e sensações que estas ruínas deixaram levaram-me a fazer uma série de desenhos esquemáticos e arquitecturais de diferentes espaços reais e imaginários. Esta relação entre ruína – desenho – elementos reais provindos de um espaço, começaram a fascinar-me” [Graça Pereira Coutinho, relatório de bolsa FCG, processo nº 3582, 1980, publicado em (Raquel Henriques da Silva 2007: 191)].

As “paisagens” de Graça Pereira Coutinho, no entanto, distinguiam-se fortemente das intervenções que, na mesma altura, estavam a ser feitas na natureza por artistas como Robert Smithson, Richard Long e Hamish Fulton no âmbito do denominado movimento da *Land Art*. Se estes artistas levaram a obra de arte para a natureza, construindo obras que com ela se interligavam e confundiam, o facto é que tais obras se manifestavam também através de uma dimensão rival da própria natureza. Exemplos como a paradigmática escultura *Spiral Jetty*<sup>[10]</sup>, concebida e construída por Smithson em 1970, com rochas, terra

---

Lacerda foi um dos principais elementos agregadores deste grupo, cuja convivência foi também registada por Luís Amorim de Sousa.

10 Robert Smithson produziu também um filme de 16mm (com a duração de 35 minutos), o qual faz convergir a dimensão escultural da peça com uma dimensão performativa que consiste no artista a percorrer o ‘caminho’ da *Spiral Jetty*.



e água na costa do Grande Lago Salgado, Estado do Utah, contrastam com a estratégia de ‘arquivo’ de fragmentos da terra no espaço de representação ou de exposição, quer se trate de obras como sem título (1973), sem título (1972), o conjunto sem título apresentado na exposição da SNBA em 1975, ou como a instalação apresentada nos Riverside Studios em Londres, 1979. Todos estes exemplos sintetizam as preocupações formalistas de Graça Pereira Coutinho, sobretudo através do elemento ‘grelha’, estratégia recorrentemente utilizada pela artista, que se efectua através da colagem de diversos elementos numa tela ou papel ou através da *assemblage* de diversos elementos em composições apresentadas num quadro, numa moldura. Arquivos de formas e de matérias, estas obras integram também fragmentos do real que se imiscuem no espaço da obra em si, quer se trate de terra, pó, areia ou até mesmo de pedaços da sua vida quotidiana, como alimentos. O trabalho sobre materiais quotidianos e efémeros tornou-se parte do processo desta artista, cuja vida também se confundia com a obra: “(...) aquele trabalho em que fazia uma colecção de todas as coisas que tinha em casa, desde a cozinha até ao atelier, era um resumo da minha vida. A minha vida eram fraldas, dar de mamar, e depois ir para o atelier. Aquela obra era um resumo disso tudo – eram todos os elementos – a farinha, o esparguete, o açúcar – que são a base da nossa alimentação. Gosto de pegar em matérias que as pessoas habitualmente desprezam, ou pelo menos às quais não ligam muito, e trabalhar com elas” (in Rosengarten e Godfrey, 1999: 29). Assim se processavam as “manifestações diferentes” (Rosengarten e Godfrey, 1999: 33) de Pereira Coutinho ao longo da década de 1970, cuja expressão criativa se assumia também como manifestação política. “Acho que a ideia de coleccionar era uma forma política de trabalhar, na medida que eu estava a valorizar as coisas menosprezadas”, nota a artista, cuja leitura de autoras feministas seminais como Kate Millet e Germaine Greer tiveram manifesta influência no seu percurso (in Rosengarten e Godfrey, 1999: 33). Uma política que foi determinante na pesquisa de Coutinho e na sua exploração de práticas e processos criativos muito próprios.

Assim se processaram as “manifestações diferentes” (Rosengarten and Godfrey, 1999: 33) de Pereira Coutinho ao longo da década de 1970, cuja expressão criativa se assumia também como manifestação política, pois “a ideia de coleccionar era uma forma política de trabalhar, na medida que eu estava a valorizar as coisas menosprezadas”, refere. Como refere Ana Ruivo “a relação entre ideia e objecto, espaço e tempo era procurada no palimpsesto metafórico de sinais de fabricação humana (Ana Ruivo in Raquel Henriques

da Silva, 2007: 191): palimpsesto que resume a deslocação da grelha do seu estatuto modernista – formalismo e auto-referencialidade – para uma função de arquivo de ideias, de matéria(s) e de traços. Integrando o conjunto de *estruturas primárias* que marcaram fortemente a produção artística que surgiu como resposta ao expressionismo abstracto, a grelha foi amplamente utilizada por artistas seminais na arte ocidental da segunda metade do século XX, como Agnes Martin, sendo que é de notar a predilecção de artistas mulheres por esta forma estética, denotando a capacidade de tais estruturas em “abrir novas áreas à experiência estética, ainda que tenham tendência a revelar-se excessivamente estimulantes” (Lippard, 2004: 29).

Estes trabalhos, de José Aguiar a Pereira Coutinho, embora aparentemente distintos, têm então em comum a exploração de dispositivos visuais, fragmentos ou pormenores que salientam a parcialidade, a marginalidade das imagens arquivadas na tela, sob a forma de colagem, assemblage ou repetição. O que é particular é assim mostrado e destacado, diluindo-se fronteiras entre signo e matéria, desconstruindo-se olhares e estilhaçando-se interpretações totalizadoras e unívocas através da criação de códigos visuais que podem, por essa mesma razão, ser tidos como potencialmente criadores de efeitos feministas.

## Referências

- ÁLVARO, Egídio (1973), ‘O Espelho da Solidão’, *Maria José Aguiar*, Porto: Galeria Alvarez.
- ARKESTEIN, Roel (ed.) (2008), *Codex Spero: Nancy Spero - Selected Writings and Interviews 1950-2008*, Amesterdão: Roma Publications; De Appel Arts Center.
- BETTERTON, Rosemary (1996), *Intimate Distance. Women, Artists and the Body*, Londres, Nova Iorque: Routledge.
- BETTERTON, Rosemary (ed.) (2004), *Unframed. Practices and Politics of Women's Contemporary Painting*, Londres E Nova Iorque: I.B. Taurus.
- GREENBERG, Clement (1939), ‘Avant-Garde and Kitsch’, *Partisan Review*, (6:5). 39-49.
- HAFIF, Marcia (1981), ‘Getting on with Painting’, in Joahannes Meinhardt (ed.), *Pintura. Abstracção depois da abstracção*, 5; Porto: Público/Fundação de Serralves, 108-12.
- HASKELL, Barbara (1984), ‘Blam: The Explosion of Pop, Minimalism, and Performance 1958-1964’, in WHITNEY Museum of American Art (ed.), Nova Iorque: Whitney Museum of American Art, W. W. norton & Company.
- KANEDA, Shirley (1991), ‘Painting and its others’, *Arts Magazine* Summer, 58-64.
- KELLY, Mary, et al. (1995), ‘A Conversation on Recent Feminist Art Practices’, *October Magazine*, 71 (Winter), 46-69.

- KRAUSS, Rosalind (1979), 'Grids', *October* 9, (Summer), 50-64.
- LIPPARD, Lucy (2004), '10 Structurists in 20 paragraphs', in Ann Goldstein (ed.), *A minimal future? Art as object 1958-1968*, Cambridge Mass. e ondon, England: The MIT Press.
- MEINHARDT, Joahannes (ed.) (1981), *Pintura. Abstracção depois da abstracção*, 5; Porto: Público/Fundação de Serralves.
- PIENS, Bernard (1977), 'Editorial', *Actualite des Arts Plastiques*, 37 (La nouvelle Figuration (I)), vii-xiii.
- ROSENGARTEN, Ruth e Godfrey, Tony (eds.) (1999), *Graça Pereira Coutinho* (Estar).
- SCHOR, Naomi (2007), *Reading in Detail. Aesthetics and the Feminine*, Londres  
NOVA IORQUE: ROUTLEDGE.
- SILVA, Raquel Henriques da, CANDEIAS, Ana Filipa e RUIVO, Ana (2007), *50 Years of Portuguese Art*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.



# 'TAKING THE STORY FROM THE LOCATION': THE POLITICS OF AUTHENTICITY IN STORM JAMESON'S *EUROPE TO LET*

Rebecca Kirstein Harwood

CEHUM, UNIVERSIDADE DO MINHO, PORTUGAL:

I am a camera with its shutter open, quite passive, recording, not thinking. Recording the man shaving at the window opposite and the woman in the kimono washing her hair. Some day, all this will have to be developed, carefully printed, fixed.

Isherwood, *Goodbye to Berlin*

## 1. Introduction

My current research focuses on British women travel writers in the inter-war period, with the basic objective of attempting to re-locate their writing, in its many forms, as performances of important political intervention in the socio-historical period of the 20s and 30s.

This project is, I feel, particularly relevant to this conference given that travel writing as both cultural artefact and academic discipline is all about the permeability of boundaries and the blurring of genres. As Barbara Korte explicates, “[t]he history of travel writing is naturally bound up with the history of travel itself – its various forms, circumstances and cultural contexts, so that any study of travel writing necessitates an interdisciplinary approach” (Korte, 2000: 2). Drawing on a panoply of critical discourses: cultural studies, social history, literary theory, translation studies, gender studies, and post-colonial studies, to name but a few, the study of travel writing advances new paradigms of knowledge and research. At its best, travel writing is:

a genre that confronts, at their extreme limit, representational tasks proper to a number of literary kinds: the translation of experience into narrative and description, of the strange into the visible, of observation into the verbal construct of the fact; the deployment of personal voice in the service of transmitting information (...); the manipulation of rhetorical figures for ends other than ornament. Some of these demands are familiar to the “participant observers” of ethnography, others to writers and critics of fictional realism or historiography. All of them are important to the analysis of travel writing. Campbell, 1991: 6

My purpose here in reading Storm Jameson’s *Europe to Let: The Memoirs of an Obscure Man* (1940) as an example of radical *entre deux guerres* travel writing is, then, to propose an alternative framework for a more profitable analysis of the ways in which it confronts those “representational tasks” demanded of a writer and contributes to our knowledge of the world.

Accounts of travel, according to Korte, have specific qualities, including, “a striking potential to be continually revitalized” (Idem, 4), and it is precisely this quality that Storm Jameson’s account of central Europe in 1938 embodies. Innovative in both form and content, Jameson’s text is, I argue, a poetic example of the political and aesthetic potential of reading a text as travel writing.

## 2. Fact vs. Fiction

As Korte points out, “accounts of travel are not only cultural documents. Rather, they have to be considered as texts written according to particular strategies – including specific artistic principles and designs” (*Ibidem*, 3). Jameson wrote *Europe to Let* according to the requirements for a socialist literature. It is an act of clear political intervention yet the little critical attention it has received consistently refers to the book as a novel, memoirs or 3rd person autobiography. These are all valid approaches to the text; each capable of revealing important elements of the book according to the strategies or agenda of their theories. But none, I suggest, allows for a full appreciation of the importance of the book in the context of both the aesthetic and political forces at work in the specific moment of the inter-war period. Said’s concept of travelling theory, which highlights the variability of knowledge according to the different space and time location of the thinking subject, and to the strategic agendas he/she identifies with, stresses the importance of locating a text in its socio-historical moment (Said, 1983:226). To locate *Europe to Let* firmly in its socio-historical

moment, we might best begin by returning to Samuel Hynes' oft-cited observation that the journey is "the most insistent of thirties metaphors (...) the basic trope of the generation" (Hynes, 1976: 229).

Jameson's travels often fed into her writing, but in *Europe to Let* travel is more than just the source for local colour: it is, I would argue, the structural centre of the narrative. Following Guillaume Thouroude's understanding of travel writing as a literary category, my reading of *Europe to Let* locates the travel narrative as the "formal centre" or the "central pôle d'écriture" of Jameson's work – with travel and the description of place being both the starting place for her writing and the dominant theme of her text (Thouroude, 2009: 384).

As a travel narrative, *Europe to Let* might perhaps be best understood in the same terms as those suggested by Stan Smith for Eliot's poem, *The Waste Land*, "[i]n some senses a fictive Modernist travelogue." (Smith, 2004:15) But the narrative is not wholly fictive. Fact combines with fiction to construct a moving textual performance of Jameson's travels through Central Europe in the interwar years. In her autobiography, *Journey from the North*, Jameson freely admits that the collection of four nouvelles in *Europe to Let* were written "after the truth", with all she had heard, seen and felt going into it in some form (JN II, 32). The germ of the narrative has sprung from the author's personal travel experiences in Europe, but the travelogue has been re-textualised according to a novelistic instinct, which clearly demonstrates, once again, what Stan Smith identifies as the "hybrid nature of the genre, pitched between documentary and artful invention." (Ibidem, 8)

The book is, I would argue, a 'true' (autobiographical) account of real, verifiable places "sustained by a narrative exploiting the devices of fiction" (Fussell, 1980: 203). But, although the quest for authenticity unquestionably underlies the impulse for most journeys, Travel and Truth have always had a difficult relationship. As Charles Forsdick makes clear, the evocative near homophone first coined by Percy Adams, 'traveller' and 'travel-liar', "reminds us above all that the textualisation of journeys inevitably tells us more about the textualiser than the textualised. Between the writer and the reader of the travel narrative there appears to exist a pact, similar to that relating to autobiography, which seems to propose some residual truth-value" (Forsdick, 2009: 301).

In *Europe to Let*, Jameson employs a variety of narratorial strategies to construct a rhetorical authenticity, which, as Schulz-Forberg observes, "represents the writer's authority on the subject treated. This authority is an authority of

form, more than an actual authority (...) the writer has to act up to the pre-condition of being credible if the reader is to believe in his authority on the subject.” (Schulz-Forberg, 2005: 25) The marks of narratorial authority in Jameson’s interpretation of Europe between the wars are complex and compelling, and too various to cover in any depth here. The wrought truths that layer the narrative are sustained by filmic and fictional devices, and are shaped by a highly personal politics of place, memory, gender and class. For the purposes of this essay, I will focus on only one of Jameson’s narratorial marks – her deployment of what Laura Marcus calls “documentary film’s ways of seeing” (Marcus, 2009: 190).

### 3. The Camera ‘I’

In the 1930s, observes Andy Croft, “the term ‘documentary’ had clearly become a synonym for apparent political objectivity” (Croft, 1990: 247), producing what he calls a “sudden glut of documentary and semi-documentary studies of life in the ‘Depressed Areas.’” (Ibidem, 244) The most famous of them all, George Orwell’s *The Road to Wigan Pier* was clearly uppermost in Jameson’s mind when, in 1937, she wrote ‘Documents’,<sup>[1]</sup> an important manifesto articulating the most complete formulation of her ideas for an effective framework for committed literature. Transposing the theories of the socialist documentary movements such as Mass-Observation and the GPO Film Unit Jameson produced, as Hynes observed in *The Auden Generation*, “the first theory of documentary as a literary form” (Hynes, 1976: 270). “Perhaps the nearest equivalent of what is wanted,” Jameson wrote, “exists already in another form in the documentary film. As the photographer does, so must the writer keep himself out of the picture while working ceaselessly to present the fact from a striking (poignant, ironic, penetrating, significant) angle” (‘New Documents’, 270).

Clearly inspired by John Grierson’s vision for the art as the ‘creative treatment of actuality’, Jameson put her theory into practice in Europe to Let, adopting filmic techniques to link places and events in a “roughly continuous

1 This essay first appeared in 1937 in the 4th edition of the new journal *Fact*. It was later reprinted, completely unchanged, under the title ‘New Documents’ in Jameson’s collection of essays, *Civil Journey* (1939). The page references given for this essay refer to its later reprint in *Civil Journey*, but to avoid confusion I will continue to refer to the essay in the body of the text under its original title of ‘Documents’.



narrative”.<sup>[2]</sup> Jameson’s foregrounding of visual or filmic techniques to present the facts from ‘a striking angle’ should be seen as not so much a transgression of certain formal conventions in travel writing but rather as an innovative, but none the less logical, extension of the genre’s implicit instruction to the reader to believe in the superiority/ authority of the ‘eye’.

Written in 1938, in the middle of the Czech crisis, the four nouvelles or récits comprising *Europe to Let* were, Jameson said, “about Europe - portraits of Europe seen in this and that light, from this and that angle, as a painter might go on trying to get at the truth of a man or woman, looking for it both in himself and his model.” (JN II, 13) Jameson’s artist here is a painter, but image-making is the business of the photographer, the documentary film-maker, and the writer too. In line with her intention set down in ‘Documents’, to keep the writer out of the picture, Jameson deploys a first person male narrator, Esk, as her objective camera ‘I’. Esk, a Jameson persona, named after the river running through her home town, roams Central Europe, the mediator of Jameson’s gaze on the world and the Self.

Elaborating on the differences between fiction and documentary, Bill Nichols notes that in fiction, “the sense of an authoring activity or an overt narratorial process that draws our attention away from the imaginary world we have entered is normally slight and intermittent”, with the opposite being true in most documentaries, where,

we are asked to realize that the world we see is one conjured for a purpose and that this purpose is made manifest to us through the agency of an external authority, our representative, the expository agent. (It is important that we grasp the argument although not necessarily the conjuring).

Nichols, 1991: 113

Through her narrator, Jameson uses elements of selection and arrangement to highlight what is of significance, bringing out, as Mondada expresses it “the relationship between seeing and knowledge from, not so much a theoretical, but a praxeological perspective” (Mondada, 2005 :64), and foregrounding what travel writers sometimes obscure in their efforts to maintain the illusion

---

2 In his preface to *Goodbye to Berlin* (1935), Christopher Isherwood describes the six pieces in the volume in these terms. The whole, he said, formed a “short loosely connected sequence of diaries and sketches” (240). Jameson’s récits in *Europe to Let* are, I would argue, connected in much the same way, and achieve the same overall effect, a poignant valediction to a pre-Hitler Europe.

of objectivity, namely that sight is “an activity one exercises in a suitable context, actively choosing a viewpoint, that is, placing the observer in a certain position at a certain point” (Ibidem).

As photography has “traded on its claim to optical truth” (Osborne, 2000, 10), so has travel writing traded on an implicit understanding that seeing is knowing. But the optical truth of a photograph can be as misleading as the verbal truth of a travel account because “[f]oreign views”, portray not only a distant site but also a particular point of view, one from outside the land viewed” (Gunning, 1998:25). The trouble with a photograph, according to Osborne, is that “unlike its predecessor, the camera obscura”, it “separates the viewer in time and space from the guarantors of this truth – the events and objects that had generated the image.” (Ibidem) The photograph, he continues, “brought to a multitude of viewers a secondary image – the fragmentary trace of a forsaken event”, but the camera obscura “engaged the viewer in an apprehension of a visible world that was mediated but co-present.” (Ibidem) Esk, then, is Jameson’s camera obscura, carefully placed ‘in a certain position at a certain point’ to apprehend the most striking and, for Jameson at least, the most significant image. Her technique here is to exploit, and perpetuate, one of the most enduring attractions of the travel book for the armchair traveller, the illusion of fully participating in the journey, of being “co-present”, and by extension, complicit in Jameson’s view of Europe.

The book was intended to be ‘portraits of Europe’, and as such Jameson concentrates her camera eye on the landscapes and monuments of Europe, where, on the shifting sands of the interwar geo-political borders, time is narratively stored (Curtis and Pajaczkowska, 1994: 206). The great sites on Jameson’s journey, Prague, Vienna, Budapest, become “places which speak, which tell us of our history and ourselves” (Butor, 2001: 77). The sites assume a character of their own, not only the product but also the producer of feelings and action, and somehow complicit in what is the inevitable outcome of the scenes being played out on their streets.

The main character in the narrative in this sense then is Czechoslovakia. Jameson’s admiration for the youthful energy of the country is expressed through Esk’s appreciation of Prague’s architecture, the buildings standing in proud testimony to the courage and constancy of their people. Thus, Jameson locates Esk in a position which does more than just portray a particular site, it provides a particular point of view too. In Prague, Esk is often dwarfed by the splendour of the architecture, creating a zenithal view, which reinforces the

inconquerability of the spirit of the place and its people. He is, for example, “dazzled, in front of one of those baroque churches” (Jameson, EL, 1940: 131) and the ancient castle of Hradčany seems to float in the air, “riding loosely anchored in a darkness six hundred years deep” (Jameson, EL, 1940: 136).

But in Vienna, already occupied by Nazi troops, the weight of human apathy presses on Esk, fixing his gaze on the street beneath his feet. In Vienna, the camera eye, angled up to take in the splendour of Prague is back panning and prowling the streets, which are “solid with people going through all the stages of moral drunkenness.” (Jameson, EL, 1940: 89) The great monuments are oppressive, emphasising the weakness of the people rather than their courage: “In front of the Opera House an ant-heap of young men, schoolboys, a few women, howled frantically like the dead gathered in the underworld” (Jameson, EL, 1940: 86).

Finally, in Budapest Esk finds the city claustrophobic: “I should like to embrace this city, but it is too close and too alien, as though we are brothers who have been brought up separately.” (Jameson, EL, 1940: 236) The heavy pungent smell of the Danube, dominates the city, threatening to pull Esk, and all the people of Europe into its depths: “My mind refused to look into the gulfs, leading God knows where, on both sides of me. Of you!” (Jameson, EL, 1940: 259) Here, the camera is angled by the sweep of the river towards the nadir, in danger of being dragged down to the underbelly of civilisation by the forces of time.

It is rare in Europe to let for Jameson’s camera eye to opt for what Blanton calls the most traditional and potentially othering convention of the travel genre: the panorama (Blanton, 2002: 108). One remarkable exception occurs on a hotel balcony in France, a significant site in the context of Jameson’s politics of location. In her memoirs, Jameson writes, “I have two countries, the Whitby of my birth, and France, the first secreted like a salt in my blood, bone marrow, and the cells of my brain, the other nursed by my foolish heart.” (Jameson, JN, I, 1984: 261), and in *Europe to Let*, Jameson repeatedly returns, physically and imaginatively, to these two places. If the stopping-places of Prague, Vienna and Czechoslovakia each constitute what Butor calls “an essential stage of an argument”, France and England produce “the effect of a parenthesis or a digression” (Idem, 77), creating a private space for reflection and meditation.

In the second *récit* Esk travels to France from Prague, arriving in Macôn at a time when France’s treachery towards Czechoslovakia is certain. At his hotel, the portentously named *Hôtel de l’Europe et de l’Angleterre*, Esk finds

the “night stifling” so steps out onto his balcony for air. The hotel balcony, commonly the viewpoint of the privileged imperial eye looking down on the exotic or third-world Other, and a place which should afford an extensiveness of thought, instead here reinforces exile and marginality rather than ownership. In the context of Esk’s hopes for Europe, what we might expect his gaze to capture is the reassuring vista of French civilisation, unchanging and resolute in the face of fascism. But, in a subversive twist of the trope, the known site of France becomes the unfamiliar Other, and Esk’s gaze extends no further than the glass roof of the hotel doorway, which is “heaped a foot deep with dead and dying moths”;

A ceaseless whispering sound came from them: the ironwork was thickly matted with cobwebs, generations of cobwebs; drifts of dead moths clung to them; single strands became necklaces of dry pale-veined wings. More moths sprang up wherever the darkness thinned into light, rushing through the weak patches of light into the darkness between the street-lamps. The slight perpetual noise they made filled me with the same peculiar uneasiness as the town itself.

Jameson, *Europe to Let*, 1940: 151

The corruption and decay has spread to Jameson’s beloved second country too. Neither England nor France are safe havens, and their false beacons of hope will prove treacherous for the people of Czechoslovakia.

#### 4. Conclusion

“Taking the story from the location”,<sup>[3]</sup> Jameson combines reportage with imagination to construct an accomplished, and modern, traveller’s tale of universal exile set in the wastelands of central Europe. Using the same methods that Stan Smith finds in Auden’s most famous poem of political commitment, Spain, Jameson deploys the devices of the cinematic travelogue, “moving in from vast distances of time and place” to arrive at “a marginal space which becomes the locus and centre of revelation.” (Jameson, EL, 1940: 4) The site of revelation for Jameson’s travelling self is Budapest, the heart of darkness in

3 John Grierson holds up the work of the director Robert Flaherty as an example of exc takenellence in the art of documentary, in particular his “principle that the story must be from the location, and that it should be (...) the essential story of the location.” (‘First Principles of Documentary’, 1966: 148).

Central Europe where she discovers, like Auden, only “the menacing shapes of our own fevers” (apud, Smith, 2004: 4). Jameson approaches the terms Vienna, Prague, Budapest, in a way that links them as essential stages in an argument, editing time and place in order to construct a ‘truth’ - or at least an extensiveness of vision of the psycho-history of Europe. The particular “grammar” of Europe to Let, Jameson’s unique ordering of place in what Michel Butor calls the “the bookish division” of her travels, varies from her “travel of pure execution” in a way that, I think, exemplifies Butor’s belief in the transformative potentiality of “travelling-writing” to discover an infinite number of “oblique views” (Jameson, EL, 1940: 84-85).

## References

- BLANTON, Casey (2002), *Travel Writing: The Self and the World*, New York and London: Routledge.
- BUTOR, Michel (2001), “Travel and Writing”, in *Defining Travel: Diverse Versions*, Susan L. Roberson, (ed.), University Press of Mississippi, pp. 69-87.
- CAMPBELL, Mary Baine (1991), *The Witness and the Other World: Exotic European Travel Writing 400-1600*, Cornell University Press.
- CROFT, Andy (1990), *Red Letter Days: British Fiction in the 1930s*, London: Lawrence and Wishart.
- CURTIS, Barry & Claire Pajaczkowska (1994) “‘Getting there’: Travel, Time and Narrative”, in *Travellers’ Tales: Narratives of Home and Displacement*, George Robertson et al. (ed.), London and New York: Routledge, pp. 199-215.
- FORSYTH, Charles (2009), “Peter Fleming and Ella Maillart in China: Travel Writing as Stereoscopic and Polygraphic Form”, *Studies in Travel Writing*, Vol.13, No.4, pp. 293-303.
- FUSSELL, Paul (1980), *Abroad: British Literary Traveling Between the Wars*, Oxford University Press.
- GRIERSON, John (1966), “First Principles of Documentary”, in *Grierson on Documentary*, Forsyth Hardy (ed.), Berkeley and Los Angeles: University of California Press, pp. 145-156.
- GUNNING, Tom (1998), “The Whole World Within Reach’: Travel Images Without Borders”, in *Travel Culture: Essays on What Makes Us Go*, Carol Traynor Williams (ed.), Westport, Connecticut and London: Praeger Publishers, pp. 25-37.
- HYNES, Samuel (1976), *The Auden Generation. Literature and Politics in England in the 1930s*, London: The Bodley Head.

- JAMESON, Storm (1939), "Documents", in Storm Jameson, *Civil Journey*, London: Cassell , pp. 261-74.
- JAMESON, Storm (1940), *Europe to Let*, London: MacMillan.
- JAMESON, Storm (1984), *Journey from the North*, 2 vols. London: Virago Press [1969-70].
- KORTE, Barbara (2000), *English Travel Writing from Pilgrimages to Postcolonial Explorations*, (trans.) Catherine Matthias, Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- MARCUS, Laura (2009), "The Creative Treatment of Actuality': John Grierson, Documentary Cinema and 'Fact' in the 1930s", in *Intermodernism: literary culture in mid-twentieth-century Britain*, Kristin Bluemel (ed.), Edinburgh University Press, pp. 189-207.
- MONDADA, Lorenza (2005), "Seeing as a Condition of Saying. On the Discursive Construction of Knowledge in Travel Accounts", in *Unravelling Civilization. European Travel and Travel Writing*, Hagen Schulz-Forberg (ed.), Brussels, P.I.E.: Peter Lang, pp. 63-87.
- NICHOLS, Bill (1991), *Representing Reality: Issues and Concepts in Documentary*, Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- OSBORNE, Peter (2000), *Travelling Light: Photography, Travel and Visual Culture*, Manchester and New York: Manchester University Press.
- SCHULZ-FORBERG, Hagen (2005), (ed.), *Unravelling Civilization. European Travel and Travel Writing*, Brussels, P.I.E.: Peter Lang, pp. 13-42.
- SMITH, Stan (2004), "Burbank with a Baedeker: Modernism's Grand Tours", *Studies in Travel Writing*, Vol. 8, No.1, pp. 1-18.
- THOUROUDE, Guillaume (2009), "Towards Generic Autonomy: the *récit de voyage* as mode, genre and form", *Studies in Travel Writing*, Vol.13, No.4, pp. 381-390.

# ALDA LARA, FIGURA FUNDADORA NA POESIA DAS MULHERES ANGOLANAS

Joana Passos

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

Alda Lara viveu pouco tempo (1930-1962). Nas palavras de Ana Paula Tavares, uma das suas sucessoras numa genealogia feminina de poetas angolanas, Alda Lara tinha um projecto poético que ficou por cumprir (Ana Paula Tavares, *Lendo Angola*, 2008: 47), mas o pouco que escreveu em termos de quantidade – uma antologia de poemas, outra de contos, algumas conferências publicadas no boletim da Casa dos Estudantes do Império (*Mensagem*)<sup>[1]</sup> e alguns poemas publicados em diversas antologias – não é proporcional ao impacto que a autora teve no final dos anos 40 e princípio dos anos 50. Alda Lara era reconhecida entre uma elite intelectual circunscrita, que é precisamente aquela que veio a ter um papel marcante nas lutas de libertação das colónias que Portugal tinha em África. Em Lisboa, na Casa dos Estudantes do Império, Alda Lara conviveu com líderes políticos como Amílcar Cabral<sup>[2]</sup>, Agostinho Neto<sup>[3]</sup> e Mário Pinto de Andrade<sup>[4]</sup> (redactor da *Présence Africaine*<sup>[5]</sup> entre 1955 e 1958, e co-editor,

---

1 Tanto o boletim da Casa dos Estudantes do Império, que se começa a publicar em 1948, como a revista de Luanda que era a voz do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, se chamavam *Mensagem*. Esta coincidência de nomes tem gerado alguma confusão. Saíram 4 números da revista de Luanda e alguns dos colaboradores foram António Jacinto, Viriato da Cruz e Agostinho Neto. Ambas as ‘Mensagens’ publicaram textos de Alda Lara.

2 1924-1973, ideólogo da luta de libertação da Guiné-Bissau e Cabo Verde, fundador do partido PAIGC. Formou-se no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, em 1950.

3 1922-1979, Presidente do MPLA desde 1962 e presidente de Angola desde 1975 até à sua morte em 1979. Esteve no CEI em Lisboa a partir de 1952, transferido de Coimbra.

4 Presidente do MPLA entre 1959-1962, destacado sociólogo e activista. Viveu em Lisboa entre 1948 e 1954, de onde partiu para Paris.

5 *Présence Africaine* começou a ser publicada em Paris, em 1947, e ainda hoje é uma conceituada revista cultural, publicada em francês. Representou um importante meio para a afirmação cultural dos

com Francisco José Tenreiro, do *Caderno de Poesia Negra de expressão Portuguesa*, em 1953). Para se compreender a poesia de Alda Lara tem de se ter em conta este contexto, entre 1948 e os primeiros anos da década de 1950, e ter presente, em termos de espaço, que se trata de uma obra poética relativa à construção de uma identidade colectiva Angolana, mas que se dirige a um meio jovem, culto e politizado, que pouco ou nada terá a ver com a literatura de guerrilheiro que era então urgente escrever. Na subsequente viragem para uma escrita mais marcada por palavras de ordem decorrentes da doutrina marxista, a escrita de Alda Lara já não teria lugar, mas não foi esquecida, nem deixou de ser reconhecida por posteriores estudos, reaparecendo também em várias antologias e *websites* sobre poesia angolana. Apesar de ser diferente do registo ideológico esperado a partir de 1950 na literatura angolana (claramente Marxista), a sua obra era interventiva e afirmava o comprometimento com Angola. Por isso, Alda Lara faz parte da “geração de 50” da literatura angolana, com Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto e Luandino Vieira, e é, no contexto angolano da época, o único nome feminino com um estatuto reconhecido. Para a história literária de Angola, a obra de Alda Lara é importante para diversificar a visão que hoje em dia se tem da literatura criada pela geração de meados do século XX, a qual programaticamente procurou produzir uma literatura assertiva e de rotura, em articulação com um esforço de consciencialização política colectiva, no caminho da preparação para as lutas da independência. Mas numa fase inicial, entre 1948-50, as diversas literaturas africanas, sobretudo francófonas, experimentaram várias tendências Pan-africanistas, inspiradas pela Negritude e pelo Renascimento Negra americana (a este respeito ver Pires Laranjeira 1995<sup>[6]</sup> e 2000), antes da confluência numa voz única, Marxista, de palavras de ordem e de glorificação do guerrilheiro, registo do qual a escrita angolana só se começou a libertar outra vez por volta dos anos 80.

---

estudantes de cor em Paris, reagindo contra a negação do contributo das civilizações africanas para as heranças culturais do mundo. Foi um importante órgão de resistência anti-colonial, tendo um papel interventivo e polémico. Esta publicação ficará sempre associada à afirmação da *Negritude*, movimento Pan-africano que no entender de Pires Laranjeira representa a convergência da Black Renaissance Americana (1920-1930), do indigenismo Haitiano – que começa a ter expressão literária na mesma altura, com a revista *La Revue Indigène* (1927- 1928) e do Negrismo Cubano (cuja publicação inaugural é a antologia *Motivos de Son*, de 1930, do poeta Nicolás Guillén, que afirma uma estética própria, enraizada na cultura local, sem seguir modelos europeus).

- 6 Laranjeira, Pires, *A negritude Africana de língua portuguesa* (1995), Porto: Edições Afrontamento. Ver também, de 2000, *Negritude Africana de língua portuguesa, Textos de Apoio (1947-1963)*, publicados pela Angelus Novus.



Para situar a escrita de Alda Lara é fundamental ter em conta o apelo auto-assertivo da *Négritude*, com o qual a autora não coincide (por não investir numa noção essencialista de “raça”) mas dialoga, sobretudo na vertente voltada para a afirmação cultural e para a criação de uma consciência cívica e política centradas numa recriação/regresso ao país natal. É aqui deliberada a paráfrase do título de Aimé Césaire, *Cahier d’ un retour au pays natal* (1948), para refletir sobre a poesia de Alda Lara. Este jogo de referências a regressos programados indica a proximidade entre aspectos da poesia de Alda Lara e a estética e ideologia da *Négritude* no que diz respeito ao comprometimento com um espaço territorial, identificado como projeto futuro, coletivo, e também como horizonte de compromisso individual. Recorde-se, a título de exemplo, uma passagem de Césaire sobre as belas cidades a (re)modelar para além do colonialismo:

(...)  
 Eia por la joie  
 Eia pour l’ amour  
 Eia pour la douleur aux pis de larmes réincarnées

Et voici au bout de ce petit matin ma prière virile  
 Que je n’entende ni les rires ni les cris,  
 les yeux fixés sur cette ville que je prophétise, belle

donnez-moi la foi sauvage du sorcier  
 donnez à mes mains puissance de modeler  
 donnez à mon ame la trempe de l’ épée  
 je ne me dérobe point. Faites de ma tête une tête de proue  
 et de moi-même, mon coeur, ne faites ni un père, ni un frère,  
 ni un fils, mais le père, mais le frère, mais le fils,  
 ni un mari, mais l’ amant de cet unique peuple.  
 (...)

Aimé, Césaire, *Cahier d’ un retour au pays natal* (excerto), 1939

Tal como Césaire, que profetiza uma cidade bela a ser modelada pelas mãos do poeta, também Alda Lara advoga o regresso a Angola, Terra-mãe, a fim de se criar uma nova sociedade. Veja-se o poema *Rumo*:

**RUMO**

(ao J. B. Dias em 1949  
à sua memória em 1951)

É tempo companheiro!  
Caminheamos...  
Longe, a Terra chama por nós,  
E ninguém resiste à voz  
da Terra!...

Nela,  
O mesmo sol ardente nos queimou  
A mesma lua triste nos acariciou,  
e se tu és negro,  
e eu sou branca,  
a mesma Terra nos gerou!

Vamos companheiro!

É tempo...

Que o meu coração  
Se abra à mágoa das tuas mágoas  
E em prazer dos teus prazeres

Irmão:

Que as minhas mãos brancas

Se estendam

Para estreitar com amor

As tuas longas mãos negras...

E o meu suor,

Quando rasgarmos os trilhos

De um mundo melhor.

Vamos!

Que outro aceno no inflama

Ouves?

É a terra que nos chama...

E é tempo companheiro!

Caminheamos...

Alda Lara, in *Poemas*

Como se pode ler, o poema contém um apelo para se construir “um mundo melhor” nesse lugar de pertença de brancos e negros que é Angola. Onde Alda Lara se afasta de Césaire e Senghor, ou se quisermos, da agenda da Négritude, é precisamente por não opor brancos e negros, numa união de raças que poderia ser interpretada como complacência em relação a continuidades coloniais. Por isso a poesia de Alda Lara foi menos estimada durante o contexto de guerra (de libertação e civil), porque é uma poesia de paz, não de rotura ou revolução, embora expresse um sentir coletivo e apoie a construção de uma renovada Angola pelos “novos”. Esta temática é precisamente a mesma do poema *Regresso*, também muito citado e tomado como exemplo emblemático da obra da autora.

Enquanto elite intelectual politizada, a geração de cinquenta que convergiu na Casa dos Estudantes do Império viu-se perante a responsabilidade de assumir um papel na transição histórica que desembocou num massivo processo de descolonização. Verbalizar essa responsabilidade era de uma grande importância estratégica na altura, e é esse o valor e o impacto que teve e tem a curta obra de Alda Lara. No âmbito da revisão crítica da literatura angolana, Carlos Ervedosa afirma no seu *Roteiro da Literatura Angolana*<sup>[7]</sup> que Alda Lara foi a “melhor expressão” da responsabilidade histórica dos jovens estudantes exilados da terra natal. Por isso os poemas “Regresso” e “Rumo” são, da obra de Alda Lara, os mais reconhecidos e reclamados pelos intelectuais angolanos. É importante dizer que Carlos Ervedosa também passou pela Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, e viria a ser o director da revista *Mensagem*, de Luanda, publicada em 1951 e 1952, revista a que está associado o movimento intelectual e político “Vamos descobrir Angola”, aquele a que se atribui a consciencialização entre os intelectuais angolanos de que era necessário criar uma literatura angolana própria, para além das representações deformadas de Angola, ora exóticas ou completamente “higiénicas” e convenientes, que circulavam na literatura colonial. Por isso o testemunho de Carlos Ervedosa tem grande credibilidade na canonização que propõe para a obra de Alda Lara. Da mesma forma e com o mesmo intuito, Luandino Vieira organizou em 2012, em Cerveira, na Porta XIII – Associação poética de todas as Artes, uma sessão sobre a poesia de Alda Lara, evento que contribuiu para a actual renovação do interesse por esta figura dentro do sistema literário angolano, recuperando-a de uma certo silenciamento a que foi vetada.

---

7 Edição original de 1979, 4a edição, s/d, publicada pela União de Escritores Angolanos.

É pela justaposição da valorização do papel de Alda Lara por Carlos Ervedosa e Luandino Vieira, em articulação com o contexto de consciencialização de um projecto para o futuro de Angola que estava nas mãos dos jovens intelectuais de meados de cinquenta que se pode compreender como “Rumo” é um poema tão importante e diz as palavras necessárias para essa geração se encontrar e assumir uma luta política com a dimensão histórica que hoje conhecemos.

Mário António (Fernandes de Oliveira), escritor angolano, cita Alda Lara na sua dissertação intitulada *a Formação da Literatura Angolana (1851-1950)*, (1985, posteriormente publicada em 1997). Ecoando as palavras de Carlos Ervedosa na recepção da poesia desta autora, diz Mário António que Alda Lara foi “Uma das vozes que melhor chegariam a esse desiderato [anunciar pela literatura um pré-nacionalismo]” (Mário António, 1997: 352), ao clamar pela terra angolana como missão e horizonte de um projeto futuro. Ao mesmo tempo, a poesia de Alda Lara assume uma identidade angolana como factor distintivo em relação a qualquer continuidade com Portugal. Essa visão está explícita em *Regresso*: “Não mais o pregão das varinas/ nem o ar monótono, igual/ do casario plano! (...) Os meus sentidos/ anseiam pela paz das noites tropicais”. A vontade de partir de Portugal para regressar ao lugar de pertença (Angola), separa os dois espaços, marcando pela rejeição o estar/ser português. Porque afirma então Laura Padilha que em Alda Lara “o regresso à Terra não significa uma rotura com a metrópole” (in *Voz e Letra*, 2007: 172)? Porque a omitem Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro do *Caderno de Poesia negra de Expressão Portuguesa* (1953)? Em primeiro lugar, e comentando a afirmação de Laura Padilha, a questão não é encontrar-se na poesia de Alda Lara qualquer espécie de identificação com Portugal ou com o colonialismo. Aquilo que Laura Padilha lê como uma recusa da rotura é o facto de Alda Lara não apoiar a guerra como solução política, o que está aliás bem patente na obra da autora. Considere-se a título de exemplo o poema *Apele*:

## APELO

Na outra margem do rio,  
 (e eu vejo-a!)  
 há campos verdes de esperança,  
 abandonados ao calor de um sol eterno...

Na outra margem do rio,  
 onde não chega o inverno,  
 Há campos ondulantes de searas maduras,  
 Para os pobres matarem nelas  
 Todas as fomes do mundo...  
 Na outra margem,  
 Tudo se começa de novo  
 E não há dias passados  
 Que amargurem os desgraçados...  
 Não há dinheiro,  
 E os homens dão-se as mãos,  
 Que pelo dia inteiro  
 Ouvi as canções que os seus lábios entoaram...

Alda Lara, *Apelo* (excerto), 1949

Será este desencontro da poesia idealista e cristã de Alda Lara com uma agenda bélica ou mesmo revolucionária que pode explicar a sua não inclusão no *Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, justificando-se as palavras de Laura Padilha. Embora os poemas da Alda Lara representem a comunhão afetiva com os irmãos negros e a terra angolana como mãe, a verdade é que a sua linguagem não evoca uma ancestral cultura negra, ou africana. Não há em Alda Lara o culto de uma identidade negra, nativista ou essencialista, e a sua visão de Angola une angolanos negros, brancos e mestiços (Alda Lara era branca), sem demarcar uma oposição binária entre negros e brancos, oprimidos e opressores que é afinal o âmago da *Negritude*. É então a *Negritude* uma forma de racismo inverso? Sartre é bastante claro no seu “Orphée Noir”, a seminal introdução que escreveu à *Anthologie de la Nouvelle poésie nègre et malgache* (1948) de Senghor:

Voici des hommes noirs debut qui nous regardent et je vous souhate de ressentir comme moi le saisissement d’être vus. Car le blanc a joui trois mille ans du privilège de voir sans qu’on le voit; il était regard pur, la lumière de ses yeux tirait toute chose de l’ombre natale, la blancheur de sa peau c’était un regard encore, de la lumière condensée. L’homme blanc, blanc parce qu’il était homme, blanc comme le jour, blanc comme la vérité, blanc comme la vertu, éclairait la création comme une torche, dévoilait l’essence secrète et blanche dès êtres. Aujourd’hui ces hommes noirs nous regardent et notre regard rentre dans nos yeux; des torches noires, à leur tour, éclairent le monde et nos têtes blanches ne sont plus que de petits lampions balancés par le vent. (...)

Nous voilà finis, nos victoires, le ventre en l'air, laissent voir leurs entrailles, notre défaite secrète.

Jean-Paul Sartre, *Orphée Noir*, 1948

eticamente, a Negritude é muito superior a uma mera inversão do sentido da agressão. Segundo Sarte a Negritude é a retribuição de um olhar, um mais do que necessário reequilíbrio do sentido de humanidade, um insulto justificado à desumanidade do colonialismo branco, que os poetas negros denunciavam, fazendo o ocidente “perder a face” perante o confronto com um olhar consciente de si e acusador.

O olhar de Alda Lara, filha de ricos colonos, não acusa a cicatriz de racismo que o olhar retributivo da Negritude cauteriza ao afirmar o orgulho em ser-se negro, herdeiro de uma ancestral e elaborada cultura africana (entendida em termos de continente, como um todo). Alda Lara propõe um *Rumo*, mas não cativa fileiras para a revolução, nem procura recuperar uma ancestral cultura negra. É outro o seu projecto, e compreende-se que não figure nas páginas da antologia de Tenreiro e Andrade.

Mas hoje em dia, à distância de mais de cinquenta anos, a urgência e as demandas que pendiam sobre a escrita angolana já não se põem da mesma forma, e temos que rever a obra de Alda Lara pelo que fez e não pelo que não fez. Aliás, ironicamente, a marginalização da obra da Alda Lara segue o mesmo itinerário que o ocaso da popularidade da Négritude, num paralelismo surpreendente. Mas esquecer a importância que a Négritude teve a favor da apologia dos diversos nacionalismos é um grave erro conceptual. Os segundos são subsidiários do impulso da primeira, algo que parece ainda não ter sido dito com toda a frontalidade, embora o trabalho de Pires Laranjeira seja um notável e pioneiro contributo na sua capacidade de ver o peso que teve a Négritude no mundo de língua portuguesa. Da mesma forma, no enquadramento da obra de Alda Lara – tal como na compreensão do impacto da Négritude – torna-se necessário valorizar a reflexão centrada sobre uma terra mãe que é uma alternativa à continuidade do colonialismo. Pensar Angola já era pensar para além da lógica das chamadas “províncias ultramarinas”. Por isso um colonial cordão umbilical já não faz parte da visão do mundo exposta nos poemas de Alda Lara. Além do mais, os seus versos denunciavam a pobreza, a fome, a exploração das amas negras e das prostitutas dos bairros pobres, desenvolvendo uma reflexão social que corrói a hipótese de qualquer apoio ao mundo colonial.

Em *C.E.I. Ceiteiro do Sonho, Geração da “Mensagem”* – tese elaborada por Maria Rosa Sil Monteiro (2001), a autora fez algo absolutamente necessário para se compreender a obra da Alda Lara: estudou o boletim “Mensagem”, da Casa dos Estudantes do Império, como um fórum de discussão, profundamente formativo para todos os jovens intelectuais que ali se encontraram, alguns deles futuros líderes de vários movimentos nacionais (sublinho pelo menos Agostinho Neto e Amílcar Cabral, e recordo o papel de Viriato da Cruz e de Mário Pinto da Andrade no MPLA). É neste contexto colectivo, transnacional e deslocado em relação à cena literária em formação em cada um dos vários territórios nacionais que Alda Lara se revela figura central, num momento de “pré-nacionalismos” (como diz Mário António), que realmente é obliterado pelo advento de diversas literaturas nacionais de África, explicitamente empenhadas no projecto de libertação nacional, o qual lhes confere uma dimensão épica e histórica que empalidece a tranquila voz de Alda Lara. Mas antes de se dizer “nação” ou “pátria” (e Alda Lara tem um poema sobre Angola que se chama *Pátria*, mas que ficou inédito até à publicação póstuma em 1967 e 1979<sup>[8]</sup>) foi necessário formar elites conscientes e comprometidas. E foi nesta parte do processo, como voz interventiva, que se empenhou Alda Lara. Num outro plano, e porque a Négritude partilhou com a obra da Alda Lara uma marginalização em relação a cânones literários africanos que hoje em dia não faz sentido, note-se que também foi essencial que as populações de África descobrissem uma identidade para além da de indígena ou assimilado para se entenderem como angolanos, ou por exemplo, guineenses, e foi a esta demanda que a Negritude tentou responder recuperando para a subjectividade das pessoas de cor o orgulho em ser-se negro. Se, com Rosa Sil, consideramos que a Negritude reclama a noção de “uma cultura original, ou de culturas originais, que o colonialismo desviou do seu curso natural” (2001: 19) mas que importa tentar recuperar apesar das deformações, interrupções e fragmentação, então, um movimento cultural e filosófico como o idealizou Léopold Senghor foi importante para se começar a conceber uma identidade politizada, consciente de si, entre os intelectuais africanos. É precisamente esse o contributo de Alda Lara, no CEI, em Lisboa, escrevendo e declamando poesia aos seus colegas, mesmo se os termos da poesia da Alda Lara não coincidam totalmente com a estética da Négritude e muito menos com uma escrita marxista. No entanto, o intuito

---

8 Respectivamente pela Imbondeiro e pela União de Escritores de Angola, e que reaparece depois em Portugal, em 1997 e 2005, em duas edições da obra completa.

da sua escrita e da sua actividade cultural e pública, realizada no curto período do início dos anos cinquenta, sobretudo no CEI, foi intensamente formativo para a geração de estudantes africanos dessa época, e teve portanto um papel impactante junto de alguns daqueles que viriam a tornar-se figuras históricas.

Quando Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro organizam em 1953 a primeira *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa*<sup>[9]</sup> incluem duas mulheres, Noémia de Souza e Alda do Espírito Santo, mas não Alda Lara. Mais tarde, Mário Pinto de Andrade publica uma outra versão, alargada, desta antologia, em 1958, e Alda Lara não é novamente incluída. Creio que os intelectuais activistas do C.E.I., como Mário Pinto de Andrade, passaram muito rapidamente da consciencialização promovida pelo movimento da Negritude, de afirmação cultural e de auto-descoberta da civilização negra, a uma visão mais pragmática da necessidade de organizar a luta armada. Num momento em que se pretende, a nível da criação de cânones nacionais (neste caso angolano) uma poesia que galvanize, que revolte, que incite a agir, Alda Lara escrevia “Presença Africana”, poema de 1953 que evoca o nome da revista parisiense cujas páginas deram a conhecer ao mundo os cambiantes do movimento da Negritude, e onde Alda Lara assume ainda a proximidade em relação a este movimento:

### PRESENÇA AFRICANA

E apesar de tudo,  
Ainda sou a mesma!  
Livre e esguia,  
filha eterna de quanta rebeldia  
me sagrou.  
Mãe-África!  
Mãe forte da floresta e do deserto,  
ainda sou,  
a Irmã-Mulher  
de tudo o que em ti vibra  
puro e incerto...

A dos coqueiros,  
de cabeleiras verdes

9 A fundadora *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache*, organizada por Leopold Senghor, é de 1948.



e corpos arrojados  
sobre o azul...  
A do dendém  
nascendo dos abraços das palmeiras, ...  
A do sol bom, mordendo  
o chão das Ingombotas...  
A das acácias rubras,  
Salpicando de sangue as avenidas,  
Longas e floridas...

Sim!, ainda sou a mesma.  
A do amor transbordando  
pelos carregadores do cais  
suados e confusos,  
pelos bairros imundos e dormentes  
(Rua 11!...Rua 11!...)  
pelos negros meninos  
de barriga inchada e olhos fundos...

Alda Lara, *Presença Africana* (excerto), 1953

A evocação de ancestrais culturas africanas é em Alda Lara substituída pela descrição da paisagem e sublinharia na última estrofe as notas de consciência social que denunciam os efeitos do colonialismo/capitalismo. Mas, como diz o crítico angolano Jorge de Macedo em *Literatura angolana e Texto literário* (1989), o que se pretendia em 1950 da literatura angolana era algo de teor mais agressivo:

Em Angola, o nacionalismo, expressamente proclamado pelo movimento Vamos Descobrir Angola, faz da literatura arma de revolução, com todas consequências lógicas, tais como a preferência por temático sobre o protesto, denúncia, lamento, miserabilismo, a prisão, a tortura, o desejo de emancipação.

Jorge de Macedo, 1989: 31

Num período posterior, nos anos 70/80, a escrita em português segundo a norma de Portugal terá sido um outro factor de alienação da obra da Alda Lara. Faltavam as marcas de apropriação da língua portuguesa, por exemplo através do jogo intertextual com a oralidade, ou pelo bilinguismo português/quimbundo, tão essencial à obra de Luandino Vieira. Também se festejaria o registo

da vida e do linguajar das camadas proletárias da sociedade. E no entanto, o estudo de Jorge Macedo refere Alda Lara como autora Angola que prefere, tal como outros escritores angolanos “a angolanidade literária no quadro do uso vernáculo da língua portuguesa” (1989: 63). Mais explícito em relação a códigos (não escritos) de marginalização de literatura que não servisse um projecto político é Pires Laranjeira, que afirma, na sua introdução à antologia *Negritude Africana de Língua Portuguesa* (2000: 13) que a Negritude tornou-se anátema para o movimento Marxista, que estava interessado numa escrita de propaganda dentro de uma lógica de “guerra cultural” tal como a definiu Amílcar Cabral<sup>10</sup>.

Passado o momento da luta pela independência, e afirmando-se alguma distância entre uma visão Marxista e o papel utilitário a que esta reduzia a literatura, a poesia de Alda Lara encontrou o seu lugar. Desde a antologia *No Reino de Caliban* (volume II, Angola e S. Tomé e Príncipe, (1976) 1988), organizada pelo professor Manuel Ferreira, à antologia coordenada por Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos (Rio de Janeiro: 2003), passando pelos estudos críticos angolanos, portugueses e brasileiros, a verdade é que Alda Lara não sendo figura central é figura constante.

Uma outra dimensão da divulgação da obra da Alda Lara passa pela bem conhecida canção *Mãe Negra*, de Paulo de Carvalho, que tem por letra um poema da Alda Lara a que autora chamou *Prelúdio*. A partir da referência a este poema apontaria como Alda Lara efectivamente também canta a vida proletária de Luanda, neste caso, a partir da figura das amas.

Por fim, para além da necessária discussão do lugar da obra de Alda Lara na história literária angolana sublinha-se uma outra vertente crítica da sua poética, focada nas expectativas sociais de género, no âmbito de famílias privilegiadas. A educação tradicional e os correspondentes padrões de decoro são representados por Alda Lara como um processo de estupidificação, de castração interior, para domesticar as mulheres. Dentro desta temática, cita-se *As Belas Meninas Pardas*, texto profundamente irónico, que desconstrói a validade de uma educação uniforme e limitativa:

---

10 Vejam-se as páginas XVII e XVIII da introdução ao livro *Negritude Africana de Língua Portuguesa, Textos de Apoio (1947-1963)* de Pires Laranjeira (2000). Ver também “Libertação Nacional e Cultura” de Amílcar Cabral in *Malhas que os Impérios Tecem, Textos Anticoloniais, Contextos Pós-coloniais*, Manuela Ribeiro Sanches (org.), Lisboa: Edições 70.

### AS BELAS MENINAS PARDAS

As belas meninas pardas  
são belas como as demais.  
Iguais por serem meninas,  
pardas por serem iguais.

Olham com olhos no chão.  
Falam com falas macias.  
Não são alegres nem tristes.  
São apenas como são,  
Todos os dias.

E as belas meninas pardas,  
estudam muito, muitos anos.  
Só estudam muito. Mais nada.  
Que o resto, traz desenganos...

Sabem muito escolarmente.  
Sabem pouco humanamente.

Nos passeios de Domingo,  
Andam sempre bem trajadas.  
Direitinhas. Aprumadas.  
Não conhecem o sabor que tem uma gargalhada,  
(Parece mal rir na rua!)  
E nunca viram a lua,  
debruçada sobre o rio,  
às duas da madrugada.  
Sabem muito escolarmente.  
Sabem pouco humanamente.

E desejam sobre-tudo, um casamento decente...

O mais, são histórias perdidas...  
Pois que importam outras vidas?...  
Outras raças?... Outros mundos?...  
Que importam outras meninas,  
felizes, ou desgraçadas?!...

As belas meninas pardas,  
dão boas mães de família,  
e merecem ser estimadas...

Alda Lara, *Poemas*, 1959

Na voz, no olhar, nos sentimentos pré-determinados, ajustados ao protocolo social, descreve-se a educação da estimável mãe de família para a indiferença pelo que se passa para além dos limites do seu pequeno mundo super-protegido. A consciência dos limites descritos revelam na voz poética um outro “saber humanamente”, o qual demarca poeta e leitor para além dos estreitos horizontes impostos pela educação tradicional a essas “belas meninas iguais”. Em termos de género Alda Lara é igualmente importante por estabelecer com a Moçambicana Noémia de Sousa e a S. Tomense Alda do Espírito Santo um outro tipo de paralelismo transnacional, que marca a sintonia dos movimentos de libertação dos países de África colonizados por Portugal. Estas três mulheres, figuras fundadoras nas literaturas dos seus respectivos países, contribuíram, com os seus poemas, para uma tomada de consciência política, em rejeição do colonialismo e em rotura com ideologias racistas. Também por isso recuperar a obra de Alda Lara em paralelo com a poesia de Alda do Espírito Santo e Noémia de Sousa constitui uma pertinente contribuição para estas histórias literárias, demarcando a voz feminina e suas genealogias.

## Referências:

- CÉSAIRE, Aimé (1939), *Cahier d’ un Retour au Pays Natal*, Paris: Volontés.
- ERVEDOSA, Carlos (1979), *Roteiro da Literatura Angolana* [Edição original de 1979], 4ª edição, s/d, publicada pela União de Escritores Angolanos.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares, *Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas*, disponível em: [http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas\\_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15\\_Partec3\\_arto6.pdf](http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15_Partec3_arto6.pdf) Acedido em 19 de Junho 2013.
- LARA, Alda, *Poemas*, Porto: Vertente, s/d.
- LARANJEIRA, Pires (1995), *A Negritude Africana de Língua Portuguesa*, Porto: Edições Afrontamento.
- LARANJEIRA, Pires (2000), *Negritude Africana de Língua Portuguesa, Textos de Apoio (1947-1963)*, Braga: Angelus Novus.
- MACEDO, Jorge (1989), *Literatura angolana e Texto literário*, Luanda: União de Escritores Angolanos e Edições Asa.

- MONTEIRO, Maria Rosa Sil (2001), *C.E.I. Celeiro do Sonho, Geração da 'Mensagem'*, colecção Poliedro, Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.
- RIBEIRO, Margarida Calafate e Laura C. Padilha (org.) (2008), *Lendo Angola*, Porto: Afrontamento.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) (2011), *Malhas que os impérios tecem, textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*, Lisboa: Edições 70.
- SARTRE, Jean-Paul (1948), "Orphée Noir", in Léopold Senghor, *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*, Paris: Presses Universitaires de France.
- SENGHOR, Léopold Sedar (coord.) (1948), *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache*, Paris: Presses Universitaires de France.
- SOARES, Francisco (2001), *Antologia da Nova Poesia Angolana (1985-2000)*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.



# LITERARY CARTOGRAPHIES AND HUMANISTIC CRITICISM. THE INDIAN OCEAN AS A “CRITICAL PARADIGM”<sup>[1]</sup>

Elena Brugioni

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

A historical study centred on a stretch of water has all the charms but undoubtedly all the dangers of a new departure.

Fernand Braudel

There is no question that the history of the Indian Ocean world is enmeshed with its poetry and in some ways propelled by it.

Sugata Bose

The critical and literary cartographies that have been developed in order to systematize the so-called *African Literatures*<sup>[2]</sup> are usually grounded in spatial and/or linguistic conceptualizations which represent the operational paradigms to define the very field of African Literary Studies. In other words, African literary systems are frequently charted through the operationalization of a political spatial cartography, i.e., national literatures, or regional literatures – Mozambican Literature, Western African Literatures, etc – or through a linguistic definition – *Lusophone, Anglophone, Francophone African Literatures*, among others –. However, these literary cartographies often overlap, determining the

---

1 This article which proposes a critical intersection between African Literature and Indian Ocean Studies is a part of the Postdoctoral Research Project financed by the Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Programa Operacional Potencial Humano e Fundo Social Europeu - [SFRH/BPD/62885/2009] that I am currently developing at the Centre for Humanistic Studies of the University of Minho - CEHUM. I would like to acknowledge my colleague Andreia Sarabando who kindly revised this text.

2 The definition of African literatures comprises a number of critical and operational problems concerning the very meaning of this notion and its operational use. This and other contested concepts will appear in the text in italics.

occurrence of transnational definitions, always already narrow and problematic, highlighting a number of relevant epistemological questions concerning a contextually situated approach to these representations.

When observing, for instance, critical production in the field of *African Literary Studies* such as literary histories, anthologies and critical essays, the linguistic criteria still appears to be relevant and persistent, promoting a very specific definition of African texts and authors, and particularly pointing to a number of epistemological questions concerning the cultural and institutional affirmation of specific representational practices, fields of knowledge and areas of study that are placed outside the so called *Western canon*. An example amongst many is, for instance, the exclusion of the so called “literatures from the Guiné Bissau” (Ribeiro & Semedo, 2011) from the regional definition of *West African Literatures*, to which Jessica Falconi has drawn attention (Falconi, 2012: 209). Another example could be *The Cambridge History of African and Caribbean Literatures*, edited by Abiola F. Irele e Simon Gikandi (Irele, & Gikandi, 2009), where the thematic definitions or the regional systematizations of African Literatures also seem to be subordinated to a linguistic criteria, including not only the so called *Europhone African Literatures* (Zabus, 2007) but authors and literary systems written in the so called *African languages*, such as Afrikaans, Arab, Yoruba, Kikuyu, Hausa, Swahili, Wolof, among others. Both cases seem to reveal the operationalization of the linguistic criteria in order to systematize and critically approach *African Literatures*, putting forward a number of critical and epistemological problems concerning the linguistic identity as a critical paradigm within the very field of *African Literary Studies*. Nevertheless, the *linguistic paradigm* represents a very significant critical aspect, suggesting a number of theoretical questions linked with the relationships established between different practices of cultural representations within a *community* built upon what Blanchard has defined as the “colonial fracture”:

Defining the colonial fracture in all its dimensions is not simple. This concept attempts to, simultaneously, make sense of the tension and the effects of postcolonialism, and to cover multiple realities and heterogeneous situations. These realities and situations can, to a certain extent, be considered as taking into account the long-term processes related to the colonial situation. Therefore, one should not look for systematic coherence amongst the effects of this fracture, for it affects different fields in different ways, which are not necessarily related.

Blanchard, 2005: 13 (my translation)



Coincidentally, in relation to the communitarian discourse that, within the Portuguese context, is inevitably linked with the relations between the former empire and the former colonies, the recuperation of situations and realities related with Portuguese colonial history appears to be a key element to decolonize practices and imaginaries that inform the so called *Lusophone community*, the conceptual and operative articulations of which still seem to project a colonial order.

From a critical perspective, as well as from the point of view of its political developments – I am referring, for example, to international organizations such as the Community of Portuguese Speaking Countries [CPLP - Comunidade do Países de Língua Portuguesa] –, the relationship between language and colonization still needs to be questioned and deconstructed, and a critical approach to the heterogeneity of the realities and the situations related with this community needs pursuing, so that it leads to the examination of the ideologies, practices and imaginary brokered by this relationship. Regarding the *linguistic question* – which can be considered a crucial paradigm within the critical field of *African literatures* – one could point out that, as Antonio Gramsci said:

Whenever the question of language arises, in one way or another, it means that a number of other problems is imposing: the formation and expansion of the ruling classes, the need to establish more intimate and secure relationships between the leaders and the national-popular mass, in other words, the reorganization of cultural hegemony.  
Gramsci, 2007 (my translation)

Therefore, the occurrence of the linguistic paradigm and, thus, its operational use within the formation of specific disciplines and critical apparatus is a relevant conceptual and epistemological critical issue whose problematization allows to reflect upon a set of processes and relational dynamics that characterize what has been defined as *postcoloniality*. Within *Western academic* and *critical* contexts, the *linguistic paradigm* seems to remain particularly relevant in order to define the so-called *African Literary Studies*, addressing language identity as a criteria to read and place texts and authors whose writing suggests a wide variety of differential dimensions and imaginaries. Furthermore, the occurrence of institutional and disciplinary systematizations based on the *linguistic paradigm* becomes a determining factor with regard to the theoretical and epistemological frameworks that characterize the critical field that deals with these litera-

tures, where the issues raised address linguistic identity as a criteria of analogy and similarity. However, on this matter, it is important to stress the diachronic dimension that characterizes the affirmation of *Lusophone African Literatures* as a discipline, as well as its critical field, by considering the continuum between colonial and postcolonial space and time, which suggests the need to observe these disciplinary ambiguities from a critical and epistemological repositioning of the “colonial fracture” (Blanchard, 2005). In fact, the limited autonomy of the so-called *Lusophone African literatures* and their field of study should be critically observed taking into account the specificity of a reception whose imaginary doesn’t yet seem to have been decolonized. This points to a conceptual and epistemological ambiguity characterized by the overlap between colonial literatures – *literature colonial, literaturas ultramarinas* – and African literatures.<sup>[3]</sup> This is a critical development related with the long-term process of the colonial situation, inscribing in the theoretical, cultural and literary fields relations and ideologies that reproduce, in the postcolonial space/time, a colonial order. In this light, the notion of imaginary becomes central, regarding the practices of deconstruction of epistemic and conceptual ambiguities that mark the critical canon of *African literatures*.

However, along with the linguistic question – which constitutes the starting point for an urgent and necessary theoretical reflection –, another important aspect is represented by the so-called *national paradigm*, whose conceptual and theoretical articulation makes use of the concept of nation to promote a specific definition of cultural identity. Within this perspective, literature is considered as a representation that is coincident with the process of the nation building, and, therefore, observed as a cultural practice that can be valued for its degree of rupture between colonial and postcolonial space and time. Highlighting the importance of the national paradigm in order to promote an institutional consolidation of the field of study of *African Literatures*, as well as to approach text and authors that appeal to the so called “narrating the nation” (Bhabha, 1990), the national paradigm also seems to point to a set of significant critical and methodological issues. If on the one hand, the national perspective is essential – both at an institutional and a critical level – in order to deconstruct what Manuela Ribeiro Sanches defines as “the Lusophone of the discipline” (Sanches, 2007), on the other hand, it contributes to the building of critical

---

3 See Livia Apa “L’emergenza di una letteratura post-coloniale: il caso della letteratura mozambicana” (Apa, 1997) for a discussion of the so-called “olhar ultramarino”.

and conceptual apparatus whose specificity seems sometimes to promote an “exotic” vision (Huggan, 2001) or perhaps a “romantic-nativist” (Soyinka, 1975 and 1978) approach to African texts, and their meanings within local or global perspectives.

Therefore, the use of alternative critical and epistemological paradigms to approach *African Literatures* becomes paramount in order to respond to the challenge posed by literary texts, contributing, at the same time, to the deconstruction of critical productions that seem to be “haunted” by ambiguous ideologies whose theoretical instances and operational deployments point to a number of significant problems with respect to the reading of cultural representations within a global context. It is worth noting that:

As all literary texts generally tend to do, African novels often give us clues that we might use to understand and appreciate them. In this sense, many novels theorize themselves, initiating, in the grammar of narrative, how we might go about reading them with profit.

George, 2010: 21

Furthermore, from a disciplinary point of view, the emergence of alternative cartographies is provided by the integration of different areas of study and fields of knowledge whose intersection provides the appearance of conceptual and theoretical frameworks that seem to respond more accurately to the challenges faced today by humanistic practice and critique.<sup>[4]</sup>

A more accurate definition of the critical reflection I strive to develop in this article can be explained as the need to situate this itinerary within a more specific disciplinary perspective which will be essential to emphasize the critical and operational dimensions of what has been defined as the “paradigm of the Indian Ocean”.

By operationalizing the relationship between space and history – following the reflection proposed by Fernand Braudel – and by addressing the sea as a place of historical, economic and also cultural relations (Braudel, 1985), Indian Ocean Studies [IOS]<sup>[5]</sup> provide a set of epistemological itineraries that define the Indian Ocean from the perspective of an “inter-regional arena”

---

4 This perspective is developed by Michael Pearson through a critical review of the disciplinary and epistemological variety comprehended by Indian Ocean Studies (Person, 2011)

5 For an essential bibliography on *Indian Ocean Studies*, see Bose 2006, Fawaz & Bayly 2002, Kearney 2004, McPherson 1993, Pearson 2003, Vergès 2003.

(Bose, 2006: 6) and thus as a “network of dynamic and structured relationships” (Chaundhury, 1990) whose articulation privileges specific links, contacts and dissonances between “worlds” that are simultaneously separate and yet contiguous. As Sugata Bose points out:

The Indian Ocean is better characterized as an “interregional arena” rather than as a “system”, a term that has more rigid connotations. An interregional arena lies somewhere between the generalities of a “world system” and the specificities of particular regions.  
Bose, 2006: 6

The relationship between *regional entity* and *world system* that the definition of the Indian Ocean as an “arena” proposes to promote is based on the need to problematize spatial constructs that seem to project a certain coloniality of knowledge, as noted by Sugata Bose:

Regional entities known today as the Middle East, South Asia and Southeast Asia which underpin the rubric of Area Studies in the Western academy, are relatively recent constructions that arbitrarily project certain legacies of colonial power onto the domain of knowledge in the post-colonial era. The world of the Indian Ocean, or for that matter, that of the Mediterranean, has a much greater depth of economic and cultural meaning. Tied together by webs of economic and cultural relationships, such arenas nevertheless had flexible internal and external boundaries. These arenas, where port cities formed the nodal points of exchange and interaction, have been so far mostly theorized, described, and analyzed only for the premodern and early modern periods. They have not generally formed the canvas on which scholars have written histories of modern era.  
Bose, 2006: 6-7

Nowadays this specific articulation of spatial perspectives works on the critical assumption that, as KN Chaundhury puts it:

Space is a more fundamental, rational and *a priori* dimension for social action than time-order and succession (...) Space takes precedence in historical understanding over its complementary field of chronology.  
Chaundhury, 1990: 112-113

In other words, the spatial dimension appears as a paradigmatic and essential element for a historical, economic and cultural approach to subjects, situations and relationships within a particular context, highlighting a number of specifi-

ties that characterize the so-called Indian Ocean World. In other words, from a cultural and literary point of view, as has been stressed by Isabel Hofmeyr:

We need to think of the Indian Ocean as the site par excellence of ‘alternative modernities’; those formations of modernity that have taken shape in an archive of deep and layered existing social and intellectual traditions.

(...) Understanding political discourse and action, then, becomes a task of understanding a complex layered precolonial, colonial and postcolonial archive in which versions of modernity are negotiated in an ever-shifting set of idioms around ‘tradition’.

Hofmeyr, 2007: 13

It is by operationalizing the “paradigm of the Indian Ocean” that the conceptual constellations that mark the critical field of *African literatures* – tradition, modernity, nation, difference, race, community, etc. – will benefit from a situated revision, one that is able to deconstruct the process of “commodification of difference” (Ahmad, 1992) that seems to characterize multiple instances of the reception of African literatures,<sup>[6]</sup> and thus redefine the critical apparatus that shapes literary postcolonial epistemologies, and put forward alternative conceptual frameworks, imaginaries and cultural repertoires. Moreover, this conceptual and epistemological revision allows for the emergence of different theoretical constellations that are not solely based on the opposition between coloniality and the post-colonial condition nor grounded upon the concept of linguistic identity, but rehearse a number of contextual specificities that appear to be crucial in order to read and situate contemporary African writing. The reflection developed by Isabel Hofmeyr on “people and passages” in the Indian Ocean (Hofmeyr, 2007: 10) is a paradigmatic example where a situated revision of the concept of *slave*, *settler* and *free migrants* is proposed via a counterpoint with the specific perspective of the Atlantic:

The differences from the Atlantic model have been summarised by Gwyn Campbell: the Indian Ocean trade was largely female, not male; it involved predominantly household slaves rather than plantation workers; the boundaries between slave and free were much more blurred than in the Atlantic; and, furthermore, the association of race and slavery did not exist in any marked form.

Campbell, 2004b *apud* Hofmeyr, 2007: 14

(...)

---

6 For more about the so-called *Lusophone African Literatures*, see Brugioni 2013.

As the discussion of Campbell (2004a & 2004b) has already indicated, the Indian Ocean makes a difference to the question of ‘who is a slave’ or, put in different terms, understandings of the relationship of slavery and freedom. In this regard, the Atlantic model has become invisibly normative. The state of slave and free are clearly demarcated and, furthermore, racialised. This starkness plays itself out in a number of domains. In much political theorisation, notions of subjectivity, sovereignty, autonomy and freedom tend to pivot on the idea that slavery and freedom are neatly separable states. This absolute distinction is also apparent in traditions of anti-colonial thinking and the hydraulic paradigms of domination and resistance to which these give rise. In such analyses, the domain of ruler and ruled, oppressor and oppressed, are apparently distinct and legible. (...) Slavery in the Indian Ocean is more complex: the line between slave and free is constantly shifting and changing.

Hofmeyr, 2007: 14

As shown by Hofmeyr, literatures from the Indian Ocean World explore these aspects remarkably, suggesting a number of cultural, historical and social situations that give us the dimension of the complexity of this “inter-regional arena” (Bose, 2006) and its specificities.

As far as the so-called *Lusophone African Literatures* are concerned, the paradigm of the Indian Ocean would provide relational perspectives still undeveloped to approach, for example, Mozambican Literature in a transnational dimension, determining a redefinition of topics, imaginaries and specificities that seem to feature significantly in Mozambican literary writing.<sup>[7]</sup> This is a proposal that redefines the semantic and cultural repertoires summoned and appointed by this literature, while contributing to a reconfiguration of the relationship between literary medium and contextual specificities. Thus, as Francisco Noa states:

[The] Indian Ocean (...) establishes itself as a source and motivation for different universalisms and modernities that, to a certain extent, challenge Western and European varieties, especially those that are inevitably linked to processes of hegemonic affirmation. Thus, we witness the drawing up of a cartography that goes far beyond the limits of local or national boundaries, and that, by investing in imagination, transcends the “era of territoriality” (Bose 2006: 277) of cultural identity that characterizes the period of nationalistic affirmation.

Noa, 2012 (my translation)

---

7 For a critical reading of Mozambican poetry throughout the paradigm of the Indian Ocean, see Falconi 2008, and Noa 2012.

It is interesting to read, for example, the literary work of João Paulo Borges Coelho in this light. His writing proposes an original outline of the relation between space and time, thus redefining the so-called national cultural context through an emblematic repositioning of facts and subjects within a transnational space and time framework.<sup>[8]</sup> It is in its engagement with a complex relationship between time and space that the literary work of Borges Coelho points to a contextual dimension that blurs the boundaries of the national space, putting forward relationships and dynamics that must be observed through a critical perspective that goes beyond a linguistic cartography as well as a national geopolitical context.<sup>[9]</sup> Furthermore, in observing some of the works produced by contemporary African writers<sup>[10]</sup>, the Indian Ocean appears to be a “new paradigm for transnationalism for the Global South” (Hofmeyr, 2007). Also, approaching the Indian Ocean from a literary and cultural perspective adds an important dimension to the very field of *Indian Ocean Studies*, as Michael Pearson predicts:

Literary studies, really combined with cultural studies tendencies, have only just begun to appear. Yet this area will undoubtedly flourish soon, inspired possibly by several important collections which only deal in part with our ocean.

Pearson, 2011: 80

In other words, critical and epistemological approaches based on heteroglossic, transnational and transdisciplinary paradigms, such as the Indian Ocean, represent a crucial step in order to promote alternative and situated readings within the so-called African Literary Studies, simultaneously contributing to a more organic and complex consolidation of the study of the Indian Ocean World, as Pearson points out:

---

8 I am referring, for example, to the two collections of short stories *Índicos Índicios I - Setentrião* (2005) and *Índicos Índicios II - Meridião* (2005) or to the novel *O Olho de Hertzog* (2010). In both cases, the spatial dimension occurs as a narrative paradigm, highlighting a number of emblematic transnational relations.

9 On the other hand, Borges Coelho's literary work seems to contribute to a reconfiguration of the so-called national context. For a critical reading of the literary work of this author, see Chaves 2008 and Can 2011.

10 Among many possible counterpoints, I am thinking about authors like Abdulrazak Gurnah, Abdourahman A. Waberi, Ananda Devi, Imraan Coovadia, Jean-Luc Raharimanana, Khal Torabully and Nuruddin Farah, whose literary work is characterized by themes and subjects that can be read though the operationalization of the paradigm of the Indian Ocean.

The Indian Ocean World, if indeed there is such a thing, is notoriously diverse. Over forty states today, many languages, cultures, religions, topographies and a vast body of histories, often difficult to access. No person can hope to master all this. Obviously, the need is for collaboration, especially between people with different language skills. Then, in a decade or so maybe some latter day Braudel will synthesise what I hope will be a vast body of new and provocative work.

Pearson, 2011: 82

To conclude, the transdisciplinary approach coming out of these disciplinary encounters will contribute to the consolidation of Indian Ocean Studies as a specific and organic field of studies, providing alternative critical paradigms and epistemologies that will enrich humanistic critique and thus re-position literary practice amidst a vital field of knowledge, in order to better embrace and understand the challenges of contemporaneity.

## References

- AHMAD, Aijaz (1992), *In Theory: Classes, Nations, Literatures*, London and New York: Versus.
- APA, Livia (1997), “L’emergenza di una letteratura post-coloniale: il caso della letteratura mozambicana”, *Palaver*, 10: 37-51.
- BLANCHARD, Pascal et al (Orgs.) (2005), *La Fracture coloniale. La société française au prisme de l’héritage colonial*, Paris: La Découverte.
- BHABHA, Homi K. (1990), *Nation and Narration*, New York: Routledge.
- BORGES COELHO, João Paulo (2010a), “ALiteratura e o léxico da pós-colonialidade. Uma Conversa com João Paulo Borges Coelho”, *Diacrítica – Dossier de Literatura Comparada* 24(3): 427-444.
- (2010), *O Olho de Hertzog*, Lisboa: Leya.
- (2006), *Crónica da Rua 513.2*, Lisboa: Caminho.
- (2005), *Índicos Índicios I – Setentrião*, Lisboa: Caminho.
- (2005), *Índicos Índicios II – Meridião*, Lisboa: Caminho.
- BOSE, Sugata. (2006), *A Hundred Horizons: The Indian Ocean in an Age of Global Imperialism*, Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- BRAUDEL, Fernand (1985), *La Méditerranée, vol. 1: L’espace et l’histoire, vol. 2: Les hommes et l’héritage*, Paris: Flammarion.
- BRUGIONI, Elena (2013), “Contiguidades Ambíguas: Crítica Pós-colonial e Literaturas Africanas” in A. M. Leite et al. (Orgs.) *Nação e Narrativa Pós-Colonial – I*, Lisboa: Edições Colibri, pp. 379-394.
- (2012), *Mia Couto. Representação, História(s) e Pós-colonialidade*, Via Nova de Famalicão: Húmus Edições-CEHUM.



- CAN, Nazir (2011), *História e ficção na obra de João Paulo Borges Coelho: discursos, corpos, espaços*. Dissertação de Doutoramento. Universitat Autònoma de Barcelona Facultat de Lletres – Barcelona: Departament de Filologia Espanyola.
- CHAUNDHURY, K. N. (1990), *Asia before Europe: Economy and Civilization of the Indian Ocean from the rise of Islam to 1750*, Cambridge Eng. Cambridge UP.
- CHAVES, Rita (2008), “Notas sobre a Ficção e a História em João Paulo Borges Coelho”. In M. Calafate Ribeiro et al (Orgs.) (2008) *Moçambique: das palavras escritas*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 187-198.
- FALCONI, Jessica (2012), “Literaturas Africanas, língua portuguesa e pós-colonialismos” in E. Brugioni et al. (Orgs.), *Itinerâncias. Percursos e Representações da Pós-colonialidade / Journeys. Postcolonial Trajectories and Representations*. Vila Nova de Famalicão: Húmus Edições-CEHUM, pp. 203-218.
- (2008), *Utopia e conflittualità. Ilha de Moçambique nella poesia mozambicana contemporanea*. Roma: Aracne.
- FAWAZ, Leila Tarazi et al. (Eds.) (2002), *Modernity and Culture: From the Mediterranean to the Indian Ocean*, New York: Columbia University Press.
- GARUBA, Henry (2009), “The Critical Reception of the African Novel”, in A. F. Irele (ed.), *The Cambridge Companion to the African Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 243-262.
- GEORGE, Olakunle (2009), “African Novels and the Question of Theory”, in D. Gaurav (Ed.) *Teaching the African Novel*, New York: Modern Language Association of America, pp. 19-36.
- GRAMSCI, Antonio (2007), *Quaderni del Carcere*, Edizione critica a cura dell’Istituto Gramsci, Torino: Einaudi.
- GUPTA, Pamila et al. (Eds.), (2010), *Eyes Across the Water. Navigating the Indian Ocean*, Unisa Press & Penguin India.
- HOFMEYR, Isabel (2007), “The Black Atlantic meets The Indian Ocean: Forging New Paradigms for transnationalism for the Global South. Literary and Cultural Perspectives”, *Social Dynamics. A Journal of African Studies*, 33(2): 3-32.
- HUGGAN, Graham (2001), *The Postcolonial Exotic. Marketing the Margins*, London and New York: Routledge.
- IRELE, F. Abiola et al (Orgs.) (2009), *The Cambridge History of African and Caribbean Literature*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KEARNEY, Milo (2004), *The Indian Ocean in World History*. London: Routledge.
- MCPHEARSON, Kenneth (1993), *The Indian Ocean: A History of People and the Sea*, Delhi: Oxford University Press.
- NOA, Francisco (2012), “Oceano Índico e a dispersão identitária: o caso de Moçambique”. Comunicação apresentada na Conferencia Internacional OS INTELECTUAIS AFRICANOS FACE AOS DESAFIOS DO SEC. XXI Em Memória de Ruth First/Celebração dos

- 50 anos da UEM. Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 28 e 29 de Novembro, 2012 (texto inédito).
- PEARSON, Michael N. (2011) "History of the Indian Ocean: a Review Essay", WASAFIRI, 26 (2): 78-99.
- (2003) *The Indian Ocean*, London: Routledge.
- RIBEIRO, Margarida Calafate et al. (Orgs.), (2011), *As Literaturas da Guiné Bissau. Contando os escritos da história*, Porto: Afrontamento.
- ROHDES, Shane (1998), "Frontier Fiction: reading Books in M.G. Vassanji's 'The Book of Secrets'" In *ARIEL: A review of International English Literature*, Calgary-Alberta, 29: 1, pp. 179-193, Jan.
- (1997) "M.G. Vassanji : an interview" In *Studies in Canadian Literature*, University of New Brunswick-Canada, 22.2, pp. 105-17.
- SANCHES, Manuela Ribeiro (2007), "Reading the Postcolonial: History, Anthropology, Literature and Art in a 'Lusophone Context'", in P. DE MEDEIROS (Org.) (2007) *Postcolonial Theory and Lusophone literatures*. Utrecht: Portuguese Studies Centre, pp. 29-148.
- SOYINKA, Wole (1975), "Neo-Tarzanism: The Poetics of Pseudo-Tradition", *Transition* 48: 38-44.
- (1978), *Mith, Literature and the African World*, Cambridge: Cambridge University Press.
- VERGÈS, Françoise (2003), "Writing on Water: Peripheries, Flows, Capital, and Struggles in the Indian Ocean". *Positions: East Asia Cultures Critique*, Special issue, The Afro-Asian Century. 11 (1): 241-57.
- ZABUS, Chantal (2007), *The African Palimpsest. Indigenization of Language in West African Europhone Novel*, Amsterdam-New York.

# INTERTEXTUALIDADES



# A LITERATURA BRASILEIRA EM PORTUGAL NOS ANOS 1930

Valéria Paiva

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Em Setembro de 1934, o escritor Ferreira de Castro publicou na revista *O Diabo* um artigo intitulado “Literatura Social Brasileira” em que dava conta do aparecimento, no Brasil, de uma nova geração de romancistas em sintonia com a tendência que então, e um pouco por toda a parte, levava a que o artista assumisse uma atitude de intervenção sobre a sociedade e que as literaturas nacionais assinalassem, “entre suas principais correntes, uma de nítido caráter social” (1934: 5). Apareciam assim, provavelmente pela primeira vez em Portugal, os nomes de Rachel de Queiróz, José Lins do Rego, Jorge Amado e Amando Fontes.

A principal razão por que o artigo de Ferreira de Castro chama a atenção se deve à enorme atualidade do autor português em relação ao então recente movimento literário brasileiro. Se essa atualidade não se explicava somente em função das notícias que, segundo Castro, chegavam pelos livros carinhosamente dedicados por José Osório de Oliveira “aos motivos brasileiros” – a partir de quem ele haveria entrevistado o aparecimento de uma nova geração literária – merece destaque a referência à revista brasileira *Espírito Novo*. Ligada ao Partido Comunista e publicada durante o ano de 1934 com direção de José Calazans, *Espírito Novo* reuniria, segundo Ferreira de Castro, não somente alguns dos mais importantes nomes do movimento “literário-social” em curso no Brasil como receberia ainda colaborações de “escritores sociais” de todo o mundo (*Ibiden*).

Seria interessante saber se Ferreira de Castro chegou a colaborar com a revista brasileira, já que, até então, ele pareceria ser o único autor português passível de ser associado a uma literatura “revolucionária”. Essa era, ao menos, a opinião de Jorge Amado, que lhe escreveria, também em setembro de 1934, agradecendo seus comentários a *Cacau* e *Suor*. Amado lhe comentaria ainda sobre a escritura de *Jubiabá*, pedindo sua opinião sobre o plano do livro, e pediria notícias do autor e de Portugal:

Mande dizer o que v. está fazendo. Qual o livro que o preocupa no momento? V. tem um grande público aqui no Brasil. Aliás porque v. não envia uma nota sobre a nova literatura em Portugal? A revolucionária especialmente. Será que v. está sozinho aí? Aqui há um certo movimento intelectual que está fazendo alguma coisa. O público nos apoia intensamente. Compra nossos livros. A crítica, é natural, se divide em descomposturas e elogios. [...] Me escreva. Agora não saio do Rio tão cedo. O Lins do Rego está em Maceió onde reside. Mande em carta suas lembranças para ele

Amado *apud* Alves, 2002: 176

Não sabemos como os livros de Rachel de Queiróz, José Lins do Rego, Amando Fontes e Jorge Amado chegaram às mãos do escritor português: o certo, ou ao menos o que afirma o autor, é que, desse amplo movimento que congregava uma dezena de escritores, mas não possuía “nem uma diretriz única, nem constitui[a] um agregado perfeitamente homogêneo”, Castro se restringia aos trabalhos que conhecia “mais de perto” (Castro, 1934: 5). A intuição sobre a natureza do movimento – no que diz respeito à falta de uma diretriz única e a seu caráter heterogêneo – revelar-se-ia correta e acabaria se tornando uma percepção difundida em Portugal. Contudo, em relação aos autores citados e seus livros, os comentários de Ferreira de Castro são bastante vagos, já que a maior parte do artigo é dedicada à discussão sobre o caráter social da arte, por um lado, e às consequências da crise do emprego e da significação do trabalho dentro da sociedade capitalista, por outro.

O fato, no entanto, é que aparecem nomeados aí – em 1934 – os autores que, com exceção de Rachel de Queiróz, receberiam mais atenção, nos anos 1930, da nova geração de escritores e críticos portugueses que viria a ser conhecida como neo-realista<sup>1</sup>. Não deixa de ser curioso que haja sido Ferreira de Castro – com quem o neo-realismo acabaria, historicamente, por estabelecer uma

1 Rachel de Queiróz aparece citada em múltiplos artigos da época, mas, até onde eu saiba, apesar das constantes referências à sua obra nenhum dos romances da escritora foi objeto de uma crítica

relação ambígua, para não dizer complicada – o primeiro, ou um dos primeiros autores a apontar o surgimento de uma geração de romancistas comprometida com a realidade social e que, ao traduzir esse engajamento em termos literários, contribuiria, desde o Brasil, para a renovação da tradição realista que se operou, entre os anos 1930 e 1940, em âmbito mundial.

Na medida em que esse processo, no Brasil, foi anterior ao surgimento do movimento neo-realista português não é estranho que os autores portugueses hajam prestado tanta atenção ao movimento em curso do outro lado do Atlântico, nem que muitos autores da época fizessem referência a sua *influência* sobre a nova geração de escritores portugueses. A noção de influência foi praticamente abandonada nos estudos que dizem respeito à recepção da literatura brasileira em Portugal nos anos 1930, mas estamos, contudo, longe de saber em que consistiu essa recepção, tanto no que diz respeito à circulação das obras propriamente ditas, quanto no que se refere aos múltiplos sentidos que podem ser derivados da sua leitura. Ao longo deste artigo, procuramos lançar luz – e, também, levantar dúvidas – sobre esses pontos, tendo em mente as diferentes visões da moderna literatura brasileira que foram sendo construídas ao longo dos anos 1930 em Portugal.

## 1. Os primeiros mensageiros da literatura brasileira em Portugal

Se Jorge Amado parece ter sido, de fato, o autor brasileiro que inicialmente despertou maior interesse em Portugal, é difícil saber até que ponto, como defende Edvaldo Bergamo, seu “projeto romanesco” seria posteriormente “incorporado” pelo romance social português ou, ainda, até que ponto a literatura social chegada do Brasil seria imprescindível, ou “responsável”, como afirma o autor, pela implantação e consolidação do movimento neo-realista em Portugal nos anos 1940 (Bergamo, 2008)<sup>[2]</sup>. Entre as primeiras críticas dedicadas à sua obra, encontram-se os dois artigos publicados n’*O Diabo*, em março

---

pormenorizada. Sobre a relação entre Ferreira de Castro e o neo-realismo, ver Alves, Ricardo, opus cit., especialmente cap. II, “Neo-Realismo: contributo para dificultar um problema”, p. 73-198.

2 Segundo Bergamo, “Ao contrário do que defende Ana Paula Ferreira (1992), ao afirmar que o romance neo-realista é fruto, em grande parte, de uma tradição interna, representada pelo aproveitamento do legado do romance social lusitano do século XIX, de linhagem garrettiana e camiliana, o neo-realismo português é, na verdade, o resultado de uma nunca desmentida e, muitas vezes, acalentada “mediação brasileira”, responsável pelo processo de implantação e consolidação do movimento em Portugal nos anos 1940 do século XX” (Bergamo, 2008: 61).

e abril de 1937, por Adolfo Casais Monteiro que, desde 1932, era um dos diretores da revista *Presença*. Tratou-se de críticas muito positivas e que parecem ter escapado à atmosfera de polêmica acirrada que posteriormente viria a se instaurar no meio literário português entre 1938 e 1939, entre neo-realistas e presencistas, tendo como alvo especialmente as figuras de José Régio e João Gaspar Simões.

Na verdade, comparado a seus companheiros da *Presença*, Casais Monteiro parece ter sempre assumido uma posição à parte, bastante receptiva no que se referia à moderna literatura brasileira. Para ele, o regionalismo nordestino incidiria sobre a evolução do romance universal, tanto no sentido de consolidar na literatura a presença de personagens do mundo operário urbano e rural – até então, ou diretamente ignorados, ou tratados pelos romancistas como pitoresco – quanto no que dizia respeito ao aproveitamento da linguagem popular como base para uma renovação da linguagem culta. E se outras literaturas podiam fornecer exemplos no mesmo sentido, isso não diminuía a importância da contribuição brasileira<sup>[3]</sup>.

Ademais, a linguagem dos novos romances, de Jorge Amado particularmente, provinha para o crítico de uma experiência viva, sem importar em imitação, ou cópia. Tratava-se de rearticular a linguagem falada, em si mesma pobre e simplificada, em algo novo, sem impor à criação limites próprios ao erudito, que naturalmente servia à conservação, mas não à criação. Nesse sentido – afirmaria Casais Monteiro – todas as épocas criadoras da história literária, e estávamos diante de uma delas, haviam encontrado inspiração na linguagem popular. De fato, se um observador desavisado lesse os artigos que Casais Monteiro publicou n' *O Diabo* sobre Jorge Amado, sem considerar sua trajetória dentro do movimento da *Presença*, ele poderia pensar que se trataria de mais um crítico neo-realista<sup>[4]</sup>. E esse fato não se deve simplesmente ao modo como Casais Monteiro veria a questão da linguagem, ou trataria da incorporação de novos personagens ao universo literário em si, mas a como essas características confluíam para ele em uma atitude nova, interessada,

---

3 Para uma análise minimamente mais extensa – mas seguramente mais ampla, ao compreender um maior número de autores brasileiros – ver Casais Monteiro, 1940, especialmente p. 41-54.

4 Sobre outro artigo também publicado por Casais Monteiro n' *O Diabo*, em dezembro de 1936, Luis Bueno (2010) afirma que, considerando o conteúdo do texto, a data e o periódico em que foi publicado, seria possível confundir Casais com mais um jovem intelectual que em pouco tempo viria a ser chamado neo-realista.



perante a realidade e em obras cujo sentido – de humanização – correspondia aos anseios do homem contemporâneo:

Só o artista que pode entregar-se ao amor por seu semelhante, conseguirá assim recriar uma humanidade simples como é a que nos aparece em *Jubiabá*. Quando os artistas não conseguem interessar-se senão pelos casos excepcionais, como também quando, querendo fugir deles e mostrar o homem normal, comum, não conseguem senão dar-nos uma imagem artificial, sem vida – quando se dá um ou outro destes casos é porque se perdeu o contato entre o artista e o homem vivo. É porque o artista se reduziu a simples espectador indiferente, a anotador que regista coisas que não lhe interessam como homem, como igual dos seres a que pretende dar vida. Um romancista como Jorge Amado, e uma obra como *Jubiabá*, são sinais dos tempos, e dizem-nos muito sobre a profunda renovação que se está dando na nossa época: humanização da literatura e alargamento das “zonas de interesse” do escritor.

Casais Monteiro, 1937: 2

Se compararmos os artigos que Adolfo Casais Monteiro publicou n’*O Diabo*, em Março e Abril de 1937, com os que Mário Dionísio publicaria entre Novembro e Dezembro do mesmo ano, é quase inevitável a sensação de que Jorge Amado agradava mais ao crítico presenciista. Talvez essa sensação seja o resultado das impressões que as primeiras obras do autor baiano deixaram em Mário Dionísio (1937). De qualquer forma, o que lhe interessava em Jorge Amado era justamente sua evolução no que dizia respeito à noção de realismo. Desconsiderando *O País do Carnaval* – que apresentava, assim mesmo, uma solução tradicional, tipicamente burguesa, aos problemas da época – tanto *Cacau* como *Suor* sofriam de dois problemas gravíssimos. Esses problemas não consistiam na explícita opção do autor a favor dos pobres, contra os ricos, diria Mário Dionísio, uma vez que essa dicotomia perpassaria a obra de Jorge Amado como um todo. A questão era como o autor lidava com essa relação no processo de construção romanesca. Nesse ponto, *Cacau* e *Suor* apresentavam uma semelhança flagrante: ambos se aproximavam mais a um discurso no parlamento do que a um romance. Eram planfetários, na medida em que se via que o autor havia partido de uma ideia política (ou com uma intenção política prévia) para chegar, daí, ao entrecho e às personagens. O resultado eram histórias previsíveis em que as personagens não tinham vida própria, senão que figuravam à disposição do autor para que ele pudesse documentar a sua opinião. Por sua vez, nessa espécie de ânsia de documentação, Jorge Amado confundia realismo com realidade, equivocando-se outra vez ao fazer do texto literário um pastiche, uma cópia da linguagem popular.

Ora, é difícil pensar numa posição mais crítica ao modelo de literatura proletária do que a expressa aqui em relação a *Cacau* e *Suor*<sup>5</sup>. Assim mesmo, para Mário Dionísio, a prosa de Jorge Amado sofreria uma inflexão a partir de *Jubiabá* – romance que, como vimos, também havia agradado muito a Casais Monteiro. Em *Jubiabá* as personagens começariam a ter vida própria, não viveriam mais para justificar as ideias do autor. Ademais, diria, logravam ser a representação ficcional do homem-tipo contemporâneo, do homem desnordeado que, no entanto, procurava um rumo e não deixava de caminhar nunca. Essa caracterização não se restringia a Antônio Balduino, figura central do romance, mas – tal como aconteceria em *Mar Morto* e *Capitães de Areia* – implicaria a todas as personagens. E seria precisamente com *Mar Morto* que Jorge Amado alcançaria não só um perfeito equilíbrio de estilo, mas também uma formulação mais sofisticada do realismo. No que dizia respeito à linguagem, deixando definitivamente de lado a preocupação de “pôr os homens a falar como eles falam”. No que dizia respeito à construção dos personagens, adquirindo consciência das possibilidades inscritas na própria realidade humana, que as personagens poderiam buscar sempre e quando fossem personagens vivas.

Os artigos de Adolfo Casais Monteiro e Mário Dionísio que saíram na revista *O Diabo* durante o ano de 1937 foram os primeiros dedicados à análise de obras e autores brasileiros específicos e por um dos principais órgãos de imprensa associado ao surgimento e à consolidação do movimento neo-realista em Portugal. Já em 1938, o número de artigos que tratavam da moderna literatura brasileira tanto em *O Diabo* quanto em *Sol Nascente* se multiplicaria e, ao lado de Jorge Amado, apareceriam em primeiro plano os nomes de Amando Fontes e José Lins do Rêgo, seguidos dos de Érico Veríssimo e Graciliano Ramos, ainda que Graciliano tenha recebido, de fato, menos atenção que seus colegas do Norte, ou mesmo que o escritor gaúcho. Na história da recepção da literatura brasileira em Portugal nos anos 1930, especialmente em se tratando da literatura regionalista e da leitura que dela fizeram os neo-realistas, dois artigos de Joaquim Namorado parecem ocupar, contudo, um lugar de destaque.

---

5 Ainda que hoje seja bastante conhecida a trajetória posterior de Mário Dionísio dentro do movimento neo-realista e em relação ao Partido Comunista, não há como deixar de assinalar o significado de sua posição naquele contexto de consolidação do movimento no meio literário português. Sobre o caráter marxista do movimento neo-realista português e às relações muitas vezes conflituosas entre estética e política, ver Viçoso, 2011, especialmente pp.23-26; Pita, 2002, especialmente pp. 37-91; e Ferreira, 1992, especialmente pp. 105-117.

O primeiro, sobre Amando Fontes, seria publicado também n' *O Diabo* em Dezembro de 1938 e, até onde temos notícia, apareceria pela primeira vez cunhada, aí, a expressão que viria a dar nome ao *neo-realismo*. Nesse sentido, esse artigo pode ser considerado como uma espécie de texto fundador do movimento. O segundo, dedicado a Jorge Amado e ao neo-romantismo sairia em Março de 1940 na revista *Sol Nascente*. Ambos parecem ter contribuído para dar à obra desses autores uma espécie de carácter paradigmático, na medida em que, se Amando Fontes e Jorge Amado não deixariam de ser exemplos, eles serviriam para que Joaquim Namorado formulasse uma definição doutrinária do neo-realismo, quer dizer, definisse, num período em que o movimento começava a se consolidar, qual era arte realista e social adequada a uma atitude de interventora perante a vida<sup>6</sup>.

Para Namorado, o neo-realismo – também, pois, o de Amando Fontes – poderia ser resumido “nesse apresentar de contradições” em que o autor não tomava partido, mas “onde se encontra[va] implícita uma solução necessária” (Namorado, 1938: 3). A noção de novo, como afirma António Pedro Pita, representaria aí a consciência do carácter histórico de uma realidade contraditória e, por isso mesmo, passível de ser transformada (Pita, 2002: 237). Por sua vez, o que Jorge Amado ofereceria era um modelo de herói que, como uma espécie de romance de formação proletário, serviria à transformação social. Partindo de uma reação individual, biológica, quase instintiva, os heróis amadianos encontrariam “depois a sua finalidade e a sua justa expressão no combate coletivo por uma vida mais justa” (Namorado, 1940: 23). Sonho, sim, mas, diferentemente do romantismo do XIX, o neo-romantismo supunha os pés bem plantados na terra. No caso específico de Joaquim Namorado, pois, Edvaldo Bergamo (2008) pareceria ter razão ao afirmar que os romances de Jorge Amado forneceram, nos anos 1930, uma solução literária para a *passagem* da marginalização social a uma consciência de classe ou, para recuperarmos outro conhecido artigo – dessa vez de Alves Redol sobre Amando Fontes – que os dois romancistas brasileiros ofereceriam de fato uma alternativa para não cruzar os braços, “nessa apatia desumana em que muitos ficam”, forjando, ao

---

6 Como sugere Luis Augusto da Costa Dias (2011), a verdade é que os dois artigos de Joaquim Namorado – “Do Neo-Realismo: Amando Fontes” e “Do Neo-Romantismo: o sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado” – não parecem mesmo fazer completo sentido se considerados separadamente. Ademais, se estamos certos em afirmar que Joaquim Namorado assume nesses artigos, mais que um tom polémico, um tom programático, não deixa de ser curioso notar a enorme distância que separou, naquela conjuntura, a publicação de um e de outro.

contrário, “num labor heroico, uma ponte de passagem sobre o abismo hiante” (Redol, 1938: 12)<sup>[7]</sup>.

A resposta de Álvaro Cunhal às *Cartas Intemporais* de José Régio, que diziam respeito à literatura brasileira, talvez ajude a esclarecer este ponto que, em se tratando de estética, remetia igualmente a uma urgência política, no sentido forte, à necessidade de encontrar uma saída para o que era percebido conjuntamente como uma “encruzilhada”. “Como pode José Régio”, diria Cunhal,

[...] avaliar até que ponto “interesses da mais variada ordem” e “inclinações da mais variada espécie” podem “submeter”, em homens que sofrem e necessitam e querem um caminho, os puríssimos interesse literário e interesse crítico? [...] O problema não é de “farejar o talento onde quer que se encontre” (*Cartas Intemporais*), mas sim de encontrar *atitudes* de outros homens que nos fortaleçam, nos entusiasmem ou nos esclareçam acerca do caminho a tomar na encruzilhada. É inútil um talento que se limita a adorar o próprio umbigo.”

Cunhal, 1939: 11

Se lembrarmos, aqui, do artigo que Mário Dionísio havia publicado em *Sol Nascente*, no ano anterior, isto é, em 1938, e que pode ser lido como um alerta – “Sobre a necessidade de ver claro” –, percebemos uma urgência similar que, se não remetia ao “fragor das batalhas cruentas”, como diria Redol, no que parece uma referência muda à situação espanhola, remetia sim à percepção, mais ou menos generalizada à época entre os escritores neo-realistas, de que o caráter trágico da encruzilhada se devia à confusão própria a um período de transição entre dois mundos: um que parecia caminhar a passos largos para o seu fim e outro que era vislumbrado e desejado, mas que, de fato, ainda não existia.

Era natural, nesse sentido, que homens desnorteados, sem saber exatamente para onde ir se perguntassem “para quê?” e levassem “a pistola ao ouvido” (Dionísio, 1938: 7)<sup>[8]</sup>. E, no entanto, mesmo aqueles que pretendiam liberar-se, que já se encontravam liberados, em alguma medida, dos escom-

7 A citação completa de onde foi retirada a passagem acima é: “Debruçados num abismo que ameaça sorver a humanidade, onde aqui e além se ouve já o fragor de batalhas cruentas, que a força impõe ao direito, os romancistas e poetas brasileiros vislumbraram, para lá da ravina, um mundo novo de promessas e de realidades, que arrancaria as multidões à angústia do momento que se vive. E não cruzando os braços, nessa apatia deshumana em que muitos ficam, escolheram do caos os elementos com que forjam, num labor heróico, uma ponte de passagem sobre o abismo hiante”.

8 A citação completa é: “É necessário libertamo-nos desta atração perigosa do *exterior*, da *forma*. Isso nos é exigido por nós próprios, nós que somos simultaneamente os que pretendem libertar-se dos escombros e os que estão prontos a perguntar *para quê* e encostar a pistola ao ouvido”.

bros de um mundo que se desmoronava – do “caos”, para ficarmos ainda com Redol – mesmo esses necessitavam ver claro. A obra diretamente revolucionária que se prendia exclusivamente a motivos pré-estabelecidos não era senão outra fórmula forçada que afastava o artista da realidade. Nesse tom de alerta, o artigo de Mário Dionísio termina sem oferecer qualquer resposta definitiva à angústia de um tempo percebido como de transição, mas termina também negando a validade no plano estético de uma solução como a que, por exemplo, apresentava Jorge Amado em seus primeiros romances, e com a qual Joaquim Namorado e Alves Redol pareciam em grande medida compactuar.

Nesse ponto, parece interessante voltar às *Cartas Intemporais* de José Régio, para que fique mais claro em que sentido as posições de neo-revistas e presencistas pareciam irreconciliáveis. Ora, José Régio não negava qualidades à parte da nova literatura que vinha do Brasil. Segundo ele, os brasileiros revelavam em seus romances uma enorme capacidade de observação social e de objetividade, que poderia servir aos portugueses, especialmente no que dizia respeito ao retrato de personagens, à descrição do meio e ao desenrolar das cenas – os diálogos eram naturais e as personagens vivas e convincentes. Isso era muito, diria Régio, mas não era tudo e nem mesmo era o principal que se poderia esperar de um romancista. A objetividade – e note-se que Régio não usa o termo realismo – não podia ser reduzida a captar o que de “objetivo”, isto é, “existente com vida própria” haveria nos gestos e nas falas, mas deveria se revelar também na capacidade do romancista se identificar, em termos ficcionais, mesmo com aqueles com quem não se sentia identificado, aproximando-se assim da infinita variedade que existiria no mundo.

Nesse sentido, não se estranha a excelente recepção que Érico Veríssimo viria a receber, entre os críticos presencistas, com a sua imensa galeria de personagens vivos e variados, como frisaria Carlos Queiróz, na *Revista de Portugal*<sup>9</sup> (Queiróz, 1938: 589). De qualquer forma, a questão do “realismo” era só um dos argumentos de Régio contra a literatura brasileira. Onde de fato ela significava um retrocesso e não um avanço para a literatura portuguesa era em seu caráter “popular”, “infantil”, “primitivo” – em uma palavra. Faltava a

---

9 Carlos Queiróz publicou um longo ensaio intitulado “Perfil: Érico Veríssimo” na *Revista de Portugal*, em julho de 1938. Apesar da referência a João Gaspar Simões – e sua visão do “realismo” que, segundo o autor, encaixava-se bem à obra de Veríssimo – o texto de Carlos Queiróz não assume em nenhum momento um tom explicitamente polêmico. Vale a pena assinalar ainda que, dos livros de Veríssimo publicados até então, o único que o autor não haveria conseguido encontrar “nas livrarias de Lisboa” havia sido *Fantoches*, de 1932.

habilidade de abarcar outros mundos, sim, mas faltava também imaginação psicológica e poder analítico. Isso não deixava de ser natural, diria José Régio: o Brasil era um país “jovem” e se a nova literatura brasileira representava um mergulho nas próprias raízes, o que sairia daí seria, conscientemente ou não, primitivista (Régio, 1939: 203)<sup>[10]</sup>.

O argumento do “primitivismo” não se restringiu a José Régio, ou à crítica presencista. Analisando o tratamento que a moderna literatura do Brasil recebeu na revista *Sol Nascente*, Luis Crespo de Andrade (2009) assinala que, apesar da profunda reorientação ideológica por que passou a revista em seu ciclo conimbricense, com o abandono do ecletismo e a adoção de uma perspectiva marxista, a representação do Brasil como terra da juventude não mudou muito. O que haveria mudado, segundo ele, foi o significado que passou a ser conferido à noção de juventude, como se as novas gerações comprometidas com a mudança social e a vitalidade característica ao “novo mundo” pudessem de alguma maneira se consubstanciar.

Na verdade, tomando como base os artigos de António Ramos de Almeida em *Sol Nascente*, o que vemos é outra coisa. Por um lado, uma insistente reafirmação do caráter infantil, ingênuo e primitivo da literatura brasileira que não remetia em nenhum momento à noção juventude no sentido político, como vanguarda de um novo tempo, mas que sim aparecia contraposto ao requinte e ao intelectualismo muitas vezes exagerado da velha Europa. Por outro lado, uma adesão praticamente explícita à formulação doutrinária de Joaquim Namorado sobre o realismo que sugerem, ademais, que a noção de neo-romantismo já circulava antes de março de 1940<sup>[11]</sup>. Se, justapostas, essas duas concepções não deixam de causar alguma estranheza, é interessante ver como Ramos de Almeida resolve essa aparente contradição. O Brasil novo procurava se libertar do peso de uma escravidão legalmente abolida, mas socialmente vigente: “tudo no romance brasileiro é[ra] vivo, espontâneo, bárbaro e primitivo”, diria. “Mas tudo caminha[ria] para um farol, que está para lá do formalismo do romance” – “O farol, [...], isto é, a essência do romance brasileiro é a Liberdade”, o sonho

10 A citação completa é: “Sendo o Brasil uma nação jovem, e sendo um mestre brasileiro da conformação intelectual de Machado de Assis sobretudo exceção e produto de cultura importada, compreende-se que uma parte do Brasil literário atual, mergulhando raízes em seu próprio solo, conscientemente ou não seja primitivista”.

11 Segundo Ramos de Almeida: “Jorge Amado dá-nos em toda a sua obra aquilo que um jovem crítico português chamou muito bem: sentido heróico da vida” (Almeida, 1938a: 7).

(Almeida, 1938b: 7). Curiosamente, o romance brasileiro ansiava pela liberdade e caminhava para ela *apesar e pelas mãos do primitivismo*.

Não é difícil perceber que, em si mesma, a crítica que José Régio fez à literatura brasileira não se afastou tanto nem de algumas posições de Mário Dionísio, por exemplo, no que dizia respeito à linguagem popular, nem do que António Ramos de Almeida sustentaria nas páginas de *Sol Nascente* em relação à estrutura primitiva da sociedade brasileira e suas consequências no romance contemporâneo. Apesar desses possíveis pontos em comum, no entanto, era como se, de fato, houvesse mais possibilidades de comunicação entre um inglês e um chinês separados por um muro do que entre os escritores neo-realistas e... José Régio (Dionísio, 1939a: 12). Essa incomunicabilidade parece se dever ao fato de, para Régio, não haver qualquer impasse, qualquer urgência em encontrar uma saída, já que nenhum mundo novo surgiria com o nascer do sol. E se não havia urgência e se o mundo seguiria sendo o mesmo, por que não farejar o talento onde quer que ele se encontrasse? Do seu ponto de vista, talvez fosse mesmo incompreensível essa repentina obsessão dos jovens críticos com uma literatura criticável sob tantos aspectos.

Nesses termos, não haveria conciliação possível. Assim mesmo, ao transpassar as fronteiras dos que defendiam para a arte uma função social e para o artista uma atitude interventora diante dos conflitos sociais, a literatura social brasileira receberia uma atenção da crítica em Portugal que talvez nunca se pudesse imaginar, mediando, ainda que por pouco tempo, uma intensa batalha simbólica. Na segunda parte deste artigo veremos como o debate que se instaurou no meio literário português, envolvendo igualmente os presencistas, acabaria contribuindo, por sua vez, para o alargamento de horizontes no que diria respeito aos novos romancistas brasileiros, para além daqueles de que muito já se havia dito.

## **2. Sobre os escritores que ainda não foram ditos**

Se lembrarmos do artigo que Ferreira de Castro publicou n' *O Diabo*, em 1934, sobre “a literatura social brasileira”, apresentando em Portugal o movimento regionalista nordestino, o único ausente aí, entre os seus mais importantes representantes, seria Graciliano Ramos. A chegada de Graciliano em Portugal foi, de fato, posterior. Tanto em *O Diabo* quanto em *Sol Nascente*, as referências a suas obras começam a aparecer em 1937, mas entre de 1937 a 1940 há um

único artigo exclusivamente dedicado a ele, de autoria de Afonso de Castro Senda (de fato, Afonso de Castro), publicado em junho de 1938, na longa série de artigos então dedicados pelo autor à nova literatura do Brasil na revista *O Diabo*. Por coincidência, ou não, Afonso de Castro era nessa época o representante, em Portugal, da revista brasileira *Esfera*, de que Graciliano era colaborador e onde encontramos, ademais, várias críticas ao seu trabalho.

Sobre qualquer possível “influência” de Graciliano sobre a nova geração de escritores portugueses, encontramos duas breves referências de Mário Dionísio, a propósito de Carlos de Oliveira. A primeira num texto publicado na revista *Vértice*, por ocasião do lançamento de *Pequenos Burgueses*, em 1949. Reafirmando o domínio da palavra que caracterizaria sempre, para ele, a obra de Carlos de Oliveira, mas bastante crítico em relação à estrutura do romance, Mário Dionísio apontaria então para uma “desagregação” perceptível desde *Alcateia* entre os aspectos formais, estéticos do romance, e seu conteúdo ideológico. Desagregação não entrevista na brilhante estreia que havia sido *Casa da Duna*, ainda que, neste, a passagem de um campo ao outro houvesse sido facilitada “em parte” pelas qualidades de Graciliano, “que mais diretamente influenciava Carlos de Oliveira” (Dionísio, 2009: 74).

A segunda referência aparece no conhecido prefácio que o autor escreveu para a terceira edição de *Casa da Duna*, de 1964, contribuindo ainda, num contexto posterior, para a compreensão da posição que Carlos Oliveira ocupou – e que ambos ocuparam, ao final – nas polêmicas internas do neo-realismo. Contudo, já aí Carlos de Oliveira haveria se recuperado completamente – especialmente com a publicação de *Uma Abelha na Chuva* – daquela “desagregação” a que Mário Dionísio se havia referido: Graciliano continuava sendo uma referência – Carlos de Oliveira “nunca se furtou à impressão provocada por um Graciliano” –, mas “influências”, se é que fazia sentido falar nesses termos, podiam ser encontradas não somente em romances estrangeiros, mas também e, sobretudo, na herança portuguesa – sobretudo em (Almeida) Garret, Camilo (Castelo Branco), Raúl Brandão e Aquilino (Ribeiro) (Dionísio, 1964: 27).

No que diz respeito à sua recepção em Portugal, a chegada tardia de Graciliano, quando comparado aos seus contemporâneos do Nordeste, não passou despercebida. Em outubro de 1938, Albano Nogueira se referiria explicitamente a esse fato ao comentar *São Bernardo* e o recém-publicado *Vidas Secas* na *Revista de Portugal*. Segundo ele, o romance brasileiro começava a conquistar, então, a atenção de um público “mais lúcido”, depois de ter sido “moda” no



reduzido meio das elites mais “conscientes” do país, que lhe haviam dedicado uma importante série de artigos. Entretanto, para Albano Nogueira, essa crítica haveria se restringido especialmente a José Lins do Rego e Jorge Amado, autores a partir dos quais se intuía certa influência norte-americana e inglesa de tendência social e que, para além do exotismo, o que ofereceriam era uma literatura “a-retórica”, feitas de “expressões diretas”. De fato, “vida sem literatura”, em que as personagens eram construídas pela sucessão de peripécias, ou pelo simples jogo da ação. Era bom, pois, que a fama de Graciliano houvesse demorado a chegar, afirma Albano Nogueira, porque chegava ao final como uma novidade, para contrariar as generalizações apressadas daqueles que, na literatura brasileira, prestavam atenção somente aos romances que, não raro, acabavam dirigidos por um “populismo proselitista”, quando Graciliano se aproximava mais de um tipo de literatura caracteristicamente europeia (Nogueira, 1938: 118)<sup>[12]</sup>.

Dirigida por Vitorino Nemésio, a *Revista de Portugal* publicou dez números entre 1937 e 1940 e em todos os números dedicou um significativo espaço à nova literatura brasileira, que na revista desfrutava de uma seção própria, assim como as literaturas francesa e inglesa. Assim mesmo, não é tão simples afirmar que a revista tenha dedicado um espaço mais amplo a um maior número de autores e a autores de distintas correntes literárias e regiões do país do que as

---

12 O trecho completo de onde foram retiradas as referências acima é: “Eis que, depois de uma série de nomes a assinar uma série de importantes espécies, o romance brasileiro começa a conquistar nosso público mais lúcido. Já não o consegue, todavia, sem primeiro ter sido moda no reduzido meio das nossas elites mais conscientes. Razões são estas para que desde logo não o consideremos banalidade e para que comecemos a suspeitar do seu valor. Mas: qual o motivo de tal prestígio? Quais as qualidades que entre nós o impuseram? Julgo não me enganar se o referir (o motivo), mais do que ao que para nós nos aparece como exotismo, – à atitude que os próprios romancistas assumem perante a realidade. Não sei até que ponto vai o convívio dos romancistas do Brasil com os romancistas norte-americanos e com os ingleses de certa tendência. Julgo-o, no entanto, de modo a revelar a sua poderosa influência sobre aqueles. E ainda bem que assim é, – pois, se bem julgo, a ele devemos aquela maneira de ver claro e de ver direto (combate sem literatura com a realidade), que nos maiores romancistas brasileiros nossos conhecidos (e únicos conhecidos até há pouco). Ora é talvez devido a tais características que o romance brasileiro deve, entre nós, o favor (se assim posso referir-me ao que justamente lhe é concedido) com que é olhado: – a vida sem literatura, a expressão direta e a-retórica, o erguer das personagens pelo simples suceder das peripécias, a definição dos caracteres pelo simples jogo da ação. Foi isso, pelo menos (além do mais que não interessa agora), o que um Lins do Rego e um Jorge Amado nos trouxeram, – eles que foram os primeiros mensageiros em Portugal da novidade brasileira. Mas ainda bem que só agora a fama de um Graciliano Ramos só agora chega até nós. Ainda bem – porque ele vem contrariar a generalização apressada daqueles que apenas viam no brasileiro um romance como o caracterizado acima, não raro vagamente dirigido por um populismo proselitista. De onde que ele seja ainda uma novidade, – uma novidade que vem afinal aproximar-se de certo tipo de romancista fortemente enraizado na Europa”.

revistas *O Diabo* e *Sol Nascente*. O que acontecia, nessas últimas, é que a ênfase parecia estar mesmo posta sobre um pequeno número de romancistas, em sua grande maioria do Nordeste. Situada, no meio literário, próxima ao grupo da *Presença*, não é de se estranhar que o artigo de Albano Nogueira publicado na *Revista de Portugal* assumia, pois, um tom irônico e polêmico, como provocação aos jovens críticos neo-realistas em um contexto em que estes começavam a assumir uma posição cada vez mais combativa.

Ora, aquele que viria a ser considerado como o mais importante expoente da geração literária que, no Brasil, se tornou conhecida pelo caráter engajado da sua produção e por seu comprometimento com a realidade social se distinguiria, dentro do próprio movimento de que fazia parte, pela ênfase posta nos aspectos interiores e psicológicos das personagens, quer dizer, justamente por aquilo que os neo-realistas acusariam os escritores presencistas. Vale a pena salientar, no entanto, que nesse artigo Albano Nogueira não nega, senão que acaba por reafirmar o papel que os participantes do movimento neo-realista haveriam tido na *iniciativa* de divulgar a literatura brasileira em Portugal.

Ademais, se podemos considerar que Graciliano não deixou de representar, mesmo no Brasil um fenômeno estranho – de um autor introspectivo com uma concepção materialista da vida, na observação aguda do crítico brasileiro Álvaro Lins (1963) –, essa particularidade seria constantemente remarcada, mesmo de passagem, nas referências feitas a ele nas revistas *O Diabo* e *Sol Nascente*. O artigo a que nos referimos anteriormente, de Afonso de Castro Senda, é anterior ao de Albano Nogueira e não só já dava conta do caráter introspectivo dos primeiros livros de Graciliano – que Afonso de Castro conhecia mais de perto que o crítico da *Revista de Portugal* – como ainda insistia no fato de Graciliano construir seus romances seguindo um processo inverso ao de seus contemporâneos do Nordeste – de dentro para fora. “Ao lê-lo”, dirigia Afonso de Castro, “temos a impressão do *diferente*, do *novo*” (Senda, 1938b: 2).

Seria necessário saber, igualmente, até que ponto as polêmicas entre neo-realistas e presencistas, levadas a cabo nos espaços públicos das revistas e que cindiram o meio literário português refletiam de fato diferenças capazes de afetar as relações sociais entre os escritores no âmbito privado. Em carta de 16 de agosto de 1938, Casais Monteiro escreve a Mário Dionísio devolvendo-lhe os originais que seriam publicados na *Revista de Portugal* porque ele e Alberto de Serpa haviam se desentendido com Vitorino Nemésio, por questões políticas. Alberto de Serpa deixava de secretariar a revista e Casais Monteiro, que deixava de ser seu colaborador, pedia a Mário Dionísio poemas para serem

publicados, agora, na *Presença*, dizendo-lhe francamente que os que tinha em mãos não lhe convenciam (Casais Monteiro, 1938a). E é muito provável que Mário Dionísio haja lhe enviado outros (Casais Monteiro, 1938b). Mais interessante ainda, ao menos no que diz respeito à circulação das obras brasileiras, é a carta que Alberto de Serpa envia a Mário Dionísio, em maio de 1938, e onde o ainda Secretário da *Revista de Portugal* afirma que não era necessário que se lhe agradecesse o envio das obras de Jorge Amado e José Lins do Rego, aconselhando-o ademais a entrar diretamente em contato com o conhecido editor brasileiro José Olympio: “[...] aconselho-o a que se sirva deste intermediário. Pois não tenho outra direção”, lhe diria Alberto de Serpa<sup>13</sup>.

Mas talvez Albano Nogueira tivesse razão, ao menos, em uma coisa: José Lins do Rego e Jorge Amado foram mesmo “os primeiros mensageiros em Portugal da novidade brasileira”. E se aos nomes desses escritores somamos ainda o de Amando Fontes, estaríamos diante, também, daqueles que pareciam ter passado a simbolizar, ao menos para parte da jovem geração neo-realista, o caminho para se fazer uma literatura de caráter social em língua portuguesa. A atenção posta sobre esses autores foi tanta, num espaço tão curto de tempo, que mesmo dentro da revista *O Diabo* vê-se uma espécie de reação ao que, se não era percebido como excesso, era-o sim como reducionismo – ainda mais num contexto em que a literatura brasileira deixava de ser exclusivamente alvo de críticas para ser apropriada por outras correntes do meio literário português.

A colaboração de Afonso de Castro – de quem, até hoje, sabemos pouco, na verdade, para além de sua participação na revista brasileira *Esfera* – talvez seja mais bem compreendida nesse contexto. Já no primeiro texto de uma longa série de dez artigos dedicados à literatura brasileira, publicado em janeiro de 1938, essa questão é posta explicitamente. E desde o título: “Panorama literário do Brasil: sobre escritores que ainda não foram ditos”. Acompanhando o movimento que visava noticiar o trabalho da geração que, no Brasil, estava se afirmando, Afonso de Castro se pergunta se o que havia sido feito até àquele momento era suficiente. E, segundo ele, a resposta era não. “E permito-me a liberdade de dizer que não”, explica, “porque, do que em realidade existe,

13 “Meu prezado camarada, Nada tinha a agradecer-me a remessa dos livros do Amado e do Lins do Régô. Continuo a escrever-lhe para o editor José Olympio, e aconselho-o a que se sirva deste intermediário. Pois não sei outra direção. O Amado deve vir em breve a Portugal, mas como tem adiado a viagem por diversas vezes, é natural que demore essa alegria que todos teremos. [...] Quando queira mandar qualquer colaboração para a Revista, será bem vinda sempre. Seu camarada [...], Alberto Serpa. [Ps.] Tenho aqui um *Mar Morto* para Frederico Alves. Conhece? Sabe para onde poderei enviá-lo?”. Carta de Alberto de Serpa a Mário Dionísio, de 19/5/1938.

apenas uma reduzida parcela tem sido focada.[...] Urge que alarguemos as vistas, isto é, que tornemos conhecidos muitos outros [nomes] que, se não erro, nunca aqui foram, sequer, citados.” (Senda, 1938a: 7).

Outro artigo que merece atenção é o dedicado a Érico Veríssimo, em novembro de 1938. Para além de tratar de sua obra, tomando como fio condutor o recém-publicado *Olhai os Lírios do Campo*, a sensação que se tem é que Afonso de Castro se dirige de fato aos escritores e críticos ligados ao neo-realismo, com os quais ele compartilhava as páginas da revista *O Diabo*. Especificamente no caso de Érico Veríssimo, afirmaria, eram justamente aqueles que lutavam “pela arte independente das contingências do temporal, pela arte feita para as falsas *elites*” os que vinham, em Portugal, consagrando-lhe os maiores elogios. Certamente, o problema não estava nos elogios, mas em que, ao não serem perceptíveis sinais de “agitação” na obra de Veríssimo, esses críticos tomassem sua literatura por mero esteticismo. “Será ocasião de pedir aos críticos portugueses, para a obra de Érico Veríssimo, olhos que, [...], tenham a coragem de ir mais fundo”, do contrário sua literatura acabaria situada “num ambiente de preconceitos exclusivamente burgueses” (Senda, 1938c: 3).

Na verdade, o artigo de Afonso de Castro não era o primeiro e não seria o último dedicado à obra de Érico Veríssimo na revista *O Diabo*. Em setembro de 1938, João Rubem (pseudônimo de João Cupertino de Miranda, que era também articulista da revista *Pensamento*) publicaria na revista um texto cujo título – “Érico Veríssimo: o maior romancista do Brasil” – não deixava de ser sintomático da repentina repercussão que o escritor gaúcho começava a ter em Portugal. Apesar de sua chegada também ter sido tardia, como a de Graciliano, a atenção prestada à obra de Veríssimo só pode ser comparada à recepção que teria Jorge Amado e, assim mesmo, é inegável que havia mais consenso sobre suas qualidades propriamente literárias.

Os comentários de João Rubem nos remetem diretamente a um artigo do brasileiro Dias da Costa publicado em agosto de 1938, isto é, no mês anterior, na revista brasileira *Esfera*. E se esse fato merece ser assinalado é porque, mais uma vez, vemos que a circulação literária envolvia igualmente as revistas<sup>14</sup>. Diferentemente de Dias da Costa, no entanto, para quem a aposta de Érico Veríssimo numa solução pacífica para resolver o problema social no mundo

14 De fato, a revista brasileira *Esfera* publicaria três artigos seguidos sobre Érico Veríssimo, nos meses de Julho, Agosto e Setembro de 1938, assinados respectivamente por Maria Jacintha, Dias da Costa e Barreto de Araújo.

moderno resultava ingênua, para João Rubem Veríssimo concorreria com sua obra para a conquista de um período de justiça e equilíbrio, confiante no alargamento progressivo do bem-estar geral. Nesse sentido e à sua própria maneira, João Rubem também discordaria de uma suposta interpretação presenciata. Veríssimo não era um escritor abstrato que buscava nos homens motivos estéticos de beleza porque sua obra tinha um fundo social “transparente como um cristal” (Rubem, 1938)<sup>[15]</sup>.

No contexto brasileiro, o fundo social da obra de Érico Veríssimo parecia ser, de fato, bastante claro, pelo menos desde a publicação de *Caminhos Cruzados*, em 1934, livro saudado entusiasticamente pela crítica “de esquerda”. Apesar de não ser um romance “de tese”, ou proletário, *Caminhos Cruzados* foi visto como um romance social capaz de incluir representantes de todas as classes num mesmo espaço literário e de ironizar, pela técnica da simultaneidade e do contraponto, a hipocrisia das classes pudentes, sem que o autor/narrador fosse levado a interferir diretamente nas ações das personagens e sem que fosse necessária a presença de heróis. A prosa de Veríssimo não suscitava a revolta, como se poderia pedir de um romance proletário, mas transmitia uma mensagem de caráter social por meio de uma construção romanesca aparentemente imparcial. O fato de que haja sido considerado ideologicamente como “socialista”, um termo mais leve no contexto brasileiro da época que o de “comunista”, como afirma Luis Bueno (2006), também aponta para o lugar singular que o autor passaria a ocupar, estabelecendo um diálogo com os defensores do “romance proletário” e os defensores do “romance burguês”, ao mesmo tempo em que superava essa dicotomia sem abdicar de uma posição própria<sup>[16]</sup>.

A singularidade de Veríssimo no contexto brasileiro dos anos 1930, tanto no que diz respeito à sua prosa quanto ao lugar que ocupava em meio às diferentes correntes literárias, em alguma medida se perdeu no processo de recepção da sua obra em Portugal, ao menos no que se refere à recepção por parte da geração associada ao neo-realismo. No primeiro artigo da série que Afonso de Castro Senda dedicou à nova literatura brasileira, “sobre os escritores que ainda não foram ditos”, Veríssimo já aparecia como mais um representante do movimento identificado inicialmente aos nomes de Jorge Amado e José Lins do Rego. Mas é no artigo que Mário Dionísio lhe dedica na revista *O Diabo*, em

---

15 Quando afirmamos que, “à sua maneira”, João Rubem também discordaria da interpretação presenciata, não podemos deixar de pensar até que ponto sua posição estaria vinculada à da revista *Pensamento*, de que era articulista.

16 Sobre a recepção de *Caminhos Cruzados* nos anos 1930, ver Bueno, 2006, especialmente p. 380-399.

abril de 1939, em que vemos claramente como Veríssimo é percebido – pelos neo-realistas – como um nome mais de um movimento regionalista que não se restringia ao Nordeste. Discutindo a noção de movimento coletivo e até que ponto essa expressão podia se aplicar ao que estava acontecendo no Brasil, Mário Dionísio afirma que:

Certamente que esta noção de movimento coletivo (que existe) é bastante deficiente. Cremos que os escritores a que nos referimos surgiram espontaneamente, sem sombra de plano, de deliberação tomada em comum, de compromisso. Mas é que há qualquer coisa muito mais importante que os tais compromissos tácitos a que uma situação social, econômica, etc, obriga os indivíduos. E aqui temos quatro, cinco, dez escritores que um estado de coisas impeliu a escrever. Surgiram isoladamente, cada um do seu ponto, com a sua mensagem individual, com o grito do seu meio. E eis que, sem darem por isso, as suas obras estavam fundidas numa única e grande obra – a obra de gritar aos próprios homens que os homens são homens. [...] Se tomarmos Jorge Amado, Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos para exemplo, veremos como em todos eles há um fulcro comum. Em todos eles a luta pela dignidade do Homem. Em todos eles a revelação de um país através das suas realidades nacionais. Em todos eles a satisfação das necessidades universais do Homem que virá resolver, justamente, o problema das suas realidades nacionais.

Dionísio, 1939b: 2

Para além de uma percepção renovada do significado literário do regionalismo comum aos críticos neo-realistas e da reafirmação do caráter heterogêneo e espontâneo do movimento então em curso no Brasil, vemos que, aos olhos do crítico português, Veríssimo emergia de seu meio, o Rio Grande do Sul, para dar-lhe um representação ficcional e se somar, assim, a um movimento maior cujos principais expoentes eram, por uma espécie de acaso, quase todos do Nordeste<sup>[17]</sup>. De qualquer forma, a relação que Mário Dionísio estabelece entre Veríssimo e o regionalismo nordestino não pode ser compreendida somente em função das polémicas que então vincavam o meio literário português, ou como uma tentativa, por assim dizer, de marcar espaço. Ao contrário, faz sentido pensar nesses autores, assumindo uma perspectiva mais ampla que ultrapassa o próprio “caso” brasileiro, como parte de uma contemporaneidade para quem o fenômeno literário se encontrava simbolicamente a meio caminho entre o local e o universal, entre o estético e o político.

17 Sobre a mudança a respeito do significado literário do regionalismo para a geração neo-realista, ver a compilação de textos organizada por Reis, 1981, p. 159-171.

O fato de o artigo sobre Érico Veríssimo publicado n' *O Diabo* fazer parte de um texto mais longo, dedicado ao autor brasileiro e apresentado como Dissertação de conclusão do curso à Faculdade de Letras de Lisboa mostra, diferentemente do que sugere Luis Bueno (2010), um interesse genuíno do crítico português pela moderna literatura brasileira<sup>[18]</sup>. Aliás, se, para pensar na recepção do romance social brasileiro, tomarmos como marco analítico a polêmica entre neo-realistas e presencialistas e uma suposta tentativa, por parte dos primeiros, de tornarem hegemônica no meio literário português uma visão ideológica do fenômeno estético, seria inevitável concluir que ninguém esteve mais distante de um comportamento estratégico do que Mário Dionísio, ao se debruçar, como vimos, sobre um autor tão simbólico naquele contexto como foi Jorge Amado.

É natural que o processo de recepção da literatura social brasileira em Portugal haja sido influenciada pelas polêmicas em curso no meio literário português. O que haveria que saber, pois, é até que ponto essas polêmicas não acabariam alterando o curso da própria recepção, assim como investigar as condições que concretamente possibilitaram, ou inviabilizaram, a circulação de obras, revistas, correspondências, etc., entre os dois países – condições sobre as quais, na verdade, ainda sabemos pouco. O caso da série de artigos escritos por Afonso de Castro Senda para a revista *O Diabo*, e o que dizia respeito a Érico Veríssimo, em especial, parece ser um bom exemplo de como o debate entre presencialistas e neo-realistas podia chegar a orientar a atenção da crítica sobre certos autores e o significado de suas obras naquele contexto. Por sua vez, os artigos de Joaquim Namorado e, até certo ponto, também os de Alves Redol, parecem se destacar dos demais textos dedicados à literatura brasileira no final dos anos 1930 por seu caráter programático. Para eles, sem deixarem de ser um exemplo – exemplo que poderia ser encontrado na literatura social de outros países – as obras de Jorge Amado e Amando Fontes parecem ter adquirido, de fato, um caráter exemplar, quer dizer, terem apresentado uma solução possível para o impasse de fazer da literatura – e da arte, em última instância – um espaço simbólico de luta num mundo percebido como tragicamente conflitual.

Ora, recuperando, nesse ponto, outra vez a Mário Dionísio, perceberemos que a urgência e a angústia eram as mesmas e era a mesma a disposição para a polêmica e para a luta. A diferença, no entanto, é que Dionísio pareceria optar

---

18 Ver Dionísio, 2011.

por lutar desde o impasse, sem chegar a aceitar, no que dizia respeito à relação entre arte e política, uma solução doutrinária. Se essa hipótese estiver correta poderíamos pensar que a recepção da moderna literatura social brasileira em Portugal nos anos 1930 importou em modos diversos de leitura não só porque envolveu presencistas e neo-realistas, mas também porque, desde sua gênese, o neo-realismo implicou pontos de vista também diversos acerca do significado da arte, de sua relação com a realidade social e da função do artista como parte integrante dessa relação.

## Referências

- ALMEIDA, António Ramos de (1938a), “O romance brasileiro através de seus principais intérpretes: Jorge Amado”, in *Sol Nascente*, 15/08/1938.
- , António Ramos de (1938b), “O romance brasileiro contemporâneo através de seus principais intérpretes: Amando Fontes e José Lins do Rego” in *Sol Nascente*, 01/12/1938.
- ALVES, Ricardo (2002), *Anarquismo e Neo-Realismo: Ferreira de Castro nas encruzilhadas do século*, Lisboa: Âncora Editora.
- ANDRADE, Luis Crespo de (2009), “Um rasgo vermelho sobre o oceano”, in *Afinidades Atlânticas: impasses, quimeras e confluências nas relações luso-brasileiras*, Guimarães, Lúcia Maria P. (org.), Rio de Janeiro: Quartet-FAPERJ, pp. 177-235.
- BERGAMO, Edvaldo (2008), *Ficção e convicção: Jorge Amado e o neo-realismo literário português*, São Paulo: UNESP.
- BUENO, Luis (2006), *Uma História do Romance de 30*, São Paulo: EDUSP e Campinas: Ed. UNICAMP.
- , Luis (2010), “O Romance brasileiro na visão de dois críticos portugueses”, *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Universidade de Évora.
- CASAS MONTEIRO, Adolfo (1940), *Sobre o Romance Contemporâneo*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- , Adolfo (1938a), Correspondência a Mário Dionísio, Arquivo Pessoal Mário Dionísio, Casa da Achada, DOS 4-33, 16/08/1938.
- , Adolfo (1938b), Correspondência a Mário Dionísio, Arquivo Pessoal Mário Dionísio, Casa da Achada, DOS 4-33, 22/12/1938.
- , Adolfo. “Figuras do Novo Brasil: *Jubiabá*, de Jorge Amado (II)”, in *O Diabo*, 04/04/1937.
- CASTRO, Afonso de [Senda] (1938a), “Panorama Literário do Brasil: sobre escritores que ainda não foram ditos” in *O Diabo*, 02/01/1938.
- , Afonso de [Senda] (1938b), “Panorama Literário do Brasil V, Depoimento em volta do efêmero e do eterno na obra de arte, e palavras de ensaio sobre Graciliano Ramos e sua obra” in *O Diabo*, 05/06/1938.



- , Afonso de [Senda] (1938c). “Panorama Literário do Brasil VIII, *Olhai os Lúrios do Campo*, de Érico Veríssimo” in *O Diabo*, 13/11/1938.
- CASTRO, Ferreira de. “Literatura Social Brasileira” in *O Diabo*, 2/09/1934.
- COSTA DIAS, Luis Augusto (2011), “O ‘Vértice’ de uma renovação cultural: imprensa periódica na formação do Neo-Realismo (1930-1945)”, *Tese* (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- CUNHAL, Álvaro, “Numa encruzilhada dos homens” in *Sol Nascente*, 01/06/1939.
- DIONÍSIO, Mário (2011), [*Érico Veríssimo*] *Um Romancista Brasileiro*, Lisboa, CLEPUL [1939].
- , Mário (2009), “Pequenos Burgueses”, *Entre Palavras e Cores: alguns dispersos (1937-1990)*, Lisboa: Livros Cotovia – Casa da Achada/ Centro Mário Dionísio.
- , Mário (1964), “Prefácio”, in *Casa da Duna*, Oliveira, Carlos de (ed.), Lisboa: Portugália Editora.
- , Mário (1939a), “S.O.S. Geração em Perigo” in *O Diabo*, 24/06/1939.
- , Mário (1939b), “*Olhai os Lúrios do Campos*, Romance, por Érico Veríssimo” in *O Diabo*, 29/04/1939.
- , Mário, “Sobre a necessidade de ver claro” in *Sol Nascente*, 15/03/1938.
- , Mário, “A propósito de Jorge Amado II” in *O Diabo*, 21/11/1937.
- FERREIRA, Ana Paula (1992), *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*, Lisboa: Editorial Caminho.
- LINS, Álvaro (1963), “Valores e misérias das *Vidas Secas*”, in *Os Mortos de Sobrecasaca: ensaios e estudos (1940-1960)*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, pp. 144-69.
- NAMORADO, Joaquim, “Do Neo-Romantismo: o sentido heroico da vida na obra de Jorge Amado”, in *Sol Nascente*, Fev-Mar, 1940.
- , Joaquim, “Do Neo-Realismo: Amando Fontes” in *O Diabo*, 31/12/1938.
- NOGUEIRA, Albano, “S. Bernardo e *Vidas Secas*, Romances, por Graciliano Ramos, Rio, José Olympio”, *Revista de Portugal*, Coimbra, Outubro de 1938.
- PITA, António Pedro (2002), *Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português: arqueologia de uma problemática*, Porto: Cia das Letras.
- QUEIRÓZ, Carlos, “Perfis – Érico Veríssimo”, *Revista de Portugal*, Coimbra, Julho de 1938.
- REDOL, Alves, “Amando Fontes: impressões da sua obra, I” in *Sol Nascente*, 15/05/ 1938.
- RÉGIO, José, “Cartas Intemporais do Nosso Tempo XI: A um moço camarada, sobre qual-quer possível influência do romance brasileiro na literatura portuguesa” in *Seara Nova*, 29/04/1939.
- REIS, Carlos (1981) *Textos teóricos do Neo-Realismo português*, Lisboa: Seara Nova.
- RUBEM, João [João Cupertino de Miranda], “Érico Veríssimo: o maior romancista do Brasil” in *O Diabo*, 18/09/1938.
- SERPA, Alberto de., “Correspondência a Mário Dionísio”, 19/5/1938, Arquivo Pessoal Mário Dionísio, Casa da Achada, DOS 6-33.
- VICOSO, Vitor (2011), *A Narrativa no Movimento Neo-Realista: as vozes sociais e o universo da ficção*, Lisboa: Edições Colibri.



# DIS-PLAY DA MORTE EM JOSÉ SARAMAGO

Sara Lima e Sousa

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

## 1. Introdução

O *mysterium tremendum* da morte tem sido uma fonte inesgotável de conjeturas e indagações, consideradas relevantes barómetros idiossincráticos. Muito se tem discorrido sobre o apelidado “élan mortel” (Crevel *apud* Lourenço, 1990) que tem envolvido a Modernidade, tendo a tematização da morte na literatura sido considerada uma “chave de decifração do mundo” (Silva *in* Feijó *et al.*, 1985).

Como sublinhado por Cláudio Guillén, no artigo “Entre o Uno e o Diverso: Introdução à Literatura Comparada”, porque todos os temas são diferenciáveis e fragmentáveis quando colocados em perspetiva diacrónica e interespaial, também o *topos* da morte é situável nesse lugar literário onde o “costume, a reiteração, o retorno cíclico cedem a vez à mudança (...) (alterando) não só as formas, as palavras e as individualidades, mas também o que os homens e as mulheres sentem, valorizam e declaram” (Guillén, 2001: 399).

Em sintonia com a *Weltanschauung* pós-moderna, não poderemos dissociar a tematização da morte contemporânea do seu contexto ideológico: a “Era da Interpretação” vattimiana e do *pensiero debole*, fundados epistemologicamente numa vivência “sem ânsias no mundo relativo das meias verdades” (Zabala, 2008: 29); uma conjuntura social herdeira do progresso científico e tecnológico - eixos dissimuladores dos limites da condição humana, que conferiram ao

indivíduo uma certa ilusão de extra-humanidade;<sup>[1]</sup> e a Era de teorizada “morte interdita” (Ariès, 2010: 61-72) e ocultação do sofrimento, possibilitados pelo desenvolvimento de práticas paliativas e pelo estabelecimento do mercado funerário.

No âmbito da interdição social da morte, é incontornável que sublinhemos o rumo algo paradoxal percorrido pela estética pós-moderna.

Como veiculado por João Barrento, no ensaio “Receituário da dor para uso pós-moderno”, este perfil pós-iluminista, sedimentado na ocultação da morte e na prática anestésica,<sup>[2]</sup> tem sido acompanhado por uma algo paradoxal estética do “espectáculo da dor” (Barrento, 2001: 69), alimentada pela criação de platónicos simulacros (Jameson, 1991; Barrento, 2001), não fundamentados, portanto, na empiria.

Como sublinharemos ao longo da presente exposição, o conceito de *espectáculo* não só da dor, mas da morte, em sentido lato, parece não só subsumir as noções de simulação e contemplação, mas também de *performance* no seio da qual convergem matizes, tanto luminares como obscuras, tanto risíveis como trágicas, numa estética pós-moderna que apelidamos de “*dis-play* da morte” e que consideramos ser um relevante eixo de leitura na obra ficcional de José Saramago.

## 2. Morte e Pós-modernidade

A representação da dor, do feio e do lúgubre tanatológico têm sido transversais a uma arte que se apelida de erudita mas também a uma cultura de massas, que têm explorado o motivo sanguinolento e a imagética do corpo morto, com especial enfoque na dilaceração e putrefação da matéria humana - uma prática que, como sabemos, também se estende a campos não artísticos, como ao jornalístico.

A título de exemplo, no contexto artístico português, lembremos a crueza da escultura de Clara Menéres, pessoalmente intitulada “Jaz Morto e Arrefeceu o Menino de sua Mãe”: uma modelação hiper-realista com um duplo impacto visual e emocional, amplificado pelo desconforto de uma não distan-

1 Uma quimera potenciada pelos avanços na medicina, na indústria e na tecnologia, que permitiram ao indivíduo curar-se das suas doenças, fabricar mecânica e massivamente e voar.

2 Consideradas “consequência[s] natura[is] do hedonismo reinante, de raiz narcisista e horizonte epicurista” mas também “reaç[ões]histórica[s] ao excesso de sacrifício e de dor pedido às gerações da primeira metade do século XX» (Barrento, 2001: 76).

ciada e não ficcional guerra-colonial, mas também por um título escultórico que aproxima a impessoalidade da decomposição orgânica do ser humano e a doçura da figura filial: “Jaz Morto e Arrefece o Menino de sua Mãe”.

Na cena artística internacional, lembremos a obra “Shooting into the corner” de Anish Kapoor, uma das esculturas e instalações do artista plástico indiano-britânico, que têm na coloração vermelho-sangue e na sugestão bélica e visceral vários motes para a reflexão sobre a morte violenta, possibilitada pelas máquinas de extermínio desenvolvidas pela *civilização*. Na referida obra, numa alusão clara ao motivema da guerra, a índole itinerante da instalação faz do objeto artístico um elemento de constante recriação e iteração readequada à diferente morfologia das galerias onde é exposta, numa repetição que, entre outras leituras, parece materializar o sacrifício universal, a corrupção de algum tipo de alvura humana pelo fenómeno bélico, e a doação ou maquinação da morte pelo homem.

Embora a crueza figurativa da finitude seja central, a espetacularização da morte na pós-modernidade subsume igualmente o reverso desse óbulo, materializado pelo retrato risível da mesma.

No que concerne à figuração jocosa da morte, na cena artística portuguesa, lembremos a “Estátua Jacente do Poeta – Homenagem Pré-póstuma a Helder Macedo”, de João Cutileiro – uma crítica ao gesto póstumo da homenagem praticada em Portugal, o que impossibilita a fruição do reconhecimento do homenageado em vida – uma sátira crua e mordaz materializada pela dupla prefixação subjacente à palavra neológica “pré-póstuma...”<sup>[3]</sup>, mas também pelo retrato fúnebre de um vivente, friamente modelado em ferro.

Na sétima arte internacional, num tom mais humorístico, sublinhamos a célebre comicidade dos britânicos *Monty Python* - um exemplo da desconstrução de vários estereótipos da condição humana, entre eles o da finitude.

No seio de uma extensa filmografia, lembramos o filme *Life of Brian* - uma paródia de índole bíblica, cujo *sketch* final culmina com o canto e o sibilo jubilosos dos que, apesar de crucificados, entoam os versos “always look on the bright side of life/ (...) always look on the bright side of death, just before you draw your terminal breath”.

---

3 O acto aprioristicamente reflexivo sobre o *a posteriori* lembra-nos também o conceito ricoeuriano de “futuro anterior”: um ver-se morto antes da morte como um acto de preparação para o fim. Embora com tonalidades diferentes – a de Cutileiro de teor crítico e a de Ricoeur de teor auto-reflexivo, como que numa preparadora *ars moriendi* - ambos parecem ser eles relevantes no pensamento pós-moderno.

Lembramos também o sketch “Death” do filme *Monty Python’s The Meaning of Life*, no qual a figura estereotipada da morte como senhor da gadanha, num tom pretensamente dramático, interrompe um jantar caseiro entre casais amigos pretensamente intelectuais. Apesar do aparato das vestes e do tom trágico e ameaçador, os amigos banalizam a presença do senhor da morte – simpaticamente apelidado de *Mr. Death* - o qual incluem na discussão que estavam previamente a ter “sobre se a morte significa mesmo o fim”.

### 3. José Saramago e a Morte

Num universo artístico pós-moderno que aqui muito brevemente tivemos oportunidade de ilustrar, como num fotográfico zoom in – zoom out, a figuração da morte parece aproximar--se drasticamente da imagética visceral e, por sua vez, afastar-se da literalidade discursiva, num gesto audaz de representação jocosa da finitude.

Neste contexto estético, sendo a morte um motivema nevrálgico da obra ficcional de José Saramago inserida nesse campo de *espetacularização*, a representação do tema parece situar-se nesse espaço limiar pós-moderno de teorizada coexistência de opostos.

Tal como veiculado por Ana Paula Arnaut, no artigo “José Saramago: Singularidades de uma Morte Plural” (2011), “...como não podia deixar de acontecer, num autor que praticamente desde o início, nos habituou aos mais diversos exercícios subversivos (...), também este aspecto temático não deixa de ser submetido a um peculiar tratamento e a uma não menos peculiar apropriação e utilização”.

Inserida na Era da ocultação social da dor e da morte, a estética do autor parece ter seguido o rumo *desvela(dor)* da prática artística pós-moderna. Neste âmbito, o romanesco saramaguiano serve-se da crueza visceral mas também da tonalidade satírica como utensilagens para um confesso exercício de dessacralização da solenidade e tragicidade da finitude.

Desta forma, entre o horrível e o risível, sublinharemos duas faces desse óbolo que apelidamos de *dis-play* da morte que, na verdade, engloba uma tríade semântica – um conceito que resumiremos adiante, não sem antes nos debruçarmos sobre alguns excertos da obra saramaguiana.

Pela brevidade da presente participação, ilustraremos concisamente a que cremos ser uma conjunção de tonalidades tanatológicas. No que concerne

ao estilema da figuração visceral da morte, lembremos um dos episódios d' *O Memorial do Convento*, aquando da morte trágica de Francisco Marques, “aquele que será esmagado pela pedra”.

Durante o transporte da mesma em direção ao Convento de Mafra, então em construção, o trabalhador perece esmagado por uma roda do carro de bois que a carregava:

...Tiraram Francisco Marques de debaixo do carro. A roda passara-lhe sobre o ventre, feito numa pasta de vísceras e ossos, por um pouco se lhe separavam as pernas do tronco...

Saramago, 1982: 259

Seguido de uma tonalidade trágica e algo desconcertante, segue-se uma rápida mudança discursiva que, imbuída de uma ironia de teor burlesco, desconstrói a solenidade da efeméride:

...Tiraram Francisco Marques de debaixo do carro. A roda passara-lhe sobre o ventre, feito numa pasta de vísceras e ossos, por um pouco se lhe separavam as pernas do tronco, falamos da sua perna esquerda e da sua perna direita, que da outra, a tal do meio, a inquieta, aquela por amor da qual fez Francisco marques tantas caminhadas, dessa não há sinal, nem vestígio, nem um simples farrapito...

Saramago, 1982: 259

Esta mesma tonalidade dúplice é também encontrada no romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Neste contexto, lembremos o episódio em que, recordando o *Dilúvio* das sagradas escrituras, o narrador descreve o momento da dizimação coletiva, partindo não do ponto de vista de um mero observador, mas do ponto de vista do dizimado.

Neste âmbito, subvertendo, de certa forma, o protagonismo canónico da parábola da Arca de Noé, como veremos, o narrador perspectiva com pormenor anatómico o momento da morte do indivíduo anónimo:

...A chuva recomeçou a cair, faz sobre os telhados um rumor como de areia peneirada, entorpecente, hipnótico, porventura no seu grande dilúvio terá Deus misericordioso desta maneira adormecido os homens para que lhes fosse suave a morte, a água entrando maciamente pelas narinas e pela boca, inundando sem sufocação os pulmões, regatinhos que vão enchendo os alvéolos, um após outro, todo o oco do corpo, quarenta

dias e quarenta noites de sono e de chuva, os corpos descendo para o fundo, devagar, repletos de água, finalmente mais pesados do que ela...

Saramago, 1984: 46

Após uma descrição de colorações lúgubres, com laivos de sadismo instrumentalizados por uma semântica negramente ternurenta (atentemos no advérbio de modo “maciamente” e no uso do diminutivo “regatinhos”), o episódio prossegue com uma deslocação da tonalidade trágica para refugiar-se nos braços algo irónicos do discurso metaliterário:

...A chuva recomeçou a cair, faz sobre os telhados um rumor como de areia peneirada, entorpecente, hipnótico, porventura no seu grande dilúvio terá Deus misericordioso desta maneira adormecido os homens para que lhes fosse suave a morte, a água entrando maciamente pelas narinas e pela boca, inundando sem sufocação os pulmões, regatinhos que vão enchendo os alvéolos, um após outro, todo o oco do corpo, quarenta dias e quarenta noites de sono e de chuva, os corpos descendo para o fundo, devagar, repletos de água, finalmente mais pesados do que ela, foi assim que estas coisas se passaram, também Ofélia se deixa ir na corrente, cantando, mas essa terá de morrer antes que se acabe o quarto acto da tragédia...

Saramago, 1984: 46-7

Numa alusão shakespeariana (e certamente não onomasticamente alheia à biografia pessoana), o comentário metaficcional quebra a tensão subjacente à descrição da aniquilação bíblica por afogamento, remetendo para uma dinâmica cénica e, por isso, confortavelmente afastada do real. Por outro lado, uma asserção algo didascálica, de intertexto shakespeariano, é tecida com uma linguagem popular, algo inesperada no que concerne à leitura de uma tragédia erudita e solene – um comentário ironicamente discorrido de forma trivial, como se de uma telenovela se tratasse (“mas essa terá de morrer antes que se acabe o acto da tragédia”).

Da mesma forma, também o texto operático *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* - drama metaparódico do *Don Giovanni ossia Il Dissoluto Punito*, por Lorenzo da Ponte e Mozart, que por si só é já uma paródia ao mito *donjuanesco* – se insere no campo tragicómico, apesar do *lieto fine* intuível pelo título da tessitura.

No excerto que citaremos, José Saramago subverte a reconhecida cena da visita da estátua do Comendador ao assassino *Don Giovanni*:



**Don Giovanni**

E como foi que vieste até aqui. Não deve ter sido fácil, com essas pernas rígidas, tesas. Quero dizer, sem articulações.

**Comendador**

Trouxe-me pelos ares o meu espírito. Não havia outra maneira.

**Don Giovanni**

E onde está ele agora?

**Comendador**

Ficou lá fora, à espera.

**Don Giovanni**

Se queres, manda-o entrar, não faças cerimónia, onde cabemos dois, cabemos três. E mesmo quatro, se contarmos com Leporello.

**Comendador**

Não te incomodes, o espírito esperará o que for preciso, cedo e tarde são expressões sem sentido para ele.

**Don Giovanni**

Curioso. E vai ficar lá fora até que acabemos de comer?

**Comendador**

Os mortos não comem, os mortos são comidos.

**Don Giovanni**

Não é preciso estar morto para saber isso. Em todo o caso, tu encontras-te a salvo, os vermes são bichos delicados, respeitam o bronze...

Saramago, 2005: 33

Uma vez mais, numa *valsa* entrecruzada de colorações lúgubres e jocosas, a estética saramaguiana subsume uma figuração bifurcada da morte, que está também, incontornavelmente, presente n' *As Intermittências da Morte*.

Na verdade, no referido romance, mais do que uma presença temática vinçada, a morte assume o papel de personagem principal, numa personificação que serve de mote a um conjunto de peripécias nascidas da negação da própria finitude – uma suspensão da morte que instala o caos num espaço e tempo incógnitos.

No seio das múltiplas efemérides decorrentes desse já não mais “ser-para-a-morte”, instaurado numa terra de todos e de ninguém, o excerto que infracitamos relata o momento em que a vontade de morrer leva alguns moribundos a ultrapassarem as fronteiras desse lugar, oferecendo a si mesmos a possibilidade de aí perecerem e serem enterrados - uma prática que quase provocou uma Guerra civil, que é retratada com laivos de tragédia e de comédia:

...os soldados voltaram aos postos de onde tinham vindo, e aí, armados até aos dentes, aguardaram a pé firme o ataque e a glória. Não houve. Nem a glória, nem o ataque. Pouco de conquistas e ainda menos de impérios, o que os ditos países limítrofes pretendiam era tão-somente que não lhes fossem lá enterrar sem autorização esta nova espécie de emigrantes forçados, e, ainda se lá fossem só para enterrar, vá que não vá, mas iam igualmente para matar, assassinar, eliminar, apagar, porquanto era naquele exacto e fatídico momento em que (...) atravessavam a fronteira, que os infelizes se finavam (...). Postos estão frente a frente os dois valerosos campos, mas também desta vez o sangue não irá chegar ao rio. E olhem que não foi por vontade dos soldados do lado de cá, porque esses tinham a certeza de que não morreriam mesmo que uma rajada de metralhadora os cortasse ao meio. Ainda que por mais do que legítima curiosidade científica devamos perguntar-nos como poderiam sobreviver as duas partes separadas naqueles casos em que o estômago ficasse para um lado e os intestinos para outro.

Saramago, 2005: 67-8

#### 4. Conclusão

Como aventávamos previamente, a figuração da morte é um ponto nevrálgico da obra de José Saramago. Inserida na “Era da morte interdita” ariesiana, a estética do autor parece ter seguido um rumo *desvela(dor)*, consonante com os teorizados simulacros tanatológicos veiculados pela arte pós-moderna *lato sensu*. Num exercício de dessacralização da solenidade e tragicidade da finitude, o romanesco saramaguiano serve-se da crueza visceral mas também da tonalidade satírica como utensilagens – duas faces de um mesmo óbolo que apelidamos de *dis-play* da morte e que pretendemos desenvolver numa acepção tripartida, possibilitada pela desconstrução do termo. Neste sentido, numa primeira leitura, o conceito de *display* será perspectivado homogeneamente, veiculando a assiduidade e consistência expositivas do tema da morte na obra saramaguiana; numa segunda leitura, num gesto de decomposição silábica, consideraremos a sílaba *play* isoladamente, como lexema, conotando a tonalidade risível conferida à finitude no romanesco saramaguiano; e, numa terceira leitura, ainda numa perspectiva de desagregação, o sentido de negação inerente ao prefixo “dis”, contraditando a tonalidade jocosa inerente ao “play”, subsumirá a figuração lúgubre e visceral com que o tema é sincronicamente retratado. Três leituras diferenciáveis, apesar do seu cariz “materialmente indiscernível” (como diria Lindeza Diogo); três acepções cujo sentido perseguimos e as quais seguimos como “mirage[ns] para quem viaja no deserto (...)

[possibilitando] a esperança e a confiança, mais alguns passos sem medo, em direcção à ignota escuridão que iluminam” (Jean-Didier Urbain, 1997: 383): ou não fosse a “...a evidência da morte (...) [um] véu com que a morte se disfarça” (Saramago, 1984: 40).

## Referências

- ARIÈS, Philippe (2010), *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, Lisboa: Teorema, [1975].
- ARNAUT, Ana Paula, “Novos Rumos na Ficção de José Saramago: Os Romances Fábula (As Intermittências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim)” in *IPOTESI, Juiz de Fora*, v. 15, n. 1, p. 25 -37, jan./jun, 2011.
- BARRENTO, João (2001), *A Espiral Vertiginosa: Ensaio sobre a Cultura Contemporânea*, Lisboa: Cotovia.
- FEIJÓ, Rui G. (et al.) (1985), *A Morte no Portugal Contemporâneo*. Lisboa: Editorial Quercus.
- GUILLÉN, Cláudio (2001), “Entre o Uno e o Diverso: Introdução à Literatura Comparada” in *Floresta Encantada* (org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão), Lisboa: Dom Quixote.
- HOWARTH, Glennys & Leaman, Oliver (2004), *Enciclopédia da Morte e da Arte de Morrer*, Lisboa: Quimera Editores.
- JAMESON, Frederic (1991), *Postmodernism or the cultural logic of late capitalism*, London: Verso.
- LOURENÇO, Eduardo, “Suicidária Modernidade”, in *Revista Colóquio /Letras*. Ensaio, nº 117/118. Set. 1990, p. 7-12.
- SARAMAGO, José (1982), *Memorial do Convento*, Lisboa: Editorial Caminho.
- , *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984) Lisboa: Editorial Caminho.
- , *As Intermittências da Morte* (2005) Lisboa: Editorial Caminho.
- , *Don Giovanni ou O dissoluto absolvido* (2005) Lisboa: Editorial Caminho.
- URBAIN, Jean-Didier (1997), “Morte” in *Enciclopédia Einaudi, vol. 36: Vida/Morte – Tradições – Gerações*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- ZABALA, Santiago (2008), *O Futuro da Religião*, Lisboa: Angelus Novus.



# **BRIEF ENCOUNTERS WITH AN EXOTIC BUT DECADENT OTHER: THE IMAGE AND PERCEPTION OF PORTUGAL (AND THE PORTUGUESE) IN EARLY VICTORIAN WOMEN'S POETRY<sup>[1]</sup>**

Paula Alexandra V. R. Guimarães

UNIVERSIDADE DO MINHO

## **1. Introduction: British Women Re-imagining and Reconfiguring Portugal**

The relationship between the feminine 'I' and a foreign 'Other' has not only become part of a major philosophical debate throughout history, but it is equally established as a central theme in the discussion of both post modernity and contemporary women's poetry. However, poetic representations of another country and other people tend to emerge under specific personal and historical circumstances. Thus, a given poetic representation may differ according to the nationality and the past experience of the respective woman poet as there is always a degree of subjectivity or 'self-image' involved in the representation of another culture or 'hetero-image'. My aim here is to interrogate the 'image' of the 'other' present in Victorian women's poetry, reflecting both on the idea of strangeness and the stranger, and formulating the issue of representation as an historical construct. I will try to confront identity and alterity/difference in some of their poems by reading in between 'images', and I will also address the (poetic) text as a 'dialogue' or 'encounter', as a site to rehearse the creation of relationships.

---

1 This paper is inserted in the research project Cultural (Dis)Encounters: Figurations of the 'Other' in *Representations of Portugal, Britain and the USA in the Nineteenth-Century Portuguese and Anglo-American Poetry and Novel*.

Representations of Portugal (the country, its people and culture) are not very abundant in British women's literature, but the early nineteenth century provided some of these poets with the ideal historical and artistic occasion to focus their attention on a small peripheral Iberian country. Felicia Browne Hemans, a contemporary of Byron and Shelley, became interested in exploring the romantic and historical potential of Portuguese mythical women such as Inez de Castro in her poetry. Perhaps more importantly, British women poets, as different as Hemans and Charlotte Elizabeth Tonna, used the dramatic context of the 'theatre of war' during the Napoleonic invasions of the Peninsula (1807-15) to situate their respective poems focusing specifically on Portugal (its people, landscape, religion, etc.). A decade or two later on, in the earliest tales and poems belonging to their collaborative juvenilia (1829-39), Charlotte and Emily Brontë charismatically used male and female fictional characters or *alter egos* with Portuguese (sur)names, features, contexts and locations. Elizabeth Barrett Browning, who had a great interest in Portuguese poets such as Luís de Camões and Soror Maria do Céu, subtly incorporated Renaissance and Baroque Portuguese poetic conventions in her most famous love poetry (1840-50), which also possesses audible echoes of Alcoforado's *Portuguese Letters*. Together, these writers have substantially contributed to the poetic perception of otherness, by re-imagining and re-configuring Portugal as a romantic, exotic and passionate country, with a very rich history but also with a markedly decadent and bigoted outlook.

## 2. Felicia Hemans's *Inês de Castro*: Rewriting the Portuguese tragedy as *tableau*

The late Romantic woman poet Felicia Dorothea Browne Hemans (1793-1835) has been one of the first English female authors to appropriate this early European myth of love beyond death in her poem "The Coronation of Inez De Castro", inserted in her volume *Songs of the Affections* (1830). Hemans had her own personal and artistic motives for appropriating this Portuguese story. She sets many of her poems in situations of conflict between the private and the public realms,<sup>[2]</sup> thus challenging Romantic historiography and art. But to understand her personal involvement in the Portuguese historical context, it is

---

2 Namely, as Kelly states, between "individual desire as a personal absolute and the intrigues and power relations of a monarchic court" (2001: 201-2).

necessary to analyse the connection that this poet usually establishes between the suffering caused by armed conflict and national identity, between domestic loss and national sacrifice.<sup>[3]</sup>

The poem, composed of twelve melodious octaves in alternating rhyme, is based on the well-known legend that King Pedro ordered Inez's body exhumed from her grave, had her seated on the throne, crowned and, in a macabre final gesture, forced the entire court to swear allegiance to their new queen by kissing the corpse's hand. Inez would only then be reburied, this time in the Monastery of Alcobaça, in an extraordinary religious and stately ceremony (in April 1361), which is also described by Hemans (in the subtitle) as a paradigmatic illustration of Germaine de Staël's epigrammatic statement about the union of Love and Death.<sup>[4]</sup> Although the symbolic proclamation of Inez as 'queen' does not have to imply a literal coronation, Hemans chose to 'literalise' that particular image—more than just 'stage' it, to aestheticise it, to fill it with elaborate and suggestive detail, so as to be immortalised and memorialised as Staël had suggested, that is, as a 'living' tableau.

Furthermore, Hemans' poem seems to constitute a direct answer to the initial question posed by Elizabeth Bronfen in her book on Death, Femininity and the Aesthetic: "How can a verbal or visual artistic representation be both aesthetically pleasing and morbid, as the conjunction of beautiful woman and death seems to imply?" (Bronfen, 1992: x). In fact, against the natural order of things, the bright coronation rites of this queen must, most unusually, give way to the dark burial rituals and mournful lamentation instead of the expected joyful royal celebration. In this context, the uncanniness of the figure of a dead Inez sitting silently on the throne with a "pale still face", whose "jewell'd robes fell strangely still [...] So stone-like was its rest" (Hemans, 1830, vv. 29-32), becomes a fundamental paradox and an ominous sign.<sup>[5]</sup>

3 Pedro's love for Inês brought the exiled Castilian nobility very close to power, with Inez's brothers becoming the prince's friends and trusted advisors. Thus, the influence of Inez and her two brothers on the Prince had provoked hostility at the Portuguese court. Some of King Afonso IV's advisors believed that a member of the Castro family could plot to kill Fernando, Constanza and Pedro's heir, to promote Inez's sons to the throne.

4 The story was well-known in Europe mainly through the French tragedy, beginning with Houdard de la Motte's tragedy of 1723, which created a sensation in Paris. De Staël must have been not only closely aware of its popularity but also herself sensitive to it.

5 In chapter XLIV of his *Crónica* (199-202), Lopes comments on the great love of Pedro for Inez, which becomes materialised in an impressive tribute to her memory: a stately reburial fit for a queen and the erection of a monumental tomb. The fact that the tomb's statue representing Inez had a crown in its head would later on inspire the legend upon which Hemans's poem is based.

In the end, although Love is triumphantly proclaimed as “mightier” than Death by the poet, there also remains a pervasive and inescapable sense of “wasted worth” on her part (v. 82). This happens, we gather, because through this stately ceremony, and in spite of it, Inez could not be brought to life to re-write her ‘history’ and, thus, that of Portugal:

And the ring of state, and the starry crown,  
 And all the rich array,  
 Are borne to the house of silence down,  
 With her, that queen of clay.  
 Hemans, 1830, vv. 91-4

As Inez is finally taken down to her tomb, the reader is confronted with her statue-like and sculptured existence, standing as an aestheticised and perpetuating monument to a nation’s grief. Both her peculiar circumstances and characterisation seem to rehearse in a reversed manner the story of Pygmalion’s Galatea: it is Death itself, no loving spark of life, which in a sense confers immortality to her. Although Hemans may have felt some identification with this woman’s predicament, her somewhat ironic descriptive lines clearly work to distance her from the rich aristocratic setting, very unlike her own middle-class one, and that she probably senses as being not only ostentatious but intrinsically decadent.<sup>[6]</sup>

The poet’s exotic cultural displacement allows disturbingly familiar themes to emerge in a foreign scene that signals a universal condition for her: feminine sacrifice finally rewarded. The poet’s feminine romantic revisionist strategy is the one of presenting woman as historically significant and, therefore, as worthy of being memorialised, if only as a victim of imperial history and its Promethean male deeds.<sup>[7]</sup> The reasons for Inez’s demise – be it transgressive love or political intrigue (or both) – are not mentioned, let alone questioned. But in its engagement with ‘the dead’ and its concomitant interest in historical transport, Hemans’s poem exposes “the methodological difficulties of memorialisation” (Westover, 2005: 148), or the wish to confer more protagonism to

6 Felicia Hemans’s family was part of the earnest, prosperous and cosmopolitan merchant class of Liverpool, including religious Dissenters and republicans, who disapproved as much of aristocratic excesses as the religious ostentation of Catholicism.

7 Nowadays, Inez’s execution is interpreted as lawful or judiciary, probably due to the allegations of impending threat to the national sovereignty.



certain historical women by enhancing their mythical and aesthetic dimensions.

### 3. Felicia Hemans and Charlotte Elizabeth Tonna in the Portuguese 'theatre of war'

Susan Valladares, in her article "Romantic Englishwomen and 'the Theatre of Glory'" (2008), addresses the issue of "how female literary interaction with early nineteenth-century Spain opened up a geopolitical space charged with anxious questions about national identity and belonging" (106). She stresses that this period of political uncertainty and instability was peculiarly well suited for the intervention of British women writers and that the Peninsular War, in particular, afforded an opportunity for literary women to engage in a rewriting of both national and literary agency.

That is notably the case of Felicia Hemans, who wrote on subjects related to the Napoleonic Wars, namely the ode in heroic couplets *England and Spain: or Valour and Patriotism* of 1808 and *The Domestic Affections* collection of 1812.<sup>[8]</sup> Besides having a historical or nationalistic interest in these events, Hemans also possessed personal reasons for addressing such a momentous theme. Both her husband (Captain Alfred Hemans) and two of her brothers (Thomas and George Browne) were doing military service in the Iberian Peninsula at the time of the Wars,<sup>[9]</sup> and she had become interested in all aspects of Spanish and Portuguese histories and cultures.

In an 1811 poem, written in heroic couplets, and entitled "To my Eldest Brother, with the British Army in Portugal", she envisions her dear relative "distant far, amidst th'intrepid host, / Albion's firm sons, on Lusitania's coast", and anticipates the happy moment of his return (*Domestic Affections*, 1812). Hemans, not unlike other British writers of the period, had clearly begun her career by imagining Southern countries like Spain and Portugal as the embodiment of a fading chivalric ethos (a preservation of the supposed common European Gothic identity). But hers became also inevitably a political

8 *England and Spain* describes how the British army under Arthur Wellesley issued forth to join forces with the guerrilla fighters of Spain and Portugal. The poem praises the Anglo-Spanish alliance and openly calls for a renewed commitment to the Peninsular War, editing out all the negative stereotypes of Iberian greed and rapacity. Hemans adopts a language and tone reminiscent of the revolutionary rhetoric of the 1790s, such as the progress of Liberty.

9 Thomas and George had served Sir John Moore and the 23<sup>rd</sup> Royal Welsh Fusiliers.

cause: by supporting British intervention in the Peninsula and deciding to write about it, she went deliberately against her dissenting supporters, who were known to oppose the war.

In this context, *The Convent Bell*, a long poem in seven cantos about that polemic intervention in Portuguese soil, and published anonymously in 1819, will constitute a pertinent focus of analysis.<sup>[10]</sup> It tells the story of a group of British soldiers that, after the victorious battle of the Douro under Wellington, seek food and shelter in the secluded Convent of Saint Clara, before they move on to Talavera in Spain. It is there that their recently wounded Irish commander falls in love with a beautiful and noble Portuguese nun; this turns out to be an ill-fated romance that ends with the death of the hero in the battlefield and of the grieved nun in the convent. The theme is highly reminiscent of the story of Mariana Alcoforado, present in her *Lettres Portugaises* of 1669. This might not be a coincidence as, just two years before (1817), an English translation—*Letters from a Portuguese Nun to an Officer in the French Army*—by W. R. Bowles had appeared in London.

Another woman writer of this period, the social novelist, reformist and religious tract writer Charlotte Elizabeth Tonna (1790-1846), would appear much later, in 1845, as the author of *The Convent Bell and Other Poems*.<sup>[11]</sup> In contrast with Hemans, her *Personal Recollections*, published in 1841 and posthumously in 1847, register a very biased attitude towards Portugal, the country where her only brother was stationed during the Peninsular Wars and where he would inclusively live afterwards for a ten-year period, “on the staff of the Portuguese army” until the establishment of the Portuguese ‘Cortes’ and the dismissal of all British officers. He had even cultivated some of the land in the interior, “Which he had gallantly fought to rescue” (1847: 209). Yet, Tonna writes that: ‘It was a subject of continual sorrow to me that he was residing in the heart of an *exclusively Popish country*, far from every means of grace; not even a place of worship within many leagues, and *wholly shut out from Christian intercourse*.” (1847: 153, my emphasis). Tonna’s mother, she adds further “[...]”

10 The *Literary and Philosophical Intelligence*, of May 1819, announced in its “Varieties” column that “A volume of Poems founded on the Events of the War of the Peninsula, written during its progress and after its conclusion; by the wife of an officer (now on half pay) who served in its campaigns, will soon appear” (my emphasis).

11 Tonna writes, “the strict incognito to be preserved would secure me from any charge of inconsistency” (238), that is, an incoherence between her more respectable religious work and her writing of foolish romances. Thus, fear of public notoriety together with an attempt to preserve her profits, may explain this mystery.

had been learning to prize her native land in *a disgusting region of all that is most directly opposed to liberty, civil or religious; to honourable feeling, just conduct, honest principle, or practical decency*: In short, she had been in Portugal!" (103, my emphasis).

Upon her brother's return to England, Tonna would anonymously publish a poem in seven Spenserian stanzas entitled "My Brother", in which she welcomes him to his "island home" (1826). Tonna reveals some facts not only about her brother's stay in Portugal but also her own thoughts and feelings regarding the impact of this experience in her own life. The poet uses the arguments of British nationalism and family ties to lure her brother back home, after "sixteen burning summer suns" had elapsed in his "far abode" (1826: 6-8). Portugal is "a moral sty" within which Britons are "condemned to seek/ Truth's trampled pearl", where "patriot honour" is "couched in falsehood's blinking eye" and where they have met "War's sternest blast of devastating breath" (1826: 10-14). In the end, the poet seems also to hint negatively at the Portuguese aftermath dismissal of British troops: "ingrates, reckless of thy generous toil, / Uproot the shelter when the storm's o'erblown" (1826: 16-17).

This more personal and realistic picture does not coincide with the fictionalised or idealised representation of both the country and the people of Portugal that had occurred in *The Convent Bell* (1845). For example, when one of the characters refers to "the dazzling sky, / A gold and purple canopy, / [...] vying with gorgeous flowers, / That nature in this lonely place / has strewed, to shame our richest bowers" (1845, Canto I, stanza VII), and the author herself describes with awe the picturesque beauty and natural sublime of the Mondego region that her British heroes have traversed. Another (surprising) example amounts to the poet's description of the characters in the Convent of Saint Clara, namely Father Bernardo and Sister Maria. Tonna's mixed revulsion and attraction for Catholic cultures most probably derived not only from popular anti-Catholicism, especially rife during the first half of the nineteenth century, but also from the English Gothic novels.<sup>[12]</sup>

The sentimental novels, in particular, used the convent as a backdrop, a convenient device for the separation of would-be lovers and a mechanism for the creation of difficulties and stumbling-blocks to a happy resolution. It is

---

12 English Gothic novels like those of Ann Radcliffe and M. G. Lewis, frequently used motifs of Catholicism with unnatural and sinister connotations of seclusion – the abbey, the monk, the nun, the priest – in their plots. In the years prior to 1833 various publications denounced convents through the medium of a story of an imprisoned nun.

significant that Ronald, the hero, finds Maria and the other cloistered nuns very much as he finds the Portuguese nation: helplessly subject to a tyrannical force and at the mercy of violence and bigotry. For Diego Saglia (*Poetic Castles in Spain*, 2000), “[...] during the peninsular war, this conventional plot was endowed with a *strong political and military subtext*, and intercultural sentimental relationships were transfigured into allegorical representations of Spain [including Portugal] as a *lady in distress*, the French as her assailants, and British soldiers as *heroic knights coming to her rescue*.” (2000: 226, my emphasis).

In sharp contrast with this picture of ravaged and weeping Lusitania, stands the often evoked and praised image of Britannia or Albion, which as a powerful protective oak tree “spreads her shade o’er other lands, / While her protecting arms extend / A refuge for the poor, / And virtue, strength, and beauty blend / Her empire to secure” (III, stanza XII). The British national hero, Wellesley, is “Described as a messianic apparition, [...] metamorphosed into a triumphant hero/angel *hovering benignly over the desolate fields of Iberia*” (Saglia, 229, my emphasis). If, on the one hand, the poem allegorically represents and glorifies British imperialism, justifying it on the grounds of cultural superiority, on the other hand, woman only finds her place and identity *within* the male sphere, and this includes the female author of the poem, who defines herself as the mere ‘wife of an officer’. The ending of *The Convent Bell* seems to suggest not only the author’s belief that a British soldier’s “bright renown” should not be dimmed by an unhallowed love connection but also that it is far preferable that he dies in the battlefield than that he should “shame [his] country’s *warlike race*” (1845, VII, my emphasis).

#### **4. Imagining the Other: Traces of Portugal in the Poetry and *Juvenilia* of the Brontës**

Sometimes, the ‘encounter’ with the Other only takes place in the *mind* or in the *imagination* of the woman poet because a real or effective contact with the foreigner may not be possible. The Brontës, who never travelled to the Iberian Peninsula and who never saw with their own eyes this different reality, still managed to find a substitute source of information and inspiration in the events and characters of their history and geography books.

One of these figures was precisely Arthur Wellesley, the Duke of Wellington, who had been a major protagonist in the Peninsular Wars and a well-known

figure to the invaded Portuguese people (1807-14).<sup>[13]</sup> Wellington was for the young Brontës not just a(n) (inter)national hero but a powerful imaginative symbol; one playing a major role not only in their creations but also in the intercultural relations between the two countries (England and Portugal). Wellington and his sons, Arthur and Charles, became for these women poets and novelists compelling examples of the simultaneously fascinating and threatening potential of the intercourse or communication with the Iberian Other.

In their juvenile poetry, written mostly between the years of 1829 and 1839, and based on the fictional realms of *Angria* and *Gondal*,<sup>[14]</sup> Charlotte and Emily Brontë ransacked the real locations of the Peninsula in maps and travel books, in search of foreign, exotic names and places, as well as the distinctive physical and mental traits of the Southern Other, to use in their juvenile creations. Charlotte's hero and *poetic persona*, Arthur Wellesley himself, first becomes the 'Marquis of Douro' – in a clear allusion to the decisive battle that was fought by that famous Portuguese river – because he succeeds in all his Iberian military campaigns. And, when his ambition turns into colonial enterprise and conquest in the western coast of Africa, he obtains the title and Byronic reputation of 'Duke of Zamor(n)a' (a Spanish city); this character would also constitute a preview of Mr Rochester and his dark Jamaican past (Guimarães, 2008: 95).

In the later *Gondal* saga, Emily Brontë would, in turn, introduce her charismatic heroine and *poetic persona*, Augusta G. *Alme(i)da*, who not coincidentally bears the same name as that of the Portuguese border location and fortress. She is a powerful female ruler who collects several tragic lovers, including

---

13 On 1 August 1808, the British General Arthur Wellesley (later Duke of Wellington) landed a British army in Lisbon, to prevent commercial blockade, and thus initiated the Peninsular War. Wellesley's initial victory over Junot at Vimeiro (21 August 1808) was wiped out by his superiors in the Convention of Cintra (30 August 1808). Nevertheless, Wellesley (now Lord Wellington) returned to Portugal on 22 April 1809 to recommence the campaign. Portuguese forces under British command distinguished themselves in the defence of the lines of Torres Vedras (1809–1810) and in the subsequent invasion of Spain and France.

14 The older siblings Charlotte and Branwell created the imaginary country and game of *Angria*, which featured the Duke of Wellington and his sons as the heroes. It had its origins in the *Glasstown Confederacy*, an earlier imaginary setting created by the siblings as children. *Glasstown* was founded when twelve wooden soldiers were offered to Branwell Brontë by his father. Emily and Anne, as the youngest siblings, staged a rebellion and established the imaginary world of *Gondal* for themselves, whose saga is set on two islands in the South Pacific. The northern island, *Gondal*, is a realm of moorlands and snow (based on Yorkshire); the southern island, *Gaaldine*, features a more tropical climate. *Gaaldine* is subject to *Gondal*, which may be related to the time period of the early nineteenth-century in which Britain was expanding its Empire.

the handsomely dark one called '*Fernando de Samara*' (a Portuguese name), eventually originating her later famous villain Heathcliff. Furthermore, like the Portuguese female monarch during the Peninsular Wars – D. Maria I, the 'mad queen' – whom she resembles in many ways, A.G.A. would in the end be forced to run into exile, as an outlaw, pressed by an overwhelming foreign invasion.<sup>[15]</sup>

In addition to this, the sisters' fictionalised poems abound with more or less detailed descriptions of bright luxuriant landscapes, beautifully rich manors and romantic palaces, which are very probably inspired in Portugal's characteristic architecture and natural scenery. Their male and female characters, often passionate and dark-featured, indulge in all sorts of stereotyped mannerisms and postures in their speech and behaviour – supposedly, the sisters' juvenile way of re-presenting what according to them was *exotically foreign*.

More interestingly, the Portuguese civil war, also known as the Liberal Wars or the 'two brothers' wars' (1828-34),<sup>[16]</sup> raged in Portugal precisely during the period in which the Brontës began writing their poems. Those foreign events were frequently reported in the British press (which they avidly read). The wars probably inspired the powerful fictional representation of the context of fratricidal conflict in Emily's imaginary *Gondal*. The Gondalian civil wars were dramatised by two opposing factions and their respective families: those that she significantly designated as the 'royalist' and 'republican' factions (corresponding to the Portuguese 'absolutist' and 'constitutional' ones). As there had been no equivalent conflict to this one in Britain, the Liberal Wars constituted, therefore, an historical occasion for Emily to imaginatively expound her critical and sceptical thought of humanity.

---

15 Known as the Pious (in Portugal), or the Mad (in Brazil), Queen Maria suffered from religious mania and melancholia. She was the first undisputed Queen regnant of Portugal. With Napoleon's European conquests, her court, then under the direction of Prince Dom João, the Prince Regent, moved to the then Portuguese colony of Brazil. At the urging of the British government, on 29 November 1807, the entire Braganza dynasty decided to flee to establish a Cortes-in-exile in the Portuguese Viceroyalty of Brazil.

16 The Portuguese Civil War or Miguelite War, was a conflict between progressive constitutionalists (led by D. Pedro) and authoritarian absolutists (led by D. Miguel) over royal succession in Portugal. It lasted from 1828 to 1834. Implicated parties included Portuguese rebels, the United Kingdom, France, the Catholic Church and Spain. The absolutists controlled the rural areas, where they were supported by the aristocracy, and by a peasantry that was galvanized by the Church. The Liberals occupied Portugal's major cities, Lisbon and Porto, where they commanded a sizeable following among the middle classes. When D. Miguel was defeated and exiled, Dom Pedro restored the Constitutional Charter.

## 5. 'A fondness for being sad': Portuguese Literature and Elizabeth Barrett Browning's Poetics of Melancholy

Elizabeth Barrett Browning (1806-61) made the first draft copy of her poem "Catarina to Camoens" in 1831, precisely during the time she was writing her diary, thus revealing that she had knowledge of the Portuguese poet's life and work; indeed, she would again mention Camões and his verse epic *The Lusíads* in her later poem "A Vision of Poets" (*Poems*, 1844). Part II of her *Diary* (1831-32) contains a curious seven-page list with the names of Portuguese and Spanish poets: a total of fifty-eight representatives of the Medieval, Renaissance and Baroque periods and respective genres, thus proving her keen interest in Iberian culture.

"Catarina to Camoens", only published in *Graham's Magazine* in 1843, bears the following explanatory sub-title: "Dying in his absence abroad, and referring to the poem in which he recorded the sweetness of her eyes"; Robert Browning had once declared that his wife's condition closely resembled that of the Portuguese Catarina: he fancied the relationship between the invalid poet and the dying Catarina in his letters to Elizabeth during their courtship between 1845 and 1847. Fears that he would lose her caused him to "apprehend, [...] the whole sense of that *closed door* of Catarina's" (Monteiro, 1996: 28) – a reference to the opening lines of the lady in the poem: "On the door you will not enter, / I have gazed too long – adieu! / [...] Death is near me, and not *you!*" (vv 1-4).<sup>[17]</sup> Browning discerned that "Catarina to Camoens" dramatised a *keening voice* with meaning deeply private to EBB,<sup>[18]</sup> and determined that in her sickroom his wife need *not* muse about an 'exiled lover' as had Catarina on her deathbed. EBB is paradoxically concerned with emphasising that 'first dark stage' that she had grown accustomed to, and that comprises "The sweet, sad years, the *melancholy years*, / Those of my own life, who by turns had flung // A shadow across me" (I, vv 7-9).

In the case of *Sonnets from the Portuguese*, published in 1850, she hoped that her readers would take the title to mean 'from the Portuguese language' and not from 'the Portuguese Catarina'. But the title also echoes Lord Strangford's translations – *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens*, published in 1803.

17 All the quotations of EBB's poems that are cited in this article are taken from The Wordsworth Poetry Library edition of her *Works* (1994). The emphases given in italics are ours.

18 For practical purposes, we will be using the well-known abbreviation of the author's name (EBB) in all subsequent references to her.



This was exactly the time in which English readers, and EBB, were introduced in proper fashion to the Portuguese poet's courtly lyrics and songs of exile. Strangford's long introductory "Remarks on the Life and Writings of Camoens" presented the tragic story of the unappreciated poet, exiled because of his unfortunate love for Dona Catarina de Ataíde. Likewise, it was those lyrics by Camoens chosen primarily for their supposedly autobiographical but also erotic and melancholy content that most attracted the English readers of the nineteenth century.

EBB's *Sonnets from the Portuguese* are often and inevitably associated with the courtship letters that she and Browning addressed to each other before their elopement (Karlin, 1990). The two genres, the poetic and the epistolary, cross over, indeed, being secretly simultaneous and even mutually illuminating. Another Portuguese text that might have influenced EBB and her poetics of melancholy, both directly and by way of its impact on Strangford, was *Letters of a Portuguese Nun*, first published in French in 1669 as *Lettres d'une Religieuse Portugaise*. The letters, originally five in number, are the record of an ill-starred affair of love, seduction, and abandonment between a real Portuguese nun at Beja – Mariana Alcoforado – and a French army officer, Noël de Chamilly.

The love portrayed in both her poems and the nun's *Letters* is chivalric and full of devotion (Rothstein, 1999: 52). Another similarity resides in the respective stories, in particular the confession of a long-concealed affection on the part of the woman: Mariana's for the departed officer and Catarina's for the banished poet. This feeling of abandonment, in both cases, originated highly lyrical and also exquisitely melancholy outpourings, both on the part of the Portuguese poet and the Portuguese nun. And, through EBB, on the part of Catarina as well, who is finally given a voice of her own. Not a translator from the Portuguese, Elizabeth Barrett Browning expanded on Camões and the Portuguese nun in another way: she invented a chapter missing from the biographical accounts of both – the voice of the Other.

The *Portuguese Letters*, in their turn, had such a phenomenal impact on both sides of the English Channel that to write 'à la portugaise' became a veritable code for a certain style – written at the height of passion in a moment of disorder and distress. Certain cultural assumptions underlay the code of the Portuguese style: not only was Portugal viewed as the land of passion but also the nun's sensuality and sensibility were attributed to the extremes of heat, intensity, and mystery in her environment. EBB absorbed the characteristic 'doubleness' of amorous discourse present in the nun's *Portuguese Letters*,



for they are addressed both to the chevalier and to herself. That ambiguity is maintained throughout the letters and the sonnets, oscillating between the pathos of direct statement and that of interior monologue. Both women authors efface the male beloved (who becomes a mere pretext) by focusing on their motives for writing, as if 'writing for themselves'. Both seem to sustain their melancholy passion by writing.

In EBB's *Sonnets* there are subtle allusions or appropriations of another Portuguese poet, Sister Maria do Céu, an eighteenth-century Carmelite nun, who between 1736 and 1741 published a long narrative in verse about love from, and about, the perspective of a female 'pilgrim' (*Enganos do bosque, desenganos do rio*). Unpublished journal notes in Part II of EBB's diary (1832) contain a long list of Spanish and Portuguese poets, including Soror Maria do Céu and her lyric from that collection entitled "Cover me with flowers". This duality of flowers of love and of death (17) is appropriated by EBB in her sonnets XXIII and XXIV; her chilling lines "grave-damps falling round my head" and "dreams of death" assume another hue of meaning in the context of Maria's funerary poem. In EBB's concluding sonnet XLIV (44), her speaker again mentions 'ivy' and 'flowers', but in a new transformed way, as poems "withdrawn from heart's ground", which constitute palpable evidence of her successful transformation of incapacitating melancholy into artistic creativity.

To conclude, Elizabeth Barrett Browning's work seems to point not only to a subtle resistance to patriarchy but also to suggest the possibility of rethinking a symbolics and an aesthetics of loss through the more exotic medium of Portuguese female voices such as those of 'Catarina', 'Mariana' and 'Maria do Céu'.

## References

- ALCOFORADO, Mariana (1669), *Letters from a Portuguese Nun to an Officer in the French Army*, Trans. from the French by W. R. Bowles (1817), 2<sup>nd</sup> edition, London, Sherwood: Neely and Jones, Paternoster Row.
- ANONYMOUS (1819), *Poems founded on the Events of the War in the Peninsula by the Wife of an Officer*, Hythe: W. Tiffen.
- ANONYMOUS (1819), "Varieties, Literary and Philosophical" in *The Literary and Philosophical Intelligence*, May 1, pp. 357-58.
- BRONFEN, Elizabeth (1992), *Over Her Dead Body: Death, Femininity and the Aesthetic*, Manchester: Manchester University Press.

- BRONTË, Charlotte, Emily and Anne (1993), *Selected Poems*, Juliet Barker (ed.), London and Vermont: Everyman.
- BROWNING, Elizabeth Barrett (1994), *Sonnets from the Portuguese in The Works* [1850], The Wordsworth Poetry Library, Ware: Wordsworth Editions.
- GUIMARÃES, Paula (2008), "Representations of Power and Transgression: The Idea of Byron and the Byronic Character in the Poetry of the Brontës", Op. Cit.: *Uma Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies*, Lisboa, Nº 10, pp. 75-100.
- HEMANS, Felicia Dorothea (1808), *England and Spain: or Valour and Patriotism*, London: T. Caddell and W. Davies.
- HEMANS, Felicia Dorothea (1812), *The Domestic Affections and Other Poems*, London: T. Cadell and W. Davies.
- HEMANS, Felicia Dorothea (2002) "Translations from Camoens and other Poets" in Gary Kelly (ed.), *Selected Poems, Prose and Letters*, Broadview Literary Texts: Broadview Press, [1818].
- KARLIN, Daniel (ed.), (1990), *Robert Browning & Elizabeth Barrett. The Courtship Correspondence 1845-1846*, Oxford and New York: Oxford University Press.
- MONTEIRO, George (1996), "Elizabeth Barrett's Central Poem" in *The Presence of Camões. Influences on the Literature of England, America and Southern Africa*, Lexington: The University Press of Kentucky, pp. 26-41.
- ROTHSTEIN, David (1999), "Forming the Chivalric Subject: Felicia Hemans and the Cultural Uses of History, Memory, and Nostalgia" in *Victorian Literature and Culture*, Vol. 27, No. 1, pp. 49-68.
- SAGLIA, Diego (2000), *Poetic Castles in Spain: British Romanticism and Figurations of Iberia*, Amsterdam and Atlanta: Rodopi.
- SOROR MARIA DO CÉU (2004), *Enganos do bosque, desenganos do rio*, Isabel Allegro de Magalhães, (ed.), *História e Antologia da Literatura Portuguesa, Século XVII*, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, G.C. Gráfica de Coimbra, Lda. Série HALP n.º 29, [1741].
- STRANGFORD, Lord Viscount (1803), *Poems from the Portuguese / of Luis de Camoens; with remarks on his life and writings*, London: J. Carpenter.
- TONNA, Charlotte Elizabeth (1847), *Personal Recollections: by Charlotte Elizabeth*, third edition, London: Seeleys.
- TONNA, Charlotte Elizabeth (1845), *The Convent Bell and Other Poems*, New York: Ed. Harriet Beeche Stowe.
- VALLADARES, Susan (2008), "Romantic Englishwomen and 'the Theatre of Glory'. The Role of the Peninsular War in Forging British National Identity", *Moveable Type (UCL English)*, No. 4, pp. 105-120.
- WESTOVER, Paul (2005), "Imaginary Pilgrimages: Felicia Hemans, Dead Poets and Romantic Historiography", *Literature Compass*, Volume 2/ Issue 1, pp. 148-158.

# FABULOUS FREAK OF NATURE: DA AUTORREPRESENTAÇÃO EM ALANIS MORISSETTE

Diogo André Barbosa Martins  
CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

As soon as I start to write, there's this uncensored, unedited freedom to step outside of the shackles of some of the thoughts in my head around being ashamed. So if I could offer anything to anyone who would listen to my songs, it would be just a four minute moment of dropping any shame around being human.

Alanis Morissette

Quando inquirida, num contexto muito informal, em 2002, sobre qual dos superpoderes escolheria – se voar ou se ser invisível –, Alanis Morissette não hesitou, entre risos: “É claro que escolho a invisibilidade! Para saber as verdades de cada um”.<sup>[1]</sup> Uma década depois, entrevistada por Jon Pareles, crítico musical do *New York Times*, Morissette replicou: “Transparency is the new mystery”.<sup>[2]</sup> A avaliar por esta índole de asserções, e tendo em conta que a artista inscreve a sua escrita no género autorrepresentacional, de cunho autobiográfico, há pelo menos duas considerações, mais ou menos imediatas, que podem ser tematizáveis a partir de dois pensadores que têm, *a priori*, pouco em comum entre os seus domínios de labor reflexivo: Slavoj Žižek, referência atual na desmistificação da *praxis* ideológica, e Philippe Lejeune, referência no estudo da *so-called* (embora não consensualmente) “escrita intimista”.

---

1 Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=NNvFErFKycQ>> [consultado a 6-11-2012].

2 Disponível em <<http://new.livestream.com/nytimes/AlanisMorissette>> [consultado a 6-11-2012].

Repescando a teoria lacaniana e ecoando, mas com muito menor ressentimento escatológico, sentenças de Jean Baudrillard ou Guy Debord sobre o excesso extático de informação (ou simulação, o corpo na sua obsolescência metastática, o espetáculo como inversão concreta da vida, etc.), Žižek denuncia que uma maior visibilidade de tudo, num cenário (pós-)ideológico, despoja a dimensão simbólica de um espaço vazio essencial, espaço esse que possibilita a emergência da subjetivação, do *je ne sais quoi* que permeia algo sem lá estar *ipso facto* (o objeto *petit a* lacaniano). Esse rapto da subjetivação equivaleria, assim, à realização efetiva do desejo, eliminando toda a tensão que, segundo o senso comum (não meramente o psicanalítico), define o animal humano como um ser insatisfeito “por natureza” (à luz do teorema neo-hegeliano de Arnold Gehlen, do homem predestinado “bioculturalmente” a sentir *a falta de alguma coisa: o homo sapiens pauper*).<sup>[3]</sup> O objeto *a* é a pura falta, o vazio em torno do qual o desejo gira e que, enquanto tal, causa o desejo *e*, ao mesmo tempo, delinea o elemento imaginário que esconde esse vazio, tornando-o invisível através do seu preenchimento. O ponto a reter aqui é que sem o fator do preenchimento a falta não se ressent: *o preenchimento sustenta aquilo que dissimula*. Mais do que um puro ‘isto’, um objeto sem propriedades, o *petit a* é um feixe de propriedades que carece de existência (cf. Žižek, 2006: 236). Sendo assim, o desejo de transparência assumido por Morissette, convertido em fetiche pela prática compositiva de canções autobiográficas, figuraria como uma renúncia não a esse fetiche (que Žižek entende como uma renúncia *necessária*), mas à condição de exteriorização radical no meio simbólico: aceder a um *eu* ínfimo e irredutível significa abarcar uma contiguidade excessiva do Real (o impossível-traumático, *Das Ding*) que exhibe a substância repugnante e intolerável do prazer. Um dos avatares desta lógica assenta no comércio espiritual abandonado pelo mito *new age* da autorrealização do potencial íntimo do *self*, um miasma capitalista ocidental das espiritualidades orientais que Alanis Morissette conheceu de perto no hiato entre o primeiro álbum, *Jagged Little Pill* (1995), e o segundo, *Supposed Former Infatuation Junkie* (1998), período durante o qual viajara à Índia e a Cuba, onde gozava de absoluto anonimato, tendo ponderado nunca mais voltar a um estúdio para compor (consequências de um hiper-realismo mediático excessivo: sentiu, portanto, *a falta* de uma

3 Žižek (2006: 206) exemplifica com um DVD de ópera: ver e ouvir ao mesmo tempo uma encenação operática contaminam a experiência de uma forma que não se ressentiria se a mesma se limitasse tão-só a escutar o espetáculo.

*falta*), locupletando-se, em jeito de delírio prospetivo, com uma simples loja de flores (cf. Nunham, 2012).

Por sua vez, Philippe Lejeune cedo notara nas suas investigações que, tomando a autobiografia não como um “utensílio” de enquadramento teórico para estudar diferentes autores (aqueles que canonizaram o género e o legitimaram enquanto tradição literária, como Santo Agostinho ou Rousseau), mas como o objeto de estudo por excelência, estaria, então, a alinhar com mais coerência aquilo que a escrita autobiográfica pressupõe como base: a existência do autor, de um *self* que não é redutível ao lugar-comum do *literário* equacionado com o lugar-comum da *ficção*. A insustentabilidade de uma definição do género autobiográfico<sup>[4]</sup> é indissociável da incomensurabilidade dos *selves* que, nas respetivas obras, reclamam o direito ao seu ineditismo, indubitável e imiscível. Definir tanto o género como aquilo de que ele trata constitui um exercício cujo êxito apenas é contemplável num plano imaginário. Sendo assim, Lejeune insiste na pseudo-invulnerabilidade da escrita autobiográfica – isto é, as assunções infundadas de quem escreve sob a alçada desta categoria genológica, funcionando como pseudo-conceitos e pseudo-garantias de assertividade que contribuem, tão-só, para bloquear a análise conceptual (disfarçando vagamente a sua ignorância) – como um anelo meramente fantasioso, passando a investir o seu trabalho investigacional nesse *desejo* de um *self* escrevendo sobre *si*:

Dire la vérité sur soi, se constituer comme sujet plein – c’est un imaginaire. L’autobiographie a beau être impossible, ça ne l’empêche nullement d’exister. Peut-être, en la décrivant, ai-je pris à mon tour mon désir pour la réalité: mais ce que j’ai voulu faire, c’est décrire ce désir dans sa réalité, qui est d’être partagé par un grand nombre d’auteurs et de lecteurs.

Lejeune, 1986: 31

4 “*Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité*” (Lejeune, 1975: 14) – é esta a primeira tentativa de definição do género proposta por Lejeune e, confessa o autor, o primeiro percalço da sua carreira investigacional. Todo o seu trabalho posterior a *Le pacte autobiographique* constituirá sempre um exercício de revisão desse lapso inicial, ou seja, dessa definição redutora (porque expectável e familiar) de autobiografia. No entanto, trata-se de um lapso que potencia a heurística necessária para confrontar a *ilusão* de que a autobiografia se reveste para conseguir funcionar enquanto tal e orientar quem a lê: a ilusão de uma problemática “historicizante” inerente à escrita autobiográfica (o lugar-comum da vida como uma narrativa passível de ser sintagmaticamente *narrada*, como se de uma sequência linear e organizada de eventos se tratasse, na qual os factos estabelecem entre si relações de ordem cronológica e, sobretudo, causal), criando assim um *eidós* tensional entre a palavra escrita e a vida, dado o seu carácter *improvável* (não passível de ser empiricamente provado como real ou factual).

Enquanto verdades simbólicas, isto é, enquanto ilusões construídas sobre o que se entende ser *verdade* (coadunável com o que Žižek pensa sobre a (pós-)ideologia atual), tanto o *eu* como a *escrita* que estão enraizados etimologicamente no termo ‘autobiografia’ acabam por pôr em causa a possibilidade da sua efetiva realização, isto é, da consecução de um *bios* de *alguém se autoescrever*, no sentido liminarmente descritivo e processual do conceito (a suposição de uma autobiografia se autogerar, num cenário de autotelismo com traços surrealistas). Remontando às origens do termo, no século XIX, Lejeune assinala a ansiedade genológica que tende sempre a aproximar o género autobiográfico de uma problemática “historicizante”, de cariz narrativo, sob o ponto de vista formal, e com certos laivos de hermetismo, sob o ponto de vista psicológico – uma ideia que, segundo o autor, traduz um lapso revelador de ingenuidade, que não resiste à crença na ilusão dessa problemática – uma ilusão que é, apesar de tudo, imperativa para o género autobiográfico funcionar enquanto tal (cf. Lejeune, 1975: 36). Só *compactuando* com essa pressuposição tácita – o *pacto autobiográfico* – é que a autobiografia se demarca dos restantes géneros (do romance, em particular): a partir do momento em que um autor professa um discurso sobre si mesmo como indivíduo real, o leitor apercebe-se de que está perante uma realização particular do discurso e passa a reger a sua ergonomia hermenêutica munindo-se de um manancial de predisposições – *agon* literário, emoções, espírito de recetividade, *suspension of disbelief*... – distinto daquele que, consciente ou inconscientemente, define o seu estatuto de leitor quando contacta com outro tipo de textos assumidamente não-autobiográficos. Neste sentido, a autobiografia (assim como o texto memorialístico, o diarismo, o discurso epistolar, etc.) pretende ser o contrário de um jogo de adivinhas: pressupõe um *contrato de identidade* selado por um nome real (cf. Lejeune, 1975: 33).

Para o efeito, Lejeune ancora a metodologia do seu estudo no ramo da pragmática linguística, com destaque para os atos de fala ilocutórios: primeiro, uma vez que o texto autobiográfico não se define apenas estruturalmente por uma forma (a narração, o *récit*) e um conteúdo (a vida pessoal) – ambos susceptíveis de uma reconversão ficcional –, mas “(...) par un acte, qui l’en différencie radicalement: l’engagement qu’une *personne réelle* prenait de parler sur soi dans un *esprit de vérité*” (itálicos nossos); segundo, porque uma autobiografia “(...) n’est pas un texte où quelqu’un dit la vérité sur soi, mais un texte où *quelqu’un de réel* dit qu’il la dit” (Lejeune, 2005).

## 1. Desfazer e refazer o rosto: a outra Alanis da mesma Alanis

O histerismo mediático à volta de *Jagged Little Pill* tornar-se-ia, por óbvias razões comerciais<sup>5</sup>, o indicador de uma fórmula segura (e pouco secreta) para Morissette repetir a experiência e preservar o seu emergente estatuto de “voz de uma geração”, a versão feminina do que Kurt Cobain, alguns anos antes, incarnara para outras audiências efusivas. A sua eremitagem na Índia revelou-se musicalmente profícua, tornando-se, provavelmente, a segunda viagem mais epifânica na história da música, depois da de George Harrison à cidade de Bombaim. Contudo, com *Supposed Former Infatuation Junkie*, Morissette contrariou todas as expectativas (nomeadamente, a inscrição no *angry girl power* herdeiro das Riot Grrrls), lançando um disco que seria mais uma expressão de repúdio por uma *comfort-zone* do que uma aposta calculada para enfrentar os ziguezagues das vendas. De facto, *Supposed...* alienou muitos dos fãs que assumiram a artista como uma superfície absolutamente diáfana, ou, em termos deleuzianos, como um “muro branco” onde julgaram seguramente ter inscrito o código emocional dos seus afetos, presumindo ser esse código o equivalente ao das intencionalidades da artista. A proximidade compositiva das novas letras, aliada a um teor introspetivo insuspeitável para uma cantora que, inadvertidamente, ocupou o primeiro lugar de vendas com *jingles* e *hooks* de adesão acústica mais toleráveis (porque reconhecíveis entre os *jingles* e os *hooks* da reprodutibilidade técnica da *pop culture* musical), tornava o efeito final do álbum equiparável a “*ser-se perseguido pelo esgotamento nervoso de Joni Mitchell*” (tendo em conta a sua abusiva e abusada duração): “Pitched between Grace Slick [dos Jefferson Airplane] and Dolores O’Riordan [vocalista dos The Cranberries] the voice remains awe-inspiring, but lyrically the scattergun emoting overwhelms” (*NME review*, 1998). Os requisitos para ouvir o novo álbum pertenceriam, desta feita, a uma imagiologia mais *literária* (em sentido lato) do que propriamente *pop/rock culturesque*: há que ler *mesmo* o *booklet* e consultar as *lyrics* (cf. Cinquemani, 1998).

Assim, quando uma artista desperta as atenções pelo cariz desveladamente autobiográfico das suas músicas, parece que a mudança de atitude auto-percetiva não é recomendável do ponto de vista comercial; como se as massas requeressem um sujeito e um objeto (con)fundidos num mesmo tipo

---

5 33 milhões de cópias vendidas e inúmeros prémios, incluindo o mérito de ser considerado, por alguma indústria crítico-musical de renome, como o álbum da década de noventa (rivaliza esse pódio, precisamente, com *Smells Like Teen Spirit*, dos Nirvana).

reconhecível, incumbindo, neste caso, a Alanis Morissette o peso de uma responsabilidade que não é inteiramente *sua*, mas *nossa*, ou seja, dos 33 milhões de pessoas que compraram o famigerado disco e lhe sobrepuseram uma interpretação míope, forçada a coincidir com os seus próprios desejos e fruções – *mas não* com os *dela*.<sup>6</sup> Em termos deleuzianos, para poder criar do ponto de vista artístico, Alanis teria cometido uma *traição*, uma perda do *rosto*, para desaparecer ou *desterritorializar* a sua identidade das constrações *molares* impostas pela fama pós-*Jagged Little Pill*; esta perda do rosto, de exequibilidade quase literal em termos de grafismo, é plasmada pela artista na capa do seu segundo álbum: figura apenas a insinuação de uma gargalhada, metonímia de um rosto anónimo, com os oito preceitos budistas esbatendo-se na imagem (o *devenir-imperceptível* deleuziano, a insinuação, conjeturável, de uma tendência iconoclasta). Segundo Lejeune, assinalando a lógica inerente à escrita autobiográfica e uma certa ingenuidade quanto à tradição do género por parte dos próprios autores, que *pensam* assumir a sua obra como “sincera”, “verdadeira” ou “não-ficcionada”, “[l]’autobiographie est rarement une carrière d’écriture, mais plutôt un passage ou un accident” (Lejeune, 1988: 69); e acrescenta: “(...) une vie n’est pas une série linéaire de causes et d’effets, et (...) le propos de l’autobiographie est moins la restitution historique du passé que la construction d’une image du passé pour expliquer le présent et éclairer l’avenir” (*idem*, 89).



Figura 1. Supposed Former Infatuation Junkie

6 “(...) si l’autobiographie est un premier livre, son auteur est donc un inconnu, même s’il se raconte lui-même dans le livre: il lui manque, aux yeux du lecteur, ce signe de réalité qu’est la production antérieure d’autres textes (non autobiographiques), indispensable à ce que nous appellerons l’espace autobiographique” (Lejeune, 1975: 23).



Sob pena de embotar a acuidade deste exercício numa “doxologia cultural” firmada numa *quasi* inquestionabilidade, note-se que o estudo das *lyrics* morissetteanas implica uma série de considerações. Antes de mais, aquilo que as torna idiossincráticas e discerníveis do “restante” escopo possível de análise na senda dos cant/autores (auto) denominados “confessionais” só permite ser relevado (se acaso isso acontece) tendo em conta que a positividade do valor é contingente em relação àquilo que assimila *enquanto* valor(izável) (cf. Bourdieu, 1989); só uma entidade coletiva segura da intransitividade do seu capital simbólico atribuiu *valor ao valor* (em modos muito singelos: será o trabalho discográfico morissetteano digno de escrutínio académico? poderá ser, enfim, *literariamente* pensável?)

Posto isto (um *isto* que, na verdade, continua a revelar-se pouco convincente para os bloomianos mais ferrenhos), detenhamo-nos no que parece ser mais fundamental: o estudo das *lyrics* morissetteanas não descarta ou desconsidera os termos em que as mesmas se estribam e se estruturam, nomeadamente o paradigma autobiográfico e autorretratístico – ou, genericamente, autorrepresentacional –, o qual, sem que exerça forçosamente um fundamentalismo autoritário e inflexível no modo como essas letras são apresentadas, pode inquinar um tipo de abordagem incipiente, motivado apenas pelo contacto comercial com as músicas, inscrito ideologicamente num quadro de interpelação do sujeito *apenas* como consumidor (no sentido clássico inspirado em Marx: o sujeito anónimo como parte e espelho da massa *amorfa, acrítica, complacente, brainwashed*, entre outros adjetivos da propaganda elegíaca pós-moderna). Daí que as entrevistas e reflexões de Alanis Morissette contribuam para uma compreensão mais sensata dos seus textos: como assinala Kim France, depois de ter assistido a um concerto de Morissette, e fazendo jus ao discurso metodológico sobre as *lyrics* como textos multimodais<sup>[7]</sup>, *ler* os textos morissetteanos, isto é, privá-los asceticamente do acompanhamento musical ou do modo como ela os incorpora (seja do ponto de vista performativo, seja do ponto de vista da metabolização vocálica, que designa a assinatura imediata de quem vive às custas da voz), equivale a assistir a um dos seus concertos *de*

---

7 “The interpretations of lyrics involves much more than their verbal content – it involves questions of style and musical context, of social embeddedness and cultural value, and it demands an understanding of the reciprocal relationship between (embodied) verbal input and performance ideology” (Eckstein, 2010: 38). Daí a pertinência do seguinte comentário: “Her weird fluttery cadences – “thank you dis-i-llu-sion-ment” – provide the ache and the electricity that the lyrics sometimes lack” (France, 1999: 98).

*olhos fechados*. As propriedades, diga-se, “poéticas” ou a profundidade “literária” que porventura escasseiam nas suas *lyrics* (e este juízo só é válido se for consentível um transcendentalismo que autonomiza a arte, incluindo a *essência* ou a *aura* literária) são complementadas quer pela plausibilidade de um guarnecimento de orquestração, quer pelo ineditismo das idiosincrasias vocálicas de Morissette (certos tiques inconfundíveis que, para serem ostensivamente assinalados, resvalam para as artes mímicas da paródia: o modo como a artista entrecorta palavras, desloca entoações silábicas ou suspende conexões sintáticas entre os versos, assim como os gestemas nevróticos, o estilo *clown* de vagabundear pelo palco ou o estatuto icónico dos seus longos cabelos, com uma mitologia própria), quer ainda pelo carácter irredutivelmente performativo das *lyrics*. De facto, os gestemas morissetteanos, o seu efeito de alienação ou estranheza (tiques de *hiperatividade* ou *autismo*), interpretáveis como uma géstica de transe ou de oblação mística (como que retraída numa instalação defensiva), são um dos aspetos que raras vezes escapa aos comentários da imprensa:

(...) Morissette emoted with the energy of a decathlete. But her appeal, it turns out, is not her anger, which she loses interest in halfway through every song, or her honesty, which her lack of focus renders irrelevant. It’s her self-absorption we all love, because girls aren’t supposed to be that way. Girls are nice (common wisdom goes) or they’re bitches, but either way they care what you think. Morissette acts like she doesn’t even realize you’re there.

Powers, 1996: 36

## **2. A (im)permanência da imagem: escrever (auto)foto(bio) graficamente**

A um nível mais incisivo sobre a articulação semântico-pragmática nas suas *lyrics*, Alanis Morissette tem pouco mais a dizer – ainda que o faça com considerável recorrência – senão que cada álbum, na sua imperscrutabilidade essencial, se resume a uma *snapshot*, como uma polaroide emblemática de um determinado momento da sua vida. David Fonseca, habituado às lides fotográficas a par da escrita de canções, diz que a fotografia pode *revelar* muitas coisas sobre o mundo, mas “diz, sobretudo, coisas sobre o fotógrafo” (FONSECA, 2012: 102). Portanto, pensando como Morissette, um álbum ou uma letra *refletem* – e os reflexos podem ser ludibriantes, como as sombras de Platão, ou sedutores, como as águas de Narciso, ou ainda fatais, como o espelho foi para Medusa

– *aquela* vida que *aquela* pessoa, convertível *naquela persona* pelo próprio distanciamento ontológico adjacente ao desfasamento embrulhado de tempos, procura encapsular em material fonográfico. Ao gesto de italicizar os demonstrativos anteriores soma-se a intenção de pôr em relevo a linguagem como um *medium* que cinde o sujeito, passível de se desdobrar num *outro* de *si mesmo* sem, contudo, se esquizofrenizar dramaticamente (seja num diagnóstico clínico, seja no caos jubilatório guattaro-deleuziano). O gesto de um *eu* disposto a escrever sobre o *si* de *si* próprio supõe uma distância e um tempo que *progredem* enquanto *acontecem/fazem acontecer* o *eu* escrito, sendo impensável *pensar* ou *fazer acontecer* este *eu* como se *ele* fosse *escrevível* num lance único: segundo Morissette, “[...] a lot of times I’ll write a song about something that happened six months prior or even something that happened in my childhood and I’ll take on *that* persona and sing in the first person” (*apud* Chancellor, 2008).

Segundo Pedro Miguel Frade, a fotografia, até para surpresa dos seus principais críticos, de intuições “cassândricas”, fechados na sua renitência perante a aceitabilidade (tácita) da fotografia no *no man’s land* da estética e da arte, está cada vez mais apta a enformar uma certa “*piedade do real*”, a resguardar um “culto do contacto”, num tom que alivia o que, em sentido contemporâneo, na trincheira de um Mario Vargas Llosa ou de um Giorgio Sartori, se toma como uma *involução* do *Homo sapiens* num *Homo videns*, habitante numa *ecranosfera* em derrapagem ontológica, entre fac-símiles, sombras e simulacros cada vez mais indiscerníveis do *real-em-si-mesmo*: “Tempos houve em que a fotografia constituiu (...) uma guarda-avançada da laicização do mundo... hoje, poderia bem ser que ela estivesse para se tornar num dos únicos modos da sua sagração (Frade, 1992: 17). Procurando restituir o espanto original (*e existencial*) do fenómeno fotoquímico aos olhos dos seus primeiros observadores, Frade descreve essa experiência como uma *injunção de nomadismo* e um *convite à viagem* (*idem*, 115). Margarida Medeiros (2010: 14-15) assinala o modo como a fotografia inaugura um regime de visibilidade estribado em dois paradigmas divergentes: por um lado, a fotografia enquanto discurso da mimese – *a imitação mais irrepresentável da realidade*, estabelecendo-se como *índice*, como *evidência* de *caráter científico* – e, por outro, enquanto discurso de um *rasto*, de um *vestígio* de presença – a fotografia como “fenómeno *estranho*”, porque origem de “um mundo paralelo de duplos fantasmáticos lado a lado com o mundo concreto dos sentidos verificado pelo positivismo”.

Se a pulsão autobiográfica supõe um ato de cindir, por mediação linguística, o *eu* sensível num *eu* lisível/escrevível/interpretável (um *devir-eu* textual,

a matéria prima dos desgastados *sujeitos poéticos e eus líricos* que abundam nas aulas e manuais de literatura), a mesma violência processual dessa cisão pode ser observada, como notou Susan Sontag, no ato fotográfico. De facto, na retórica da fotografia, a máquina *dispara*. *Tirar* fotografias não sustém, somente, a noção de um plágio do mundo *ex-sistente*, em sentido heideggeriano (um mundo que está desligado ontologicamente do homem, ao qual este acede apenas por mediações ou simulacros, repercutindo-se, assim, as óbvias filiações atávicas do desdém platónico pelas duplicações em segundo grau): *tirar* fotografias é, também, *siderar* o seu referente, *tirar-lhe* alguma coisa (fantasma fálico: *carregar, apontar e disparar* uma máquina: se esta tende a sublimar uma arma, então “fotografar alguém é um assassinio sublimado”, Sontag, 2012: 23). Ao criar-se um *intocável* fotográfico (Dubois, 1999: 88) entre a lente e o alvo, permeado por um espaço ontologicamente consignado, reúne-se as condições *tanatográficas* que permitem *congelar* o referente, *imobilizá-lo, coisificá-lo* – por via do corte, do *cut* – num *mise-à-mort*: equivale, portanto, a expropriar alguma coisa a alguém, incluindo a própria vida, numa variante órfica (não resistir a olhar para trás, para rever Eurídice).<sup>[8]</sup>

Segundo Medeiros, uma vez que a fotografia capta imensas informações imprecisas e descontínuas, ela torna-se sintomática, por arrasto ou transfusão onto(tecno)lógica, de um *self* descontínuo (isto é, não *biografável* em termos linearmente “narrativos”), que descobre naquela a possibilidade paliativa de poder aligeirar os desfalques ansiogénicos face à impossibilidade de recuperar o irrecuperável, “(...) essa necessidade de restauro de um elo para sempre perdido” (Medeiros, 2010: 109). Por sua vez, Fernandes Jorge (1990: 33) afirma que a fotografia retém no seu *eidós* mecânico a função de cumprir “um invisível intento”. Sontag (2012: 112) alude à “insolente comovedora estase de cada fotografia”. Barthes salienta no fotográfico a persistência de uma profundidade traumática, associada a esse gesto iludido de tentar congelar um instante que a consciência sabe irrecuperável: no fundo, o instante fotográfico parece querer iludir a consciência individual quanto à sua finitude. Face a esta unanimidade sobre o regime do pensável *no* fotográfico, a noção pré-conceptual de uma

8 “Todas as fotografias”, conclui Sontag, “são *memento mori*” (Sontag, 2012: 24) ou, segundo Agamben, representam o *locus* do Juízo Final, o mundo tal como ele aparece no último dia, *o dia da cólera*, não tanto no sentido da escatologia cristã, mas em sentido pagão: no Hades, as sombras repetem *ad aeternum* os mesmos gestos (Sísifo e a rocha, Tântalo e a água esquivada), como que prefigurando uma *apokatastasis, a recapitulação infinita da existência* (cf. Agamben, 2005: 21-23). A particularidade fotográfica mais cara a Agamben é a exigência lançada pelo olhar do referente tornado refém da imagem: “não me esqueçam” (cf. *idem*, 24-25).

absolutização extrema do visível numa fotografia (e a conseqüente presunção de veracidade ou transparência da imagem e do referente nela impresso) passa a ser suplantada pela hipervisibilidade da “indescritível e incontornável potência de não-visto” (Frade, 1992: 132). Na fotografia, exorbitam-se coisas que, embora desde logo (re)conhecidas, não o são, porém, de um modo consciente: são coisas “*nunca vistas porque nunca esperadas*” (apud *idem*, 133). Segundo Frade, a imagem fotográfica devolve ao sujeito mais do que este tinha em mente quando visou captar uma determinada *prega do tempo*, para usar uma expressão do autor (que depois retifica substituindo-a por *vinco do tempo*, “signo de uma duração sustida”, *idem*, 98), sugerindo que sob essa prega ou vinco se esconde uma miríade de indeterminações que são da ordem do *visível* (da natureza fotografada), mas não do *previsível*, do premeditado (por parte do sujeito), posto “sob a tirania míope da intencionalidade” (*idem*, 96). Ou seja: a fotografia dá acesso a um *infra-saber* (cf. Barthes, 2010: 37).

Retomando o conceito de *snapshot* em Morissette, o genérico inicial do DVD *Feast on Scraps* (2002), editado pela própria artista, consiste, de facto, num amontoado avulso de polaroides espalhadas numa superfície plana, que a câmara percorre num movimento deambulatório, com a imprecisão técnica de um amador e efeitos visuais que remontam às primeiras décadas do cinema, conferindo um efeito simultaneamente artesanal, espontâneo (não retocado sob a égide de um valor de exposição) e intimista (como um álbum de família que fica publicamente exposto). Na contracapa do mesmo DVD, lê-se: “A conceptual scrapbook filled with snapshots of my experiences over the past two years”. No âmbito estritamente técnico-compositivo, o termo *snapshot* designa precisamente o processo *instantâneo* de transformar energia física num registo irredutivelmente fixado daquilo que, para o sujeito, como quem tira notas do que observa, se destaca e/ou se impõe *naquele* momento como paradigmático e revelador, ainda que incompreensivelmente dominado, certas vezes, pelo gesto impulsivo ou “selvagem” dos afetos. No fundo, por alusão ao *ar* barthesiano, inflaciona aquilo que, no ato fotográfico, “é dado gratuitamente, despojado de toda a ‘importância’: o ar exprime o sujeito, na medida em que ele não atribui importância a si mesmo” (*idem*, 119). O tempo do instantâneo – daí a força impactante do dispositivo – conhece apenas a sua realidade *enquanto* existência numa temporalidade quantificável (na medida em que prova, *de facto*, que *aconteceu mesmo*), como um ápice do real.

Como sugere Dubois, munido de subtextos psicanalíticos, ao par de frugalidade e fugacidade do ato fotográfico subjaz uma *compulsão para a repetição*: “não

se tira *uma* foto, a não ser por frustração; tira-se sempre uma *série*” (Dubois, 1999: 162), como uma espécie de demência insaciável que caracteriza os adeptos de colecionismo, sempre ávidos de adquirir tudo o que julgam estar em falta na coleção dos adversários (somos *máquinas desejan*tes, em sentido deleuziano: não será a imagem fotográfica, sabidamente mecânica, a (re)produção de um desejo de captura?). A este exacerbamento da (com)pulsão de/para ver, que circula na relação recíproca entre o sujeito (que vê) e o objeto (que é visto), com todas as questões ontológicas associadas à inversão desses papéis (e as implicações *spectralizantes* que daí resultam: a perda da espessura e do volume da corporalidade *real*), Dubois aplica uma variação curiosa do axioma de Descartes, insistindo assim na premência do vazio, quando o ato fotográfico, aos *olhos* do senso comum, parece sempre já tão cheio e esgotado de sentido: *video ergo non sum* (cf. *idem*, 247). A propensão libidinal para ver absolutamente tudo (que é da ordem do fantasma, da abrangência e da durabilidade: a visibilidade integral do sujeito e do mundo é magistério do sonho) acaba por ser “*sempre desmentida pela reiteração da infigurabilidade dos processos psíquicos*” (*idem*, 318) – por ser da ordem da realidade, da seleção e do instante. A visão é, como um filtro, inevitavelmente fragmentada e fragmentária, um risco para a delimitação ideal da forma, um perigo ao qual não é alheia a possibilidade primitiva do erro, da derivação imprevista (porque imprevisível, *pathos*, passional e imprudente). A visão é multiangular e feita de restos, ruínas, deformações, ausências, traços, *snapshots*. O inconsciente protege o sujeito fazendo-o ver/agir seletivamente, ativando-lhe um mecanismo de defesa suficientemente eficaz para saber lidar com *a parte da realidade selecionada para existir*, para *ser real*. Daí que, na posição de *voyeur* de imagens fotográficas (assim como na de *intérprete* das canções de Morissette), haja um convite à interpretação e não ao simples decalque parafrástico: diz Fernando Jorge (1990: 117) que, “[n]a folha da imagem fotográfica, a especulação, a idealidade e a realidade são uma só coisa, são, de facto, intuição”.<sup>[9]</sup>

Jacques Rancière explica que um *modo de fazer* técnico, independentemente do seu tipo de registo (com palavras, no caso da literatura, ou com ima-

9 O mesmo diz Sontag quanto ao convite feito pela imagem fotográfica: “Aqui está a superfície. Agora pensem, ou antes, sintam, intuem o que está por detrás, como deve ser a realidade se esta é a sua aparência” (SONTAG, 2012: 31). Note-se que já Walter Benjamin havia pensado sobre a inerência eidética do fotográfico – por via dos seus dispositivos técnicos de ampliação, retardação, etc. – como indicadora de um *inconsciente ótico*, e não apenas de uma manifesta factualidade presencial (cf. Benjamin, 1992: 87).

gens, no caso da fotografia e do cinema), só é considerado *arte*, se o tema a que dá visibilidade for considerado de antemão como digno de ser um *tema artístico*, “portador de uma beleza específica” (que só a ideologia, em sentido lato, determina como constituinte de beleza): no *dito* mundo indiferenciado das massas, por exemplo, “é porque o anónimo se tornou um tema artístico que o seu registo pode ser uma arte” (Rancière, 2010a: 36). No encaço deste regime estético auferido pelas intencionalidades intrínsecas aos objetos e configurações, cujo potencial estetizante reside no *re-conhecimento* caucionado pelo *meu* olhar e atenção, a meditação barthesiana em *La Chambre Claire*, ciente de que a fotografia, nos seus primórdios, “para surpreender, fotografa[va] o notável” (ou seja, o que *institucionalmente*, à luz dos padrões estéticos, era digno de ser notabilizado), investe agora a fotografia do poder de “decreta[r] que é notável aquilo que fotografa. O ‘não importa o quê’ torna-se então o cúmulo sofisticado do valor” (Barthes, 2010: 43). Analogamente, segundo Glenn McDonald, Alanis Morissette decreta que é *notável* – digno de ser (a)notado, de ser relevado do conjunto – o assunto acerca do qual escreve:

It isn't that she's wiser, or cleverer, or sees farther, or has suffered more-revealing pain. It's that her problems are so obdurately normal, and her ideas about solutions to them are flawed and inspired in such quintessential proportions. Her songs are talismans of believing that your decisions and philosophies *matter*. She is a radical anti-nihilist in a culture that constantly decays towards moral entropy.

McDonald, 2002 (itálicos nossos)

De facto, a meditação de Barthes sobre a fotografia permite introduzir e iluminar o modo como Morissette pensa – ou *revela* – a sua escrita: um gesto de atribuir importância aos mínimos e aos ínfimos que, sendo irredutivelmente *seus*, são reconhecivelmente *nossos*, de *outros*. Mínimos, ínfimos, instantes, melindres: anotá-los é redimi-los de qualquer sentido de expiação que sobre eles possa recair e descair em jeito de condescendência cínica, como um peso moral; é reconhecer o (des)nível de paranoia adjacente a tudo o que é socialmente afetivo e, a partir daí, acolher indiscriminadamente o que Morissette entende como “a warm neutrality [as] the godliness that is arrived at when resistances stop”.<sup>[10]</sup> O que se segue é, de novo, McDonald, menos como crítico (ideologicamente moldado) e mais como fã (o do discurso passional, mas sem que o *pathos* oblitere a sargeza e a objetividade do crítico):

10 “Note to self” partilhada pela artista na sua página do *Facebook* (25/8/12 – Montclair, New Jersey).



Alanis is like us. Alanis *is* us. Anything she can do, we can learn. She is flawed and thus perfectible, mortal and thus redeemable, vulnerable and thus there for us to help, in return. Anything she can give us, we can give each other, and give back to her. She is one of us, unwilling to cower where she lands. She is all of us, believing we don't have to live hurt McDonald, 1999a

Para Barthes (2010: 91), face à condição irrevogável de contingência pura, a foto torna-se “literalmente uma emanação do referente”. Ele *aponta* – *ponta*, *punctum*, golpe, ato de furar/ferir – para a *crueza* da imagem fotográfica, que impossibilita o seu aprofundamento (mais típico do discurso narrativo, que permite travessias da descrição para a reflexão): face à imagem, só é possível “varrê-la com o olhar, como uma superfície tranquila”. *Camera lucida* devém, por isso, uma designação mais adequada do que *camera obscura* (*idem*, 117). Neste sentido, a foto aquiesce com um necessário paradoxo eidético: à contingência pura e garantida do seu referente (a prova de que ele, de facto, *existiu* naquele instante) soma-se-lhe a suspeita ponderável da pose, do desnível de verismo que a superfície por si só não permite esclarecer. Também a escrita, pese embora o atributo *autobiográfico* ou *autorretratístico*, engloba uma abundância *improvável* de quimeras (no sentido de não ser prova indesmentível de nada).

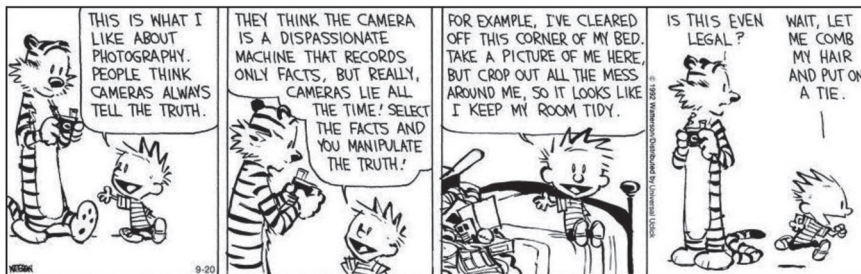


Figura 2. Calvin & Hobbes

No plano em que a arte morissetteana se queda, aquilo que a matéria das canções neutraliza corresponde ao que Barthes congruentemente separa: se “a desgraça (mas também, talvez, a volúpia) da linguagem” se prende com o “não poder autenticar-se a si mesma” (enquanto diferenciais negativos em cadeias de significantes), pelo contrário, a fotografia, por ser “indiferente a todo o circuito”, assume-se como “a própria autenticação” (Barthes, 2010: 115). Nos



molde morissetteanos, o *espaço autobiográfico* das suas *lyrics* circunscreve e é homologável a um *espaço auto-foto-bio-gráfico*: entrar nele supõe da nossa parte, interpretativamente, algo próximo das modalidades catóptricas que Barthes acomoda no *eidos* da imagem.

### 3. *Uninvited* – a pensatividade segundo Barthes e Rancière

O conteúdo semântico de *Uninvited* estriba-se numa diferença que se crê intransponível entre uma coletividade heterónoma, da qual o *eu* faz parte e se assume como sua representante, e o destinatário a quem o *eu* se dirige. Segundo a explicação barthesiana, o amor deve obedecer a um código seguro que só a beleza se assume capaz de lho fornecer, não por ser detentora de “traços referenciais” (a beleza, enquanto nome abstrato, não é descritível por si própria, “a não ser por adições e tautologias”), mas porque “não lhe faltam referências”: a Vénus do Nilo, as madonnas de Rafael, o cânone do feminino petrarquista, etc. – referências, portanto, distribuídas e reguladas “por regras *naturais* da cultura”, cimentadas pela sacralidade da letra, do património fundado *na* e *pela* palavra escrita, assim como *nas* e *pelas* condições epistémicas que albergam a tensão do *verbo feito carne*. Neste sentido, o *tu* de *Uninvited* estabelece a seguinte condição, usando os termos de Barthes em relação ao protagonista da novela *Sarrasine*, de Honoré de Balzac: “a beleza obriga a amar, mas também aquilo que eu amo tem de ser fatalmente belo” (Barthes, 1999: 109). *Belo* – mas em que sentido? As referências em *Uninvited* pulverizam-se a vários níveis, como mecanismos de defesa sondados em estilo de propedêutica, mas todos participam na castração irreversível do *tu*.

Like anyone would be  
I am flattered by your fascination with me  
Like any hot-blooded woman  
I have simply wanted an object to crave  
But you you're not allowed  
You're uninvited  
An unfortunate slight

Must be strangely exciting  
To watch the stoic squirm  
Must be somewhat heartening

To watch shepherd meet shepherd  
 But you you're not allowed  
 You're uninvited  
 An unfortunate slight

Like any uncharted territory  
 I must seem greatly intriguing  
 You speak of my love like  
 You have experienced love like mine before  
 But this is not allowed  
 You're uninvited  
 An unfortunate slight

I don't think you unworthy  
 I need a moment to deliberate

O objeto no qual o *you* intenciona investir a sua libido – ou seja, a voz que enuncia *eu* no texto – autorrepresenta-se, porém, como uma réplica da sua espécie e, por essa razão, compactua com a sua falibilidade inevitável através de uma série de *entimemas*, ou seja, de silogismos imperfeitos, equipolentes aos que Barthes interpreta como as três provas da peripécia do protagonista apaixonado: a “prova narcísica” (em *Sarrasine*, a mulher, Zambinella, é adorável), a “prova psicológica” (a mulher é medrosa) e a “prova estética” (a mulher é bela) (*idem*, 112). Expressões como *like anyone* ou *like any* denunciam esse pacto de inscrição que, apesar de revelador de um certo *pathos* de autocomplacência, é o que permite ao sujeito denominar-se *como sujeito*, “como uma qualquer mulher de sangue quente” [primeiro entimema, cumprindo a dedução erótica mais comum: *Todas as mulheres se sentem lisonjeadas assim; tu sentes-te lisonjeada, logo és uma mulher*]. A conotação é tanto apologética como um atestado de consciência desresponsabilizado: *I have simply wanted an object to crave* – ou seja, o uso do advérbio *simply* denuncia uma *mera* projeção assumida da ordem do desejo, que é tanto existencial como libidinal (num regime de equivalências sobre o que é irredutivelmente humano, na esteira de Freud); o sujeito de enunciação exume-se de um *mea culpa* porque desejar um objeto como fetiche ou projeção narcísica é uma das senhas que lhe dão acesso a ser como *um outro qualquer, um outro qualquer como ela própria* (o simbólico lacaniano: tudo aquilo que nos reenvia a nossa própria imagem é um sinal de consolo: indica-nos afirmativamente que existimos *tout court*) [segundo entimema: *Todas as mulheres de sangue quente*

reagem assim; tu reages assim, logo és uma mulher (de sangue quente); a segunda premissa e a conclusão são invertíveis].

O *tu*, por falta de descrições textualmente explícitas, não chega sequer a imergir nesse conluio de simbolização ou subjetivação. A adversativa é, por contrapartida, bem explícita: os únicos versos que se repetem começam por *mas* (*But*) e reportam-se a esse *tu* que, diz o texto, não tem *permissão* ou não foi *convidado*. Reescrevendo as formulações de Rancière (2010b), este *tu* é um *espectador não emancipado*, verdadeiramente passivo, cujos desejos, no estado mais puro, logo mais irrefreáveis, são atravessados pela complacência do *eu* que visa tão-só elucidar o facto de esse ser *uninvited* não poder integralmente compreender aquilo que sente. Ele não está em condições de incarnar o seu desejo – daí expressões como *strangely exciting*, *somewhat heartening* e *greatly intriguing*, marcadas por uma certa vertigem e um certo espanto arriscado (são emoções inconceptíveis: no plano da escrita, resistem às categorias linguísticas da representabilidade, isto é, *le language* lacaniana, repetindo-se na letra como o que obstinadamente não se deixa escrever – *lalangue*; para o *you*, são predica-dos inapreensíveis do *petit a*, uma forma especial de fetichismo). Alia-se a este regime incondicional de quarentena a dupla reiteração do verbo *watch* nos versos *To watch the stoic squirm* e *To watch shepherd meet shepherd*: ver, neste caso, é assistir à distância, é não-penetrar em sentido háptico.<sup>[11]</sup> Ora, este *tu*, infelizmente porque *uninvited*, sofre de um déficit de sensibilidade: apenas assiste (não chega sequer a ser perversão sádica), não compreende como nem porque *se retorcem os estoicos* ou o que acontece (e o que significa) *num encontro entre pastores*. *Uninvited* detém-se, assim, na superfície rasa do visível (o seu grau zero): ele é aquele que olha uma visão e não um olhar, sem que haja uma devolução introspectiva ou meditativa (ninguém olha o que há dentro de si; ele é opaco, não tem o “sem-fundo da alma”, segundo José Gil (GIL, 1996: 49); nestes moldes não-osmóticos, o mundo devém um puro mosaico de *flashes*, de novidades, que, nessa condição de fascínio impetuoso, inquietam o *you*, mas nas quais ele não está humanamente habilitado para poder participar).

Note-se a indignação refrutada ou tão-só a asserção fria por parte do *eu*: “*tu falas do meu amor como se tivesses experienciado um amor semelhante ao meu*”. De novo, a fenomenologia: a experiência supõe um corpo que sente e é sentido;

11 Fenomenologicamente, significa regredir a todos os níveis dentro do que Maurice Merleau-Ponty refletiu sobre a reversibilidade da visão, a interioridade do corpo e a interioridade das coisas: *corpo* e *mundo* teriam por dentro o mesmo estofo, um visível secreto.

a existência do *eu* e do mundo partilham uma mesma carne reconhecível *como tal*. Ao equiparar-se o *eu* a um *uncharted territory*, acentua-se a dimensão liminarmente física de um *pathos cool*: o território é aquilo que se olha e que se toma (pela força ou não) como posse; coloca o desejo no plano de uma convenção ou condição imperativas, hoje por demais despóticas (somos forçados a gozar, parafraseando Žižek). Um “território desconhecido” supõe, perversamente, uma lógica de transgressão: incentiva a que se lhe corte o prefixo, o *un-* de *uncharted* [pelo tom veladamente erótico que a “virgindade” levanta como desafio de estropio inacessível, reúne-se, assim, as condições propícias a um terceiro entimema: *Todas as mulheres (me) intrigam; tu intrigas-me, logo és uma mulher*].

Segundo McDonald (1998a), os dois últimos versos ajustam-se apropriadamente, do ponto de vista semântico e estrutural, a uma suspensão irresolvida: irresolvida porque ainda se desconhece as possibilidades de resolução, ou irresolvida na medida em que, cinicamente, se esquivava a essas possibilidades, impondo-se deliberadamente como insolúvel. Citando o crítico, “*I don’t think you unworthy, she finally explains, I need a moment to deliberate, and there, to my pleased surprise, the song ends, leaving us to wonder how the deliberation turns out, or whether the point is that she’s walled herself in so securely that resolution is impossible*” (*ibidem*). Sugere-se, assim, a condição desconfortável do *eu*, que é precisamente a de ocupar indesejavelmente a condição de objeto libidinal de outrem, de ser desejada e sentir nisso uma agressão tragicamente indevida (ao invés de não ver o seu sentimento de amor retribuído, como já é convencionalmente clássico desde o esquema da *fin’amors* trovadoresca).

O corte abrupto com que esses dois últimos versos finalizam o texto da canção – o facto de se desconhecer a resolução do sujeito – permite um enquadramento com a noção barthesiana de *pensatividade*, a propósito da novela balzaquiana *Sarrasine*, e, mais especificamente, com a descrição com que o narrador ultima a sua personagem: “*Et la marquise resta pensive*”. Segundo Barthes, a pensatividade é, por definição, a marca do texto clássico, porque detém uma reserva incomensurável de sentido que lhe permite, no domínio da estética da receção, tornar-se fonte pródiga de leituras e interpretações, “a marca *teatral* do implícito” (itálicos nossos), “o significante do inexprimível, e não do inexprimido”, “(...) como se, tendo completado o texto, mas temendo, por obsessão, que ele não esteja *incontestavelmente* completo, o discurso preten-

desse suplementá-lo com um *et cætera* da plenitude” (Barthes, 1999: 161).<sup>[12]</sup> No entanto, para Rancière, porque o adjetivo *pensive* está estrategicamente colocado no final do conto, “no próprio momento em que a narrativa acaba, a ‘pensatividade’ vem denegar esse fim; vem suspender a lógica narrativa em benefício de uma lógica expressiva indeterminada” (Rancière, 2010: 178). Neste sentido, a pensatividade em Rancière assume-se como “uma marca do texto moderno, ou seja, do regime estético da expressão”: ela contraria “a lógica da ação” *prolongando-a*, por um lado, mas, por outro, fazendo-a *suspender* qualquer arbitragem conclusiva entre *narração* e *expressão*: “A história bloqueia-se num certo quadro. Mas este quadro assinala uma inversão da função da imagem. A lógica da visualidade já não vem dar um suplemento à acção. Vem suspendê-la ou, dizendo melhor, vem ultrapassá-la (*idem*, 178-179).

Exemplificando com a *Madame Bovary*, Rancière propõe a ideia de uma *invasão da ação literária pela passividade pictural*, usando o conceito deleuziano *heterogénesis* para designar a perda do suposto “complemento de expressividade” radicado no que há de visual na frase ou na narração em geral. Em vez disso, o sujeito passa a estabelecer “um encadeamento de micro-acontecimentos sensíveis que vem ultrapassar o encadeamento clássico das causas e dos efeitos, dos fins projectados, das respectivas realizações e consequências” (*idem*, 180). Dá-se, assim, a contaminação entre duas artes – a pictural e a literária – e das respectivas maneiras de “dar a ver”: de um lado, “o excesso literário, o excesso daquilo que as palavras projectam em relação àquilo que designam”; do outro, “[o] poder, forjado pela literatura, de transformação do banal em impessoal”, que “vem corroer por dentro a aparente evidência, a aparente imediaticidade da fotografia” (*idem*, 180-181). Assim que o *eu* de *Uninvited* diz *I need a moment to deliberate* – e note-se que, a nível pragmático, a força ilocutória é diretiva mas indireta (o contrário seria algo como *Give me a moment to deliberate*) –, o silêncio que antecede a resposta (imperscrutável) assume-se como uma figurabilidade nova, o resultado de uma certa tensão entre forças e regimes de expressão diferentes.

---

12 Teatral é, efetivamente, tanto a *causa* como o *efeito* deste tema. A causa: foi composto para a banda sonora do filme *Cidade dos Anjos* (1998), o *remake* americano de *Wings of Desire*, de Wim Wenders. O efeito: a explosão orquestral corrobora a *nuance* de teatralidade; o *pathos* da deliberação final intensifica-se, precisamente porque o carácter finalístico de tal deliberação fica em suspenso. O som tempestivo do conjunto de cordas, aliado ao denso *wall of noise* do dedilhar de guitarras, coopera com a esfumação semântico-pragmática de qualquer trilha de objetividade, que acaba na insolvência – ou melhor, numa *sugestão* de insolvência.

#### 4. UR – Crônica de uma morte anunciada

Num contexto autorrepresentacional, *UR* distingue-se da habitualidade compositiva e enunciativa de Alanis Morissette, na medida em que o (auto)retrato que aqui se desenha é enunciado na segunda pessoa do singular: o sujeito adota o olhar dos outros (o enunciador) em termos de filtro espacial (e *especial*) para enformar, nos três refrões distintos, o modo como se olha a si mesmo, ou melhor, para descrever *como é* ou *o que é* ou *quem é*. A letra ensaia, portanto, essa hetero-descrição, atravessada por um *retrato* idealizado – que, como veremos, não é mais que uma corroboração, mais cínica do que sincera, de um *autorretrato* (cf. Paula Mourão e os indecíveis: cada retrato é um autorretrato ou cada autorretrato, um retrato?) –, saltando de pontos de vista diferentes que coincidem com contextos cronológicos e topológicos díspares, mas que parecem obedecer a uma linearidade narrativa, com um princípio, um meio e um fim, estando cada uma desses partes intrinsecamente articulada com os refrões por um efeito semântico semelhante ao que Barthes (2009: 115) designa como “figuras de interrupção e de curto-circuito”: neste caso, a elipse, uma figura homóloga ao próprio corpo – o do ser humano e o da escrita de tipo fragmentário, tanto um como o outro esquivando-se a uma ancoragem *significante* (isto é, que faça fluir sentido, significado). A elipse facilita, então, a pregnância do *in-significante*: aquilo que obstrui a simbolização.<sup>[13]</sup>

burn the books they've got too many names and psychoses  
 all this incriminating evidence would surely haunt me  
 if someone broke into my house  
 suits in the living room  
 do you realize guys I was born in 1974  
 we've got someone here to explain your publishing  
 we know how much you love to be in front of audiences  
 hopeful you are  
 schoolbound you are  
 naïve you are  
 driven you are  
 take a trip to new york with your guardian

13 “Escrever por fragmentos: os fragmentos são então pedras no perímetro do círculo: espalho-me em redor: todo o meu pequeno universo em migalhas, no centro, o quê?” (Barthes, 2009: 115). Nos termos em que Beaujour coloca o autorretrato literário no caso de *Roland Barthes por Roland Barthes*, o *in-significante* prende-se com o que acentua uma fatalidade suicidária no *eu* que tenta escrever sobre si: “l'inéluçabilité de l'impossible description” (Beaujour, 1980: 328).

and your fake identification  
when they said “is there something anything  
you’d like to know young lady?”  
you said “yes I’d like to know what kind of people  
I’ll be dealing with”  
precocious you are  
headstrong you are  
terrified you are  
ahead of your time you are  
don’t mind our staring but  
we’re surprised you’re not in a far-gone asylum  
we’re surprised you didn’t crack up  
lord knows that we would’ve  
we would’ve liked to have been there  
but you keep pushing us away  
resilient you are  
big time you are  
ruthless you are  
precious you are

O primeiro *flash* (para manter o sentido metafórico de *snapshot*) capta uma série de micro-acontecimentos sem ordem aparente, mas subsumíveis na ideia de uma iniciação (subentende-se: musical): *we’ve got someone here to explain your publishing / we know how much you love to be in front of audiences*. Este último verso denunciaria o caráter manifestamente exibicionista do sujeito, reconhecido por todos *a priori* (*we know*), não fossem as *lyrics*, como antes se referiu, o discurso do *outro* sobre *mim* – o que subverte a dita denúncia tornando-a uma denúncia de uma eventual má-interpretação infundada (uma denúncia de uma denúncia, uma crítica de uma crítica: a suposta jactância do sujeito, a sua propensão exibicionista, são rotulagem exógena). O verso *we’ve got someone here to explain your publishing* subscreve a mesma tónica no discurso heterónimo sobre o *eu*, desta vez com uma informação qualificável homologamente com o que a *mise en abyme* poderia representar: *nós, o coletivo que toma a palavra por ti, trazemos-te alguém para explicar um trabalho que é teu* – ou seja, palmilhando um território que é extratextual, por pressão *tácita* do próprio género autobiográfico (a tal *ilusão* necessária, segundo Lejeune), deduz-se que o sujeito – com as suas esperanças e projeções, a sua tacanhez e inexperiência, a sua ingenuidade e impulsividade para se deixar conduzir (atributos que constam no primeiro

refrão) – carece de um *alguém* que o apadrinhe, algum mentor que lhe trace o caminho por si, minimizando-lhe os presumíveis riscos advindos da sua natural imprevidência. Dito de outro modo, sempre reivindicável devido à lógica heterorrepresentativa da canção: deduz-se que ao sujeito *se acomete a ideia de que precisa de alguém*, uma ideia que é *nossa* – mas igualmente *dele* (nada na canção encaminha a hermenêutica para focos de retaliação detetáveis num *eu* vingativo; muito pelo contrário, tomando em consideração o terceiro e último *flash*, entre o *eu/tu* e o(s) *outros/nós* parece estabelecer-se um pacto comunitário de solidariedade entre *biografemas*).<sup>[14]</sup>

Nos versos *all this incriminating evidence would surely haunt me / if someone broke into my house*, uma análise de foro pragmático confirmaria que a forma pronominal demonstrativa *all this* e o advérbio *surely* reenviam para a natureza eminentemente dialógica que estrutura a canção, cujas referências e o seu carácter ostensivo não permitem uma irrefutável validação: permanecerão silenciosas, opacas, não absorvíveis pela escrita (*lalangue*, Lacan). A afirmação é manifestamente um juízo de valor, uma condenação castrante (*surely* – o Édipo envergonha, sob ameaça de revelar mais do que o devido, como se *someone broke into my house*): o *eu* tem algo a esconder, “provas incriminatórias” que constrangeriam o emissor se a redoma da sua intimidade fosse transgredida. Até que ponto, então, não será lididamente interpretável esta *incriminating evidence* como um qualificativo homólogo ao dos “livros”, “nomes” e “psicoses” constituintes do primeiro verso? Fala-se, em termos genéricos, de *livros* ou *de* livros, de uma bibliografia não nomeada (tabu, ao nível simbólico), mas que, pelo seu conteúdo, por maior aparência inofensiva que reporte, deve simplesmente ser *recalcada*, *reprimida*, posta de lado ou, drástica e metaforicamente, *queimada*?

Considere-se uma leitura alternativa a partir do verso subsequente: *suits in the living room* – meramente constativo, desvinculado da sintaxe estrutural segundo a ordem SVO (como um instantâneo fotográfico, qualquer coisa que capta o olhar sem razão aparente). Estes *suits* podem, em contrapartida, figurar como a extensão referencial do sintagma *all this incriminating evidence*: a sala de

14 Barthes cita Diderot, muito acertadamente: “Tudo se fez em nós porque nós somos nós, sempre nós e nem por um minuto os mesmos” (Barthes, 2009: 176). Porque citar é também autobiografar-se; os plágios são a expressão mais *sincera* de uma obra assumidamente autobiográfica (*biografemas* são os traços depreendidos da leitura exaustiva de biografias, cf. *idem*, 184). Em *S/Z*, mais especificamente no texto de Balzac, lê-se a seguinte passagem, pertinente para o caso: “– *Oh! Descreve-me como me idealiza. Que tirania tão singular! Quer que eu não seja eu*” (Honoré de Balzac, *Sarrasine*, *apud* Barthes, 1999: 172).



*estar*, espaço íntimo e recortado da fluidez temporal (espaço sedentário, de repouso, de estase), é atravessada por indícios de nomadismo, de um certo desarranjo ornamental, até de uma certa promiscuidade (sexual) que o verso seguinte, no qual o *eu* toma efetiva palavra, tende a sugerir, ao dirigir-se aos *guys*. Por sua vez, o designativo *guys*, na língua inglesa, pode cumprir somente as exigências do código informal que patenteia o discurso familiar, acentuando o modo descontraído como o sujeito se sente perante quem o ouve. Por isso, *do you realize guys I was born in 1974* – indesmentível incrustação do sujeito autorral, da *própria* Alanis Morissette, nascida nesse ano civil – comparticipa nesse ambiente de distensão, pondo em causa, porém, o motivo *ex nihilo* que levaria o sujeito a fazer semelhante remate: por outras palavras, qual é o espanto em dar a conhecer ou em frisar o seu ano de nascimento? Porquê *perguntar*? Uma hipótese: o apelo sardónico ao bom senso dos seus locutores, condenando-lhes a dose de indigência moralista que se ressentido disfémica porque redutora – a roupa espalhada pela sala (note-se que *suits* designam habitualmente indumentária formal masculina) é um signo de que ela já tem *idade suficiente* para *fazer aquilo* que quiser (e *com* quem quiser: os *suits* são os vestígios de quem por lá passou). Barthes designa como “informantes” as unidades narrativas que funcionam como operadores realistas, ou seja, servindo para “enraizar a ficção no real”; a referência a 1974 atua como o valor indicial mais premente para caracterizar o primeiro *flash* como uma síntese hipotética da infância ou do ambiente germinativo de alguém destinado a entreter as massas, as ditas *audiências*.

Cumprindo o devir cronológico e pseudo-historiográfico de *UR*, o segundo *flash* encena um momento de maior maturação na vida do *eu/tu*, tendo em conta, e à semelhança da leitura do período precedente, os adjetivos com o que *eu* é agraciado (pelos *outros* e por *si próprio esquizofrenizando-se* no olhar dos outros): *precoce* (assinalado duplamente, num regime de sinonímia), *obstinada* e *terrificada*. O emissor, de novo, dá-lhe um conselho ou faz um incentivo: fazer uma viagem a Nova Iorque (segundo informante barthesiano), acompanhada pelo seu *guardian* (um referente, supõe-se, afetivo, mas insondável quanto à sua plena identificação) e, pormenor importante, munida de uma *fake identification*. Se a letra se destina, num sentido lato, a espargir informações desconexas, mas minimamente arrumáveis num todo coeso, sobre uma identidade, o referido pormenor polariza as atenções: o *self* do sujeito implica uma adulteração, um (ul)traje, regendo-se pela imposição de um código de segurança (clandestinidade); o seu desvelamento ético figuraria como mais uma *incriminating evidence*,

retomando a expressão previamente averiguada. Por um lado, nestas condições, sob a vigília de um escrutínio *à la* ciência forense, o qualificativo *terrified* acaba, assim, por funcionar como uma desculpa legítima. Por outro, aquiesce com a condição de alienígena do sujeito, residente numa cidade estranha, cujos habitantes acabam vítimas de um questionário humorístico: *when they said “is there something anything / you’d like to know young lady?”* [reprodução vívida de um mero código de cortesia] / *“yes I’d like to know what kind of people / I’ll be dealing with”* [do ponto de vista enunciativo, o sintagma *yes I’d like to know* é dito de um modo decrescente e pontilhado, acentuando a caricatura do cómico de situação ao *stressar* cada unidade constituinte do sintagma; daí que a resposta da protagonista desmanche a etiqueta da formalidade conversacional].

O último *flash* principia com uma intenção caricatural ou quase anedótica (porque simbolicamente excessiva, embora compreensível, dado não estar, apesar de tudo, muito longe *da verdade*) semelhante à que anteriormente se notou: o sujeito, depressível (enquanto ecrã das *nossas* projeções), é imaginado em estado de eremitagem sorumbática *in a far-gone asylum*, mas *surpreendentemente* não sancionou semelhante paroxismo. De igual modo, também *para estupefação geral*, não hiperatrofiou: *“We’re surprised you didn’t crack up, / Lord knows we would’ve, she sings, and although the compliment sounds odd coming out of her mouth, as she plays our role for us, her composure is remarkable”* (McDonald, 1998b). *Remarkable*, precisamente, porque intui um certo sentimento de humildade que é tão-só induzível de cada um dos momentos periódicos, a favor de uma generalidade com a qual *estamos* dispostos, enquanto *we*, a condescender. Por um lado, não põe de parte a condição de sermos *nós* – ouvintes, leitores e presumíveis intérpretes – *também* o alvo indireto de uma certa expiação (*nós fomos cúmplices do que te aconteceu*). Por outro, na ótica do *nosso* objeto, podemos lavar as mãos de qualquer sentimento de culpa que pudesse, eventualmente, pesar-*nos* na consciência (afinal, é ela própria, usando a *nossa* voz, quem o diz, admitindo a sua vitimização deliberada e o regime de quarentena a que se submeteu: *we would’ve liked to have been there / but you keep pushing us away*). *Remarkable* também, porque, num contexto hermenêutico atravessado pelos vaivéns a que o género autobiográfico incita, não consente que a *nossa* desresponsabilização pelo *sucedido* – implícito, tácito, *óbvio* (os versos são indiciais: apontam *para* mas não revelam, colidindo a tentativa de nomear com a inaptidão para o fazer) – se possa fazer a expensas da erradicação do conceito de autor. Pragmaticamente, *estamos todos* no mesmo barco, *somos todos* cúmplices de um segredo que se preserva inexpresso até ao

fim, *porque todos nós o conhecemos*, cnicamente ou não, por intermédio de uma certa “química” entre almas gémeas, de sentidos desveladamente parcós, do primeiro ao último verso, que, não sendo duvidados, se *a-presentam* comunitariamente reconhecíveis, como se todo o circuito de referência coincidissem com uma *re-presentação* (uma devolução de algo *já* por todos sabido) e, em última análise, com uma adesão (*quase*) perfeita ao Real bruto, num cenário de quase autofagia das estruturas de mediação – como se o texto deviesse *acontecimento* ou *gesto*. *Somos* interpelados – e, como referiu McDonald, este sujeito plural é convertido numa personagem que *ela* está a representar para *nós* – na nossa qualidade de testemunhas, e não de entidades inocentes ou adâmicas: nos termos de Barthes, *eu* “[n]ão estou escondido no texto – apenas sou nele irrefrenciável” (Barthes, 1999: 16).<sup>[15]</sup>

Da invisibilidade de um super-herói à constatação de que a transparência é hoje “the new mystery” vai um longo percurso de uma vida disposta em intermitências, em pequenos vislumbres, em *snapshots*, que parecem sugerir que, escrevendo mais um verso, a existência ganha um pouco mais de sentido, sobretudo numa cultura que consagra a consciência – a experiência de um *eu sentindo-se a ser eu* – como a medida da sua própria humanidade. Ao realismo supostamente superficial da fotografia contrapõe-se a superficialidade supostamente realista (ou *ingenuamente sincera*) das *lyrics* de Morissette. O real nunca é inteiramente solúvel no visível de uma fotografia. De facto, como se fizesse uma pose para a lente do fotógrafo, o *self* nas *lyrics* é encenável: escamar a transparência supõe, portanto, uma prova de máscaras. Mas, tal como na imagem fotográfica, o que jaz como transparência acabada convoca uma insinuação de *mistério* brutalmente inassimilável. A uma escrita feita de *snapshots* prevê-se a disposição do *self* para o risco de deriva e dispersão. O *self* é uma espécie de

---

15 Ao mesmo tempo que o texto mantém as características do seu anonimato e a sua “queda” para a autorreflexão (cf. Barthes, Foucault, Kristeva), ele passa a realizar a demonstração “de figuração de figurações, por exemplo autorais, historicamente determinadas”, segundo Helena Carvalhão Buescu. Para a autora (e sem querer olvidar o facto de se ter em mente, *apenas*, o texto *literariamente consagrado como tal*), “um certo grau de ‘anonimato’ textual é o que sustenta a possibilidade de autonomia que qualquer acto de leitura implica, ou seja, é o que permite a possibilidade de ler para lá ou independentemente do nome que assina o texto (...); a *figuração autoral* implica, no entanto, que *nunca* poderemos ler um texto ‘como se’ ele se tivesse autogerado. A essa impossibilidade de autogeração damos um nome: Homero, por exemplo” (Buescu, 1998: 27). Buescu considera que é ao nível *peritextual* que o autor se assume como garante da dimensão pragmática do texto, inscrevendo-se dessa forma no sistema semiótico de comunicação literária (cf. *idem*, 38) – no caso de *UR* e Alanis Morissette, no sistema semiótico de comunicação *multimodal*, por exemplo. Complemente-se com a revisão da *função-autor* foucaultiana por Agamben, 2005: 75-90.

aporia, que se esquiva à representação porque é essencialmente irrepresentável (em sentido humeano, com laivos de budismo, o *self* nem sequer existe: é pura ficção antropogénica). Eis, assim, o que justifica as meditações em torno do autorretrato e da autobiografia, precisamente porque tentam remediar (enquanto convulsionam a *ilusão* de o fazerem) essa contradição que é, por essência, irremediável, uma vez que o material de que se servem – matéria verbal, linguagem – é apologeticamente falível e, por arrasto, vulneráveis as interpretações: afinal, “[a]s leituras não são obrigadas a esposar a forma do seu objecto, assim como não é necessário que as críticas da música sejam musicalmente transmitidas, ou picturalmente as da pintura (Diogo, 2006: 158).

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio (2005), *Profanations*, Martin Rueff (trad.), Paris: Éditions Payot & Rivages.
- BARTHES, Roland (1999), *S/Z*, Maria de Santa Cruz e Ana Mafalda Leite (trad.), Lisboa: Edições 70.
- , (2009), *Roland Barthes por Roland Barthes*, Jorge Constante Pereira e Isabel Gonçalves (trad.), Lisboa: Edições 70.
- , (2010), *A Câmara Clara. Nota sobre a fotografia*, Manuela Torres (trad.), Lisboa: Edições 70.
- BEAUJOUR, Michel (1980), *Miroirs d'encre. Rhétorique de l'autoportrait*, Paris: Éditions du Seuil.
- BENJAMIN, Walter (1992), *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto (trad.), Lisboa: Relógio D'Água.
- BOURDIEU, Pierre (1989), *O Poder Simbólico*, 2.<sup>a</sup> ed., Fernando Tomaz (trad.), Lisboa: Difel.
- BUESCU, Helena Carvalhão (1998), *Em Busca do Autor Perdido. Histórias, concepções, teorias*, Lisboa: Edições Cosmos.
- CHANCELLOR, Jennifer (10/27/2008), “An interview with Alanis Morissette”, disponível em <[http://www.tulsaworld.com/scene/article.aspx?subjectID=269&articleID=20081027\\_269\\_Firs512686](http://www.tulsaworld.com/scene/article.aspx?subjectID=269&articleID=20081027_269_Firs512686)> [consultado em 31/1/2013].
- CHAUNCEY, Sarah (1/11/1998), “Music, Meditation and Alanis Morissette”, disponível em <<http://www.highbeam.com/doc/1P3-390572281.html>> [consultado em 19-9-2012].
- DIOGO, Américo António Lindeza (2006), *Teoria com Tipos Móveis*, s.l., Publicações Pena Perfeita.
- DUBOIS, Philippe (1999), *O ato fotográfico*, 3.<sup>a</sup> ed., Marina Appenzeller (trad.), Campinas: Papirus Editora.
- ECKSTEIN, Lars (2010), *Reading Song Lyrics*, Amsterdam/New York: Rodopi.

- FONSECA, David (22 de março de 2012), “As duas vidas de David”, *Visão*, n.º 994, p. 102.
- FRANCE, Kim (April 1999), “Ray of Light: underneath Alanis Morissette’s mop of hippie hair and sincero, new-age veneer beats the heart of a fearlessly iconoclastic rock’n’roller. Or is it the other way around?”, in *Spin*, pp. 96-104.
- GIL, José (1996), *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções – Estética e Metafenomenologia*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa: Relógio D’Água.
- JORGE, João Miguel Fernandes (1990), *O que resta da manhã*, Lisboa: Quetzal.
- LEJEUNE, Philippe (1975), *Le pacte autobiographique*, Paris: Éditions du Seuil.
- , (1986), *Moi aussi*, Paris: Éditions du Seuil.
- , (1988), “Peut-on innover en autobiographie”, in *L’autobiographie. VI<sup>e</sup> Rencontres psychanalytiques d’Aix-en-Provence 1987*, Paris: Les Belles Lettres, pp. 67-100.
- , (28/03/2005), “De l’autobiographie au journal, de l’Université à l’association: itinéraires d’une recherche” (conferência realizada no âmbito do colóquio *Identité et altérité*), disponível em <[http://www.autopacte.org/Itin%E9graires\\_d%27une\\_recherche.html](http://www.autopacte.org/Itin%E9graires_d%27une_recherche.html)> [consultado em 24/12/2012].
- MCDONALD, Glenn (16/07/1998a), “Alanis Morissette: ‘Uninvited’”, disponível em <<http://www.furia.com/page.cgi?type=twas&id=twaso181#entry13>> [consultado em 19-9-2012].
- , (26/11/1998b), “Thank You – Alanis Morissette: *Supposed Former Infatuation Junkie*”, disponível em <<http://www.furia.com/page.cgi?type=twas&id=twaso200>> [consultado em 19/11/2012].
- , (21/10/1999a), “Alanis Morissette: *So Pure #2*”, disponível em <<http://www.furia.com/page.cgi?type=twas&id=twaso247#entry13>> [consultado em 22-8-2012].
- , (14/03/2002), “Your Best Defense, My Conditional Police”, disponível em <<http://www.furia.com/page.cgi?type=twas&id=twaso372>> [consultado em 19-09-2012].
- MEDEIROS, Margarida (2010), *Fotografia e Verdade: uma história de fantasmas*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- MORISSETTE, Alanis (1998), *Supposed Former Infatuation Junkie*, Maverick, CD-Audio.
- , (2002), *Feast on Scraps*, Maverick, DVD e CD-Audio.
- , (2005), *The Collection*, Maverick, CD-Audio
- NUNHAM, Nancy (22/10/2012), “Alanis Morissette offers ‘Havoc and Bright Lights’”, disponível em <<http://washingtonexaminer.com/alanis-morissette-offers-havoc-and-bright-lights/article/2511408#.UJm9EGe9JXs>> [consultado em 07/11/2012].
- POWERS, Ann (Mai, 1996), “Exposure: Alanis Morissette, Roseland Ballroom”, *Spin*, p. 36.
- , (24/10/1998), “Rock’s Excess in Service of Introspection”, *New York Times*, disponível em <<http://www.nytimes.com/1998/10/24/arts/pop-review-rock-s-excess-in-service-of-introspection.html>> [consultado em 21-06-2012].
- RANCIÈRE, Jacques (2010a), *Estética e Política. A Partilha do Sensível*, Vanessa Brito (trad.), Porto: Dafne.
- , (2010b), *O Espectador Emancipado*, José Miranda Justo (trad.), Lisboa: Orfeu Negro.

- SONTAG, Susan (2012), *Ensaio sobre Fotografia*, José Afonso Furtado (trad.), Lisboa: Quetzal [1977].
- WATERSON, Bill (1994), *Que Dias Tão Cheios! Calvin & Hobbes*, Ana Falcão Bastos (trad.), Lisboa: Gradiva.
- ŽIŽEK, Slavoj (2006), *As Metástases do Gozo. Seis Ensaio sobre a Mulher e a Causalidade*, Miguel Serras Pereira (trad.), Lisboa: Relógio D'Água.

# DE ENSALMIS: O PENSAMENTO INQUISITORIAL SOBRE ALGUMAS CRENÇAS POPULARES NO PORTUGAL DE SEISCENTOS

João Peixe

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

Os versos mágicos podem fazer descer a Lua do céu.  
Virgílio<sup>[1]</sup>

Versos, como este de Virgílio, sempre alimentaram a imaginação não só de poetas e demais literatos, mas também de estudiosos de outras áreas. Ao longo dos séculos, foram vários os pensadores que, de alguma forma, refletiram sobre o poder mágico das palavras. Mas que poder é esse que as palavras parecem ter sobre os homens? De onde é que ele vem? Da própria natureza das palavras? Conferido por alguma divindade? Atribuído pelo próprio Homem? No Portugal de Seiscentos, em pleno vigor do movimento contrarreformista, a resposta a estas questões parecia importar de sobremaneira. Importou a poetas e a outros escritores, que viam escrutinado o poder de deleitar e de ensinar das suas palavras. Importou capitalmente a uma plebeia, de seu nome Ana Martins, acusada de feitiçaria pelo uso de palavras para a cura de doenças e para a obtenção de outros benefícios temporais. Lê-se na sentença de Ana Martins proferida pela Inquisição de Lisboa em 1694:

(...) em grande damno da sua alma e prejuizo das consciencias alheias, não tendo sciencia alguma, nem a de saber ler nem escrever, curava de varias enfermidades, e para esse fim a procuravam muitas pessoas ou a mandavam consultar a respeito dos achaques, que padeciam, e lançava os espiritos malignos fóra dos corpos d'algumas pessoas, que

---

1 *Bucólicas*, VIII v. 68

estavam endemoninhadas, desfazia feitiços, desligava as pessoas que estavam ligadas, descobria os furtos, declarando quem os havia feito. E, para efeito de fazer as dictas curas e obrar todo o referido, não applicava remedios naturaes e proporcionados para o fim, que pretendia, mas somente usava de palavras, que dizia, e benções, que lançava sobre as pessoas enfermas, e, estando estas distantes, obrava o mesmo, benzendo os vestidos ou qualquer outra cousa, que das dictas pessoas lhe traziam.

AAVV, 1861: 379

No início do mesmo século, em 1620, Manuel do Vale de Moura, deputado da Inquisição de Évora, tinha-se pronunciado sobre estes “usos de palavras”, num tratado intitulado *De Incantationibus seu Ensalmis*. O documento, com mais de 500 páginas, apenas agora a ser traduzido do Latim, analisa exaustivamente estas práticas, que o autor chama de Encantamentos, ou, se preferirmos, Ensalmos. É dele a definição:

Ensalmi sunt quaedam benedictiones, siue imprecationes confectae ex certa verborum, praesertim sacrorum, formula, interdum quesiue ex materia aliqua, ut uino, ac pano [sic], certo partium numero complicato: quibus homines praecipuè, ut ferunt, Hispani utuntur tam ad uulnera, morbosque alios curandos, et nocumenta uaria repellenda, ut quae euenire possunt ex tempestatibus, uenenosis, ac feris animantibus, et similibus: tum ad bona alia maxime temporalia obtinenda. Vnde, in rigore loquendo idem sunt atque incantationes.

Moura, 1620: § 1, Fol. 1r

Ensalmos são algumas graças ou invocações maliciosas levadas a efeito a partir de uma fórmula de palavras, em especial sagradas, às vezes a partir de alguma substância, como vinho e até pão, num dado número de partes misturadas. Os homens, segundo se diz, principalmente os habitantes da Hispânia, servem-se deles para curar feridas e outras doenças e para repelir males vários, como os que podem advir das condições do tempo, de animais venenosos e selvagens, ou similares; mormente então, para obter diversos benefícios temporais. São, portanto, em rigor encantamentos.<sup>[2]</sup>

Vale de Moura pretendia constituir doutrina em matéria de Ensalmos e justificar a jurisdição inquisitorial sobre estas alegadas ofensas à Fé Católica. Com formação superior em Teologia e em Jurisprudência Pontifícia, pelas academias de Évora e de Coimbra, o deputado da Inquisição estava particularmente

2 As traduções propostas desta obra são da nossa autoria.



habilitado para o fazer. E, de facto, nos arquivos do Tribunal do Santo Ofício, contam-se inúmeros processos sobre tais práticas.

A crença no poder dos Ensalmos estava bem enraizada na população e, como vimos, Vale de Moura assume isso mesmo a respeito dos habitantes da Península Ibérica. A origem deste poder perde-se na memória dos tempos e coincide com o aparecimento da Medicina. A tradição ocidental atribui a Asclépio, filho de Apolo, o desenvolvimento das artes médicas. O culto do deus da Medicina, como Asclépio viria a ficar conhecido, fala de curas milagrosas e de um grande número de mortos que ele terá ressuscitado. Teriam sido tantas essas ressurreições que Zeus, temendo pelo balanço da ordem do mundo, fulminou Asclépio com um dos seus raios.<sup>[3]</sup> Os seus dois filhos, os “excelentes médicos, Podalério e Macáon” (cf. Homero, *Iliada*, II v. 732.), estiveram na Guerra de Tróia. Hipócrates, o famoso médico da antiguidade, foi um dos seus seguidores mais conhecidos.

Uma das mais famosas e antigas curas mágicas é a de Ulisses. Já regressado a Ítaca, o herói é ferido numa caçada e é tratado com um Ensalmos. Conta Homero:

Os queridos filhos de Autólico ocuparam-se da carcaça  
e depois trataram sabiamente da ferida do divino Ulisses.  
Fizeram estancar o negro sangue com uma encantação.  
Odisseia, XIX, vv. 455-457

Platão, por sua vez, também aborda o tema. O poder curativo das palavras está presente em *Cármides*. Neste diálogo, Sócrates conhece uma encantação eficaz para as dores de cabeça, que tinha aprendido com um médico trácio:

Contudo, quando ele me perguntou se eu conhecia o remédio para as dores de cabeça, ainda que a custo, respondi que conhecia.

– E qual é? – inquiriu.

Respondi que era uma planta, e que à poção se ligava um canto mágico. Se alguém o entoasse enquanto o usava, o remédio deixá-lo-ia absolutamente são. Sem o canto mágico, porém, a planta nenhum préstimo teria.

155e

---

3 Sobre Asclépio, que os Romanos batizaram de Esculápio, vd. Grimal, 2009: 49-50.

Também em Roma, o poder das palavras é bem conhecido. Plínio, o Velho, na sua *História Natural*, e Apuleio, na sua *Apologia*, são dois autores com referências ao poder medicinal dos Ensalmos:

Existem certos versos contra granizos, contra géneros de doenças e contra queimaduras.<sup>[4]</sup>

Plínio, *Naturalis Historiae*, XXVIII, 6

Também certos velhos médicos tiveram conhecimento que versos eram cura de feridas.<sup>[5]</sup>

Apuleio, *Apologie*, XL, 4

E já em século XV, Angelo Poliziano, no seu “Nutricia” ainda escrevia sobre os tais versos mágicos:

(...) nem só feridas penosas,  
mas também doenças misteriosas com versos venciam.<sup>[6]</sup>

Poliziano, 2004: vv. 279-280

A par desta tradição literária que explorava o poder das palavras, houve outros contributos de distintas áreas, que também se debruçaram sobre a questão. Nomeadamente, da Filosofia, chega-nos uma das primeiras reflexões sobre esta questão no diálogo platónico *Crátilo*. Nesta obra, discute-se a origem das palavras, se o seu significado será conforme a sua própria natureza, ou, pelo contrário, se ele foi arbitrariamente convencionado pelos homens. Sócrates, depois de ironizar uma e outra teorias, não se decide por qualquer uma delas. Conclui antes que a resposta só se obtém a partir da investigação *das coisas em si* e não a partir da análise dos seus nomes. Porém, reconhece o filósofo, essa é uma empresa superior às suas capacidades (cf. Platão, 1994: 156). Em matéria de Ensalmos, a resposta à questão cratílina sobre a justeza dos nomes interessa na medida em que nomes conforme a natureza própria das coisas pertenceriam, por essa via, à ordem natural do mundo. Assim sendo,

4 Nossa tradução. Oferecemos a citação da versão consultada: “Carmina quidem extant contra grandines contraque morborum genera contraque ambusta, (...)”

5 Nossa tradução. O original consultado glosa desta forma: “Veteres quidem medici etiam carmina remedia uulnerum norant, (...)”

6 Nossa tradução. Os versos originais são “nec uulnera tantum / saeua, sed et caecos uincebant carmine morbos”.

o efeito dos encantamentos mais não seria que o resultado de um nexo de causalidade natural.

A questão da conformidade dos nomes está também presente no livro *Génesis*. Nos versículos 2.19 e 2.20, Deus leva os animais à presença de Adão, para que este lhes desse o nome pelo qual ficariam conhecidos. Neste passo, a expressão “appellavitque Adam nominibus suis”, ‘Adão nomeou [os animais] pelos seus nomes’, de 2.20 da *Vulgata* coloca um problema de exegese. Com efeito, o sintagma “os seus nomes” não deixa perceber se os nomes dos animais passaram a ser “seus” porque Adão os atribuiu, ou se Adão os designa pelos “seus nomes” de acordo com a sua respetiva natureza (cf. Eco, 1996: 24). Esta última aceção é a que defende Tomás de Aquino. A sua interpretação deste passo bíblico não deixa margem para ambiguidades ao afirmar que os nomes dos animais designam a sua natureza.<sup>[7]</sup> Baseado nesta interpretação, o teólogo Manuel do Vale de Moura parece também não ter dúvidas:

(...) congruentiam tamen inter nomina, et res significatas non fuisse positam in naturali assimilatione inter nomina, et res nominatas; sed in eo, quod nomina significantia ex instituto (siue Adami, siue angelorum, siue diuino) repraesentarent illas animalium proprietates, et energiam v. g. leoni impositum est hoc nomen, quod Hebraice significaret animal generosum; simiae, cauillosum; tauro, ferox; Euae, matrem uiuentium; etc.  
1620: Sec II, Cap. IV, §. 15, p. 187

(...) contudo a coerência entre os nomes e os significados não f[oi] fixada por natural semelhança entre nomes e significados; mas por isto: que os nomes significantes reproduzissem por convenção (de Adão, dos Anjos ou divina) aquelas propriedades e energia dos animais. Por exemplo, ao leão foi dado este nome por em Hebraico significar animal de boa raça; ao macaco, por animal cheio de subtilezas; ao touro, por animal feroz; a Eva, por mãe da Vida; etc.

Portanto, para o autor, trata-se de uma convenção, assente na língua hebraica,<sup>[8]</sup> pela qual os nomes refletem características dos seus designados. E não importa quem fixou a convenção, se Adão, os Anjos ou mesmo Deus.

7 Nossa adaptação. O passo original diz: “(...) *Deus ad eum animalia adduxit, ut eis nomina imponeret, quae eorum naturas designant.*”; ‘Deus apresentou ao homem os animais, para que lhes impusesse nomes designativos das suas naturezas’. Tomás de Aquino, 1980: 860.

8 Noutro ponto do texto, Manuel do Vale de Moura irá defender porque é que o hebraico é a língua primeira e será a futura língua no Céu, acrescentando que é um idioma santo, falado por Deus, pelos Anjos, por Adão e pelos Santos (Cf. Moura, 1620: Sec. II, Cap. 5, §. 4, pp. 191-192).

Não obstante esta convencionalidade inspirada, para o tratadista português, importava demonstrar que não havia nenhum nexo de causalidade natural entre as palavras e o mundo. A seu favor, convoca o versículo 2.19 do Livro dos Génesis, a que já aludimos, explicando, na esteira de Tomás de Aquino e na de Bento Pereira,<sup>[9]</sup> que os animais obedeceriam aos Anjos e Adão, da mesma forma como obedecem aos seus líderes. Noutras palavras, respondiam por instinto natural e não por obediência às palavras que lhe fossem dirigidas, que, de resto não entendiam de todo.

Animalia uero Adamo obtemperabant ad uocis nutum; non quod uocis uim significandi liberam naturaliter penetrauerint; sed ut docet D. Thom. 1. p. q. 96. art. 1. ad 4. ex naturali instinctu. Eo, inquit, modo, quo aues, et alia animantes suos duces sequuntur. Vide Perer. lib. 4. in Genes. in disp. ad c. 1. vers. 26. tom. 1. §. Caeterum, fol. 396. Vbi de modo, quo Adamo obediebant animalia, eiusque filiis essent obeditura in statu innocentiae.

idem, Sec. II, Cap. IV, §. 16, p. 187

Os animais na verdade obedeciam a Adão ao primeiro sinal da voz; não porque por natureza compreendessem o significado da voz livre; mas, como ensina São Tomás de Aquino, a partir do instinto natural. “Pelo qual,” diz, “deste modo, as aves e os outros animais seguem os seus condutores”<sup>[10]</sup>. Vd. Bento Pereira no Livro IV de In Genesim na disputa ao Capítulo 1, Versículo 26, tomo 1, paragrafo Caeterum, p. 396,<sup>[11]</sup> onde [disserta] sobre o modo, pelo qual os animais obedeciam a Adão e deveriam obedecer aos filhos dele em estado de inocência.

- 
- 9 Benedictus Pererius Valentinus ou Benedito Pereira ou Bento Pereira (ca. 1535-1610) foi um Jesuíta castelhano. Foi autor de *De communibus rerum principiis* (1576), *Adversus fallaces et superstitiosas artes, id est, de magia, de observatione somniorum, et de diuinatione astrologica* (1591) e *Prior Tomus Commentarium et disputationum in Genesim* (1607), ao qual Vale de Moura se referirá adiante.
- 10 *Suma Teológica*, Primeira Parte, Questão 96, art.º 1, Resposta à quarta objeção. A citação não é exata. Deixamos aqui as palavras em questão de Tomás de Aquino: “Todos os animais participam de certo modo, pela estimativa natural, da prudência e da razão; assim os grouos seguem o chefe e as abelhas obedecem ao rei. E desse mesmo modo todos os animais de então haviam de obedecer, por si mesmos, ao homem, como, agora, os domésticos lhe obedecem.” (1980: 860).
- 11 O título completo da obra é *Prior Tomus Commentarium et Disputationum in Genesim/Primeiro Tomo de Comentários e Disputas ao Livro do Génesis*. Não conhecemos nenhuma tradução desta obra. Em resumo, o parágrafo em referência explica que o homem, em estado de inocência, ou seja antes do pecado original, tinha ascendente sobre todos os animais. Porém, depois de expulsos do Paraíso, apenas podemos comandar alguns deles, em pequeno número e só com grande trabalho da nossa parte (cf. Pererius, 1607: 396).

Ainda sobre a origem dos nomes, um dos pais da Igreja, Orígenes, tem uma opinião ligeiramente diversa. Na sua Homília 25 sobre o Livro dos Números, assegura que tanto os nomes dos Israelitas, como os dos estrangeiros, estavam de acordo com a Lei e com a natureza, e não foram distribuídos aleatoriamente. Por essa razão explica que Moisés deu ao rei dos madianitas um nome merecido (cf. o ponto 3.2 desta homília). Os nomes teriam portanto uma origem divina motivada, não convencional. Esta diferença é explorada pelo médico e professor de Medicina, João Bravo Chamisso, na sua obra *De Medendis Corporis Malis*,<sup>[12]</sup> publicada em 1605. Nos aspetos clínicos, este autor já anteriormente tinha sido refutado por Diogo Pereira, também ele médico.<sup>[13]</sup> Desta feita, nas suas implicações teológicas, a sua obra valeu-lhe também a contestação de um deputado da Inquisição. Diz Vale de Moura acerca do texto de Bravo:

Ioannes Brauus Chamissius Conimbricensis Doctor, Anathomicae lectionis olim singularis; nunc uero medicae Cathedrae moderator subtilis et studiosus, eam pro re presenti opinionationem concepit, a qua, dum id efficaciter conaremur, eum dimouere nequiuiimus. Is lib. 1. De Medendis Corporum Malis toto cap. 7. fol. 23. Totus quoque est in approbandis, (Res noua in Medico) probandisque Ensalmatoris curationibus: ex eo praecise fundamento, quod voces naturali vi eorum effectus producere valeant. Citat in primis pro eo placito nonnullos antiquos Philosophos.  
idem, Sec. I, Cap. II, §. 1, pp. 22-23

João Bravo Chamisso, Professor Doutor em Coimbra, outrora único do curso de Anatomia, agora, na verdade, zeloso e ardiloso titular de uma Cátedra medicinal, concebeu, em defesa da questão presente, esta ideia, da qual, até que nos preparássemos (para tal) com eficácia, não estivemos em condições de o demover. Este Livro 1º De Medendis Corporis Malis, em todo o capítulo sétimo, folha 23<sup>a</sup>, dedica-se inteiramente às demonstrações e, assunto novo num médico, às experimentações nas curas do ensalmador. Em suma, a saber que a partir deste fundamento, as vozes possam produzir efeitos pela sua força natural. Em favor deste desejo, convoca em primeiro alguns filósofos antigos.

E, mais à frente, continua:

12 A obra, publicada em Latim, está ainda por traduzir. É por Vale de Moura que conhecemos o seu conteúdo.

13 Referimo-nos ao *Tratado contra o livro de Intentionibus Chirurgicis*. Desconhecemos os dados da edição desta obra. Ela porém aparece mencionada na nota biográfica que a Academia de Coimbra tem publicada em linha sobre João Bravo Chamisso (cf. Universidade de Coimbra, *sine data*).

Deinde probat ex Patribus: Origine (...): nempe nomina, tam Angelorum, quam ciuitatum, locorum, et hominum, certa ratione a Deo dispensari: et certum esse, quod unusquisque uel hominum, uel Angelorum ex iis, quae sibi iniunguntur officiis, et actibus etiam nomina sortiantur; et quod in his celestia mysteria describantur maiora, quam potest, uel sermo proferre, uel auditus mortalis audire.

idem, Sec. I, Cap. II, §. 2, p. 23

A partir dos Pais da Igreja, como Orígenes, (...) [Bravo é de opinião que] seguramente, os nomes, tanto dos Anjos, como os das cidades, como os dos locais, como os dos homens são distribuídos por Deus com uma certa razão. E também julga certo que cada um, quer dos homens, quer dos Anjos obtenha o nome a partir do que lhe é imposto pelas funções e pelas ações. E que nestes, os mistérios celestes se representam maiores do que algum sermão possa dar conta ou do que algum mortal possa escutar.

Manuel do Vale de Moura opõe-se a esta posição, como já vimos. Logo no início do capítulo, Moura alega que os paradoxos diversos que Bravo cita de sábios antigos, com a intenção de disfarçar o indigno da sua posição, estão já enterrados. Convoca a seguir dois destacados médicos: Primeiro, Galeno, que já no século II d. C., considerava que essas “historietas eram velhas”. E em Segundo lugar, um erudito professor de medicina espanhol, de 1571, por coincidência também chamado Juan Bravo, cuja obra *De Hidrophopiae Natura* o deputado da Inquisição parafraseava afirmando:

(...) non admittere uerba, signa, aut characteres uirtutem aliquam operandi habere: quod si aliquando operantur; id tribuendum esse causae extrinsecae.

apud Moura, 1620: Sec. II, Cap.IV, §. 1, p. 180

(...) não admitir que as palavras, os sinais, ou os caracteres tenham quaisquer qualidades para produzir efeitos. A saber, se os produzirem algum dia, isso deve ser atribuído a uma causa extrínseca.

A argumentação para esta afirmação, o teólogo Vale de Moura encontrava-a em Tomás de Aquino, na sua *Suma contra os Gentios*. No capítulo CV do Livro III desta obra, o “doutor angélico” investiga de onde pode vir a eficácia das artes mágicas e conclui que os intelectos humanos não possuem capacidades para naturalmente produzir efeitos.

Com efeito, nestas operações [artes mágicas] são ditas vozes significativas para produzir efeitos. Ora a voz, enquanto significativa, não possui virtude que não venha do inte-

lecto: do intelecto de quem a profere ou do intelecto de quem a ouve. (...). Ora, não se pode dizer que aquelas vozes pronunciadas pelos mágicos recebam eficácia do intelecto daquele que as pronuncia. Com efeito, sendo que a virtude resulta da essência, a diversidade da virtude manifesta diversidade de princípios essenciais. Ora, comumente os intelectos dos homens estão dispostos de modo que o seu conhecimento é mais causado pelas coisas do que possa ele causá-las pelo pensamento. Se, pois, há homens, que por palavras que expressam o seu pensamento, por virtude própria pudessem transformar as coisas, seriam eles de outra espécie, e seriam ditos homens equivocadamente.

Tomás de Aquino, 1996: 579

Não cabe aqui analisar a lógica por trás destas deduções. Importa, sim, perceber que esta conclusão vem substanciar as ideias de Santo Agostinho nos capítulos IX e XI do Livro X da Cidade de Deus, que servem de quadro teórico de referência a Vale de Moura:

Ex nostris D. Aug. (...) asserentem, sonis certis quibusdam, ac uocibus, et figurationibus, atque figmentis [p. 181 a] quibusdam, etiam obseruatis in coeli conuersione, motibus syderum, fabricari in terra ab hominibus potestates idoneas syderum variis effectibus exequendis: Vnde totum hoc ad daemones pertinere, et non ad uirtutes naturales, infert.

Moura, 1620: Sec. II, Cap. IV, §. 2, pp. 180-181

A partir do nosso Santo Agostinho, (...) afirma[-se] que, por meio de alguns determinados sons, vozes, formas, algumas figuras, e mesmo movimentos dos astros observados na rotação do céu, são produzidos pelos homens poderes favoráveis à execução de vários efeitos dos astros na terra. Donde [se] infere que tudo isto pertence aos demónios e não às qualidades naturais.

De acordo, portanto, com Santo Agostinho, as palavras, pela sua natureza ou pelo seu valor intrínseco, não são capazes por si só de produzir qualquer dos efeitos que se atribuíam aos Ensalmos. Também, de acordo com São Tomás de Aquino, tal eficácia não pode ser atribuída aos Ensalmistas. Para um e para outro, só resta a possibilidade de esses efeitos se ficarem a dever a um intelecto não humano, isto é, uma entidade sobrenatural. Desta forma, o uso de palavras para a cura de enfermidades, não sendo o seu fim natural, era uma violação da ordem da Natureza e devia ser condenado. A este propósito, Vale de Moura, citando o frade António de Guevara (1480-1545) na sua epístola familiar número 54, dirigida ao Doutor Melgar, conta um caso exemplar:

(...) tempore Artaxersis 2. (...) faemina quaedam in prouincia Aclaiæ, quæ ensalmis medebatur, seu uerbis puris, et absque ullo alio medicamine simplici, uel composito, relegata est; Athenis uero ad lapides damanata; cuius sententiæ ea ratio reddita est ab Atheniensibus, quia, ut inquebant, Deus, et natura in lapidibus, et herbis non autem in uerbis morborum remedia constituiebant.

idem, Sec. II, Cap. IV, §. 3, p. 181

(...) no tempo de Artaxerses II, uma certa mulher, que curava com ensalmos, ou com palavras virtuosas, e sem algum outro medicamento simples ou composto, foi denunciada em Atenas e, de facto, condenada a apedrejamento, cuja sentença foi proferida pelos atenienses em razão do facto de, como julgavam saber, Deus e a Natureza punham o remédio das doenças nas pedras e na ervas e não nas palavras.

Muitos séculos depois de Artaxerses II, era também esta acusação que pendia sobre Ana Martins, que citámos no início desta reflexão. As suas práticas não derivavam da ordem natural nem de nenhum poder específico dela ou dos seus Ensalmos. Eram sim invocações de demónios para benefícios temporais. No Portugal de Seiscentos, constituía um comportamento herético que competia ao Tribunal da Fé julgar e condenar. Esta era já a segunda vez que Ana Martins, pelos mesmos motivos, comparecia perante a Mesa da Inquisição e, por isso, não é de estranhar o Acórdão do seu processo:

(...) [Os Inquisidores, Ordinários e Deputados da Santa Inquisição] declaram a R. Anna Martins por convicta, relapsa, revogante e impenitente no crime de feitiçaria, e ter pacto com o demonio, e que foi, e ao presente é, herege apostata de nossa S. Fé Católica, e que incorreu em sentença d'excommunição maior e confiscação de todos os seus bens para o Fisco e Camara real, e nas mais penas em direito contra semelhantes estabelecidas, e como herege, apostata, e relapsa, a condemnam e relaxam á Justiça secular (...).

AAVV, 1861: 385

Como é sabido, relaxamento à Justiça secular era apenas uma fórmula eufemística, escondendo uma condenação capital que os tribunais seculares confirmavam sem exceção. Infelizmente, Ana Martins não foi caso único no Portugal de seiscentos. Longe disso.



## Referências

- AAVv (1861), “Documentos Para a História Do Sancto Officio Em Portugal”, *O Instituto IX*: 379–385, disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/institutocoimbra/IndiceInstituto.htm>, consultado em 15/10/2012.
- APULEIO (1971), *Apologie. Florides*, Paul Vallette (trad.), Paris: Les Belles Lettres [3a ed.]
- ECO, Umberto (1996), *À Procura Da Língua Perfeita*, Miguel Serras Pereira (trad.) Lisboa: Editorial Presença.
- GRIMAL, Pierre (2009), *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Lisboa: Difel [5a ed.]
- HOMERO (2007), *Iliada*, Frederico Lourenço (trad.), Lisboa: Livros Cotovia.
- HOMERO (2008), *Odisseia* Frederico Lourenço (trad.), Lisboa: Livros Cotovia.
- (S.) JERÓNIMO (s. d.) *VULGATA*, documento de Bible Foundation e On-Line Book Initiative, disponível em: <http://data.perseus.org/citations/urn:cts:greekLit:tlg0527.tlg001.perseus-lat1>, consultado em 15/10/2012.
- MOURA, Manuel do Vale de (1620), *De Incantationibus Seu Ensalimis*, Évora: Laurentii Crasbeck.
- ORÍGENES (2011), *Homilias Sobre El Libro De Los Números*, José Ferná (trad.), Madrid: Editorial Ciudad Nueva.
- PERERIUS, Benedictus (1607) *Prior Tomus Commentariorum Et Disputationum in Genesim*, Lyon, [s. n.]
- PLATÃO (1988), *Cármides*, Francisco de Oliveira (trad.), Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica [2a ed.].
- PLATÃO (1994), *Crátilo*, Pde. Dias Palmeira (trad.), Lisboa: Livraria Sá da Costa [2a ed.].
- PLÍNIO, o Velho (1906), in *Naturalis Historiae*, disponível em: [HTTP://DATA.PERSEUS.ORG/CITATIONS/URN:ACTS:LATINLIT:PHIO978.PHIO01.PERSEUS-LAT1](http://data.perseus.org/citations/urn:acts:latinLit:phio978.phio01.perseus-lat1), consultado em 15/ 10/ 2012, [ed. Karl Friedrich Theodor Mayhoff].
- POLIZIANO, Angelo (2004), *Silvae*, Charles Fantazzi (trad.), disponível em: <http://books.google.pt/books?id=DRpLXUTfbR4C&pg=PR5&lpg=PP1&dq=silvae&hl=pt-PT>, consultado em 15/10/2012.
- (S.) TOMÁS DE AQUINO (1980), *Suma Teológica*, Alexandre Correa (trad.), Porto Alegre: Livraria Sulina [2a ed.].
- (S.) TOMÁS DE AQUINO (1996), *Suma Contra Os Gentios*, D. Odilão Moura (trad.), Porto Alegre: EDIPUCRS e Edições EST.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA (s. d.), *História da Ciência na UC - Chamisso*, João Bravo, disponível em: [http://www.uc.pt/org/historia\\_ciencia\\_na\\_uc/autores/CHAMISSO\\_joao-bravo](http://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/CHAMISSO_joao-bravo), (consultado em 15-10-2012).
- VIRGÍLIO (1996), *Bucólicas*, Gonçalves, Maria Isabel Rebelo (trad.), [s. l.], Editorial Verbo.



LÍNGUA E IDENTIDADE:  
PRODUÇÃO, MANIPULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO



# “HONOUR KILLING” IN THE UK: GENDER, CULTURAL OR MUSLIM PHENOMENON?

Habiba Chafai

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

## 1. Introduction

Violence, a worldwide phenomenon, is a form of executing physical, mental or economic power or control over the vulnerable and defenceless members or groups in any given society. The United Nations (UN) declaration on the elimination of violence against women defines the term as:

...any act of gender-based violence that results in, or is likely to result in, physical, sexual, or psychological harm or suffering to women, including threats of such acts, coercion or arbitrary deprivations of liberty, whether occurring in public or private life<sup>[1]</sup>.

No term was in use to illustrate the extreme form of violence as to the murder of women till the term ‘femicide’<sup>[2]</sup> was coined by Russell in 1974 (Della Giustina, 2010: 14). It is taken for granted that all patriarchal societies continue to use femicide, a form of sexual violence, to maintain male control and female repression, and as a way of castigation, authority or control over women

---

1 <http://www.un.org/documents/ga/res/48/a48r104.htm> 27-10-2011.

2 The “misogynous killing of women by men” motivated by hatred of women; simply the killing of women because they are women (Radford, 1992: 3).

(Radford and Russell, 1992). Femicide includes the case of “honour killing” as a crime where men consider themselves superior to women and believe that women are their property; the majority of “honour killings” appear to “fit immediately into both the narrower and the wider understandings of femicide” (Welchman and Hossain, 2005: 7). “Honour killing” is a crime which is common within patriarchal cultures and where males kill female relatives because of conjugal or family honour. It is a collective crime where both family and community are accomplices. What mostly distinguishes such violence from other crimes is that it is usually committed by close family members on the pretext of restoring the honour of the family and community because of the offensive sexual behaviour of women (An-na’im, 2004: 67; Sindhi, 2007: 21). Perpetrators<sup>[3]</sup> can either be father, brother, uncle, cousin or husband without ignoring the likely participation of women such as mothers-in-law or mothers. In a wide-ranging depiction, El Saadawi describes “honour killing” as:

...a practice which reveals the double standards of a male-dominated society in which it is acceptable to kill a girl who sullies her family’s reputation. The girl’s death is thought to free families from stigma and to bear witness to their respect for honour and their ability to do the right thing. By the same token, it serves as a deterrent to other women who are made all too vividly aware of the fate that awaits them should they be tempted to break the code of honour within their society.

El Saadawi, 2007 (1980): xi

Such kind of honour-based violence (HBV)<sup>[4]</sup> is a form of violence against women and is reported from the Mediterranean to Latin America, and also within Muslim societies (Erturk, 2004; Jafri, 2008). It is a recent matter that started to attract the attention of the Western media since the second half of the 1990s (Eldén, 2004: 91). Crimes such as “honour killings”, forced marriage<sup>[5]</sup> or female genital mutilation have become practices that are generally associated with Muslim countries and cultures, and hence as necessitating

3 Statistically, women are more likely to receive violence from males who are known to them (Sen, 2005: 55).

4 (HBV) is described as “an expression of patriarchal power, with women as its victims. HBV is thus considered to constitute any form of violence perpetrated against females within the framework of patriarchal family structures, communities and/or societies where the main justification for the perpetration of violence is the protection of a social construction of honour as a value system, norm or tradition” (Gill, 2011: 219).

5 In June 2012, the British government made forced marriage a criminal offence in the UK. <http://www.guardian.co.uk/politics/2012/jun/06/david-cameron-forced-marriage-law-10-06-2012>.

tolerance, comprehension and apology. They are commonly broadcasted and written about in Western media as mostly happening among immigrant communities, while they are barely mentioned in media of countries of origin. Western views about honour crimes perpetrated within immigrant communities are generally regarded as 'exotic' and 'culturally based' and consequently absolutely distant from European values and western reality (Husseini, 2009: 183; Pope, 2004: 101). They are judged as the 'barbaric culture' of immigrants from the non-western origins (Mojab, 2004: 29) and considered as a problem of 'the other' where some communities are demonized specially men within them (Welchman and Hossain, 2005: 8). The 'other' is always judged by the behaviour and traditions people from the same origin, culture or faith adopt. From its self-appointed superior position, the West tends to judge and compare other cultures by the values and norms of its own culture, requiring immigrants' customs and habits, particularly in what concerns gender relations, to become modern and liberal (Sen, 2005: 43; Mojab, 2004: 25). More specifically, by the end of the twentieth century, Western perceptions condemn "honour killings" as being a characteristic of oriental backwardness and an indication of the repression of women (Sen, 2005: 46).

Representations of "honour killings" condemning certain cultural traditions as the source of the problem are inappropriate according to some studies that essentially aim at tackling the issue from a human right violation perspective, thereby arguing that religious or cultural interpretations should not justify the abuse of women (Mojab 2004; Welchman and Hossain 2005; Siddiqui 2005; Khan 2006; Gill 2011; Meeto and Mirza 2011; Husseini 2011; Idriss and Abbas 2011). Gill, for instance, suggests that the expression 'honour-based violence' needs to be "abandoned in favour of situating violence committed in the name of honour within the wider context of VAW" (2011: 219). Gill argues that in this way the pretext of invoking cultural values to justify such violence will be defeated (Idem, 219). While current research on these issues insists on the fact that such violence is an infringement of women's rights and that it is a crime and should be treated as such regardless of any cultural or traditional excuses, this paper would rather attempt to discuss the sociological and cultural conditions that lie behind the reproduction of violence against women in general and honour-based violence in particular. This will be achieved through exploring the position of women in Muslim cultures and its relation to concepts such as patriarchy, family, sexuality and honour. So, are "honour killings" specifically connected to a region, culture or religion? How do patri-

archy and gender inequality play a role in reinforcing violence against women? What are the role of men, family and community in controlling women's sexuality? Why is women's sexuality of great concern and so feared in society? How and why should Muslim women preserve their reputation for the sake of men's honour? Does Islam have any power to condemn or justify such crimes? And finally, are "honour killings" based on religious doctrines or on cultural and tribal customs?

## 2. The research context

Violence against women may appear in different forms, degrees, motives and contexts, across the East and the West regardless of class or religion. Pope argues that despite the colossal progress achieved in relation to violence against women by feminist movements in the last decades, such violence is still predominant; "Over 100 women are still killed by partners or ex-partners every year in countries like England and Wales, and figures in other developed, liberal societies are just as alarming" (2004: 105). On the other hand, within the context of increasing immigration rates, honour-based violence - which is supposed to take place in less developed areas of South Asia and the Middle East, mostly in underprivileged villages with low or no education and with 'long traditions of self-administered justice' (Khan, 2006: 12; Idriss 2011: 1) - started to increase within minority communities, particularly within Muslims settling in Europe and the UK. The Parliamentary Assembly<sup>[6]</sup> declared that it is among 'Muslim or immigrant Muslim communities' that the majority of cases are reported in Europe with a few exceptions<sup>[7]</sup> (Husseini, 2009: 201). Yet, there are investigations indicating that such violence is expected to be located in societies worldwide namely in Latin American, Mediterranean peasant societies, the Middle East, South Asia as well as Indian castes and Chinese elites (Rizvi, 2004: 220). However, of the five thousand women who die every year as a result of "honour killings", the vast majority takes place in countries such as Pakistan, India and Bangladesh, according to the

6 'Parliamentary Assembly of the Council of Europe, Resolution 1327 (2003): So-called "honour crimes"', 4 April 2003.

7 "One such example of non-Islamic honour-based patriarchal society is found in Italy where, until 1981, the 'honour' argument was an admitted legal defence. Men were offered a reduction in penalty from three to seven years if they killed their wives, sisters or daughters to cleanse their or their family's honour" (Husseini, 2009: 201).



United Nations (CSC<sup>[8]</sup>, 2010: 37). Incomplete investigations declared that the UK used to have about 12 "honour killing" victims each year. So far, according to the new research directed by The Iranian and Kurdish Women's Rights Organisation (IKWRO),<sup>[9]</sup> in 2012, published in British newspapers<sup>[10]</sup>, violence against women carried out by families or communities is rising significantly in the UK. Research reveals that reports increased by 47% in just one year, and that 2,823 incidents took place in 2010.

The UK government organisations and media associate "honour killings" with particular minority ethnic groups; thus, "honour killings as domestic violence have become 'ethnicised' within the British multicultural context" (Meetoo and Mirza, 2011: 43). According to the study made by the Centre for Social Cohesion (CSC), the majority of honour killings' victims reported in the UK are women who are identified as Muslim, South Asian and below the age of thirty (2010: 41). On the whole, such crimes are considered to happen among South Asians and it is underlined that the murders are mainly perpetrated by Pakistani and Bangladeshi Muslims. Such a phenomenon is also performed by Hindus and Sikhs but in smaller numbers (CSC, 2010: 39). A point worth considering in this geographical frame is that the majority of Muslim immigrant communities in the United Kingdom are coming from villages of Iraq, Afghanistan, Pakistan and Bangladesh, a rural universe where the common concepts of honour and vengeance are in conflict with the values of the British society (Abbas, 2011: 17). Although "honour killing" is a practice identified with Muslim communities in Britain, and though news about Muslims and the Muslim world seem to focus frequently on issues related to violence and oppression allegedly exercised on the pretext of religion, Islam - as a religion -, does not excuse or justify brutal and violent acts against women.

### 3. Women between religion and culture

Because of the frequent reported cases of honour-based violence among Muslim immigrants in the Western media in general and the British media in particular, such kind of violence is mainly associated to Muslim cultures. It is important then to examine Islam, its culture and the position of women therein

---

8 The Centre of Social Cohesion

9 <http://ikwro.org.uk/> 6.03.2012

10 <http://www.guardian.co.uk/uk/2011/dec/03/honour-crimes-uk-rising> 6.03.2012

with the aim of tracing a borderline between the weight of the Islamic Law and the influence of culture and customs. Ancient thoughts, attitudes and actions used to reinforce the subordination of women as well as violence against them, which remains supported by religion, traditions and myths. Violence was committed throughout societies, cultures and traditions in the West<sup>[11]</sup> or the East, and all the way through history, there existed various modes of violence towards females as new born babies, as girls, as adults, as wives, as daughters-in-law or as mothers. Infanticide<sup>[12]</sup> is an example that refers to “the deliberate killing of a child in its infancy, including death through neglect (Hom, 1992 *apud* Parrot and Cummings, 2006: 56). Both infanticide and feticide used to be practised to get rid of children; regrettably such killings still excessively target females especially in Asia - China and India (Parrot and Cummings, 2006: 53). In India, for example, the regular murder of female children “does not result from environmental stress but is rather the consequence of an excessive male sense of honour”, and that in the beginning of the 20<sup>th</sup> century, in the Punjab and in Kashmir “there were castes and tribes in which not one single girl was left alive” (Janssen-Jurreit, 1992: 69).

Centuries before, during the pre-Islamic period, society had a tribal social structure with no prescribed rules and instead relied on habits and customs. Tribes were patriarchal in nature and put women in an inferior position (Al Engineer, 1999: 30). In that period, women were regarded as property in a dominant male society, yet with exceptions<sup>[13]</sup> in some areas since women had the choice to marry and divorce their husbands. Afterwards, it is believed that with the coming of Islam, the situation of women was improved. Islam brought some changes by providing women with some rights such as inheritance, owning property and prohibiting female infanticide. The following Quranic verse came to urge men to stop burying their daughters alive and to denounce such a practice:

- 
- 11 During the sixteenth and seventeenth centuries, the murder of women was justified by the belief that women were witches and thus intrinsically sinful and immoral. In the same period, primarily in continental Europe and Scotland, but also in England, thousands of people, with the vast majority of women, were accused of witchcraft and therefore punished and murdered, with the aim of maintaining men dominance (Radford and Hester, 1992).
  - 12 Historically, it has been practiced on every continent (Williamson, 1978; Jeeva, Gandhimathi, and Phavalam, 1998) and in diverse cultures as “Ancient Rome, among the Yanomami Indians of Brazil, and in Arabian tribes (Mitra, 1993)” (*apud* Parrot and Cummings, 2006: 56).
  - 13 “Clans were matriarchal, children were named after the mother and were enrolled in the mother’s clan, and exogamy, that is marriage outside the clan, was the rule” (El Saadawi, 1980, 2007: 140).

And when one of them is given news of a female infant, his face darkens, and he chokes with grief. He hides from the people because of the bad news given to him. Shall he keep it in humiliation, or bury it in the dust? Evil is the decision they make.

Quran, 16: 58-59<sup>[14]</sup>

Islam is frequently observed as liberating women and providing them with a better position than that they used to have in the pre-Islamic time. This can be true, but it is not enough to claim gender equality in Islam. The favourite discourse of most Muslims always seems to be of a defensive nature; they assert that Islam gave women all their rights as well as further protection and honour. However, their interpretations are sexist, their arguments are not well established and their understandings are therefore contradictory. It goes without saying that the Islamic law is sacred for Muslims, but its comprehension is controlled by "one's own circumstances, perceptions, perspectives and inclinations and while verses are divine, the understanding and interpretations are human" (Al Engineer, 1999: 5). So, the fact that Islam prohibited infanticide is not enough to say that Islam improved the status of Muslim women, according to Leila Ahmed (1992).

There are other examples and issues within Islam and Muslim cultures that witness the ambiguous status of women and bring a debate about possible incompatibility of Islam with international human rights, democracy or gender equality. These are subjects that attract the attention and curiosity of the West as markers of the repression of women and the inferiority of Muslim societies. Marriage, for example, is a topic that may bring indignation, as to child marriage, marriage with the rapist, arranged or forced marriages, and polygamy<sup>[15]</sup>. Sex segregation, Islamic dress and the controversy over the veil are other topics that can be interpreted in different ways; they may present religious or cultural motives. Old justifications to the use of the veil were connected to social status as a sign to separate between the prophets' wives and other women, while recent reasons can be justified in a variety of way, as facilitating the transition from the home to working in the public sphere with the aim of reducing sexual harassment and maintaining a good reputation, or mainly to keep a Muslim identity as opposed to that of the West, among other reasons. Inheritance where women still legally inherit half a man's share in

---

14 <http://www.clearquran.com/quran-chapter-016.html> 20-11-2012.

15 A practice that was considered a solution to demographic problems at times of war, and which objective was to protect the interests of widows and orphans at that context.

Muslim societies, and the right to witness where two women count as a one man witness are other issues that demonstrate existing inequalities between men and women. Finally, violence committed against women in the name of religion or honour, such as lashing or stoning to death, female genital mutilation or “honour killing”, exposes practices aimed at controlling females’ sexuality so as to prevent sin and maintain order in society. These are precisely the practices that instigate prejudice against Muslims worldwide, particularly those settling in Western societies. So what is the role of Islam in defining the status of women and the violence committed against them?

### 3.1. *Islam*

It is important at this stage to define Islam and some of its fundamental institutions in order to understand the position of women within its frame. I will introduce some religious and cultural factors that influence women’s situation in Islam, without discussing Quranic laws regarding women’s rights and obligations. My objective is not to argue or interpret the religious, legal rights and roles of Muslim women, but to call attention to the power and influence of Islam as a culture and tradition, beyond its religious dimension.

Islam is a religion whose ‘sacred’ book, the *Quran*, and the teachings of its *Sunna* or *hadith*<sup>[6]</sup> are fundamental sources to organise and rule the everyday life of its followers, thus justifying their behaviour and actions; “To a Muslim, Islam is a way of life, governing not only religious practice and morality but social relationships, marriage, divorce, kinship, economic and political relations” (Anwar, 1985: 158). Debate about Islam in the Muslim world or elsewhere is frequently discussed in relation to a number of controversial issues such as fundamentalism, terrorism or the status of Muslim women. Many aspects define and control the status and the conduct of Muslim women, ranging from religious doctrines, social customs or popular culture, to state policies or even the rules imposed by a father or a husband – since men are dominant in the political, legal and religious institutions, a fact which implies that men’s control over women is religious, social and even legal.

It is acknowledged that in Muslim countries, state and religion are intertwined institutions, and that the Islamic Law is a sacred one. However, since there are no standardized policies across all the Muslim countries - different

---

<sup>16</sup> Narratives and teachings by the prophet Mohammed used as a spiritual guide for Muslims.

laws vary from Africa to the Middle East or South Asia - interpretations of the Islamic Law differ from one state to another; "There are over fifty Muslim states in the world, with a variety of legal and political systems, and there is no single body, political or religious, that speaks for the Muslim world as a whole" (Halliday, 2003: 142). This is to confirm the diversity of views, systems and interpretations among Muslim societies where men are the major leaders in households, institutions or states, and where the majority of women are denied participation in powerful positions or any decision making. Before exploring the role of marriage, family and community in Islam, the concept of patriarchy will be discussed, as it remains a factor that encourages violence.

### 3.2. *Patriarchy and male violence*

Women are particularly at risk within cultures where  
unchallenged patriarchy and misogyny are embedded in  
political, religious, or social systems  
Parrot and Cummings, 2006: 13

It is in patriarchal societies that gender inequality and violence against women are mainly prevalent. Patriarchy, an ancient phenomenon, reinforces its position as "ordained by the Gods, supported by the priests, implemented by the law, [wherein] women came to accept and psychologically internalise compliance as necessary" (Fox, 2002: 28 *apud* Parrot and Cummings, 2006: 3). Beyond religion and law, the patriarchal character of gender relations is a general social phenomenon that constructs inequalities between the sexes; power is used by men to control women's sexuality and their ability to reproduce, therefore the status, reputation and honour of a man come to be basically connected with the behaviour of their women's relatives (Erturk, 2004: 165). Patriarchy then is a social structure that acquires more legal power from religion and traditional culture. It is socially constructed and is manifested in legal, economic and political organisations. In the micro context, it entails men's authority over women with the aim of controlling their behaviour and sexuality as well as maintaining their dependence and inferiority. Patriarchy is a worldwide conception that is related to class and sex, and not only associated to Arab, Muslim or third world societies as Nawal El Saadawi explains:

The oppression of women, the exploitation and social pressures to which they are exposed, are not characteristic of Arab or Middle Eastern societies, or countries of the 'Third World' alone. They constitute an integral part of the political, economic and cultural system, preponderant in most of the world – whether that system is backward and feudal in nature, or a modern industrial society that has been submitted to the far-reaching influence of a scientific and technological revolution. The situation and problems of women in contemporary human society are born of developments in history that made one class rule over another, and men dominate over women. They are the product of class and sex.

El Saadawi, 2007 (1980): xiii

Male authority and female subjugation are the principal reasons behind violence against women, which is the argument supported by the general theoretical framework of feminism. Mojab associates patriarchy with male violence, and discusses that the eradication of such violence depends on a drastic break of patriarchy and its gender system (2004: 15). There is strong evidence to suggest that cultures with more traditional, patriarchal attitudes and more extreme conditions of subordination of women generate more severe and frequent violence against women (Sanday, 1990; Bui and Morash, 1999; Song, 1996; Yodanis, 2004 *apud* Parrot and Cummings, 2006: 19). What would be then the position of women within marriage, family and community in Muslim cultures, and what is the role of such foundations in condemning, encouraging or condoning such violence?

### 3.3. *Marriage, family and community*

According to Jehl (1999), family respect requires women's chastity; "An unchaste woman is sometimes considered worse than a murderer. A woman's chastity reflects not just on the woman, but also her entire family and even her tribe" (*apud* Parrot and Cummings, 2006: 174). It becomes clear that the concepts of shame and honour are strongly associated with female chastity and the reputation of family and community. Consequently, marriage and family are central foundations in Muslim cultures where Muslims and particularly females are mainly brought up with the objective to marry and preserve chastity. Marriage is a legal agreement between a woman and a man to legitimate sexual relationships, but when these relations are practised outside marriage, a woman's reputation and her honour are put into question. Wife and husband

have specific roles and obligations towards each other within the family, and children are also urged to respect and obey their parents. Islam set down roles for both women and men; men<sup>17</sup> as heads of households are responsible for working in the public sphere and nurturing the family, while women in the private space are urged to give man sexual pleasure, rear children, and serve the family - the institution that was indeed:

...the only group based on kinship that is recognised, and in practice the family was the instrument whereby the first Muslim community was founded in Medina. The family institution made it possible to organise a society of believers (umma), thus breaking away from the pre-Islamic society that was based on the tribe.

Dahl, 1997: 49

Marriage in particular is the duty of every Muslim who is physically and economically capable. It always needs the concord of both spouses; however, the authority of parents is sometimes misused when imposing their choices on their daughters as pointed out by El Saadawi:

For decision-making in marriage is still largely a family matter and most fathers are still prepared to sell their daughters into wedlock for a good price. Parental authority is shamefully misused when the matter concerns daughters. The Arab<sup>18</sup> family being highly patriarchal, both socially and legally, the authority of the father over his daughters is absolute.

El Saawadi, 2007 (1980): 71

Such social and cultural authority as to arranging or forcing a daughter to marriage does not originate from religion but rather from customs; such practices are not Islamic and mutual consent is fundamental in marriage; "...when it comes to consent, it is the woman's right to make a decision concerning her marriage; her father or guardian is not permitted to ignore her wishes" (Al Qaradawi *apud* Onedera, 2008: 92). The following quotes from the *Quran* and *hadith* respectively demonstrate that forcing women into marriage is prohibited in religion, and that both partners must give their free consent before the validation of marriage:

17 "Men are the protectors and maintainers of women, as God has given some of them an advantage over others, and because they spend out of their wealth" (Quran, 4: 34) - <http://www.clearquran.com/quran-chapter-004.html> 20-11-2012.

18 The use of 'Arab' here does not exclude the influence of Islam and Muslim cultures.

O you who believe! It is not permitted for you to inherit women against their will. And do not coerce them in order to take away some of what you had given them...

Quran, 4: 19<sup>[19]</sup>

Abu Huraira reported Allah's Messenger (may peace be upon him) as having said: A woman without a husband (or divorced or a widow) must not be married until she is consulted, and a virgin must not be married until her permission is sought. They asked the Prophet of Allah: How her (virgin's) consent can be solicited? He (the Holy Prophet) said: That she keeps silence.

Hadith, translation of Sahih Muslim, the Book of Marriage (Kitab Al-Nikah), Book 008, Number 3303<sup>[20]</sup>

These religious affirmations clarify that a woman has the right to make decisions concerning the choice of her partner for marriage, something that is ignored and abused within local cultural traditions, in addition to the different interpretations that bring a male perspective to define the duties of women in Islam for males' interests. Therefore, marriage and family are regarded as sacred social foundations in Islam where gender relations remain complex and controversial issues. Women's rights, attitudes and actions are controlled by the Islamic Law, by the government, by social, cultural and economic restrictions and also by men. According to Fatima Mernissi, "Muslim ideology, which views men and women as enemies, tries to separate the two, and empowers men with institutionalized means to oppress women" (2003: 20). Feminists and scholars such as Qassim Amin, Nawal El Saadawi, Leila Ahmed and Fatima Mernissi (though they may diverge in arguments) defend the progress of Muslim women through their liberation and the right to equal opportunities as to education and employment. These fundamental factors stimulate the emancipation of women at the economic and political levels and as a result lead to the development of Muslim societies. There is also the participation of indispensable novelists<sup>[21]</sup> who, with their feminist stance, deal with obstacles faced by women through social commentary on the status of women in the Muslim world. On the other side, Muslim fundamentalists believe that men's superiority over women is something natural and that colonial and western discourses about gender equality are threatening Islam; where any struggle for women's

19 <http://www.clearquran.com/quran-chapter-004.html> 20-11-2012.

20 [http://www.searchtruth.com/book\\_display.php?book=008&translator=2&start=64&number=3294](http://www.searchtruth.com/book_display.php?book=008&translator=2&start=64&number=3294) 20-11-2012.

21 Women writers such as Huda Barakat, Assia Djebar, Ahdaf Soueif, Hanan Al-Shaykh, Simin Dāneshvar, Ahlam Mosteghanemi, Fadia Faqir, Leila Aboulela, among others.



rights is sometimes considered as in opposition to Islam. Western views, media and other institutions, however, judge Islam and its teachings as incompatible with the modern world, and that many restrictions related to women's position in Islam remain signs of backwardness. Jawad points out that "Very often, Western media latch on to selective examples of unjust treatment and generalize them to include all Muslim women. Islam is often branded as a backward and fundamentalist religion, especially in its treatment of women" (2003: 11). However, although religion is often implicated in the subordination of women, the issue is mostly related to the impact of misleading interpretations and local traditions rather than religious control or Islam itself. Naseef declares that:

While it may be true that women under some so-called Islamic regimes are treated unfairly in practice, this behavior stems entirely from influences outside of the Qur'an. Injustice against women is a product of bigotry, ignorance, and the favouring of entrenched cultural practices, not divine writ.

Naseef, 2007: 205

Within marriage and family, sexuality is a concept which is strongly associated with the behaviour of both women and men, and where women's identity is powerfully related to her being a girl or a woman; as a daughter, a wife or a mother. More specifically, men, family and the community all together have roles in regulating and controlling honour, reputation and the sexual behaviour of women.

### 3.4. Females' sexuality

Women in popular cultures and religious texts are regarded as causing social, moral and public disorder. According to Courtney Howland (1997: 283), the five main religions consider women's sexuality as sinful and destructive of men and that is why men have a "divine mandate to exercise authority over women for the good of the entire community" (*apud* Stafford, 2011: 170). Women are depicted similarly in Muslim cultures, according to a *hadith*, "Attraction is a natural link between the sexes. Whenever a man is faced with a woman, *fitna*<sup>[22]</sup> might occur: when a man and a woman are isolated in the presence of

---

22 "Fitna" means also a beautiful woman; the connotation of the *femme fatale* who makes men lose their self-control.

each other, Satan is bound to be their third companion” (Mernissi, 2003: 42). As females’ sexuality is feared, males’ violence is needed to control women’s behaviour. Sexuality, reputation and honour remain interrelated concepts that restrict women’s social private and public freedom. Generally, it is the honour and reputation of woman and her family that matters most rather than the loss of virginity. Women’s sexuality in particular is reserved for marriage, so it is important to control females and males relationships before their legal union for the sake of preserving females’ family honour.

From an early age, the education of girls and boys comes from the values they get at home, from their socialization at school or through the opinions they absorb from other people, institutions or mass media. Culturally, girls are constantly reminded of the shame and impurity of their bodies, to the extent that the ignorance of their own bodies and the passivity of their sexual relationships is a symbol of ‘honour’, ‘purity’ and ‘good morals’, while the opposite is regarded as ‘undesirable and ‘shameful’ (El Saadawi, 1980, 2007: 67). The birth of a female child will remain disadvantaged when compared to that of a male child because of the risk of bringing dishonour to family in matters related to virginity before marriage or infidelity after marriage<sup>[23]</sup>. Usually, girls are assumed to become wives and mothers holding Muslim values while boys are prepared to be heads and providers of the family. Obviously, girls and boys are treated differently and are directed to different roles; mainly girls who are commonly brought up with apprehension and in isolation from males. Such different expectations influence girls’ decisions and opportunities in the future as explained by El Saadawi:

The male child is taught from the very beginning how to project his personality and how to prepare for a man’s life involving strength, responsibility, authority and a positive attitude in the face of difficulties. A girl, on the other hand, is trained and educated right from the start to shrink into a corner, to withdraw and to hide her real self because she is a female and is being prepared for the life of a woman, a life where she must be passive and weak, and must surrender to the domination of the man and be dependent on him.

El Saadawi, 1980, 2007: 120

---

23 Controlling women’s sexuality and reproductive ability is central since a man can only be sure of the paternity of his child when his wife is segregated from other men (Pope, 2004: 106).

The reasons for differentiating between males and females in treatment and expectations is that females have a valuable thing called virginity, it is their responsibility to maintain their virginity till marriage, and "if it is in any way violated this serves as the basis of male retribution for bringing dishonour to the community" (Abbas, 2011: 25). That is why when reaching the age of puberty, more restrictions imposed on girls are meant to primarily save their virginity from illegitimate sexual relationships. Till marriage, daughters are considered to be a burden for the father and the rest of the family; "A daughter is considered an undesirable burden because she is seen as a financial liability and a potential risk to the honour of the family. In some cultures, parents will commit infanticide rather than bear the perceived burden of raising a girl" (Naseef, 2007: 95). In order to protect this virginity, many families opt for marrying their daughters at an early age so as not to endure the burden of keeping their daughters' chastity; "The younger the daughters are at marriage, the less likely they are to protest, elope, or commit suicide" (Khan, 2004 *apud* Parrot and Cummings, 2006: 176). As adults, women are more valued if they are young, beautiful and virgin while experienced women remain a threat to men and society (El Saadawi, 1980, 2007: 114). They remain a symbol of sexuality and are primarily urged to satisfy their husbands, be obedient and give birth rather to baby boys. Before marriage, females remain under the protection of a father, brother or a guardian, then under the protection of a husband or a son after marriage. Therefore, male relatives' role lies in protecting the social moral values of which women are considered the principal threat; they seem to have all the legitimacy to decide women's destiny.

Therefore, females alone bear the burden of sexual morality. More importance is given then to appearances to save the image of family and extended community. Women should obey and not think or question the norms imposed by men and laws. It is true that social pressure and economic factors are primary obstacles for women, but the weight of religion and traditions in particular remain the major influential reasons for the inferior situation of women. Besides, patriarchal norms and the exclusion of women from economic and political forces hinder women from imposing their rights. Finally, all the issues discussed above about females' expected behaviour since an early age through teens till adulthood are prevalent norms which are justified socially, religiously and sometimes even legally in Muslim societies. However, the degree and the probability of practising such customs may vary from one Muslim country to another depending on many factors as to milieu, class, level of education and

the importance given to habits and local traditions. Yet again, the notion of honour is the justification for some harmful traditions promoting violence committed against women. Hence some characteristics of this notion will be described below.

### 3.5. *The concept of 'honour'*

Honour is a fluid concept which has been widely interpreted by different societies, cultures and classes throughout history to promote behaviour which is seen as beneficial to the community  
CSC, 2010: 3

Honour is a complex social phenomenon that is claimed as related to cultural-specific values for regulating social conduct. It is “a relative term” which definition depends on social, economic and cultural circumstances, and which significance and implications vary across cultures (Khan, 2006: 42). It is a valuable concept for both men and women, and the whole community in traditional societies. As suggested by the anthropologist, Ladislav Holy<sup>[24]</sup> (1966: 75), honour is a “similar resource to property, economic cooperation or power. It too has to be secured and protected in the same way as these other resources” (*apud* CSC, 2010: 4). In patriarchal context, women’s virginity and conduct are regarded as a form of property (Moghadam, 1993: 105). Similarly, Parrot and Cummings also affirm that in many parts of the world women are regarded as the property of their husbands and fathers (2006: 50). Shah (1998) also explains the notion of honour as related to property by associating honour values with one’s material goods or belongings where “A woman is also an object of value and therefore an integral part of a man, tribe etc., therefore when the rights of a woman are transferred from her father to the man she is marrying, the guardianship of honour shifts as well” (*apud* Sindh, 2007: 100). As honour is a concept owned by men, women are also considered to be the property of male family relatives (as belonging to the father till getting married to the husband), as well as a potential risk to their honour if ever they are dishonoured. In other words, the reputation and rank of a family lies in the reputation of its daughters.

---

24 Peristiany, J. G. (ed.) (1966), *Honour and shame: the values of Mediterranean society*, Chicago: Chicago University Press.

Accordingly, honour is meant to be protected and saved as an economic power. Honour has also significance and consequences for both women and men, and its meaning varies across gender. It dictates the standards of behaviour and the common values of masculinity and femininity demanded by society (Sirman, 2004; Sen, 2005). While honour in its masculine aspect holds "active and positive qualities: dynamism, generosity, confidence, dominance and violence", it is considered in its feminine side as being "located in negative, passive characteristics: stoicism, endurance, obedience, chastity, domesticity, servitude" (Payton, 2011: 69). Femininity for girls and women still remains equivalent to 'weakness', 'naivety', 'negativeness' and 'resignation' (El Saadawi, 1980, 2007: 116). Whilst chastity is imposed on females, no limits are traced for males.

The above statements suggest that the notion of honour can be explained either by complex social structures where the concept of the family and the community is fundamental to the lives of both men and women, and where men find it necessary to control women's sexuality before and after marriage, or by the fact that women are believed to be the property of men, a belief which justifies the behaviour of controlling women. Hence, honour is likely to be embedded in individuals, in conjugal life, family, tribe or community. Still, honour is neither a new concept, nor the bearer of Islamic attributes, nor a characteristic of 'backward societies'<sup>[25]</sup> (Sen, 2005: 61). Siddiqui's opinion about honour and its relation with women, men and community is pertinent to sum up the 'rationalization' behind the notion of honour:

'Honour' is used as a motivation, justification or mitigation for violence against women as seen from the perspective of the perpetrator, often with the collusion or active involvement of the community. It is essentially a tool to police and control a woman's behaviour. Transgression results in her 'punishment', often in the form of social ostracism, harassment and even acts of violence.

Siddiqui, 2005: 264

After discussing the position of women, the importance of marriage, family and community as well as gender relations in Muslim cultures, and exploring the complexity and intertwined relationship among concepts such as sexu-

---

25 "Europe itself has been familiar with concepts of honour (Peristiany, 1966; Pitt-Rivers 1963, 1968; Bourdieu 1966; Brandes, 1980), especially as associated with medieval codes of chivalry and nobility" (Sen, 2005: 43).

ality, reputation, honour and violence, the following section brings together these discussed notions to the context of Muslim immigrants in the UK.

#### **4. Immigrants' identity between liberal and traditional values**

Although it is acknowledged that there is diversity within Islam across the Muslim world because of the different established interpretations and understandings across regions, powerful religious groups and common discourses argue that Islam is and must be assumed by one whole Muslim community regardless of political, ethnic, geographical or linguistic factors. This is also a discourse which becomes prevalent in Western countries - consciously or unconsciously - where the presence of Muslim immigrants is significant. In other words, Islam is represented as a homogenized project in the Western media and Muslims are regarded as one homogenous<sup>[26]</sup> community in the eyes of Westerners. As religion for Muslims is regarded as a public matter rather than a private one, being a Muslim in Western countries becomes a cultural identity. This suggests that migrants identify more with Islam rather than with other elements such as nationality. Migrant Muslims in particular are deemed to be more influenced by religion and its principles, making of it their only visible identity, as Sookhdeo comments on the issue in the British context:

Until the 1970s ethnicity rather than religion dominated the way Muslims perceived themselves. In recent years there has been a determined push for Muslims to downplay racial, sectarian and linguistic differences, and present a united front towards the outside, non-Muslim world and the British authorities.

Sookhdeo, 2008: 62

Thus, immigrant Muslims defending Islam are affirming their home culture and preserving their traditional values in host countries, but, simultaneously, they are asserting a position as the opposite of Western culture, sometimes rejecting its norms and rules. In this way, religious identity becomes, indeed, more significant than any other identity variant, especially after the rise in

---

26 "Ethnic communities are often homogenized, for example Pakistanis, Indians and Bangladeshis are often referred to as 'Asians', which does not take into account the many differences that exist 'between' 'Asians' or indeed the greater diversity 'within' the groups based on caste, sect, culture or language to name but four" (Din, 2006: 147).

political tension between East and West in general, and in the context of the conflicts between indigenous and immigrant communities in particular.

Coming from societies where religion governs all life domains, Muslim immigrants, with their cultural background and national identity, generally seek to preserve their culture and customs as to food habits, clothes' tradition, religious practices, and style of life. They are also spoken about as normally loyal to their homeland, and as affirmed by Butler "There was a conscious desire on the part of some migrants and their descendants to retain many elements of their 'original' cultures, modifying them only marginally, and sometimes emphasising them even more actively with the passage of time" (1999: 135). Migrant communities usually favour getting in contact with people who foster habits similar to theirs and consequently depend on the support of members of their communities, where women have to submit to rigid social and cultural norms. At the same time, however, they are reducing their autonomy inside the host society while rejecting assimilation as a reaction against the system of the host country. Besides, immigrants' habits or traditions, when not discrete and practised without respecting other citizens' space and way of life may generate conflict and tension between communities. On the one hand, the indigenous population of the host country, as the powerful group, considers the immigrant group as unable to assume integration within the rest of society, and the migrant residents on the other hand, may perceive that the culture of their host country as a threat to their values on the pretext that both cultures are based on different norms. Such behaviours from both parts are shaped and constructed by the social and economic dynamics of the country, by the guidelines and procedures of the state as well as the media portrayal of immigrants (Hopkins, Kwan and Aitchison, 2007: 3).

More specifically, Muslims in Britain do not constitute a homogenous group but rather originate from different cultural, linguistic, educational, economic, and geographical backgrounds as well as political and gender systems. They, however, share the fact of coming from male-dominated countries, still with different values and interests, different social attitudes and kinship patterns. In the beginning, the settlement of migrants was for economic reasons with the objective of coming back to their homeland, but family reunification - where women's immigration was related to their family males - brought other issues and challenges within migrants coming from traditional countries to settle down in modern and individualistic societies that abide to different rules and values. With distinct histories, customs and attitudes brought to

the UK, Sookhdeo asserts that traditionalists encourage Muslims to preserve their “Muslim identity” and oppose “secular temptations”, which reinforces Muslims’ concentration into physical and mental “ghettos” (2008: 59) away from British values, since for Muslims the British law requires “legitimacy and moral standing” particularly when it has to do with family regulations (2008: 61). For adopting such ideas and behaviour, some minorities may face troubles in the British society especially in what concerns ‘faith’, ‘family’ and ‘community’, issues that remain controversial for South Asian Muslims in a secular and individualistic Britain (Husain and O’Brien, 2001: 15).

The established family based on traditional roles for husband and wife has known dramatic changes in Western societies. Britain has a great diversity of household patterns; nuclear family, lone parents where the vast majority is headed by women, cohabitation where premarital sex is common and ‘condoned’ in the British society, childbearing outside marriage, and homosexual couples (MacRae, 1999: 1). The importance of marriage and family is differently viewed, constructed and negotiated between Muslim and Western cultures; cultures which are influenced by different social, economic and political systems. As a result, Western impact on immigrant children is seen as a menace to parents’ authority and reputation; disagreement between parents and children can be summarized in western clothes, arranged marriage and the question of freedom and tolerance (Anwar, 1985: 60). Pakistani parents for example, take religion as fundamental in the education of their children and suspect the British tolerant environment as a threat to morals and Muslims (Anwar, 1985: 167).

As mentioned earlier, in the Islamic Law women’s status lies in the wellbeing of the family and the community. However, within International Human Rights Law, women’s rights are emphasised on their role as individuals, as to achieving the same rights, duties and opportunities as men (Swick, 2009: 132). This reveals that women under different laws and cultures don’t have the same function within family and society. Sookhdeo pointed out that:

Coming from Muslim-majority countries in which traditional views on religion, family, honour and shame, and Islamic law prevail, many Muslim immigrants are shocked by the secular, permissive and liberal society they find in Britain. They intuitively feel that excessive individual freedom endangers communal rights and considerations of the common welfare.

Sookhdeo, 2008: 64-65



This reveals that the importance of honour and family in Muslim cultures and the collapse of such values in liberal societies weaken the position of young immigrants in Western societies. Young women in this context are the individuals who most endure pain and troubles; they are caught between the freedom and autonomy of liberal values on the one hand and restrictions, control and dependence of traditional customs on the other hand. They are the bearers of men's honour; any behaviour against the prescribed rules of their culture may bring about punishment.

### 5. "Honour killing", a Muslim or tribal phenomenon?

It is true that "honour killing", as named by media, mainly happens among immigrants in the UK from South Asia and Middle-East, particularly from Muslim and also Sikh origins. However, although "honour killings" are strongly connected to patriarchal systems, this does not mean that such a crime is encouraged by Islam or associated merely with its followers and with particular geographical areas. This also does not imply that honour-based violence is Muslim specific as it is misleadingly understood as justified by religion, and hence not treated under the framework of violence against women. According to Asamoah-Wade (1999-2000), such kind of violence is "neither confined to Muslim societies nor to South Asia; rather it should be viewed as an international women's human-rights issue" (*apud* Idriss, 2011: 4).

According to the Qur'an, the taking of life is prohibited without just reason; "Do not kill the soul which God has sanctified – except in the course of justice. All this he has enjoined upon you, so that you may understand"<sup>[27]</sup> (*Quran*, 6: 151). This explains that life is sacred in Islam and hence must be safeguarded. Yet this verse maybe misunderstood and condemning lives to death can be justified by any motivations depending on interpretations, understandings and ones' interests since what is just for some maybe unjust for others. Killing in the name of honour is believed to have its roots in Islam; there are those who believe that who get involved in an illegitimate relationship deserve murder while others regard such violence as an unjustifiable and illegal offence in any common sense (Aslam, 2009: 36). Asma Jahangir, United Nations Special Rapporteur (2000), points out that numerous 'renowned' Islamic leaders and

---

27 <http://www.clearquran.com/quran-chapter-006.html> 20-11-2012.

intellectuals have overtly denounce the practice as having no foundation within religion (*apud* Welchman and Hossain, 2005: 13). Likewise, the Organisation of the Islamic Conference rejected “any association between Islam and ‘the killing of women and girls under any societal or communal banner, including in the name of passion, honour or race’” (OIC, October 2000 *apud* Sen, 2005: 57). It is clear that many Islamic leaders and scholars have denounced the practice and insisted that neither religious law nor the Quran are related to honour killings (Goodnight, 1999; Queen Noor, 1999; Muslim Women’s League, 1999; Turgut, 1998 *apud* Parrot and Cummings, 2006: 180-181).

One very religious Muslim tribal leader, in his answer as to whether the Qur’an has any association with the practice of “honour killing” insisted that, “this is honour, what has that got to do with Qur’an? Men’s honour comes before the book” (Pervizat, 2004: 139). Such testimony reveals that honour is not related to Quranic doctrine, even though the punishment for adultery in Islamic Sharia Law imposes “the penalty of one hundred lashes for premarital sex, eighty lashes for falsely accusing another of a sexual offence, and death by stoning for adultery” (Parrot and Cummings, 2006: 39). It is because of such religious regulations that it is common to judge honour killings as endorse by the Koran (Van Eck, 2003: 37). However, according to Idriss, the concepts of honour and honour-related violence have sociologically an effect upon all societies, classes and religions (2011: 4); or as explained by Gill:

Honour killings cut across ethnic, class and religious lines. Despite the meagre amount of academic literature on honour killings in the Punjab, Kurdistan, Turkey and Pakistan, a number of studies have come to the conclusion that these practices are fundamentally Islamic (Ginat 1979; Kressel 1981). In fact, honour killings are perpetrated not only by Muslims, but also by Druze, Christians and occasionally Jews (of Sephardic backgrounds, primarily in Greek and Latin American societies).

Gill, 2011: 223

Though “honour killing” is a practice that is more widespread in Muslim countries, the practice as stated above is denounced by Muslim leaders who reject any association with Islam, stating that in fact such crimes are deemed to be a “pre-Islamic tribal custom” originating from “the patriarchal and patrilineal society’s interest in keeping strict control over familial power structures” (Sindh, 2007: 82). The weight of the family structure and the reaction of the community in patriarchal societies are very important, and the code of honour

is not limited to the behaviour of an isolated individual, but it expands to the whole clan and community with its collective norms, judgment and castigation (Pope, 2004: 105; Sen, 2005: 48). Much research has demonstrated that tribal or community attitudes remain central to family, and play a significant role in the cruelty committed against women in the name of honour. Sirman explains the complex structure and function of the community as follows:

What is described is a society where the community is imagined as being composed of persons related to each other as kin. In this type of society, relations of production, and distribution, of domination and subordination, and relations with the supernatural are structured according to kinship. Kinship serves to position persons vis-à-vis one another and provides them with a basic identity and guide to behaviour.

Sirman, 2004: 43

The tribal mentality is therefore deeply implicated in Violence perpetrated against female relatives. In societies where powerful tribal factors are present, a woman's body is a common property to her male relatives who together benefit from the marriage of an 'eligible' virgin (CSC, 2010: 4).

## 6. Discussion

Violence against women is an issue that has gained increased attention from the media and human right groups, particularly honour-based violence, which is a known phenomenon among immigrant groups in the Western world. As the British press does not expose the implicit context of "honour killing", its popular interpretation and the reasons behind such violence, this paper attempts to answer some questions in relation to the phenomenon, in the context of the complex relationship between honour and violence in the context of Muslim cultures. It explains the intermingled ties between religion, customs, patriarchy, honour, female sexuality and the established norms in family and community. Such analysis aims at clarifying that violence perpetrated against women is cultural rather than justified by religion. It was argued that "honour killing" does not have its roots in Islam according to some religious doctrine and religious leaders' testimonies. Such violence is rather associated with tribal mentalities where an individual does not survive outside its community, but has rights and duties towards the members of his clan. It has to do with cultures and customs where females - through keeping their sexual chas-

tity - are held to be responsible for preserving the honour of their male relatives, the reputation of the family and the respect of the community. Instead of associating honour crimes with Islam and Muslim cultures, such crimes should be placed on the international agenda of violence against women and regarded as violations of human rights in order not to stigmatise any group, faith, culture or region. Still, it is essential to understand the cultural motivations in order to find adequate solutions to such violence.

Violence carried out against women is reinforced by patriarchal systems where male superiority is sanctioned socially, economically and politically. Consequently, all these dimensions of society combine to establish social, political and even legal systems that empower men and promote gender inequality, where subordinated women are controlled by powerful, dominating men. This superior-inferior relationship has its roots in history, religion and traditions; sources which are also believed to be at the origin of violence. It is true that religion and state participate in the suppression of women; however, cultural values and mainly local traditions may also bring harmful practices towards women. Examples as to the importance of the institutions of marriage and family in Islam and the established rules therein play a crucial role in supporting and reproducing violence against women. Honour, for instance, implies females' chastity, males' prestige, family reputation, and in most cases loyalty to the norms of the community by performing actions that bring it honour.

This worldview is obviously linked to the vulnerable status of women within family and community, and justifies the strict religious, social and legal rules, which should not be transgressed; otherwise, violence against women would be legitimated. Women victims are frequently blamed for the violence perpetrated against them. Besides illiteracy and poverty are risk factors that may attract more violence towards them. Male relatives, family and community are all responsible for controlling women's sexual conduct. Therefore women are expected to tolerate violence against them, if they lose their virginity or reputation. Additionally, the inferior and vulnerable position of women in immigrant communities and the culture shock they initially face when confronted with Western culture and values, suggests that violence is likely to be committed against these women. This happens among immigrant generations in the UK when girls and young women are sometimes forced to marry against their will because their parents want them to keep the culture of their ancestors away from Western influences, where concepts of freedom and modernity clash with notions of honour and traditional values.

## References

- ABBAS, Tahir (2011), "Honour-related violence towards South Asian Muslim women in the UK: a crisis of masculinity and cultural relativism in the context of Islamophobia and the 'war on terror'", in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence women and Islam*, London & New York: Routledge.
- AHMED, Leila (1992), *Women and gender in Islam: Historical roots of a modern debate*, New Haven & London: Yale University Press.
- AL ENGINEER, Asghar (1999), *The Qur'an, women and modern society*, India: Sterling Publishers Private Limited.
- AN-NA'IM, Abdullahi Ahmed (2005), "The role of 'community discourse' in combating 'crimes of honour': Preliminary assessment and prospects", in Lynn Welchman & Sara Hossain (eds.), *'Honour' crimes, paradigms, and violence against women*, London & New York: Zed Books.
- ANWAR, Mohammed (1985), *Pakistanis in Britain: A sociological study*, London: New Century Publishers.
- ASLAM, Maleeha (2009), "Islam in Patriarchal cultures: Morals, honor and gender issues in Pakistan", in Nilgun Anadolu-Okur (ed.), *Women, Islam and globalization in the twenty-first century*, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- ATCHISON, Cara Hopkins, Peter. & Kwan, Mei-Po (eds.) (2007), *Geographies of Muslim identities: Diaspora, gender and belonging*, England: Ashgate.
- BUTLER, Charlotte (1999), "Cultural diversity and religious conformity: Dimensions of social change among second-generation Muslim women", in Rohit Barot, Harriet Bradley & Steven Fenton (eds.), *Ethnicity, gender and social change*, London: MacMillan Press Ltd.
- CENTRE FOR SOCIAL COHESION (2010), *Crimes of the Community: Honour-Based Violence in the UK*, (2<sup>nd</sup> ed), UK: The Cromwell Press.
- DAHL, Tove Stang (1997), *The Muslim family: A study of women's rights in Islam*, Oslo: Scandinavian University Press.
- DELLA GIUSTINA, Jo-Ann (2010), *Why women are beaten and killed: Sociological predictors of femicide*, Lewiston: The Edwin Mellen Press.
- DIN, Ikhtlaq (2006), *The new British: The impact of culture and community on young Pakistani*, England: Ashgate.
- EL SAADAWI, Nawal (2007), *The hidden face of Eve: Women in the Arab world*, London & New York: Zed Books [1980].
- ELDÉN, Asa (2004), Life-and-death honour: Young women's violent stories about reputation, virginity, and honour in a Swedish context, in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.

- ERTURK, Yakin (2004), "Violence in the name of honour within the context of international regimes", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- GILL, Aisha (2011), "Reconfiguring 'honour'-based violence as a form of gendered violence", in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence women and Islam*, London & New York: Routledge.
- HALLIDAY, Fred (2003), *Islam and the myth of confrontation. Religion and politics in the Middle-East*, London: I. B. Tauris.
- HUSSEINI, Rana (2009), *Murder in the name of honour: the true story of one woman's heroic fight against an unbelievable crime*, Oxford: Oneworld Publication.
- HUSSEINI, Rana (2011), "A comparative study of the reform work conducted in Asia and Europe to combat violence and 'so-called' honour murders", in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence women and Islam*, London & New York: Routledge.
- IDRISS, Mohammad Mazher (2011), Honour, violence, women and Islam – an introduction, in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence, women and Islam*, London & New York, Routledge.
- IDRISS, Mohammad Mazher & Abbas, Tahir (2011), *Honour, violence, women and Islam*, London & New York: Routledge.
- JAFRI, Amir Hamid (2008), *Honour killing: Dilemma, ritual, understanding*, Oxford: Oxford University Press.
- JANSSEN-JURREIT, Marielouise (1992), "Female genocide", in Jill Radford & Diana E. H. Russell (eds.), *Femicide: the politics of women killing*, Buckingham: Open University Press.
- JAWAD, Haifaa (2003), "Historical and contemporary perspectives of Muslim women living in the West", in Haifaa Jawad & Tansin Benn (eds.), *Muslim women in the UK and beyond: Experience and images*, Leiden & Boston: Brill.
- KHAN, Tahira S. (2006), *Beyond honour: a historical materialist explanation of honour related violence*, Oxford: Oxford University Press.
- MACRAE, Susan (1999), (ed.), *Changing Britain. Families and households in the 1990s*, Oxford: Oxford University Press.
- MEETOO, Veena & Mirza, Heidi (2011), "There is nothing 'honourable' about honour killings": Gender, violence and the limits of multiculturalism, in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence women and Islam*, London & New York: Routledge.
- MERNISSI, Fatima (2003), *Beyond the veil. Male-female dynamics in Muslim society*, London: Saqi Books.
- MOGHADAM, Valentine M. (1993), *Modernizing women: gender and social change in the Middle-East*, Boulder & London: Lynne Rienner Publishers.
- MOJAB, Shahrzad (2004), "The particularity of 'honour' and the universality of 'killing': from early warning signs to feminist pedagogy", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo

- (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- NASEEF, Omar (2007), *Liberation theology: Islam and the feminist agenda in the Quran*, Bloomington: The Authorhouse.
- O'BRIEN, Margaret & Husain, Fatima (2001), South Asian Muslims in Britain: Faith, family and community, in Carol Hussa Harvey, (ed.), *Maintaining our differences: Minority families in multicultural societies*, Aldershot: Ashgate.
- ONEDERA, Jill D. (2008), (ed.), *The role of religion in marriage and family counseling*, New York & London: Routledge.
- PARROT, Andrea & Cummings, Nina (2006), *Forsaken females: the global brutalization of women*, Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- PERVIZAT, Leyla (2004), "In the name of honour", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- POPE, Nicole (2004), "Honour killings: Instruments of patriarchal control", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- RADFORD, Jill & Russell, Diana E. H. (eds.) (1992), *Femicide: the politics of women killing*, Buckingham: Open University Press.
- RADFORD, Jill (1992), Introduction, in Jill Radford & Diana E. H. Russell (eds.), *Femicide: the politics of women killing*, Buckingham: Open University Press.
- RIZVI, Javeria (2004), "Violence in the name of honour in Swedish society: What lessons can be learnt from the Swedish experience", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and political challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- SEN, Purna (2005), "Crimes of honour', value and meaning", in Lynn Welchman & Sara Hossain (eds.), *'Honour' crimes, paradigms, and violence against women*, London & New York: Zed Books.
- SIDDIQUI, Hannana (2005), "There is no 'honour' in domestic violence, only shame! Women's struggle against 'honour' crimes in the UK", in Lynn Welchman & Sara Hossain (eds.), *'Honour' crimes, paradigms, and violence against women*, London: & New York, Zed Books.
- SINDHI, Ghulam Hyder (2007), *Honour killing and the status of women in Pakistan*, Rawalpindi: Marshal Printing Press.
- SIRMAN, Nukhet (2004), "Kinship, politics and love: Honour in Post-colonial contexts – the case of Turkey", in Shahrzad Mojab & Nahla Abdo (eds.), *Violence in the name of honour: Theoretical and Political Challenges*, Istanbul: Istanbul Bilgi Universitesi Yayinlari.
- SOOKHDEO, Patrick (2008), *Faith, power and territory: A handbook of British Islam*, UK: Cromwell Press Limited.

- STAFFORD, Nancy Kaymar (2011), "Ending honour crimes in sub-Saharan Africa: Looking at a long hard death", in Mohammad Mazher Idriss & Tahir Abbas (eds.), *Honour, violence women and Islam*, London & New York: Routledge.
- SWICK, Sarah (2009), "Transforming Muslim women's rights through International Human Rights Law and Islamic Law", in Nilgun Anadolu-Okur (ed.), *Women, Islam and globalization in the twenty-first century*, UK: Cambridge Scholars Publishing.
- VAN ECK, Clementine (2003), *Purified by blood: Honour killings amongst Turks in the Netherlands*, Amsterdam: Amsterdam University Press.
- WELCHMAN, Lynn & Hossain, Sara (eds.), (2005), *'Honour' crimes, paradigms, and violence against women*, London & New York: Zed Books.



# **CONSTRUCTING IDENTITIES/MAPPING THE FIELD: THE SOCIAL DIMENSION OF TRANSLATION MARKET(S) AND TRANSLATOR'S PROFESSIONALIZATION**

Fernando Ferreira Alves

UNIVERSIDADE DO MINHO

As stated by several authors in the field of Translation Studies (Inghilleri, 2003; Angelleli, 2004; Koskinen, 2008), the concept of fieldwork is an integral and specific part of research methods in a vast range of disciplines such as anthropology, ethnography, sociolinguistics and sociology, among others. This approach encompasses a variety of data gathering techniques as well as qualitative and quantitative activities, which include, for example, surveys and questionnaires, interviews or participant observation.

There are several hypotheses that provide a methodological framework to approach the social dimension of translation markets. First and foremost, the issue of the translator's (in)visibility within a certain practice community, which on the one hand refers to the theorisation of Jean Lave and Etienne Wenger (Wenger, 1998) and Lawrence Venuti (Venuti, 2004), and, on the other hand, to the issue of role playing by the social actors and the respective professional identity underlying the social roles performed. Secondly, social perceptions within work settings. And, lastly, the construction of a professional identity through translation discourse and practice, which implies the analysis of the discourse components of translators in relation to the set of social manifestations, assuming on the one hand, as mentioned by William Hanks, that the values imparted to language by its speakers are in themselves social facts (Hanks 1996: 14) and, on the other hand, that any given discourse is a means for the actor to take over the social world, in terms of commit-

ment and engagement, from which real and tangible consequences may be extracted (Hanks 1996: 14).

For the purposes of this paper, I shall consider translation as a sociocultural activity, integrated in the field of technical and intellectual work, developed in a complex network system among a specific community of practice, where various social actors converge and interact. These actors hold and perform the commercial application of an organised set of intellectual knowledge, which generates multilingual products in a certain social context. Thus, translation constitutes the application of professional knowledge to the service of processes and products that are socially framed in network systems with fragile and blurred boundaries, as we shall see ahead. Concomitantly, this is also a hybrid and dynamic phenomenon, framed in a functional and professional nexus and grounded upon social and relational networks. Hence, in the specific case of professional translators, fieldwork is crucial in order to allow for a better understanding of how they conceive and frame issues as wide-ranging as the socioprofessional realities, sociolinguistic repertoires, cultural differences, institutional and relational personal networks, professional networks, the very process of translation, among others.

In this context, an ethnolinguistic approach clearly brings out what seems to connect different strands of social interaction through language and discourse, meaning that despite being purely subjective dimensions, identities are also socially constructed and culture-specific. In addition to its representational and communicative functions, the intersubjective dialogue through language mediation ultimately involves the expression of identity and the establishment of an articulated and interdependent relationship between the theory and the facts arising from discursive reflection about the professional practice.

Due to the complexity of professional action contexts my methodological approach has developed a kind of holistic analysis with sharing of professional everyday routines, expectations, anxieties and activities and, as such, it has taken as guidelines the specific characteristics of the concrete situations observed with the contributions derived from the subjectivity of the actors concerning the meaning of the action in a professional context, by privileging the recognition of professional knowledge and the validation of intuitive, relational, communicational, social and ethical knowledge.

## 1. Methodology

In the context of this research I first adopted a quantitative approach according to which a survey called “The Professionalisation of Translation in the North of Portugal” was developed from 7 January 2008 to 30 March 2008, the results of which were published online. This preliminary questionnaire was aimed at studying some of the important issues associated with the notion of professionalization, typifying the major background against which professional dynamics occur among all the agents involved in the process.

This research helped to map the translation market scenario and led to the current research topic, i.e. the study of a particular controlled group in a specific geographical context (Northern Portugal), by focusing attention not only on the group dynamics of professionalization, but also on the individuals’ perceptions about their activity. In order to structure an interdisciplinary approach, I found it useful to borrow some of the tools used in social research to look at translation from a sociological/ethnographic perspective, changing the focus from text as a ‘symbolical cultural product’ to context-driven, system-organised dynamics where individuals act and behave, constructing their own professionalism in relation to others and to their own expectations.

This socio-ethnographic approach based on fieldwork was later complemented by a qualitative-oriented perspective in which I conducted a series of qualitative-in-depth interviews with 34 respondents, based on a narrative approach with an emphasis on “life-history, storytelling of formative phases and challenging situations” (Sela-Sheffy and Schlesinger 2008, 2009; Flynn 2005). These interviews were elaborated according to a pre-codified open script, focusing my attention on personal, social and professional perceptions exposed on the respondents’ personal narratives, with the aim of identifying perceptions of the major actors involved in the translation process via discourse analysis.

## 2. Results

One of the main conclusions of this research concerns the bipolar way in which translation is regarded, in a curious game of mirrors among various perspectives and perceptions, alternating between antithetical poles. For their multiplicity and comprehensiveness, these multiple perspectives introduce us to a complex and heterogeneous profession, marked by strains which result from

a conflict between the internal (endogenous) view of the professionals performing translation work and the external (exogenous) view of society, consumers and clients of that work; from this conflict exudes the extraordinary ambivalence of perceptions associated with the profession, by the translators themselves, which reveal the different ways in which these individuals experience their professionalism.

The other conclusion to be drawn from our study concerns the mapping of translation work itself. On the one hand, one has to consider the absolutely transverse and strategic role of translation in the language industry and, on the other hand, the complex comprehensiveness of the language markets and the outstanding range of services requested from the professionals, suggesting a mobile and unstable geographic area whose contours are hard to define, especially due to the levelling dynamics of globalisation. One of the aspects that stands out in our study derives from the fluid and dynamic nature of the relations established between the centre and the periphery, between the translators and the markets at local, regional, national and international levels, via remote work, in a geographic sphere where the absence of barriers serves to enhance business potential. However we must note with concern the utter deregulation of the market and control of access to the profession, which translates into the immense number of people offering Portuguese language translation services. This state of affairs reveals translation work as a weak and vulnerable professional field, marked by the coexistence of amateurs, semi-professionals and professionals, thus easily exposed to the interference of foreign linguistic elements.

As a result, the way translators position themselves as professionals displays clear signs of some fragility and inconsistency resulting from their irrelative social affirmation and absence of political and institutional recognition, together with the economic and financial variable, which undoubtedly conditions and confounds the perceptions on the provision of translation services.

On the other hand, it is particularly interesting to remark that several contradicting tendencies arose when we confronted the profiles and testimonies of professionals with the questionnaires applied to the translators and the clients/consumers of translation services. Furthermore, it is equally unquestionable that we are before a highly fragmented and hierarchical market. There are clear asymmetries in terms of professional prestige and affirmation and also in terms of recognition before the hiring entities/clients. There is a huge gap between, for instance, technical and literary translation, even though the

former is responsible for over 70% of market demands. Furthermore, the balance of power concerning the so-called translation editing is unstable, with important consequences in terms of payment. Lastly, there is a notorious imbalance in the relationship between translators and translation agencies, which proved one of the most relevant pieces of data we were able to extract from our study.

As mentioned by Pym (2002a), translation services are still characterised by a hierarchy, which in soccer terms could be compared to first and second leagues. In this hierarchy, translation in EU institutions remains as one of the major career aspirations of translators due to the work stability it affords, along with some highly specialised market niches associated with technical translation, with a high degree of exposure and distinction as well as intervention on the end product. Concomitantly, literary translation is gradually losing importance. It is often associated with low income and labour exploitation, although it represents deep-seated vocational motivations of translators since many accumulate this activity with a main occupation.

In audiovisual translation (mostly subtitling, in the case of Portugal) and localisation, the levels of precariousness and instability are more visible. These two cases are absolutely exclusive and deserve some attention in my analysis because, albeit associated with other neighbouring professions such as audiovisual, cinema, television and informatics, they nonetheless involve low salaries, lack of conditions, absence of control over the work, tight deadlines (hence temporally restrictive), multiple demands and, in some cases, exploitation of cheap labour and unscrupulous abuse, especially of newly graduates and amateurs who become fascinated with the possibility of pursuing a somewhat glamorous career. Such cases are nothing short of harmful to the class inasmuch as they disparage the profession and contribute to perpetuate a vicious cycle of poor quality translations (Gouadec, 2002: 82).

Notwithstanding the strategic importance of translation in the business sector, and despite the added value that it generates for companies and institutions from an economic perspective as a distinctive product, the truth remains that this service is still regarded as superfluous and unnecessary, as an inferior activity that can be performed by individuals who are external to the profession.

### 3. Dynamics of Professional Translation

At this juncture, I believe that it is possible to detect five points of intersection and five underlying dynamics which seem to be common to professional practice.

First and foremost, we have the globalisation dynamics developed according to a reticular matrix, characterised by instances such as telework, networking, teletranslation, associated to mobility and flexibilisation of work, managed from remote distance, through the net. Likewise, one notes an increased investment in new technological formats and concepts, as well as new management systems, production processes and modes of hiring and organising work, such as outsourcing, paving the way for what many designate as “portfolio workers” (Fraser and Gold, 2001: 679-697).

Secondly, the actual dynamics of translation as a linguistic, textual and sociocultural act reveal a certain degree of public visibility and exposure, accompanied by a considerable fragility arising from a pronounced deficit of institutional recognition and from the isolation to which the ‘profession’ is consigned. Both as a textual process and product, within a social framework shaped by a set of specific, socially determined norms, translation as an act of interpersonal and intercultural communication *par excellence* reveals its ironic nature by neglecting the crucial role of the individual as an element endowed with agency, relegating it to a submissive role, and simultaneously promoting its unjust professional ‘ghettoisation’. Here it is important to refer the strains and pressures that seem to affect the profession, both internally, owing to the fierce competition among professionals, and externally, due to the proximity and sharing of the same field with other professions (e.g. the media policy, the editorial industry or the institutional principles of the translation profession itself).

Thirdly, we shall consider the dynamics of teaching and training, which is to include the learning of new professional and professional-oriented skills and knowledge, as well as the development of methodological and conceptual issues adapted to a real situation of professional communication liable to effectively tackle the demands and challenges posed by the multidimensionality of language professions. By virtue of the current circumstances surrounding the phenomenon of translation, this dynamics may come to entail the redefinition of the training paradigm and, ultimately, the modification of the teaching and learning process through new pedagogical proposals and methodologies as a result of a market-oriented view.

Fourthly, it is necessary to reflect on the economic aspects associated with the profession. As demonstrated in the fieldwork interviews through the reactions of the clients and consumers of translation services, though translation is omnipresent as a true catalyser of human communication and indispensable to all quadrants of society, it is associated to an underground and undeclared economy, marked by the exploitation of cheap labour, low salaries, precariousness and declared levels of dissatisfaction - despite the thriving character of the language industry and its exponential growth in the past years.

Lastly, we propose the analysis of translation work in the frame of business dynamics, a context which is absolutely transverse and strategic, especially if we consider the increasing importance of issues related to the field of standardisation, and in particular the huge deal of attention currently devoted to business culture and language originating from management theories. This dimension is highlighted, for instance, in relation to norms and procedures applied by professionals in the localisation industry. At the same time, the constant and relentless market demands, which are most of the times structured around the famous “quality, speed, efficiency, price” quadrinomial, entail the implementation of new skills, clearly focused on ergonomics, involving the development of other professional, emotional, physiological and cognitive competences, among others.

When locating globalisation within his world system theory, Wallerstein (1974) defined a world-system as a “multicultural territorial *division of labor* in which the production and exchange of basic goods and raw materials is necessary for the everyday life of its inhabitants.” (1974)

This division of labor is clearly marked by an asymmetrical movement underlying the world economy as a whole, and structuring the world into core, periphery, and semi-periphery areas. This approach structures the current world-system according to a power hierarchy between *core* and *periphery*, in which powerful and wealthy “core” societies dominate and exploit weak and poor peripheral societies. Peripheral countries are structurally constrained to experience a kind of development that reproduces their subordinate status (Martínez-Vela: 2001, 4).

As far as translation is concerned, Portugal still remains a peripheral country where translation practice occurs, mostly from English and other languages into Portuguese. As pointed out by Heilbron and Sapiro (2007), Portugal is a country that receives translations, where translation basically occurs from languages playing a central or hypercentral position, like English, from the core

to the periphery (Heilbron 2010), and where texts and other translated materials circulate from other languages. Most of the literature that circulates in Portugal are translations, a percentage that can easily reach 35%, or even 45% in terms of the national output, according to Heilbron and Sapiro (Heilbron and Sapiro, in Wolf and Fukari 2007).

This globalization of translational/transnational movements also affects professional practice in Portugal, partly due to institutional pressures, connected with market dynamics, internal and international regulations, as well as economic and financial variables, which try to keep up with the transformations of the art/cultural/literary world, namely literary/cultural industries, the translation market, knowledge industries, the digitalization of knowledge and the democratization of cyberspace).

Faced with the ubiquity and pervasiveness of translation, as a cross-border phenomenon which erases the notion of frontiers and established territorial boundaries, Appadurai's formulation of global culture as a set of various 'scapes', comprising multidirectional, multilayered, transnational flows of people is, indeed, an important contribution to the diagnosis of the effects of globalisation on cultural practices in the age of modernity, illustrating how contemporary economic and cultural flows actually cut across the increasingly borders of nation states highlighting the multiple non-economic flows between individuals, groups and states.

## References

- ANGELELLI, Claudia (2004), *Revisiting the Interpreter's Role*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Library, p. 55.
- CARIA, Telmo (2005) *Saber Profissional*, Coimbra: Livraria Almedina.
- CHESTERMAN, Andrew (1993) "From 'Is' to 'Ought': Laws, Norms and Strategies in Translation Studies", *Target* 5, 1-20.
- FLYNN, Peter (2007) "Exploring Literary Translation Practice: a focus on ethos", *Target* 19:1, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 21-44.
- FLYNN, Peter (2009) "Fieldwork in Translation Studies -Why not ask them yourself?", CETRA 2009
- GOUADEC, Daniel (2002) *Profession: Traducteur*, Paris: La Maison du Dictionnaire.
- GOUADEC, Daniel (2002a) "Training Translators: Certainties, Uncertainties, Dilemmas", in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds) *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto (2002), 31-41.



- HEILBRON, Johan (1999) "Towards a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System", *European Journal of Social Theory* 2(4), 429-445.
- HEILBRON, Johan & Gisèle Sapiro (2007) "Outline for a sociology of translation: Current issues and future prospects", in Michaela Wolf & Alexandra Fukari (eds.) *Constructing a Sociology of Translation*, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- HEILBRON, Johan & Gisèle Sapiro (2007a) "Towards a sociology of translation: current issues and future prospects", in Michaela Wolf (dir.) *Translation sociology - a new discipline under construction*, Selected papers from the International conference on Translating and Interpreting as a Social Practice, Graz, 5-7 May 2005, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- HEILBRON, Johan (2010) "Structure and Dynamics of the World System of Translation, UNESCO, International Symposium 'Translation and Cultural Mediation', Fevereiro 22-23, 2010. Artigo em linha disponível em: <http://portal.unesco.org/culture/en/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf>
- INGHILLERI, Moira (2003) "Habitus, field and discourse: interpreting as a socially situated activity", *Target* 15(2): 243-268, Amsterdam: John Benjamins.
- KOSKINEN, Kaisa (2008) *Translating Institutions. An Ethnographic Study of EU Translation*, Manchester: St. Jerome.
- MARTÍNEZ-VELA, Carlos A. (2001), *World Systems Theory*, Massachusetts Institute of Technology.
- PYM, Anthony (2002a) "Training Language Service Providers: Local Knowledge in Institutional Contexts", in Belinda Maia, Johann Haller & Margherita Ulrych (eds.), *Training the Language Services Provider for the New Millennium*, Porto: Universidade do Porto, 21-30.
- SELA-SHEFFY, Rakefet & Miriam Shlesinger (2008) "Strategies of Image-Making and Status Advancement of Translators and Interpreters as a Marginal Occupational Group", in Anthony Pym, Miriam Shlesinger & Daniel Simeoni (eds.) *Beyond Descriptive Translation Studies: Investigations in homage to Gideon Toury*, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 79-90.
- WALLERSTEIN, Immanuel (1974). *The modern World System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.
- WENGER, Etienne (1999) *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity (Learning in Doing: Social, Cognitive and Computational Perspectives)*, Cambridge: Cambridge University Press.



PROJECTO  
"PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO  
DA FALA BRACARENSE"



# TRAJETÓRIA DA COMUNIDADE DE FALA CARIOCA

Maria da Conceição de Paiva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

## 1. Tempo aparente e tempo real

A partir dos anos 60 se consolida uma vertente dos estudos linguísticos que enfatiza o lugar central da variação e da mudança nas línguas naturais e a natureza multifatorial da emergência e espraiamento de novas formas linguísticas (Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972). Duas contribuições inegáveis desta perspectiva são a) a de situar os processos de mudança como uma consequência natural do uso linguístico e b) abrir o espaço para a apreensão da dinâmica de implementação desses processos, através do que ficou conhecido como construto do tempo aparente (Labov, 1963, 1966; Bailey, 2002), isto é, o pressuposto de que diferenças linguísticas entre distintos grupos etários podem sinalizar a emergência e/ou a implementação de variantes linguísticas. Embora tenha provado sua eficácia na compreensão da dinâmica de mudança em diferentes comunidades de fala, este procedimento heurístico não está isento de objeções, dentre outras razões, por envolver premissas que carecem de comprovação, como a de que o sistema adquirido pelo indivíduo se mantém estável a partir da adolescência. A este respeito, se confrontam evidências favoráveis (Ashby 2001; Bailey 2002) e desfavoráveis (Blondeau, 2006; Sankoff, 2005, 2006).

Um outro problema se acrescenta. Diferenças linguísticas regulares entre falantes de diferentes faixas etárias tanto podem indicar mudanças em curso na língua (tempo aparente) como gradação etária, ou seja, mudanças que ciclicamente caracterizam cada geração e são responsáveis pela estabilidade de muitas variações na língua. Diante de tais dificuldades, nada negligenciáveis,

a confirmação de hipóteses extraídas a partir de estudos do tempo aparente requer a análise em tempo real tanto do indivíduo (estudo painel) como da comunidade de fala (estudo tendência) (Labov, 1981, 1994; Paiva e Duarte, 2003). Enquanto o primeiro permite verificar possíveis mudanças no sistema linguístico do indivíduo, o segundo permite extrair conclusões a respeito da direcionalidade de processos variáveis em uma comunidade de fala. Como insiste Labov (1981: 183), separadamente, “nenhum dos modelos é completamente satisfatório em si”; é a complementaridade entre eles que permite não apenas elucidar aspectos relativos às duas dimensões da mudança, no indivíduo e na comunidade, como à forma como as mudanças se implementam no interior de uma matriz estrutural e social.

Essa via de análise tem se revelado frutífera principalmente para desambiguar evidências sincrônicas, visto que padrões semelhantes de distribuição de variantes linguísticas por faixa etária podem resultar em situações diferenciadas quando confrontadas a evidências do tempo real. Como mostra Sankoff (2006: 5), adaptando Labov (1994), do confronto entre evidências do tempo aparente e do tempo real podem resultar diferentes combinações, como esquematiza o quadro 1:

<b>Padrão sincrônico</b>	<b>Interpretação</b>	<b>Indivíduo</b>	<b>Comunidade</b>
Sem diferenças etárias	1. estabilidade	Estável	Estável
Aumento/diminuição por faixa etária	2. gradação etária	instável	estável
Aumento/diminuição por faixa etária	3. Mudança geracional (« tempo aparente »)	estável	instável
Sem diferenças etárias	4.« Communal change »	instável	instável

Desde o início dos anos 90, o investimento em estudos longitudinais tem acumulado evidências de que o construto do tempo aparente constitui um método eficaz para capturar mudanças no eixo do tempo. Como resume Sankoff, (2006, p. 14):

Together, trend and panel studies of the past decade have confirmed the validity and usefulness of apparent time as a powerful conceptual tool for the identification of language change in progress. Far from misleading us about the existence of change, apparent time

generally underestimates the rate of change. Though the field will continue to be surprised by the light that trend and panel studies can shed on the mechanism of language change, especially as it intersects with speaker lifespans, our present synchronic methodology is a powerful lens for interpreting the past.

Sankoff, 2006: 14

Nas próximas seções, mostramos a forma como a associação entre evidências sincrônicas e diacrônicas, extraídas de comparações controladas da mesma comunidade de fala em dois momentos do tempo contribuiu para elucidar a natureza e a direcionalidade de dois fenômenos variáveis de larga extensão no português brasileiro: a variação entre *nós* e *a gente* na função de sujeito e a variação entre as preposições **a** e **para** na expressão do dativo.

## 2. Duas sincronias da variedade carioca

O interesse em apreender os padrões de variação linguística e as possíveis mudanças em curso na variedade carioca do português culminou, no início dos anos 80, na constituição de uma amostra de fala representativa desta comunidade. Com o esforço de diversos pesquisadores foi constituído um *corpus* com gravações de 64 falantes residentes em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro, de forma a representar a configuração social diversificada desta comunidade de fala. Esta amostra (Amostra Censo 1980, daqui para a frente), é estratificada de acordo com as variáveis sociais gênero (homens e mulheres), idade (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e acima de 50 anos) e escolaridade (até 4 anos de ensino formal, até 8 anos de escolaridade e ensino médio, ou seja, 11 anos de escolaridade.). Os dados foram obtidos mediante técnicas preconizadas pela Sociolinguística Variacionista.<sup>[1]</sup>

Análises extensivas e sistemáticas deste corpus tornou possível não só identificar o universo variável presente na comunidade de fala carioca como também explicar a sistematicidade de processos variáveis em diferentes níveis (fonético/fonológico, morfológico, sintático e semântico-discursivo). Foram alcançadas descrições da sistematicidade de fenômenos como a monotongação de [ey], a realização do /S/ pós-vocálico, a supressão de /R/ em coda, o rotacismo, o preenchimento do sujeito, a realização do objeto direto anafórico, a concordância verbal e

---

1 Maiores detalhes sobre a Amostra Censo 1980 podem ser encontrados em Oliveira e Silva e Scherre (1996).

nominal, a alternância entre *nós* e *a gente*, formas de expressão de impessoalidade, formas de organização de períodos complexos, de entre diversos outros.<sup>[2]</sup>

A análise controlada do efeito da variável faixa sobre o uso de variantes linguísticas forneceu evidências para hipóteses acerca da direcionalidade de muitos dos fenômenos arrolados acima. Nesta oportunidade nos deteremos particularmente em dois fenômenos: a conhecida alternância entre *nós* e *a gente* para referência à primeira pessoa do plural e a substituição da preposição *a* pela preposição **para** como núcleo de complementos dativo.

O interesse em verificar a validade das hipóteses postuladas com base no tempo aparente, motivou a constituição de uma nova amostra da comunidade de fala carioca (Amostra Censo 2000, daqui para a frente), composta de 32 falantes e estratificada de acordo com as mesmas variáveis sociais gênero, idade e escolaridade. Além disto, esta nova amostra obedece aos mesmos imperativos de aleatoriedade dos entrevistados e seguiu os mesmos procedimentos de obtenção de dados (entrevistas sociolinguísticas, de forma a garantir sua comparabilidade com a Amostra Censo 1980).

### 3. As evidências do tempo aparente

Como delimitado na seção 1, dois fenômenos frequentes no português brasileiro ocupam nossa atenção: a alternância entre *nós* e *a gente* para referência à primeira pessoa do plural e a variação entre as preposições *a* e *para* na expressão do dativo. A escolha destes dois fenômenos se justifica por duas razões: a primeira é que, de certa forma, ambos se encaixam em tendências mais gerais que conduziram a uma re-estruturação do quadro de pronomes pessoais no PB, a segunda, é que eles permitem exemplificar bastante bem a forma como evidências apreendidas em tempo real elucidam indicações fornecidas pelos estudos em tempo aparente.

A variação entre *nós* e *a gente*, fenômeno, focalizado em diferentes estudos (Omena, 1996; Omena e Braga, 1996; Menon, 1996; Lopes, 1999), é consequência de um processo gradual de gramaticalização que recategoriza como pronome um sintagma nominal, cujo núcleo é caracterizado pelo traço [+ coletivo]. Gradativamente, o SN perde algumas de suas propriedades originais e ganha o traço [pessoa], o que vai lhe permitir alternar com a forma canônica *nós*, como mostra o exemplo (1):

2 Para uma discussão mais extensiva dos trabalhos desenvolvidos com estas amostras, remetemos para Paiva e Scherre (1999) e para Paiva e Paredes (2012).



Meu marido tinha medo dela ser infeliz, tanto que... com ela- com vinte e quatro horas de casada, *nós* fomos lá, né? *A gente*, dia sim, dia não, ia na casa dela... Porque *a gente* que é mãe quer sempre o melhor para o filho.

(Amostra Censo 1980)

Um fato a destacar é que, apesar do avançado estágio de gramaticalização de *a gente*, a sua implementação como forma de referência à primeira pessoa do plural é diferenciada de acordo com a função: se o uso de *a gente* em funções oblíquas torna-se quase categórico, nas funções de sujeito ou de objeto, observa-se importante espectro de variação com o pronome *nós*. A discussão que se segue se limita à alternância entre *nós* e *a gente* na função de sujeito.

De acordo com os estudos de Omena (1996, 2003), a distribuição observada para o uso de *a gente* nas quatro faixas etárias que estratificam as Amostras Censo 1980 e Censo 2000, permite presumir avanço de uma forma pronominal *a gente* na variedade carioca.

**Tabela 1**– Distribuição de *a gente* por faixa etária.  
Amostra Censo 1980 (Adaptado de Omena, 2003, p. 66)

Idade	Freq.	PR
7 - 14 anos	103/116 = 89%	0.79
15-25 anos	473/543 = 87%	0.70
26- 49 anos	271/369 = 73%	0.34
+ de 50 anos	154/267 = 58%	0,20

Observa-se, na tabela 1, nítida descontinuidade na distribuição de *a gente* pelas faixas etárias, com uso significativamente mais elevado da variante inovadora entre os falantes das duas faixas etárias mais jovens (7-14 e 15-25 anos), destacando-se a primeira com peso relativo de 0.79. Os indivíduos das duas outras faixas etárias, em especial os de mais de 50 anos, apresentam índices significativamente mais baixos de *a gente*, ou seja, tendem a preservar a forma canônica de referência à primeira pessoa do plural. A configuração da tabela 1, é portanto, conforme aos pressupostos subjacentes ao construto do tempo aparente, podendo-se presumir que os falantes mais velhos conservam a variante adquirida em períodos de tempo anteriores. Há, portanto, indicações de espraiamento da mudança na comunidade de fala carioca.

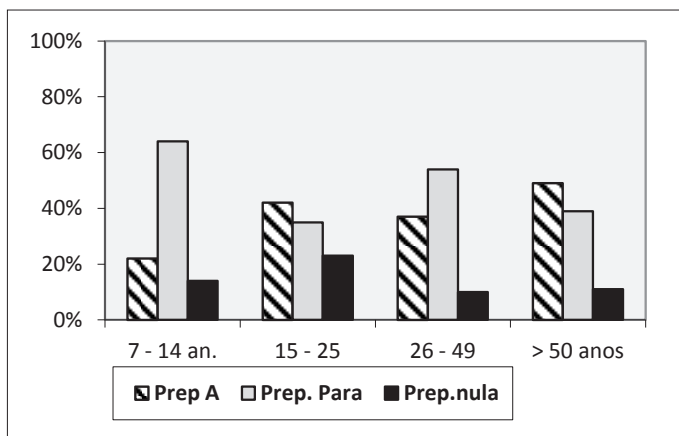
O segundo processo tratado neste artigo diz respeito à alternância entre as preposições **a** (exemplo 3), e **para** (exemplo 4) como núcleo de complementos dativos.<sup>[3]</sup> Essas duas preposições concorrem ainda com a possibilidade de apagamento da preposição, como no exemplo (5):

- (3) Eu sempre pedia opinião **a** ela. (Amostra Censo 2000)  
 (4) O garoto escreveu coisas lindas **para** o pai. (Amostra Censo 2000)  
 (5) Ensinar o povo regras básicas de saneamento. (Amostra Censo 2000)

Para Gomes (2003), o processo variável em questão se encaixa no conjunto das mudanças que resultam na reorganização do sistema pronominal do PB, na medida em que está associado à redução/perda do clítico de terceira pessoa (lhe) para a expressão do dativo (Gomes, 1996; Freire, 2000).

As correlações entre o uso das preposições **a** e **para** e as faixas etárias consideradas podem ser consideradas menos decisivas, de acordo com os resultados obtidos por Gomes (1996) e retomados aqui no gráfico 1:

**Gráfico 1** – Frequência das variantes de acordo com faixa etária  
Amostra Censo 1980



(Reproduzido de Gomes, 2003: 90)

3 Aqui o rótulo dativo está sendo usado para se referir tanto aos casos clássicos, em que, por exemplo, o SPrep pode ser substituído pelo clítico “lhe”, no caso de ser anafórico como aos casos de estruturas com verbos leves (dar atenção ao aluno).

Corroborando as expectativas, a ocorrência mais expressiva da preposição **para** é constatada na faixa etária de 7-14 anos. Diferentemente do que se pode esperar, no entanto, o comportamento deste grupo é muito similar ao da terceira faixa etária (26-49 anos), constatando-se para ambos a mesma hierarquia nas variantes: prep para > prep a > prep nula. Também de forma um tanto inesperada, é similar o comportamento dos indivíduos das faixas 2 e 4, com domínio da preposição **a**. As evidências mais significativas advêm, portanto, da predominância de **para** no grupo mais jovem e da maior preservação de **a**, forma mais conservadora, no quarto grupo.

#### 4. Evidências do tempo real

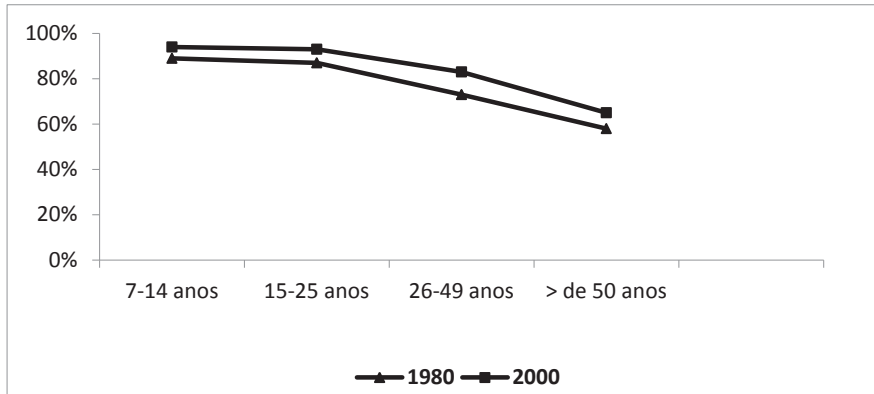
A questão central é saber se as hipóteses quanto à direcionalidade dos dois fenômenos focalizados encontram evidências empíricas em um estudo de tendência. Retomemos, primeiramente a alternância entre *nós* e *a gente*, fenômeno em que, como vimos na seção anterior, a variante mais recente predomina na fala de indivíduos mais jovens. Se considerarmos unicamente as médias gerais de ocorrência de *a gente*, mostradas na tabela 2, reproduzida de Omena (2003: 66), concluiríamos por uma situação de estabilidade no intervalo de tempo que separa as duas amostras.

**Tabela 2** – Média geral de uso de *a gente*  
Amostra Censo 2000

Amostra Censo 1980	Amostra Censo 2000
1 078/1374 = 78%	768/968 = 79%

Nas duas sincronias o uso de *a gente* se destaca como variante preferencial de referência à primeira pessoa do plural, com taxas similares para os dois momentos de tempo. Considerando, no entanto, o padrão de distribuição da variante *a gente* de acordo com a variável idade, atesta-se um aumento regular desta forma em todos os grupos etários, como mostra o gráfico 2.

**Gráfico 2** – Uso de *a gente* por faixa etária –  
Censo 1980 e Censo 2000:



A descontinuidade entre os grupos etários, já constatada para a Amostra Censo 1980 se confirma nos dados da Amostra Censo 2000: *a gente* é predominante no uso de falantes com idade até 25 anos e decresce entre os falantes dos dois grupos etários mais avançados, com idade superior a 26 anos. O mais relevante, porém, é que, embora se mantenha o padrão de distribuição pelas 4 faixas etárias, observa-se em todas elas um aumento no uso de *a gente*, um pouco mais expressivo no grupo intermediário de 26-49 anos. Considerando que este grupo corresponde a falantes que, na década de 80, se situavam na faixa anterior (15-25 anos), tem-se um argumento adicional para afirmar que, no intervalo de dezenove anos, houve uma expansão da variante inovadora.

Aspectos mais estritamente linguísticos têm que ser considerados. Como destacam Braga e Omena (1996), mesmo na função de sujeito, o uso de *a gente* está sujeito a restrições que não atingem o pronome *nós*. Assim, *a gente* resiste à concorrência com quantificadores, como mostra a agramaticalidade de frases como

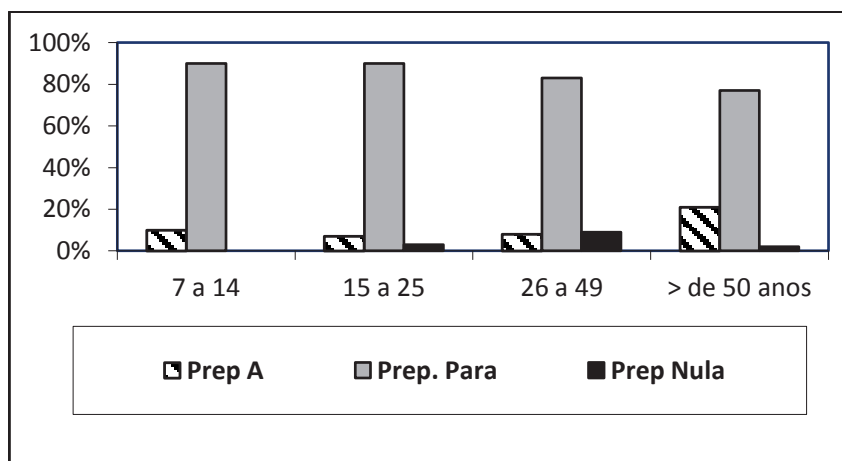
(6) \*Todos *a gente* somos atingidos pela crise.

Tal restrição limita a intercambialidade entre as duas variantes de expressão à primeira pessoa do plural e aponta a necessidade de controlar os contextos linguísticos de implementação da forma inovadora, em particular do traço

[+- determinado]. Enquanto *nós* pode ser referir tanto a um conjunto fechado e identificável de referentes, *a gente* fica mais limitado a contextos de referentes [- determinado], o que parece indicar a persistência (cf Hopper e Traugott, 2003) de traços semânticos da forma fonte.

O mesmo padrão de espriamento de uma variante linguística inovadora em todas as faixas etárias pode ser atestado também para a variação entre as preposições **a** e **para** nos complementos dativos. Segundo a análise de Gomes (2003), na amostra 2000, a variante inovadora ultrapassa de forma notável o uso da preposição **a** em todos os grupos etários, como mostra o gráfico 3:

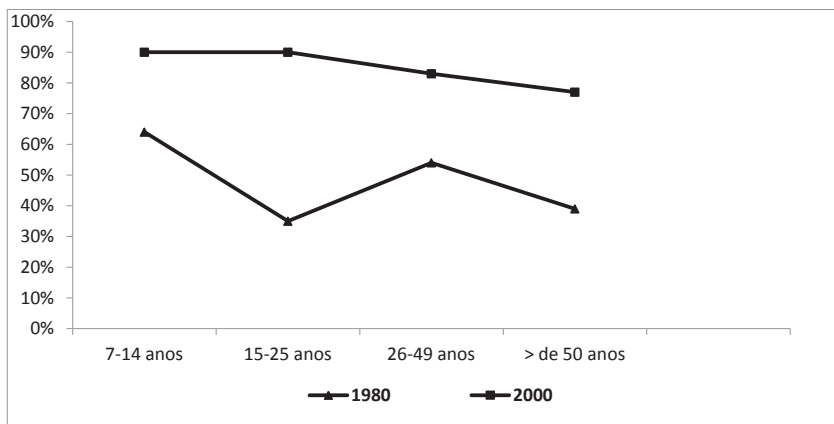
**Gráfico 3** – Frequência das variantes por faixa etária –  
Amostra Censo 2000:



(Reproduzido de Gomes, 2003: 91)

O aumento da preposição **para** em todas as faixas etárias, na segunda sincronia, indica um movimento gradual, comum a toda a comunidade de fala, o que não chega a contradizer inteiramente a tendência observada na Amostra Censo 1980, que aponta maior regularidade no movimento de substituição de **para** por **a**, como pode ser visualizado no gráfico 4 em que são comparadas as tendências atestadas nas duas sincronias.

**Gráfico 4** – Distribuição de **para** por faixa etária nas duas sincronias



A diferença mais significativa entre as duas curvas se situa na faixa de 15-25 anos, que aumenta o uso de **para** em XX pontos percentuais. A quarta faixa etária, por sua vez, embora não fique imune à expansão de **para** mantém-se ainda como o grupo de retenção da forma mais antiga. A expansão de **para** na variedade carioca se confirma, mas no salto da média geral constatada em 2000 (85%), em relação a 1980 (49%).

## 5. Conclusões

Através da análise de dois fenômenos variáveis presentes no português brasileiro, mais especificamente na variedade carioca, trouxemos evidências adicionais de que o construto do tempo aparente constitui um recurso heurístico eficaz na análise de possíveis mudanças em progresso nas línguas. Mostramos que para os dois fenômenos retomados, as indicações sugeridas pelas correlações com grupos etários se confirmam num espaço de tempo relativamente curto, de, aproximadamente, 19 anos: tanto o uso de *a gente* como forma de referência à primeira pessoa do plural como a substituição da preposição **a** pela preposição **para** progredem de forma contínua na comunidade de fala carioca. A análise da alternância entre as duas preposições permite mostrar, inclusive, a forma como a desejável associação entre tempo real e tempo apa-

rente contribui para desambiguar distribuições não inteiramente conformes aos padrões de distribuição esperados em casos de mudança em curso.

Embora este estudo tenha se centrado essencialmente na variável idade como indicador primeiro da dinâmica da mudança linguística, deixamos entrever, em alguns pontos a necessidade de identificar com mais precisão as condições estruturais para que uma mudança continue se espraiando pelo sistema. Um último ponto a ressaltar diz respeito à forma como estas mudanças se relacionam entre si e a outras, ou seja, o seu encaixamento linguístico e, ainda, a forma como ela se insere em uma matriz social. Para tanto, seria desejável a análise do efeito de outras variáveis sociais e a consideração da co-variação entre os fenômenos focalizados e outros processos já detectados na variedade brasileira do português.

## Referências

- ASHBY, William J. (2001), “Un nouveau regard sur la chute du ne en français parlé tourangeau: s’agit-il d’un changement en cours?”, *French Language Studies*, n. 11, pp.1-22.
- BAILEY, Charles-James, (2002). “Real and apparent time” in *The handbook of language variation and change*, J. K. Chambers, P. Trudgill, and N. Schilling-Estes (eds.), Oxford: Blackwell, pp. 312-332.
- BERLINCK, R. de A. (2000), “O objeto indireto no português brasileiro do século XIX”, *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*, Florianópolis: Taciro - Produção de CDs Multimídia, pp. 220-229.
- BLONDEAU, H. (2006)., “La trajectoire de l’emploi du futur chez une cohorte de Montréalais francophones entre 1971 et 1995”, *Revue de l’Université de Moncton* 37, pp. 73-98.
- FREIRE, G. C. (2000), *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*, Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GOMES, C. A. (1996), *Aquisição e perda de preposição no português do Brasil*, Tese de doutorado, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GOMES, Christina A (2003), “Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro” in *Mudança linguística em tempo real*, M. C de Paiva e M. E. L. Duarte (org), Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, pp. 81-96.
- HOPPER, P. and Traugott, E. C. (2003), *Grammaticalisation*, Amsterdam: John Benjamins.
- LABOV, William (1966), *The Social Stratification of English in New York City*, Washington, D.C: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William (1972), *Sociolinguistic Patterns*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

- LABOV, W. (1981), "What can be learned about change in progress from synchronic descriptions", in D. Sankoff and H. Cedergren, *Variation omnibus: current inquiry into language, linguistics and human communication*, Canada, Linguistic Research Inc, pp. 177- 99.
- LABOV, W. (1994), *Principles of linguistic change: internal factors*, Oxford: Blackwell.
- LOPES, Célia R. dos S. (1999), *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ.
- MENON, Odete Pereira (1994), *Analyse Sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, a partir des données du NURC/SP*, Tese de Doutorado, Paris: Université de Paris VII.
- OMENA, Nelize P. (1996) "A referência à primeira pessoa do discurso no plural", in G. M.de Oliveira e Silva e Maria Marta P. Scherre (org), *Padrões Sociolinguísticos; análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp.183-216.
- OMENA, N. P. (2003), "A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança", in M, C de Paiva e M. E. L. Duarte (org) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, pp. 63-80.
- OMENA, N. P. (1996) " A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural", in *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*, G. M. de Oliveira e Silva e M. M. P. Scherre, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp.183-215.
- OMENA, N. & Braga, M. L (1996), "A gente está se gramaticalizando?" in A. T. Macedo; C. N. Roncarati e M. C. Mollica, (org.) *Variação e discurso*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 75-84.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M e Scherre, M. M. P. (1996), *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- PAIVA, M. C. e Scherre, M. P. (1999), "Retrospectiva sociolinguística: contribuições do PEUL", D.E.L.T.A, v. 15, n. especial, pp. 201-222.
- PAIVA, M. C & Paredes Silva, V. L. (2012) Cumprindo uma pauta de trabalho > contribuições recentes do PEUL, Alfa 56 (3), pp. 739-770.
- PAIVA, M. C. de e M. E. L. Duarte (2003), " Introdução à mudança linguística em curso" , in *Mudança linguística em tempo real*, M. C Paiva e M. E. L. Duarte (org), Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, pp. 13-30.
- SANKOFF, Gillian (2005), "Cross-sectional and longitudinal studies in sociolinguistics, in *An International handbook of the sciences of language and society*, U. Ammon et alii (eds.), vol. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, pp.1003-1013.
- SANKOFF, Gillian. (2006), "Age: Apparent time and real time", *Elsevier Encyclopedia of Language and Linguistics*, Second Edition, Article Number : LALI: 01479.



- SCHER, Ana Paula (1997), "As Construções com dois complementos no inglês e no português do Brasil: um estudo comparativo", *Sínteses – teses*, Campinas: Ed. Unicamp, p.347-355.
- WEINREICH, U., Labov, W., and Herzog, Marvin (1968), "Empirical foundations for a theory of language change", in *Directions for historical linguistics*, W Lehman and Y. Malkiel (eds.), Austin, University of Texas Press, pp. 97-195.



# BRAGA: O FRÁGIL EQUILÍBRIO ENTRE PRESERVAÇÃO DIALETAL E STANDARDIZAÇÃO

Celeste Rodrigues

UNIVERSIDADE DE LISBOA

## 1. Introdução

Ao longo dos últimos quinze anos, tenho centrado o meu trabalho na análise de fala espontânea do Português Europeu. Encetei a constituição de um corpus estratificado de fala e leitura com dados de duas cidades, Lisboa e Braga, nos anos de 1996 e 1998. Esses dados fazem parte hoje do CPE-Var, um corpus ainda em construção final no CLUL. É com base em alguns desses materiais que irei discutir a importância relativa de alguns fenómenos fonético-fonológicos em PE nas duas variedades faladas nas cidades acima referidas, pertencentes a duas variedades dialetais distintas. A avaliação de um conjunto relativamente alargado de características fonético-fonológicas variáveis permite-me concluir que o português falado em Braga se caracteriza por passar, nesta altura, por uma fase de equilíbrio frágil entre preservação de traços dialetais e standardização.

Segue-se uma breve descrição do corpus utilizado, incluindo referência ao tipo de entrevista a que os informantes foram sujeitos. A seguir a essa descrição, apresenta-se o elenco dos aspetos sociolinguísticos dos fenómenos que dirigiu a minha reflexão e, depois, serão apresentados de forma sucinta os fenómenos variáveis, organizados em função de serem fenómenos registados só em Braga ou de serem variáveis nas duas cidades. Finalmente, serão alinhadas algumas considerações finais com a apreciação das tendências de mudança.

## 2. Descrição do CPE-Var

O CPE-Var é constituído por 180 entrevistas singulares, gravadas em circunstâncias idênticas pelo mesmo entrevistador, de duração variável, mas comportando para todos os informantes alfabetizados uma parte de leitura e outra de fala informal. As entrevistas duram entre 60 e 90 minutos. Os informantes foram aleatoriamente seleccionados entre os falantes nativos das cidades de Braga e Lisboa com os perfis socioculturais pretendidos. Os falantes foram entrevistados, em quase todos os casos, em ambiente familiar (no local de trabalho ou casa), na ausência de outros participantes. As salas onde as gravações decorreram eram calmas, mas não insonorizadas. O gravador usado foi o Marantz PMD 222 recorder, equipado com um microfone externo Uher unidirecional. A recolha das entrevistas foi efetuada entre 1996 e 1998.

Os informantes enquadram-se nos seguintes perfis socioculturais: falantes dos dois géneros (F/M) com idades compreendidas entre: 13-19 (faixa etária 1), 20-25 (faixa etária 2), 26-39 (faixa etária 3), 40-55 (faixa etária 4) ou mais de 55 anos (faixa etária 5), falantes com graus de instrução inferiores à 4<sup>a</sup> classe antiga (grau de instrução 0), com a 4<sup>a</sup> classe/o antigo ciclo preparatório/até ao 9<sup>o</sup> ano de escolaridade (grau de instrução 1), com o 12<sup>o</sup> ano ou equivalente (grau de instrução 2), com licenciatura pelo menos (grau de instrução 3).

As entrevistas de tipo sociolinguístico<sup>[1]</sup> foram inspiradas na metodologia laboviana, embora introduzam inovações na ordem das tarefas com o propósito de obter um grau de informalidade superior. Incluem fala inicial controlada (DF - discurso formal), leitura de palavras isoladas (LP - leitura de palavras), leitura de frases (LF - leitura de frases), leitura de um texto (LT - leitura de texto) e fala espontânea (DI - discurso informal). A diferença entre os dois tipos de fala reside no facto de a primeira seguir um guião previamente estabelecido (destinado a apurar as características sociolinguísticas do falante) ao contrário da segunda, que seguiu o fluxo do raciocínio dos participantes livremente, sem haver questionário pré-preparado nem controlo temático. De um modo geral, as entrevistas caracterizam-se por um grau elevado de informalidade em DI, embora algumas delas também apresentem um razoável índice de informalidade em DF. A intenção de realizar as tarefas nesta ordem foi a de fazer com que os testes fossem acompanhando a naturalidade das situações reais (i. é., com o passar do tempo, por se ganhar mais à-vontade ao longo da

---

1 Para uma descrição da entrevista sociolinguística laboviana veja-se, por exemplo, Tagliamonte (2006: 37-49).

entrevista, fala-se mais informalmente, em princípio) e, por isso, obter com mais facilidade no fim da entrevista uma conversa muito informal, relativamente longa. As gravações têm duração média de 75 minutos.

Para alguns dos fenómenos, usaremos apenas uma parte das entrevistas, visto que nem todas elas puderam, por enquanto, ser tratadas quantitativamente.

### **3. Características sociolinguísticas variáveis e sua relevância para classificação dos fenómenos variáveis**

Para estimarmos o papel desempenhado na língua por cada fenómeno linguístico, tivemos em consideração o seguinte conjunto de aspetos sociolinguísticos:

Todos os fenómenos avaliados neste trabalho são variáveis e consistem em potenciais mudanças, observadas em tempo aparente. A identificação de uma variável fonológica decorre da atestação de mais do que uma variante linguística para um dado contexto estrutural numa dada comunidade de falantes. Um fenómeno constituirá uma variável linguística sempre que apresente para o mesmo valor referencial duas ou mais formas variantes, devidas a fatores internos (linguísticos) ou externos (sociais, por exemplo).

Em sociolinguística são habitualmente designadas mudanças em tempo aparente as mudanças observadas num mesmo momento histórico por comparação da pronúncia de falantes pertencentes a diferentes faixas etárias (Labov, 1994: 43-112). No presente estudo não foi possível estudar mudanças em tempo real, uma vez que não existem estudos anteriores das mesmas comunidades com os quais comparar os resultados nem foi ainda possível replicar a metodologia nas mesmas comunidades anos mais tarde.

Qual é a frequência da variante em termos sociais, estilísticos, etários e das duas variedades linguísticas?

A apresentação dos resultados quantitativos frequenciais permite aferir a proporção de ocorrência das variantes de uma dada variável. Neste trabalho não foi possível recorrer a outro tipo de trabalho quantitativo que possibilitasse o cálculo probabilístico de cada variante, uma vez que não foi construída uma base de dados nos moldes das construídas com o Varbrul, por exemplo. Usaremos os dados de frequência obtidos na nossa Base de Dados (desenvolvida no programa Access especificamente para tratamento dos nossos dados).

A variante constitui um estereótipo? Um marcador ou um indicador de classe? (Labov, 1994).

Estereótipos são as variantes estigmatizadas de uma variável, que habitualmente dão origem a hipercorreções e que não apresentam uma distribuição regular pelos grupos sociais, estilísticos ou etários (*idem*: 78). Marcadores são variantes linguísticas, com o mesmo valor referencial (Tagliamonte, 2006: 72), às quais os falantes não prestam tanta atenção como aos estereótipos, mas que mostram estratificação estilística e social (*ibidem*: 78). Indicadores de classe são as variantes das quais os falantes não têm geralmente consciência e, por isso, não são alvo de comentários, mas que diferenciam os grupos sociais, uma vez que o seu uso pode ser substancialmente diferente de grupo para grupo (*ibidem*: 78).

Como se classifica a variante quanto ao estimado percurso da mudança?

Dependendo da frequência com que surgem nos grupos sociais da comunidade, as variantes podem ser classificadas num dado momento histórico como sendo mais propiciadoras de uma mudança linguística ou mais propiciadoras da manutenção da forma linguística conservadora.

Há acomodação do falante ao interlocutor?

A acomodação linguística é uma tendência natural de todos os falantes em situações de interação. Em qualquer situação normal, os falantes procuram captar a simpatia do seu interlocutor, fazendo pequenas adaptações do seu discurso vernáculo ao modo de falar da pessoa com quem falam ou, pelo menos ao modo como elas acham que ela fala, inconscientemente, muitas vezes (Giles e Powesland, 1975).

Esta tendência é particularmente importante numa situação como a das entrevistas do CPE-Var. Aí, o entrevistador já conseguiu a benevolência do entrevistado em participar, é de origem diferente do entrevistado. Nas gravações de Braga, o entrevistador é supostamente falante de um dialeto mais próximo do português padrão (centro-meridional), é professor na universidade de Lisboa, tem curiosidade de ouvir para analisar gravações com muitos falantes da cidade de Braga. Nas gravações de Lisboa, o entrevistador não é falante nativo da cidade e, por vezes, adota formas linguísticas centro-meridionais, que afastam a sua pronúncia da dos entrevistados. O entrevistado, embora esteja na cidade em que vive, encontra-se num ambiente, que nem sempre é o mais acolhedor, perante um gravador com necessidade de ter alguns cuidados acústicos e é sujeito a uma série de testes de leitura, prévios à realização da conversa final informal (Discurso Informal). Em geral, é a primeira vez que

fala com a entrevistadora e, em alguns casos, é natural que se sinta tentado a ajustar o seu discurso ao do entrevistador, com a expectativa de usar um discurso mais cuidado que não ofereça grandes problemas de interpretação (adequado a interações com falantes com os quais se tem pouca ou nenhuma familiaridade). Apesar de a entrevistadora tudo ter feito para que esse efeito fosse minimizado durante a entrevista, reconhece-se que há casos em que é nítida a sua existência.

O fenómeno gerou hipercorreções?

Hipercorreções são aquelas produções agramaticais, resultantes da aplicação generalizada de um traço linguístico a contextos nos quais a língua não os implementa. Uma hipercorreção seria, por exemplo, a pronúncia de um [R] em coda em Português Europeu (*carta*).

Há evidência de que o falante está consciente do uso que faz da variante do seu dialeto?

Há traços linguísticos dos quais os falantes têm plena consciência e outros dos quais eles não têm consciência nenhuma<sup>[2]</sup>. Para uns, são capazes de identificar as variantes existentes e dizer quem as usa e, para os outros, não são capazes de o fazer. Se alguém lhes chamar a atenção para as diferenças das variantes podem exprimir juízos de valor a respeito das variantes, mas continuarão a usar a que lhes é própria, se não prestarem atenção ao discurso.

Assim se explica o facto de os falantes recorrerem muitas vezes às variantes específicas do seu dialeto de origem, mesmo quando tentam referir a forma da língua padrão. Isso aconteceu, por exemplo, com a variável /v/ em Braga e com outras variáveis, como a da realização das terminações finais nasais tónicas, *pão* [ẽw], que foram produzidas com [õw].

A variante tenta impor-se a partir de baixo ou de cima na hierarquia social?

Dependendo da expressão real que uma variante tenha em diferentes grupos na hierarquia social de uma comunidade, a variante poderá ter mais ou menos probabilidades de se impor nessa mesma comunidade e nas que a rodeiam. Desde Labov (1966) vários estudos sociolinguísticos já demonstraram que as variantes que surgem em grupos no topo da hierarquia social têm mais condições para se tornarem mudanças linguísticas a breve trecho do que

---

2 Labov (1994: 157 e seguintes) refere que o grau de atenção prestada ao discurso varia em função do tipo de discurso sendo mais controlado nos diferentes tipos de leitura do que na fala espontânea, especialmente, nas partes em que haja envolvimento emocional por parte do informante.

as que surgem em camadas sociais mais próximas da base da pirâmide social. Isso acontece porque, inconscientemente, é atribuído mais prestígio ao modo de falar das classes com mais prestígio, visibilidade ou poder na comunidade (Labov, 1994: 78).

A variante está em difusão, mas ainda circunscrita a um grupo social ou a um subconjunto pequeno de itens lexicais ou de contextos?

Uma variante está em difusão quando se verifica que grupos que anteriormente não a possuíam a passam a usar. Primeiro, com baixa frequência e, gradualmente, com mais frequência. As variantes tendem sempre a impor-se, isto quer dizer que tendem a generalizar-se no maior número de falantes que for possível e a todos os contextos em que seja possível utilizá-las. Por vezes, no entanto, as variantes não conseguem impor-se generalizadamente em todo o léxico com um dado contexto. São, portanto, variantes de aplicação restrita e por esse motivo têm menos probabilidades de se difundir. Se isso acontecer, a variante pode ser considerada exclusiva de um dado grupo social ou de determinado tipo de registo de língua (Labov, 2001).

A variante está em regressão?

É normal que, se uma variante apresentar pouca ou nenhuma expressão nos grupos etários jovens e pouca expressão nos da faixa etária elevada, ela se encontre em regressão na comunidade (Tagliamonte, 2006: 85). Apesar disso, nem sempre a regressão é rápida, porque podem existir, por vezes, movimentos contrários, que tendam a retomar o seu uso consistente. Saber distinguir os diferentes casos não é tarefa fácil muitas vezes, já que as alterações do tecido social, a mobilidade das populações, etc., dificultam muito a captação das tendências da mudança linguística.

#### 4. Fenómenos variáveis em Braga (invariáveis em Lisboa)

##### 1. Alongamento de vogais tónicas em posição pré-pausal

- a. A casa é da minha *avó*. [ó:]
- b. Foi na *Sé*. [é:] Aqui na (...)
- c. Esse é o caso da tua *irmã*. [á:]
- d. No Natal assa-se o *perú*. [ú:]
- e. Eu já disse que isso não bom para *nenhum*! [ũ:]



O alongamento, como traço marcado de Braga, não é usado por falantes licenciados de Braga no CPE-Var, embora seja usado pelos não licenciados entre 90 e 100% das ocorrências, embora incluindo todos os falantes e tipos de discurso atinja: 38% das ocorrências. Parece encontrar-se sujeito a variação estilística, como sugere Rodrigues (2003: 136-137): 41.6% em DI, 35,7% em LP, embora isso deva ser desvalorizado, em face da desigualdade de contextos e número de ocorrências tratadas de DI e LP.

Na verdade, se adotarmos a proposta descritiva do acento lexical de Mateus e Andrade (2000), poderá consistir no preenchimento fonético da posição métrica final, habitualmente vazia no PE standard<sup>[3]</sup>, em todos estes casos. Curiosamente, este dialeto mostra com estes fenómenos uma tendência similar ao dialeto falado no Alentejo. Nessa região o preenchimento paragógico dá-se por inserção de [i] ou de [ĩ] após palavras terminadas em consoante sonante /l/ ou /r/: Isso acontece a qualquer *animal*[i] / [ĩ]. Gosto pouco dessa *cor*[i]).

Em Braga, o preenchimento é mais notório após vogal (mediante o alongamento da vogal), apesar de antes pausa também poder ocorrer após consoante vibrante sob a forma [i] (*ir*[i], *fazer*[i]).

O alongamento pré-pausal destas vogais em Braga tem a mesma função da inserção de [i] em posição pré-pausal: em palavras como *ti* [íi], *fim*, *mim* [íi].

Braga preserva frequentemente o alongamento destas vogais, apesar de os licenciados se terem acomodado à pronúncia do entrevistador no CPE-Var, evitando assim a pronúncia das formas alongadas destas vogais.

A forma breve das vogais neste contexto pré-pausal, existindo somente na pronúncia dos licenciados de Braga na presente situação de entrevista, poderá ter uma difusão lenta no dialeto e, por enquanto, constitui um indicador linguístico da classe mais escolarizada.

3 Usamos PE standard como sinónimo de língua (portuguesa) padrão como Rodrigues (2003: 35-38), visão com a qual Castro (2006: 3) parece concordar ao dizer que é “uma variedade escrita e falada que é usada pela população escolarizada e reconhecida como a variedade que mais facilmente se presta a ser reproduzida, sem erros evidentes, mas também sem formas demasiado cultas, incompreensíveis ou rebuscadas. O lugar comum a todos, mais do que um modelo de perfeição clássica.” (consultado em: 8 de Fevereiro de 2013 em: [http://www.clul.ul.pt/files/ivo\\_castro/2006\\_Norma\\_e\\_ensino.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Norma_e_ensino.pdf)).

A mesma visão está representada na seguinte afirmação de Preston, D. (1989: 327): “Surely one of the functions of the standard is to convey serious information in a variety which implies that the speaker or writer is well-informed and which disallows a caricature of the message itself on the grounds that it is delivered in ‘incorrect’ language”.

## 2. Labialização de consoantes em ataque de sílabas com /o/ tónico

O desenvolvimento da articulação secundária na consoante que precede um /o/ tónico, [wó], é um traço marcado, muito evitado pelos falantes licenciados de Braga com idades compreendidas entre os 30 e 49 anos, embora surja em falantes de todos os perfis. O fenómeno tem especial incidência nos falantes mais velhos do sexo masculino (frequência média em Braga de 11.3% em palavras sem nasalidade (*consumidor*) e de 12.5% em palavras com nasalidade (*contas*) – cf. Rodrigues (2003: 125-126 e 388-9), Rodrigues (2002a) e (2002b). Mantém-se ainda nos falantes das faixas etárias mais baixas, sobretudo nos do sexo masculino. Apresenta sempre frequências baixas de ocorrência, sobretudo no discurso lido.

O fenómeno está em regressão nos diferentes grupos sociais e está relacionado com a instrução. Parece-me, pela minha experiência com falantes de Braga fora de contextos de observação (ou seja, em situações não gravadas) que deve ser mais frequente na fala vernácula do que em situação de contacto com alguém de outra variedade linguística, como foi o caso da situação das entrevistas do CPE- Var.

Devido à estratificação encontrada, nomeadamente, por ter fraca ocorrência na fala das falantes femininas,<sup>[4]</sup> Braga tenderá a perder este traço conservador marcado. O traço é simétrico com a palatalização da consoante precedente à vogal /e/ na cidade parece já ter-se perdido (embora nas regiões circundantes ainda possa surgir). Em alguns trabalhos dialetológicos estes traços têm sido interpretados como criação de um ditongo crescente (Martins e Vitorino, 1989). Fonologicamente faz mais sentido que não seja assim, porque se trataria de um caso isolado na fonologia da língua de criação de ditongos crescentes. Parece-nos, como foi proposto em trabalhos anteriores (Rodrigues 2002a e b) que se trata, em vez disso, do desenvolvimento de espraiamento na consoante precedente ou no ataque vazio precedente (– *Onde vais?*).

## 3. /i/ tónico realizado como [í] e [é]

O /i/ pode ser realizado como [í] em *sentiu*, *viu*, *marinha*, *maravilha*, contextos pré-palatais e, em determinadas formas verbais do pretérito, pode ser

4 Desde Labov (1984) tornou-se muito claro que as mulheres tendem a adotar mais cedo do que os homens as formas da língua padrão e as inovações recentes, embora conservem, por outro lado, as variantes mais antigas nos casos de variáveis estáveis.

produzido e percebido como um [é]: eu *fiz* [féʃ], eu *tive* [téβi]. Estas variantes fonéticas são traços marcados. A realização de um [e], é simétrica da que surge em Braga nas formas verbais com /u/, como eu *fui*, formas que são realizadas em Braga com [ó]. Nos pretéritos deste tipo, estas realizações levam à indistinção perceptiva de duas formas distintas dos verbos na primeira e terceira pessoas do singular, ou seja, levam à neutralização fonética, pelo menos, sempre que estes falantes falam com falantes de outros dialetos.<sup>[5]</sup>

Segundo Rodrigues (2003) estas realizações do /i/ aparecem em falantes de vários perfis, especialmente nos mais conservadores, ainda que não tenham sido contabilizadas nesse trabalho. As ocorrências carecem de estudo acústico, uma vez que já foi encontrada alguma proximidade entre os valores de F1 e F2 registados em Braga para as vogais [i] e [e] Rodrigues e Martins (2000) e, por outro lado, alguma proximidade desses valores com os da vogal [i].

#### 4. Nasalidade realizada como consoante nasal em coda interna

Contrariamente ao que acontece nos dialetos centro-meridionais, a nasalidade é realizada como coda homorgânica da consoante do ataque seguinte, em palavras como *pomba*, *canto*, *pende*, *longo*. Uma vez que a consoante nasal está em coda, não há espraçamento da nasalização na vogal do núcleo, nem a concomitante elevação da vogal /a/ (\*[ɛ]).

Rodrigues (2012) afirma que nas formas com /aN/ a pronúncia com vogal oral aberta e nasal em coda correspondem a 32% das ocorrências em DI, surgindo em todos os tipos de falante de Braga, apesar de o fenómeno estar sujeito a variação estilística.

A presença da consoante nasal realizada em coda consiste num traço conservador, que é um marcador do dialeto de Braga.

#### 5. Não nasalização da vogal final de *irmã*, *romã*

As vogais deste tipo (que, noutros dialetos, são nasalizadas), em Braga, não recebem nasalização, porque a consoante não se associa ao núcleo no dialeto e, por outro lado, também não apresentam a consoante nasal em coda, porque

---

5 Para uma clarificação da variação associada às formas de P1 e P3 nos verbos com pretéritos fortes no Minho, sugere-se a consulta de Mota, Rodrigues e Soalheiro (2003).

se trata de uma posição final (contexto que inibe a presença de tal consoante). As vogais surgem, portanto, sob a forma [á].

A ausência desta nasalidade pode surgir em todos os perfis de falantes de Braga. Apesar de não quantificada a ocorrência destas vogais orais, pode obter-se mais informações em Rodrigues (2012).

A falta de nasalização é sentida como um marcador de Braga pelos falantes de outros dialetos.

### **6. Não elevação do /a/ tónico inicial antes de uma C nasal em ataque, *amo, ano, anho***

A manutenção da abertura da vogal inicial neste contexto, um marcador de B, parece ser uma consequência da sua não nasalização, tal como acontece em *irmã*.

Saliente-se, porém, que no dialeto de Lisboa a nasalização também não é percebida pelos falantes do dialeto e a vogal é elevada, realizando-se como [ɐ]. O facto de não ser percebida, no entanto, não implica que não seja produzida. A nasalização é um processo gradual<sup>[6]</sup>. Isso pode levar a diferentes interpretações por parte de falantes provenientes de diferentes regiões.

Noutros dialetos centro-meridionais, pelo contrário, a nasalização e a elevação são muito claras em termos de produção. Os falantes desses dialetos produzem estas vogais com nasalização e percebem até essa nasalidade na pronúncia dos falantes de Lisboa.

Rodrigues (2012) diz que 26% das formas deste tipo apresentam vogal baixa em Braga em DI, contra 44% na LP, contrariando a tendência para as formas mais marcadas do dialeto de Braga surgirem mais frequentemente nos estilos discursivos menos controlados.

A realização desta vogal como [a] antes de uma consoante nasal em Braga pode surgir em qualquer tipo de falante.

### **7. Ditongação de /o/ em hiato com /a/ do marcador de classe, *melo***

Em contextos como os da palavra *melo* (passíveis da descrição: [[meloN]<sub>Raiz Nominal</sub>[a]<sub>Marcador de classe</sub>Nome) a nasalidade, tal como nos restantes dialetos, não se ancora. A falta de ancoragem da nasalidade deixa as duas vogais

6 Gonzalez (2008) apresenta uma proposta de análise da nasalidade do PE standard e do Galego que se poderá alargar ao dialeto falado em Braga. No que à nasalidade diz respeito os dialetos setentrionais aproximam-se mais dos dialetos galegos do que do PE padrão.

em hiato, contexto estrutural amplamente evitado na história da língua portuguesa. No dialeto falado em Braga, estas estruturas levam à inserção da semivogal [w], para resolução desse hiato. Alguns falantes desencadeiam ainda uma outra mudança, complementarmente, que consiste na perda da labialidade da vogal /o/ ([éwɐ]).

A inserção da semivogal e a consequente centralização da vogal tónica são traços conservadores e marcados de B.

No que se refere à inserção, ela atinge 15% das ocorrências, em LP e DI de diversos tipos de informante (cf. Rodrigues (2002a e b)). Nos falantes licenciados da faixa etária 3 (BF/M33) só surge na leitura, não em DI.

Fonologicamente consiste num espraimento da labialidade à direita, criando-se um ditongo decrescente e, por consequência, pode haver perda do arredondamento do /o/, de modo a evitar que os dois segmentos agora no núcleo partilhem a labialidade. Este último processo dissimilatório atua, portanto, em sentido inverso ao do desenvolvimento da semivogal.

### **8. /v/, com [b] ou [β], em alternância com [v]**

A variável /v/ atinge frequências de ocorrência das suas três variantes muito diferentes de falante para falante e de grupo social para grupo social. A frequência com que aparecem as variantes está relacionada com a instrução, a idade e o sexo. Esta variável gera muitas vezes hipercorreções. Tal como descrito em Rodrigues (2003: 281-292), o fenómeno está em lenta regressão. Apenas uma falante licenciada da faixa etária 3 não apresentou qualquer [b] ou [β]. Essa falante da classe média-alta é professora e manteve sempre um uso padronizado da língua durante a entrevista do CPE-Var, para todos os traços dos quais tinha consciência. As realizações bilabiais são estereótipos de Braga, como dos dialetos setentrionais em geral.

A forma [v] aparece em 66% das ocorrências nos dados do CPE-Var em DI, contra 32.4% de [β] e 1.3% de [b]. Existe variação estilística: maior percentagem de [v] em LP (89.4%) e LF (80.2%) do que em DI, mostrando que nos registos discursivos mais controlados os falantes tentam fazer uso da forma padrão. Esse é o comportamento natural de qualquer falante perante traços linguísticos estereotipados em situação de maior controlo discursivo.

## 5. Fenómenos variáveis comuns a Braga e Lisboa

### 9. Centralização de /e/ tónico antes de palatal (hetero e homossilábica)

Em palavras como *telha*, *tenha*, palavras com /e/ tónico seguido de consoante palatal sonante (/ɲ/ /ʎ/), os falantes de Lisboa apresentam 93,8% de realização [e] ([eɲ] nunca ocorre neste tipo de palavras). A frequência de ocorrência dessa variante desce antes de fricativa palatal (*seja*, *fecha*), onde só ocorre em 64% dos casos, embora aí, a vogal centralizada surja acompanhada de glide em mais 32,3% das ocorrências. A centralização é portanto, mesmo antes de fricativa heterossilábica, quase total em Lisboa.

Os dados de Braga apresentam [e] antes consoante palatal sonante em 58,7% dos casos e vogal central com inserção de glide ([eɲ]) em mais 2,5% (as formas ditongadas neste contexto são exclusivas de Braga, portanto). Antes de consoante fricativa palatal, a forma central da vogal atinge 34,6% das ocorrências, porém, as formas mais frequentes são as que apresentam a inserção de semivogal, 51,2% de [eɲ].

Braga está portanto a centralizar menos do que Lisboa nestes contextos, ainda que a criação do ditongo esteja mais avançada, estendendo-se já aos dois contextos referidos, sensivelmente na mesma proporção.

Se a seguir ao /e/ ocorrer um /S/ como em *sexta* (mas não como em *cesta*, onde é sempre realizada como [e]), a vogal /e/ em L apresenta variação apenas na faixa etária 3. Em algumas células apresenta [e] mais frequentemente do que noutras, como é o caso de LF13, mas a centralização e a ditongação são mais frequentes nas células de licenciados, LF33 e LM33. Há células só com falantes que usam exclusivamente a forma ditongada, tanto das faixas etárias mais altas como mais baixas.

Em Braga, a forma ditongada nas palavras do tipo de *sexta* é maioritária e a única usada por algumas células (Rodrigues, 2003: 133). Tal como em Lisboa, nas palavras do tipo de *cesta* não existe centralização nem ditongação.

Por tudo isto, em contexto pré-palatal, a percentagem de centralização está sujeita a grande variação de contexto para contexto e de cidade para cidade.

Em Lisboa há maior instabilidade nas falantes menos instruídas da faixa etária 3, o que parece estar de acordo com o comportamento habitual de falantes com esse perfil perante um traço variável cuja forma prestigiada não é aparentada com a forma ortográfica (tida, por vezes, como padrão). Elas usam

as formas conservadoras com um [e] mais frequentemente do que os outros falantes, talvez por essa razão.

Em Braga, a idade e a instrução podem interferir nos resultados de contextos específicos, mas não de todos. As percentagens mais altas de centralização em Braga registam-se antes de fricativa heterossilábica.

Em Lisboa a centralização parece ter tido o seu início nas palavras com sonante, onde apresenta percentagens muito elevadas. A frequência da centralização é sempre superior em Lisboa nos diferentes contextos.

Parece tratar-se de uma inovação em Braga, que constitui um marcador linguístico de Lisboa e de Braga, em difusão a partir de das classes mais escolarizadas e do sexo feminino. Consiste numa variante de prestígio, cada vez mais presente em dialetos onde /e/ realizado como [e] sempre foi traço quase identitário, como o do Alentejo.

## 10. Inserção de [j] pré-palatal

A inserção da semivogal não recuada, processo independente da centralização de /e/, ocorre se a vogal for tónica e o segmento seguinte for uma consoante palatal heterossilábica palatal ou um /S/ especificado como Coronal (ou seja, em palavras como *tenha, telha, seja, fecha, sexta*, em Braga e só nas três últimas em Lisboa, nos dados do CPE-Var).

A inserção de [j] apresenta frequências variadas em função do tipo de consoante da sílaba seguinte, nas duas cidades. É um processo em expansão que atinge cerca de 35% das formas com consoante fricativa heterossilábica em Lisboa e cerca de 55% em Braga, sendo bloqueado em Lisboa pelas consoantes sonantes palatais, mas com aplicação menos restritiva em Braga. Em sílabas com /S/ (*sexta*) a inserção ocorre quase sempre, nas duas cidades.

Trata-se de uma inovação, um marcador de Lisboa e de Braga em difusão, contexto a contexto e na grelha social. Os falantes com mais idade tendem a preferir a forma não centralizada, mas apresentam mesmo assim a inserção da semivogal.

Os resultados de inserção de [j] em Lisboa do CPE-Var são mais elevados (32.2% antes de sibilante heterossilábica) do que os observados em Barros (1994: 169), 17.7% (registados só antes de sibilante). Isso mostra que o processo se encontra em franca expansão.

### 11. Fricatização das oclusivas vozeadas

A fricatização (realização de [β], [ð], [ʎ], para /b/, /d/ e /g/, respectivamente) atinge, em Braga, valores médios de produção nos licenciados de ambos sexos com idades entre os 26-39 anos: 55% das ocorrências de /b d g/ e cerca de 40% em Lisboa (estes grupos sociais tendem a servir de modelo para os restantes falantes e por isso Rodrigues (2003: 388) associa o seu modo de falar ao padrão do português europeu), embora a frequência varie de oclusiva para oclusiva, tal como acontece nos falantes das duas cidades com menos instrução da mesma faixa etária. Os dados permitem concluir que a fricatização ocorre nas duas cidades em concorrência com as produções oclusivas, mais típicas de dialetos centro-meridionais, mas, em Braga, a fricatização está mais adiantada do que em Lisboa.

A fricatização é mais frequente em contexto intervocálico, embora também possa surgir em ataque silábico complexo nas duas cidades.

A fricatização ocorre mais no caso da oclusiva dorsal /g/ do que no da labial /b/. /d/ é de todas as oclusivas a que apresenta frequência mais baixa da fricatização, em conformidade com a assimetria das coronais na fonologia da língua (e universalmente).

Este processo tem portanto condicionamento misto quer por fatores estruturais e contextuais, quer por fatores sociais.

### 12. Queda de /r/ em coda final

A queda da vibrante simples em coda ocorre um pouco mais frequentemente em Braga do que em Lisboa, rondando em ambas as cidades os 35% das ocorrências no CPE-Var (Rodrigues (2003) e Mateus e Rodrigues (2004)). Este facto, tão associado à pronúncia brasileira, tem portanto expressão significativa também em PE.

A frequência da queda em PE está relacionada com o contexto seguinte: raramente ocorre se o segmento for seguido de vogal, apesar de ocorrer antes de consoante entre 50 e 75% dos casos. Em final de frase, o /r/ é muitas vezes ressilabificado em ataque de sílaba, devido à inserção de uma vogal à sua direita.

O desaparecimento do /r/ não apresenta distribuição diferenciada por grupos socioculturais nas duas cidades estudadas. Trata-se portanto de um traço cuja variação está estritamente associada a fatores linguísticos.



### 13. Realização de /r/ em ataque com vibrante múltipla dento-alveolar [r]<sup>7</sup>

A vibrante em posição inicial de palavra ou a seguir a uma coda ou N costuma ser realizada em PE como [R] (*rato, Israel, palra, carro, <sup>[8]</sup>tenro*). Todavia, a língua ainda admite variação. Nestes contextos, a vibrante /r/ pode igualmente ser realizada como [r]. A frequência de [r] é relativamente baixa nas duas cidades, no entanto. Lisboa apresenta a vibrante múltipla anterior em 16.4% das ocorrências e Braga em 23.6% em posição inicial, por exemplo. A forma [r] é menos frequente ainda em posição interna: Lisboa apresenta-a em 12.4% dos casos e Braga em 21.4% (Rodrigues, 2003: 258-262).

A forma anterior [r] restringe-se a alguns falantes das faixas etárias 3, 4 e 5 (todas acima dos 26 anos).

Normalmente, cada falante escolhe intuitivamente a sua variante, usando-a em todos os contextos apropriados. Porém, há casos de falantes que oscilam, usando ora formas anteriores, ora formas não anteriores. Esses, geralmente, apresentam mais frequentemente as formas não anteriores do que [r], mostrando que estão já muito recetivos à mudança [r] > [R].

### 14. /oU/ realizado como [o]

A monotongação do ditongo decrescente /oU/ em Lisboa está concluída, ao contrário do que acontece em Braga, onde constitui uma inovação, com valores próximos de 30% das ocorrências somente. Ocorre mais frequentemente na fala das mulheres do que na dos homens e mais na das mais instruídas do que na das com menos instrução. É mais frequente nas faixas etárias mais baixas do que nas mais altas, embora esteja presente na pronúncia de todos os falantes de Braga (Rodrigues 2003: 127-128).

Devido à sua distribuição por grupos sociais em Braga, a presença de [o] é seguramente um traço inovador do PE padrão em expansão, liderado pelas falantes femininas mais instruídas na cidade de Braga.

<sup>7</sup> /r/ em ataque interno é sempre realizado como [r].

<sup>8</sup> Analisamos *carro* como Mateus e Andrade (2000), i. é, com /r. r/.

## 6. Observações finais

Dos catorze aspetos da fala bracarense descritos acima, oito não ocorrem em Lisboa. Por essa razão e por um conjunto de outras razões não exploradas aqui como a entoação (entre outros traços fonológicos e fonéticos), o português falado em Braga é significativamente diferente do PE standard em termos fonéticos.

Foram listados seis aspetos comuns a Lisboa e a Braga, cinco dos quais se encontram em clara difusão em PE: a centralização de [e], a inserção de [j], a fricativação de /b/, /d/ e /g/, a queda de /r/ e a monotongação de /oU/. O sexto /r/ em Ataque silábico encontra-se em regressão. Podemos ver que a fala de Braga está a mudar no mesmo sentido da de Lisboa. Há vários fenómenos nos quais a variação tem condicionamentos contextuais e condicionamentos socioculturais ((9) centralização, (10) inserção de [j], por ex.), há outros cujo condicionamento é social, como o (1) alongamento vocálico, (8) /v/, (2) labialização, (14) /oU/, etc.; e há ainda fenómenos nos quais o condicionamento é contextual ((12) queda do /r/).

Dos oito fenómenos de Braga descritos, só um constitui um estereótipo, a variável /v/. Quanto a esta variável, verificou-se nos dados do CPE-Var que, por a situação da entrevista envolver uma entrevistadora de outra variedade linguística, houve acomodação e a tentativa de minimizar a ocorrência das formas mais estigmatizadas, a par de múltiplas hipercorreções. Braga muda, para não ter a forma mais estigmatizada. Convirá verificar se, nos dados do Projecto Sociolinguístico da Fala Bracarense (PSFB) em curso no CEHUM, [v] ocorre mais ou menos, para se perceber o sentido da mudança e se o efeito de acomodação é menor.

Os sete fenómenos que constituem marcadores da fala de Braga não sofrem tanta pressão para a mudança como /v/, ainda que falantes de outras regiões se possam aperceber de algumas das diferenças fonéticas existentes. Como não estão sujeitos a tanta vigilância por parte dos falantes, estes traços podem manter-se, mesmo sendo traços conservadores, preservando a identidade do dialeto.

O traço (1) Alongamento vocálico, como só foi evitado pelos licenciados no CPE-Var e tem frequência muito elevada, tenderá a ser preservado.

O contrário deverá passar-se com o traço (2) Labialização, devido à sua distribuição social, que é propícia à mudança e, mesmo ao traço (3) /i/ realizado como [i] ou [e], embora este último tenda a mudar mais lentamente.

O traço (2) Labialização, é dos mais salientes da fala bracarense, apesar de apresentar já frequência baixa. Como tem mais expressão só nos falantes do sexo masculino e no grau de instrução mais baixo, está em franca regressão.

O traço (3) /i/ realizado como [i] ou [e], é também claramente associado à fala de Braga pelos falantes de outros dialetos e, como nos verbos gera algumas formas homófonas, é avaliado negativamente (exceto em Braga). Não sendo muito numerosas essas formas, o traço poderá manter-se em Braga durante muito tempo.

Chegados a este ponto, resta-me dizer que os traços relacionados com a nasalidade, uma vez que não estão ainda suficientemente contabilizados, não nos permitem ainda extrair conclusões relativas ao percurso da mudança linguística. Relembro, uma vez mais, que as tendências de mudança que indico foram observadas em tempo aparente apenas.

Para além das comparações com os dados recolhidos mais recentemente no PSFB, seria útil replicar as entrevistas com os mesmos informantes do CPE-Var, se tal fosse possível.

## Referências

- BARROS, Rita Queirós (1994), *Contributo para uma análise sociolinguística do Português de Lisboa: variantes de /e/ e /ɛ/ em contexto pré-palatal*, Tese de Mestrado, FLUL.
- CASTRO, I., 2006, “Norma linguística e ensino do português”, In *Caderno Escolar. Pensar a Escola*, n.º 3, Lisboa, p. 30-34. [disponível em [http://www.clul.ul.pt/files/ivo\\_castro/2006\\_Norma\\_e\\_ensino.pdf](http://www.clul.ul.pt/files/ivo_castro/2006_Norma_e_ensino.pdf); consultado em 08.02.2013].
- GILES, Howard and Peter POWESLAND (1975), *Speech Style and Social Evaluation*, Academic Press, New York.
- GONZALEZ, Marcos Garcia (2008), *Português Europeu e Galego: estudo fonético e fonológico das consoantes em rima medial*, Tese de Mestrado, FLUL.
- LABOV, William (1966), *The Social Stratification of English in New York City*, Washington, D.C., Center for Applied Linguistics.
- LABOV, William (1984), “The intersection of sex and social factors in the course of language change”, Paper presented at N.W.A.V.E., Philadelphia.
- LABOV, William (1994), *Principles of Linguistic Change, Internal Factors*, vol. I, Blackwell, Cambridge e Oxford.
- LABOV, William (2001), *Principles of Linguistic Change, Social Factors*, vol. II, Blackwell, Massachusetts e Oxford.
- MATEUS, Maria Helena Mira and Ernesto d’ANDRADE (2000), *The Phonology of Portuguese*, London, Oxford University Press.

- MATEUS, Maria Helena Mira e Celeste RODRIGUES (2004), “A vibrante em Coda no Português Europeu.” In *Actas do 19º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, APL, Lisboa, p. 289-299.
- MARTINS, Ana Maria e Gabriela VITORINO (1989), “Palatalisation et Velarisation Conditionnées de la Voyelle Tonique dans Certains Dialectes Portugais. Evolutions Identiques dans l’Espace Roman,” In *Espaces romans études de dialectologie et de géolinguistique offertes à Gaston Touaillon*, Vol. II, ELLUG, Univ. de Sthendal – Grenoble 3, pp. 330-356.
- MOTA, Maria Antónia, Celeste RODRIGUES e Elisabete SOALHEIRO (2003), “Padrões Flexionais dos pretéritos fortes em PE falado setentrional”, in CASTRO, Ivo e Inês DUARTE (orgs.) (2003), *Razões e Emoção*, Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus, INCM, Lisboa, vol. II, p. 129-155.
- PRESTON, Dennis (1989), “Standard in English spoken here: the geographical loci of linguistic norms”, In AMMON, Ulrich. (ed.) (1989), *Status and Function of Languages and language Varieties*, Berlin, de Gruyter, p. 324-54, [citação da p. 327, *apud* MACAULEY, Ronald (1997), *Standards and variation in urban speech*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam and Philadelphia, p. 32-33.].
- RODRIGUES, Celeste (2002a), “Variação Linguística em Porto”, In *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP*, CLUP, Porto, vol. I, p. 119-130.
- RODRIGUES, Celeste (2002b), “Questões de Espreadimento”, *Actas do 17º Encontro Nacional da APL*, Lisboa, p. 419-432.
- RODRIGUES, Celeste (2003): *Lisboa e Braga: Fonologia e Variação*, FCT-FCG, Lisboa.
- RODRIGUES, Celeste (2012), “Variantes não-standard e tipo de discurso: (des)encontro de resultados”, In COSTA, Amanda e Inês DUARTE (orgs.) (2012), *nada na linguagem lhe é estranho*, Vol. em Homenagem a Isabel Hub Faria, Afrontamento, Porto, p. 215-228.
- RODRIGUES, Celeste e Fernando MARTINS (2000), “Espaço acústico das vogais acentuadas de Braga”, In *Actas do 15º Encontro Nacional da APL*, APL, Braga, vol. II, p. 301-317.
- TAGLIAMONTE, Sali (2006), *Analysing Sociolinguistic Variation*, Key Topics in Sociolinguistics, CUP, Cambridge.

PROJECTO  
ESTÉTICAS DA BREVIDADE.  
NARRAÇÕES ORAIS E MICRONARRATIVAS



# RÉCIT SANS NARRATIVITÉ, NARRATIVITÉ SANS RÉCIT. TEMPS ET MUTATIONS DU CONTE DANS LA SÉRIE MICROFICTIONNELLE *PETITS CHAPERONS*, DE JOSÉ LUIS ZÁRATE

Cristina Álvares  
UNIVERSIDADE DO MINHO

*Petits Chaperons* est une série de micronouvelles sur *Le Petit Chaperon Rouge*, où la configuration du temps est l'expression privilégiée des bouleversements que ce genre d'écriture cause à la structure narrative du conte. Quelle est la forme narrative du temps aussi bien au sein de chaque microfiction que dans leur rapport les unes aux autres ? De quelle(s) façon(s) la temporalité microsérielle affecte la narrativité du conte ? En effet, la définition classique de récit fait du temps son critère majeur. Selon Gérard Prince, le récit est “the representation of at least two real or fictive events in a time sequence” (Prince, 1982:4)<sup>[1]</sup>. La séquence temporelle n'implique pas forcément un rapport de causalité entre les événements, ce qui est le propre du conte<sup>[2]</sup>; elle implique tout simplement un rapport temporel entre eux. Nous décrivons les deux opérations qui bouleversent la continuité temporelle du récit traditionnel dans les micronouvelles, en produisant soit des récits sans narrativité, soit de la narrativité sans récit.

---

1 Voir aussi Campato Júnior, J-A., ‘Tempo’ in Ceia, C., dir., *E-Dicionário de Termos Literários*, 2010: [http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com\\_mtree&task=viewlink&link\\_id=35&Itemid=2](http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=35&Itemid=2)

2 On peut dire, avec Christian R. Hoffmann, que la temporalité est le critère nécessaire du récit, tandis que la causalité en est un critère suffisant (Hoffmann, 2007:3). Wolf Schmid exprime un avis semblable, tout en remarquant que le discours narratif n'explique pas les connexions causales entre des événements selon un principe du type “after this, therefore because of this”. Ces connexions existent dans le monde narré et sont interprétées par le lecteur. La causalité n'est donc pas nécessaire à la définition de la narrativité. “A text is already narrative if it contains only temporal connections” (Schmid, 2010:4).

La voie est ainsi ouverte à l'interrogation sur le rôle de ces opérations dans les mutations contemporaines du conte et leur signification dans la confrontation de la transmission de la mémoire collective avec le monde postmoderne.

## 1. Petits Chaperons: de la twittérature à la littérature

José Luis Zárate est un écrivain mexicain contemporain, auteur de récits fantastiques, de science-fiction et de twittérature<sup>[3]</sup>. Les microfictions ou micronouvelles qu'il a dédiées au Petit Chaperon Rouge<sup>[4]</sup> ont été traduites de l'espagnol en français par Jacques Fuentealba, lui-même auteur et critique de micronouvelles, spécialiste des genres populaires et traducteur d'auteurs hispaniques. *Petits Chaperons* a été publié en mini-livre (7cm/9cm), dans une collection consacrée à la microfiction dirigée par Jacques Fuentealba, chez Outworld<sup>[5]</sup>, un éditeur périphérique et paralittéraire, spécialiste de BD, science-fiction et *fantasy*. On remarquera la double transposition linguistique et médiatique subie par les micronouvelles de Zárate: traduites de l'espagnol en français, elles se sont déplacées de Twitter au livre imprimé. La transposition des textes d'un espace *online* à un espace *offline* entraîne un régime de lecture différent, car on ne lit pas une série numérique comme on lit un recueil imprimé. Le mini-livre est un objet qui résulte du découpage d'un segment prélevé dans le flux numérique virtuellement infini. Ce segment (le recueil) assume dans le livre une forme linéaire interchangeable qui propose un ordre de lecture. Au lecteur de le suivre ou non, car *Petits Chaperons* peut se lire dans n'importe quel ordre. Mais sur *Twitter* les textes se succèdent verticalement, en liste, tout en étant susceptibles de lectures multilinéaires, réticulaires et interactives, ce qui est impossible dans le livre. Internet permet au lecteur de bâtir de multiples parcours de lecture dont l'interactivité établit entre lui et l'auteur un lien de proximité qui se trouve annulé dans le livre. Aussi la double transposition interlinguistique et intermédiaire des micronouvelles de Zárate, opérée par

3 Son blog se trouve à <http://zarate.blogspot.pt/>

4 *Petits Chaperons* n'est pas la première réécriture du conte de Perrault en forme de microfictions. En 1989, Gilbert Lascault a publié chez Seghers *Le Petit Chaperon rouge, partout*, cinquante récits brefs, quelques-uns hyperbrefs, qui recyclent ce conte de fées.

5 Outworld est un éditeur marginal, voire contreculturel, dont le nom suggère sa position ex-centrique (hors-monde) tandis que le recours à l'anglais souligne sa visée de communication planétaire (bien dans le monde). <http://www.outworldeditions.com/>



Fuentealba, accomplit-elle la transition entre la *twittérature*<sup>6</sup>, autrement dit le numérique, le continu, le processus, l'éphémère, l'accès gratuit, et l'oeuvre littéraire: le livre, le discontinu, l'achevé, le durable, la valeur marchande. Cette position signale la double appartenance des micronouvelles aux nouveaux et aux vieux médias ainsi qu'aux espaces para-institutionnels et aux circuits culturels officiels. Cette double appartenance indique aussi la persistance de la fonction légitimante du livre et du champ littéraire. Tout se passe effectivement comme si la production numérique était ressentie comme insuffisante ou inconsistante ou précaire et devrait être parachevée par la parution en livre *pour tenir*. Des auteurs de microfictions comme Jean-Louis Bailly ou Éric Chevillard ont suivi la même démarche: blog d'abord, livre ensuite. Dans le cas de Zárate, le transfert du nouveau au vieux média se dédouble de la traduction de l'espagnol en français.

## 2. Structure interne

Dans *Petits Chaperons*, chacune des micronouvelles est un récit autonome qui donne une version contrefictionnelle, parodique et humoristique du conte, réduit à un détail, à une action ou à un instant. En voici quelques exemples:

Avec quelle joie le Petit Chaperon rouge se précipite dans le bois avec le goûter destiné à sa grand-mère depuis longtemps morte.(4)<sup>7</sup>;

Les bêtes attaquent en meute, elles tuent en groupe. L'un traita le Petit Chaperon de catin, l'autre la frappa, le village entier marcha sur elle(57);

Le jeune homme regarda son duvet pubien, sûr que la transformation qui comblerait le Petit Chaperon rouge venait de commencer (22);

Le chasseur sortit du loup, miraculeusement encore en vie, le Petit Chaperon, la mère-grand, trois petits cochons et un homme perdu qui dit s'appeler Geppetto.(23);

6 L'Institut de Twittérature Comparée (ITC) a été fondé à Montréal et à Bordeaux en 2010 par Jean-Yves Fréchette et Jean-Michel Le Blanc <http://www.twitttexte.com/ScriptorAdmin/scripto.asp?resultat=734326>.

7 Les pages n'étant pas numérotés, nous indiquons ainsi la position du texte cité dans la série.

Après avoir rendu visite au Petit Chaperon, le loup ne peut abattre d'un souffle la maison de paille du petit cochon (34).

On constate que dans chaque micronouvelle un segment ou détail de l'histoire est donné en bloc, d'une seule fois, dans un récit singulatif (raconter une fois ce qui s'est passé une fois) qui emploie soit le passé simple (*traha, frappa, marcha, regarda, sortit*), soit le présent historique (*se précipite*). L'ellipse (un segment nul du récit correspond à un lapse de temps x) condense et comprime à l'extrême la syntagmatique narrative de chaque petit récit, si bien qu'il n'y a pas une histoire qui progresse, une séquence d'actions, comme dans le conte; et par conséquent le temps ne se déroule pas en temporalité mais se replie et concentre sur l'instant de l'action isolée et parfois de son résultat immédiat. Dans celle-ci le cadavre du Petit Chaperon est le résultat direct du vol de la hache: 'La hache vola. Le village entier accueillit le chasseur en héros quand il revint avec le cadavre de cette dévergondée de Petit Chaperon' (17).

Cette contraction de la temporalité et donc de la séquentialité, qui découle de la fréquence singulative et de l'ellipse (la durée n'a pas d'expression narrative), fait des micronouvelles ce que Mireille Macé appelle des 'récits sans narrativité' (Macé, 2010: 218).

Cette sélection montre non seulement que chaque petit récit est une unité narrative mais aussi que chacun est une minuscule version alternativa du conte auquel il réfère, en faisant zoom sur un segment ou un détail pour le modifier et/ou en inventant d'autres détails.

Le premier récit cité (4) semble répéter le début du conte, lorsque le Petit Chaperon s'apprête à rendre visite à la Grand-Mère, mais l'addition du complément temporel 'depuis longtemps morte' relance le récit dans un temps qui s'étend bien après le dénouement. La répétition du début de l'histoire devient alors si ostensiblement absurde - à quoi bon apporter le goûter à quelqu'un qui est déjà mort? - que la joie du personnage prend une signification autre: ce n'est sûrement pas le rendez-vous avec la Grand-Mère qui le rend joyeux mais le rendez-vous avec le Grand Méchant Loup: la tension narrative du conte est remplacée dans la micronouvelle par la tension pulsionnelle. L'innocence du Petit Chaperon Rouge disparaît aussitôt. Cette expansion de l'histoire réinterprète le conte, en explicitant la signification sexuelle. Le second récit cité (57) présente un dénouement alternatif: le meurtre collectif du Petit Chaperon, dénouement par ailleurs contrarié dans la 17<sup>e</sup> micronouvelle où c'est le Chasseur qui tue le Petit Chaperon. Le troisième réécrit le conte dans le regis-

tre érotique fantastique (loup-garou). Le quatrième (23) reprend la séquence finale rajoutée par Grimm au conte de Perrault dans laquelle le Loup 'accouche' du Petit Chaperon et de sa grand-mère, mais Zárata a ajouté des personnages issus d'autres contes, en l'occurrence les trois petits cochons et le père de Pinocchio. Le récit 34 donne une version croisée du conte (croisement avec le conte des trois petits cochons) qui suggère encore une fois les amours du Petit Chaperon et du Loup. On peut dire donc que la série consiste en une pluralité de différentes versions du conte.

### 3. Structure externe

L'autonomie de chaque micronouvelle est mise en relief non seulement par l'action unique mais aussi par l'absence de continuité logico-narrative entre les récits. Cet échantillon montre que les micronouvelles s'organisent selon le principe de la parataxe: elles se succèdent sans ordre, sans hiérarchie et sans cohérence et c'est pourquoi on peut lire le livre dans n'importe quel ordre. La pluralité des *Petits Chaperons* découle de cette rupture de la syntagmatique narrative du conte en des récits autonomes, brusques et discontinus. La série parataxique opère ainsi la désintégration du conte. Dans celui-ci l'histoire se construit progressivement en suivant un enchaînement logique de causalités. Par contre dans la série il n'y a de déroulement du fil de l'histoire (trame) ni au sein de chaque récit ni dans le rapport des micronouvelles les unes aux autres. Si chaque micronouvelle est en elle-même une unité narrative (bien que ce soit un texte ouvert dont le sens n'est saisi qu'en référence au conte), au niveau de la série elles ne forment pas de totalité. Il n'y a ni internement ni extérieurement d'enchaînement d'actions à effet de séquence. Internement, la fréquence singulative épuise la temporalité, comme on a déjà vu. Extérieurement, au niveau de la série, aucun ordre temporel ne lie les microfictions les unes aux autres. Elles flottent comme des îles.

Ces îles relèvent moins du fragmentaire<sup>[8]</sup> que de ce que Lauro Zavala, théoricien de la *minifcción*, appelle le fractal, propriété majeure selon lui de l'esthétique postmoderne:

8 Écrivains et théoriciens des microrécits ont discuté la définition de ce genre de textes en tant que fragments. Dans son site, Tania Hershman, auteure de *flashfiction*, écrit: "Every word, every comma, every line break is crucial in these tiny fictions. While their extreme brevity allows for a looser definition of the beginning-middle-end story structure, these are not "fragments", they are complete unto themselves" (<http://www.taniaherhman.com/thewhiteroadflash.htm>).

La serialidad, como ha sido señalado en diversas ocasiones, pone en crisis el concepto moderno de fragmento (y su lugar de origen, es decir, la totalidad), sustituyéndolo por la noción posmoderna de detalle (es decir, de la posibilidad de que este mismo fragmento sea leído de manera totalmente autónoma en relación con la totalidad de la que surge). En el contexto de la teoría literaria, la posibilidad de que un segmento cualquiera de una obra unitaria pueda ser leído indistintamente como fragmento (es decir, como un texto que requiere de la totalidad a la que pertenece para cobrar sentido) o como detalle (es decir, como un texto que puede ser leído de manera completamente independiente de esa totalidad originaria) recibe el nombre de fractal. Un fractal literario es simultáneamente un fragmento y un detalle, es decir, es parte de una totalidad (como la novela) y es simultáneamente un texto autónomo (como el que se puede encontrar en una antología)'.  
Zavala, 2009:41

La micronouvelle apparaît ainsi comme le genre littéraire qui radicalise le processus d'érosion que l'expérimentalisme littéraire a fait subir à l'intégrité narrative depuis l'avènement du modernisme et des avant-gardes. De ces expériences du début du XXe siècle découle l'esthétique de la brièveté (Nuñez Sabaris, 2012), revivifiée par la déconstruction postmoderne des 'grands récits' (Lyotard, 1979, 1988) et par les contraintes matérielles et technologiques des nouveaux *medias* qui ont disponibilisé de nouveaux espaces pour l'écriture et la lecture. Le fait que l'intégrité narrative est ici représentée par un conte conventionnellement classé comme conte de fées et non pas par un conte littéraire moderne a un effet de décentrement ironique par rapport au champ littéraire et à son régime de fonctionnement, ce qui ne semble pas inattendu dans un auteur publiant chez un éditeur périphérique et paralittéraire comme Outworld.

#### 4. Temps comprimé, temps non-orienté

Sérialité et séquentialité divergent comme discontinuité et continuité, paradigmatique et syntagmatique. La série est a-chronologique. Dans la BD patrimoniale ou dans les romans populaires en série (Rocambole, Fantômas), le héros n'a de passé ni de futur, il ne vieillit pas et, évidemment, ses aventu-

---

De même, David Roas, dans *Poéticas del microrrelato*, conteste "la (supuesta) dimensión fragmentaria del microrrelato" et affirme que, tout comme le conte, le microrécit est "una entidad autónoma y suficiente, una unidad estructural acabada, cerrada, en lo que se refiere a su dimensión puramente formal" (Roas, 2010:21).

res ne sont pas chronologiquement articulées. L'achronie de la série fait que les actions racontées dans chaque micronouvelle ne se succèdent pas mais se trouvent dispersées ou émiettées dans un temps désorienté.

Il est impossible au lecteur de reconstituer virtuellement une séquence de l'histoire. La coexistence de plusieurs dénouements incompatibles rend impossible le *single effect* du conte - l'unité d'effet étant, selon Poe, la caractéristique majeure du conte. On pourrait dire que la série est de la narrativité sans récit: une pluralité de petits récits épars qui ne forment pas de totalité narrative, qui ne forment pas une histoire, et flottent dans un temps non-orienté - alors que chaque micronouvelle est un récit sans narrativité (temps comprimé par le singulatif et l'ellipse). Si l'on compare le conte à un corps, les micronouvelles correspondent à des membres et des organes épars mais aussi à des excroissances et des prothèses (les éléments étrangers au conte, les contrefictions et les croisements) qui dé- et re-composent un montage instable et discontinu.

C'est donc au niveau de la série, là où la discontinuité se manifeste, que chaque micronouvelle, pourtant pourvue d'autonomie lorsque considérée isolément, semblerait apparaître comme un fragment du conte, le conte en tant que totalité. Mais tel n'est pas le cas car en fait le conte, la série l'a troué et détotaillé et il n'en reste que des bribes qui sont autant de versions partielles, désarticulées et hétéroclites.

## 5. Série et conte

La série porte la mémoire du conte ou de ce que l'on peut considérer sa version officielle ou canonique, celle de Perrault-Grimm. Zérate réfère toujours Perrault, qui est par ailleurs personnage de quelques microfictions, mais sa source est aussi bien Perrault que Grimm. La version de Perrault finit avec la dévoration du Petit Chaperon par le Loup. Mécontent de ce dénouement tragique, Grimm a créé le personnage du Chasseur qui tire du ventre du Loup la fillette et sa gran-mère encore vivantes. Or le Chasseur est un des quatre personnages principaux de la série microfictionnelle: Petit Chaperon, Loup, Grand-Mère, Chasseur. C'est la récurrence de ces figures qui établit le cadre fictionnel de chaque récit hyperbref, sans lequel le récit serait indéterminé au point d'être incompréhensible. Leur présence constante fait la cohésion (non pas la cohérence, qui concerne l'axe syntagmatique, mais la cohésion) de la série. Cette

cohésion ne soutient pourtant pas une version alternative du conte mais des versions insusceptibles de constituer une unité logico-narrative (bien qu'il y ait une unité fictionnelle). D'où le pluriel du titre: *Petits Chaperons*.

Le conte est bien le modèle du récit bref mais d'un récit bref pourvu d'unité, de cohérence et de continuité narratives et diégétiques. Le conte de fées notamment peut être pris comme le modèle du récit clos, qui emploie des formules d'ouverture – *il était une fois* – et de clôture – *ils vécurent heureux*. Par contre, la série de récits hyperbrefs fait éclater cette intégrité narrative en de multiples récits discontinus et incompatibles du point de vue d'un déroulement narratif: ce sont des restes. Le conte garde l'ordre de succession des actions dans une totalité (la clôture du conte); alors que dans les micronouvelles la totalité est absente et la succession ne suit aucun ordre chronologique. La micronouvelle n'est pas un fragment ou une fraction d'une totalité perdue susceptible d'être recomposée: impossible de refaire ou parfaire un conte (une unité narrative) à partir des micronouvelles de Zárata. Les éclats ne collent pas les uns aux autres, les pièces du *puzzle* ne rentrent pas les unes dans les autres. Leur ensemble à jamais délié, détotalisé, pluriel et ouvert fait obstacle à tout projet d'ordre narratif. L'effet de la série n'est pas de séquence et d'enchaînement, mais d'accumulation parataxique de tout petits récits. Par conséquent, la série prive le récit de celle qui est, selon Peter Brooks, sa caractéristique majeure: la vectorialisation (*its boundedness*), autrement dit le fait que le récit est dirigé, qu'il avance vers un but, qu'il est finalisé<sup>[9]</sup>. Le conte de fées est un récit fortement vectorialisé dans la mesure où le temps se structure en un ordre séquentiel qui organise une succession d'événements aboutissant à la révélation d'une vérité narrative. C'est ce que Lauro Zavala appelle *el final epifánico* propre au conte classique (Zavala, 2007:129). Toute en dé-vectorialisant le récit au moyen des dénouements multiples, la série microfictionnelle défait la dimension téléologique et épiphanique du conte et rejette les idées de causalité, de finalité et d'anagnorisis qui le sous-tendent. Les micronouvelles mettent en place une nouvelle conception du narratif qui implique des mutations de la forme du temps:

9 Dans l'introduction à *Reading for the Plot*, Peter Brooks dit qu'il s'intéresse particulièrement à la question de «temporal sequence and progression» (Brooks, 1984: xi). La notion greimassienne de schéma narratif canonique relève d'un postulat pareil puisque le dispositif syntagmatique est finalisé (intention).

- temps comprimé au sein de chaque micronouvelle (une action et son effet immédiat) – récit sans narrativité;
- temps non-orienté ou désorienté au sein de la série – narrativité sans récit.

## **6. Les micronouvelles, versions postmodernes des contes**

Le temps apparaît ainsi comme une question centrale au cœur des mutations du conte opérées par les micronouvelles. Celles-ci relèvent du rythme accéléré de la vie contemporaine, lequel n'est que l'intensification de la vitesse de la modernité. Mais l'écriture microfictionnelle témoigne sans doute de l'attitude postmoderne par rapport conjointement au temps et au récit. Marquée par la chute des méta-récits d'émancipation universelle (Lyotard, 1979), grands récits progressistes structurant le temps - le passé, le présent et un futur meilleur (utopie, paradis) – sur une conception téléologique de l'Histoire, la postmodernité a discrédité la notion d'un temps qui progresse vers un but. L'avenir est incertain, sans direction, voire sans issue; on ne s'engage ni dans la transmission (de la tradition) ni dans la transformation de la société (en vue de l'émancipation universelle). Selon Sophie Bertho, dans le temps postmoderne la continuité est remplacée par la soudaineté. Il n'y a pas d'articulation entre passé, présent et futur, les moments temporels discontinus (culte de l'ici et maintenant) se présentant juxtaposés et s'entrechoquant (Bertho, 1992: 93). N'est-ce pas bien là l'effet produit par la lecture de micronouvelles? Un tel effet est particulièrement sensible dans des micronouvelles qui recyclent un conte, comme celles de Zárate. Le conte est le modèle du récit continu et vectorialisé et en cela il a un méta-récit comme référence implicite, le méta-récit étant le Récit selon lequel tous les autres s'organisent. En réécrivant le conte, la série microfictionnelle se présente comme une écriture alternative: au lieu du temps séquentiel des méta-récits et des récits qui en relèvent, dont les contes, les microrécits proposent le temps compacté et non orienté des événements multiples, minuscules et instantanés.

## Références

- BERTHO, Sophie (1992), 'Temps, récit et postmodernité', *Littérature*, 92, p.90-97.
- BROOKS, Peter (1984), *Reading for the Plot: Design and Intention in Narrative*, New York: Vintage.
- HOFFMANN, Christian R.ed. (2007), *Narrative Revisited*, Amsterdam: Benjamin.
- LYOTARD, Jean-François (1979), *La condition postmoderne*, Paris: Minuit.
- , Jean-François (1988), *Le postmoderne expliqué aux enfants*, Paris: Galilée.
- MACE, Mireille (2010), '«Le total fabuleux»: les mondes possibles au profit du lecteur' in Lavocat Françoise (Org.), *La théorie littéraire des mondes possibles*, Paris, CNRS, pp.205-2.
- NUÑEZ SABARIS, Joaquín (2012) 'Génesis y consolidación del microrrelato español' texto da conferência não publicado.
- PRINCE, Gerald (1982), *Narratology. The Form and Functioning of Narrative*, Amsterdam: Mouton.
- ROAS, David, ed. (2010) *Poéticas del microrrelato*, Madrid: Arco.
- SCHMID, Wolf (2010), *Narratology. An introduction*, Berlin/NY: De Gruyter.
- ZÁRATE, José Luís (2011), *Petits Chaperons*, Paris: Outworld.
- ZAVALA, Lauro (2007), *La ficción posmoderna como espacio fronterizo Teoría y análisis de la narrativa en literatura y en cine hispanoamericanos*, Ciudad del México: El Colegio del México.
- , Lauro (2009), 'Los estudios sobre minificción: Una teoría literaria en lengua española', *El cuento en red*, 19, p.37-44.



# **CORPO-SEM-ÓRGÃOS, EFEITO ESTÉTICO (HISTÓRIAS DO) CINEMA. SOBRE *FLIP-BOOK*, DE JÉRÔME GAME<sup>[1]</sup>**

Sérgio Guimarães de Sousa  
UNIVERSIDADE DO MINHO

## **1.**

A emergência da sétima arte, bem no início do século XX, constituiu um momento de especial significado, como hoje sabemos, para o campo literário. Não apenas porque se nutriu fartamente da literatura para produzir, em quantidades avultadas, metragens, mas também porque atravessou em grande medida a literatura, ajudando-a, inclusive, a definir-se tecnico-narrativamente. Refiro-me, como é bom de ver, à contaminação que o cinema exerceu – e exerceu decisivamente, a avaliar pelos grandes autores que se filiaram nos expedientes técnico-narrativos oriundos do ecrã – nas diversas modalidades estéticas e expressivas da literatura, como muito bem já mostrou, em *L'âge du Roman Américain*, Claude-Edmonde Magny, a propósito dos escritores da chamada *Lost Generation*. Autores como Hemingway ou John Dos Passos, com efeito, dificilmente se podem ler fora desse enquadramento fílmico que é o uso, em instância literária, do “camera eye style”, por exemplo. Essa moldura cinematográfica, que também dá pelo nome de “mostração”, (Gaudreault), facultou a representação, em registo marcadamente audiovisual, dos ambientes e das personagens, isto é, desembaraçou os romancistas da tradicional explicação a cargo de um narrador onisciente e onnipresente. Em consequência, a lite-

---

1 Texto escrito no âmbito do projeto PTDC/CLE-LLI/103972/2008 Mutações do conto nas sociedades urbanas contemporâneas, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

ratura aprendeu (ou reaprendeu, se considerarmos as potencialidades visuais de existentes textuais anteriores ao cinema) a segmentar o texto recorrendo à montagem, configurando espaços em planos e fazendo uso sistemático da elipse e do multiperspectivismo. Quanto à figura do narrador, procurou-se ocultá-la tanto quanto possível. O que deu azo a uma prática discursiva assente privilegiadamente em focalizações externas, restritivas e não-interventivas.

O cinema prosseguiu caminho pelos meandros da literatura com os Surrealistas e com o *Nouveau Roman*. No primeiro caso, a arte do ecrã adaptou-se modelarmente aos pressupostos dos surrealistas. De facto, não é difícil ver (é caso para dizer) no desfilhar de imagens numa sala de cinema uma metáfora ideal do inconsciente a céu aberto preconizado pelos estetas do surrealismo, que assim celebraram, a seu modo, a presença da ontologia visual no discurso literário e adotaram sem reservas a mitologia do cinema, a avaliar pelos poemas que tomaram como protagonistas atores como Charlie Chaplin e Buster Keaton, para referir os mais famosos. Com o *Nouveau Roman*, o regime de assimilação (digamos assim) foi, como seria de esperar, bem diferente. Afetos à *Nouvelle Vague*, os novo-romancistas, pode dizer-se, legitimaram o seu alto poder de inovação técnico-expressiva com base no ecrã. Daqui vem, de resto, que fossem, com inteira justeza, apelidados de “cineastas da linguagem”. Porque? Porque, em boa verdade, desinibiram o romance, pondo radicalmente em causa a (pretensa) estabilidade dos parâmetros tradicionais da narrativa romanesca, à custa de uma insaciável apropriação da exterioridade visual. Basta ler alguns trechos ao acaso de Robbe-Grillet ou de Nathalie Sarraute para disso ficarmos suficientemente convencidos. Assim, esta geração de autores, muito inspirada na sétima arte, pelas incomensuráveis possibilidades visuais que esta oferecia, esta geração de autores, dizia, converteu a literatura numa espécie de topografia visual extrema, na qual a realidade surge insubstanciada (i.e., apenas visualizada e visualizável, desprovida de conteúdo interior e funcional) e, sobretudo, desconectada de qualquer tipo de hierarquia descritiva, daí a dificuldade, muito paradoxalmente, de o leitor visualizar com nitidez o que lê. Tudo parece obedecer à matriz de uma hipertrofia descritiva radical e ao regime da mais pura parataxe. Daí os encadeamentos de descrições em camadas sucessivas e não raro interpenetradas, numa lógica que é a do inclemente rigor esquemático. Toda esta minudência excedentária, que impede o leitor de visualizar com clareza o que lê (ou se esforça por ler) não deixa de mimetizar o ecrã, na medida em que o romancista descreve como se de uma câmara se tratasse. Isto é, regista tudo o que uma câmara pode captar no instante em que

filma uma cena, não relevando o fundamental do acessório, em nome de uma visibilidade total que supõe ontologicamente ser a do cinema. Daqui resulta a atomização do real representado e, conseqüentemente, a emergência de quadros anti-analógicos e a-referenciais.

## 2.

Em *Flip-Book*, de Jérôme Game<sup>[2]</sup>, publicado em 2007, mostra-se o quanto a literatura se pode situar à margem das fronteiras institucionais onde os tenores da crítica a costumam acantonar. Se lermos umas páginas de *Flip-Book*, percebemos imediatamente que o que está em jogo é a capacidade de a palavra se conjugar no sentido de uma declinação visual de cariz assumidamente cinematográfico. Daqui resulta um livro que desafia as potencialidades expressivas da literatura e que abre novos horizontes de fecundidade estilístico-narrativa. E com isso, Jérôme Game, cumulativamente, questiona a noção de gênero, que, neste caso, passará por enfatizar o diálogo interdisciplinar entre a criação verbal e o registo cinematográfico, que é como quem diz: Jérôme Game cultiva, se é que se pode falar mesmo em gênero, um gênero híbrido, a bem

2 Nascido em 1971 (Paris), membro do Comité de Redação da revista *Action Poétique*, co-fundador do quarteto poético-musical <sense high/ sense low>, Jérôme Game publicou, desde 2000, 9 títulos de poesia e tem-se desdobrado por diversos países em *lectures-performances* (alguns exemplos: *Liquid Becoming ou vers plus de consistance encore*, Festival de Bâtie, Genève, 2008; *L'oreille est dans les choses*, Le Quartz-Scène Nationale de Brest, 2009; *L'art syntaxic*, Musée des Beaux Arts, Caen, 2009; *dé/cadrage*, Printemps de Septembre, 2010; *ECRANS/REPLAY*, com David Wampach, Festival actOral. 10, Marselha, 2010; *Departure Lounge*, Fondation Cartier, Paris, 2010; *In the Loop*, Villa Arson, 2011). Eis alguma (da já razoavelmente extensa) bibliografia do autor: *ça tire suivi de Ceci n'est pas une liste e écrire à même les choses, ou ;*, éditions Al Dante, Paris, 2008; *Sans palmes et sans tuba*, éditions Contra maint, Toulouse, 2007; *Tout un travail*, Fidel Anthelme X, Marselha, 2003; *Corps&Cinéma*, CCCP Press, Cambridge, 2002; *Polyèdre suivi de La Tête bande*, éditions Voix, Metz, 2001; *Tension*, éditions Fischbacher, Paris, 2000; o magistral, na senda de *Flip-Book*, *La Fille du Far West* (2012); e ainda uma porção assinalável de textos publicados em várias revistas (*Quaderno*, *Boxon*, *Horlieu*, *Le Nouveau Recueil*, *Fusées*, *Doc(K)*, *Les Cahiers du refuge*, *Il Particolare*, *Issue*, *Java*, *Action Poétique*, *Cahiers Critiques de Poésie*, *Art Press*, *Inventaire-Invention*, *La Polygraphe*, *Le Quartanier*, *Critique*, *Barca*, *Son@rt*, *Gendai Shi Techo*, *Formes Poétiques Contemporaines FPC*, *[h]apax*, *La Revue X*, *è@e*, *IF*, *Canicula*, *Dé-Générações*, *Incidences*, *Res Poetica*, *Grumeaux*, *Revue Internationale des Livres et des Idées*). A obra, em bom rigor, ficaria incompleta se não elencássemos ainda as peças áudio e vídeo (entre outras, *Quid\_CD-R*, n.º3, Cambridge, 2002; *CD Boxon* n.º 13, Lyon, 2003; *Julien Blaine, Bye-bye la Perf' le DVD*, Editions k'a / Al Dante, Ille-sur-têt, 2006; *La poésie/ nuit*, 2009, <http://vimeo.com/2090486>) e as peças radiofónicas (*Atelier de Création Radiophonique*, 'Audible inaudible. D'un devenir-sonore de la poésie', France Culture, Abril 2003; *Up for Air*, Resonance 104.4 FM London, Novembro 2003; *Critical Secret*, n.º 15, 2005, montagem de David Christoffel: [www.criticalsecret.com/n15/index.php?art=8](http://www.criticalsecret.com/n15/index.php?art=8); *Atelier de Création Radiophonique*, 'HK Live!', France Culture, Janeiro 2011).

de um texto altamente inovador e que desaprende a vulgata segundo a qual a narrativa se perfaz sob o signo de certos códigos. Ora o que *Flip-Book* nos ensina, desde logo, é a possibilidade hermenêutica e ontológica de uma poética assente numa modalidade de conhecimento que passa marcadamente pelo heterogêneo, pela porosidade e pela hibridez, sinais de uma contaminação que acontece essencialmente pela interseção do texto verbal com as imagens (ou a memória das imagens) de certos filmes.

Do que supõe esteticamente *Flip-Book* se pode, creio, aplicar sem alterações o que Jérôme Game, reportando-se à poesia, apelida de “*poétique du (dé-)bord*”, o mesmo é dizer,

Chauffée par près de deux siècles de désarticulation de ses normes (qu’elles soient thématiques, génériques ou stylistiques), la poésie est aujourd’hui plus que jamais désireuse d’explorer ses dehors et de se confronter à ses autres. De fait, ma génération s’étire – sans se disperser – dans toutes les directions : musique, performance, images, théâtre, danse, toutes ces pratiques donnant lieu à de multiples croisements où l’écriture cherche à se favoriser dans le rapport à ce qu’elle n’est pas.

Game, 2010a: 48

Esta apetência pela interconexão entre as artes explica, em boa medida, um texto como *Flip-Book*, que se alimenta da fusão com o cinema, o que acarreta, e bem, efeitos heterogêneos e desencadeia uma fluidez inaudita no domínio do discurso verbal em prosa. A enfatizar uma criação literária sob caução do tópico central da hibridez, podemos ainda citar o trecho de um outro artigo, já agora, publicado num número da revista *De(s)générations* e focado no tema da “desfiliação”. Nele diz Jérôme Game, refletindo sobre uma possibilidade (assaz canónica) de contaminação entre pintura, literatura e cinema, o seguinte: “Par exemple, l’agencement Manet-Flaubert-Antonioni : un monde bascule autour de cet axe, tout un plan emerge soudain. Une carte virtuelle, un territoire d’effets plus que de poupées russes et leurs liens d’‘identité’ à ‘identité’, d’‘intimité’ à ‘intimité’, s’emboîtant” (Game, 2007a: 6). Este excerto, e o anterior, dizem bem da ligação umbilical do escritor Jérôme Game à sétima arte e que se traduz por um cinema que ecoa a cada passo nos diversos filamentos pelos quais a literatura do autor se constrói.

## 2.7.

Como dizia já, em 1954, Joaquim de Entrambasaguas, um dos primeiros estudiosos espanhol das relações entre a literatura e a sétima arte:

La Novela comenzó a buscar el desarrollo de su acción en una sucesión de imágenes pormenorizadas, a manera de fotograma del guión que en sí tenía implícito, y a convertir en base fundamental sus plásticas descripciones, hasta volatilizar a veces el argumento, substituído por una série de imágenes en que lo más importante es el estilo, a fin de cuentas, máxima plasticidade del idioma.

Entrambasaguas, 1954: 101

Neste sentido, é lícito falar em recepção do cinema na literatura, para dar conta de um processo em que uma arte, a cinematográfica, funciona como modelo apropriável por outra. A meu ver, o desafio agora que se coloca à relação filmo-literária é outro: o de uma espécie de fusão capaz de gerar um diálogo fecundo, e forçosamente híbrido, susceptível de engendrar novos formatos estético-expressivos. A poesia, creio, tomou já alguma dianteira nesse processo, se pensarmos na poesia visual e performativa, em que o texto lírico não passa sem a materialidade da imagem (e, por vezes, da animação digital), com interseções e disrupções densas de sentidos e de devires semânticos. E nesta circunstância que um livro como *Flip-Book* ganha especial relevância. Porque funciona como espécie de cartografia do cinema – ou melhor, de um certo cinema –, mas não deixa de ser literatura. Só que literatura amalgamada (talvez seja esta a palavra certa) de pulsões cinematográficas, como sucede com as frases que mimetizam, a título de exemplo, o plano-sequência (tal como Eisenstein e Griffith se inspiraram em Dickens para depois inspirarem decisivamente a literatura, como sucede, só para mencionar um exemplo entre outros convocáveis, em *Piazza D'Italia*, de Antonio Tabucchi, livro inteiramente encadeado na sua sintaxe diegética sob o signo da montagem de Eisenstein; tudo isto diz bem da circularidade recíproca que vai da literatura ao cinema). A razão de ser do cinema já não é aqui meramente uma fonte de inspiração que nutre e enfatiza a forma literária, ensinando-lhe renovadas práticas de representação, o cinema – sublinhe-se – volve-se intrinsecamente em matéria literária. E esta questão importa, não se duvide, especialmente num contexto como o atual em que as formas puras perdem terreno (se é que o não perderam já) e cedem lugar a criações híbridas e intermediais não raro fulgurantes de consequências expressivas e estéticas.

Vale a pena prestar, com algum demora, atenção, portanto, a *Flip-Book*. Enfaticamente pautado pela experiência visual do ecrã, trata-se de um texto, como se disse acima, que consubstancia uma forma particularmente inusitada de perspetivar a incidência da sétima arte na literatura. Desde logo por a narrativa se compor por um conjunto heterogêneo de quadros ou fragmentos que mais não são do que descrições de cenas filiadas num leque diversificado de filmes adstritos, a maioria, ao “American Independent Cinema” (*The Killing of a Chinese Bookie*, de John Cassavetes; *Blue Velvet* e *Mulholland Drive*, de David Lynch; *Ghost Dog*; *The Way of the Samurai*, de Jim Jarmush; *Beau Travail*, de Claire Grandjeu; *Lost Highway*, de David Lynch; *Wassp’ Rockers*, de Larry Clark; *A Women Under the Influence*, de John Cassavetes; *Batalla en el cielo*, de Carlos Reygadas; *Elephant*, de Gus Van Sant; *A Pianista*, de Michael Haneke; *Le Vent de la nuit*, de Philippe Garrel; e *Days of Being Wild*, de Wong Kar Wai). E é claro que todas estas imagens fílmicas apelam a uma escrita assaz radicada em expedientes narrativo-discursivos, com tudo o que isso requer ao nível da representatividade visual, decalcados do ecrã. Em *Flip-Book*, “as palavras surgem [...] independentemente de qualquer voz, são elas próprias usadas como elementos visuais”, para citar Jacques Rancière (2010: 141). Nesta ótica, e prosseguindo com Rancière, “não se trata de as pôr em oposição à forma visível da imagem. Trata-se, antes, de construir uma imagem, ou seja, uma certa conexão do verbal e do visual” (*ibid.*). É, pois, o que sucede em *Flip-Book*. Não apenas porque Jérôme Game faz uso ostensivo da técnica da “mostração”, mas também (e talvez sobretudo) porque investe, com consequências notáveis no plano estético-expressivo, muito notoriamente no emprego de outros expedientes de índole eminentemente cinematográfica destinados a captarem o ritmo e a gramática da linguagem audiovisual, como é o caso do *zoom* ou da escrita em plano-sequência através de prolongamentos frásicos (um tanto, dir-se-ia, como, segundo Deleuze, Rossellini decalcou o seu plano-sequência do estilo indireto livre de Flaubert); como é também o caso do recurso a litotes, a elipses sintáticas, a novos ritmos e pontuações que mimetizam efeitos de campo e de fora de campo, etc. É de referir que todas estas cenas fílmicas, e que, convirá sublinhar, não constituem minimamente as cenas emblemáticas dos filmes a que se reportam, estas cenas fílmicas, ia dizendo, sucedem-se em regime de justaposição disruptiva. Isto é, não se deteta a interferência mediadora de elementos conectores a suturarem, em jeito de *point-raccord*, as ‘imagens fílmicas’ entre si. Ou melhor, ocorre “une coupure et un ré-enchaînement à partir du vide, un raccord sous forme de non-raccord” (Rancière, 2011: 51). Tudo é, por

consequente, deliberadamente construído, qual montagem dialética eisenteiniana, no sentido de provocar o desconforto de colisões, cujo sentido, não obstante cada quadro filmico exibir uma legibilidade sem custo, não se afigura imediatamente perceptível.

Como quer que seja, o certo é que, no que se refere a cada fragmento, o livro à custa destas posições díspares (ou aparentemente díspares) apresenta-se – dir-se-ia –, e para recorrermos a uma expressão deleuziana fundamental e que o filósofo recuperou de Artaud, na proporção de Corpo-sem-Órgãos. Seguindo de perto um artigo de Game – “Images-sans-Organes/Récit-sans-Télos: Carlos Reygadas et Gus Van Sant” (Game, 2010) –, que nos parece fundamental para perceber o que está verdadeiramente em causa em *Flip-Book*, começá-riamos por notar que, em Deleuze, um corpo desprovido de órgãos não significa forçosamente um corpo inorgânico. Contrapondo-se à ostensiva organicidade territorializante do “corpo cheio”, e ao inverso do corpo fragmentado, o Corpo-sem-Órgãos, concebido numa lógica esquizofrénica, representa uma totalidade apetrechada com órgãos indeterminados, ou se quisermos, revela uma superfície “où flottent des déterminations non liées, comme des membres épars, têtes sans cou, bras sans épaule, yeux sans front” (Deleuze, 1968: 43). Neste sentido, qualquer órgão, ao arrepio das divergências que possa apresentar relativamente a outros, é virtualmente suscetível de uma redefinição da sua função através do agenciamento de uma conexão até então por fazer. Assim, efetiva-se uma desorganização do corpo conducente a múltiplas e indefinidas singularidades com alcances imprevisíveis. Deste ponto de vista, o corpo transmuta-se numa superfície visual preenchida pelo trânsito e pela intersecção de diversos fluxos. Semelhante fluidez de energias em movimento, como seria expectável, não é sem promover reinscrições territoriais e, em consequência, cartografias inéditas. A ser assim, um Corpo-sem-Órgãos é aquele que se apresenta isento de determinações teleológicas apriorísticas, configurando-se enquanto forma posteriorística, ou seja, e para tomar novamente de empréstimo as palavras de Deleuze, “un ensemble non-marqué de complexes de rapports de voisinage (le *spatium*, les *loci*), attendant d’être sillonné de lignes abstraites” (*id.*: 44), o mesmo é dizer, linhas de fuga desterritorializantes em direção a zonas não-mapeadas. Já Robert Bresson, um cineasta caro a Deleuze, em *Notes sur le cinématographe*, alertava para a inevitabilidade da fragmentação, “si on ne veut pas tomber dans la représentation. / Voir les êtres et les choses dans leurs parties séparables. Isoler ces parties. Les rendre indépendantes afin de leur donner une nouvelle dépendance” (Bresson, 1995: 18).

Não custa perceber que justamente em contexto cinematográfico esta desterritorialização indefinida deleuziana – a do corpo de uma imagem se constituir como um Corpo-sem-órgãos – se opera essencialmente pelo viés da montagem conjugada com outros processos técnico-visuais. Nesta perspectiva, o cinema não visa uma estética construtivista, isto é, uma saturada (e saturante) *mise-en-scène* pré-escrita, nomeadamente através de uma montagem predelineada, destinada a criar em imagens a representação cinematográfica, em sentido aristotélico, de um *telos*, como muito bem mostra Jérôme Game no seu artigo. O que se pretende é o inverso. A despeito de significados pré-alocados numa poética narrativa sustentada por uma lógica de progressão diegética em termos de causa e efeito, busca-se, como salienta Game, um devir da imagem, alcançável não por intermédio da corporalidade, antes mediante a corporeidade. Trata-se da Imagem-sem-Órgãos.<sup>3</sup> Por outras palavras, e em sentido deleuziano, a corporeidade, qual matéria indeterminada em unidades incontroláveis, radica numa contínua des-/re-territorialização assente na força e não na forma, ou, para sermos mais claros, no *processo* em detrimento do *produto*. Tudo isto, como é óbvio, difere do cinema clássico, onde, como insiste Jérôme Game, técnicas como o campo e o fora de campo, as focagens ou ainda o enquadramento da imagem subordinam-se estritamente à estrutura lógico-factual da narrativa, a bem da coesão de uma história nutrida com um princípio, um meio e um desenlace final. Neste tipo de lógica, em que se privilegia o encadeamento suturante de uma temporalidade homogénea, os corpos (a corporalidade) surgem como ideais e, nessa medida, pré-existem à imagem, uma vez que esta tende a representá-los segundo um guião pré-concebido; e são corpos, claro está, encaixáveis, e isso numa circularidade exemplar, num

3 Seja-nos permitido um parêntesis para dizer que a noção de Imagem-sem-Órgãos vai ao encontro daquilo que Rancière preconiza como próprio ao que chama “regime esthétique des arts” e que, desde Oitocentos – a partir essencialmente de Flaubert, defende Rancière –, começou a marcar progressivamente a arte nas suas diversas modalidades: o facto de a imagem não se afigurar já meramente como expressão/tradução visual de um pensamento/sentimento. Adquirindo uma autonomia expressiva – “la splendeur de l’insignifiant” ou “la splendeur pure de l’être sans raison”, como diria Rancière (cf. respetivamente em 2003: 22 e em 2001: 15); –, a imagem funciona então como *parole muette* e não mais como simples matéria subordinada à função de favorecer, pela ilustração, a inteligibilidade de um texto verbal, a imagem, em suma, passa a dispor de uma eloquência muda capaz de superar qualquer discurso proferido por bocas falantes. Trata-se, segundo Rancière, da eloquência do mutismo da imagem. Daí a inexistência, em *Flip-Book*, de comentários sobre as imagens filmicas representadas, aliás. E não custa, continuando com Rancière, ver na imagem que suspende fins representativos o *efeito estético* oposto à lógica representativa que quer produzir efeitos através das representações (cf. Rancière, 2010: 85-99).



espaço que os determina ao nível dos movimentos. Mais do que isso, e como muito bem sublinhou Deleuze em *L'Image-Mouvement*, se no cinema clássico o corpo se prestava a servir sem mácula o pensamento e o falar da personagem, especialmente através da expressividade do rosto, filmado vezes sem conta em grande plano, a verdade é que no cinema moderno este código desfez-se e o que emerge é, em larga porção, o corpo a pensar autonomamente em gestos, atitudes, posturas, enfim, dir-se-ia que o corpo, emancipado de esquemas de percepção e representação ditados pelo cérebro, adquire pensamento autónomo, visível no modo como se desfaz das ligações lineares de causa-efeito e das hierarquias supostas nessas ligações ordenadas, em prol de agenciamentos que mais não são do que circuitos erráticos e, digamos, des-formatados. O corpo, em suma, já não obedece aos imperativos da cabeça, difundindo um sistema de crenças, normas e valores<sup>4</sup>, segue, pelo contrário, o rasto das variações em cadeia (Cf. Game, 2010).

Ora bem, que tem isto tudo a ver com *Flip-Book*? Em boa verdade, o livro é construído na base da corporeidade e, como tal, em termos de narrativa não-teleológica. Porque em cada quadro vemos corpos como que des-corporalizados, em virtude de se acharem desprovidos de uma finalidade diegética. Não sabemos o que tencionam fazer, em que situação se acham, apenas nos surge a descrição impessoalizada de fragmentos desses corpos resistentes, pelo modo como o narrador no-los apresenta, a qualquer forma de agenciamento racional. Dir-se-iam corpos impessoalizados, sem sujeitos. Mesmo para quem conhecer os filmes assim descritos, o certo é que paira em cada um dos quadros a nítida sensação de uma fragmentação que eclode com a totalidade do que é o filme – tanto mais que os filmes selecionados são obras que alinham sem reservas neste cinema, digamos, da corporeidade, basta saber

---

4 Exemplo flagrante do contrário do Corpo-sem-Órgão, isto é, um Corpo-com-Órgãos, acha-se na conhecida *Carta a El-Rei D. João Nosso Senhor*, de Sá de Miranda, onde o poeta do Neiva apela a uma ordem régia que tudo administre (racionalmente) a partir da cabeça (coroadada) do soberano, decalcando esse imperativo governativo de uma analogia com o mundo animal. Com efeito, Sá de Miranda, para reforçar a ideia de a cada reino convir um único monarca, compara o rei ao sol (e aqui não há como não pensar noutro monarca solar: o rei-sol Luís XIV) que Deus sustém, isso nos versos 1, 2 e 3 da décima-primeira quintilha: “Um Rei ao reino convém:/ Vemos que alumia o mundo/ Um sol; um Deus o sustém” (Miranda: 1595: 37). Noutra quintilha, a oitava, escreve: “Gente de algum Rei solta;/ Sem cabeça o corpo é vão./” (*id.*: 36). E adiante apõe a imagem corporal à de um exemplo oriundo do reino animal: “Abastem as razões velhas:/ A cabeça os membros manda;/ Seu Rei seguem as abelhas./” (*id.*: 37). Nos dois casos, o propósito das associações é claro: não apenas evidenciar o Rei – leia-se: a cabeça – como o senhor da nação – isto é: o corpo –, mas significar que a linearidade tal posição é orgânica e constitui, por extensão, a ordem natural das coisas.

que temos realizadores como David Lynch ou John Cassavetes – suscetível de se perfilhar em alinhamentos diversos. Para melhor entendemos o que está em jogo, seja-nos permitido transcrever um desses quadros fílmicos. Por todos eles, leia-se este, ao que tudo indica, referente a *Batalla en el cielo*, do realizador mexicano Carlos Reygadas (2004), constituído por quatro fragmentos desgarrados:

Le son se coupe soudain, s'atténue, pour zoomer sur l'icône la reproduction du dieu vivant tué, saignant, dans les bras de sa mère sur le mur, les deux corps sont l'un dans l'autre, s'agitent, doucement.

Les fesses de sa femme sont gigantesques. Son ventre à lui, énorme, claque sur la graisse ferme. Ils halètent en dessous du dieu, en contrebas, après que Marcos a fait monter les couleurs sur le mât géant du Zocalo central de Mexico à l'aube, dans le noir.

Ils vendent des bonbons des réveille-matin des gâteaux contre le mur blanc du couloir du métro en gros plan.

Ses lunettes sont floues sont cassées. Il ne voit rien, conduit à l'aveugle Anna derrière qui va au bordel. La voix rauque d'Anna parle à son amant derrière, dans le silence du trafic la voiture rebondit, Marcos conduit sans lunettes très vite. Il ne voit rien rebondit sur la route doucement Anna va passer son après-midi au bordel.

Il s'arrête la nuit tombée, l'aire de la station service éclairée blanche brille, il regarde passer la procession dans Mexico noir.

Anna le suce au bordel, chez elle. Quelque chose va avoir lieu, quelque chose va se passer demain, dit sa femme, à la procession.

Game, 2007: 43-45

Como se vê (é caso para dizer), diversas situações apresentam-se-nos desconectadas umas das outras. Trata-se de fragmentos extraídos do filme, pela narração habilmente cinematográfica do narrador, que nos fornecem momentos desprovidos de conexão temporo-causal. Além disso, e do ponto de vista espacial, o que temos é uma análoga indefinição. Quando muito, o espaço, pensando no etnólogo Marc Augé (cf. Augé, 1992), remete para a noção de não-lugar, (“Il s'arrête la nuit tombée, l'aire de la station service éclairée blanche brille”). Mas sobretudo o que é preciso enfatizar é o facto de as ações do protagonista escaparem a definição de uma linearização explicativa das razões

de ser dessas ações. Não sabemos, com efeito, o motivo pelo qual Marcos conduz rapidamente, por exemplo; e menos sabemos ainda para aonde se desloca assim tão precipitadamente. Mais: o próprio Marcos não faz ideia do trajeto que percorre (“*Ses lunettes sont floues sont cassées. Il ne voit rien, conduit à l’aveugle*”). Trata-se como que de um corpo em plena linha de fuga e com um desfecho imprevisível. Noutros termos, as atitudes de Marcos convertem-no corporalmente num espaço – ou numa superfície, se quisermos – aberto a diversos fluxos e, com isso, fomentador de devir e de heterogeneidade. Um parêntesis para notar a discrepância notória com o cinema clássico, que pode dar pelo nome do rosto de Maria Falconetti, em *La Passion de Jeanne d’Arc*, de Dreyer. Aí o rosto apresenta-se como espaço facial eternizado pelo grande plano, cuja expressividade se afigura sólida na significação linear ostentada: a de um incensurável sofrimento heroico-patriótico-místico. No que se reporta ao texto de Game, deve dizer-se que qualquer um dos fragmentos acima transcritos constitui um trecho razoavelmente autónomo, isento de articulação prévia com os restantes. As elipses, marcadas pelos espaços em branco, e a descrição das ações numa perspetiva que é a da focalização externa e não interventiva, que é a do autor que escreve como se filmasse corpos de imagens (mas também é a perspetiva do espetador, faça notar), desembocam num tipo de relato que privilegia, muito ao inverso da lógica do cinema clássico, rupturas, efeitos erráticos, comportamentos disfuncionais. Nada há que subordine as ações e as falas a uma coerência antecipada e previsível. O mesmo é dizer: não há como postular um sentido verdadeiro ao desempenho dos corpos, na medida em que se verifica uma descoincidência entre os comportamentos do corpo e o sentido desconhecido que se oferece pela imagem desse corpo cujas ações e/ou falas subvertem, indeterminam, abalam, enfim, nomadizam irredutivelmente qualquer possibilidade de sentido estável/unívoco. Pelo contrário, tudo tende a resvalar para a incómoda sensação de comportamentos desafinados, equívocos e incertos, incompreensíveis, o que, de resto, corresponde ao imaginário desconcertante cultivado por um cineasta como Carlos Reygadas, diga-se; e, repare-se, no interior de cada fragmento assiste-se à oposição, em jeito de colisão (espécie de choque dialético), de aposições inesperadas, que impõem um curto-circuito pela estranheza engendrada entre as imagens – Imagens-sem-Órgãos – que se sucedem (“*Anna le suce au bordel, chez elle [registo sexual em contexto de prostituição]. Quelque chose va avoir lieu, quelque chose va se passer demain, dit sa femme, à la procession [registo religioso]*”). E é claro que o leitor menos cinéfilo que não conheça o filme de Reygadas ficará com este

enigmático espaço em branco relativamente ao que sucederá durante a proclamação. Portanto, e para recapitular, não é difícil demonstrar que a escrita cinematográfica de Game, que transpõe, não sofre dúvida, para o discurso verbal a fluidez do cinema, visa explorar uma prática narrativo-visual – ou mostrativa, conforme se prefira – que é a da narrativa sem *telos*; a qual corresponde ao que se vê no ecrã sem o empecilho da mediação mental (o pensamento) ou sem o entropoço da (tradicional) descrição, a bem de uma reinvenção do ato de escrever que passa muito por uma inusitada maleabilidade da expressão verbal capaz de libertar a linguagem da asfixia dos seus usos tradicionais:

*écrire comme on sent qu'on voit, sans en passer par une pensée de la représentation ni par la description de ce que l'on aurait sous les yeux. Cette écriture de l'après-coup pourrait-on dire, laisse alors toutes ses chances (c'est en tous cas le pari de Flip-Book) à la production de nouveaux effets poétiques, ceux d'une langue débarrassée de ses tournures habituelles et ainsi même d'offrir un sens frais.*

Game, 2010a: 54

Neste sentido, não custa filiar *Flip-Book* nesta presunção de Jacques Rancière: “l’image n’est pas une exclusivité du visible. Il y a du visible qui ne fait pas image, il y a des images qui sont toutes en mots” (Rancière, 2003: 15).

Se *Flip-Book*, todavia, se pode ler na condição de Corpo-sem-Órgãos pelas desconexão presente no interior de cada sequência ou grupo de sequências atinentes a cada filme, não é menos aceitável estender essa desconexão à totalidade de sequências fílmicas justapostas e que entre si constituem uma sintaxe do heterogéneo (imagens díspares, sem conexão evidente a suturá-las). A montagem, enquanto aposição disjuntiva, surge assim com uma nitidez inegável. E, neste caso, não há como não recordar, pensando neste dispositivo enunciativo ativado por *Flip-Book*, as *Histoire(s) du cinéma* de Godard. Porque tanto Game como Godard comprazem-se em extrair imagens da história do cinema, através do artifício da montagem, e em re-agenciar essas imagens em sequências díspares capazes de fomentarem, pelas colisões engendradas, novas fusões de sentidos. Assim, o livro de Game, a despeito, como se disse já, da composição de uma intriga (agenciamento clássico), não oferece nenhum direção sintática. Tanto pode ser lido linear, alinear como intermitentemente. Significa isto que nele as imagens fílmicas auferem de existência autónoma, constituindo-se como formas singulares. O leitor-espetador pode cingir-se a uma sequência e não passar daí. Mas não é de descartar que a significação

possa também provir, diga-se, da conjugação – linear ou alinear – dos diversos fragmentos visuais que compõem o texto na sua totalidade, caso, evidentemente, o leitor-espetador esteja em condições de descortinar uma visibilidade suficientemente coerente para dela obter a estabilidade de um significado. A ser deste modo, cada sequência alcança um valor suplementar, o de elo de ligação com a anterior e com a seguinte, pondo, qual colagem de heterogêneos, “en oeuvre la puissance liante du délié” (*id.*: 69). Desta forma, a apropriação que Game verbalmente faz de imagens do cinema consiste dialeticamente em “organizer un choc et construire un continuum” (*id.*: 70). Semelhantemente a Godard (cf. Rancière, 2010: 187), Game, numa fórmula filmo-literária claramente desafiadora da lógica do “comércio das histórias” (*id.*: 188)<sup>[5]</sup>, não apresenta uma memória do cinema. Como em Godard, Game opera a partir de *imagens pensativas*, categoria elaborada por Rancière, certamente a partir do conceito deleuziano de *pensamento sem imagem*, para circunscrever aquele tipo de imagens que, escapando ao desígnio comercial do cinema apostado em histórias bem delineadas, resistem “ao pensamento de quem as produziu e de quem procura identificá-la[s]” (2010: 189). Neste sentido, é legítimo dizer, afirma-se como um contraponto à *image-mouvement* recenseada por Deleuze. O que Game faz é, pois, ao longo das páginas do livro, engendrar uma superfície, feita de palavras, na qual as imagens filiadas em vários filmes de culto deslizam umas sobre as outras, com duas consequências assinaláveis: a) cada uma dessas imagens adquire o estatuto de um gesto/forma suspenso, isto é, condensando algo num quadro; e b), em simultâneo, cada um desses fragmentos (des)articula-se com outros fragmentos oriundos de outras sequências filmicas, acoplando-se assim numa sintaxe heterogênea improvável. Assim procedendo, o escritor constrói um conjunto sucessivo e dialético de fragmentos filmicos emancipados da lógica unificadora de uma ação conducente a um desenlace, ou seja, produz, e para continuar a citar Rancière,

outras realidades, outras formas de senso comum, ou seja, outros dispositivos espaço-temporais, outras comunidades das palavras e das coisas, das formas e das significações./ Esta criação é o trabalho daquela ficção que não consiste em contar histórias,

5 “[...] celui-ci [le cinéma] aurait abdiqué sa vocation de machine de vision mettant en rapport les phénomènes pour se transformer en machine à prestiges au service des “histoires”: celles des scénarios hollywoodiens ou celles des dictatures dévastatrices occupées à refaçonnner des peuples. L’entreprise des *Histoires [du cinéma]* est alors une entreprise de rédemption : la fragmentation godardienne veut délivrer le potentiel des images de sa soumission aux histoires. En inventant des relations inédites entre films” (Rancière, 2011: 43-44). O mesmo se pode dizer de *Flip-Book*.

mas sim em estabelecer relações novas entre as palavras e as formas visíveis, a palavra e a escrita, um aqui e um algures, um então e um agora.

Rancière, 2010: 150

Quer dizer: “desenhar configurações novas do visível, do dizível e do pensável, e, por essa via, uma nova paisagem do possível” (*id.*: 151). Assim, e só assim (apetece acrescentar), é possível:

transformar as demarcações daquilo que é visível e suscetível de ser enunciado, [...] dar a ver aquilo que não era visto, fazer ver de outra maneira o que era visto de modo demasiado fácil, pôr em relação o que não surgia relacionado, tudo isto com a finalidade de produzir roturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos. É o trabalho da ficção. A ficção não é a criação de um mundo imaginário oposto ao mundo real. É antes o trabalho que opera *dissentimentos*, que modifica os modos de apresentação sensível e as formas de enunciação, alterando os quadros, as escalas ou os ritmos, construindo relações novas entre a aparência e a realidade, o singular e o comum, o visível e a sua significação. Este trabalho muda as coordenadas do representável; altera a nossa percepção dos acontecimentos sensíveis, a nossa maneira de os pôr em relação com os sujeitos, o modo segundo o qual o nosso mundo está povoado de acontecimentos e de figuras.

*Id.*: 97

Em *Flip-Book*, a totalidade alinhada (ou desalinhada, se a leitura se fizer ao acaso) das diversas sequências narrativas que compõem o livro perfaz uma dissociação de fundo que é a da rotura entre cada uma dessas sequências e o seu contexto primeiro (o filme de que são oriundas). Rotura essa alastrada ao facto de essas sequências serem retrabalhadas pela mestria verbal de Game; e, ponto essencial, por integrarem um espaço de possibilidades estético-expressivas que é o de se associarem entre si, reformulando drasticamente a lógica que detinham isoladamente. Desta feita, tanto Game como Godard originam uma narrativa a partir de outras narrativas.

Uma diferença notória, é preciso observar, todavia – e com isto concluímos –, separa Godard de Game. *Histoire(s) du cinéma* desvenda, através de um novo processo de montagem, histórias veiculadas, em larga medida, por cineastas que serviram o comércio das imagens (basta pensar, desde logo, em Hitchcock), *Flip-Book* parte de outro cinema: daquele que, pela lógica *pensativa* das suas imagens, dificilmente poderia caber nos parâmetros de Hollywood, por exemplo. Este ponto dissonante entre os dois autores não é menor. Porque vem dizer-nos que Godard procurou, o que não aconteceu com Game,

extrair imagens anestesiadas, por assim dizer, de um contexto submetido à lógica comercial, revitalizando-as através de uma nova disposição ontológica e, com isso, dotou-as de uma história absolutamente improvável, como que atualizando-lhes uma virtualidade que a maquinação industrial do cinema lhes vedava, tornando-as, pelo poder icônico que delas soube extrair, perfeitamente independentes das histórias nas quais se encadeavam<sup>[6]</sup>; ao passo que Game, esse, com toda a evidência, não selecionou imagens acantonadas numa rígida lógica de causa e efeito.<sup>[7]</sup>

6 Na verdade, o método de montagem de Godard (em rigor, anti-montagem) é mais complexo do que aquele que, pelo viés das palavras, Game mobiliza em *Flip-Book*, complexidade em boa parte tributária da articulação dissonante que o cineasta fez dos diversos meios audiovisuais de que dispôs: “Tout d’abord les images sont séparées par des noirs, isolées donc les unes des autres, mais surtout isolées ensemble dans leur monde, un *arrière-monde* des images dont chacune semble sortir à son tour pour en porter témoignage. Vient ensuite le décalage de la parole et de l’image qui, lui aussi, fonctionne à l’inverse de l’ordinaire. Le texte parle d’un film en nous montrant les images d’un autre. Cet écart, habituellement générateur de disjonction critique, fait ici le contraire : il confirme leur coappartenance globale à un même monde des images. La voix, à son tour, donne à ce monde son homogénéité et sa profondeur. Enfin le montage vidéo, avec ses surimpressions, ses images qui apparaissent, clignotent, s’évanouissent, se superposent ou se fondent les unes dans les autres, parachève la représentation d’un sensorium originnaire” (Rancière, 2001: 221).

7 Uma palavra ainda sobre outro livro de Game, assaz significativo do ponto de vista não só da contaminação cinematográfica mas também (e sobretudo) especialmente válido na ótica da lógica interartística: *La Fille du Far West* (2012), título, é bom reparar, que mais não é do que a recuperação da tradução francesa de *The Girl of the Gold West* (1915), de Cecil B. DeMille. Em relação à gênese e fabricação desta narrativa irredutivelmente singular, cabe dizer, desde logo, que se trata de um texto solicitado. Mais especificamente: resulta de uma solicitação do MAC/VAL (Musée d’Art Contemporain du Val-de-Marne), espaço museológico onde o autor, durante o ano de 2011, esteve em *résidence d’écriture*. Basicamente, Jérôme Game escolheu a obra de um artista exposto no museu e a partir dessa obra elaborou uma proposta literária que desembocou em *La Fille du Far West*. Game propôs-se trabalhar em função de “Paramour”, obra do artista Jean-Luc Verna (daí a coautoria na capa do livro, diga-se).

(Veja-se: <http://www.macval.fr/francais/collection/oeuvres-de-la-collection/article/jean-luc-verna>). O que Game empreendeu, instigado pela obra de Verna, foi escrever sobre um estúdio de cinema mítico de Hollywood, a Paramount, considerando a obra de Verna em termos de espécie de ecrã abstrato, ou se quisermos, como um espelho sobre o qual se pudesse ler *uma* história do cinema, aquela veiculada pela Paramount. Para tanto, Game procedeu a uma estratégia compositiva que consistiu em recolher e, depois, editar, em jeito muito cinematográfico de montagem, um significativo conjunto de informações documentais que perfazem a história da Paramount. Em consequência, a história de um cinema (o da Paramount) alojou-se virtualmente na obra de Verna em decorrência da escrita *montagística* de Game. Qual o intuito desta *démarche* estética? Converter o ato de leitura da obra num movimento de dupla percepção ocular: (i) olhar a obra e (ii), através dela, focar a história de um certo cinema. Vale a pena citar o ponto de vista de Game, que me explicava deste modo (por *e-mail*) em que consistiu a sua itinerância compositiva: “Le travail d’écriture proprement dit à consister à agencer la matière documentaire que j’avais trouvé. Puis, à la toute fin, réintroduire l’œuvre de Verna sous forme de cut-up de son plan de montage (concret, physique) sur les murs du musée, pour rappeler que l’œuvre aussi, comme le cinéma et son histoire, et ses

## Referências

- AUGÉ, Marc (1992), *Non-Lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris : Le Seuil.
- BRESSON, Robert (1995), *Notes sur le cinématographe*, Paris: Folio/Gallimard.
- DELEUZE, Gilles (1968), *Différence et répétition*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- ENTRAMBASAGUAS, Joaquim (1954), *Filmoliteratura (temas y ensaios)*, Madrid: Instituto Miguel de Cervantes.
- GAME, Jérôme (2007), *Flip-Book*, Bordeaux, Éditions de l'Attente/ Le Triangle.
- GAME, Jérôme (2007a), "Je suis le défilé de Shéhérazade et de Pénélope", *De(s)génération*, n.º 2 (février de 2007).
- GAME, Jérôme (2010), "Images-sans-Organes/Récits-sans-Télos : Van Sant et Reygadas", in Jérôme Game (ed.) (2010), *Image des corps/corps des images au cinéma*, Lyon, ENS Éditions, pp. 149-170.
- GAME, Jérôme (2010a), "In & out, ou comment sortir du livre pour mieux y retourner – et réciproquement", *Littérature* 160, dezembro de 2010, pp. 46-55.
- GAME, Jérôme & Verna, Jean-Luc (2012), *La Fille du Far West*, [s./l.], MAC/VAL.
- MIRANDA, Sá de (1995), "Carta a El-Rei D. João Nosso Senhor", in Miranda, Sá de *Obras completas* (2003), Vol. II, Texto fixado, notas e prefácio de Rodrigues Lapa, 5.ª ed., Lisboa, Livraria Sá da Costa, pp. 35-51.
- GAUDREAU, André (1989), *Du Littéraire au Filmique. Système du Récit*, Paris: Méridiens Klincksieck.
- MAGNY, Claude-Edmonde (1948), *L'Âge du Roman Américain*, Paris: Éditions du Seuil.
- RANCIÈRE, Jacques (2001), *La Fable Cinématographique*, Paris: Éditions du Seuil.
- RANCIÈRE, Jacques (2003), *Le Destin des images*, Paris: La Fabrique éditions.
- RANCIÈRE, Jacques (2010), *O Espectador Emancipado*, Lisboa: Orfeu Negro.
- RANCIÈRE, Jacques (2011), *Les écarts du cinéma*, Paris: La Fabrique éditions.

---

effets, est matérielle. En y ajoutant une liste sur ce qu'est une oeuvre et la traversée palimpsestique à laquelle elle donne lieu : une trace vivante. Enfin, en dernières pages au livre : tendre un écran blanc, un drap comme à l'époque des débuts du cinéma : pur écran virtuel où se rejoue implicitement la traversée à intense vitesse qui vient de se jouer dans le livre. En termes d'intention il s'agissait donc : 1. de ne pas écrire sur l'oeuvre de Verna mais à travers elle, forcée par elle à inventer un nouveau dispositif textuel; 2. faire saisir l'épaisseur historique de la production cinématographique comme machinerie industrielle, à travers un usage similaire du langage et de la syntaxe : listes, paragraphes-écrans, etc., à savoir : un usage disposital du matériau textuel (le plus souvent prélevé dans Wikipédia et d'autres site du net). Vider toute subjectivité. Agencer l'objectivité de ce qu'est un studio, ses méthodes industrielles, l'influence qu'il a sur les vies, les corps des acteurs qu'il emploie, et, ainsi, malgré tout, révéler la nouvelle vision, la nouvelle 'machine à voir' qu'il met en place."



# ON THE ART OF CONTAINMENT OF THE VERY SHORT STORY: IS IT A SEED THAT GROWS OR A BUSH THAT IS PRUNED DOWN?

Salomé Osório

DEINA/CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

This paper wishes to highlight the art of the extremely curt and discursively precise form, perceiving both the writer and the reader as the artist of that art form and focusing, in this way, on the always dual, and inseparable, act of writing and reading. After all, as Alberto Manguel reminds us, “all writing depends on the generosity of the reader” (1996:179). This becomes even more salient when it comes to the very short story, which relies on this dynamic of writing being “rescued” by the reader.

When selecting the words to convey what this paper would be about, I chose not to include a buzz word (*Sudden fiction* - maximum length 5 pages, *flash fiction* - limited to 3 pages, *micro fiction* - Jerome Stern’s anthology 250 words, *skinny fiction*, *short-shorts*...) that would distract us from that main objective, but I would like now to dedicate a few lines to the issue of naming, and how I would wish to refer to these daring little things henceforth.

Naming is an attempt to delineate something as opposed to something else; it is a means to identify properties, and consequently locate newer features that corroborate the need for that exact name. Simultaneously, naming helps one in understanding how a given form fits in the scale of fiction. “Naming is how the world enlarges itself,” Russell Banks in the 1986 volume *Sudden Fiction* clarifies. “We might try the same with the thing at hand,” he continues, “call-

ing it *poë*, for instance. ‘Me, I write poes,’ one could say” (Banks, 1986: 245). The need to name, and its arbitrariness, as illustrated in the different labels that have emerged in defining a “new form” which is advertised as adequate to the quick-pace of our lives, something one would read in between subway/bus stops; so short that, as the title of an anthology indicates, *You Have Time for This* (2007). And yet it is precisely its beautifully tight structure – one of its strongest marketed traits, as far as editorship and anthologies go – which demands for its compactness to be re-read given its refusal to provide a self-limiting answer that would seemingly emerge out of a first perusal. The reader inevitably enters the process of making sense of a text, whose title, more often than not, is longer and/or holds the (a) key to possible (re)interpretations. Every word is sculpted, meticulously selected: every word matters.

I would like then to propose the term microfiction to refer to all forms of very short fiction assuming, in this way, a holistic approach rather than a divisive one as the panoply of terms used to refer to this type of fiction reflects. In general terms, I will use the term microfiction to refer to prose that is less than 1000 words. This terminology is itself open to critical debate but, following Holly Howitt-Dring’s line of argument, it is not used here “for definition’s sake, but rather as a protective basket to put all these forms into” (2011: 48). Microfiction, in the sense here ascribed, tends to be genrified by what it does *not* have. Its bare layout and sparse length, its unspoken meanings and subtleties of implication seem to be at the core of every definition. But these generic patterns of absence are reinforced by the presence of a characteristic content, tone and purpose, as Howitt-Dring defends (2011: 53). Reflecting on its generic features, Howitt-Dring delineates transversal common aspects to microfiction that help in defining the genre itself. She states that:

Microfictions can deal with life and death vulnerabilities, with life-altering decisions, grief, change and the inexplicable. They depict moments of greatness and moments of weakness, human sentiments and neuroses, frequently with wry wit. The tonal voice of microfiction is often one of a bigger question that is never asked. This tone can only be carried into a single scene, however. Microfiction very rarely depicts more than one turning point, one purpose in its small structure. Despite this smallness, microfiction is loaded with meanings - but this does not mean that the events depicted are often confined within this small structure. (...)

Language is of serious importance to microfiction. When a story is as little as a hundred words, or less, for example, every single word should have been chosen with deliberation, with a consciousness of the multiplicity of its connotations, and a self-awareness.

Because of this heavy burden of implication, paradoxically the language used in micro-fiction veers towards being simple (...). The tone or style is often direct, sometimes speaking to the reader by its use of second person.(...). There is also a noticeable use of the present tense, again drawing the reader into a situation already happening.

Howitt-Dring, 2011: 53

Regardless of repeated attempts to define a name, and, as scientists, identify its properties, and consequently newer particles, there is no unanimity regarding the label nor the definition of a genre whose form is hardly new. Jerome Stern, in his introduction to *Micro Fiction*, advocates that the short-short story is “deeply rooted in the human psyche and in the history of human communities” (Stern, 1996: 17). This ancient-new form, he argues, can find its origins in (sub-)forms such as the fable, the parable or the anecdote (1996: 16-17) which have helped to shape and delineate what the form is now. Holly Howitt-Dring, in her essay “Making micro meanings” (2011), also discusses some of the historical foundations of very short fiction taking us from the Biblical parable to the seventeenth-century *haibun*. According to this writer-critic, or theorist-practitioner, as she dually presents herself, the history of brevity in Japan and China, for instance, helps in understanding how this form has developed and adapted itself throughout the centuries to “fit [now, in the twenty-first century] on laptop and PC screens, on Twitter and on mobile phones” (2011: 49), thus concluding that the very short fiction belongs to an old tradition whose influence is still patent in more modern microfiction. This dialogue between past and present is illustrated, as Howitt-Dring explains, in the rapport between the *haibun*, “a mixture of prose and haiku poetry in a short burst” (2011: 48), whose origins date back to the seventeenth-century, and the twentieth-century *ketai* fiction, “stories long enough to fit in a text message” (2011: 48). This Japanese form finds its equivalent in China, though re-named as “palm-sized story, minute-long story, smoke-long story” (2011: 48). In the West the naming process of this type of fiction also reflects the new medium of communication, that is, the mobile phone and the internet. Hence, it is referred to as “‘mobile-phone fiction’ or even ‘thumb novels’” (2011: 48). The Japanese *ketai* is thought to have also influenced the emergence of the so-called Twitter Lit, i.e., “stories designed to fit Twitter’s 140 characters feed, often hash-tagged on Twitter with #vss, which stands for ‘very short story’” (2011: 48).

Irrespective of its historical precursors, compression and concision have always been part of the aesthetic of the short story form (and the American one in particular) and writers have always challenged themselves to absolute reduction and brevity. Hemingway's "Baby Shoes" – "For Sale: baby shoes, never worn" – is frequently referred to as an instance of how far these values (compression and concision) can be pushed without losing the minimal weight needed for a memorable story, that is, one that lingers in the mind. Rather than "new" this form is actually contemporary and timeless, "as old as the human instinct to combine power and brevity in a structure of words", as Joyce Carol Oates argues (in Shapard and Thomas, 1986: 246).

The newness is rather in the collective understanding of a formula whose rising popularity, through online spaces, such as blogs, Facebook or Twitter, is seen by some as a symptom of the generalized contraction of the intervals of memory. Despite its undeniable links to contemporary culture, microfiction does not emerge of a need to satisfy shrinking attention spans; it rather evolves, as previously referred to, from centuries old forms, adapting itself to new uses and possibilities. As Stern put it, "[t]his is a strange little form, demanding fictional strategies that are both ancient and yet to be discovered" (1996: 16).

The allurement of these texts is also in this difficulty in naming, in categorizing (both as a reading strategy and an instruction to the reader) a format in an apparent crisis of nomenclature. This terminological questioning is further enhanced in face of the absence of some of the elements expected in a story – setting, continuous narrative, named characters – thus raising questions of narrativity. Are these narratives with no narrativity? Lydia Davis argues that even if her stories seem not to be telling a story, there is always one, even if hovering in the background. For Davis a "story has to have a bit of narrative, if only 'she says', and then enough of a creation of a different time and place to transport the reader" (Manguso, 2008).

Microfiction demands some labor on the reader's end, it requires empathy, it solicits collaboration. Davis's story "Collaboration with Fly", included in *The Collected Stories of Lydia Davis*, could be read as adequately portraying the collaborative process of writing and reading a short-short story: "I put that word on the page,/ but he added the apostrophe" (2009: 508). Here, as in Davis's other extremely short-short stories, spanning no more than two lines, it is not so much about what is stated; it is often about what is not said. A possible reading would see this "I" as being the writer who puts words down to paper

and “he”, “Fly”, standing for the reader who adds up and fills in the space in between letters and words, which are then “moulded under the author’s hands, reconstructed through the reader’s eyes” (Howitt-Dring, 2011: 56).

When reading microfiction, the reader is asked to tune in the minimal verbal space to make sense of it as a whole. Austin Wright’s essay “Recalcitrance in the short-story” (1989), though its focus is on short-story, sheds some light on this on-going reading process, particularly regarding “final recalcitrance” (1989: 121), that is, “the effect of shortness [that] is concentrated in the ending” (1989: 121). Reflecting on the reader’s engagement in surmounting “the seemingly premature placing of an end,” (1989: 121) Wright concludes that it is “an effect of incompleteness requiring the reader to look back, recalculate, and reconsider, so as to satisfy the expectation of wholeness that he has brought to the story” (1989: 121), that is, there is advance and retreat in the reader’s resolution of a theme as he/she resolves the ending by reflecting and seeking a unifying principle that would bring whatever subtle details into a single compass. Microfiction takes this process to a different level of reviewing for illumination. More often than not, the reader is faced with a stage of final recalcitrance that is borderline with what Wright identified as “unexplaining explanation”, in other words, the reader is none the wiser and has to provide his own explanation, and “draw his own conclusions” (1989: 125). Therefore, resolution of recalcitrance in microfiction requires the reader to try variable assumptions in the process of (re-)reading. Ultimately, microfiction solicits a reader’s “built-in plot-making talent”, to borrow a term from Susan Lohafer (*Reading for Storyness* 3), so as to fly using minimal materials. John Gerlach’s argument, in “The Margins of Narrative: the Very Short Story, the Prose Poem, and the Lyric”, corroborates this particular feature of microfiction when he explains that “we do fill in. And that may be the key to something else essential: a story is an invitation to construct explanations, explanations about causality, connections, motives. When we feel we are constructing them significantly (...) we sense story” (1989: 79-90).

This invisible that is built after the words, which asks for a story to be read and re-read, is also patent in Joyce Carol Oates attempt to define very short fictions; her need to connect these with poetry is reminiscent of earlier attempts to compare short stories against poems, or for that matter against photography or film. Oates says that these miniature tales “are nearly always experimental, exquisitely calibrated, reminiscent of Frost’s definition of a poem – a structure of words that consumes itself as it unfolds, like ice melting

on a stove” (1986: 246). Along the same lines, Lee Rourke, in *A Brief History of Fables, From Aesop to Flash Fiction* (2011), states that this fiction “needs to be devoured slowly, demanding our participation, as attention to detail – its off-beat metre, rhythm and phonemic juxtapositions – is essential to understanding and enjoyment” (2011: 149).

In this light, Francis Bacon’s perception of reading seems to be addressed at, or somehow applicable to, microfiction: “Some books are to be tasted, others to be swallowed, and some few to be chewed and digested” (qtd. in Manguel, 1996: 171). The best instances of microfiction, definitely demand for rumination, and anticipate tweaking and constant paring down on the writer’s part. “it’s an exercise in saying what you want to say with absolutely no more words than is necessary” (Claire Wigfall, 2010: 27).

Following Manguel’s line of thought on readers and writers, just as readers speak of “savouring a book, of finding nourishment in it, of devouring a book at one sitting, of regurgitating or spewing a text, of ruminating on a passage” (1996: 170-171), writers speak of “cooking up a story, rehashing a text, having half-baked ideas for a plot, spicing up a scene (...) turning the ingredients of a potboiler into soggy prose, a slice of life peppered with allusions into which readers can sink their teeth” (1996: 170). The gastronomic metaphor has become common rhetoric, as Manguel alerts us, as others (photograph coming slowly into focus, or the house metaphor, for instance) but their meaning is not lost when writing or reading microfiction. The botanic metaphor present in the title of this paper serves this same function but its comprehensiveness, including both writing and reading processes, could potentially better illustrate the writer and reader dynamics in microfiction.

“A seed that grows or a bush that is pruned down?” Before further analysis of what may be behind this metaphor, I would like to briefly explain how I came across this phrasing. The title of this paper owes (this) part of its credits to the round table of five flash fiction writers I had the chance of listening to, and later meeting, at the International Short Story Conference in Arkansas, USA, in June 2012. Each writer read an example of his/her flash fiction, the number of words was pronounced as soon as the text was read, and a discussion ensued on how the writing process, in general, evolved. Though the round table was not exclusively on this seed vs. bush topic, there seemed to be a need to clarify the writing process simultaneously with the naming of the product, flash fiction, as if by accounting for the seriousness of their craft, the negative connotation (sounds impermanent, not very serious or substantial) of the label flash

(the Ryanair fiction, as Tania Hershman amusingly reported to have recently heard) would be dismissed. In fact, and not surprisingly, most of those writers would rather have their work seen as stories or fictions rather than flash fiction (as illustrated by the title of Tania Hershman's collection, "Fictions", regardless of her explicit bound with flash fiction contests and workshops), but the need to pigeonhole collections for commercial purposes had led to this boxing of their writing.

From my standpoint, at the end of that session, a conclusion could be drawn regarding the writing of flash fiction: there is definitely a seed - be it a word, an image, a character - that is planted in the writer's mind, but for it to grow fully there is a lot of watering, pruning, at times, manicuring. Graham Mort refers to this process as micro-editing, and draws parallels with writing poetry, namely in the labour over individual words and punctuation in poems. Somehow answering the question posed in the title of this paper, he dwells on the importance of re-drafting, admitting that "it was where I found out what I was trying to say, where the first spontaneous pages of a story became more closely layered through the choice of key narrative moments and resonant language" (2010: 7). This same idea of time and effort/labour is present in Alison MacLeod's concept of "midwif[ing] our stories into life" (2010: 32).

Further contacts with three of the writers in that round table, Tania Hershman, Nuala Ni Chonchúir and Sylvia Petter, led to an ongoing conversation throughout time, and at some point this question emerged once again. The three of them were extremely generous and offered their thoughts on this topic for the purposes of this conference.

I think it's both the seed and the bush - a great piece of flash fiction has the compression of a seed and the expansiveness of the bush. Some flash fiction writers write small, some write large and cut down (. . .) to the heart of the story. Just as with short stories, with every form of writing, there are almost as many ways to do it as there are great writers, so too with flash fiction. The more my students in the workshop and I tried to define what flash fiction is, the more examples we read, the more elusive a definition became. We realised that to try to box it in is purely an intellectual exercise that shouldn't trouble a writer at all, it doesn't matter. I personally have moved from writing a complete flash story in a very short time, so the process is as "flash" as the product, to working with it over a longer time in a similar way to my longer short stories, and also trying to bring some of the "flash" process to the longer stories - to combine the lack of inhibition I feel when writing fast to the depth and thoughtfulness of writing more slowly.

Tania Hershman, September 25, 2012

For me the flash story is, like any piece of fiction, a seed that grows. I think in shapes and so I see the shape of the story as it grows before me and, because of flash fiction's brevity, the ending also. I write poetry as well as short and long fiction, so I bring all those skills to bear in my flash. Tight, brief, tense and precise, short short stories should throw us in-and-out of the human condition in illuminating ways. Short on words but long on depth, they must also sting like good poetry. In my flash stories, I aim for the punchy, the succinct and the surprising; I hope to shift the reader's heart but also keep it beating hard.

Nuala Ní Chonchúir, September 24, 2012

On flash fiction – my workshop went well even though there were just two adults and a young girl of 11. It was more of a family festival as it turned out and not real a writers festival – there were two poets and one flash fiction person (me) and a professor who writes fictocriticism and a novelist.

But what I found interesting in the workshop – and this may hold for any sort of fiction, not just flash, or even poetry – but saying it was flash perhaps made it more like play and not work – although the work comes later. I digress. What I found was that when we were doing some freewriting and trying to zoom in on an evocative image – doesn't always happen, of course – but the adults, me included, tended to be analytical as if finding it necessary to explain whatever image arose. The young girl, Margo – I dedicated a short blog post to her on this – came up with a wonderful image of a koala with its hand stuck in a jar of Vegemite – it was a workshop where we had to bring Australia and home into it and where most of the festival participants were expats – and on she went to a billabong and a sludge of the stuff in the drying up water, and snooty goannas – we were all engaged. But the point was, Margo let go. She dared to let her imagination fly. No hidden agenda. Just story. That's what I want to capture again. The child mind, as Nathalie Goldberg says.

I don't know if this is any use to you for your colloquium, but to put it into flash fiction terms – there is the need to let go and fly with one's imagination with no hidden agenda, to let the images play in your mind, to capture one and run with the story. It is always story. And then the work starts of honing the rough stuff until there are jewels of insight and rhythm, where every word counts, ever apostrophe, every comma – this is the work. Pulling it all together. But craft should not forget the child mind wanting to play.

Sylvia Petter, October 04, 2012

Writers' accounts of their writing practice should be taken with a pinch of salt, we know that, but the fact that these accounts, as others, may not be strictly "true" does not necessarily devalue their content. There is definitely a seed, a prompt, that makes these writers sit, write and see where that takes



them - in a flash, they would say. But pruning down, even if not openly admitted, as in Nuala's case, is always part of finding the heart of the microfiction. David Gaffney, when talking about his own writing experience, explains that he begins by writing a very long story, a 1000 *ws*, he says, and then cut it to 150 *ws* once he realizes which part works - the end, the middle, the beginning. He finds editing quite satisfying and pleasurable. In this same interview, Gaffney underlines the elliptical quality of microfiction, how things will move ahead, without giving all the necessary joining of information. According to this writer, microfiction displays a lot of respect to readers by giving them the authority to move their way through the story without having everything laid out for them (Clever, 2012).

Hence the seed vs. bush metaphor could actually be translated into the realm of the reader. Different texts could prompt different reading reactions: a seed that grows, followed by a bush that is pruned down, followed by a seed that grows, for instance. A cycle that the reader is expected to follow as he/she uncovers the layers, the conscious layer first, where the reader engages with events in time, and then a sub-conscious layer where allusions, references, imagery trigger a deeper reaction. Stories, and microfiction, in particular, "are good when you continue to see more and more in it, and when it escapes you", Flannery O'Connor said. This is precisely one of the features that attracts readers to microfiction: this "emphasis on the escape, on the get-away, break-out, on-the-run, Bonnie-and-Clyde quality of a great" microfiction (MacLeod, 2010: 33).

Microfiction, sometimes only a sentence long hanging on a blank milky page in which nothing happens, or rather, in which everything happens, is a prodigy of understatement and implication. "They are palm-sized and complex, yet complete" (Bobrow, 2009). They are the embodiment of the art of ellipsis, reminiscent of Gaston Bachelard's remark in *The Poetics of Space* (1969): "The miniscule, a narrow gate, opens up an entire world. The detail of a thing can be the sign of a new world which, like all worlds, contains the attributes of greatness. Miniature is one of the refuges of greatness." (1969: 155). That is, microfiction (as the short story) inhabits a larger world which it must take pains to imply.

Sparseness, implication, minimalism, precision, lightness and energy are defining characteristics of microfiction, as Richard Gwyn's proposed with his acronym S/I/M/P/L/E (qtd. in Howitt-Dring, 2011: 55). A one word definition, loaded with meaning(s), seems to be a fitting attempt at defining this

genre focused on making every word count and every meaning matter. Implication, rather than its word count, is key in defining microfictions.

I would like to conclude saying that, as Stuart Dybek, I can only hope that the terminological debate around this form, and its particles, continues and “that we’ll never reach consensus, or feel we’ve figured it out and categorized them at last. Their elusive quality is part of what makes them attractive” (1986: 241).

For the time being, it is, therefore, acceptable to simply use *story*, as Davis, and others advocate, or *fictions*, as Hershman, or *microfiction*, as I propose, as an umbrella term to cover all forms of the very short fiction: flash fiction, short short stories, very short shorts, postcard fiction, sudden fiction, nanofictions, and all the other references to tiny little fictions. I believe, as Jonathan Penner points out, that “subsidiary classification is unnecessary and tends to demean the works of art being sorted and separated. To name anything is to claim a kind of power over it (‘I know what they are’)” (1986: 257). And how can one claim power over ice melting on a stove?

## References

- BACHELARD, Gaston (1994), *The Poetics of Space*, Boston: Beacon Press.
- BANKS, Russel, ‘AfterWords’ (1986), in *Sudden Fiction. American Short Stories*, Shapard and Thomas (eds.), Salt Lake City: Gibbs Smiths Publisher, pp. 244-245.
- BOBROW, Emily (2009), ‘Lydia Davis: Gained in Translation’, in *Intelligent Life*, August 2009, Web. 10 April 2011.
- BUDMAN, Mark & Tom Hazuka (2007), *You Have Time For This, Contemporary American Short-Short Stories*, Portland: Ooligan Press.
- CASANOVA, Rogério (2011), ‘Lydia Davis: Microcontos e 34 Cigarros/ Lydia Davis: Microfiction and 34 Cigarettes’, *Ler Magazine*, February 2011, pp. 48-50.
- CLEAVER, Emily (2012), ‘Flash fiction Special feat. Tania Hershman, Vanessa Gebbie, David Gaffney, Calum Kerr (and Kafka)’, *Litro Magazine*, Septiembre 20, 2012, Web. 26 September 2012.
- DYBEK, Stuart, (1986), ‘AfterWords’ in *Sudden Fiction. American Short Stories*, Shapard and Thomas (eds.), Salt Lake City: Gibbs Smiths Publisher, pp. 241-242.
- DAVIS, Lydia (2009), *The Collected Stories of Lydia Davis*, New York: Picador.
- , Lydia (2010), *Break It Down – Demolição*, José Mário Silva (trans.), Lisbon: Babel.
- GEBBIE, Vanessa (ed.), (2010), *Short Circuit. A guide to the Art of the Short Story*, London: Salt Publishing.

- GERLACH, John, (1989), 'The Margins of Narrative: the Very Short Story, the Prose Poem and the Lyric' in *Short Story Theory at Crossroads*, Lohafer and Clarey (eds), Baton Rouge and London: Louisiana State University Press, pp. 74-84.
- HEMINGWAY, Ernest (1958), 'Ernest Hemingway, The Art of Fiction No. 21', *The Paris Review*, Spring 1958, No. 18. Web. 20 February 2011.
- HOWITT-DRING, H. (2011), 'Making micro meanings: reading and writing microfiction', in *Short Fiction in Theory and Practice* 1:1, pp. 47-58. Web. 11 May 2012.
- LOHAFER, Susan (2003), *Reading for Storyness. Preclosure Theory, Empirical Poetics, and Culture in the Short Story*, Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- , Susan & Jo Ellyn Clarey (eds.), (1989), *Short Story Theory at Crossroads*, Baton Rouge and London: Louisiana State University Press.
- MACLEOD, Alison, (2010), 'Writing and risk-taking' in *Short Circuit. A guide to the Art of the Short Story*, Vanessa Gebbie (ed.), London: Salt Publishing, pp. 32-44.
- MANGUEL, Alberto (1996), *A History of Reading*, London: Harper Collins Publishers.
- MANGUSO, Sarah (2008), 'Lydia Davis', *The Believer*, January 2008, Web. 10 April 2011.
- MATTHEWS, Brander, (1976), 'The Philosophy of the Short-Story' in May, Charles E. (ed), *Short Story Theories*, Athens: Ohio University Press, pp. 52-59.
- MAY, Charles E. (ed) (1976), *Short Story Theories*, Athens: Ohio University Press.
- MORT, Graham, (2010), 'Finding form in Short Fiction', in *Short Circuit. A guide to the Art of the Short Story*, Vanessa Gebbie (ed.), London: Salt Publishing, pp. 4-16
- OATES, Joyce Carol, (1986), 'AfterWords' in *Sudden Fiction. American Short Stories*, Shapard and Thomas (eds), Salt Lake City: Gibbs Smith Publisher, pp. 246-247.
- PEIXOTO, José Luis (2010), Preface to *Break It Down – Demolição*, by Lydia Davis, José Mário Silva (trans), Lisbon: Babel, pp. 11-14.
- PENNER, Jonathan, (1986), 'AfterWords', in *Sudden Fiction. American Short Stories*, Shapard and Thomas (eds), Salt Lake City: Gibbs Smith Publisher, pp. 257.
- ROURKE, Lee (2011), *A Brief History of Fables: From Aesop to Flash Fiction*, London: Hesperus Press Limited.
- STERN, Jerome (ed), (1996), *Micro Fiction. An Anthology of Really Short Stories*, New York: W. W. Norton & Company.
- SHAPARD, R. & J. Thomas (eds.), (1986), *Sudden Fiction. American Short Stories*, Salt Lake City: Gibbs Smith Publisher.
- SKIDELSKY, William (2010), "Lydia Davis: 'My style is a reaction to Proust's long sentences'", *The Observer*, Sunday 1 August 2010. Web. 10 April 2011.
- WIGFALL, Claire (2010), "'I hear voices' - narrative voice, creating a fictive world, characterisation, openings and leaving room for the reader: an interview" in Vanessa Gebbie (ed), *Short Circuit. A guide to the Art of the Short Story*, London: Salt Publishing, pp. 17-31.

- WRIGHT, Austin M. (1989), 'Recalcitrance in the Short Story' in *Reading for Storyness. Preclosure Theory, Empirical Poetics, and Culture in the Short Story*, Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, pp. 115-129.
- YOUNG, Joseph & Randall Brown (2011), 'What is Microfiction? A debate between microfictionists Joseph Young and Randall Brown', *FriGG Magazine*, Spring 2009, Issue 24. Web. 4 April 2011.

PROJECTO  
*PER-FIDE*: PORTUGUÊS  
EM PARALELO COM SEIS LÍNGUAS



# COMPILACIÓN E APLICACIÓNS DOS CORPUS PARALELOS NA LINGUA GALEGA: O CORPUS CLUVI

Xavier Gómez Guinovart

UNIVERSIDADE DE VIGO

## 1. Introducción

O CLUVI (Corpus Lingüístico da Universidade de Vigo), elaborado polo grupo de investigación do Seminario de Lingüística Informática da Universidade de Vigo, é un conxunto de corpus paralelos duns 23 millóns de palabras, formado principalmente con traducións ao galego ou do galego, accesíbeis para consulta na web desde setembro de 2003 no enderezo <http://sli.uvigo.es/CLUVI>. Cinguíndomonos ás seccións do CLUVI que inclúen traducións co galego, o Corpus CLUVI está formado por seis corpus paralelos principais pertencentes a catro rexistros especializados dos ámbitos xurídico-administrativo, literario, da informática e de divulgación científica; e a cinco combinacións lingüísticas diferentes: bilingüe galego-español, bilingüe inglés-galego, bilingüe francés-galego, tetralingüe inglés-galego-francés-español e tetralingüe español-galego-catalán-euskara. Estes seis corpus, cos datos actuais sobre a súa extensión, son o Corpus Lega de textos xurídico-administrativos galego-español (6.582.415 palabras), o Corpus Logaliza de localización de software inglés-galego (3.706.242 palabras), o Corpus Unesco de divulgación científica inglés-galego-francés-español (3.724.620 palabras), o Corpus Tectra de textos literarios inglés-galego (2.407.539 palabras), o Corpus Fega de textos litera-

rios francés-galego (1.863.95 palabras), e o Corpus Consumer español-galego-catalán-euskara de información sobre saúde e consumo (5.586.431 palabras).

O corpus xurídico Lega galego-español contén material textual bilingüe de dúas vertentes especializadas da linguaxe xurídica moi próximas, mais ben diferenciadas: por unha banda, o ámbito administrativo, representado por 30 exemplares íntegros do *Diario Oficial de Galicia* (DOG) publicados entre 2000 e 2005; e por outra banda, o ámbito lexislativo, representado por un conxunto de 76 textos publicados entre 1978 e 2008 con lexislación diversa de ámbito nacional (publicada no DOG), estatal (publicada no *Boletín Oficial del Estado*) e supraestatal (*Constitución Europea*). Máis concretamente, as leis e regulamentos publicados no BOE e no DOG pertencen a distintos eidos dentro do ámbito lexislativo: ao eido xudicial, ao ámbito da Constitución e dos Estatutos, ao eido económico, ao eido social, ao Dereito ambiental, ao Dereito informático e ao ámbito relacionado con sectores específicos (universidades, pesca, circulación, etc.). Os textos administrativos suman un total de 2.394.407 palabras, mentres que os textos lexislativos representan un total de 4.188.008 palabras.

Por outra parte, o Corpus Localiza de localización de software inglés-galego contén a localización ao galego do paquete ofimático OpenOffice, do sistema operativo Windows XP de Microsoft, do navegador Firefox e dos escritorios Gnome e KDE para Linux; o Corpus Unesco inglés-galego-francés-español de divulgación científica está constituído por 32 exemplares íntegros da revista mensual *The Unesco Courier* publicados entre 1998 e 2001; e o Corpus Consumer español-galego-catalán-euskara de información sobre consumo inclúe 1.036 artigos da revista *Consumer Eroski* publicados entre 1998 e 2005. Finalmente, o corpus literario Tectra inglés-galego recompila 50 textos literarios completos en lingua inglesa coas súas traducións para o galego; e o corpus literario Fega francés-galego, 29 textos literarios completos en lingua francesa coas súas traducións para o galego. Os corpus Tectra inglés-portugués (875.595 palabras), e inglés-español (122.251 palabras), aínda en desenvolvemento, inclúen os textos literarios bilingües do Tectra inglés-galego na súa tradución ao portugués e ao español.

O CLUVI inclúe tamén outros seis corpus paralelos do galego en distintas fases de elaboración, en particular, o Corpus Egal de economía galego-español (718.642 palabras), o Corpus Dega alemán-galego (366.038 palabras), o Corpus Veiga de subtitulación inglés-galego (294.714 palabras), o Corpus Turi-gal de turismo español-galego (325.389 palabras), o Corpus literario Galea



galego-español (162.795 palabras) e Corpus literario Pega portugués-galego (68.431 palabras).

Outros corpus paralelos froito de proxectos realizados no seo do noso grupo de investigación no ámbito do Corpus CLUVI, mais que non inclúen directamente o galego como obxecto de estudo, son o Corpus Palop de literatura poscolonial portugués-español (566.590 palabras) (Malvar, 2008) e o Corpus Turigal de turismo portugués-inglés (1.285.764 palabras) (Moreira, 2011). Así mesmo, cómpre salientar que a través da interface de consulta do Corpus CLUVI pódese acceder á consulta do Corpus Lege-Bi euskara-español de textos xurídico-administrativos (2.384.053 palabras), desenvolvido polo grupo DELi da Universidade de Deusto.

Na seguinte sección presentaremos as características xerais da anotación do Corpus CLUVI, así como as solucións adoptadas no seu desenvolvemento para a codificación das equivalencias de tradución cando a correspondencia entre orixinal e tradución non é directa por mor da omisión, adición ou reordenamento de frases na tradución.

## 2. Anotación do Corpus CLUVI

### 2.1. Criterios de anotación

O aliñamento dos textos paralelos almacénase no CLUVI no formato TMX (Translation Memory eXchange), o estándar para a codificación en XML de memorias de tradución independentemente da aplicación utilizada (Savourel & Lommel, 2005). As memorias de tradución utilízanse sobre todo nos programas de tradución asistida por ordenador e, máis comunmente, nos *translation environments* como SDL Trados, DéjàVu, Wordfast, Transit ou Passolo, este último máis orientado á localización de software. Estes asistentes informáticos para a tradución integran nun mesmo produto un procesador de textos especialmente deseñado para traducir, un conxunto de dicionarios bilingües, ferramentas para a xestión terminolóxica (para a creación e mantemento de glosarios, a consulta automática de glosarios durante a tradución e a extracción automática de terminoloxía) e unha utilidade de xestión de memorias de tradución. A memoria de tradución é unha base de datos onde se almacenan a versión orixinal e traducida de cada unha das frases que se traducen no marco da aplicación. Cando se está a traducir unha frase, o programa detecta automaticamente se esa mesma frase ou outra similar xa foi traducida con anterior-

ridade, co obxecto de que se poida reutilizar a tradución sen necesidade de reescribirla completamente, facendo as modificacións que se consideren máis axeitadas. En 1997 a industria creou e impulsou o estándar TMX para permitir o intercambio de memorias de tradución entre os distintos programas de tradución asistida. Con certas matizacións, un corpus paralelo aliñado equivale a unha memoria de tradución e, na práctica, existe un número considerábel de corpus paralelos aliñados codificados en TMX, coa vantaxe adicional de que os corpus así etiquetados poden ser empregados como memorias de tradución para alimentaren os programas de tradución asistida (como se propón en Simões, Guinovart e Almeida, 2004).

A unidade básica de segmentación para o aliñamento dos bitextos do Corpus CLUVI é a frase ortográfica do texto orixinal. Xa que logo, a correspondencia entre o texto orixinal e a tradución vai ser sempre do tipo  $1:n$ . Con frecuencia, a unha frase do orixinal correspóndelle unha frase da tradución ( $1:1$ ). Porén, danse tamén casos nos que unha frase do orixinal non se traduce ( $1:0$ ), ou nos que a unha frase do orixinal lle corresponde na tradución media frase ( $1:1/2$ ) ou dúas frases ( $1:2$ ), ou mesmo nos que unha frase da tradución non se corresponde con ningunha frase do orixinal ( $0:1$ ). Alén diso, a tradución implica ás veces desprazamentos de frases enteiras, ou movementos de fragmentos de frases do orixinal a outras frases na tradución. Estes movementos reordénanse na sección de textos traducidos dos corpus paralelos do CLUVI para cumprirmos o requisito do aliñamento  $1:n$ , que preserva a integridade e a orde das unidades de tradución do texto orixinal. Este criterio é crucial cando se aplica ao procesamento de corpus plurilingües de máis de dúas linguas, debido a que as frases do orixinal son as que, actuando a modo de intermediarias, nos permiten establecer as correspondencias entre as frases equivalentes das distintas linguas.

A especificación TMX non ten en conta a codificación destes aspectos das traducións, xa que foi deseñada para o almacenamento e intercambio de memorias de tradución, e non para a representación de segmentos equivalentes en corpus paralelos. O sistema de codificación do CLUVI utiliza unha versión adaptada dalgunhas das etiquetas que forman parte da especificación TMX para representar as correspondencias que non son  $1:1$  e os reordenamentos codificados no corpus paralelo. Os aspectos traditolóxicos codificados no Corpus CLUVI –en concreto, omisións, adicións e reordenamentos– son etiquetados mediante unha versión adaptada dos elementos  $\langle hi \rangle$  e  $\langle ph \rangle$ , que forman parte do estándar TMX.

Na omisión, hai un anaco do texto de partida que non ten correspondencia no texto de chegada, isto é, unha frase ou parte dunha frase non é traducida. A omisión codifícase nos corpus paralelos do CLUVI co elemento *<hi>*. Consonte coa especificación TMX, o elemento *<hi>* (de nome derivado do inglés *highlight*) “delimits a section of text that has special meaning, such as a terminological unit, a proper name, an item that should not be modified, etc.” (Savourel & Lommel, 2005). Na especificación do CLUVI, baseada na TMX, o elemento *<hi>* marca no texto de partida o elemento que se omite no texto de chegada. Indicamos este uso da etiqueta *hi* mediante un atributo *type* caracterizado co valor de “*supr*”, tal como exemplificamos en (1), onde (1)a é o bitexto inglés-galego e (1)b a súa codificación no formato de representación do CLUVI.

- (1)  
 a. [en] ‘Hello’, I said.  
    [gl] -Ola.  
 b. <tu>  
    <tuv xml:lang=”en”>  
    <seg>’Hello’,<hi type=”supr”>I said.</hi></seg>  
    </tuv>  
    <tuv xml:lang=”gl”>  
    <seg>-Ola.</seg>  
    </tuv>  
   </tu>

A adición na tradución implica unha inserción de fragmentos no texto de chegada que non teñen correspondencias no texto de partida. A adición tamén se codifica no CLUVI co elemento *<hi>*, facendo que este indique o fragmento inserido na tradución. Este uso da etiqueta *<hi>* distínguese mediante un atributo *type* caracterizado co valor de “*incl*”. O fragmento engadido incorpórase á unidade de tradución na que está inserido. Cando o novo fragmento é unha oración (ou unha secuencia de oracións), incorpórase quer á unidade de tradución anterior, quer á seguinte, consonte co seu contexto, respectándonos así o criterio de aliñamento 1:1, como se ilustra no exemplo (2).

- (2)  
 a. [en] ‘Hello.’  
    [gl] -Ola - dixen.

```

b. <tu>
  <tuv xml:lang="en">
    <seg>'Hello.'</seg>
  </tuv>
  <tuv xml:lang="gl">
    <seg>-Ola <hi type="incl">- dixen.</hi>
  </tuv>
</tu>

```

O reordenamento implica desprazamentos de frases enteiras ou movementos de fragmentos de frases do orixinal a outras frases na tradución. Estes movementos reordénanse na sección de textos traducidos dos corpus paralelos do CLUVI para cumprirmos o requisito do aliñamento  $1:n$ , que preserva a integridade e a orde das unidades de tradución do texto orixinal. O reordenamento codifícase no CLUVI mediante unha combinación dos elementos *<hi>* e *<ph>*. Anotamos o fragmento ou a oración movida mediante un elemento *<hi>* que inclúe un atributo *type* con valor de “reord” e un atributo *x* cun valor numérico que actúa de índice. Por outra banda, indicamos cun elemento *<ph>* o lugar no texto que ocupaba orixinalmente o elemento desprazado. Segundo a especificación TMX, o elemento *<ph>* (ou *placeholder*) utilízase “to delimit a sequence of native standalone codes in the segment. Standalone codes are codes that are not opening or closing of a pair, for example empty elements in XML” (Savourel & Lommel, 2005). Na especificación do CLUVI, baseada na TMX, o elemento adaptado *<ph>* indica o punto de partida do movemento, mentres que a relación entre o elemento desprazado e o lugar de partida é codificada no elemento *<ph>* mediante un atributo *x* que comparte valor co índice codificado no elemento *<hi>* do segmento movido. Obviamente, a etiqueta que indica o lugar de orixe sempre é unha etiqueta baleira. Como criterio de etiquetaxe na codificación do CLUVI, e coa finalidade de evitarmos incoherencias entre as distintas persoas que participan na codificación do corpus, os segmentos reordenados sempre son desprazados en dirección ao inicio do texto. En consecuencia, no CLUVI non hai ningunha secuencia semellante a *<ph x="n"/> [...] <hi type="reord" x="n">Reordered element</hi>*; no canto diso, as secuencias son sempre do tipo *<hi type="reord" x="n">Reordered element</hi> [...] <ph x="n"/>*, como se pode observar no exemplo (3) de codificación dun reordenamento sinxelo.

(3)

a. [en] ‘The front door!’ she said in this loud whisper. ‘It’s them!’

[gl] -A porta de fóra. ¡Son eles! - murmurou bastante alto.

b. <tu>

<tuv xml:lang="en">

<seg>‘The front door!’ she said in this loud whisper.</seg>

</tuv>

<tuv xml:lang="gl">

<seg>-A porta de fóra.<hi type="reord" x="1">- murmurou bastante alto.</hi></seg>

</tuv>

</tu>

<tu>

<tuv xml:lang="en">

<seg>It’s them.</seg>

</tuv>

<tuv xml:lang="gl">

<seg>¡Son eles!<ph x="1"/></seg>

</tuv>

</tu>

Estas son, xa que logo, as ampliacións do estándar TMX adoptadas no Corpus CLUVI para a codificación das equivalencias de tradución non biunívocas. Como veremos na seguinte sección do artigo, a incorporación de imaxe e son no corpus paralelo esixirá para a súa codificación a adopción de solucións que vaian alén das anotacións orientadas aos aspectos tradutolóxicos estritamente textuais.

## 2.2. Anotación do corpus multimedia

Tal como mencionamos anteriormente, o Corpus CLUVI é, en realidade, unha constelación de corpus textuais paralelos de diferentes tamaños e de diversas áreas temáticas, recompilados de acordo cunhas rutinas idénticas de anotación e procesamento, e accesíbeis a partir dunha única interface de busca. Porén, un dos corpus constituíntes do CLUVI, o Corpus Veiga, por causa das súas características especiais, escapa desta homoxeneidade no tratamento e require un procesamento adicional.

O Corpus Veiga é un corpus inglés-galego modesto en extensión (preto de 300.000 palabras) que contén os subtítulos en inglés (subtitulado intralin-

güístico) e en galego (subtitulado interlingüístico) de 24 filmes americanos, británicos e australianos en lingua inglesa con distribución en DVD, cine ou internet. No Corpus Veiga, ademais de anotarmos no texto os aspectos estilísticos da tradución –omisións, adicións e reordenamentos das unidades de tradución–, todos os subtítulos inclúen a anotación dos tempos e a indicación dos posibles saltos de liña, permitindo examinar mediante a súa consulta certos aspectos inherentes á práctica de subtitulado, como as limitacións de tempo e espazo, as convencións tipográficas, a segmentación e a condensación, entre outras particularidades.

Formalmente, a anotación dos tempos e dos saltos de liña no Corpus Veiga faise mediante mecanismos adicionais á especificación estrita do TMX. Para a anotación dos saltos de liña emprégase a etiqueta `<l/>`, mentres que os tempos de cada subtítulo se etiquetan mediante o elemento `<s>` con tres atributos: *s* para o número que indica a orde secuencial do subtítulo no filme, *d* para o tempo inicial (o momento do filme en que aparece o subtítulo) e *a* para o tempo final (o momento do filme en que desaparece).

Desenvolvido no marco de investigación do Corpus CLUVI, o Veiga naceu como un corpus de subtítulos textual, mais recentemente decidimos convertelo nun corpus multimedia, incorporándonos as dimensións de imaxe e son necesarias para presentarmos o corpus cunha maior integridade. A versión multimedia da Veiga permite visualizar as secuencias de vídeo correspondentes aos pares bilingües atopados como resultados da procura, dando un acceso ao corpus na súa forma orixinal multisemiótica, audiovisual e textual (Sotelo & Guinovart, 2012). Deste xeito, a interface de consulta do corpus multimedia complementa as equivalencias bilingües, resultado da consulta (textual) formulada, cunha ligazón ás secuencias de vídeo correspondentes aos subtítulos en cada unha das dúas linguas implicadas (inglés e galego). A interface de consulta ao corpus multimedia de subtítulos Veiga xa está dispoñíbel para consulta pública no enderezo <http://sli.uvigo.es/CLUVI/vmm.html>. Con todo, debe notarse que por agora só 14 dos 24 filmes incluídos no Corpus Veiga textual están dispoñíbeis para consulta en formato multimedia.

Etiquetarmos o Corpus Veiga a nivel da interface textual/audiovisual implica, por unha banda, a etiquetación das correspondencias entre os subtítulos en inglés almacenados como datos textuais en XML na codificación baseada en TMX do CLUVI e o segmento equivalente do filme orixinal en lingua inglesa con subtítulos en inglés, e, doutra banda, a etiquetación

das correspondencias entre os subtítulos galegos almacenados como datos textuais en XML e o segmento equivalente do filme orixinal en inglés con subtítulos en galego. Para podermos establecer estas correspondencias textuais/audiovisuais, houbo que segmentar todos os filmes do Corpus Veiga en clips de vídeo, cada un correspondente a un subtítulo. Para podermos facer iso, houbo que comprobar se os subtítulos estaban sincronizados co filme. Nalgúns casos, sobre todo cando o arquivo de subtítulos e o filme proviñan de diferentes fontes, tivemos que editar os subtítulos (utilizándonos a ferramenta gratuíta Subtitle Workshop) e engadir un retardo de tempo (cara a adiante ou cara atrás) para que coincidisen coa velocidade do vídeo. A continuación, tivemos que integrar os subtítulos nos dous idiomas no filme orixinal, para o que empregamos a ferramenta de edición de vídeo de código aberto VirtualDubMod. Para rematar, editamos o filme, tanto o subtítulo en inglés como o subtítulo en galego, e realizamos a súa segmentación por subtítulos.

Deste modo, atopámonos con dous subconxuntos de clips de vídeo con subtítulos, un en inglés e outro en galego, cada subconxunto formado por tantos vídeos como subtítulos ten o filme correspondente. Ademais, dado que un gran número de subtítulos non posúen unha extensión suficiente para poderen ser reproducidos e visualizados doadamente (hainos mesmo de só un ou dous segundos de duración), engadimos dez segundos adicionais a cada clip/subtítulo individual –cinco segundos antes de que o subtítulo aparece e cinco segundos despois de que desaparece–, proporcionándonos así un contexto que facilita a súa observación máis cómoda. Unha vez creados estes dous conxuntos de clips subtítulos para cada filme, o paso seguinte consistiu en poñelos en relación co seu correspondente texto na representación bitextual baseada en TMX do CLUVI a través da etiqueta de identificación do clip de vídeo, codificada tanto no arquivo TMX como no clip de vídeo (no seu nome de arquivo).

Estes dous conxuntos de clips subtítulos almacénanse como arquivos FLV (debido á súa alta taxa de compresión e ao seu reducido tamaño de arquivo) no sistema de arquivos do servidor, onde reciben un nome de arquivo único identificativo en función do título do filme, do idioma dos subtítulos (inglés ou galego) e do seu número de orde secuencial. Así, cando se realiza unha procura no Veiga multimedia, os resultados inclúen tanto a equivalencia bilingüe textual como a referencia enlazada aos clips onde aparece o texto. Por outra parte, os arquivos bitextuais en TMX almacénanse cun nome de arquivo

en función do título do filme, e inclúen as etiquetas tanto dos tempos de cada subtítulo como o seu número secuencial de orde.

A modo de ilustración deste método de anotación de corpus multimedia, o exemplo (4) recolle o código incluído no arquivo TMX chamado *peixe.tmx* (do filme *Shooting Fish*, de Stefan Schwartz) que fai referencia aos clips de vídeo almacenados no sistema de arquivos denominados *peixe\_en-848.flv*, *peixe\_en-849.flv*, *peixe\_gl-808.flv*, *peixe\_en-850.flv* e *peixe\_gl-809.flv*.

```
(4) <tu>
  <tuv xml:lang="en"><seg><s n="848" d="01:07:32,351"
a="01:07:34,342"/>We play our cards right,<l/>we could end up with... <s n="849"
d="01:07:34,431" a="01:07:36,023"/>two million pounds of tobacco<l/>to spend it for
us.</seg></tuv>
<tuv xml:lang="gl"><seg><s n="808" d="01:07:33,271" a="01:07:36,946"/>
Podemos gastar 2 millóns en tabaco<l/>e pósters de Pamela Anderson.</seg></tuv>
</tu>
<tu>
  <tuv xml:lang="en"><seg><s n="850" d="01:07:36,511" a="01:07:39,025"/>I
meant to get someone<l/>to spend it for us.</seg></tuv>
<tuv xml:lang="gl"><seg><s n="809" d="01:07:37,071" a="01:07:39,539"/> Buscare-
mos alguén<l/>que o gaste por nós.</seg></tuv>
</tu>
```

### 3. Aplicacións do Corpus CLUVI

O manexo de corpus paralelos permite observar directamente a realidade lingüística plasmada nas traducións, facilitando o estudo empírico de moitos fenómenos tradutolóxicos que non sería posíbel examinar doutro xeito sen grandes dificultades. Con todo, os corpus paralelos non só permiten achegarse aos estudos da tradución e de lingüística comparada cunha perspectiva realista inimaxinábel antes da súa compilación, senón que tamén posibilitan o desenvolvemento de aplicacións lingüísticas e de tecnoloxías da lingua que alicerzan o seu funcionamento nos datos fornecidos polos corpus. Nos seguintes apartados, imos presentar dous exemplos destas aplicacións centradas na explotación dos datos recompilados no Corpus CLUVI nos ámbitos da lexicografía bilingüe e da terminoloxía computacional.



### 3.1. Dicionario CLUVI

Dicionario CLUVI Inglés-Galego é un dicionario baseado na colección de textos ingleses traducidos ao galego que forma parte do Corpus CLUVI e constitúe, ao noso entender, o primeiro dicionario baseado en corpus da lexicografía galega. Todas as palabras inglesas que aparecen nas súas entradas están documentadas nos textos en inglés traducidos ao galego recompilados no corpus paralelo CLUVI. Alén diso, todas as traducións galegas recollidas no dicionario para esas palabras son traducións reais identificadas nas versións galegas dos textos ingleses do corpus. Finalmente, para cada tradución identificada, o dicionario fornece un exemplo real do seu uso tal como está documentado no *corpus*.

Desde o ano 2005, o Dicionario CLUVI Inglés-Galego está dispoñíbel na web no enderezo <http://sli.uvigo.es/dicionario>. A primeira edición do dicionario, na súa versión 1.5 (2006) alcanzaba as 6.677 entradas e 10.807 traducións. A segunda edición, dispoñíbel desde setembro de 2008, incorpora ao dicionario un maior número de entradas e equivalencias tiradas do Corpus CLUVI (20.000 entradas con 30.000 traducións), ao tempo que amplía os datos lexicográficos contidos nos artigos con información sobre americanismos e variantes ortográficas e con notas de interese gramatical, tradutolóxico e normativo. O obxectivo destes engadidos é que a ferramenta resultante poida ser realmente útil tanto na docencia do inglés como na tradución inglés-galego. Aínda que as entradas desta obra están redactadas só na dirección de tradución inglés-galego, o sistema de busca implementado permite recuperar tamén as entradas a partir das súas traducións ao galego, converténdose así tamén nun dicionario galego-inglés.

A primeira fase no traballo de elaboración do dicionario foi a preparación do corpus paralelo CLUVI que constitúe a súa fonte textual. Neste corpus, de forma xeral, a cada unidade do texto orixinal correspóndelle outra unidade do texto traducido. Hai, non obstante, excepcións: as chamadas asimetrías da tradución, que constitúen a principal dificultade para o aliñamento e, en consecuencia, tamén para o tratamento automático da extracción léxica bilingüe a partir do corpus paralelo. Como vimos, as asimetrías de tradución pódense definir como correspondencias non biunívocas e alteracións na orde das unidades de tradución. Se o habitual é que as correspondencias entre orixinal e tradución sexan biunívocas (1:1), abundan os casos nos que esta correspondencia pode ser 1:0, 1:1/2, 1:2, 0:1, etc. Do mesmo xeito,

podemos atopar nas traducións fragmentos desprazados, mesmo oracións enteiras que cambian de lugar. A existencia destes fenómenos motivou o uso dunha serie de etiquetas especiais para identificalos e facilitar o traballo de extracción automática de equivalencias léxicas bilingües candidatas a seren lemas do dicionario. A este efecto, unha vez identificados e marcados os casos de omisión, adición e reordenamento, xerouse unha nova copia do corpus no que estas asimetrías se eliminaron, do mesmo xeito que algúns signos de puntuación, os díxitos e as palabras gramaticais con maior índice de frecuencia. Todos estes elementos complican o proceso de extracción léxica ben por seren repetitivos, ben por supoñeren casos de dislocación entre o texto inglés e mais o galego.

Para conseguir que un corpus paralelo etiquetado quede aliñado no nivel da palabra (isto é, para conseguir que se establezan no corpus as equivalencias léxicas de tradución) existen diversos algoritmos estatísticos que traballan con índices de atracción ou asociación léxica e cos datos da coapariación de elementos léxicos nas unidades de tradución bilingües aliñadas. No noso caso, empregamos a ferramenta informática para o aliñamento léxico NATools (Simões & Almeida, 2003). Os dicionarios de tradución probabilísticos (DTP) das NATools, xerados automaticamente a partir de corpus paralelos aliñados a nivel oracional, indican para cada forma léxica na lingua orixe documentada no corpus o conxunto de posíbeis tradución na lingua albo identificadas pola ferramenta no corpus. Cada entrada léxica do DTP indica o número de aparicións no corpus do elemento léxico na lingua fonte, e as súas posíbeis traducións coas súas probabilidades de equivalencia calculadas a partir dos aliñamentos oracionais, como se pode comprobar nos exemplos de entradas léxicas inglés-galego do DTP para o Corpus Logaliza recollido en (5).

```
(5) "library" => {
    count => 434,
    trans => {
        "biblioteca" => 0.92184907,
        "bibliotecas" => 0.00992135,
        "librería" => 0.00357169,
    },
},
"files" => {
```

```

count => 3622,
trans => {
  “ficheiros” => 0.92156011,
  “ficheiro” => 0.01192421,
  “arquivos” => 0.00071648,
},
},
“windows” => {
count => 1686,
trans => {
  “windows” => 0.52585220,
  “xanelas” => 0.22492823,
  “ventás” => 0.10177911,
  “fiestras” => 0.06585271,
},
}

```

O resultado obtido da extracción automática é un dicionario bilingüe probabilístico ao que lle cómpre unha revisión manual para mellorar a súa precisión; trátase fundamentalmente de eliminarmos equivalencias erradas e de engadirmos outras que, malia estaren documentadas no Corpus CLUVI, non se recollen no dicionario probabilístico por distintas razóns de índole cuantitativo. Para identificarmos estas ausencias na listaxe inicial de equivalencias, comprobamos a presenza no dicionario de todas as formas léxicas presentes tres ou máis veces nos textos en inglés do corpus, e consultamos os lemarios e as equivalencias ofrecidas por outros repertorios léxicos bilingües de orientación elemental e escolar, como o dicionario inglés-galego de Xerais (Salgado, 1999). Atopáranse máis detalles técnicos sobre o proceso de extracción léxica bilingüe en Guinovart e Sacau (2004).

Tras esta revisión, o leuario da segunda edición do Dicionario CLUVI Inglés-Galego recolle todos os lemas que aparecen un mínimo de tres veces no conxunto dos corpus dos que se partiu (principalmente, os corpus Tectra e Unesco, mais tamén os corpus Logaliza e Veiga), ao carón dun conxunto de palabras que consideramos de interese malia posuír unha presenza menor nos textos. En total, a segunda edición do dicionario contén 20.000 entradas documentadas no corpus, acompañadas de 30.000 traducións e 60.000 exemplos, un caudal léxico salientábel que constitúe a base da edición impresa desta obra (Guinovart, LUGRÍS & DÍAZ, 2012).

### 3.2. *Termodoteca*

A Termodoteca, de libre acceso na web no enderezo <http://sli.uvigo.es/termodoteca>, é un banco de datos terminolóxico para o galego baseado nos textos de especialidade monolingües e paralelos recompilados, respectivamente, no Corpus Técnico do Galego (CTG) e o Corpus CLUVI. Pola súa parte, o CTG está formado por unha colección de corpus do galego contemporáneo de máis de 15 millóns de palabras composta de textos monolingües especializados nos eidos do dereito, da informática, da economía, das ciencias ambientais, da socioloxía e da medicina, e dispoñíbel desde 2006 para libre consulta no enderezo <http://sli.uvigo.es/CTG>.

A información terminolóxica extraída dos corpus CTG e CLUVI de modo semiautomático inclúe os propios termos, xunto cos seus contextos, variantes formais intralingüísticas e interlingüísticas coas súas frecuencias de uso; a súa definición ou definicións, cando se poden documentar nos corpus; e as relacións semánticas que establecen con outros termos do corpus, cando aparecen explicitamente codificadas nos textos. As técnicas utilizadas para tirar toda esta información son de tipo lingüístico-computacional e estatístico, e os seus resultados son sempre revisados e complementados por especialistas (Crespo et al., 2008, Guinovart, 2012).

A base de datos terminolóxica da Termodoteca conta, na actualidade, cuns 8.000 rexistros con información sobre 16.120 termos documentados no CLUVI ou no CTG pertencentes aos ámbitos do dereito (termos en galego e español en rexistros bilingües e monolingües da Termodoteca), da socioloxía (termos en galego, español, francés e inglés en rexistros tetralingües e monolingües da Termodoteca), da economía (termos en galego e español en rexistros monolingües e bilingües da Termodoteca), da ecoloxía e ciencias ambientais (termos en galego en rexistros monolingües da Termodoteca), da medicina (termos en galego en rexistros monolingües da Termodoteca) e da informática (termos en galego e inglés en rexistros monolingües e bilingües da Termodoteca), a partir dos datos das seccións especializadas correspondentes do CLUVI e do CTG.

Cada rexistro da Termodoteca inclúe toda a información relativa a un concepto especializado, expresado cun termo galego documentado nos corpus, e do que se poden recoller tamén no mesmo rexistro ás súas variantes documentadas, tanto intralingüísticas (termos sinónimos, variantes ortográficas ou variantes dialectais) como interlingüísticas (traducións ou, con maior propiedade, equivalencias). A información especificada na Termodoteca para cada

variante (incluída a variante común ou non marcada) inclúe o lema do termo, a súa categoría gramatical como conxunto, a análise morfosintáctica dos seus compoñentes, a súa definición, a súa frecuencia de aparición e un contexto de uso documentado no corpus. Todos os rexistros da Termoteca están catalogados, ademais, segundo o seu campo temático, en referencia a unha árbore conceptual xerarquizada da materia, e poden incluír información sobre as relacións semánticas (antonimia, hiperonimia, holonimia, etc.) que gardan con outros rexistros do banco de datos.

O proceso de baleirado terminolóxico do Corpus CLUVI paralelo aplícase tanto desde unha perspectiva monolingüe como bilingüe. En ambos os dous casos, a extracción da terminoloxía pódese centrar quer na extracción de candidatos a termo monoléxicos, quer na extracción de candidatos a termo pluriléxicos. Emprégase un conxunto de diferentes técnicas de extracción para cada unha destas catro tarefas (Guinovart, 2012).

A extracción desde unha perspectiva monolingüe traballa cos textos do orixinal e da tradución separadamente. Os candidatos monolingües son identificados a partir da súa frecuencia, da súa especificidade e da súa forma. En primeiro lugar, xeramos un dicionario de frecuencias para os textos de cada lingua do par, desbotándonos os elementos cunha frecuencia absoluta inferior a cinco. As listaxes de palabras por frecuencia así xeradas inclúen, evidentemente, un número elevado de elementos léxicos non terminolóxicos. Xa que logo, realizamos un proceso de filtrado destas listaxes eliminándonos delas as palabras que posúen algunha ocorrencia en corpus non terminolóxicos da lingua en cuestión. Por exemplo, no caso do galego, o corpus de exclusión utilizado nesta tarefa é un corpus literario duns dous millóns de palabras, formado por 145 obras de ficción (nomeadamente, novelas e relatos) recompiladas na Biblioteca Virtual da Literatura Universal en Galego, dispoñíbel en <http://tradutoresgalegos.com>. As listaxes de palabras por frecuencia filtradas deste xeito conteñen elementos léxicos máis específicos do corpus e cunha meirande probabilidade de seren considerados candidatos a termo pola revisión humana. Obviamente, non todas as palabras que figuran nesta listaxe de frecuencias filtrada son bos candidatos a termo desde o punto de vista da ampliación da Termoteca. Para este propósito, realízase unha selección humana (por persoas expertas en terminoloxía da especialidade) da lista de candidatos propostos, usándonos a súa forma e a súa frecuencia para agruparmos os candidatos a fin de facilitar a selección. Por exemplo, as formas de infinitivo dos verbos ou as palabras que comezan con certos prefixos (como *hiper-*, *multi-*, *auto-*, *tele-* ou

*meta-*) son candidatos interesantes para entraren na Termoteca a partir dun corpus textual altamente especializado, constituíndo grupos de interese para fins terminolóxicos facilmente identificábeis pola súa forma gráfica.

Neste nivel de análise, centrado en considerar se un elemento monoléxico é un candidato a termo por si mesmo nunha lingua determinada, o etiquetado morfosintáctico do texto non representa unha gran vantaxe. Todo o contrario sucede cos candidatos pluriléxicos a termo recoñécíbeis cunha perspectiva monolingüe nos textos de cada lingua do par. Neste caso, os candidatos a termo son identificados usándonos unha versión dos corpus etiquetada categorialmente e téndomos en conta tanto a súa frecuencia como a súa combinatoria sintáctica. O método baséase na identificación no corpus dos patróns sintácticos cun alto grao de terminoloxicidade. Por exemplo, a partir de traballos previos (Crespo et al., 2008), podemos coñecer a distribución de frecuencias dos patróns sintácticos dos termos en galego. Os tres patróns sintácticos máis comúns na Termoteca son  $N+Adx$ ,  $N+P+N$  e  $N+P+Art+N$ . Deste xeito, podemos recuperar do corpus todas os candidatos a termo coincidentes con estes patróns de alta terminoloxicidade e cunha frecuencia non inferior a cinco ocorrencias, e presentalas agrupadas e ordenadas para a consideración do equipo de especialistas.

A extracción de terminoloxía desde unha perspectiva bilingüe traballa directamente co corpus paralelo aliñado a nivel oracional codificado en TMX, explotando de distintos modos a información sobre as equivalencias de tradución anotada nos textos. Os métodos que utilizamos para a extracción de terminoloxía bilingüe a partir de corpus paralelos baséanse nos dicionarios de tradución probabilísticos (DTP) xerados polo aliñamento léxico automático realizado pola ferramenta NATools (Simões & Almeida, 2003). Os DTP das NATools, xerados automaticamente a partir de corpus paralelos aliñados a nivel oracional, indican para cada palabra na lingua orixe o conxunto de posibles tradución na lingua albo. Cada unha destas traducións inclúe un índice probabilístico, isto é, a probabilidade de tradución mutua para cada equivalencia de tradución. Así, os candidatos a termo bilingües monoléxicos poden inferirse do DTP combinando os datos da extracción monolingüe monoléxico cos datos sobre a probabilidade das equivalencias de tradución contidos no DTP.

Para a extracción bilingüe pluriléxica tamén nos baseamos na información que fornecen os DTP, como explicamos polo miúdo en Guinovart e Simões 2009 e en Simões e Guinovart 2009). As ferramentas das NATools permiten a extracción bilingüe de terminoloxía pluriléxica mediante a utilización

de patróns de tradución que especifican as alteracións na orde das palabras que teñen lugar coa tradución. Estes patróns de tradución utilizados polas NATools poden incluír restricións morfolóxicas (para unha lingua do par ou para as dúas) que establecen cales son as categorías morfolóxicas que poden formar parte do patrón. Deste modo, calculamos un índice da probabilidade de tradución para cada par candidato de equivalentes terminolóxicos bilingües. O valor deste índice baséase nas probabilidades de tradución de cada par léxico equivalente, descartando as probabilidades de tradución das palabras gramaticais. Por exemplo, no patrón de tradución frecuente entre o inglés e o galego  $ABC = C \text{ de } BA$ , a probabilidade de tradución desta equivalencia calcularíase como a media das probabilidades de tradución mutua das palabras representadas polas variábeis  $A$ ,  $B$  e  $C$ .

Como resultado da extracción automática con estas diversas técnicas obtemos un conxunto de listaxes de candidatos a termo tirados do corpus paralelo, monoléxicos e pluriléxicos, en cada unha das linguas (extracción monolingüe) ou en equivalencia de tradución (extracción bilingüe), listaxes que constitúen a base do traballo terminolóxico humano posterior de selección dos termos, documentación e incorporación a Termoteca.

#### 4. Conclusións

Os corpus paralelos constitúen un recurso lingüístico informatizado básico, cuxa consulta directa nos permite observar sen intermediarios o uso real dunha palabra nos textos, os seus contextos, os seus sentidos, as súas traducións, as súas construcións gramaticais e, moi especialmente, documentármolos sobre palabras que non están nos dicionarios, sobre sentidos, acepcións ou traducións que non se recollen nas obras lexicográficas, ou sobre equivalencias bilingües de tradución en pares de linguas que non dispoñen de dicionarios bilingües pero si de corpus paralelos. Os corpus paralelos tamén son alicerces esenciais na elaboración de aplicacións lexicográficas e terminolóxicas de orientación plurilingüe, na creación de recursos de memorias de tradución e no adestramento dos sistemas de aliñamento de traducións, dos sistemas de tradución automática estatística e dos sistemas de tradución mediante exemplos.

A presenza dun idioma na tecnoloxía está estreitamente relacionada co desenvolvemento das tecnoloxías lingüísticas dese idioma, un desenvolvemento

que en moitos casos esixe dispoñer de corpus textuais monolingües e paralelos. Por esta razón, as tarefas de normalización dunha lingua deben incluír entre os seus obxectivos a elaboración e disponibilización do conxunto necesario de corpus textuais e de tecnoloxías lingüísticas, asegurando ao mesmo tempo a presenza xeral da lingua nos equipamentos e servizos da sociedade da información. Pensamos que o traballo levado a cabo na compilación e explotación do Corpus CLUVI pode contribuír cun importante recurso lingüístico á necesaria normalización da lingua galega, ao tempo que demostra con clareza as posibilidades que ofrece o aproveitamento da información contida nos corpus paralelos en aplicacións prácticas de lexicografía bilingüe, de terminoloxía e de semántica léxica.

## Referencias

- CRESPO, Ana, Xosé María Gómez Clemente, Xavier Gómez Guinovart & Susana López (2008), "XML-based extraction of terminological information from corpora", *Actas da 6a Conferência Nacional de XML: Aplicações e Tecnologias Associadas (XATA2008)*, pp. 28-39.
- GÓMEZ GUINOVRT, Xavier (2012), "A Hybrid Corpus-Based Approach to Bilingual Terminology Extraction", en Isabel Moskowich-Spiegel & Begoña Crespo (eds.), *Encoding the Past, Decoding The Future: Corpora in the 21st Century*, Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishing, pp. 147-175.
- GÓMEZ GUINOVRT, Xavier (coord.), Alberto Álvarez Lugrís & Eva Díaz (2012), *Dicionario moderno inglés-galego*, Ames (Santiago de Compostela): 2.ª Editora.
- GÓMEZ GUINOVRT, Xavier & Elena Sacau Fontenla (2004), "Métodos de optimización de la extracción de léxico bilingüe a partir de corpus paralelos" in *Procesamiento del Lenguaje Natural*, vol. 33, pp. 133-140.
- GÓMEZ GUINOVRT, Xavier & Alberto Simões (2009), "Parallel corpus-based bilingual terminology extraction" in *Proceedings of the 8th International Conference on Terminology and Artificial Intelligence*.
- MALVAR, Paulo (2007), "Aproximação à linguística de corpus como metodologia de base empírica. Compilação e anotação do Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial", *Agália*, vol. 89-90, pp. 9-80.
- MOREIRA, Adonay (2011), "The Translator as Cultural Mediator: a corpus-based study of omissions and additions in translations of tourism brochures", *The Journal of Cultural Mediation*, vol. 1, pp. 86-95.
- SALGADO, Benigno (1999), *Dicionario elemental inglés-galego galego-inglés*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia.



- SAVOUREL, Yves & Arle Lommel (2005), *TMX 1.4b Specification. Technical Report. Localisation Industry Standards Association*, dispoñíbel no enderezo: <http://www.gala-global.org/oscarStandards/tmx/tmx14b.html>, consultado 28/02/13.
- SIMÕES, Alberto & José João Almeida (2003), “NATools: a statistical word aligner workbench” in *Procesamiento del Lenguaje Natural*, vol. 31, pp. 217-224.
- SIMÕES, Alberto & Xavier Gómez Guinovart (2009), “Terminology extraction from English-Portuguese and English-Galician parallel corpora based on probabilistic translation dictionaries and bilingual syntactic patterns”, en António Teixeira, Miguel Sales Dias e Daniela Braga (eds.), *Proceedings of the Iberian SLTech 2009 - I Joint SIG-IL/Microsoft Workshop on Speech and Language Technologies for Iberian Languages*, Porto Salvo: Designeed, pp. 13-16.
- SIMÕES, Alberto, Xavier Gómez Guinovart & José João Almeida (2004), “Distributed translation memories implementation using WebServices” in *Procesamiento del Lenguaje Natural*, vol. 33, pp. 89-94.
- SOTELO, Patricia & Xavier Gómez Guinovart (2012), “A Multimedia Parallel Corpus of English-Galician Film Subtitling”, en Alberto Simões, Ricardo Queirós & Daniela Carneiro da Cruz (eds.), *1st Symposium on Languages, Applications and Technologies*. OASICs: Open Access Series in Informatics, vol. 21. Saarbrücken: Dagstuhl Publishing, pp. 255-266.



# PER-FIDE: PROJETO DE COMPILAÇÃO DE UM CORPUS MULTILINGUE

José João Alameida, Sílvia Araújo, Idalete Dias e Ana Correia

UNIVERSIDADE DO MINHO

## 1. Caraterização do Corpus *Per-Fide*: línguas e domínios textuais

O projeto que aqui apresentamos resulta da colaboração entre o Departamento de Informática e o Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho e tem por principal objetivo a compilação de corpora paralelos multilingues. Pretende-se, com este tipo de recurso, construir uma plataforma de investigação vocacionada para diferentes áreas, nomeadamente a linguística contrastiva, o ensino e o estudo de línguas e da tradução (Berber Sardinha, 2003), da lexicografia bilingue, entre outras.

O Corpus *Per-Fide* vem estabelecer uma rede de relações entre a língua portuguesa e outras seis línguas, nomeadamente Espanhol, Russo, Francês, Italiano, Alemão e Inglês. O corpus contempla diversas combinações linguísticas em que o Português (nas suas diferentes variantes: Português Europeu, Português do Brasil e de África) surge como língua pivô, podendo funcionar quer como língua de partida quer como língua de chegada.

Os corpora compilados contêm textos originais nas sete línguas a par das respetivas traduções no maior número possível de línguas. O leque de textos contemplados pelo projeto inclui romances contemporâneos e contos; textos religiosos (principalmente Encíclicas, Cartas e Angelus extraídos do website do Vaticano); artigos jornalísticos (*Le Monde Diplomatique*, *Le Courrier International*, *Presseurop*); textos jurídicos (direito comunitário e acordos internacionais) e textos de cariz técnico (textos e documentação técnica especializada

nos domínios da indústria automóvel, eletrónica, telecomunicações, informática, normalização, indústria farmacêutica e medicina).

### 1.1. *Contributo do Corpus Per-Fide*

A expressão da língua portuguesa nos corpora existentes é limitada. Um dos aspetos de base do *Corpus Per-Fide* consiste no papel preponderante atribuído ao português, nas suas diferentes variantes, como língua de partida ou de chegada. Foram desenvolvidos alguns projetos monolíngues em português pela *Linguateca*<sup>[1]</sup> tais como o *CETEMPúblico* e o *CETENFolha*, que são corpora jornalísticos para o português europeu e português do Brasil, respetivamente. No âmbito da *Linguateca*, foi desenvolvido outro projeto de compilação de corpora jornalísticos em colaboração com as edições portuguesa e francesa do jornal *Le Monde Diplomatique*. Os textos fornecidos, que correspondem aos artigos publicados entre 1999 e 2002, foram alinhados ao nível da frase e o resultado está disponível em <http://linguateca.di.uminho.pt/nat/nat.pl>, selecionando o corpus LMD-PT-FR. Esta colaboração foi agora retomada a fim de integrar um maior número de textos, de edições anteriores e mais recentes, em francês e português, bem como alargar o trabalho de compilação às restantes cinco línguas do projeto. Da *Linguateca* fazem parte outros corpora de menores dimensões, incluindo corpora de literatura clássica, orais e políticos. Sob a tutela do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), foi construído o *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. O *Corpus do Português*, composto por 45 milhões de palavras, foi criado por Mark Davies (Brigham Young University) em colaboração com Michael Ferreira (Georgetown University) e inclui textos em português europeu e português do Brasil do século XIV ao século XX. Embora esteja disponível para consulta na Internet, estes dois corpora que referimos não podem ser descarregados. Uma das preocupações da equipa do projeto *Per-Fide* consiste em disponibilizar para consulta e *download* todo o material compilado e produzido no âmbito do projeto, tornando o corpus acessível a toda a comunidade investigadora.

A ausência generalizada da língua portuguesa em corpora paralelos multilíngues é um facto notório. Contudo, desde a adesão de Portugal à União Europeia em 1986, o número de corpora paralelos associados ao domínio jurídico aumentou de forma considerável. O *EuroParl* (Koehn, 2005) e o

---

1 Informação adicional está disponível para consulta em: <http://www.linguateca.pt/>

*JRC-Acquis* (Steinberger et al., 2006) são corpora de referência neste domínio, que contemplam a língua portuguesa. São compilados automaticamente para todas as línguas europeias com base na legislação produzida pela UE. Um dos problemas com que os utilizadores se deparam ao efetuar pesquisas neste tipo de corpora reside no facto de os formatos dos ficheiros que estão *on-line* necessitarem de software específico e de *scripts* de alinhamento para que possam ser consultados. Acresce ainda o facto de os textos conterem demasiado ruído, pelo que o nível de qualidade do alinhamento não é elevado. O padrão de qualidade do Corpus *Per-Fide* será garantido por meio de técnicas automatizadas, desenvolvidas para assegurar a qualidade da métrica do alinhamento. É de referir, ainda, que a pesquisa de concordâncias será efetuada com base em bitextos. Com efeito, alinhar um texto na totalidade das línguas contempladas pelo projeto iria necessariamente comprometer a qualidade do alinhamento, uma vez que a tradução pode implicar extração, junção ou adição de novas frases ao texto. Ainda assim, uma tarefa deste tipo seria difícil de cumprir, já que na maior parte dos casos não foi possível ter acesso ao mesmo texto em todas as sete línguas.

No domínio literário, a *Linguateca* desenvolveu o *COMPARA* (Garcia & Santos, 2003), que é um corpus bidirecional português-inglês. No *OSLO-Multilingual Corpus*, a língua portuguesa surge apenas como língua de chegada na combinação inglês-norueguês-português. Este sub-corpus trilingue contém um total de 15 textos sob a forma de extratos com 10 000 a 15 000 palavras. É nosso objetivo reunir mais textos literários paralelos, acrescentando, assim, um maior número de línguas que possam ser alinhadas com o português.

Em última análise, porém, é possível constatar que existe ainda uma necessidade premente de criar novos corpora que contemplem a língua portuguesa bem como outras áreas do conhecimento até à data não exploradas. A tipologia dos textos jurídicos dos corpora supramencionados pode ser alargada para incluir outros tipos de texto jurídico, tais como acordos internacionais, textos de jurisprudência e outros documentos potencialmente relevantes. Alguns destes documentos podem ser obtidos automaticamente a partir do website do *EUR-Lex*. Pretendemos, com este projeto, alargar o atual número de corpora paralelos jurídicos com base nos textos que estão disponíveis de forma gratuita na Internet, criando, assim, uma base de dados jurídica de maiores dimensões e mais atualizada.

## 2. Processo de compilação do corpus

A primeira etapa de compilação consistiu na seleção, classificação e digitalização de textos bem como na obtenção de direitos de autor, seguindo-se a anotação morfossintática com recurso a analisadores morfológicos específicos para cada língua. Durante a fase seguinte procedeu-se ao alinhamento dos textos ao nível frásico, tendo sido calculada a métrica do alinhamento para detetar segmentos mal alinhados. Uma vez concluído o alinhamento frásico, os corpora paralelos foram processados para extrair dicionários probabilísticos de tradução (Simões & Almeida, 2003), exemplos de tradução (Simões & Almeida, 2006) e terminologia bilingue (Guinovart & Simões, 2009). Posteriormente, foram disponibilizados para *download* em formato TEI (Erjavec, 1999), XCES (Ide & Romary, 2000) e TMX (Savourel, 2005) e para consulta através da interface do projeto em [www.per.fide.ilch.uminho.pt/query](http://www.per.fide.ilch.uminho.pt/query). É de referir que estas etapas se encontram atualmente em diferentes estados de integração no *workflow*.

Devido à quantidade e variedade de textos coligidos, o processo de compilação do corpus colocou-nos vários desafios ao nível do armazenamento e classificação da informação. Nas seguintes subsecções, apresentamos os métodos selecionados para contornar estes desafios estruturais.

### 2.1. Text Encoding Initiative – armazenamento de metadados

O consórcio da Text Encoding Initiative (TEI) elaborou um conjunto de normas orientadoras para a representação dos textos em formato digital, fornecendo uma metodologia para a codificação dos textos em versão eletrónica. Estas normas revelaram-se particularmente úteis no âmbito das Humanidades, das Ciências Sociais e da Linguística. No projeto *Per-Fide*, utilizou-se a estrutura desenvolvida pela TEI para a anotação de meta-informação.

Na sua origem, a TEI teve como desígnio a reprodução de uma série de descrições e declarações que dotassem o documento eletrónico de um título de página equivalente ao de um texto de formato em papel. As informações descritas e declaradas no TEI *header* (i.e. cabeçalho) tanto abarcam o seu aspeto bibliográfico como o não-bibliográfico, pois na sua especificidade reside o facto de este permitir a anotação dos princípios da sua própria codificação. Ou seja, o TEI *header* permite a anotação do próprio texto eletrónico através de um modelo como sendo um banco de metadados (Giordano, 1995).

Neste projeto, todos os textos integrados no corpus são anotados com meta-informação e a sua descrição é organizada de acordo com as normas da TEI. A meta-informação é declarada e descrita num cabeçalho independente, que se encontra anexado ao documento eletrónico correspondente. Desta forma, o cabeçalho independente contém toda a informação relevante que identifica o documento eletrónico a que está acoplado. É de referir, contudo, que o nosso objetivo não consistiu em aplicar a norma TEI à totalidade do corpo de texto, mesmo porque não dispúnhamos dos meios necessários para levar a cabo uma tarefa de tal dimensão. Assim, centrámo-nos na elaboração de um documento-cabeçalho, anexado ao documento eletrónico correspondente, onde é possível armazenar toda a informação descritiva e todos os elementos declarados que funcionam como uma página de título eletrónica, definindo a estrutura do documento a que se refere. Com base no cabeçalho independente, é possível criar catálogos ou índices (e.g. índice dos “livros sagrados”) por género, autor, língua, etc. Além disso, o cabeçalho permite aumentar o grau de precisão do motor de pesquisa do corpus.

Com intuito de melhor satisfazer as necessidades e os objetivos do projeto *Per-Fide*, criou-se uma versão adaptada do cabeçalho originalmente proposto pela TEI. A primeira secção diz respeito à descrição do ficheiro (*file description*), que contém uma descrição bibliográfica do ficheiro eletrónico e inclui um item denominado *source description* relativo à proveniência do documento. A segunda secção refere-se à descrição do projeto (*project description*) e contempla aspetos mais específicos do desenvolvimento do projeto *Per-Fide* bem como um elemento que diz diretamente respeito à classificação textual (*class declaration*). Por último, a secção *profile description* fornece informação sobre a criação do texto bem como a(s) língua(s) usada(s). Na página seguinte apresentamos um segmento ilustrativo do cabeçalho TEI.

Como pode ver-se, o cabeçalho TEI contempla diferentes tipos de informação; não só os usuais dados bibliográficos (e.g. título, autor, editora, ano de publicação, etc.) mas também dados não bibliográficos tais como direitos de autor, línguas e até um conjunto de classificadores (no item seguinte, iremos focar esta questão, explicando de que forma o projeto *Per-Fide* procedeu em termos de classificação de documentos). Com efeito, a quantidade de informação que pode ser anotada com base na TEI é digna de referência. Contudo, o cabeçalho TEI foi desenvolvido na qualidade de proposta, ou seja, trata-se de um modelo suscetível de ser adaptado: por um lado, para que o documento possa ser considerado como estando em conformidade com a norma TEI, apenas

```

<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
<TEI.2>
  <teiHeader id="321">          <!-- Sequential ID value -->

  <fileDesc>
    <titleStm>...</titleStm>    <!-- Document title information -->
    <extent>3540 words</extent>  <!-- Document size -->
    <publicationStm>...</publicationStm> <!-- Document copyright information -->
    <notesStm>...</notesStm>    <!-- Miscellaneous notes -->
    <sourceDesc>...</sourceDesc>  <!-- Document origin -->
  </fileDesc>
  <profileDesc>...</profileDesc> <!-- language, document classification, etc. -->

</teiHeader>
</TEI.2>

```

Figura 1. Segmento do cabeçalho TEI

alguns dos elementos originais são obrigatórios; por outro lado, é também possível alargar os elementos previstos na proposta original da TEI de acordo com a natureza de cada projeto. A descrição da estrutura completa da TEI não se enquadra nos objetivos do presente artigo, contudo convidamos o leitor a consultar a versão detalhada que está disponível na Internet<sup>[2]</sup>.

O cabeçalho do *Per-Fide* inclui elementos que nem sempre podem ser identificados. No caso dos textos disponibilizados na página web do Vaticano, por exemplo, podemos constatar que não é possível determinar a língua de partida de cada texto. Nesses casos, a língua foi anotada com o termo “unknown” (desconhecido). Noutros casos, houve diferentes tipos de informação em falta, como a editora (para um documento do domínio público, por exemplo). Neste tipo de casos, ao invés de recorrer à anotação “unknown”, esse elemento foi simplesmente ignorado e, conseqüentemente, excluído do ficheiro XML final.

Os textos para integração no corpus foram reunidos pelos membros da equipa do projeto, sendo que alguns deles não estavam familiarizados com a

2 A estrutura completa da TEI está disponível em <http://www.tei-c.org/Guidelines/P4/html/index.html> e a descrição do cabeçalho TEI pode ser consultada em <http://www.tei-c.org/Guidelines/P4/html/HD.html>.



anotação TEI. Por esse motivo, era-lhes mais difícil preencher o cabeçalho TEI em formato XML. Assim, a fim de auxiliar o processo de criação do cabeçalho, desenvolveu-se um formulário *web* onde os membros do projeto preenchiam a informação relevante para cada um dos textos que pretendiam submeter para integração no corpus, procedendo, de seguida, ao *upload* do respetivo ficheiro. De seguida, o formulário gerava automaticamente o ficheiro do cabeçalho TEI e armazenava o documento juntamente com a respetiva meta-informação numa sistema de controlo de versões. Por último, é de referir que a estrutura deste formulário é idêntica à do cabeçalho TEI, o que significa que os campos a preencher correspondem aos elementos descritos no cabeçalho.

## 2.2. Ontologia – classificação de textos

A arrumação de textos em diferentes categorias não é uma tarefa fácil e a questão da terminologia a usar para a caracterização dessas mesmas categorias pode suscitar uma problemática que não seria aqui, de todo, objetivo nosso. No entanto, a distinção das categorias e a identificação dos textos estão dependentes da observação de determinadas características. Deste modo, extrair as características de determinado texto implica obter uma diversidade de elementos que poderia, em certo tipo de textos, levantar dúvidas quanto à sua pertença a determinada categoria. Este tipo de texto, a que chamamos de ‘natureza híbrida’, pode provocar diferentes pontos de vista relativamente à sua classificação.

Decorrente deste facto, e numa tentativa de classificação de textos nos vários domínios envolvidos, encontramos, por exemplo<sup>[3]</sup>, o último livro da obra de José Saramago, *Caim*<sup>[4]</sup> (2009). Se, por um lado, é considerado um romance<sup>[5]</sup>, ou seja, um texto pertencente ao domínio literário, por outro,

---

3 Outros exemplos de obras que poderiam suscitar controvérsia na sua catalogação: *The Satanic Verses* (Salman Rushdie) ou *Conversations with God* (Neale Donald Walsch)

4 Jornal ‘O Público’: “(...) Segundo o Antigo Testamento da Bíblia, Caim terá sido o filho primogénito de Adão e Eva, que matou Abel, seu irmão mais novo, num acesso de ciúmes, após verificar que Deus mostrara preferência por este. (...) O autor salientou que não é, de forma nenhuma, um autor de livros religiosos, que é uma matéria que só lhe interessa porque está desde sempre muito presente na mente dos homens, e na história da Humanidade (...)” (<http://www.publico.pt/Cultura/>)

5 Pilar del Rio (esposa de Saramago) disse: “Este último romance de José Saramago, que não é muito extenso, nem poderia sê-lo porque necessitaríamos mais fôlego que o que temos para enfrentar-nos a ele, é literatura em estado puro”. (<http://www.josesaramago.org/>)

podemos vê-lo categorizado pela *Wikipédia*<sup>[6]</sup> como “Livros críticos de religião”. Daí, surgiu a necessidade de recorrer a um instrumento que pudesse registar uma informação que sugerisse essa inter-relação de conceitos<sup>[7]</sup> nas diversas áreas, mas que, ao mesmo tempo, ditasse uma espécie de padronização da terminologia a utilizar. Assim, entre os vários instrumentos usados para representar e estruturar os diferentes domínios envolvidos, optou-se por uma metodologia que fornece princípios para agrupar conceitos de uma mesma natureza em classes mais amplas, pois na sua hierarquia os termos<sup>[8]</sup> possuem entre eles um conceito de relação e de associação. A ontologia pareceu ser a opção mais adequada não só para a normalização de termos, representação de conceitos e indexação de textos, mas também porque permite ao utilizador encontrar informação num determinado domínio no processo de busca e seleção de documentos. O *thesaurus* proporciona uma abordagem semelhante à da ontologia. Contudo, a diferença entre ambos reside no facto de que a ontologia é um sistema extensível que permite modificar e/ou expandir as relações entre os termos de acordo com as necessidades que forem surgindo. Dada a imprevisibilidade do tipo de textos que iriam surgir durante a fase de compilação do corpus, foi essencial dispor de um sistema classificativo que pudesse ser retificado e aperfeiçoado ao longo do tempo conforme o tipo de textos submetidos para integração no corpus.

A organização hierárquica de uma lista de palavras contidas numa ontologia pode ser definida de diferentes formas. O método que geralmente se utiliza para definir a hierarquia das classes consiste em relações entre termos mais genéricos – *Broader Term* (BT) – e termos mais específicos – *Narrower Term* (NT).

A falta de ontologias padronizadas para fins classificativos levou-nos a encetar um projeto de pesquisa comparativa com base em esquemas internacionais de classificação de documentos, como a CDU (Classificação Decimal Universal) e em Bibliotecas Virtuais (*thesaurus*) nas áreas de Biblioteconomia e Ciências da Informação, como o *Thesaurus UNESCO* (Aitchison, 1983). A elaboração desta ontologia permitiu, assim, estruturar hierarquicamente

---

6 Cf. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Livros\\_cr%C3%ADticos\\_de\\_religi%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Livros_cr%C3%ADticos_de_religi%C3%A3o)

7 Conceito: construções mentais que servem para classificar os objetos individuais do mundo exterior ou interior através de um processo de abstracção mais ou menos arbitrário. (ISO 704 - Terminology)

8 Termo: designação de um conceito definido numa língua especializada, por uma expressão linguística. (ISO 704 - Terminology)

domínios temáticos que posteriormente pudessem ser usados para a classificação das várias obras a incorporar no nosso corpus.

Como nota final, é importante explicar o funcionamento do regime de complementaridade entre a ontologia e a TEI. Conforme o que foi mencionado anteriormente, a ontologia é um sistema classificativo composto por uma rede de relações hierárquicas entre termos, com um grau de complexidade variável. Se considerarmos que a ontologia fornece uma estrutura e nomenclatura classificativas para preencher a secção que diz respeito à classificação de documentos patente no cabeçalho TEI, podemos facilmente concluir que a ontologia serve de base ao cabeçalho. Segundo a definição prevista pela norma ISO Thesaurus 2788, a identificação de cada termo na ontologia deve ser única, para que, ao analisá-la, seja mais fácil localizar um determinado termo e, consequentemente, identificar o respetivo contexto superior de classificação. Tendo em conta a possibilidade de reorganizar a estrutura ontológica, por meio da adição ou extração de níveis hierárquicos, optámos por declarar na TEI apenas o nível mais específico, e por conseguinte o mais baixo, da ontologia. No cabeçalho TEI, este elemento é declarado como <classdecl>. De seguida, apresentamos um esquema parcial que representa a ontologia e a sua inter-relação com o cabeçalho TEI:

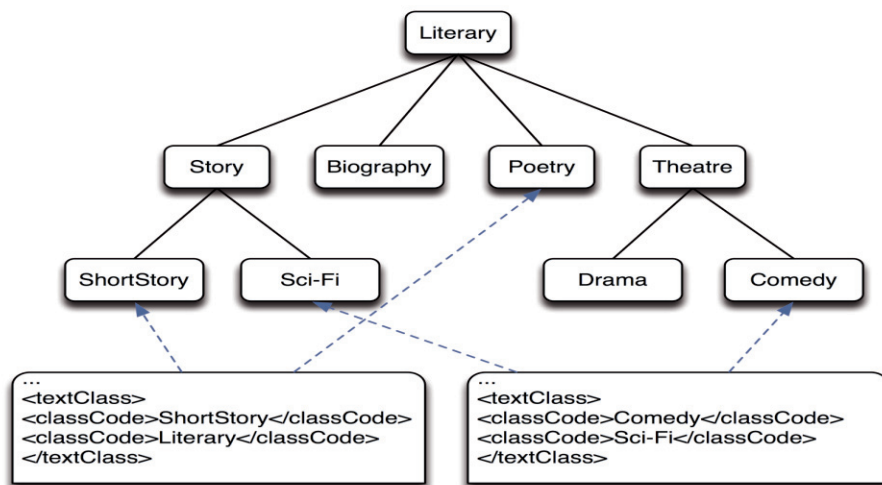


Figura 2. Ontologia e cabeçalho TEI

Ao utilizar a ontologia em colaboração com o cabeçalho TEI para fins de classificação de documentos, torna-se possível expandir ou limitar as relações conceptuais hierárquicas entre termos em qualquer etapa do processo de classificação sem que isso afete a estrutura do cabeçalho TEI.

### 3. Pesquisar o corpus

#### 3.1. Pesquisa simples

A fim de realizar uma pesquisa no corpus *Per-Fide*, é necessário aceder à respetiva interface e selecionar o modo de pesquisa (monolíngue/bilíngue). De seguida, o utilizador deverá selecionar a(s) língua(s) e o(s) corpus da pesquisa, indicando por último o termo ou termos a pesquisar:

**Per-Fide**  
PTDC/CLE-LLI/108948/2008

Select Type  
monolíngue →

Select language  
PT →

Select corpora

- Comboni (info)
- DGT-Acquis (info)
- DGT-TM (info)
- ECB (info)
- ects (info)
- EMEA (info)
- EurLex-v1 (info)
- EuroParlV5 (info)
- JRC-Acquis-V3 (info)
- Literature (info)
- LMD (info)
- PressEU (info)
- Shakespeare (info)
- SoftwarePO-2 (info)
- Tet-Por (info)
- thesis-abstract (info)
- Vatican (info)

Enter query  
festa

Search →

Entries per page: 20 ▾

Figura 3. Pesquisa monolíngue

**Per-Fide**  
PTDC/CLE-LLI/108948/2008

Select Type  
bilíngue →

Select language  
PT-EN →

Select corpora

- Comboni (info)
- DGT-Acquis (info)
- DGT-TM (info)
- ECB (info)
- ects (info)
- EMEA (info)
- EurLex-v1 (info)
- EuroParlV5 (info)
- JRC-Acquis-V3 (info)
- PressEU (info)
- Shakespeare (info)
- SoftwarePO-2 (info)
- thesis-abstract (info)
- Vatican (info)

PT query  
[ ] ptd-->

EN query  
party x ptd-->

Search →

Entries per page: 20 ▾

Figura 4. Pesquisa bilíngue

Este tipo de pesquisa fornece ocorrências do termo pesquisado nos seus diferentes contextos – a esta lista de ocorrência atribui-se o nome de concordância. A concordância poderá ser monolíngue:

The screenshot shows the Per-Fide interface with the search type set to 'monolingual' and the language to 'PT'. The search term is 'festa'. The results list 27 entries from the LMD corpus. The first entry is: 'Os espetáculos da Taganka eram recebidos como uma **festa**, onde o público vinha recarregar as suas baterias, na " torrente de energia salvadora derramada a partir do palco ", segundo a expressão do teatrólogo Boris Zingerman .'. Other entries include references to 'festa desportiva', 'festa do Kippour', and 'festa dos tabernáculos'.

Figura 5. Pesquisa monolíngue do termo *festa* (resultado da pesquisa ilustrada na Figura 3)

ou bilingue:

The screenshot shows the Per-Fide interface with the search type set to 'bilingual' and the language to 'PT-EN'. The search term is 'party'. The results list 4294 entries from the EuroParlV5 corpus. The first entry is: 'o **partido** do Progresso ( FrP ) é a segunda força política da Noruega ;' followed by its English translation: 'the Progress Party ( FrP ) is the second-biggest party in Norway ;'. Other entries include 'E esse subterfúgio foi possível, graças à ambiguidade do FROB : entidade alemã que brilha como instituição pública, para agradar aos visitantes ( que vetavam o resgate direto à banca ) , e conta como parte privada , para pedir crédito a Bruxelas ( que , assim , não tem que resgatar o Estado espanhol ) .', 'In 2002, the family patriarch Vijay Shah organized a party that cost an estimated 16 million euros, which transformed Nekherhal exhibition hall in Malines into an Indian temple where 4,000 guests celebrated for four days.', and 'The resurgence of Jean-Marie Le Pen caused surprise in regional elections in France on 21 March, as he reached 20% in several regions .'. The interface also shows a search bar with 'party' and a results per page setting of 1000.

Figura 6 – Pesquisa bilingue de *party* (resultado da pesquisa ilustrada na Figura 4)

Como se pode ver acima, a palavra *party* surge traduzida de várias formas, o que se deve à variedade dos géneros textuais que compõem os corpora do *Per-Fide* e sobre os quais incide cada pesquisa. Daqui se conclui que não seria possível resgatar a polissemia dos termos sem o ecletismo textual que o Corpus *Per-Fide* apresenta. Além de dar conta da dimensão polissémica do léxico, este tipo de pesquisa também permite encontrar redes de sinónimos de um termo:

The screenshot shows the Per-Fide search interface. On the left, there are filters for 'Select Type' (bilingual), 'Select language' (PT-EN), and 'Select corpora' (a list of corpora with checkboxes, where 'EuroParlV5' is selected). Below these are search boxes for 'PT query' and 'EN query', both containing the word 'issue'. The 'Search' button is highlighted, and 'Entries per page' is set to 1000.

The main area displays 'SEARCH RESULTS' for 'EuroParlV5: 35587 entries'. Below this, a table lists search results for the term 'issue'. Each row contains a reference ID, the original text in Portuguese, and its English translation. The English translations consistently use the word 'issue' to translate the Portuguese word 'tema' or 'matéria'.

Reference	Portuguese Text	English Translation
#644 - EuroParlV5 - TU 24817	Felicitio, portanto, a Presidência portuguesa por ter decidido colocar este tema no centro da cimeira extraordinária .	I would therefore like to congratulate the Portuguese presidency on its decision to make this <b>issue</b> the focus of the special summit .
#645 - EuroParlV5 - TU 24842	De facto, com a Internet, existe o perigo de os serviços se transformem em auto serviços, o que, por sua vez, é uma <b>questão</b> importante de emprego .	There is a threat that, because of the Internet, services will become self-services, and that again is a major employment <b>issue</b> .
#646 - EuroParlV5 - TU 24850	Sublinhando que muitos esperariam da Cimeira do Emprego respostas mais claras neste domínio, não desvalorizo a relevância do <b>tema</b> e a <b>necessidade</b> da definição de uma estratégia europeia para o sector .	While stressing that many people had hoped for clearer answers in this area from the employment summit, I do not undervalue the relevance of the <b>issue</b> and the need to define a European strategy for the sector .
#647 - EuroParlV5 - TU 24858	Nesta <b>matéria</b> , como noutras, do que precisamos não é de mais declarações e discursos, mas de medidas e decisões que permitam diminuir o fosso que nos separa dos Estados Unidos .	On this <b>issue</b> , as on others, we do not need more statements and speeches, we need measures and decisions that can reduce the huge lead the United States has on us .
#648 - EuroParlV5 - TU 24915	Uma vez que o <b>tema</b> se reveste de importância, gostaria que ao debate em sessão plenária fosse dada essa mesma importância, bem como à respectiva votação, pelo que peço ao senhor Presidente que solicite à assembleia o respectivo adiamento para o próximo período de sessões de Bruxelas .	I would like to see the importance of the <b>issue</b> reflected in the debate and vote in this House . So I would ask you to put it to the House that the debate be deferred to the next part-session in Brussels .
#649 - EuroParlV5 - TU 24926	Mas há aqui uma <b>questão</b> extremamente delicada, para a qual quero chamar a atenção da Mesa, para que este <b>assunto</b> seja esclarecido . É que, se é essa, de facto, a intenção com que se votou, acho que se criou um precedente político da maior gravidade .	However, this is a very sensitive <b>issue</b> , and I want to raise it with the Bureau, so that the matter can be clarified, because if that is what we are supposed to have voted for, I think an extremely grave political precedent has been created .
#650 - EuroParlV5 - TU 25051	Com efeito, sempre que o Parlamento quis remediar o <b>problema</b> dos longos períodos de votação, limitou-se a reprimir os direitos de cada um dos deputados .	In fact, every time Parliament decides to deal with the <b>issue</b> of long voting sessions it ends up suppressing the rights of the individual Members .

Figura 7. Rede sinonímica de *issue* através da pesquisa bilingue

### 3.2. Pesquisa simultânea

No modo bilingue, existe ainda a possibilidade de efetuar uma pesquisa nas duas línguas em simultâneo, o que poderá ser útil para confirmar a relação de equivalência entre dois termos:





Figura 8. Pesquisa simultânea de *party* e *partido*

### 3.3. Pesquisa multipalavra

Quer no modo monolingue quer no modo bilingue, o utilizador poderá realizar pesquisas por termos compostos de uma ou mais palavras. Este tipo de pesquisa pode revelar-se de grande utilidade no caso das colocações, e.g. *third party*:



Figura 9. Pesquisa da colocação *third party*

No âmbito desta pesquisa sobre colocações, importa referir que o contexto mais imediato de uma palavra pode influenciar a sua tradução. No caso concreto de *party*, para além da sua associação ao numeral *third*, notámos também que a sua junção a adjetivos como *concerned/interested* e *contracting* pode resultar em traduções como *interessado* e *contratante*, respetivamente.

### 3.4 Dicionários probabilísticos de tradução

A simples pesquisa em modo bilingue pode ser complementada com o acesso a dicionários probabilísticos de tradução (PTD), que indicam o número de ocorrências de um palavra no(s) corpus selecionado(s) e oferecem sugestões de tradução, apresentando, estatisticamente, uma medida de confiança dessas traduções.

**Per-Fide**  
PTDC/CLE-LLI/108948/2008

Select Type  
bilingual

Select language  
PT-EN

Select corpora

- Comboni (info)
- DGT-Acquis (info)
- DGT-TM (info)
- ECB (info)
- ects (info)
- EMEA (info)
- EurLex-v1 (info)
- EuroParlV5 (info)
- JRC-Acquis-V3 (info)
- PressEU (info)
- Shakespeare (info)
- SoftwarePO-2 (info)
- thesis-abstract (info)
- Vatican (info)

PT query

EN query  
party

Search

**PTD for : EN → PT**

**party (59819 occurrences)**

53.55%	parte	224692
10.77%	partes	135296
7.47%	grupo	59454
2.76%	partido	3546
1.70%	interessado	12479

Figura 10. PTD de *party*

O PTD tem um carácter cíclico uma vez que, além de fornecer traduções para o termo pesquisado, também traduz as próprias sugestões de tradução,



voltando à língua em que se pesquisou inicialmente. O utilizador pode aceder às possíveis traduções de um qualquer termo constante do PTD, clicando nas quatro setas centrífugas à esquerda. As setas da direita, por sua vez, dão acesso às concordâncias das alternativas propostas pelo PTD.

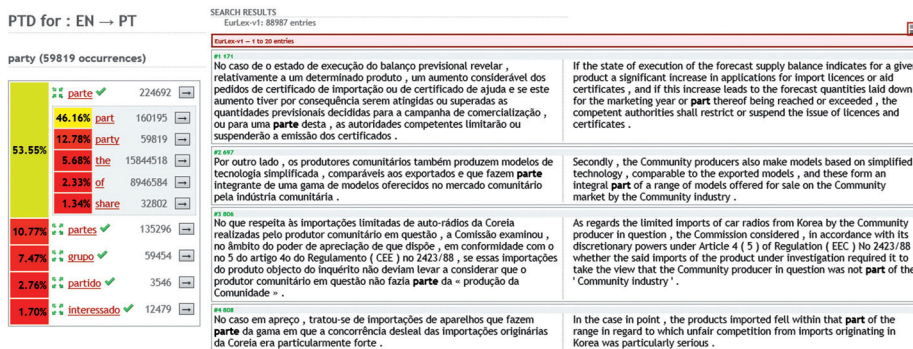


Figura 11. esquerda: PTD de *part* a partir das setas centrífugas; direita: lista de concordâncias de *part* a partir da seta que se encontra à direita do PTD.

Por motivos de impressão, o leitor não poderá aperceber-se através destas imagens da gradação cromática do PTD. De facto, este é percorrido por uma escala de cores, que representa em percentagem o grau de probabilidade de um termo ser traduzido por outro num determinado corpus. Nesta escala, a cor verde representa o grau máximo de equivalência entre os dois termos e a cor vermelha níveis inferiores de equivalência. Entre estas dois polos existem cores intermédias (e.g. laranja e amarelo).

#### 4. Conclusão

Existe um interesse cada vez maior em corpora e nos recursos (e.g. PTD e terminologia bilingue) construídos a partir destes repositórios de dados organizados. Como pudemos ver, este tipo de ferramenta encerra um grande potencial no âmbito dos estudos linguísticos, e em particular da tradução (Berber Sardiha, 2003), uma vez que permite sistematizar e explicar, com base em dados empíricos, fenómenos inerentes ao funcionamento da língua que escapam a

um mero exercício de introspecção. A linguística de corpus tem mostrado quão inexata é a intuição humana no entendimento da linguagem (Sampson, 2001). Retomando o tema desta XIV edição do Colóquio de Outono, é legítimo afirmar que as Humanidades se deparam atualmente com inúmeros desafios tecnológicos que exigem de toda a comunidade científica a necessária abertura a novos paradigmas do conhecimento e da investigação, em que a transdisciplinaridade parece assumir um papel preponderante. Com este estudo, esperamos ter demonstrado de forma cabal os benefícios que resultam da sinergia entre as Humanidades e a Engenharia Informática.

#### *Agradecimentos:*

O *Per-Fide*, *Português em paralelo com seis línguas (Português, Español, Russian, Français, Italiano, Deutsch, English)*, é parcialmente financiado pelo projeto PTDC/CLE-LLI/108948/2008 da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

#### **Referências**

- ARAÚJO, Sílvia, Alberto Simões, José João Almeida e Idalete Dias (2010), “Apresentação do projeto *Per-Fide*: Paralelizando o Português com seis outras línguas”, *Linguamática*, vol. 2, nº 2, pp. 71-74.
- AITCHISON, Jean (1983), *Thesaurus de l’Unesco: liste structuré de descripteurs pour l’indexation et la recherche bibliographiques dans les domaines de l’éducation, de la science, des sciences sociales, de la culture et de la communication*, Paris : Unesco.
- BERBER SARDINHA, Tony P. (2003), “Uso de corpora na formação de tradutores”, *DELTA*, vol. 19, nº especial, pp.43-70.
- ERJAVEC, Tomaz (1999), “A TEI encoding of aligned corpora as translation memories”, in *Proceedings of the EACL Workshop on Linguistically Interpreted Corpora*, pp. 49-60.
- GARCIA, Ana F. e Diana Santos (2003), “Introducing COMPARA, the Portuguese-English parallel translation corpus”, in Federico Zanettin, Sílvia Bernardini and Dominic Stewart (eds.), *Corpora in Translation Education*, Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 71-87.
- GIORDANO, Richard (1995), “The TEI header and the documentation of electronic texts”, *Computers and the Humanities*, vol. 29, nº 1, pp. 75-84.
- GUINOVAR, Xavier G. e Alberto Simões (2009), “Parallel corpus-based bilingual terminology extraction”, in *Proceedings of the 8th International Conference on Terminology and Artificial Intelligence*.

- IDE, Nancy, Patrice Bonhomme e Laurent Romary (2000), “XCES: an XML-based encoding standard for linguistic corpora”, in *Proceedings of the Second International Language Resources and Evaluation Conference*.
- KOEHN, Philipp (2005), “EuroParl: A Parallel Corpus for Statistical Machine Translation”, in *Proceedings of MT-Summit*, pp. 79-86.
- ROCHA, Paulo A. e Diana Santos, “CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa”, in Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), *Actas do V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada*, pp. 131-140.
- SAMPSON, G. (2001), *Empirical Linguistics*, Londres e Nove Iorque: Continuum.
- SARAMAGO, José (2009), *Caim*, Lisboa: Editorial Caminho.
- SAVOUREL, Yves (2005), “TMX 1.4b Specification”, Relatório Técnico, disponível em <http://www.gala-global.org/oscarStandards/tmx/>, consultado em 20/03/2011.
- SIMÕES, Alberto e José João Almeida (2007), “Parallel Corpora based Translation Resources Extraction”, in *Procesamiento del Lenguaje Natural*, vol. 39, pp. 265-272.
- SIMÕES, Alberto e José João Almeida (2003), “NATools – A Statistical Word Aligner Workbench”, in *Procesamiento del Lenguaje Natural*, vol. 31, 217-224.
- STEINBERGER, Ralf, Bruno Pouliquen, Anna Widiger, Camelia Ignat, Tomaz Erjavec Dan Tufiş e Dániel Varga (2006), “The JRC-Acquis: A multilingual aligned parallel corpus with 20+ languages”, in *Proceedings of the 5th International Conference on Language Resources and Evaluation*.



PROJECTOS  
DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS /  
EXPANDIR A IGUALDADE



# WHAT HAPPENS WHEN THE PACT IS BROKEN? LIMITS OF DEMOCRACY, HUMAN RIGHTS AND THE NEOLIBERAL IMPERIALISM

Marta Nunes da Costa  
CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

Democracy is built upon a pact: a pact between citizens and governors, representatives and represented; a pact that builds itself upon a set of human rights, intrinsic to the democratic project - among which the right to political equality and political participation; a pact that is also built upon the implicit consent, necessary to the play of the political game, which also supports the institutional apparatus of the State. It is because decisions of democratic governments have the consent of their people that they appear as legitimate; it is because decisions are legitimate that the pact between representatives and represented strengthens itself.

Contemporary democracies – and here I will take European democracies as my reference for this paper – have grown. This growth is visible in the set of rights generally attributed to the citizenry. It is visible for the inside – the citizens who bear the rights - as it is also visible for the outside, or by other nations. Some of these rights are freedom of expression and association, gender equality, work equality, right to education, right to health care, and so on; in order words, democracies seem to commit themselves with first, second and third generation of rights. Many of these rights are not perfect in the system of practices – the proof is that we still find differences in wages based on gender. Still, there was the belief that despite the obstacles that still had to be overcome, democracy was worth fighting for, because it brought light upon the best of human nature, and it promised a better life, more peaceful, and engaged with values of respect, dignity and solidarity.

Indeed, it is generally assumed that democracy and human rights go hand in hand. As I showed elsewhere<sup>[1]</sup> the fact that a nation embraces democratic ideals does not necessarily mean that it has the conceptual and material conditions to assure a full commitment with human rights' discourse. This is obvious once one starts analyzing the infinite list of what is today considered as 'human right'. I will not enter this discussion here. I just want to highlight the fact that the relationship between democracy and human rights is not easy nor linear – the easiest way to see this is to look at the 'right to work' and its normative implications and compare it to its correspondent practical realities, such as current unemployment rates across many European countries, especially among the youth.

For our purpose, I want to start from the premise that democracy and human rights have a conflictive (despite apparently friendly) relationship and that once one acknowledges that, one may engage more deeply in the discussion about the kind of future democracy *and* human rights may have in a context marked by globalization, neoliberalism and the consequent transformation of conceptual meaning and practices of sovereignty.

Indeed, ahead of us, as social scientists or philosophers, lies a hard and difficult mission, which is two fold: first, adopting a critical attitude to deconstruct several discourses that have been sustained and perpetuated for the past fifty/sixty years and understand what triggered the public promotion of certain discourses; second, to engage in imaginative and rational political processes that may allow us to unfold new possibilities for the future, where perhaps democracy and human rights can be achieved.

The first task is a theoretical one, since it emerges from the awareness that there is an abyss between democratic theories and democratic practices. Theories are no longer capable of explaining what is wrong, and those who can are unable to provide way outs. This is a major problem since any good theory must be able to fulfill two fundamental goals: on the one hand, to explain and predict behaviors but also, on the other hand, to provide solutions for potential problems.

The second task has to do with the fact that from a practical point of view democracy is not an ideal system, untouched by other non-political orders.

---

1 Nunes da Costa, Marta, "Human Rights and Democracy: Utopia or Reality?" na Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, n.60, pp.269-290, Brasil, 2012. ISSN 0304-2340.



Indeed, we are coming to realize in the worst possible manner that democracy as a substantive political, but also, social, cultural and economic system is intrinsically incompatible with some orders or powers that appear as 'part' of the democratic game. That appearance is, obviously, an illusion, and once the discourses are diffused and certain ideologies (like the neoliberal one) acquire a hegemonic quality and power over the potential alternatives, democracy faces a dead-end and is progressively incapable of assuring the maintenance of its foundational and regulative principles. It is under this peculiar constellation that one is forced to ask: does it make any sense, *still*, to hold on to human rights' discourse *or* is it possible to sustain human rights' discourse given the progressive loss of rights faced by individual citizens under the scope of democracy? I want to argue that neoliberalism not only is opposed to democracy as it also underlines any possibility of survival of a discourse on human rights. Therefore, if one wants to recover democracy and human rights' discourse legitimacy and power, one must engage in creative reconstruction of the political sphere, redefining the parameters of discussion and redefining the relationship between the political, social, economical and financial orders, according to democratic regulative ideals and ends. Therefore, this paper has three moments. First, I will look at the relationship between nation-state and global order; after, I will account for human rights' evolution; finally, I will confront the challenges brought by neoliberalism and propose some alternatives.

## 1. Nation-State versus Global order

The question today is really to know *if* democracy is a viable, sustainable and desirable political project and ideal. It is important to ask this question because it is much easier to turn our faces and look elsewhere; there are many problems and conflicts that constitute democracy as such – space for contestation and dissent – but some of these conflicts affect the original (hypothetical) democratic DNA of the building. Apart from the contestation and dissent, there is a common root to all democracies, namely, that a democracy can happen (*only*) in a State of Right; that democracy implies the acceptance of fundamental values such as freedom, equality and autonomy; that democracy projects itself as a long term commitment in terms of fulfilling first, second, and third generation rights'.

There are rights only within a State – that was, after all, Arendt’s argument. Rights of Man are abstract; there are only individual bearers of rights; and those rights must be assured by a State. Differently put by Alasdair MacIntyre, “there are no such rights, and belief in them is one with belief in witches and in unicorns’ (MacIntyre, 1985, p.69) A urgent question must be addressed: where do we stand today, in a world where States face the pressure of globalization and where the economic imperatives regulate trans-national practices, translated into factual regulations imposed upon Nations by very few trans-national organizations? Should or should it not exist some kind of transnational form of sovereignty with power to coerce, regulate and audit States’ commitment to human rights? Habermas, already in 2002, answered affirmatively to this question:<sup>[2]</sup> just as a National State must assure order and respect of fundamental rights, so is the great challenge today to create a World State of Right. As Habermas says:

O ponto vulnerável da defesa global dos direitos humanos é a falta de um poder executivo que possa proporcionar à Declaração Universal dos Direitos Humanos sua efectiva observância, inclusive mediante intervenções no poder soberano dos Estados nacionais, se necessário for.

Habermas, 2002: 205

The United Nations are not enough; time has proved that this institution is totally incapable of leading a cosmopolitan project. The United Nations is basically a diplomatic forum that cannot fulfill its primary task, namely, to assure peace, because the most important powers (such as the United States) don’t want to delegate the *real* powers to maintain peace and manage war moves. Therefore, the United Nations today is but an organization that legitimizes a certain progress of a hegemonic pseudo-consensus and reduces all other alternative ideologies to dust.

The European Union carried the promise of realizing a cosmopolitan purpose insofar it actualized the possibility of creating common principles and policies in the political and economic spheres. Nevertheless, the economic and financial crises that affect many of the European member states and the European Union as a whole bring a glimpse of a future of Europe that is more similar to the past that the construction of the European project aimed to

---

2 Habermas, J. 2002. *A Inclusão do Outro*, São Paulo, Loyola Ed.

have buried. Little by little, what should have been a constellation of different Nations regulated by shared ground and principles as necessary means to assure peace in Europe without having an hegemonic power dominating the entire European building has transformed itself in a manifest division between north and south, between most developed and less developed countries; between Germany and ‘the rest’ of Europe. It is in this context of tensions and divisions – not only ideological, but economic, social and cultural – between nations, that one must confront a series of questions: can Europe sustain its pretensions of democratic legitimacy? How should we conceive the relationship between democratic nations within a Europe that is still struggling with its own democratic aspirations? Can democracy survive? How should one approach the human rights’ discourse in a context marked by extreme asymmetrical distributions of power? Can we still hold on to them?

## 2. The evolution of Rights

As Professor Acílio Rocha has written: “Se é verdade que há uma *história* dos direitos humanos, também é por demais verdade que há uma *pré-história* dos direitos humanos” (Rocha, 2010: 297).

The evolution of human rights is well known – the first generation of rights (civil and political) that assure political equality and individual freedoms represent a basic claim for freedom; the second generation of rights (social and economic) claims for equality; the third generation of rights (from individual and present centered to a trans-generational approach) represents a claim for solidarity. Each of this set of rights was the answer to particular historical *a priori* (Foucault) that configured specific forms of domination and oppression – political, social and environmental. However, as Acílio Rocha argues following Guy Haarscher, the ‘profusion of goals can debilitate or even banalize human rights of first and second generation’ (Rocha, 2010: 300)

Previously I argued that we are living a time of growing disenchantment *vis-à-vis* ‘democracy’ as ideal; as well as of sharper world divisions and growing inequalities, brought about by globalization. The fact that European nations and the European project face current dilemmas is no surprise; these crises reflect a larger and more encompassing one, brought by a shift of paradigm emerging with globalization. It is not my intention here to define ‘globalization’ – there are as many definitions as disciplines and scholars that try to define it;

let us accept a simple definition as the end of physical (even if virtual) barriers between nations worldwide, allowing an exchange of experiences, goods and value that is meta-national, i.e., where nations don't have the jurisdiction to regulate or control. The picture of globalization that is presented as a romantic worldview where everyone grows at a similar pace, has the same opportunities and has the same potential for reaching success and to improve one's quality of life covers the unhuman condition to which (almost all) humans are exposed. Not only does globalization directly clash with national democracies; globalization becomes the actor of neoliberal hegemony, where exclusion grows side by side with totalization of means and access to markets by only a few individual/corporative actors. Against all human rights' discourses, globalization means that the rich become richer, and the poor become poorer; inequalities increase within each nation and between nations; capital becomes reference over work or labor; and reason – as rationality/ rationalities and reasonable, legitimate and justifiable decision-making – is reduced to a well know instrumental use, already denounced by Adorno and Horkheimer in *Dialectics of the Enlightenment*.

Under this light, where instrumental reason becomes rule and where market and capital directives regulate the entire world spectrum of exchange affecting human interaction, each State becomes more fragile in its purpose, function and means. What can individual States do when there is a universal neoliberal cloud that limits and circumscribes the realm of state action? Before answering this question we must first see what States become when accepting neoliberal hegemony.

### 3. Looking at Neoliberalism

What is neoliberalism? Even for those who do not know the academic definition of this event, once one starts to describe it, everyone will be able to relate to it from experience. Neoliberalism is a set of economic policies that have become widespread during the last thirty years. It is distinct from 'liberalism' *tout court*, which can refer to political, economic or religious ideas.<sup>[3]</sup>

---

3 For instance, the US is a clearly liberal state, promoting 'free' enterprise, 'free' competition and personal responsibility. The political 'liberal' aspect of its state allowed the US to deal with many social tensions and conflicts. It is presented to the people as progressive politics, compared to the most conservative or Rightwing.

Neoliberalism is specifically economic. The liberal school of economics became famous with Adam Smith and *The Wealth of Nations* of 1776. Here, Adam Smith argued for the abolition of governmental intervention in economic matters, i.e., the state should not interfere or control the laws and dynamics of manufacturing, commerce, etc. This liberalism was soon translated in the increasing gain of capitalists, where rich grow richer and the poor grow poorer. This tendency, which is now very much alive, was somehow contradicted after the Great Depression, with Keynes and the New Deal, and the idea that the state had to advance some notion of the common good, in order to restore the conditions for economic growth and viability.

This idea of common good, however, has been progressively abandoned since countries across the globe are facing the general economic crisis and its particular and common effects of shrinking profit rates and growing rates of unemployment. The corporate elite across the globe has felt inspired to revive economic liberalism, now experienced at a global scale. This neoliberalism is marked by specific claims: *First*, the claim that the state should be held back and private enterprise should be open to international trade and investment. This openness to the market leads to wage reduction and actual loss of human rights – as rights to work. The ideology is spread under the slogan that ‘openness brings more opportunities for economic growth’. *Second*, the claim that public expenditure for social services must be cut. This is visible in adjustment measures from Portugal, Spain, Greece, Ireland, UK and others – education and health care see their budget dramatically reduced, therefore eliminating the little safety-net of the poor. *Third*, restructuring government regulation on several matters – for instance, transforming the laws of work and their protection. *Fourth*, as we see in many European countries that are selling its assets – state-owned enterprises – to China and other private investors. These assets are as distinct as electricity, banks, hospitals, water, highways and tolls, among others. *Fifth*, under such a scenario, where the ‘common good’ is actually dispersed and sold out to whoever pays more, the concept of common good, as public good or community, disappears, being replaced by the concept of individual responsibility.

Neoliberalism is the motor of financial institutions as IMF, Central European Bank or World Bank. Measures of austerity are added in search of more gain, at the expense of real individuals with real basic needs – not of living in luxury, but only of surviving. While one may say that, despite the economic stress and external pressures on countries on international financial aid, these

countries remain democratic – with regular elections, and mirroring a relationship between representatives and represented – it is not clear how this democratic model can be sustained.

#### **4. Beyond neoliberal paradigm - is there a way out?**

From what we have seen so far, democracy faces a multilayered challenge: first, from a normative point of view, democracies must reevaluate the relationship between the representative, participatory and deliberative dimensions in order to redefine the democratic paradigm. Most precisely, democracies must account and reinvent the ways in which the relationship between representatives and represented are experienced and lived. If representative mechanisms are no longer capable of actually representing citizens, the whole concept and ideal of democracy is at stake. It is crucial to reconceptualize and create institutional spaces for political participation and political deliberation that may enhance the virtues of current representative institutions.

Second, democracies must reconceptualize the ways in which democratic legitimacy can be achieved and sustained. If national democracies are no longer capable of justifying within themselves the policies, national budgets and so on, it is imperative to conceive ways of articulating civil society's claims and political institutions in a trans-national level. Neoliberal imperialism, i.e., the fact that neoliberalism became the only visible economic trend that assimilated the political sphere and reduced social and cultural claims of diversity and pluralism to an hegemonic unidimensionality of economics, can only be counterbalanced by a coherent political post-national project. What does this mean?

If neoliberalism became the wing under which all nations (democratic or not) act, it is crucial to reconceptualize national identities through the creation or invention of a post-national identity that fosters pluralism and diversity of individuals and groups, granting the autonomy of the political sphere. This autonomy can only be retrieved by fostering a political culture of trans-national citizenship, based on the recognition of fundamental rights transversal to all cultures and religions. This, of course, implies the recreation of political institutions, also trans-national, that can assure the compliance with the rights agreed upon, having established its judicial regulation. In a word, it is vital to reorganize and reconceptualize the functioning and structuring of political

institutions, which should no longer be attached to a ‘nation-state’; instead, they should express a democratic commitment to the respect of fundamental human rights across the globe – the creation of a world Right without a state. Only after the material conditions for a truly democratic project are fulfilled can human rights’ discourse recover its legitimacy and power as a set of regulative ideals.

## References

- ADORNO, Theodor W. and Horkheimer, Max, (2002), *Dialect of Enlightenment*, Stanford University Press.
- GIDDENS, A. (1990), *Sociology*, Oxford University Press.
- GREEN, Philip, (2012), “Farewell to Democracy?” in Nunes da Costa, Marta (org.), *Democracia, Mass Media e Esfera Pública/ Democracy, Mass Media and Public Sphere*, pp.139-160, Braga, Portugal: Húmus Ed.
- HABERMAS, Jürgen (2012), *The Crisis of the European Union – a Response*, translated by Ciaran Cronin, Polity Press: Malden MA, USA.
- HABERMAS, J. (2002), *A Inclusão do Outro*, São Paulo: Loyola Ed.
- HARVEY, D. (2011), *The Enigma of Capital*, Profile Books Ltd.: London, UK.
- HARVEY, D. (2007), *A Brief History of Neoliberalism*, Oxford University Press: Oxford, UK.
- MACINTYRE, A. (2007) *After Virtue: A Study in Moral Theory* [1981], Gerald Duckworth & Co.: Londres, UK.
- NUNES DA COSTA, Marta (2012) “Human Rights and Democracy: Utopia or Reality?” na *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais*, n.60, pp.269-290, Brasil. ISSN 0304-2340
- ROCHA, Acílio Estanqueiro (2010) “Direitos Humanos e Globalização” em Emílio Santoro (ed.) *Direitos Humanos em uma época de insegurança*, pp.295-318, Porto Alegre, Brasil: Tomo Editorial.





# **A LUTA CONTRA A POBREZA: CONDIÇÃO OU EFEITO DO RESPEITO PELOS DIREITOS HUMANOS?**

Maria João Cabrita

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

A luta contra a pobreza, como abordada na filosofia liberal igualitária que espelha as clivagens entre liberalismo social (Rawls) e liberalismo cosmopolita (Beitz), justiça internacional (Rawls) e justiça global (Pogge), coloca-nos perante o dilema: trata-se de uma condição ou de um efeito do respeito pelos direitos humanos? Com o intuito de clarificar este problema, procurarei mostrar que a preferência pelo segundo termo reitera o enfoque liberal dos direitos políticos e civis, primeira geração dos direitos humanos; enquanto a preferência pelo primeiro termo reforça o valor dos direitos económicos e sociais – direitos que a par dos direitos culturais compõem a segunda geração de direitos humanos e cuja fundamentação se enraíza não na tradição clássica liberal e na concepção de lei natural, mas no socialismo e na “luta de classes” (veja-se Ishay, 2008 [2002]). Se, por um lado, a utopia realista rawlsiana, ao atribuir prioridade à resolução das injustiças políticas, avalia a resolução da pobreza como consequência do respeito pelos direitos humanos – compreendidos como direitos básicos a qualquer sistema de cooperação social; por outro lado, o cosmopolitismo sobre a justiça (Beitz e Pogge, entre outros) abre via à troca de prioridades entre direitos políticos e civis e direitos económicos e sociais no seio do horizonte liberal igualitário. Os defensores do alcance global da justiça – económica e social que promove a igualdade de oportunidades e a (re) distribuição de rendimento e riqueza – consideram a eliminação da pobreza extrema como condição do respeito pelos direitos humanos; tanto

assim que o seu discurso sobre os direitos humanos cresce sobre o impacto da mortalidade decorrente da miséria ser substancialmente maior que a mortalidade decorrente de guerras. Isto significa que, na sua perspectiva, enquanto as práticas políticas (nacionais e internacionais) alimentarem a clivagem entre ricos e pobres, e não promoverem um patamar socioeconómico mínimo que proporcione uma vida digna a qualquer indivíduo do mundo, não podem ser tidas como práticas respeitadoras dos direitos humanos.

O abismo entre estas duas concepções de “luta contra a pobreza” reflecte, logo à partida, a distância entre uma abordagem internacional da justiça política (Rawls) e uma abordagem cosmopolita da justiça económica e social (Beitz e Pogge) que, paradoxalmente, nasceu sob a expectativa da aplicação do princípio da diferença do liberalismo igualitário de *A Theory of Justice* (1971) à escala global (veja-se Beitz, 1999a[1979] e Pogge, 1989). Princípio este que, ao anunciar uma distribuição das desigualdades sociais e económicas de forma a maximizar as expectativas dos mais pobres, pelo acesso a bens sociais primários essenciais a um *standard* de vida digna, abre via a uma redistribuição mundial do rendimento e da riqueza mais igualitária; tanto mais que hoje o verdadeiro sistema de cooperação é ilustrado pelo sistema económico mundial e não pelo panorama nacional. Contrariando a expectativa fomentada pela sua teoria da justiça como equidade, Rawls tratou a questão da luta contra a pobreza não como um dever de justiça para com todo e qualquer indivíduo do mundo, mas como dever de justiça das sociedades domésticas para com os seus cidadãos (Rawls, 1999a[1971]) e como dever de assistência da sociedade internacional para com povos com deficit de cultura social e política (Idem, 1999b). Neste sentido, as nossas obrigação para com os estrangeiros são meramente humanitárias. Diferentemente, ao considerarem a luta contra a pobreza extrema como a tarefa inadiável ao projecto da igualdade entre indivíduos à escala global – cujo bem-estar é prioritário ao interesse de toda e qualquer sociedade – Pogge e Beitz reivindicam o direito humano à não pobreza, ou a um *standard* de vida adequado, sob inspiração do artigo 25º (1)<sup>[1]</sup> da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* – artigo emblemático da 2ª geração de direitos

---

1 “Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade”, *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), Artigo 25º (1) disponível em <http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>, consultado em 01/02/2013.

humanos e cuja implementação exige o direito de todos os seres humanos a uma ordem social e internacional que respeite os direitos e liberdades proclamados nessa declaração (artigo 28<sup>o</sup>). Não obstante o interesse dos povos pela preservação da sua igualdade e autonomia possa coincidir com o interesse dos seus cidadãos, como advoga Rawls, os indivíduos têm outros interesses relevantes à boa conduta dos Estados, como o interesse em evitar qualquer situação de precariedade que eclipse o limiar mínimo da dignidade humana, como a da pobreza extrema.

A visão rawlsiana das causas e soluções da pobreza como uma questão meramente doméstica é, como veremos, amplamente criticada por Beitz e Pogge. Mas, em primeira instância, urge apresentá-la. No seio de uma sociedade doméstica a pobreza resulta, na concepção rawlsiana, de toda e qualquer gestão política que não promova uma equitativa igualdade de oportunidades e a distribuição de “bens sociais primários” que, a par dos direitos, das liberdades e do auto-respeito, são imprescindíveis à realização dos projectos de vida pessoais, como são os casos do rendimento e da riqueza. Conquanto confira prioridade à protecção dos direitos e liberdades individuais, Rawls enaltece as exigências da justiça social ao advogar uma distribuição das desigualdades sociais e económicas de forma a que “a) proporcionem a maior expectativa de benefício aos mais desfavorecidos e, b) estejam ligadas as funções e a posições abertas a todos em posição de igualdade equitativa de oportunidades” (Idem, 1999a[1971]: 72) – princípio de igualdade democrática que maximiza a liberdade real de todos os indivíduos numa sociedade doméstica. Nesta acepção, o facto de um indivíduo ter nascido no seio de uma família mais pobre do que a de qualquer outro não o coloca numa situação de desvantagem em vista de projectos de vida semelhantes; da mesma forma que o seu talento não constitui uma mais-valia pessoal mas um bem ao serviço da sociedade. A origem e posição social, o talento individual e a boa ou má sorte, como quaisquer outras contingências naturais e sociais, constituem factores moralmente arbitrários na distribuição de recursos.

A ideia rawlsiana de equidade – retratada na situação inicial de contrato em que as partes, sob desconhecimento de todas as suas particularidades, escolhem os princípios de justiça a aplicar às instituições políticas, sociais e económicas fundamentais, ou estrutura básica da sociedade – fomenta um Estado social que resgata os indivíduos de situações de precariedade. Na concepção do liberalismo igualitário de *A Theory of Justice*, a liberdade individual e a participação política não excluem o Estado social, tanto mais que os direitos

sociais não substituem os direitos dos indivíduos, tal como a responsabilidade social do Estado é inconfundível com a responsabilidade dos cidadãos e das suas associações. Em primeira instância, os direitos sociais relevam dos poderes legislativo e executivo, aos quais cabe assegurar a todos os cidadãos as condições materiais que conduzem a uma vida digna no seio de uma sociedade doméstica – sistema equitativo de cooperação entre cidadãos, considerados como pessoas livres e iguais, e que se perpetua de geração para geração. A justiça social tem por objectivo, neste sentido, maximizar o valor da liberdade para os mais desfavorecidos do sistema de liberdades iguais, partilhado por todos<sup>[2]</sup>; trata-se, assim, de aumentar as expectativas (traduzíveis em bens primários) daqueles que têm menos rendimento e riqueza. A democracia de proprietários<sup>[3]</sup> é um dos regimes constitucionais mais adequados a esta acepção de justiça social, dado caracterizar-se, essencialmente, pela dispersão regular da propriedade e do capital ao longo do tempo, actuando de forma a integrar os mais desfavorecidos na sociedade; ou seja, de modo a que estes assimilem a sua cultura política como um ideal e princípio a seguir.

É sobretudo à contraluz do *welfare state* capitalista que Rawls dilucida o papel da democracia de proprietários no combate à pobreza. Enquanto aquele regime aceita como dada a desigualdade substancial na distribuição inicial de propriedade e de talentos naturais e, deste modo, procura redistribuir o rendimento *ex post*; a democracia de proprietários procura uma maior igualdade na distribuição de propriedade e de talentos naturais *ex ante* e, consequente-

---

2 “(...) Liberty and the worth of liberty are distinguished as follows: liberty is represented by the complete system of the liberties of equal citizenship, while the worth of liberty to persons and groups depends upon their capacity to advance their ends within the framework the system defines. Freedom as equal liberty is the same for all; the question of compensating for a lesser than equal liberty does not arise. But the worth of liberty is not the same for everyone. Some have greater authority and wealth, and therefore greater means to achieve their aims. The lesser worth of liberty is, however, compensated for, since the capacity of the less fortunate members of society to achieve their aims would be even less were they not to accept the existing inequalities whenever the difference principle is satisfied. But compensating for the lesser worth of freedom is not to be confused with making good an unequal liberty. Taking the two principles together, the basic structure is to be arranged to maximize the worth to the least advantaged of the complete scheme of equal liberty shared by all. This defines the end of social justice”, Rawls, 1999a[1971]: 179.

3 Em *A Theory of Justice*, Rawls considera a democracia de proprietários e o liberal socialismo como os regimes constitucionais mais adequados à estrutura básica da sociedade bem ordenada e, consequentemente, à aplicação dos princípios de justiça como equidade. A diferença entre estes regimes deve-se à consideração dos meios de produção como propriedade privada ou pública e a uma maior ou menor amplitude do sector público, como esclarece em *Justice as Fairness: a Restatement* – Rawls, 2001: 135-140. São as circunstâncias históricas e as tradições políticas que ditam a escolha de um regime em relação ao outro.

mente, não se centraliza tanto nas medidas redistributivas subsequentes. Ou seja, porque irredutível à redistribuição de rendimentos em benefício daqueles que, por infortúnio ou acidente, se encontram abaixo de um *standard* de vida decente, fomenta uma justiça social que extravasa a do *welfare state* capitalista – frequentemente, identificável a uma solidariedade paliativa que alivia as dores da pobreza mas que não a elimina, dado o seu sistema de assistência pressupor desigualdades extremas no âmbito da propriedade privada. Ao garantir a difusão da propriedade dos meios de produção e do capital, num contexto de iguais liberdades básicas e da igualdade equitativa de oportunidades, a democracia de proprietários lega aos cidadãos os meios adequados para tratarem dos seus assuntos pessoais e participarem na cooperação social. Neste sentido, ao envolver uma distribuição de bens em larga escala em prol da sua rentabilização, não só democratiza a riqueza como capacita ou promove o *empowerment* do grupo alvo das suas políticas sociais – o estatuto de cidadão-proprietário contraria os efeitos negativos sobre o respeito próprio e mútuo consequentes do estatuto de indivíduo-cliente da assistência social do Estado-providência capitalista. Não apenas por fomentar o pleno emprego, dado o Estado assumir-se como empregador de último recurso quando o sistema económico falhe neste sentido, mas também por permitir uma maior mobilidade social ao evitar a monopolização dos meios de produção pela elite económica – efeito perverso do Estado-providência capitalista.

As instituições de uma democracia de proprietários colocam nas mãos dos cidadãos os meios adequados a se tornarem membros cooperantes da sociedade – quer pela difusão da propriedade dos meios de produção e do capital, como já mencionado, quer ainda pelos sistemas de ensino e profissional. O Estado deve preocupar-se, por exemplo, com a educação das crianças, porque dela depende o seu desempenho futuro como cidadãos, a sua capacidade para assimilarem a cultura pública política, participarem nas instituições e em tornarem-se, ao longo da vida, membros economicamente auto-suficientes da sociedade. Sucintamente, numa democracia de proprietários ao governo cabe garantir oportunidades iguais de educação e cultura a pessoas que possuem capacidades e motivações semelhantes, quer subsidiando escolas privadas, quer pela criação de um sistema público de ensino. A igualdade de oportunidades é aplicada do mesmo modo à actividade económica e livre escolha de ocupação – liberdade obtida quer pelo policiamento da conduta das empresas e associações privadas, quer pelo evitamento de restrições monopolistas e de barreiras protectoras de acesso às situações mais procuradas. Por último,

o governo garante um mínimo social através de subsídios de família e subsídios especiais em caso de doença e desemprego ou, mais sistematicamente, pelo uso de mecanismos como o suplemento gradual de rendimento. Mas ao fazê-lo não mina as expectativas das gerações futuras, dado os impostos sobre a despesa ou rendimento, que permitem apoiar os mais carenciados da geração actual, não conduzirem ao esgotamento de recursos indispensáveis ao seu exercício efectivo de igualdade de liberdades.

O princípio da diferença não requer um crescimento económico contínuo ao longo de gerações para maximizar indefinidamente para cima as expectativas dos menos favorecidos; o que requer é que “as diferenças de renda e riqueza obtida na produção do produto social, durante um intervalo de tempo adequado, sejam tais que se as expectativas legítimas dos mais favorecidos forem menores, as dos menos favorecidos também sejam menores” (Idem, 2001: 64s). Neste sentido, pode-se dizer que tem em vista diminuir o fosso entre os mais ricos e os mais pobres sem pressupor um mínimo muito elevado que desproteja as gerações futuras. Isto implica que a cada geração cabe não apenas salvaguardar os proveitos cultural e civilizacional e manter intactas as instituições justas, mas também pôr de lado uma quantidade adequada de capital acumulado efectivo<sup>[4]</sup>. Sob várias formas – investimento líquido em maquinaria e outros meios de produção, investimento no saber e na educação, etc – esta poupança permite aos cidadãos das gerações futuras usufruírem de um vida plena. Uma vez que se disponha de um princípio de poupança justa, indicador da dimensão do investimento a fazer, pode-se determinar o nível do mínimo social. A ideia básica da justiça intergeracional rawlsiana, substanciada no princípio da poupança justa, é a de que os mais carenciados de cada geração possam usufruir de um padrão de vida melhor, até se atingir um estágio em que se deixa de apelar a qualquer vantagem material adicional<sup>[5]</sup>.

4 «The appropriate expectation in applying the difference principle is that of the long-term prospects of the least favored extending over future generations. Each generation must not only preserve the gains of culture and civilization, and maintain intact those just institutions that have been established, but it must also put aside in each period of time a suitable amount of real capital accumulation», Rawls, 1999a[1971]: 252.

5 Sobre a combinação do princípio de justiça intergeracional, o princípio da poupança justa, e os dois princípios de justiça, Rawls escreve: “This is done by supposing that this principle is defined from the standpoint of the least advantaged in each generation. It is a representative men from this group as it extends over time who by virtual adjustments are to specify the rate of accumulation. They undertake in effect to constrain the application of the difference principle. In any generation their expectations are to be maximized subject to the condition of putting aside the savings that would be acknowledged. Thus the complement statement of the difference principle includes the

Trata-se de preservar as instituições justas e não de aumentar, senão mesmo de maximizar, o nível de riqueza da sociedade ou de uma classe social (veja-se Rawls, 1999b:107). Sucintamente, numa sociedade doméstica bem ordenada a preocupação com a diminuição da desigualdade tem em vista (1) aliviar o sofrimento e privação dos pobres de modo a poderem efectivar as suas liberdades e a viver condignamente, sem exigir, contudo, o nivelamento de riqueza entre os seus cidadãos, (2) evitar tratamentos diferenciados e estigmatizantes, e (3) assegurar a equidade de eleições e de oportunidade política de concorrer a cargos públicos, conforme à efectiva igualdade equitativa de oportunidades.

Esta visão olvida, todavia, o impacto da comunidade internacional e das relações entre sociedades na estrutura da sociedade doméstica e, consequentemente, na própria questão da pobreza, dado ser pensada para uma sociedade fechada e “mais ou menos auto-suficiente” (Idem, 1996[1993]: 18) – fechada porque nela entramos pelo nascimento e saímos pela morte, auto-suficiente porque completa e pensada como se nenhuma outra existisse em seu redor. A reflexão rawlsiana sobre as sociedades liberais, ou democracias constitucionais, cresce sobre a ideia de sociedade fechada, de uma abstracção que permite enfatizar as questões da justiça de fundo da estrutura básica da sociedade doméstica, mas que peca por subestimar a interdependência complexa entre instituições nacionais e instituições internacionais, o sistema internacional de cooperação formado por regras, instituições e práticas<sup>6</sup>. A cooperação entre pessoas livres e iguais, representantes da sociedade contemporânea democrática e pluralista, tal como descrita nos termos de *Political Liberalism* (1993), é intergeracional mas meramente local; ou seja, pressupõe deveres de justiça da sociedade para com os seus cidadãos e os seus descendentes no âmbito da luta contra a pobreza, mas não para quaisquer outros. Tanto mais que a constatação do pluralismo cultural da comunidade internacional embarga a aplicação dos princípios de justiça de uma determinada sociedade a qualquer outra – eles reflectem os ideais de sociedade e de pessoa implícitos na sua cultura política. A alusão à cultura política democrática evidencia como as capacidades morais

---

savings principle as a constraint. Whereas the first principle of justice and the principle of fair opportunity are prior to the difference principle within generations, the savings principle limits its scope between them”, Idem: 258.

6 Como salienta Charles Beitz: “If the societies of the world are now to be conceived as open, fully interdependent systems, the world as a whole would fit the description of a scheme of social cooperation, and the arguments for the two principles would apply, a fortiori, at the global level”, Beitz, 1999a[1979]: 132.

das pessoas – para elaborar, rever e prosseguir uma concepção de bem e para o sentido da justiça – constituem um elemento essencial ao seu bem-estar numa sociedade bem ordenada; uma sociedade em que cada membro aceita, e sabe que todos os outros aceitam, os mesmos princípios de justiça e obedecem de modo geral às instituições básicas (veja-se Rawls, 1996[1993]: 35-40).

No âmbito da sociedade internacional, tal como descrita em *The Law of People* (1999), Rawls trata o combate à pobreza como um dever humanitário e não um dever de justiça. Tanto mais que apresenta standards de justiça social com um significado meramente local – substanciando assim, como assinala Beitz, um liberalismo social e não um liberalismo cosmopolita<sup>7</sup>. No trilho do liberalismo político e da assunção do facto do pluralismo, Rawls distingue dois tipos de sociedades domésticas bem ordenadas – as sociedades liberais razoáveis e as sociedades hierárquicas decentes – e no seu seguimento completa a ideia de uma posição original internacional, desenvolve uma teoria ideal aplicável a uma sociedade de povos bem ordenados e, assente nela, uma teoria não ideal sobre as linhas de orientação da sua política externa, no relacionamento quer com as sociedades expansionistas – direito à guerra – quer com as sociedades sobrecarregadas – dever de assistência. Mas a leitura de *The Law of Peoples* coloca-nos perante uma concepção de pobreza distinta da veiculada pela visão cosmopolita de justiça de Pogge e Beitz – como acima mencionado, da pobreza nos termos do Art. 25A da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Trata-se da pobreza compreendida como deficit de cultura social e política – é sobretudo nesta acepção, e não na económica, que Rawls reconhece o dever de assistência da sociedade de povos bem ordenados às sociedades sobrecar-

7 “Social and cosmopolitan liberalism represent the most interesting alternative philosophical conceptions of international political theory. Social liberalism is a progressive, internationalist descendant of a family of views I once called “the morality of states” – that is, of the moral conception of international relations we inherit from the modern natural law tradition and from the international thought of the eighteenth and nineteenth centuries. Cosmopolitan liberalism in one sense is a more ancient view, since its central idea arguably derives from the Stoics. In another sense it is distinctively modern, representing the application to the global level of the individualist moral egalitarianism of the Enlightenment.

Social liberalism embodies a two-level conception of international society. It conceives of the international real as an order of societies organized as states. There is a division of moral labour between the domestic and international levels. State-level societies have the primary responsibility for the well-being of their own people, while the international community serves to establish and maintain background conditions in which just domestic societies can develop and flourish. The agents of international justice are states or societies, and its object is to establish a political equality of states, each committed to and capable of satisfying the legitimate interests of its own people”, Beitz, 1999b: 518.



regadas, ou sociedades com “falta de tradições políticas e culturais, de capital humano e de *know-how* e, frequentemente, dos recursos materiais e tecnológicos necessários para poderem ser bem ordenadas” (Rawls, 1999b: 106).

O dever de assistência, contrariamente ao dever de justiça advogado pelo cosmopolitismo da justiça, não tem por preocupação maior o bem-estar dos indivíduos, ou muito menos a igualdade entre eles, mas a justiça das sociedades, a igualdade entre povos autónomos – como salienta Pogge, a justiça internacional de Rawls reconhece os povos e não os indivíduos como unidades últimas do cuidado moral (Pogge, 2006: 211). Tendo por objectivo “elevar os pobres do mundo até que sejam cidadãos livres e iguais de uma sociedade liberal ou membros de uma sociedade decente” (Idem: 109), é desactivado uma vez que este seja alcançado – ou seja, tal como o dever de poupança, é transitivo. Isto significa que a assistência tem por alvo a implementação e a manutenção de instituições justas, ou no mínimo decentes, em sociedades até então sobrecarregadas e com culturas sociais e políticas específicas e deficitárias. A preocupação com a diminuição da desigualdade na sociedade dos povos reflecte o mesmo tipo de considerações tecidas por Rawls quanto à sociedade doméstica. Uma vez que o dever de assistência cumpra o seu objectivo, (1) não há razão para estreitar a diferença de riqueza média entre os povos, (2), não há lugar para sentimentos de inferioridade de um povo relativamente a outro, dado que a partir de então pode-se ajustar o significado e a importância da riqueza da sua própria sociedade, e (3) fica assegurada a equidade nos processos políticos da estrutura básica da sociedade dos povos (Rawls, 1999b: 113s).

A rectificação das injustiças políticas e sociais básicas, que estão na base de situações de pobreza de um povo, não depende essencialmente da entrega de fundos por parte da comunidade internacional às sociedades sobrecarregadas<sup>[8]</sup> – conquanto sejam necessários – mas da reforma dos seus regimes num sentido democrático sem atropelo da sua especificidade cultural. Dificilmente o apoio financeiro da sociedade internacional surte efeitos benéficos numa sociedade que padece de uma gestão política insensível ao bem-estar do seu povo. Ao focar os direitos humanos, a Lei dos Povos condena este tipo de

---

8 As causas apresentadas por Rawls sobre a desigualdade internacional remetem a duas conclusões normativas, enunciadas por David Miller nos seguintes termos: “The first is that there is no reason of justice to be concerned about arbitrary inequalities in the distribution of natural resources. (...) The second conclusion is that, since a society’s wealth depends upon factors internal to that society, it would be wrong to transfer resources from societies that have become wealthy to societies that have remained poor, as the difference principle for instance might require”, Miller, 2006, 194.

conduta, tanto mais que, constituindo estes uma classe especial de direitos urgentes<sup>[9]</sup>, estabelecem limites à autonomia interna de um regime.

Rawls defende a ideia de que a prosperidade de um povo não se mede pela quantidade de recursos mas pela sua cultura social e política<sup>[10]</sup>; ou seja, de que este factor é determinante quer na existência de fome e pobreza, quer na luta contra estas. Tanto assim que a sua ocorrência é frequente em sociedades não democráticas – o estudo de Amartya Sen sobre as fomes em Bengala (1943), Etiópia (1973/4), Bangladesh (1974) e nos países da África-subariana (anos 70), em *Poverty and Famines* (1981), corrobora com esta visão. Fundamentado nestes casos específicos, Sen defende que as fomes nem sempre decorrem da carência de alimentos, de falhas da produção; que resultam frequentemente de uma governação disfuncional, senão mesmo danosa, que falha na distribuição de bens alimentares e na instituição de políticas que contrariem as quebras de produção dos mesmos. É evidente o desinteresse pelos direitos humanos de um governo que permite que o seu povo morra de fome, quando o poderia evitar. Conquanto as análises de Sen sobre a pobreza tenham em vista mostrar a supremacia da métrica das *capabilidades*<sup>[11]</sup> sobre as métricas dos recursos – da qual a abordagem dos bens primários sociais constitui um exemplo – e dos rendimentos na justiça social distributiva, estas influem na visão rawlsiana da

9 “Human rights in the Law of Peoples (...) Express a special class of urgent rights, such as freedom from slavery and serfdom, liberty (but not equal liberty) of conscience, and security and ethnic groups from mass murder and genocide”, Rawls, 1999b: 79.

10 “Historical examples seem to indicate that resource-rich countries may have serious difficulties (e.g., Japan), while resource-poor countries may have serious difficulties (e.g., Argentina). The crucial elements that make the difference are the political culture, the political virtues and civic society of the country, its members’ probity and industriousness, their capacity for innovation, and much else. Crucial also is the country’s population: it must take care that it does not overburden its land and economy with a larger population than it can sustain”, Idem, 108.

11 Na concepção de Sen o bem-estar de cada indivíduo depende das *capabilidades*, ou liberdades concretas de que goza, para levar a vida que valoriza. Consequentemente, a pobreza deve ser encarada não tanto e meramente como carência de rendimentos, quanto como privação de *capabilidades* básicas (veja-se Sen, 1981; 1995[1992]; 2003[1999]; 2009). Concepção que assenta na seguinte argumentação: “1) A pobreza pode ser visivelmente identificada em termos de carência de *capabilidades*; a abordagem centra-se nas privações que são *intrinsecamente* importantes (diferentemente do rendimento reduzido, que só *instrumentalmente* é significante); 2) Na carência de *capabilidades* – e, por isso, na pobreza efectiva –, há *outras* influências para além da pequenez do rendimento (o rendimento não é o único instrumento gerador de *capabilidades*); 3) A relação instrumental entre baixo rendimento e *capabilidade* reduzida é variável entre comunidades diferentes e mesmo entre diferentes famílias e diferentes indivíduos (o impacto do rendimento nas *capabilidades* é contingente condicional)”, Sen, 2003[1999]: 101s.

pobreza como uma das consequências catastróficas da injustiça política, dado salientarem o sucesso dos países democráticos na luta contra a pobreza.

A pobreza como privação de capacidades básicas assenta numa teoria do desenvolvimento humano que enfatiza os fins que as pessoas perseguem e as liberdades que as habilitam a satisfazê-los, e não os meios; reflectindo uma concepção de justiça social que desloca a ênfase da acumulação de bens para a sua distribuição e que, em prol de uma maior equidade, analisa as situações concretas à luz das variáveis adequadas a cada uma delas. Nesta aceção, toda e qualquer prática política que tenha em vista reduzir a pobreza e a desigualdade deve tomar em consideração uma variedade de circunstâncias – a idade, o sexo, o papel social, o habitat e o ambiente epidemiológico de uma pessoa constituem variáveis que afectam profundamente a conversão de recursos e rendimentos em capacidades (veja-se Sen, 2003[1999]: 84-86; 2009: 254-257). Entre outras questões, Sen assinala como a distribuição do rendimento familiar nem sempre propicia as mesmas capacidades básicas a todos os seus membros – prática usual nos países asiáticos e do Norte de África, a segregação sexual mantém-se, ainda que residualmente, em alguns países da Europa. O reconhecimento da igualdade de direitos das mulheres e a sua implementação na justiça social é, como salienta Rawls na esteira de Sen, fundamental para a densidade demográfica de um país – as políticas de controle populacional de um país são essenciais à sua sustentabilidade económica.

A visão minimalista e politicamente não paroquial de Rawls sobre os direitos humanos não olvida o direito à subsistência que, tal como o direito de segurança, é imprescindível ao direito à vida (veja-se Rawls, 1999b: 65); mas ao colocar a ênfase nos interesses dos povos e não nos interesses dos indivíduos sonda essencialmente as causas subjacentes à pobreza de um povo e não propriamente à pobreza extrema de qualquer indivíduo do mundo. Isto significa que do ponto de vista da Lei dos Povos, a violação do direito humano à subsistência discorre do deficit de cultura social e política das sociedades domésticas – ela ocorre essencialmente em sociedades com um deficit democrático que se faz sentir tanto nas suas instituições políticas como na quotidianidade e associações da sociedade civil. Se o facto de um país ser rico ou pobre em recursos não influi para o seu encaminhamento próspero; diferentemente, o seu respeito pelos direitos humanos através do estabelecimento e manutenção de estruturas democráticas, ou no mínimo decentes, salvaguarda uma vida plena para os seus cidadãos. Nestes termos, a compreensão de Rawls sobre a pobreza dos indivíduos parece confirmar, por um lado, que um maior

rendimento nem sempre significa estar a salvo da pobreza; e, por outro, que a privação de liberdades (de expressão, mobilidade, política, etc) e de igualdade de oportunidades (de educação, emprego, participação política, etc) constituem um obstáculo à saída da pobreza. A carência pessoal de oportunidade de participação política representa um tipo de pobreza, tal como a carência pessoal de oportunidade de educação representa um outro tipo de pobreza, e aí por adiante. E estes diferentes tipos de pobreza, e não só a económica, são relevantes para o desenvolvimento da sociedade humana. Como sublinha Sen, a miséria também se traduz em “desamparo político” (Sen, 2006: 188).

Na leitura de Pogge, a importância moral conferida pela teoria internacional rawlsiana ao respeito pelo direito das pessoas a um standard de vida digno, à garantia das suas necessidades básicas, é meramente instrumental, dado que assinalada enquanto contributo para a preservação da estabilidade interna, ou da igualdade externa, ou da independência das sociedades liberais ou decentes (veja-se Pogge, 2006: 211s). Tanto mais que Rawls nada refere quanto a garantir-se as necessidades básicas dos membros de outras sociedades – o dever de assistência humanitário não cobre os casos de pobreza dos absolutismos benevolentes e dos Estados expansionistas, dado não encaminhar este tipo de sociedades no trilho liberal ou decente. Animada exclusivamente pelo interesse dos povos bem ordenados, liberais ou decentes, a sua justiça internacional não se compromete em fazer respeitar o direito à subsistência e segurança dos membros dessas sociedades – ou seja, alheia-se por completo do estado de pobreza em que se possam encontrar os indivíduos que vivem no seio dessas sociedades. Na esteira desta interpretação, pode-se concluir que a justiça internacional rawlsiana subsume o bem-estar dos indivíduos ao privilégio ético dos povos; que em nome da protecção da justiça social local e intergeracional nega a justiça global.

Reivindicando a premência do combate à pobreza extrema, Pogge e Beitz consideram que as reformas das estruturas institucionais, domésticas e internacionais, não devem ter em vista a melhoria das sociedades *per se*, mas a satisfação dos justos interesse das pessoas individuais (veja-se Beitz, 1999a: 520). A menos que se negue o mundo actual – constituído por normas, instituições e práticas a vários níveis da organização política (regional, nacional, transnacional e global) que se aplicam às pessoas em grande medida sem o seu consentimento e que influenciam as circunstâncias matérias da sua vida – é difícil considerar-se as causas da miséria e da pobreza como meramente locais. A tese da pobreza puramente doméstica (TPPD), seguida por Rawls, acolhe um vasto

número de apoiantes – entre outros motivos, pelo facto de ser uma crença cómoda, pela consciência da vasta disparidade entre os comportamentos económicos dos países em desenvolvimento e pela persistência de governos e elites brutais e corruptas nos países pobres (veja-se Pogge, 2001: 225-230) – mas olvida os factores internacionais da pobreza, a existência de um amplo conjunto de instituições e práticas internacionais que causam danos aos mais pobres. Se por um lado, encobrir-se o papel que a ordem económica global desempenha na perpetuação e agravamento da pobreza constitui um erro crasso (veja-se Idem: 15); por outro lado, que as fontes primárias da pobreza sejam locais não invalida o alcance global da justiça distributiva (veja-se Beitz, 1999b: 525). Do facto da pobreza decorrer primordialmente de causas locais não se deve concluir que “os nativos são únicos agentes em posição de a prevenir, compensar, ou de reduzir as possibilidades da sua ocorrência” (Idem, 2009: 169). Dada a diversidade de causas da pobreza extrema e da variedade de relações entre Estados e entre os membros das suas populações, é difícil auferir-se as razões que justifiquem a acção de agentes externos à sociedade em que os direitos à não pobreza tenham sido violados. Mas mesmo assim, os direitos à não pobreza existem e “os agentes elegíveis devem contribuir para o alívio da pobreza extrema onde quer que ela ocorra” (Idem: 173).

A constatação do avolumar do fosso entre ricos e pobres no mundo e da pobreza extrema como a maior fonte de miséria humana e morte – superior à decorrente da violência e da guerra – obriga a dividir a atenção entre a aferição de responsabilidades e a proposta de soluções quer para acautelar a sua ocorrência, quer para tratá-lo. Caso se compreenda os direitos humanos como norma constitutiva da prática global e a protecção dos interesses individuais como moralmente fundamental e prioritária, então o combate contra à pobreza extrema assume o carácter de urgência. Neste sentido, é tido como condição do respeito pelos direitos humanos no seu todo e especialmente pelo direito económico e social à não pobreza – face ao qual os outros parecem ser redundantes. Como sublinha Pogge, o direito humano sócio-económico à não pobreza, como genericamente enunciado no 25º(a) art. da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, direito de acesso seguro a um standard adequado de vida, tem sido amplamente violado e “esta violação generalizada desempenha um papel decisivo na explicação do deficit global dos direitos humanos civis e políticos, que diligenciam a segurança física, o direito a processo legal, a participação política e a regra da lei” (Pogge, 2010: 28). A rejeição por parte dos Estados mais influentes da importância do direito à não pobreza deve-se em grande medida não ao repúdio

a um grupo específico de direitos, a uma alheamento consciente da importância das necessidades básicas à vida humana, mas especificamente aos deveres positivos que este direito implica<sup>12</sup>. Contra esta propensão, e sob a convicção de que quando está em causa reclamar um cuidado constante os deveres negativos são mais rigorosos que os positivos, Pogge concebe os direitos humanos como impondo apenas deveres negativos. Segundo esta concepção, os indivíduos têm os seguintes deveres em vista da erradicação da pobreza extrema: de não causar dano a qualquer outro; de evitar o dano que o seu comportamento passado possa causar no futuro; e de não compactuar com um sistema institucional que lese os mais pobres (veja-se Pogge, 2008[2002]; 2005).

Na perspectiva de Pogge é inegável a existência de “um regime supranacional que previsível e evitável produz deficits massivos de direitos humanos” (Idem, 2011: 1); de um regime internacional que tolera e coopera com as elites corruptas dos países subdesenvolvidos e que concedendo privilégios aos governos dos países – de acesso aos recursos naturais e de acesso a empréstimos da banca internacional – causam amplos danos aos mais desfavorecidos (Idem, 2001: 20s; 2008[2002]: 29s; 118s; 2004: 543s). Assim sendo, a pobreza extrema fica-se a dever essencialmente à ordem económica global – “modelada para reflectir os interesses dos países ricos, dos seus cidadãos e das suas corporações” (Idem, 2004: 537). Em última instância, “nós” – “cidadãos dos países desenvolvidos com suficiente maturidade mental, educação e oportunidade política de partilhar responsabilidades pelas políticas externas dos seus governos e dos seus acordos institucionais transnacionais” (Idem, 2011: 2) – somos responsáveis pela pobreza no mundo. A responsabilidade causal da comunidade internacional pela génese e perpetuação de desigualdades injustas pressupõe a ideia de responsabilidade directa das pessoas reconhecidas

---

12 “Despite the undisputed great importance of basic necessities for human life, the existence of social and economic human rights is controversial, especially in the United States, which never ratified the *International covenant on Social, Economic and Cultural Rights*. Much of this controversy is due to the false assumption that a human right to freedom from poverty must entail correlative positive duties. Such human-right-imposed positive duties to aid and protect any human beings who would otherwise suffer severe deprivations are widely rejected in the US and in other affluent countries. But what is rejected here is not a specific class of rights, but a specific class of duties: *positive duties*. Those who deny that very poor foreigners have a human-rights-based moral claim to economic assistance typically also deny that foreigners have any other human-right-based moral claims to aid or protect – against genocide, enslavement, torture, tyranny, or religious persecution. What these people actually reject are not human rights as such, or any particular category of human rights. They reject human-rights-imposed positive duties and therefore *any* human rights specified so that they entail correlative general positive duties”, Pogge, 2010: 28.

como “nós” e é fonte da responsabilidade moral – da responsabilidade colectiva pela estrutura básica global fixada no 28º artigo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, que reconhece como direito humano a soberania de uma ordem social e internacional que efective os direitos e liberdades enunciados nesta declaração. Violar o direito à não pobreza significa não o respeitar, não o proteger e, por último, não *facilitar e providir* o seu cumprimento. Ora, segundo Pogge, esta violação tem sido denunciada no âmbito das relações entre agentes humanos, mas frequentemente olvidada no âmbito institucional – violações perpetuadas por agentes humanos através de acordos institucionais.

A pobreza global assume um carácter moral que lhe é conferido, em certa medida, por ser um problema facilmente erradicável no contexto de influências globais do mundo e com custos mínimos. Sob o desígnio de acabar com a desigualdade radical entre os indivíduos mais ricos e mais pobres do mundo, Pogge sugere a criação de um imposto sobre o uso dos recursos naturais – “Dividendo de Recursos Global”. Recaindo sobre os cidadãos dos países mais influentes, este imposto visa constituir um fundo a distribuir pelos cidadãos dos países mais carenciados – um pequeno imposto sobre os fósseis combustíveis bastaria, segundo Pogge, para acabar com a fome no mundo. Esta proposta é razoável a qualquer via do pensamento político ocidental, aufere responsabilidades pela existência e resolução da pobreza extrema e pressupõe uma reforma institucional global. Depreende-se que esta seja inevitável porque, em primeira instância, face ao seu enorme contributo para evitar a pobreza extrema os montantes e os custos de oportunidade que cada cidadão influente impõe a si mesmo para a suportar são mínimos; em segundo lugar, assegura que estes sejam partilhados equitativamente entre os mais ricos; e, por último, uma vez implementada, não exige ser repetida, ano após ano, através de dolorosas decisões pessoais (Pogge, 2007: 29). Esta via rompe com as estratégias que visam manter a presente configuração da ordem económica global; omitindo-a ou negando-a como causa determinante da crescente evolução da pobreza extrema, conquanto lhe atribuam responsabilidades na luta contra este flagelo. Sucintamente, a resolução da pobreza passa pelo reconhecimento da compensação devida àqueles a quem “nós” temos causado dano!

## Referências

- BEITZ, Charles (1999a), *Political Theory and International Relations*, Princeton: Princeton University Press [1979].

- , (1999b), “Social and cosmopolitan liberalism”, in *International Affairs*, vol. 75, n° 3, pp. 515-529.
- , (2009), *The Idea of Human Rights*, Oxford: Oxford University Press.
- ISHAY, Micheline R. (2008), *The History of Human Rights*, Berkeley: University of California Press [2002].
- MILLER, David (2006), “Collective Responsibility and International Inequality of *The Law of Peoples*”, in Rex Martin & David A. Reidy (ed.) (2007), *Rawls’s Law of Peoples. A Realistic Utopia?*, Oxford: Blackwell Publishing, pp. 191-205.
- POGGE, Thomas W. (1989), *Realizing Rawls*, Ithaca: Cornell University Press.
- , (2001), “Priorities of Global Justice”, in *Global Justice*, Malden: Blackwell Publishing, pp. 6-23.
- , (2008), *World Poverty and Human Rights: Cosmopolitan Responsibilities and Reforms*, Cambridge: Polity [2002].
- , (2004), “Assisting the Global Poor”, in *Global Ethics: Seminal Essays*, ed. by Thomas Pogge and Keith Horton, St. Paul: Paragon House, 2008, pp. 531-563.
- , (2005), “A Cosmopolitan Perspective on the Global Economic Order”, in Gillian Brock & Harry Brighouse (ed.) (2007) *The Political Philosophy of Cosmopolitanism*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 92-109.
- , (2006), “Do Rawls’s Two Theories of Justice Fit Together?” in Rex Martin & David A. Reidy (ed.) (2007), *Rawls’s Law of Peoples. A Realistic Utopia?*, Oxford: Blackwell Publishing, pp. 206-225.
- , (2010), *Politics as Usual*, Cambridge: Polity.
- , (2011), “Are We Violating the Human Rights of the World’s Poor?”, in *Yale Human Rights & Development L.J.*, vol. 14, n° 2, pp. 33.
- RAWLS, John (1996), *Political Liberalism*, New York: Columbia University Press [1993].
- , (1999a), *A Theory of Justice*, Oxford: Oxford University Press [1971].
- , (1999b), *The Law of Peoples*, Cambridge: Harvard University Press.
- , (2001), *Justice as Fairness: A Restatement*, edited by Erin Kelly, Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- SEN, Amartya K. (1981), *Poverty and Famines*, Oxford: Oxford University Press.
- , (1995), *Inequality Reexamined*, Oxford: Clarendon Press [1992].
- , (2003), *O Desenvolvimento como Liberdade*, Joaquim Coelho Rosa (trad.), Lisboa: Gradiva [1999].
- , (2007), *Identidade e Violência*, trad. Maria José de La Fuente, Lisboa, Tinta de China Edições [2006].
- , (2009), *The Idea of Justice*, London: Penguin Books.
- Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948), disponível em: <http://dre.pt/comum/html/legis/dudh.html>, consultado em 01/02/2013.



# “DIGNIDADE” NO DISCURSO DOS JURISTAS: POR ONDE PASSA A DETERMINAÇÃO DO HUMANO

Nuno M. M. S. Coelho

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP

## 1. Dignidade humana como lugar-comum da argumentação jurídica contemporânea

Neste capítulo, gostaria de refletir sobre a apropriação da dignidade humana pelo discurso dos juristas.

É notável sua centralidade na argumentação jurídica contemporânea. No Brasil, ele é considerado princípio fundante da ordem jurídica. Escrito no inciso III do art. 1º da Constituição<sup>[1]</sup>, considera-se que ele tenha mais peso normativo que os outros princípios.

Este princípio aparece como fundamento dos mais importantes julgamentos do Supremo Tribunal Federal brasileiro, como nos casos do reconhecimento da união homoafetiva como entidade familiar (RE 477.554-AgR), na **autorização para** pesquisas com células-tronco embrionárias (ADI 3.510), na assimilação da violação do direito ao trabalho digno ‘à condição análoga à de escravo’ (Inq. 3.412), na determinação da natureza incondicionada da ação penal em caso de lesão mediante violência contra a mulher (ADI 4.424), da

---

1 Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

I – a soberania;

II – a cidadania;

III – a dignidade da pessoa humana;

IV – os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;

V – o pluralismo político.

afirmação do direito ao ‘mínimo existencial’ capaz de garantir prestações positivas originárias do Estado, viabilizadoras da plena fruição de direitos sociais básicos (ARE 639.337-AgR.) *etc. etc.*

No documento “O STF e o Supremo” (versão de 27 de maio de 2013), em que a própria Corte seleciona e publica seus julgados relacionando-os com os dispositivos constitucionais invocados, há 37 decisões em ilustração ao princípio da dignidade da pessoa humana, ao passo que os quatro outros princípios fundantes da República, juntos, são ilustrados com apenas 17 julgados. Ainda em pesquisa na jurisprudência do STF, a expressão aparece na ementa de pelo menos 321 acórdãos.

Mas nem sempre o argumento prospera. No julgamento (ADPF 153) que inviabilizou o julgamento dos crimes cometidos por agentes da última ditadura brasileira (1964-85), o STF afastou o princípio da dignidade como fundamento da pretensão de que a Lei de Anistia, de 1979, anistiasse apenas as vítimas do regime (como parece óbvio). Neste caso, a argumentação no Supremo afastou a possibilidade de o princípio da dignidade humana ser utilizado para qualquer fim:

É que, então, o valor do humano assume forma na substância e medida de quem o afirme e o pretende impor na qualidade e quantidade em que o mensure. Então o valor da dignidade da pessoa humana já não será mais valor do humano, de todos quantos pertencem à humanidade, porém de quem o proclame conforme o seu critério particular. Estamos então em perigo, submissos à tirania dos valores. (...) Sem de qualquer modo negar o que diz a arguente ao proclamar que a dignidade não tem preço (o que subcrevo), tenho que a indignidade que o cometimento de qualquer crime expressa não pode ser retribuída com a proclamação de que o instituto da anistia viola a dignidade humana. (...) O argumento descolado da dignidade da pessoa humana para afirmar a invalidade da conexão criminal que aproveitaria aos agentes políticos que praticaram crimes comuns contra opositores políticos, presos ou não, durante o regime militar, esse argumento não prospera.

A recusa do princípio da dignidade humana, neste caso, parece simplesmente aleatória, atendendo a finalidades políticas. É de se perguntar em que medida todo uso do princípio, na argumentação jurídica do STF, não é igualmente aleatória.

A dificuldade reside na inexistência de critérios jurídicos objetivos para determinar o sentido do princípio da dignidade.

A variedade da proclamação do princípio da dignidade chama a atenção. Os juízes frequentemente se deparam com sua evocação por ambas as partes em litígio. Ele serve a quem pretenda o recrudescimento da política criminal como aos defensores das garantias do acusado; a favor dos interesses do embrião e da mãe que pretende abortar; de quem defende e de quem se opõe ao casamento homoafetivo...

Há certa perplexidade quanto ao uso deste termo, que parece poder defender qualquer ponto de vista, justificando qualquer pedido, ou qualquer sentença. O alargamento de seu sentido estende sua proteção até a seres não humanos.<sup>[2]</sup> Por esta e outras razões, muitos têm criticado a banalização da expressão:

*Dignidade da pessoa humana* acabou por ganhar, assim, a propriedade de servir a tudo. De ser usado onde cabe com acerto pleno, onde convém com adequação discutível e onde definitivamente não é o seu lugar. Empobreceu-se. Esvaziou-se. Tornou-se um tropo oratório que tende à flacidez absoluta.

Alguém acha que deve ter melhores salários? Pois que se elevem: uma simples questão de *dignidade da pessoa humana*. Faltam às estradas condições ideais de tráfego? É a própria *dignidade da pessoa humana* que exige sua melhoria. O semáforo desregulou-se em consequência de chuvas inesperadas? Ora, substituam-no imediatamente: A *dignidade da pessoa humana* não pode esperar. É ela própria, a *dignidade da pessoa humana*, que se vê lesada quando a circulação das vias não funciona impecavelmente 24 horas por dia. O inquilino se atrasou com os alugueres? Despejem-no o quanto antes: Fere a *dignidade da pessoa humana* ver-se o locador privado, ainda que por um só dia, dos direitos que a locação lhe assegura.

Villela, 2009, p. 562

Tendo em vista este quadro, há importante esforço da ciência jurídica brasileira em compreender o seu sentido.<sup>[3]</sup>

2 “Se a dignidade consiste em um valor próprio e distintivo que nós atribuímos a determinada manifestação existencial – no caso da dignidade da pessoa humana, a nós mesmos –, é possível o reconhecimento do valor “dignidade” como inerente a outras formas de vida não humanas.” Sarlet, Fensterseifer, 2008: 194-195.

3 Seu uso indiscriminado é captado também pelos críticos ao modelo jurídico-constitucional que o enquadra: “os neoconstitucionalistas (...) se valem de uma linguagem repleta de palavras com alto teor emotivo, tais como justiça, equidade, igualdade, liberdade e dignidade da pessoa humana. Dessas, a dignidade é, de longe, a preferida. Os neoconstitucionalistas e demais moralistas do direito simplesmente a veneram. Apesar de ela não se constituir em um conceito fechado, definido, é largamente utilizada como reforço argumentativo em situações ainda não definidas pelo direito vigente” Nojiri, 2012: 116.

## 2. Jurisprudencialismo: historicidade, pessoa e direito

A afirmação da pessoa como valor ou ideia fundante do Direito não é nova.

Como norma positiva, ela possivelmente surge com a declaração da ONU de 1948, mas desde o Cristianismo, a pessoa humana tem sido afirmada como limite e critério de validade do direito. Este é, possivelmente, um lugar-comum do jusnaturalismo, intensamente retomado na segunda metade do século XX, quando se buscam alternativas ao positivismo jurídico.

Há diversos esforços neste sentido, às vezes de caráter religioso (como o neotomismo do jurista brasileiro Edgar da Matta-Machado), mas não apenas. A fenomenologia, por exemplo, ofereceu seu vocabulário e suas perspectivas para teorias do direito que afirmaram a pessoa humana como fundamento axiológico do direito.

Apesar dos seus pressupostos pós-metafísicos, as teorias fenomenológicas do direito não ofereceram (como, obviamente, tampouco as cristãs) alternativas que façam justiça ao caráter insuperavelmente histórico do direito, tal como o concebemos hoje.

Esta tarefa continua por ser cumprida: pensar a pessoa como valor fundante do direito, num quadro pós-metafísico em que não se postulem dados ahistóricos como critérios da decisão jurídica (e da validade do direito).

Neste quadro tem muita importância a Teoria do Direito desenvolvida por António Castanheira Neves, da Universidade de Coimbra, que destaca o sentido civilizacional do direito, concebido como construção histórica, contingente e falível – mas não vazio de significado ético e axiológico.

Sua alternativa para pensar o direito – e o humano (a pessoa) como seu fundamento – não pressupõe qualquer natureza a fundar a experiência jurídica, mas o concebe como a forma de vida, possível entre outras, que singulariza a cultura ocidental enquanto legatária da tradição greco-romana-cristã-iluminista. O direito é concebido como modo de coexistência possível, mas não necessária, que encontra seu sentido exatamente na concepção de humano enquanto pessoa.

A pessoa humana é afirmada na medida em que a cultura ocidental se afirma como civilização fundada no direito. A decisão pelo direito como critério da coexistência é a decisão pela pessoa que não se esgota no indivíduo em seu isolamento nem se dissolve na coletividade. Este ponto de equilíbrio, a ser mantido pelo direito, é assumido como seu fundamento enquanto tarefa, e não enquanto um fundamento ontológico.

Com isto, torna-se claro em que medida devemos a concepção do humano enquanto pessoa, alimentada em nossa cultura, ao fato de vivermos o direito – ao mesmo tempo em que se esclarece o caráter cultural, histórico e contingente da vida sob o direito, e da personalidade do humano.

Na vida jurídica põe-se em questão, permanentemente, o ser-pessoa, que não é assumido como um traço natural do homem, mas um esforço, uma tarefa. Isto releva a responsabilidade dos juristas, empenhados nas disputas sobre o que é um ser humano.

### 3. Conclusões

As disputas atuais sobre o princípio da dignidade humana põem em destaque o papel dos juristas na definição do significado do ser humano em nossa cultura. Torna-se cada vez mais claro que está em jogo, em nossos tribunais, o que é um ser humano.

Torna-se cada vez mais clara a responsabilidade dos homens e mulheres envolvidas nestas disputas (todos nós, afinal, e não apenas juízes e advogados: a disputa jurídica pelo humano é acompanhada por todos, que de alguma forma oferecem sua participação, sua opinião).

Tornamo-nos conscientes de que o humano é resultado do processo histórico de determinação do direito. O debate contemporâneo sobre a dignidade humana não inaugura este processo, mas apenas explicita-o.

Assustamo-nos ao descobrir em que medida ficamos a dever aos juristas a determinação de nossa forma de vida, de nossa própria conformação enquanto humanos.

### Referências

- SARLET, Ingo Wolfgang; Fensterseifer, Tiago (2008) “Algumas notas sobre a dimensão ecológica da dignidade da pessoa humana e sobre a dignidade da vida em geral” in Fensterseifer, Tiago (Org.), *A dignidade da vida e os direitos fundamentais para além dos humanos: uma discussão necessária* Belo Horizonte: Fórum.
- NOJIRI, Sérgio (2012), *Neoconstitucionalismo versus democracia: um olhar positivista*, Curitiba: Juruá.
- VILELLA, João Baptista (2009), “Variações impopulares sobre a dignidade da pessoa humana” in *Superior Tribunal de Justiça – Doutrina – Edição comemorativa – 20 anos*, Brasília: STJ.



# IGUALDADE PARA ALÉM DA ESPÉCIE: UMA PROPOSTA POSITIVA<sup>[1]</sup>

Cátia Faria

CEHUM – UNIVERSIDADE DO MINHO

## 1. Introdução:

A ideia de que todos os seres humanos são iguais é hoje amplamente aceite. Apesar das desigualdades naturais no seio da espécie, todos os seres humanos são entendidos como iguais *num certo sentido*. O que isto significa exactamente nem sempre é claro, contudo, parece certo que a afirmação de igualdade entre indivíduos não retrata um facto empírico mas antes assume-se como uma prescrição moral: se  $x$  é igual a  $y$  (em termos de  $z$ ), então  $x$  e  $y$  devem ser igualmente considerados (no que a  $z$  diz respeito). Existem diferentes formas de entender o que  $z$  refere, mas aceita-se normalmente que o que  $z$  refere são interesses<sup>[2]</sup>. Isto é, se o António tem um interesse igual à Maria em conseguir alimento, então os interesses do António e da Maria no que diz respeito a conseguir alimento devem ser igualmente considerados, independentemente de certas desigualdades que possam existir entre eles, por exemplo de sexo ou de cor da pele. Isto implica que, se eu estiver em posição de atender aos interesses do

---

1 Dado o seu carácter introdutório, este artigo pretende dar conta apenas do problema da extensão da igualdade para além da espécie humana, deixando fora do seu âmbito de análise a questão distributiva da igualdade inter-espécies. Agradeço a Alexandra Abranches pela revisão linguística deste artigo.

2 Poderia ser argumentado que o que  $z$  refere são direitos. Contudo, os direitos são comumente entendidos como formas de proteger os interesses dos indivíduos, o que tornaria estes últimos mais básicos e fundamentais do que os primeiros. Em todo o caso, as conclusões deste artigo mantêm-se inalteráveis naquilo que é fundamental, quer falemos de interesses ou de direitos.

António e da Maria, devo atribuir-lhes o mesmo peso moral na minha deliberação sobre como actuar. Em rigor, devo aplicar o princípio da consideração igualitária de interesses. Não fazê-lo, apelando às características anteriores, seria incorrer numa forma de discriminação, isto é, na consideração desigual injustificada dos interesses daqueles que não pertencem a um determinado sexo ou *raça*.

A maioria das pessoas está de acordo em que interesses iguais devem ser igualmente considerados. Contudo, assume-se, habitualmente, que o âmbito de consideração moral é coextenso com a espécie humana. Nas últimas décadas, diversos/as filósofos/as têm vindo a desafiar esta ideia (e.g. Singer, 1975; Regan, 1989; Sapontzis, 1987; Dunayer 2004), defendendo que a actual exclusão dos animais do âmbito da consideração moral é injustificada. Apelar à espécie para traçar uma linha moral entre indivíduos parece ser tão arbitrário como o apelo à *raça* ou ao sexo o foram no passado. Como afirma Peter Singer:

Apesar do princípio da consideração igualitária de interesses providenciar a melhor base possível para a igualdade humana, o seu alcance não está limitado aos humanos. Quando aceitamos o princípio da igualdade para os humanos, estamos comprometidos também com aceitar a sua extensão a alguns animais não humanos.  
Singer, 2011: 48

## 2. É o especismo justificável?

O especismo é definido como a consideração ou tratamento desvantajoso injustificado dos indivíduos que não pertencem a uma determinada espécie (Horta, 2010: 2).

Mas não será o caso que a espécie humana possui determinadas características, ausentes nos restantes animais, que justificam a diferente consideração dos seus membros?

Existe a crença de que o favorecimento dos seres humanos face aos restantes animais está justificado uma vez que os seres humanos são, por definição, seres moralmente consideráveis enquanto os animais não humanos, pelo facto de não pertencerem à espécie humana não o são. Esta posição, apesar de socialmente dominante, não resiste a escrutínio, dado o carácter circular que possui. Se se pretende demonstrar que a consideração ou tratamento desvantajoso daqueles que não pertencem à espécie humana é justificado, então necessitamos de um argumento que mostre porque é que os seres humanos



são seres moralmente consideráveis e os animais não o são. Uma defesa definicional do especismo limita-se, porém, a assumir desde logo uma diferenciação moral entre seres humanos e não humanos para a qual não fornece qualquer argumento justificativo. Por assumir aquilo que é suposto demonstrar, deve, portanto, ser rejeitada.

Contudo, a defesa do especismo pode assumir uma forma mais sofisticada. São habituais os argumentos que apelam a determinadas capacidades cognitivas (linguagem, inteligência, agência moral, etc) (Leahy, 1991; Scruton, 1996) ou a relações especiais (solidariedade, simpatia, poder, etc) (Scanlon, 1998; Narveson, 1997; Goldman 2001) evidenciadas pela espécie humana que, estando, ausentes nos restantes animais, justificariam a consideração desigual dos seus membros. Estes argumentos, para funcionarem, precisam de satisfazer duas condições:

Em primeiro lugar, o atributo ao qual se apela tem que ser cumprido por todos os seres humanos e somente por eles. Isto é, se apelarmos, por exemplo, à capacidade para agir moralmente como a capacidade que determina a consideração moral exclusiva dos seres humanos, então esta capacidade terá que estar presente em todos os seres humanos, sem exceção, e nenhum outro animal não humano poderá possuí-la. E o mesmo se aplica aos atributos relacionais. Por exemplo, se defendermos o favorecimento dos interesses humanos sobre os não humanos com base nas relações de solidariedade que os seres humanos mantêm entre si, que não mantêm com os animais de outras espécies, então, todos os seres humanos hão-de manter relações do tipo indicado com os restantes seres humanos mas com nenhum outro ser fora do limite da espécie.

Contudo, esta condição não parece ser satisfeita, dado que não existe nenhum atributo universalmente exibido por todos os seres humanos e somente por eles. Isto é, qualquer que seja o atributo a que apelemos, ele estará ausente em muitos seres humanos, de forma transitória (bebés, crianças) ou permanente (pessoas com diversidade funcional intelectual, por exemplo). Contudo, não aceitaríamos que estes seres humanos fossem excluídos da esfera moral por não possuírem tais atributos. Pensemos, por exemplo, num indivíduo com diversidade funcional intelectual, incapaz de qualquer actividade cognitiva complexa e sem relações do tipo indicado. Qualquer pessoa se horrorizaria ao pensar na possibilidade de usar essa pessoa para, por exemplo, testar cientificamente novos produtos médicos, ainda que isso pudesse trazer benefícios a outros seres humanos.

Esta constatação conduz-nos à segunda condição que terá que ser satisfeita para que uma defesa do especismo por apelo a características especificamente humanas possa ter êxito, a saber: os atributos invocados têm que ser moralmente relevantes. Mas, pelo que vimos antes, esse não parece ser o caso com os atributos cognitivos ou relacionais. O que parece ser moralmente relevante, quando está em causa a possibilidade de provocar um dano a um ser, é se esse ser pode ser afectado de forma negativa ou positiva pelo que lhe acontece e, assim, ser prejudicado ou beneficiado por uma determinada acção. A capacidade que dá aos indivíduos essa possibilidade é a senciência, isto é, a capacidade para ter experiências conscientes positivas ou negativas. Um indivíduo senciante possui, pois, um interesse em ter experiências positivas (prazer) e em evitar as negativas (sofrimento), de modo que esses interesses constituem a razão para que seja objectável tratá-lo de determinadas formas, por exemplo, causando-lhe sofrimento através de experiências científicas.

Ora, a capacidade para ter experiências negativas e positivas não é, evidentemente, exclusiva dos seres humanos. Pelo contrário, está presente na maioria dos animais (e.g. Griffin, 1992; Dawkins, 1993). Os animais não humanos exibem comportamentos que sugerem a presença dessa capacidade: evitam a dor, respondem à agressão física com gemidos, gritos e queixumes, reagem positivamente a analgésicos, etc. Por outro lado, uma grande parte dos animais possui um sistema nervoso centralizado responsável por transformar, nos humanos, a informação sensorial numa experiência mental consciente (negativa ou positiva). Uma fisiologia semelhante à humana torna, pois, altamente plausível a existência de uma capacidade similar em não humanos. Para além disso, a hipótese de um sistema nervoso central sem consciência (logo, sem vantagem competitiva), é altamente implausível em termos evolutivos, dado o gasto energético que o seu desenvolvimento supõe.

Por este motivo, se no que é moralmente relevante (capacidade para sofrer e desfrutar) animais humanos e não humanos são iguais, os seus interesses (em não sofrer e em desfrutar) deverão ser igualmente considerados. Por essa razão, a consideração e o tratamento desfavorável dos interesses não humanos são injustificados.

Poderia ainda objectar-se que a presença da capacidade para sofrer nos animais não humanos não equivale a igualar sofrimento humano e não humano. A razão pela qual isso seria assim reside no facto de os seres humanos terem a capacidade adicional para experienciar sofrimento psicológico. Esta objecção pode ser entendida de duas formas diferentes. Por um lado, querendo afir-

mar a superioridade do sofrimento psicológico face ao sofrimento físico. Neste caso, parece ser uma objecção débil: o sofrimento físico humano supera frequentemente o sofrimento psicológico humano, o que poderá ser facilmente comprovado auscultando pessoas que já experienciaram situações de sofrimento físico extremo. Dado que não há nenhuma razão para acreditar que o sofrimento físico humano é superior ao sofrimento físico animal, segue-se que o sofrimento humano não é superior ao sofrimento não humano. Contudo, há uma segunda forma de entender a objecção: a maior complexidade cognitiva humana, ausente nos restantes animais, conduz a um sofrimento adicional, porque permite compreender aspectos do sofrimento não acessíveis aos restantes animais (por ex.: compreender a injustiça de que se é alvo ou antecipar as perdas que a morte trará). Contudo, se é certo que maior complexidade cognitiva pode conduzir, em certas ocasiões, a um maior sofrimento, o inverso é igualmente verdadeiro: menos capacidades cognitivas conduzem, em certas ocasiões, a um sofrimento maior do aquele que seria experienciado com capacidades cognitivas superiores. Por exemplo, um animal capturado para ser vacinado poderá sofrer inutilmente dada a sua incapacidade para compreender todos os aspectos da situação em que se encontra. Um ser com uma capacidade cognitiva superior a quem pudessem ser explicados os benefícios da operação, evitaria esse sofrimento.

Em suma, se a capacidade para sofrer e desfrutar é o único atributo relevante para determinar a consideração moral de um ser e a capacidade para sofrer e desfrutar humana é, em todos os aspectos relevantes, igual à capacidade para sofrer e desfrutar não humana, então os interesses dos animais sencientes – humanos e não humanos – deverão ser igualmente considerados. A consideração desigual dos interesses daqueles que não pertencem à espécie humana é injustificada. O especismo deve ser rejeitado.

### **3. Implicações da Igualdade Inter-espécies: obrigações negativas e positivas**

Entre aqueles que defendem a inclusão dos animais não humanos na esfera da consideração moral é cada vez mais consensual a ideia de que os seres humanos possuem obrigações negativas para com os animais, isto é, obrigações tais que devemos abster-nos de causar-lhes dano. O argumento no qual se sustenta esta posição pode ser formulado como se segue: se interesses iguais (humanos

e não humanos) devem ser igualmente considerados, e tendo os animais não humanos sencientes um interesse em não sofrer e em viver, então devemos abster-nos de causar sofrimento e morte aos seres sencientes não humanos, tal como fazemos quando se trata de seres humanos.

Na prática, isto exigiria uma transformação radical das relações entre a maioria dos humanos e animais, uma vez que implicaria a abolição de diferentes formas de exploração animal que têm lugar actualmente num vasto leque de práticas que provocam o sofrimento e a morte de animais, tais como no seu uso para alimentação, vestuário, experimentação científica ou entretenimento.

O cenário no qual o sofrimento animal causado pela mão humana fosse abolido ou significativamente reduzido seria certamente preferível ao actual estado de coisas. Contudo, há razões para duvidar que, abstendo-se de causar dano aos animais, os seres humanos possam deixar de se preocupar com os interesses animais completamente.

Nesta secção, pretende-se dar um passo em frente no debate em ética animal e avaliar não apenas as implicações de uma consideração igualitária de interesses em termos de obrigações negativas para com os animais, mas sobretudo em termos de obrigações positivas.

Tal como acontece no caso humano, se queremos compreender com propriedade o alcance das nossas obrigações para com os animais, precisamos não só de saber o que não devemos fazer-lhes, mas também que acções podemos levar a cabo no sentido de promover os seus interesses. Isto é, precisamos de saber que razões teremos para prevenir ou aliviar um estado de coisas negativo para os animais ou para beneficiá-los de alguma outra forma, quando podemos fazer alguma coisa a esse respeito. Noutras palavras, precisamos de saber que obrigações positivas temos para com os animais não humanos. Para além de não causar sofrimento aos animais deveremos também ajudar aqueles que necessitem, aliviando o sofrimento que padecem por causas não produzidas por seres humanos como, por exemplo, fenómenos naturais? (Sapontzis, 1984; Cowen, 2003; Nussbaum, 2006).

Desde uma posição que rejeite o especismo, a resposta a esta questão é afirmativa. O argumento parte da premissa amplamente consensual segundo a qual devemos prevenir o sofrimento de outros indivíduos sempre que estiver ao nosso alcance fazê-lo. Dado que, ao contrário do que se pensa habitualmente, a vida dos animais (particularmente os que vivem no meio natural) está longe de ser idílica (os animais selvagens sofrem múltiplos danos na natureza de forma sistemática, o que lhes causa um grande sofrimento e mortes violentas por

predação, doenças, inanição, condições climatéricas extremas, etc), devemos intervir para prevenir o sofrimento dos animais selvagens sempre que estiver ao nosso alcance, tal como fazemos quando estão em jogo interesses humanos.

Consideremos o recente caso de um bebé elefante num parque natural, na Zâmbia, que ficou preso na lama e a quem a mãe, procurando socorrê-lo, se juntou na aflição. Ambos, gritando e lutando pelas suas vidas, não conseguiam libertar-se sem ajuda até que os trabalhadores do parque, contra todas as normas conservacionistas, intervieram em seu auxílio e puderam proceder ao seu resgate. Deveriam tê-lo feito?

Desde determinadas posições, como, por exemplo, a ecologista, a resposta é negativa. O ser humano deve abster-se de interferir com os processos naturais, os quais são intrinsecamente valiosos, independentemente das consequências negativas para os indivíduos afectados por eles. Contudo, o ecologismo não mantém esta posição de forma consistente quando entram em jogo interesses humanos. Caso se tratasse de um resgate de seres humanos afectados por um desastre natural, a esmagadora maioria dos ecologistas não defenderia que não se ajudasse os seres humanos em estado de necessidade. Contudo, se a consideração desigual de interesses humanos e não humanos é injustificada, todos os seres com capacidade para sofrer e desfrutar têm interesses igualmente relevantes, e, como tal, os seus interesses devem ser igualmente atendidos, independentemente da espécie a que pertençam. Isto implica também ajudar os animais quando estes se encontrem numa situação de necessidade.

Frequentemente, pensa-se que ajudar os animais que sofrem por causas naturais não seria exequível. Contudo, há inúmeras intervenções extremamente benéficas para os animais que se levam já a cabo, por exemplo, a nível da saúde. Um caso paradigmático de tais intervenções consistiu na vacinação de raposas contra a raiva, responsável pela erradicação da doença na Europa (Vitasek, 2004). Contudo, estas intervenções só costumam ter lugar quando os animais em questão pertencem a uma espécie considerada ameaçada em termos ambientais ou há o risco, como no caso da raiva, das doenças serem transmitidas a humanos. Contudo, não há razões de peso para não estender essa assistência a todos os animais que sofrem nas mesmas condições. Se o sofrimento animal é moralmente relevante, então ele é relevante quer haja sobrepopulação de indivíduos de uma determinada espécie ou quer seja o animal afectado o único espécime existente. Do mesmo modo, a transmissão da doença a humanos é irrelevante do ponto de vista dos interesses do animal, cuja necessidade de ser ajudado não varia em função destes factores.

Assim, a ideia de que as interações humanas em benefício dos animais não humanos deverão ser guiadas por razões exclusivamente antropocêntricas ou de cariz ambiental é inaceitável desde uma posição anti-especista. Dado que o especismo é injustificado, a igualdade para além da espécie compromete-nos com orientar a nossa acção com vista à promoção dos interesses dos animais não humanos, aliviando o seu sofrimento sempre que estiver em nosso poder fazê-lo, tal como é o caso quando se trata de seres humanos.

#### 4. Conclusão

Este artigo pretendeu avaliar de forma breve a extensão da igualdade para além da espécie humana. Nesse sentido, foram revistas as principais defesas do especismo e apresentadas as principais objecções que o mesmo enfrenta. Concluímos que não há razões de peso que justifiquem a consideração desigual dos interesses humanos e não humanos. Todos os seres com a capacidade para sofrer e desfrutar têm interesses igualmente relevantes, independentemente da espécie a que pertençam.

Isto supôs examinar o que a rejeição do especismo implica, na prática. Nesse sentido, foram introduzidas não apenas as implicações de uma consideração igualitária de interesses humanos e não humanos para as obrigações negativas que temos para com os animais, mas também em termos de obrigações positivas. Concluímos que dada a relevância moral dos interesses não humanos, a igualdade para além da espécie compromete-nos não apenas com (a) abster-nos de causar dano aos animais não humanos, mas também com (b) ajudá-los, promovendo os seus interesses, quando estes se encontrem numa situação de necessidade.

#### Referências

- COWEN, Tyler (2003), "Policing Nature". *Environmental Ethics*, vol. 25,169-182.
- DAWKINS, Marian S. (1993) *Through Our Eyes Only? The Search for Animal Consciousness*. New York: W. H. Freeman.
- DUNAYER, Joan (2004), *Speciesism*, Ryce: Derwood.
- GOLDMAN, Michael (2001), "A Transcendental Defense of Speciesism". *Journal of Value Inquiry*, vol. 33, pp. 59-69.
- GRIFFIN, David. R. (2001), *Animal Minds: Beyond Cognition to Consciousness*, Chicago, Chicago University Press.

- HORTA, Oscar (2010), "What is speciesism", in *Journal of Agricultural and Environmental Ethics*, vol. 23, pp. 243-266.
- LEAHY, Michael (1991), *Against Liberation: Putting Animals in Perspective*, Londres: Routledge.
- NARVESON, Jan (1977), "Animal Rights" in *Canadian Journal of Philosophy*, vol. 7, pp. 161-178.
- NUSSBAUM, Martha. C. (2006), *Frontiers of Justice: Disability, Nationality, Species Membership*. Cambridge: Harvard University Press.
- REGAN, Tom & Singer, Peter (1989) (eds.), *Animal Rights and Human Obligations*, New Jersey: Prentice Halls, Englewood Cliffs.
- SAPONTZIS, Steve F. (1984), "Predation", in *Ethics and Animals*, vol. 5, pp. 27-38.
- SAPONTZIS, Steve F. (1987), *Moral, Reason, and Animals*, Philadelphia: Temple University Press.
- SCANLON, Thomas M. (1998), *What We Owe to Each Other*, Cambridge: Harvard University Press.
- SCRUTON, Roger (1996), *Animal Rights and Wrongs*, Londres: Metro.
- SINGER, Peter (1975), *Animal Liberation*, Nueva York: Harper Collins.
- SINGER, Peter (2011), *Practical Ethics* (3rd ed.), Cambridge: Cambridge University Press [1980].
- VITASEK, Jan (2004), "A review of rabies elimination in Europe", in *Veterinary Medicine*, vol. 49, nr. 5, pp. 171-185.





# THE PUBLIC/PRIVATE DICHOTOMY: IMPLICATIONS FOR WOMEN'S CITIZENSHIP

Ana Isabel Dapena Sieiro

UNIVERSITY OF SANTIAGO DE COMPOSTELA

Women, like other social groups such as the working class, the poor and gypsies, live in oppression. It is possible to refer to different types of causes when trying to explain this situation. In this paper, I will focus on the invisibility of women's political problems, a fact that has a negative influence on their political status. This invisibility of women's political issues is caused by the dichotomy between the public and the private sphere, which is established in the political field.

## 1. Feminist critique of the public/private dichotomy

The public/private dichotomy plays a major role in the feminist movement. According to Carole Pateman, feminism is fundamentally organized as a critique of this dichotomy (Pateman, 1995: 31). Feminism rejects the separation and opposition between the public and private spheres found in liberal theory and praxis. From the liberal point of view, the public sphere is considered a separated one, independent of the relations that take place in the private sphere. It takes for granted that domestic life has no relevance for social and political theory. It assumes that the social inequalities of the private sphere have no significant influence in political equality and liberties related to the public sphere.

Feminism holds that liberalism is based on patriarchal relations in such a way that the public/private dichotomy hides inequality and women's subordination behind an apparently universal, egalitarian and individualistic order.

Liberalism conceives civil society without taking into account domestic life. Thus, domestic life is ignored in the theoretical debates. As a result of considering irrelevant what happens in the private sphere, a border is established between family and the political sphere. This border frees the oppression that takes place within family from condemnation. It also denies the importance of care work though public exercise of citizenship has always relied on it. This critique concerns Marxism as well, because Marxism often presupposes that we can conceive of the economic activity without considering domestic life, ignoring on its analyses issues such as sexual subordination.

In liberalism, the individual is understood in an abstract way, discarding its relational dimension. The individual seems not to have family relations or any relation with other individuals whatsoever. According to Linda Nicholson (1998), feminism rejects the assumption that we are only individuals. It challenges the idea that many of the problems that individual women have to face are explained on the basis of the singular characteristics of their personal lives, bad luck or low ability. In Nicholson's view, feminism calls attention to the fact that these problems arise from the situation of women as women.

On the other hand, the feminist tradition points out that in current societies personal circumstances are conditioned by public factors such as laws on abortion, rape and marriage, by policies linked to the care of children, by the assignment of subsidies of the welfare state and by the sexual division of labour, be it at home or in the professional scope. In short, the state gets into the private sphere through laws that try to regulate the shape of family, marriage and sexuality, and it also supports certain social policies that reinforce the subordinated status of women. It is thus possible to conclude that, actually, the public liberal world of and private life are connected and interrelated.

## **2. Feminist alternatives to the public/private dichotomy**

In Ruth Lister's view (Lister, 1997:120), it is possible to distinguish, fundamentally, two feminist proposals that try to avoid the invisibility of women's issues, which is, in fact, a consequence of the conventional conceptualization implied in the public/private dichotomy:

- 1) The popular feminist slogan "The personal is political" clearly rejects the liberal dichotomy between the private and the public worlds, implying

that one should not draw a line between both spheres. This position coincides with Kate Millet's thought in *Sexual Politics*. In this author's view, power is ubiquitous, that is, it is found in all dimensions of life, and all power is political. Hence, the personal ends up being political. This approach is useful to highlight many aspects of family and sentimental life that require a critical view, specially regarding unseen violence.

2) Another alternative consists in admitting the line that separates the public and the private spheres while acknowledging that both are closely linked. In this view, achieving full equality for women in the public field depends upon changes in the private field. Accordingly, Pateman argues against the quoted feminist slogan ('the personal is political'), saying that the personal is not political, but though the private and the public fields are not the same, both are interconnected. From her point of view, the conclusion is clear: if women are to fully participate as equals in social life, men must be equally involved in the care work (looking after children or the elderly) and in other sorts of domestic work. As long as women are identified with work in the private sphere, and as long as it is thought that this is a natural assignment, their public status will always be weakened.

It seems that most feminists hold the second alternative (Lister, 1997: 120). Nevertheless, recognizing the political nature of the private sphere does not necessarily entail the agreement with an unlimited state intervention.

### **3. Some problems hidden by the traditional public/private dichotomy**

As it is not the case that we can find a universal form of the public/private dichotomy valid across all contexts, the nature of this dichotomy must be interpreted historically and culturally. Lister tells us that even though the nature and the effects of the dichotomy vary according to the historical moments and societies, the interaction between the private and the public spheres is constant (Lister, 1997: 144). In what follows, we will point out some of the problems that affect women's citizenship due to the traditional conceptualization of the public and the private spheres as separated dimensions. We will restrict our analysis to the Western culture.

Social concern for Women's physical integrity, for example, clearly shows how something that has traditionally been considered a personal issue functions as a precondition for the full access of women to the public field. One could mention contraception, abortion and reproductive health as well. Without these reproductive rights, women can't have control over their own bodies and over their own lives and, consequently, their agency and their full access to the public sphere is at significant risk. Similarly, violence against women, whether it takes place in the public or in the private sphere, prevents them from accessing citizenship in equal terms.

Feminism rejects the traditional division of labour because it is considered one of the most important elements to interfere with the access of men and women to the public sphere. It seems this sexual division of labour is not exclusive to the West, but it can be found in different societies all around the world (Lister, 1997: 131). This division, which must be interpreted according to the historical and cultural contexts, is characterized by the assignment of the indispensable but not remunerated and devalued work to women, that is, domestic work and care work (looking after dependents).

As a result of the traditional sexual division of labour, women have less time to spend on their professional career than men. It is not rare to find women who choose part-time jobs in order to reconcile professional career with family responsibilities and household duties. On the other hand, when women select full-time jobs, the fact that domestic responsibilities fall mainly on women, makes it difficult for them to work extra hours or to do extra tasks that could improve their labour situation. In addition to that, social security systems don't treat equally the time devoted to non remunerated care work and that spent on remunerated activities. As social rights are linked to the labour market, this unequal treatment of the non remunerated and the remunerated work is a serious obstacle for women to get social rights, and thus, it is more likely for them to live in poor conditions. Because of the unfavourable economic conditions that women have to face during their lifetime, in old age they have to deal with low pensions and poverty more frequently than men (Lister, 1997: 142). The phenomenon of the feminization of poverty is linked to this fact.

We can conclude that the position that women hold in the labour market determines their economical independence. On its turn, the interaction between the private and the public spheres is useful to understand the economic status of women. Lister explains that the sexual division of labour

causes women to enter the labour market at a disadvantage compared to men. But, in addition to that, the author points out that the structures of the labour market benefit men and reinforce the sexual division of labour in the domestic sphere. As Lister wrote: "the domestic division of labour is reinforced by the labour market's economic logic which encourages the prioritisation of male paid work as more profitable to the family as a whole" (1997: 139). Furthermore, we must not forget that there are both vertical and horizontal forms of segregation between men and women in the professional universe (1997: 141). This means that men and women often work in different labour sectors, performing tasks traditionally linked to their respective genre. Besides, it should be point out that women occupy the lower and less paid positions in the organization chart of the enterprises. Therefore there is continuity between the sexual division of labour between family life and the professional world. Thus, as Lister says: "the gender pay gap derives from women's position in both public and private spheres and the assumptions that underpin the relationship between the two" (1997: 141).

Additionally, the sexual division of labour means that women often have less time of their own than men. Women's lack of time has a negative influence in their economic and social rights and in their political participation as well. Lack of time also implies fewer opportunities to participate in the world of formal politics, and even in the world of informal politics, as members of civil society. As a result, women have less power in the political arena because a participative democracy requires a significant amount of time from citizens. Considering that time has been identified as a fundamental resource in formal and informal politics, its absence constrains the citizenship of women, and they are further excluded from political life (1997:137).

Some women have certain economic resources that allow them to overcome the problems derived from the shortage of time by employing other women as domestic workers. These jobs are usually taken by low class, black or immigrant women so that the private space of a woman ends up being the public space of another woman. Because of this relation, a complex link between gender, class and race disrupts the conventional limits of the public/private dichotomy (1997: 134). The devaluation of the work by women associated to the private field implies low salaries and, in many cases, a deterioration or even absence of labour rights for these domestic workers. Referring to this social arrangement, Lister considers that "both historically and today, the situation of White middle-class women has benefited from that of Black and White working-class

women in a way which disrupts the public-private divide for the latter two groups". (1997: 124). Nevertheless, the problematic alternative of employing other women to gain time is possible only for those women who can afford it. In Lister's perspective (1997: 135) this issue shows the major role that public services devoted to the care of children and of dependent people may play in relation to the acquisition of women's full citizenship. In spite of that, public services don't cover all the tasks involved in care work, and these tasks would always be allotted to women's working hours. It is thus necessary to eradicate the sexual division of labour itself, so that domestic work can be performed by both men and women, equally.

Deficits in the economic and political rights of women place men in a privileged position in the public sphere, position that allows them to keep domination over women in the domestic space and out of it as well (Lister, 133-134). It is thus possible to conclude that a vicious circle operates in the public/private dichotomy. This vicious circle, according to Janet Chafetz, can be described as follows: the power men hold at the "macro" level helps to preserve the sexual division of labour, and this fact holds masculine power in the "micro" level; at the same time, this reinforces the masculine domination in the "macro" level. Masculine domination also affects single mothers as well as lesbian and bisexual women, even though they are not subjected to the sexual division of labour in the domestic sphere. This happens because the public sphere is organized taking masculinity as the model to be followed. In short, the sexual division of labour is one of the major causes leading to the oppression of women and to their unequal citizenship. However, the traditional dichotomy between the public and private spheres makes this fact invisible.

The feminist movement tries to show that the public sphere and the private one are intimately related and that full and equal participation by women in public life is impossible without changes in the private field. It is precisely in the interrelation between the private and the public sphere that you can identify the barriers preventing equal citizenship for women. However, as Lister states, new articulations of these spheres can promote it (1997: 126). Pateman asserts that the universalization of liberalism would achieve a situation in which women would occupy the place that corresponds to them as public individuals is a temptation. However, she rejects this idea. This view implies ignoring the patriarchal character of liberalism and its contradictions in the conception of the private and the public spheres (1996: 51).

## References

- LISTER, Ruth (1997), *Citizenship: Feminist Perspectives*, Basingstoke: MacMillan.
- MILLET, Kate (1995), *Política sexual*, Madrid: Cátedra.
- NICHOLSON, Linda (1998), "Gender", in A. Jaggar, I.M. Young. (comps.) *A Companion to Feminist Philosophy*, Oxford: Blackwell.
- PATEMAN, Carole (1995), *El contrato sexual*, Barcelona: Anthropos.
- , (1996), "Críticas feministas a la dicotomía público/privado" in C. Castells (comp.), *Perspectivas feministas en teoría política*, Barcelona: Paidós, pp.31-52.





PROJECTO  
O USO DE METÁFORAS  
NA PESQUISA BIOMÉDICA



# RATIONALITY AND REASONING WITH METAPHORS<sup>[1]</sup>

Bipin Indurkhya

INTERNATIONAL INSTITUTE OF INFORMATION TECHNOLOGY, GACHIBOWLI, HYDERABAD, INDIA.

## 1. Introduction

Metaphors and analogies are often used as tools of reasoning. Sometimes they are so subtle that we are not even aware that a metaphor or analogy is at work in providing the justification for reaching a certain conclusion. At other times, they are quite explicitly evoked and stand out larger than life. Examples of both can be found in everyday reasoning as well as in academic discourse in science, philosophy, religion, etc. Lakoff and Johnson (1980) have done an excellent job at demonstrating how pervasive subtle metaphors are in everyday reasoning. For instance, the conclusion that you can “save” time by taking the subway to work instead of walking derives from the “time is money” metaphor that most of us take for granted. On the other hand, when a government announces that it is declaring a “war” on the nation’s budget deficit and asks the citizens to offer sacrifices and put up with discomforts, the underlying metaphor is blatantly obvious – the “sacrifice” is increased taxes and the “discomfort” is reduced services. (See also Kempton, 1987, for a study of how people have different underlying metaphors for the way home heating works, and how these metaphors influence the way these people adjust their thermostats.) In a beautifully written essay titled *The Myth of Metaphor*, (Turbayne, 1962) points out that Descartes’ “world is a machine” metaphor has worked its way so subtly

---

1 This paper has been previously published online at Elsevier, *New Ideas in Psychology*, 25 (2007) 16-36.

into all of the Western sciences since his time that most scientists and non-scientists alike are no longer consciously aware of it.

We should emphasize that the issue here is the role of metaphor in constructing or laying out an argument, and not whether the argument is valid or not. For instance, Francesco Sizzi is reported to have used the following argument against Galileo's discovery of the satellites of Jupiter:

There are seven windows in the head, two nostrils, two eyes, two ears, and a mouth; so in the heavens there are two favorable stars, two unpropitious, two luminaries, and Mercury alone undecided and indifferent. From which and many other similar phenomena of nature, such as the seven metals, etc., which it were tedious to enumerate, we gather that the number of planets is necessarily seven.

Quoted in Newman, 1956, p. 822

This argument clearly employs some very overt metaphors, though its conclusion was proven to be otherwise later. It seems that metaphors (in the rest of this essay my term 'metaphors' will subsume analogies as well) are quite commonplace in discourse, and sometimes they are there not merely for convenience but are the lifeblood of the argument because only they provide the necessary justification for accepting (or not accepting) a certain conclusion. We should emphasize here that this characterization of metaphor is rather broad as it subsumes the so-called conventional metaphor championed by Lakoff and his colleagues (Lakoff, 1987; Lakoff & Johnson, 1980) and the unconventional or novel metaphors that we have focused on elsewhere in our earlier work (Indurkha, 1992a, 1992b, 2006).

Given how ubiquitous metaphors are, one might wonder: when is it rational to accept a conclusion derived from a metaphor? We may consider an extreme position: where the only justification that can be offered in support of a certain assertion comes from a metaphor, the assertion must necessarily be judged irrational – or, in other words, metaphors must be banned from all rational discourse. Though such a conclusion may seem rather radical, we should emphasize that the traditional accounts of rationality tend to not consider metaphorical reasoning at all (Harman, 1995). However, this extreme view precludes many instances of everyday as well as scientific discourse from being characterized as rational. In fact, some historians and philosophers of science would argue that in this traditional view all science, except perhaps

mathematics, would have to be deemed irrational. For metaphors have been found to play a crucial and indispensable role in the growth and development of various sciences (Boyd, 1979; Gerhart & Russell, 1984; Hesse, 1966, 1974, 1980; Jones, 1982; Kuhn, 1979). It has even been argued that the structures of mathematics emerge from an interactive cognitive process that is similar, if not the same, to the one underlying metaphor (Lakatos, 1976; Lakoff & Núñez, 2000; MacLane, 1986). Thus, it seems that the proper answer to the question must lie somewhere in between: sometimes metaphors can be used to derive rational conclusions, sometimes not.

But then we must ask: What makes metaphors rational at some times but not at others? Addressing this question, as we will be doing in the rest of this essay, turns out to have a reciprocal effect. On one hand, considerations of rationality qualify when reasoning from metaphors is acceptable. On the other hand, certain metaphorical conclusions that seem quite reasonable – sometimes even necessary to maintain a rational worldview – have strong implications for rationality itself. We will be examining both of these issues here.

This essay is organized as follows. In the next section, I distinguish between two modes of metaphorical reasoning, which I refer to as monotonic and non-monotonic reasoning, and point out their characteristics. In Section 3, I discuss monotonic reasoning with metaphors at some length, and then point out how considerations from rationality qualify it. In Section 4, I take up nonmonotonic reasoning with metaphors. I present some examples to show how it forms an indispensable part of rational discourse, and then proceed to point out the implication it has for rationality. In Section 5, I present an interaction-based view of cognition, and discuss how rationality might be viewed within it in a way that incorporates nonmonotonic reasoning with metaphors.

## **2. Two modes of reasoning with metaphors**

Though I presented a few examples of metaphorical reasoning in the introduction, it would be useful to explicitly clarify what metaphorical reasoning means and to introduce a couple of terms before proceeding further. In metaphorical reasoning, two distinct domains are involved, and the implicative complex (or the knowledge) of one domain is used to reason (or to make an assertion) about the other domain. The first domain is referred to as the source and the second domain, the one being reasoned about, as the target. In the examples

I presented in the introduction, time, reducing the budget deficit, the world, and the Solar system are the targets of their respective metaphors, and money, waging war, a machine, and the human head are their respective sources.

Note that I did not say anything about similarities between the source and the target: any similarities between the two may or may not play a role in the reasoning process, as we will see shortly.

An instance of metaphorical reasoning usually falls in one of two classes. One class consists of what I have called similarity-based metaphors (Indurkha, 1992a). Here, some similarities are noted between the source and the target, and from these known similarities, further similarities are stipulated. It is these stipulated similarities that allow the implicative complex of the source to generate assertions about the target. I refer to this kind of reasoning as monotonic because it extends the knowledge of the target monotonically: no conclusion that could be derived from the knowledge of the target alone is ever invalidated by the metaphor, but new conclusions are added.

An example discussed by Gentner and Jeziorski (1989) illustrates how monotonic reasoning with metaphor works. They point out how Carnot used an analogy from fluid flow to heat flow to hypothesize that the rate of heat flow might be proportional to the temperature difference just as the rate of fluid flow is proportional to the difference in levels. This conclusion was based on other known similarities between heat flow and fluid flow; for instance, that fluids flow from higher levels to lower levels and that heat “flows” from a higher temperature to a lower temperature.

In all instances of monotonic reasoning with metaphors, known similarities between the source and the target play a crucial role in the reasoning. They are seen to “justify” or provide a rationale for the assertion derived from the metaphor.

The other kind of metaphor, which I have referred to as similarity-creating metaphor (Indurkha, 1992a), is not based on known similarities between the source and the target. In fact, in most interesting examples of such metaphors, there are no known similarities between the source and the target. However, after the metaphor is applied, if it is successful, it makes the target look similar to the source. In other words, the similarities are created by the metaphor. I refer to the reasoning with similarity-creating metaphors as nonmonotonic because it typically works by causing a radical shift in the way the target is conceptualized, and the inferences that are generated by the metaphor may

be incompatible with the implicative complex of the target that existed before the metaphor.

I will forgo presenting examples of similarity-creating metaphors until Section 4, but let me just stress here that the known similarities between the source and the target – that is, the known similarities before the metaphor – do not play any role in nonmonotonic reasoning. This is the single crucial point that distinguishes it from monotonic reasoning with metaphors.

### **3. Rationality and monotonic reasoning with metaphors**

In monotonic reasoning with metaphors – more commonly known as reasoning with similarity or reasoning by analogy – the known similarities between the source and the target play a crucial role because they are seen to provide a rational basis for stipulating further similarities. Of course, why there is such a justification is an issue that philosophers have grappled with for a long time without success. It is interesting to point out here that this problem is closely related to the Humean problem of the justification of induction (Hume, 1987). Indeed, some of the theories that seek to provide justifications for reasoning with similarities are corollaries of more comprehensive theories of induction (Carnap, 1962; Harrod, 1956; von Wright, 1965), and some of the arguments I am going to make here parallel the ones that I have made elsewhere concerning the rationality of induction (Indurkha, 1990).

The attempts to provide a rational foundation to reasoning with similarities can be divided into two classes: logical and empirical. To provide a logical foundation, the goal is often to show that an inference derived from a similar source is more probable than, say, a random inference. (See also the discussion in Hesse, 1966, pp. 101–129) Many elaborate mathematical systems have been proposed that try to demonstrate this in one of two ways. In the inductive approach, the idea is to show that known similarities between the source and the target form confirming instances of the hypothesis that the source and the target are similar (Carnap, 1962, pp. 569–570; Harrod, 1956, pp. 123–127. See also Achinstein, 1963; Carnap, 1963; Hesse, 1964 for refinements of these theories). In the generalization approach, the hypothesis that known similarities imply inferred similarities is analyzed in terms of the scopes of the antecedent and consequent, and probabilities are assigned to the generalization in direct proportion to the scope of antecedent and in inverse proportion to the

scope of consequent (Keynes, 1921, Chapter XIX, pp. 222–232; von Wright, 1965, pp. 134–136). This has the effect that a generalization inferring fewer similarities from more known similarities comes out as more probable than the one inferring more similarities from fewer known similarities.

Both these approaches are problematic, though (see Indurkha, 1992a, pp. 323–327 for more details). The induction approach can be used to assign high probabilities to two contradictory conclusions made from two different sources that share the same set of similarities with the target. The generalization approach fails because it makes the existence of the source superfluous – the generalization probabilities are assigned entirely based on the scopes of the antecedents and consequents.

To provide an empirical foundation for reasoning with similarities, the usual approach is to demonstrate the pragmatic success of the reasoning process both in psychological experiments and in real-world problem-solving situations (Clement & Gentner, 1991; Gentner, 1989; Gick & Holyoak, 1980, 1983). But each of these approaches is also fraught with controversy (Indurkha, 1992b). The psychological experiments all satisfy the precondition that the “right” source – that is, a source that can successfully lead to the solution of the problem – is known to the experimenter. In other words, what we can conclude from these experiments is that reasoning from a source that is similar to the target can be effective provided that the “right” source is given. For real-world problems, when no such oracle is available for consulting, it is far from clear whether reasoning with similarities brings about any pragmatic success.

Most efforts to analyze real-world problem-solving situations take full benefit of hindsight, and often end up committing the fallacy of mixing up the before-metaphor situation with the after-metaphor situation (Schön, 1963). When a particular metaphor is successful in solving a real-world problem, it always ends up making the post-metaphor target seem similar to the source – we will see some examples of this in the next section – but that does not necessarily imply that the similarities were there before the metaphor, or that the similarities were the reason for choosing the source in the first place.

To appreciate the futility of seeking a new or distinctive rational basis for reasoning from similarities alone, one must look at some examples where stipulating further similarities from known similarities results in an unwarranted conclusion. We come across such examples everyday in the media, in political rhetoric, and in advertisements. We are not always aware of them. Sometimes,



we already believe in the conclusion that is being derived from the similarities (so that no justification is really needed, as far as we are concerned). Sometimes, the analogy is so subtle that we find them psychologically compelling. It is only after we subject each argument from similarities to a careful logical analysis (Nosich, 1982), we become aware of the abuses of analogy.

Elsewhere (Indurkha, 1992b) I have presented some examples of what I called the “dark side” of reasoning from similarities, because proponents of analogical reasoning conveniently choose to ignore them. For instance, Robbins (1991) pointed out similarities between the 1991 debate in the US Congress to authorize the President to use force against Iraq, and the 1939 debate when the US was considering whether to intervene in Europe. This article appeared when the multinational forces led by the US stood poised to attack Iraq in a bid to liberate Kuwait, and there was a worldwide debate on whether military force should be used. The author claimed, “the similarity is more than superficial,” but no single explanation was offered as to how. Perhaps the author felt that the similarities between the arguments used in the Congress alone warranted the conclusion that the 1991 situation in the Middle East is similar to the 1939 situation in Europe in other respects as well.

This is where Weitzenfeld’s (1984) approach to reasoning from similarities is most enlightening. He pointed out that there is always a second-order generalization, namely that the similarities in the known respects determine similarities in some unknown respects, that underlies any argument from analogy. To use the terminology of Stephen Toulmin (1964), it is the second-order generalization that acts as the warrant of the argument from similarities.

There are two major consequences of Weitzenfeld’s approach. One is that an argument based on similarities, and similarities alone, is not justified at all in any sense. The other is that the justification for an argument from analogy depends directly on the degree of rationality one assigns to the implicit second-order generalization. For example, to hold that similarity in nationality of two persons determines similarity in their native language seems quite reasonable, given the background general knowledge about languages people speak in different nations. But to maintain that similarities in make, model, and year of two automobiles determine similarity in their color seems groundless (unless there is some background knowledge connecting the make, model and year of an automobile with the color).

Thus, the problem of finding rationality in reasoning from similarity turns out to be no different from the problem of finding rationality of any hypothesis.

Similarities alone do not add the least bit of justification to an argument that cannot stand on its own – they act only as a cognitive smokescreen to hide the background assumption (the second-order generalization) so that the proponent of the argument does not have to make an honest effort at justifying or defending it. This background assumption is the only warrant for an argument based on similarities, and ought to be explicitly justified, if it is not obvious already. Failing to do so turns similarity-based reasoning into a cognitive blind spot that can delude us into accepting certain conclusions as rational, when, in fact, they are not justified in any sense at all.

#### **4. Nonmonotonic reasoning with metaphors**

Nonmonotonic reasoning with metaphors is characterized by metaphors that are not based on existing similarities between the source and the target; rather, if successful, they create the similarities between the two. I am going to introduce this kind of reasoning with some examples drawn from creative problem solving, jurisprudence and the history of science.

##### *4.1 Creative problem solving*

Perhaps the most classic example of nonmonotonic reasoning with metaphors is a case discussed by Schön (1963, pp. 74–76). A product-development team was given the task of improving the performance of synthetic fiber paintbrushes, which left the painted surface gloppy and uneven, as opposed to the smooth and continuous finish of natural fiber paintbrushes. Initially, their understanding of the painting process, and the role of paintbrush in it, was based on seeing it as a smearing process: the paint sticks to the fibers when the brush is dipped in it, and when the brush is moved back and forth on the surface, some of this paint sticks to the surface. From this perspective, when the product development team compared the performances of the natural fiber brush and the synthetic fiber brush, they could find no differences. Yet the appearance of the painted surface was different.

The breakthrough came when a member of the team had a flash of insight suggesting that the painting process be viewed as pumping. The concept of painting, as well as the role of a paintbrush in it, was completely transformed. Now the paint is sucked up in the space between the fibers by capillary action

as the brush is dipped in the can of paint, and, when the brush is moved back and forth on the surface, the increased pressure pumps out the paint through the space between the fibers, generating a thin spray at the place where the fibers bend away from the surface. When the performances of the natural fiber paintbrush and the synthetic fiber paintbrush were compared from this perspective, it was found that the natural fibers formed a smooth curve when the paintbrush was pressed against a hard surface like a wall, while the synthetic fibers bent at a sharp angle. This observation led to a number of innovative suggestions for fabricating gradual-bending synthetic fibers, some of which resulted in bristles that curved smoothly; the paintbrush made from these fibers did, indeed, produce a smooth painted surface.

There are a few important points that must be noted in this example. First of all, the two different ways of viewing the painting process structure it in radically different ways. The very causal structure that determines how the paint sticks to the brush after it is dipped in the can, and how it is coated on the surface when the brush is moved back and forth across it, is different in each case. Moreover, the primitives underlying the structures are different. For example, the space between the fibers plays no role in the structure of *painting-as-smearing* model, but is a key factor in *painting-as-pumping* model.

There are two other crucial points. The flash of insight about painting as pumping was not triggered by some existing similarities between the painting process and the pumping process. This is why the identification was shocking at first – a characteristic that accompanies all creative but insightful metaphors. Secondly, the similarities between painting and pumping were *a result* of the metaphor. That is, after a different ontology for painting was created, *then* there were similarities between painting and pumping. Schön (1963, 1979) was most vehement about both these points.

There are several other such examples discussed in the literature on creative problem solving (Gordon, 1961; Koestler, 1964, pp. 199–207). Gordon (1961), for instance, proposed a problem-solving mechanism called “making the familiar strange,” to be used when the familiar perspective on the problem does not help in reaching a solution. The idea here is to view the familiar problem (after having unsuccessfully tried to solve it from the conventional perspective and by familiar techniques) “strangely” by juxtaposing it with strange domains. The juxtapositions initially seem quite crazy, but then one of them might lead to an illuminating insight that can prove to be the key to the solution. This mechanism is, in fact, quite the opposite of reasoning from similarities, which looks

at the most similar source to import hypotheses into the problem domain. According to Gordon's view – a view that is supported by many case studies provided there – any attempt to reason from a similar source would only lead to mundane and not particularly insightful hypotheses. This is because a similar domain is not going to change the perspective on the problem domain.

Thus, we see that nonmonotonic reasoning with metaphors is an indispensable aid to creative problem solving. Almost always, we develop ontologies and perspectives on objects and situations in certain contexts. With repeated encounters, we become familiar with these perspectives, and they work well in similar contexts. However, when we encounter the same objects and situations in a radically different context, and we want to achieve certain ends, this becomes a problem and the familiar perspectives may no longer be adequate for solving it. Moreover, the context may be so different that no monotonic extension of the familiar perspective would do. What we need is a completely different perspective – as if we were encountering the object or the situation for the very first time. Techniques like “making the familiar strange” are really aimed at recovering our cognitive innocence, at least in part. But then any view of rationality ought to include them as well, for, otherwise, we would have no way to allow a shift from painting-as-smearing to painting-as-pumping in a rational discourse.

#### *4.2. In jurisprudence*

Legal reasoning is fraught with reasoning from similar past cases. In common law systems, as in England, previous cases are often the only sources of law. Even in statutory law systems, as in most of the continental Europe, past cases serve as important beacons for guiding how statutory predicates should be applied to the particulars of any given case. For a large part, legal reasoning proceeds along familiar lines – familiar to lawyers, that is – where the particulars of a given case suggest certain legal concepts and categories that might be relevant to it, and the past cases provide a constellation of concepts and categories from which different arguments can be made as to how the given case ought to be decided. (I must emphasize that I am by no means implying that such arguments are always clear-cut, or that the past cases often suggest an unambiguous resolution of the given case.) However, there are situations when the judges and the lawyers create new concepts

and categories in order to apply a precedent to the facts of a given case, or to distinguish between them.

One such case concerns a concert violinist, Ernest Drucker, who was employed by the Metropolitan Opera (*Drucker vs. C.I.R.*, 715 F.2d 67, 1983). Drucker maintained a studio at home where he practiced regularly, and claimed a home-office deduction on his income tax returns. Internal Revenue Service (IRS) disallowed the home-office deduction, noting that under the tax statute, home-office deductions can be claimed only if the home office is the “principal place of business” for the taxpayer, and arguing that Drucker’s principal place of business was the concert hall and not his home studio.

Drucker petitioned the Tax Court, where the majority opinion sided with the IRS. They argued that Drucker was an employee of the Metropolitan Opera, and consequently, was in the business of being a concert musician for the Met. Therefore, his principal place of business was the “focal point” of his activities as a musician for the Met, namely the concert hall. I must point out here that the Tax Courts had used the “focal point” test consistently in the past to determine the taxpayer’s principal place of business. According to this test the principal place of business is the place where the most visible part of the taxpayer’s business activity takes place; for example, the principal place of business for a teacher is the classroom, and not her office where she may prepare lecture notes and grade papers – even though she may spend a significantly more time there than in the classroom.

On appeal, the appellate courts reversed this decision. However, the majority opinion did not seem to want to disturb the focal-point test, nor did they seem to wish to deny that Drucker was in the business of being an employee of the Met. So they made a distinction between the principal place of business of an employer and the principal place of business of an employee, and argued that the two do not always have to coincide. The majority opinion held that the focal point of Drucker’s business was his home practice, and, consequently, his principal place of business was his home studio, though the principal place of business of his employer, the Met, was the concert hall.

The important thing to notice here is that this distinction between the principal place of business of an employee and the principal place of business of an employer was made here for the first time, it seems, solely to justify the decision for Drucker without overruling the precedents. This distinction created a new ontology, on which basis the facts of Drucker’s situation and tax responsibilities could be distinguished from the other precedents.

In another example, the Tax Court allowed a home-office tax deduction for an anesthesiologist, Nader Soliman, who maintained an office at home where he did administrative work like billing his patients (*Soliman vs. C.I.R.*, 94 T.C. 20). (This decision was later affirmed by appellate courts, 935 F.2d 52, 4th Cir. 1991, but reversed by the Supreme Court, 113 S.Ct. 701.) However, there was a preceding case where an emergency care physician, Stanley Pomarantz, was denied a home-office deduction in similar circumstances (*Pomarantz vs. Commissioner*, 867 F.2d 495, 9th Cir. 1988). In order to distinguish the Soliman case from the Pomarantz case, the majority opinion on the Tax Court described the similarities between the two cases as “superficial” and argued that the facts of the two cases are quite different because Pomarantz spent an “insubstantial” amount of time at his home office (8–15%), whereas Soliman spent a “substantial” amount of time at his home office (slightly over 30%). Here, a new ontology was created by introducing the category “substantial” under which the facts of the two cases were distinguished.

Thus, we see that legal reasoning sometimes requires the creation of new categories, or a change of ontology, especially when unconventional and creative arguments are being made. The created categories can make the facts of two different cases seem similar, or they can distinguish between cases that would otherwise seem similar.

#### 4.3. *The history of science*

Historians of science have pointed out that in many instances the development of science was crucially affected by certain analogies or models (Canguilhem, 1963; Gruber, 1978; Hesse, 1966; Koestler, 1964; Libby, 1922; Miller, 1978; Rothbart, 1984, pp. 611–612). While some of these analogies were guided by then-known similarities between the source and the target, as in the example of Carnot’s use of the fluid-flow analogy to reason about the heat-flow that was mentioned earlier, in many cases the source was applied to the target even though there were no known similarities between the two phenomena at that time. These latter kinds of analogies, which have also been referred to as “pre-theoretic models” or “material models,” usually work as follows: There is a target phenomenon that is poorly understood, and a source that is more concrete and well understood. But there is no good connection or transference between the two phenomena that would form the basis for the source to be

meaningfully applied to the target. There is only some vague idea in the mind of the scientist. Sometimes, there is not even a vague idea but an emotional drive that keeps the scientist seeking some connection. However, once the connection is found, if it is found, the model starts to become entrenched. If we compare the states of the source and the target before and after the model became entrenched, the creation of similarities can be seen quite starkly. The source is seen to create an ontology for the target phenomenon, where none existed before.

I present two examples here to illustrate these points. Gruber (1978), on analyzing Darwin's notebooks that he kept while working on his celebrated theory of evolution, noted that the image of an irregularly branching tree kept on recurring in his thoughts, and may have served as the primal metaphor for his natural selection principle. Gruber's account cites several excerpts from Darwin's notebooks to show that it was not some existing similarities between the tree image and whatever was known about the evolution at that time that kept Darwin searching for what other similarities might be found. On the contrary, it was an emotional drive that kept up his intellectual commitment to articulating an account of evolution that matched the tree image. Darwin was not searching for similarities, he was formulating them. This process was actually fraught with several problems that appeared to invalidate the model, but Darwin's intellectual commitment to the idea kept him from throwing away the image altogether. Instead, he improvised and sought different ways to render the image meaningful.

In another example, Solomon (1992) points to Wegener's (1966) use of the iceberg analogy to suggest the theory of continental drift. Solomon notes that the theory of continental drift was not widely accepted by the geologists until the mid-1960s – after the discovery of seafloor spreading, which led to the development of the modern theory of plate tectonics – and was considered quite revolutionary when Wegener first proposed it in 1915. Here again, the analogy was not based on the known similarities between the continents and the polar icebergs. In fact, Solomon explicitly notes: “[T]he situations of icebergs and continents [were] not shown to be sufficiently similar to support the conclusions drawn” (1992, p. 447). I should also point out that Solomon attributes Wegener's strong attraction to the drift theory partly to the fact that he was not trained as a geologist, and so he was not indoctrinated with the contractionist theory – the leading geophysical theory of continents at that time. The reader should be able to see a connection here with Gordon's making the

familiar strange and Schön's story of the paintbrush-as-a-pump metaphor. In order to conceptualize a phenomenon differently, and to see it from a different ontology, it is necessary that one be not attached too strongly to the conventional or familiar way of looking at it.

Thus, we see that nonmonotonic reasoning with metaphors – reasoning that is not triggered by some existing similarities between the source and the target, but is constitutive of them – plays a significant role in the development of science, and must not be excluded from rational discourse.

#### *4.4. Implications for rationality*

The preceding examples suggest that metaphors can radically alter the ontology of the target, thereby creating a new perspective on it that includes information not contained in the old representation. Moreover, this new information often contains the key to resolving a problematic situation that seems impossible from the familiar perspective. This role of metaphors, though it is essentially non-algorithmic and heuristic-driven, should not be excluded from an account of rationality, because, otherwise, one would have to admit irrationality as a key ingredient of major areas of human thought and discourse.

The whole problem boils down to incorporating an ontology-changing move into rationality. This move should allow introducing new concepts and categories to describe an object or a situation. Moreover, the new concepts and categories are not always added to the old concepts and categories, but may replace them – in the context of the current problem, if not always. Thus, any account of rationality must

1. explicitly take into account the ontologies of representations,
2. contain mechanisms for changing ontologies, and
3. allow different representations of the same object or phenomenon to coexist, and be able to weigh their relative merits in any given context.

Allowing an ontology-changing move into rational discourse is not as simple as it may appear at first. Though a rational cognitive agent may initiate a change of ontology, the new ontology may not always lead to the desired effect. The following examples illustrate this problem:



1. Schön noted that the group working on the synthetic-fiber paintbrush problem also considered “painting as masking a surface” metaphor, with its corresponding change of ontology, but it led to no useful insight (Schön, 1979, p. 259).

2. Yolanda Baie, a food stand operator and owner, petitioned to have the kitchen of her house, where she prepared food sold at the food stand, qualify as a “home office” for the purpose of tax deduction (Baie vs. C.I.R., 74 T.C. 105). One of her arguments was that her kitchen was a “manufacturing facility” for her business. The judges, while finding the argument “ingenious and appealing,” ruled it “insufficient” nonetheless.

3. John Casti (1989, pp. 7–10) comments on the fate of Immanuel Velikovsky’s theory as outlined in *Worlds in Collision*, which hypothesized Earth’s encounters with a large comet expelled from Jupiter and provided explanations for many biblical events. Velikovsky’s theory proposes a revolutionary new ontology for understanding the Solar system. But it has not been accepted by the scientific community.

Thus, the problem is to somehow allow creative changes of ontology, but to rule out arbitrary changes of ontology; or, at least, to constrain which inferences are rationally acceptable from the changed ontology. (Palmer, 1992, pp. 62–64, raises the same problem and proceeds to address it in the rest of his book.) In the next section, I outline a view of cognition that addresses this problem.

## 5. Cognition and rationality

The problem of rationality mentioned at the end of the preceding section is remarkably parallel to a problem of creative metaphors: namely, how can some metaphors create new and useful perspectives on the target, whereas many others simply do not work? It also parallels a problem of cognition: how can a cognitive agent view an object (or an event, or a phenomenon) in many different ways, but not in any arbitrary way? As I have discussed both these latter problems at length elsewhere (Indurkha, 1992a) by proposing a view of cognition as interaction and articulating a theory of metaphor within it, I will attempt here to address the problem of rationality within the same framework.

### 5.1. *An interaction-based view of cognition*

It will be useful at first to lay down the rudiments of the interaction view of cognition, which has been influenced by the works of Ernst Cassirer (1955), Nelson Goodman (1978), and Jean Piaget (1971a, b, 1977). Cognition is seen as an interaction between the cognitive agent and the external objective world; the agent and the environment are deemed to play an equal role in determining cognitive structures, which include scientific theories.

The key features of our view are as follows. We maintain a sharp distinction between an object (or an experience, or a domain, or an environment) and its representation (or description) and argue that an agent can cognitively access an object only by interacting with it in some way. Further, we claim that in order to have purposeful interactions with the world, the cognitive agent must use some internal states or structures. We refer to these internal states as “representations.”

I must emphasize here that our use of the term “representation” is somewhat different from the way it has generally been used in artificial intelligence and philosophy of mind. Our “representation” is a meta-level term that refers to the internal states of the cognitive agent. We do not wish to imply that the cognitive agent has to be consciously aware of the representations or what they mean (how they are connected to the world). We do not even aim to imply that the representations have to be symbolic, though, talking about the internal states from a meta-level, we can certainly assign symbols to them. (See Indurkha, 1992a, 1992b, pp. 135–151, for an example where representations are internal states of a simple cognitive agent. Therefore, arguments à la Brooks, 1991, do not automatically run contrary to our position.)

We distinguish between the ontology and the structure of a representation. The ontology is the set of primitives in terms of which the object is described, and the structure is the particular way in which the primitives are interrelated in the description. When the cognitive agent has internal states, the set of states constitutes the ontology of the representation, and the state transition functions make up the structure. An important observation to make here is that every structure presupposes an ontology.

When a cognitive agent interacts with an object, the result is a representation of the object that is internal to the agent. This representation is determined in part by the agent and in part by the autonomous nature of the object. The agent gets to play a role in giving an ontology to the object, a process

which may be partly constrained by the agent's own biological structure. The object gets to play a role by endowing this agent-determined ontology with a structure. Thus, the structure of the object always seems autonomous (external) to the agent, although the agent can choose a different ontology, and thereby affect the structure of the object as internally represented.

To elaborate on this representation-building process, we need to make an explicit distinction between its two poles. On one end are the concepts, which are the building blocks of representation, and on the other end are the sensory stimuli, which provide the raw data out of which representations are formed. Both these ends are crucial in our view of the representation-building process, in keeping with Nelson Goodman's rephrasing of the Kantian dictum: "Although conception without perception is merely empty, perception without conception is blind (totally inoperative)" (Goodman, 1978, p. 6, emphasis original). We refer to these two components of the representation-building process as concept networks and sensorimotor datasets, respectively.

*Concept networks* are structured networks of uninterpreted symbols and relations between them. The theory of pumping, the theory of iceberg drift, geometric concepts like "triangle" and theorems relating them are all examples of concept networks, as long as no interpretation is attached to them, meaning that the theories are not applied to the world. I must hasten to add that we do not wish to suggest that these theories are devoid of any meaning for the cognitive agent. Obviously, all these theories were developed to explain certain phenomena and are, therefore, representative of them. All we mean to say is that at the meta-level, in order to explicitly talk about the representation building process, we can sever the meaning connection and refer to the now uninterpreted theories as concept networks.

A concept network may be genetically inherited, or it can be learned from the past interactions with the environment. The ontology of a concept network refers to the set of concepts, and the structure refers to the statements and theorems. Thus, if we write a theory in a formal system, its language is the ontology and the set of sentences of the theory forms the structure. Notice that the semantic content of a concept network manifests itself in its structure: the way the concepts are interrelated to each other reflects the structure of the phenomenon to which the concept network usually applies. Sensorimotor datasets are structured sets of stimuli received from the environment, such as the set of images formed on the retina as a cognitive agent watches the process of painting.

*Sensorimotor datasets* provide the raw input to the representation-building process. It is useful to apply the distinction between ontology and structure to the sensorimotor datasets also. The set of raw sensory stimuli, such as the set of retinal cell excitations, together with the set of correlations between different stimuli that the cognitive agent is capable of noticing, constitute the ontology of the sensorimotor dataset. As our perceptual apparatus creates the sense data, it suggests that the ontology of the sensorimotor dataset is determined by the perceptual and motor organs of the cognitive agent. However, as noted by Rosch (1978, p. 28), reality, as it presents itself to us in the form of sensory stimuli, is already highly structured: certain sets of stimuli occur together, while certain others preclude one another. This specific pattern of correlations that actually exists between different stimuli makes up the structure of the sensorimotor dataset. Moreover, this structure of the sensorimotor dataset is determined by the mind-independent external world.

This distinction between the ontology (determined by the cognitive agent) and the structure of a sensorimotor dataset (determined by the external world) is crucial. An example would be helpful to clarify it further. Suppose I am standing in front of a tree. It is the biological structure of my eyes that determines what image is formed on my retinas, what contrast I see, what colors I see, etc. (Of course, it also depends on the object in front of my eyes, the lighting conditions, etc. But different objects, or the same object under different lighting conditions, can all be considered different stimuli in the sensorimotor dataset.) Similarly, as I walk towards the tree, it is the structure of my motor apparatus that determines what movements I can make. However, the effect of any such movement on changing one stimulus on my retina into another, possibly different, stimulus is determined by the structure of the external world. It is precisely in this sense that reality, while owing its form (as experienced by me) to my sensorimotor apparatus, nonetheless appears as an autonomous external entity to me. (This example may seem somewhat simplistic because our sensory organs already act as pre-processors of sensory information, and one could argue that the structure of this pre-processed sensory information is due, at least in part, to the structure of the sensory organ. However, as argued in Indurkha, 1992a, pp. 179–187, in this situation, the account of the representation-building process being articulated here can be applied to the pre-processing of sensory information itself: in explaining the processing done even by simple sensory organs, one could posit a sensorimotor dataset with an agent-driven ontology and an environment-driven structure.)

Finally, it must be emphasized that a sensorimotor dataset includes only perceptual data; in particular, we do not allow information obtained by instruments to be a part of it. The reason is that when an instrument is being used, it ultimately provides us with some perceptual data, such as the deflection of a needle, an image seen in a photograph or through the eyepiece of a telescope, or squiggly lines on graph paper, and one needs to apply a theory (that is, carry out the representation-building process) to interpret the perceptual data as the current flowing through a wire, a planet up in the sky, or the activity of certain brain cells (see also Lakatos, 1978, pp. 12–19).

In building the representation of an object (or event or phenomenon), the cognitive agent applies a concept network to the object. Some of the time, perhaps most of the time, this process will be habitual – the cognitive agent may have biological or cultural preferences for applying certain concept networks to certain objects or phenomena in certain ways. Recall that all the examples of concept networks presented above have semantic contents, thereby suggesting that there are certain objects or phenomena in the world to which they conventionally apply. However, we can get a glimpse of the representation-building process when a concept network is applied to a new phenomenon (as in viewing painting as pumping), or when the phenomenon reveals unexpected behavior with respect to the structure of the concept network (as when the synthetic-fiber paintbrushes left the painted surface gloppy and uneven). Such situations reveal two principal mechanisms of representation building.

*Projection*, derived from the Piagetian notion of assimilation (Piaget 1962, 1977)<sup>[2]</sup>, is used in applying a concept network to a phenomenon to which it does not normally apply. In this process, parts of the sensorimotor dataset of the object are grouped together, and labeled with the concepts from the concept network. In the grouping process, the sensorimotor dataset acquires an ontology as seen from the conceptual layer. However, the autonomous structure of the sensorimotor dataset asserts itself by endowing the conceptual ontology of the phenomenon with an autonomous structure too. In the context of the paintbrush-as-a-pump example, this means that though the cognitive agent can group the process of painting in various ways so as to see it as a pumping process (this process will also be constrained by the existing semantic content

---

2 The term “projection” is used, with a somewhat different meaning, for the first of the two phases of reflecting abstraction (see Piaget, 2001).

of the “pumping” concept network), whether this grouping satisfies the predictions made from the concept network (such as whether certain design of synthetic-fiber paintbrush will result in an even painted surface) depends entirely upon the autonomous nature of external reality.

Projection is non-algorithmic and heuristic-driven. The reason behind it is that an ontology is a prerequisite for an algorithm. For example, in seeing the paint-brush as a pump, there is no algorithmic way to arrive at the appropriate ontology. In fact, there is no algorithm to even decide whether an appropriate ontology exists. This is why in creative problem-solving situations, it is impossible to determine a priori which metaphors will work and which will not. Projection crucially involves what Harold Brown has called *judgment* (Brown, 1988, Chapter IV), and may reflect the cognitive agent’s cultural background (both inherited and learned) as well as past individual experiences.

When the object, owing to its external autonomous structure, reveals some unexpected behavior – in other it words, it was not anticipated by the cognitive agent based on the structure of the concept network that was projected on the object – the cognitive agent may choose to restructure the concept network so as to integrate the new behavior. This process is referred to as *accommodation* (Piaget, 1962, 1977).<sup>[3]</sup>

Unlike projection, accommodation can be quite algorithmic. This is because in accommodation, one stays within the same ontology, there is some specific structural statement (or set of statements) that is found to be incoherent with the environment, and what is done is to restructure the theory enough so that the incoherent structural statements are no longer included. (For some algorithms of accommodation, see de Kleer, 1986; Doyle, 1979.) Of course, accommodation is not always deterministic, for there may be more than one way to exclude the incoherent structural statements.

Although projection and accommodation act in consort in building representations, one can find examples where one or the other mechanism plays a predominant role. Such examples help to illustrate the representation-building process, and also the mechanisms of projection and accommodation themselves.

The system of latitudes and longitudes, and the division of day into hours, minutes and seconds are both examples of representations that have been

---

<sup>3</sup> Accommodation is related, though not identical, to reflection, the second phase of reflecting abstraction (Piaget, 2001).

built primarily by projection. The method Imre Lakatos (1976) has referred to as “monster-barring” in mathematical theorem proving can also be viewed as projection, because the mathematician is essentially redefining the concept (thereby changing the ontology) so as to exclude the “monster” examples. Note that projection is non-algorithmic and heuristic in all these cases. For instance, the discussion in Lakatos (1976) reveals how various new definitions of “polyhedron” were coined in order to exclude certain troublesome solids. These new definitions, however, were always based on noticing (or, perhaps, “creating”) some new attribute of the solids so that the attribute would apply to the desired polyhedra but not to the monsters. Some very novel attributes were created in the process. Considering them, it seems impossible for an algorithm to generate all possible attributes of a solid that could be used as a basis for creating different ontologies.

Here is an important point about projection: even though the cognitive agent chooses a concept network (with an ontology and a structure) and groups the sensorimotor dataset, thereby giving it an ontology as seen from the conceptual layer, once a concept network is projected, the structure of the environment as seen through the projection is determined by the objective world. Once the lines of latitude and longitude are put in place, whether any two given places lie on the same latitude is no longer an arbitrary matter. Once a definition of polyhedron is accepted, it becomes an objective matter whether a certain solid is a polyhedron, and whether the numbers of its faces, edges, and vertices bear a certain relationship. Notice that once the ontology is fixed, algorithms can be devised to determine structure and check for structural coherency: once the system of latitudes and longitudes has been projected, we can come up with algorithms to decide whether two places have the same latitude or not.

On the other hand, geographical or political maps and the division of year into days are examples of representations formed primarily by accommodation. Here the ontology is kept fixed, and the structure of the concept network is adapted to reflect the structure of the environment as seen from the given ontology. Lakatos’s (1976) method of revising a conjecture in the face of counterexamples is also an example of accommodation. Notice here the algorithmic nature of accommodation. Once the ontology of a geographical map is fixed, one can come up with an algorithm for taking measurements on the ground and transferring these measurements to the map (which corresponds to the concept network). In Lakatos’s examples, existing attributes of geomet-

ric solids are used to limit the scope of the conjecture – a process that is very different from that of inventing new attributes as in case of projection.

I must emphasize that in accommodation, the cognitive agent also gets to play a key role in building the representation by fixing the ontology, so it is not completely an environment-driven process. Moreover, in map-making at least, there are instances where ontology itself becomes an issue, thereby making projection more dominant in the representation building process. The debate over what constitutes a “wetland” is a case in point (Mitsch & Gosselink, 1986, pp. 15–20).

Finally, I must note that the two-layered account of representation-building process presented here, in which projection and accommodation are at work between one concept network layer and one sensorimotor dataset layer, can be extended into a model where the process of integrating sense data into concepts proceeds through several layers of intermediate representations (Indurkha 1992a, pp. 179–187).

## 6. Rationality in the interaction-based view

We can now address the problem of incorporating an ontology-changing move into rationality. Notice that in the foregoing account of cognition, the representation-building process pits the concept network, which is structured by the cognitive agent, against the sensorimotor dataset, which is structured by the external environment. As these structures are independent, one may not respect the other; we will refer to this characteristic as *incoherency* (or *coherency*, when the two structures do respect each other). We claim that considerations of rationality demand that incoherency, whenever it is found, be duly acknowledged and dealt with; however, they do not constrain the manner in which incoherency is dealt with; in particular, they do not favor either projection or accommodation as a primary mechanism for resolving incoherency. I will elaborate on this remark in the rest of this section.

Let us say that a certain theory has been developed to explain a phenomenon. In our terminology, the theory is a *representation* of the phenomenon. In order to explicitly talk about different theories applying to the phenomenon, and the theory applying to other phenomena, we sever the meaning connection between the representation and the phenomenon. Now the theory corresponds to our concept networks and the phenomenon becomes a sensorimotor data-



set. Of course, the cognitive agent normally uses the theory to comprehend and interact with the phenomenon, so the structure of the concept network is really the structure of the phenomenon as seen from the conceptual layer. Until some point in time, the theory made many correct predictions about the phenomenon. Then an event was found that contradicted the predictions made by the theory: the representation turned out to be incoherent. Rationality would demand that this contradiction be acknowledged, for it would certainly be quite irrational to simply ignore the available evidence and insist on the correctness of the theory. However, there are two ways in which the incoherency can be dealt with.

One alternative is to keep the same ontology, but use accommodation to alter the structure of the concept network: in other words, revise the statements of the theory so as to incorporate the troublesome observation (as well as all of the past observations that are relevant to the phenomenon). For instance, after noticing that synthetic-fiber paintbrushes do not produce as good-looking a painted surface as natural-fiber brushes do, one could try to account for it by noticing some difference between the natural and the synthetic fibers, while staying within the painting-as-smearing theoretical framework. Of course, any such explanation will be subject to further testing, and later observations may render it incoherent. In the synthetic-fiber paintbrush story, Schön observed that the members of the product development team noticed that the natural fibers all had split ends. Thinking that this explained the appearance of the painted surface, they tried to make synthetic fibers with split ends too, but it did not yield the expected result.

The other alternative is to use projection to alter the ontology of the phenomenon (Lakatos, 1976, 1978, pp. 16–17). This can be done by noticing new attributes and relations in the phenomenon, using them to re-categorize the objects and events, noticing correlations between these new categories, and creating a theory to express these correlations. Or, one can take a different theory – a theory that was not developed in the context of this phenomenon – and try to understand the phenomenon in terms of the new theory, as happened in the paintbrush-as-pump example. This process of projecting a new theory onto a phenomenon is constrained from both ends. On one end, the existing structure of the concept network, which reflects the structure of the phenomenon for which the theory was originally developed, resists arbitrary application; on the other end, the autonomous structure of the phenomenon, which is rooted in the external world, resists arbitrary categorization. For

instance, in seeing painting as pumping, one has to respect the conceptual structure of “pumping” as well as the structure inherent in the actual process of dipping the paintbrush in a can of paint and moving the paintbrush back and forth across a surface. When this process of projection succeeds, if it succeeds at all, what results is a new ontology of the phenomenon with a structure that reflects the structure of the new theory.

The important thing to notice in projection is that each time the ontology is changed, the environment endows this ontology with a structure that is external, and hence appears objective, to the cognitive agent. And to stay within rational discourse, the cognitive agent must respect this objective structure. Though, of course, the cognitive agent may shift the ontology again, if not satisfied with the structure seen in terms of the previous ontology, but then the external world gets to structure this new ontology, and so the game goes on. Needless to say, the cognitive agent may resort to accommodation at any stage of the game by sticking to an ontology and altering the structure of the theory.

It is interesting to note here that projection gets to play a key role both when a revolutionary new theory with a radically different ontology is proposed – when new discoveries are made by projecting a concept network onto an “unsimilar” phenomenon – and also when hypothetical entities are proposed in order to save an old theory in face of contradictory evidence. (See also Brown, 1983, for an account of how Piagetian assimilation, on which our notion of projection is based, can be used as a rational discovery strategy.)

Though considerations of rationality alone do not dictate any hard and fast rules as to when accommodation should be favored over projection and vice versa, some general guidelines emerge if we examine carefully why a change in ontology sometimes becomes necessary. Cognition typically involves categorization: different sensory stimuli, made available to us by our perceptual apparatus, are grouped into concepts and categories. The world as seen from the conceptual level is considerably more simplified and structured than the one at the sensory level. This simplification is necessary to make us survive in an infinitely complex world with our finite and limited minds. However, an act of categorization invariably involves loss of information. (See also Hesse, 1974, pp. 48–51, for arguments leading to the conclusion that any classification necessarily results in a loss of verbalizable empirical information.) When a bunch of objects are placed in a category, their potential differences are overlooked; one might say that they are discarded by the process of cognition. Similarly,

when two objects get put in different categories their potential common grounds are discarded. Though the simplified worldview that results from grouping the world one way makes it easier for the cognitive agent to interact with the world, the agent is thereby deprived of a horde of alternate worldviews.

The concept networks that a cognitive agent develops – over a lifetime or over generations – for various phenomena and objects in the environment reflect the agent's goals and predispositions in its past interactions with those phenomena and objects. The simplified worldviews created by these concept networks may make it very efficient for the cognitive agent to go about its everyday activities; sometimes they may even make a crucial difference in whether the cognitive agent can survive in the environment. However, as the environment changes (e.g., synthetic fibers become available), and the cognitive agent's goals and predispositions also vary (e.g., the need for synthetic-fiber paintbrushes arises), sometimes the information lost in the categorization leading up to the existing concept network becomes the key to realizing the agent's goals. In such a situation, projection becomes a crucial asset to cognition, for only it can bring about a change in the ontology and recover (part of) the lost information.

All this suggests that whenever the domain of activity requires some stability in ontology, as in science and jurisprudence, accommodation is to be generally preferred. An ontology-changing move (projection) should be used sparingly – only on those infrequent occasions when every effort has been made to address the problem within the existing ontology but without any success. For projection is cognitively expensive, requiring a mammoth effort to try to render the new theory meaningful in the context of the phenomenon, even before it can be ascertained whether the new ontology satisfies the desired goals. Yet if a type of problem is particularly hard to solve from the familiar point of view, a rational agent should realize that it may be because some crucial information is missing from the existing conception of it, and a new ontology may be called for. Forgetting this, the agent may fall into the rut of viewing the phenomenon always from the same old perspective, thereby shunning all creativity. This is why Gordon (1961) touts “making-the-familiar-strange” as a key mechanism of creative problem solving.

On the other hand, there are certain domains where the goal is to create new perspectives – to reveal alternate worlds that are lost in the familiar perspective – for no other reason but their own sake. Conceptual and modern art

are a good example of such domains (Fox, 1982). In these situations, projection ends up playing a dominant role, for obviously, it is the only mechanism that allows new perspectives to be created. When we consider changes in ontology, another issue to ponder is whether there are any criteria that identify certain ontology-changing moves rational and others irrational. There is obviously a difficulty in positing any such criterion a priori. This is because in projecting a new theory onto a phenomenon, one cannot determine beforehand what the new ontology of the phenomenon would be and what consequences it might have. It is for these reasons that the crux of creativity remains rather elusive.

It is tempting to connect rationality with the a posteriori success of the ontology-changing move. This would have the consequence that the three examples of failed ontology-changing moves presented earlier in Section 4.4 would be dubbed irrational. Taking this position, however, puts too much of a burden on the concept of rationality, making rationality synonymous with correctness or truth. If we carefully analyze each of the examples of Section 4.4 without considering whether the ontology-changing move was successful or not, it is hard to come up with any grounds to reject them: to view painting as masking a surface seems no more of an offbeat idea than to view it as pumping; Baie's claim that her kitchen was a "manufacturing facility" seems no more ad hoc than the court's argument that Drucker's principal place of business was not the same as his employer's; and Velikovsky's theory of the Solar system seems no more groundless than Wegener's theory of continental drift at the time each one was proposed. Thus, rationality is not so much a characteristic of an argument that predicts success. Rather, it is an attitude of the cognitive agent that acknowledges incoherency, decides when and how ontology-changing moves are made, and displays a healthy respect for the autonomous structure of the world.

## References

- ACHINSTEIN, P. (1963), "Variety and analogy in confirmation theory" in *Philosophy of Science*, 30(3), 207-227.
- BOYD, R. (1979) "Metaphor and theory change: What is metaphor a metaphor for?" in A. Ortony (Ed.), *Metaphor and Thought* (pp. 356-408), Cambridge: Cambridge University Press.
- BROOKS, R. A. (1991), "Intelligence without representation" *Artificial Intelligence*, 47, 139-159.
- BROWN, H. I. (1983), "Assimilation and discovery", *New Ideas in Psychology*, 1(2), 89-97.

- BROWN, H. I. (1988), *Rationality*, London: Routledge.
- CANGUILHEM, G. (1963), The role of analogies and models in biological discovery, in A. C. Crombie (Ed.), *Scientific Change* (pp. 507–520). New York: Basic Books.
- CARNAP, R. (1962), *Logical Foundations of Probability* (2nd ed.), Chicago: University of Chicago Press.
- CARNAP, R. (1963), “Variety, analogy, and periodicity in inductive logic” in *Philosophy of Science*, 30(3), 222–227.
- CASSIRER, E. (1955), in R. Manheim (Ed.), *The Philosophy of Symbolic Forms*, Vol. 1–3. New Haven: Yale University Press (Original work published 1923–1929).
- CASTI, J. L. (1989), *Paradigms lost: Images of man in the mirror of science*, New York: William Morrow & Co.
- CLEMENT, C. A., & Gentner, D. (1991), “Systematicity as a selectional constraint in analogical mapping” *Cognitive Science*, 15, 89–132.
- DE KLEER, J. (1986), “An assumption-based TMS” *Artificial Intelligence*, 28, 127–162.
- DOYLE, J. (1979), “A truth maintenance system”, *Artificial Intelligence*, 12, 231–272.
- FOX, H. N. (1982), *Metaphors: New projects by contemporary sculptors*, Washington, DC: Smithsonian Institution Press.
- GENTNER, D. (1989), “The mechanisms of analogical learning”, in S. Vosniadou, & A. Ortony (Eds.), *Similarity and Analogical Reasoning*, (pp. 199–241), London: Cambridge University Press.
- GENTNER, D., & Jeziorski, M. (1989), “Historical shifts in the use of analogy in science”, in B. Gholson Jr., W. R. Shadish, R. A. Neimeyer, & A. C. Houts (Eds.), *Psychology of science: Contributions to metascience*, (pp. 296–325), London: Cambridge University Press.
- GERHART, M., & Russell, A. (1984), *Metaphoric process: The creation of scientific and religious understanding*, Fort Worth: Texas Christian University Press.
- GICK, M. L., & Holyoak, K. J. (1980), “Analogical problem solving” in *Cognitive Psychology*, 12, 306–355.
- GICK, M. L., & Holyoak, K. J. (1983), “Schema induction and analogical transfer”, in *Cognitive Psychology*, 15, 1–38.
- GOODMAN, N. (1978), *Ways of worldmaking*, Indianapolis: Hackett.
- GORDON, W. J. J. (1961), *Synectics: The development of creative capacity*, New York: Harper and Row.
- GRUBER, H. E. (1978), “Darwin’s “tree of nature” and other images of wide scope”, in J. Wechsler (Ed.), *On Aesthetics in Science*, (pp. 121–140), Cambridge, MA: MIT Press.
- HARMAN, G. (1995), “Rationality”, in *Thinking: Invitation to cognitive science*, E. E. Smith, & D. N. Osherson (Eds.), Vol. III (pp. 175–211). Cambridge, MA: MIT Press.
- HARROD, R. (1956), *Foundations of Inductive Logic*, London: Macmillan.
- HESSE, M. B. (1964), “Analogy and confirmation theory”, *Philosophy of Science*, 31(4), 319–327.
- HESSE, M. B. (1966), *Models and Analogies in Science*, Notre Dame: University of Notre Dame Press.

- HESSE, M. B. (1974), *The Structure of Scientific Inferences*, Berkeley, CA: University of California Press.
- HESSE, M. B. (1980), *Revolutions and Reconstructions in the Philosophy of Science*, Bloomington: Indiana University Press.
- HUME, D. (1987), *A treatise on human nature*, Harmondsworth: Penguin (Original work published 1739).
- INDURKHYA, B. (1990), "Some remarks on the rationality of induction" in *Synthèse*, 85, 95–114.
- INDURKHYA, B. (1992a), *Metaphor and Cognition*, Dordrecht: Kluwer Academic.
- INDURKHYA, B. (1992b), "Predictive analogy and cognition", in *Analogical and inductive inference*, K. P. Jantke (Ed.), (pp. 214–231). Berlin: Springer (Lecture Notes in Artificial Intelligence 642).
- INDURKHYA, B., (2006), "Emergent representations, interaction theory and the cognitive force of metaphor. New Ideas in Psychology", in press, doi:10.1016/j.newideapsych.2006.07.004.
- JONES, R. S. (1982), *Physics as metaphor*, Minneapolis: University of Minnesota Press.
- KEMPTON, W. (1987), "Two theories of home heat control, in *Cultural models in language and thought*, D. Holland, & N. Quinn (eds.), (pp. 222–242), Cambridge: Cambridge University Press.
- KEYNES, J. M. (1921), *A treatise on probability*, London: Macmillan.
- KOESTLER, A. (1964), *The act of creation*, London: Hutchinson.
- KUHN, T. S. (1979), "Metaphor in science", in *Metaphor and Thought*, A. Ortony (ed.), (pp. 409–419), Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKATOS, I. (1976), in J. Worrall, & E. Zahar (eds.), *Proofs and refutations: The logic of mathematical discovery*, Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKATOS, I. (1978) in J. Worrall, & G. Currie (Eds.), *Philosophical papers*, vol. 1: *The methodology of scientific research programmes*, Cambridge: Cambridge University Press.
- LAKOFF, G. (1987), *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*, Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G., & Johnson, M. (1980), *Metaphors we live by*, Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, G., & Núñez, R. E. (2000), *Where mathematics come from*, New York: Basic Books.
- LIBBY, W. (1922), "Scientific imagination", *Scientific Monthly*, 15, 263–270.
- MAC LANE, S. (1986), *Mathematics: Form and function*, Berlin: Springer.
- MILLER, A. I. (1978), "Visualization lost and regained: The genesis of the quantum theory in the period 1913–27", in J. Wechsler (Ed.), *On Aesthetics in Science* (pp. 73–102), Cambridge: MIT Press.
- MITSCH, W. J., & Gosselink, J. G. (1986), *Wetlands*, New York: Van Nostrand Reinhold.
- NEWMAN, J. R. (1956), *The world of mathematics*, Vol. 2. New York: Simon & Schuster.
- NOSICH, G. N. (1982), *Reasons and arguments*, Belmont, CA: Wadsworth.

- PALMER, S. (1992), *Human ontology and rationality*, Aldershot, England: Avebury.
- PIAGET, J. (1962), in C. Gattegno, & F. M. Hodgson (eds.), *Play, dreams and imitation in childhood*, New York: W.W. Norton (Original work published 1945).
- PIAGET, J. (1971a), in B. Walsh (ed.), *Biology and knowledge*, Chicago: University of Chicago Press (Original work published 1967).
- PIAGET, J. (1971b), in *Genetic Epistemology*, E. Duckworth (ed.), New York: W.W. Norton (Original work published 1970).
- PIAGET, J. (1977). In M. Cook (Ed.), *The origin of intelligence in the child*, New York: Penguin (Original work published 1936).
- PIAGET, J. (2001), in *Studies in reflecting abstraction*, R. L. Campbell (ed.), Hove, UK: Psychology Press (Original work published 1977).
- ROBBINS, J. (1991), *Echoes of 1939 on Capitol Hill*, Wall Street Journal, A12.
- ROSCH, E. (1978), "Principles of categorization", in *Cognition and Categorization*, E. Rosch, & B. B. Lloyd (eds.), (pp. 27-48), Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- ROTHBART, D. (1984), "The semantics of metaphor and the structure of science", *Philosophy of Science*, 51, 595-615.
- SCHÖN, D. A. (1963), *Displacement of Concepts*, New York: Humanities Press.
- SCHÖN, D. A. (1979), "Generative metaphor: A perspective on problem-setting in social policy", in *Metaphor and Thought*, A. Ortony (Ed.), (pp. 154-283), Cambridge: Cambridge University Press.
- SOLOMON, M. (1992), "Scientific rationality and human reasoning", *Philosophy of Science*, 59, 439-455.
- TOULMIN, S. E. (1964), *The uses of argument*, Cambridge: Cambridge University Press.
- TURBAYNE, C. M. (1962), *The myth of metaphor* (rev. ed.), Columbia: University of South Carolina Press.
- VON WRIGHT, G. H. (1965), *The logical problem of induction*, (2nd rev. ed.), Oxford: Oxford University Press.
- WEGENER, A. (1966), *The origin of continents and oceans*, in J. Biram (ed.), (4th ed), London: Dover (Original work published 1915).
- WEITZENFELD, J. S. (1984), "Valid reasoning by analogy", in *Philosophy of Science*, 51, 137-149.





# A PRESENÇA DA METÁFORA EM ARTIGOS DE INVESTIGAÇÃO BIOMÉDICA

Vítor Moura

UNIVERSIDADE DO MINHO

Ricardo Pietrobon

DUKE UNIVERSITY

Mauro Maldonato

UNIVERSIDADE DE BASILICATA

Paulo Monteiro

UNIVERSIDADE DO MINHO

## Introdução e objectivos

O projecto “O Uso de Metáforas na Pesquisa Biomédica” (PTDC/FIL-FCI/111783/2009) pretende avaliar as formas e consequências da utilização da metáfora na investigação em biomedicina – uma área de carácter eminentemente técnico em que os limites impostos tanto pela necessidade de uma linguagem literal e objectiva como pela valorização de um estilo descritivo e rigoroso parecem sugerir, pelo menos para um público leigo, a exclusão de qualquer tipo de recursos linguísticos mais expressivos ou retóricos. Nesse sentido, está prevista no projecto a análise de um conjunto de artigos de investigação provenientes de prestigiadas publicações da área biomédica, com o intuito de neles catalogar as ocorrências metafóricas mais relevantes.

Para enquadrar essa análise no panorama do interesse mais geral da metáfora no âmbito da biomedicina e ciências conexas, foi também prevista uma revisão da literatura sobre o assunto, tanto em formato livro como em artigos publicados em revistas da especialidade. Em seguida, apresentamos os resultados desta revisão de artigos, que decorreu ao longo de quatro fases principais:

Fase 1: Metodologia geral; identificação de artigos das áreas biomédicas e conexas em que é utilizado o termo “metaphor” num período de tempo alargado e avaliação da respectiva distribuição cronológica.

Fase 2: Identificação de artigos das áreas biomédicas e conexas em que é usado o termo “metaphor” publicados recentemente e respectiva caracterização geral.

Fase 3: Avaliação das principais formas como o conceito de metáfora é usado e interpretado pelas próprias equipas de investigadores.

Fase 4: Identificação, sob uma perspectiva filosófica, das linhas de investigação mais relevantes sobre a metáfora no âmbito da pesquisa biomédica.

## **Fase 1. Metodologia geral; identificação de artigos num período alargado**

### *1.1 Base de dados a utilizar*

Para coligir os artigos das áreas biomédicas e conexas em que fosse explicitamente utilizado o termo “metaphor”, decidimos recorrer à base de dados da PubMed® devido à sua acessibilidade universal, gratuidade, simplicidade de uso, representatividade – tanto no que respeita ao número de registos como à respectiva fonte –, e inclusão da catalogação MeSH® (Medical Subject Headings), disponibilizada pela National Library of Medicine (NLM) dos EUA. Para além destes argumentos de ordem técnica, acresceu o factor familiaridade, uma vez que a PubMed já fora usada pela equipa de investigadores para preparar o *corpus* de artigos cuja análise constitui o objectivo central do projecto.

A PubMed disponibiliza uma colecção de 22 milhões de citações proveniente da MEDLINE, uma base de dados que recolhe cerca de 5400 periódicos da área da biomedicina e ciências conexas, além de livros disponíveis *online*. A cobertura oferecida pela MEDLINE é muito representativa das publicações de investigação nos EUA a partir de 1966. Está-lhe associada a OLDMEDLINE, que oferece uma amostragem razoável das publicações de investigação entre 1948 e 1965. Para datas anteriores a 1948, a informação da PubMed é muito selectiva, respeitando apenas a um número limitado de revistas científicas de referência. Note-se que os registos da MEDLINE estão catalogados com as

categorias MeSH da NLM – uma informação importante para o nosso trabalho, pois proporciona uma caracterização de elevado rigor e independência (embora, como veremos, apresente algumas limitações). Convém ainda referir que a PubMed oferece um código individual para cada registo – o PMID –, que permite, com grande facilidade, a respectiva consulta em qualquer local do mundo. Este código individual é comumente utilizado pelos investigadores do nosso projecto, tanto para comunicar entre si como com o público em geral.

### *1.2 Identificação dos artigos*

Em seguida, decidimos realizar uma pesquisa inicial para testar o método de identificação dos artigos e avaliar a PubMed quanto à possibilidade de recuperação de informação dos registos mencionando o termo “metaphor”. Mais precisamente, este procedimento deveria permitir: 1) quantificar a presença explícita do termo “metaphor” em publicações do âmbito da biomedicina e ciências conexas durante um período de tempo determinado e 2) obter dados fidedignos sobre a sua distribuição cronológica. A pesquisa inicial foi realizada em três etapas. Na primeira, identificámos os registos incluindo o termo “metaphor” no título entre os anos de 1901 e 2012. Na segunda, identificámos os registos incluindo o termo “metaphor” ou no título ou no resumo, ao longo do mesmo período. Este procedimento foi necessário porque alguns dos registos da PubMed – sobretudo, aparentemente, os mais antigos – não possuem resumo ou não o disponibilizam sob forma digital. A terceira etapa consistiu na recolha do número total de registos disponíveis na PubMed e na sua distribuição por ano.

### *1.3. Resultados e discussão*

Embora não reclamem um rigor absoluto, os dados coligidos são interessantes na medida em que parecem reproduzir no âmbito da biomedicina e ciências conexas o movimento mais amplo de crescimento do interesse pelo estudo da metáfora que se verificou a partir de meados do século XX. Porém, e atendendo a que não caberá nesta revisão de bibliografia analisar as razões ou consequências dessa afinidade, limitar-nos-emos a destacar alguns dos seus momentos mais significativos.

a) Antes de 1960, o termo “metaphor” apenas é mencionado esporadicamente nos registos da PubMed. A partir de 1960, está sistematicamente presente nos resultados anuais da pesquisa (com exceção do ano de 1967).

b) A partir de 1973, o número anual de registos em que é mencionado o termo “metaphor” está sistematicamente acima de uma razão de 1/100 000 do total anual de registos.

c) A partir de 1993, o número anual de registos em que é mencionado o termo “metaphor” está sistematicamente acima de uma razão de 10/100 000 do total anual de registos.

d) A partir de 2009, o número anual de registos em que é mencionado o termo “metaphor” está sistematicamente acima de 100.

Em suma, além de terem permitido confirmar o método de identificação dos artigos e a possibilidade de recuperar a respectiva informação, como inicialmente pretendido, os resultados obtidos nesta primeira fase foram consistentes com as posições mais difundidas acerca do aumento da importância do estudo da metáfora a partir de meados do século XX, tal como têm sido expostas em obras de referência sobre o assunto.

	Título e Resumo [a]	Título [b]	Registos [c]	[a]/([c] / 100000)	Título e Resumo [a]	Título [b]	Registos [c]	[a]/([c] / 100000)	
1912	1	1			1985	17	10	332295	5,11594
1951	1	1	102084		1986	21	9	346407	6,06223
1956	1	1	106560		1987	24	9	364357	6,58695
1960	1	1	111547	0,89648	1988	18	7	382676	4,70372
1961	1	1	119562	0,83639	1989	20	8	399025	5,01222
1962	5	5	125357	3,98861	1990	43	14	406550	10,57680
1963	1	1	141082	0,70881	1991	40	19	407928	9,80565
1964	2	2	161507	1,23834	1992	32	14	413177	7,74486
1965	1	1	176620	0,56619	1993	44	18	421682	10,43440
1966	4	4	179700	2,22593	1994	49	22	432526	11,32880
1967	0	0	191520	0,00000	1995	51	20	443590	11,49710
1968	1	1	207605	0,48168	1996	57	16	453238	12,57617

	Título e Resumo [a]	Título [b]	Registos [c]	[a]/([c] /100000)	Título e Resumo [a]	Título [b]	Registos [c]	[a]/([c] /100000)	
1969	2	2	214725	0,93142	1997	50	23	452442	11,05114
1970	4	4	218871	1,82756	1998	77	31	470303	16,37242
1971	2	2	223065	0,89660	1999	79	25	489841	16,12768
1972	2	2	227049	0,88087	2000	55	14	527431	10,42790
1973	5	5	230621	2,16806	2001	60	21	539827	11,11467
1974	3	3	234336	1,28021	2002	64	15	555117	11,52910
1975	4	2	247962	1,61315	2003	80	24	580817	13,77370
1976	4	3	253836	1,57582	2004	75	20	617644	12,14292
1977	6	5	260589	2,30248	2005	88	28	652710	13,48225
1978	3	2	270980	1,10709	2006	86	23	679771	12,65132
1979	8	3	280058	2,85655	2007	115	33	704545	16,32259
1980	14	6	278594	5,02523	2008	90	29	743603	12,10323
1981	9	5	281221	3,20033	2009	103	26	775413	13,28324
1982	9	7	293047	3,07118	2010	107	27	812448	13,17007
1983	14	8	306800	4,56323	2011	104	21	863293	12,04689
1984	19	10	315380	6,02448	2012*	22	6	136755	

\* Valores até 5 de Setembro de 2012.

## Fase 2: Identificação de artigos recentes e respectiva caracterização

### 2.1. Métodos e resultados

Após concluir a pesquisa inicial, utilizámos uma metodologia idêntica para identificar na PubMed os artigos das áreas biomédicas e conexas publicados entre 1 de Janeiro de 2010 e 5 de Setembro de 2012 e em que fosse explicitamente utilizado o termo “metaphor” no título ou no resumo. A busca foi realizada no dia 5 de Setembro de 2012 e permitiu a recolha de 319 registos de tipologia não diferenciada. Uma vez carregada toda a informação, iniciámos a respectiva análise.

## 2.2. Caracterização dos artigos segundo o tema

De entre os 319 registos recolhidos, verificámos que 98 (cerca de 30%) estão associados a projectos de investigação com financiamento público. Acreditamos que o escrutínio que supõe a aprovação de um financiamento público nos permite afirmar, com razoável grau de certeza, que a crescente importância do estudo da metáfora nas áreas biomédicas e conexas não está associada a qualquer fenómeno marginal ou vinculada a algum tipo de contra-cultura – bem pelo contrário, a notável presença de projectos financiados revela o interesse que as instituições oficiais dedicam a um tema que não seria, para muitos observadores, natural encontrar numa área tão técnica e especializada.

Uma vez que, para as buscas seguintes, iríamos utilizar as categorias MeSH (indicadas nos campos “MH”), retirámos da base em análise os 90 espécimes por categorizar a 5 de Setembro de 2012. Os 229 registos remanescentes foram então submetidos a uma nova selecção para identificar através de buscas nos campos MeSH os que apresentavam a metáfora como tema de pesquisa. O procedimento permitiu definir três grupos exclusivos de registos: a) um primeiro, com 67 registos, em que a metáfora é tema principal (~29%) (assinalados com a categoria “\*Metaphor” nos campos MeSH); b) um segundo, com 19 registos, em que a metáfora é tema secundário (~8%) (assinalados com a categoria “Metaphor” nos campos MeSH); e, finalmente, um grupo residual, mas não de menor importância, agrupando c) os 143 registos (~63%) nos quais se poderão incluir situações em que o termo “metaphor” estará associado a uma utilização heurística ou exegética (i. é, como recurso, ferramenta ou dispositivo metodológico conveniente para a inovação, investigação, divulgação ou ensino no âmbito da biomedicina e ciências conexas).

Cruzando os dois tipos de informação acima descritos (os que respeitam ao financiamento público e os que respeitam ao tema em pesquisa), pudemos ainda obter os seguintes resultados:

- 29 dos 67 registos que apresentam a metáfora como tema principal estão associados a projectos que beneficiam de financiamento público (~43%).
- 4 dos 19 registos que apresentam a metáfora como tema secundário estão associados a projectos que beneficiam de financiamento público (~21%).

Em suma, 33 dos 86 registos (~38%) em que a metáfora surge como tema de investigação correspondem a projectos que beneficiam de financiamento público. Pensamos que estes dados corroboram de forma significativa a nossa afirmação segundo a qual é notável o interesse dedicado por muitas das insti-

tuições oficiais no âmbito da biomedicina e ciências conexas ao tema da metáfora.

Para aferir a relevância da investigação sobre a metáfora no âmbito da biomedicina e ciências conexas, procurámos depois explorar os 86 registos em que a metáfora surge como tema principal ou secundário – ou seja, os incluídos nos grupos a) e b) da secção anterior –, identificando neles as tendências mais significativas. Distinguímos, assim, 3 categorias principais: artigos históricos ou de revisão bibliográfica, artigos reportando investigação fisiológica sobre a metáfora e artigos de investigação conceptual sobre a metáfora.

### **Artigos históricos ou de revisão bibliográfica**

Uma das tipologias mais expectáveis entre os artigos dedicados à metáfora seria a associada a estudos históricos ou de revisão bibliográfica sobre o tema, uma vez que se enquadrariam num movimento geral de interesse pela análise do desenvolvimento de teorias, modelos de interpretação e paradigmas científicos, correspondendo, de certa forma, ao reconhecimento da importância do papel central da metáfora no respectivo desenvolvimento. Todavia, embora significativo, o resultado obtido ficou aquém das nossas expectativas:

Lista de 11 registos (~12%):

- [#067] PMID- 22423434; “Witnessing across time: accessing the present from the past and the past from the present.”
- [#097] PMID- 22179293; “Is it time to drop the ‘knowledge translation’ metaphor? A critical literature review.”
- [#125] PMID- 21919307; “[A review of metaphor research].”
- [#126] PMID- 21910268; “Fractured bodies and diseased societies: medicalizing Quebec in *Cité libre*.”
- [#128] PMID- 21879688; “From psyche to soma? Changing accounts of antisocial personality disorders in the *American Journal of Psychiatry*.”
- [#163] PMID- 21486659; “The Cartesian doctor, François Bayle (1622–1709), on psychosomatic explanation.”
- [#194] PMID- 21241530; “Nonliteral language in Alzheimer dementia: a review.”
- [#265] PMID- 20499617; “[Machina Machinarum. The clock as a concept and metaphor between 1450 and 1750].”

- [#269] PMID- 20441492; “The use of metaphor for understanding and managing psychotic experiences: A systematic review.”
- [#305] PMID- 21560602; “[Magician nature and human magician: on a fundamental analogy of alchemy].”
- [#314] PMID- 19765354; “Beyond laterality: a critical assessment of research on the neural basis of metaphor.”

### **Investigação fisiológica sobre a metáfora**

Entre os temas que mais nos interessavam encontrava-se também a investigação fisiológica sobre a metáfora. Os resultados surpreenderam pela sua expressão, podendo revelar talvez uma divulgação do interesse pelas abordagens cognitivas da metáfora na biomedicina ou uma convicção generalizada de que a metáfora esteja ligada às dimensões mais criativas da cognição humana. Além disso, é possível que atestem o reconhecimento da metáfora como fenómeno fisiológico objectivo e mensurável, capaz de produzir informação quantitativa por via empírica – afastando-se, assim, das abordagens linguísticas, literárias ou hermenêuticas, mais próprias das ciências humanas.

Lista de 25 registos (~29%):

- [#055] PMID- 22534570; “Does simile comprehension differ from metaphor comprehension? A functional MRI study.” \*\*
- [#072] PMID- 22390321; “Introduction to the special section on the neural substrate of analogical reasoning and metaphor comprehension.” \*
- [#083] PMID- 22305051; “Metaphorically feeling: comprehending textual metaphors activates somatosensory cortex.” \*
- [#100] PMID- 22155328; “From novel to familiar: tuning the brain for metaphors.” \*
- [#106] <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed?term=22122242>; “An fMRI investigation of analogical mapping in metaphor comprehension: the influence of context and individual cognitive capacities on processing demands.” \*
- [#108] PMID- 22103787; “Mixing metaphors in the cerebral hemispheres: what happens when careers collide?” \*
- [#117] PMID- 22018690; “The neuromechanism underlying verbal analogical reasoning of metaphorical relations: an event-related potentials study.” \*



- [#132] PMID- 21843022; “Polarity correspondence in metaphor congruency effects: structural overlap predicts categorization times for bipolar concepts presented in vertical space.” \*
- [#136] PMID- 21818633; “Spatial metaphor processing during temporal sequencing comprehension.” \*
- [#138] PMID- 21803125; “Decomposing metaphor processing at the cognitive and neural level through functional magnetic resonance imaging.” \*
- [#155] PMID- 21568642; “The influence of context on hemispheric recruitment during metaphor processing.” \*
- [#179] PMID- 21373643; “Metaphors we think with: the role of metaphor in reasoning.” \*
- [#184] PMID- 21333979; “Distinction between the literal and intended meanings of sentences: a functional magnetic resonance imaging study of metaphor and sarcasm.” \*
- [#192] PMID- 21273310; “The motor system plays the violin: a musical metaphor inferred from the oscillatory activity of the alpha-motoneuron pools during locomotion.” \*
- [#201] PMID- 21146553; “The influence of sentence novelty and figurativeness on brain activity.” \*
- [#205] PMID- 21126156; “The neural career of sensory-motor metaphors.” \*
- [#227] PMID- 20846645; “Do monkeys think in metaphors? Representations of space and time in monkeys and humans.” \*\*
- [#233] PMID- 20822208; “A metaphor-enriched social cognition.” \*
- [#260] PMID- 20565181; “[The clouds are a flock of sheep: at what age do children understand that there are no sheep in the sky?].” \*
- [#280] PMID- 20359737; “Semantic integration during metaphor comprehension in Asperger syndrome.” \*
- [#281] PMID- 22018690; “The packet switching brain.” \*
- [#286] PMID- 20230844; “Figurative language processing after traumatic brain injury in adults: a preliminary study.” \*\*
- [#301] PMID-20054629; “Right hemisphere dysfunction and metaphor comprehension in young adults with Asperger syndrome.” \*
- [#314] PMID- 19765354; “Beyond laterality: a critical assessment of research on the neural basis of metaphor.” \*

[#315] PMID- 19731189; “Similarity is closeness: Metaphorical mapping in a conceptual task.” \*

\* Metáfora como tema primário (22 artigos).

\*\* Metáfora como tema secundário (3 artigos).

### **Investigação conceptual sobre a metáfora**

De seguida, procurámos ocorrências relacionadas com a metáfora conceptual e a relação entre metáfora e corpo, que poderiam corresponder a abordagens da metáfora baseadas na teoria cognitiva da metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980 e ss.). Poderemos afirmar que a boa aceitação desta teoria na área biomédica se terá reflectido nos resultados obtidos:

Lista de 7 registos (~8%):

[#083] PMID- 22305051; “Metaphorically feeling: comprehending textual metaphors activates somatosensory cortex.”

[#125] PMID- 21919307; “[A review of metaphor research].”

[#158] PMID- 21558116; “Home-based nursing: an endless journey.”

[#180] <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed?term=21355635>; “Wringing the perceptual rags: reply to IJzerman and Koole (2011).”

[#233] PMID- 20822208; “A metaphor-enriched social cognition.”

[#296] PMID- 20121292; “Thinking about the future moves attention to the right.”

[#315] PMID- 19731189; “Similarity is closeness: Metaphorical mapping in a conceptual task.”

### **Limitações da categorização MeSH**

Finalmente, interessava-nos saber se através dos campos MeSH seria possível identificar sistematicamente algumas categorias mais próximas das ciências da linguagem. Todavia, embora os artigos relacionados com a metáfora (e, presumivelmente, outros temas de ordem linguística) sejam regulares em publicações da área biomédica, a sua categorização é insuficiente no que respeita às ciências da linguagem. Esta constatação baseia-se nas seguintes observações: 1) Não existe uma catalogação sistemática dos artigos sobre a metáfora no que respeita a categorias das ciências da linguagem. 2) Em particular, os critérios usados para categorizar os registos relacionados com a metáfora não descri-

minam claramente o tipo de abordagem em causa – isto é, não distinguem os artigos em que a metáfora *é utilizada pelos investigadores* dos artigos em que *os investigadores estudam a utilização* da metáfora – nem a associam a áreas específicas das ciências da linguagem, quando possível. Em conclusão, a categorização MeSH pode não constituir uma base fiável, primária e exclusiva para análises sobre a utilização da metáfora (especialmente quando automáticas) nas áreas biomédicas e conexas sob uma óptica próxima das ciências da linguagem. Esta limitação não compromete o valor nem a importância da categorização MeSH, uma vez que o objectivo desta é apenas a catalogação dos registos de acordo com os principais tópicos de investigação das ciências biomédicas.

### 2.3. Caracterização dos artigos segundo as áreas de investigação

Atendendo à complexidade do fenómeno que estudamos e ao carácter multidisciplinar de muitos dos projectos em curso, optámos por recorrer a uma abordagem indirecta para identificar as áreas de investigação mais activas na publicação de artigos sobre a metáfora, observando os títulos das publicações. Ainda que não ofereça um rigor absoluto, esta abordagem apresenta um elevado grau de plausibilidade porque na área biomédica é comum as publicações incluírem no seu título a respectiva área disciplinar de maior relevância.

Embora não fosse de esperar um manancial de informação nova, a abordagem escolhida foi relevante por permitir evidenciar pelo menos um fenómeno que nos parece pouco divulgado – o interesse que a área da enfermagem dedica ao tema da metáfora. Os resultados poderiam ser mais significativos se integrados numa série diacrónica – incluindo ou não categorias MeSH –, de forma a revelar áreas e temas de investigação emergentes, estáveis ou em regressão. Poderá ser um trabalho a realizar no futuro.

Depois de uma inspecção superficial aos títulos das publicações dos registos incluídos nos grupos a) e b) (v. 2.2., acima), pesquisámos neles os termos que nos pareceram mais significativos: 1) “Psychology”/ “Psychological”; 2) “Psychiatry”/ “Psychiatric”; e 3) a raiz “psy” – ocorrências podendo corresponder a áreas de investigação associadas às ditas “ciências psi”. 4) “Brain”; 5) “Nervous System”; e 6) a raiz “neuro” – ocorrências podendo corresponder às “neurociências” e projectos de investigação fisiológica sobre a metáfora. 7) “Nursing” – área que sobressaiu no momento da nossa inspecção superficial. 8) “Cognitive”/ “Cognition” – ocorrências podendo corresponder a

áreas de investigação associadas às ciências da cognição. 9) “Health Care”; e 10) “Medical Care” – áreas mais associadas ao estudo de políticas de saúde e gestão de instituições de saúde, mas que também sobressaíram na nossa inspeção superficial. 11) “Communication” – ocorrências que poderão corresponder ao estudo específico da utilização da metáfora no discurso biomédico.

### **Os resultados obtidos foram os seguintes:**

- 1) “Psychology”/“Psychological”: 19 ocorrências.
- 2) “Psychiatry”/“Psychiatric”: 4 ocorrências.
- 3) Outros incluindo a raiz “psy”: 10 ocorrências.  
Total, “ciências psi”: 33 (~38%)
- 4) “Brain”: 6 ocorrências.
- 5) “Nervous System”: 1 ocorrência.
- 6) raiz “neuro” (incluindo “neuropsychology”, excluída grupo da raiz “psy”): 3 ocorrências.  
Total, “neurociências”: 10 (~12%)
- 7) “Nursing”: 6 ocorrências (~7%).
- 8) “Cognitive”/“Cognition”: 6 ocorrências (~7%).
- 9) “Health Care” e 10) “Medical Care”: 4 ocorrências (~5%).
- 11) “Communication”: 3 ocorrências (~3%).

Total de registos avaliados: 86 espécimes.

Total de registos classificados: 62 espécimes (~72%).

Total de registos não classificados: 24 espécimes (~28%).

## **Fase 3: Avaliação das formas como o conceito de metáfora é interpretado**

### *3.1. Métodos*

Na terceira fase deste estudo, procurámos caracterizar as ocorrências em que o termo “metáfora” terá sido usado como recurso metodológico, instrumento ou ferramenta cognitiva ao serviço da inovação, investigação, divulgação e ensino em ciência (i. é, a metáfora enquanto recurso heurístico ou exegético). Esta análise incidiu sobre três tópicos principais que seguidamente se descrevem

(e para maximizar a nossa amostragem, decidimos avaliar a totalidade dos 319 registos inicialmente recolhidos – v. 2.1., acima):

1) Definições ou conceitos gerais de “metáfora”, que podem contribuir para explicar porque os investigadores recorrem a este tropo no seu trabalho e, mais explicitamente, ajudar a revelar os padrões de utilização ou as funções que as metáforas desempenham em contextos técnicos.

2) Casos particulares de alegada inovação devido ao uso de metáforas.

3) Terminologia icónica associada ao conceito de metáfora e reveladora de aspectos de iconicidade, que talvez constitua uma condição necessária para a ocorrência de metáforas.

Atendendo a que nesta fase os aspectos qualitativos se sobrepõem aos quantitativos, apresentamos apenas exemplos significativos para ilustrar cada um dos tópicos referidos.

### 3.2 Resultados e discussão: definições (ou conceptualizações) do termo “metáfora”

Desde logo, é interessante realçar que o termo “metáfora” aparece definido e concebido de forma pouco rigorosa, ou até mesmo contraditória, em muitos dos registos recolhidos – e isto a despeito de pertencerem a uma área de investigação especialmente técnica. Assinalamos, porém, que a razão para essa indefinição pode ser idêntica à razão por que a definição filosófica (e até mesmo linguística) do conceito de metáfora permanece algo problemática. Por isso, pareceu-nos pertinente elaborar a seguinte classificação:

a) Utilização indiferenciada dos termos “metáfora” e “analogia”, como se fossem intermutáveis:

[#110] PMID- 22070672; “*The use of analogy in speech motor performance*”

Extracto do resumo: “The acoustic correlates of pitch variation were examined in 40 participants who received *analogy instructions* or explicit instructions that required them to modulate their intonation during speech production. First, using focus group methodology, professional speech-language pathologists were asked to *identify analogies* that best described minimum pitch

variation (monotone), moderate pitch variation (normal intonation), and maximum pitch variation (exaggerated intonation) in speech. *The focus group established that an appropriate pitch variation metaphor may be related to imagery of “waves at sea”, with minimum pitch variation represented by a flat calm sea, moderate pitch variation represented by a moderate sea, and maximum pitch variation represented by a choppy sea.”*

Detectámos, porém, um exemplo de procura de distinção, precisamente, entre “metáfora” e “símile”, embora partindo de uma base incorrecta ao atribuir essa indistinção a Aristóteles:

[#055] PMID- 22534570; “Does simile comprehension differ from metaphor comprehension? A functional MRI study”

Extracto do resumo: ‘*Since Aristotle, people have believed that metaphors and similes express the same type of figurative meaning, despite the fact that they are expressed with different sentence patterns. In contrast, recent psycholinguistic models have suggested that metaphors and similes may promote different comprehension processes.*

(Uma leitura menos apressada da secção sobre metáfora na *Poética* de Aristóteles, permitirá concluir que, ao contrário do que aqui se afirma, aquele distingue em pontos significativos a metáfora e o símile. Além disso, é importante realçar que Aristóteles utilizou a metáfora para explicar o símile e não o símile para explicar a metáfora, o que, no mínimo, sugere que esta constitui um fenómeno mais básico e original do que o primeiro. Em todo o caso, isto impede-nos de pensar que, em Aristóteles, a metáfora seria uma mera espécie de símile sem o elemento de comparação ou um símile condensado.)

b) A metáfora como fenómeno dotado de natureza empírica:

[#156] PMID- 21564241; “Computing machinery and understanding”

Extracto do resumo: “How are natural symbol systems best understood? Traditional ‘symbolic’ approaches seek to understand cognition by analogy to highly structured, prescriptive computer programs. Here, we describe some problems the traditional computational metaphor inevitably leads to, and a very different approach to computation (Ramscar, Yarlett, Dye, Denny, & Thorpe, 2010; Turing, 1950) that allows these problems to be avoided. The way we conceive of natural symbol systems depends to a large degree on the computational metaphors we use to understand them, and machine learning suggests an understanding of symbolic thought that is very different to tradi-

tional views (Hummel, 2010). *The empirical question then is: Which metaphor is best?*”

(Neste exemplo, a metáfora é encarada como um dispositivo heurístico dotado de um “valor” empiricamente mensurável e, talvez em consequência, de uma “natureza empírica”. Nesta situação, pareceria legítimo conceber a ciência como um exercício de busca das “melhores metáforas”, supondo-se ainda a possibilidade de testar empiricamente quais as mais adequadas.)

c) A metáfora como instrumento para a construção de categorias, ou uma espécie de estádio preliminar no processo de formação de definições “literais”:

[#088] PMID- 22228521; “Seeing the forest through the trees”

Extracto do resumo: “The purpose of this column is to stimulate discussion among nurses regarding the importance of nursing theory-guided practice. *The use of metaphor may shed light on defining nursing by its own terms.* The time has come for nursing to recognize its worth as an autonomous discipline and own its contributions.”

(Note-se neste exemplo que a metáfora é concebida como uma via possível para a obtenção de uma definição tecnicamente bem sucedida. Sublinhe-se ainda a ênfase paradoxal patente na expressão “by its own terms”.)

d) A metáfora como dispositivo facilitador da cognição:

[#059] PMID- 22492773; “The dance between attending physicians and senior residents as teachers and supervisors”

Extracto do resumo: “CONCLUSIONS: *The metaphor of a dance enabled us to better understand not only how attending physicians and senior residents negotiate shared responsibilities for teaching and supervision on clinical work rounds, but also how the clinical context impacts this negotiation.* A better understanding of this negotiated relationship may help to clarify assumptions and set realistic expectations for what it might take for senior residents to assume progressive responsibility for these responsibilities in today’s clinical context.’

e) A metáfora como ferramenta exegética:

[#087] PMID- 22236904; “Relative importance of metaphor in radiology versus other medical specialties”

Extracto do resumo: “The acquisition of competence in radiology often entails referring to other realms of knowledge, by which insights are acquired through the use of metaphor. One way in which compelling associations are made and retained is by linking anatomic structures and pathologic conditions with objects, places, and concepts, and codifying these relationships as metaphoric signs.”

(Note-se, aqui, mais precisamente, a utilização da metáfora como instrumento mnemónico.)

f) A metáfora como base para um modelo:

[#066] PMID- 22425781; “Resistance to extinction and behavioral momentum.”

Extracto do resumo: “In the metaphor of behavioral momentum, reinforcement is assumed to strengthen discriminated operant behavior in the sense of increasing its resistance to disruption, and extinction is viewed as disruption by contingency termination and reinforcer omission. In multiple schedules of intermittent reinforcement, resistance to extinction is an increasing function of reinforcer rate, *consistent with a model based on the momentum metaphor.*”

g) A consciência da metáfora como figura de retórica:

[#089] PMID- 22228515; “Presence: the eye of the needle”

Extracto do resumo: “*The eye of the needle is used as a metaphor to emphasize the capacities required for living presence. The human becoming concept of true presence is emphasized and examples are given of living true presence in nursing.*”

(Neste caso, há uma consciência clara de que a metáfora é um recurso estilístico apropriado para enfatizar uma ideia.)

h) A metáfora deletéria:

Na medida em que na metáfora ocorre a “compreensão e a experiência de um tipo de coisas em termos de outro tipo de coisas”, é possível que esta transferência de características possa conduzir a falsas interpretações acerca do fenómeno original. Em consequência, é um importante objectivo do nosso projecto identificar situações em que os aspectos negativos da utilização da metáfora sejam colocados em evidência pelas próprias equipas de investigação.

[#097] PMID- 22179293; “Is it time to drop the ‘knowledge translation’ metaphor? A critical literature review”



Extracto do resumo: “Our findings suggest that while ‘translation’ is a widely used metaphor in medicine, it constrains how we conceptualise and study the link between knowledge and practice. The ‘translation’ metaphor has, arguably, led to particular difficulties in the fields of ‘evidence-based management’ and ‘evidence-based policymaking’ — where it seems that knowledge obstinately refuses to be driven unproblematically into practice. Many non-medical disciplines such as philosophy, sociology and organization science conceptualise knowledge very differently, as being (for example) ‘created’, ‘constructed’, ‘embodied’, ‘performed’ and ‘collectively negotiated’ — and also as being value-laden and tending to serve the vested interests of dominant elites. We propose that applying this wider range of metaphors and models would allow us to research the link between knowledge and practice in more creative and critical ways.”

(Neste exemplo realça-se a identificação de uma metáfora deletéria no discurso médico, apelando-se, inclusivamente, à sua substituição por outras metáforas/modelos menos restritivos.)

No exemplo que se segue, é curiosa a sugestão de uma espécie de hierarquia entre os conceitos de “fantasia” (associada ao “senso comum”), “metáfora” (associada a “ideologia”) e “analogia” (associada a “ciência”):

[#284] PMID- 20234009; “Plying the steel: A reconsideration of surgical metaphors in psychoanalysis”

Extracto do resumo: “*Among the metaphors that Freud used to describe psychoanalysis, the surgical is possibly the most deplored. It is considered an anachronistic remnant of a dubious medical ideology that psychoanalysis has largely renounced. However, while analysts today avoid surgical analogies, their patients continue to produce surgical fantasies about analytic treatment. This fact alone requires a serious consideration of the meanings that surgical metaphors have for them.*”

A metáfora simplista também pode ser considerada deletéria:

[#077] PMID- 22349467; “Coastal resource degradation in the tropics: does the tragedy of the commons apply for coral reefs, mangrove forests and seagrass beds”

Extracto do resumo: “[...] These natural resources continue to decline despite major advances in our scientific understanding of how ecosystems and human populations interact, and the application of considerable conservation

and management efforts at scales from local user communities to oceans. Greater effort will be required to avert increasing damage from over-exploitation, pollution and global climate change; all deriving from increasing exploitation driven by poverty and progress i.e. continuing to expand development indefinitely and extraction of resources at industrial scales. However, *the ‘tragedy’ concept has been widely criticized as a simple metaphor for a much larger set of problems and solutions. We argue that the ‘tragedy’ is essentially real and will continue to threaten the lives of millions of people unless there are some major moral and policy shifts to reverse increasing damage to coastal habitats and resources.*”

i) A metáfora como instrumento de inovação:

Finalmente, identificámos ocorrências em que a metáfora é percebida como um instrumento de inovação ao serviço da investigação científica. Atendendo a que o estudo da utilização da metáfora como forma de descrever, compreender ou interpretar novos fenómenos, assim como o de sugerir novas abordagens de fenómenos já conhecidos, é transversal aos objectivos do nosso projecto, decidimos abordar esta categoria mais pormenorizadamente na seguinte secção própria.

3.3. *Resultados e discussão: A metáfora como instrumento ou dispositivo de inovação na investigação*

Esta secção corresponde a um desenvolvimento da última categoria do elenco anterior. Atendendo a que, com frequência, a metáfora é vista como um instrumento conceptual de descoberta e inovação, procurámos, mais uma vez, classificar as percepções dos próprios investigadores nos registos recolhidos.

a) Metáfora como dispositivo de inovação na interpretação de fenómenos ou resolução de problemas (de certa forma, “metáfora como modelo” – por vezes, com ênfase na conveniência de substituição de velhas metáforas, já sem poder heurístico, por outras mais recentes e perenes):

Um modelo pode funcionar metaforicamente para resolução de problemas afins:

[# 062] PMID- 22473672; “The diagnosis and treatment of pulmonary embolism: a metaphor for medicine in the evidence-based medicine era”

Extracto do resumo: “Thus, PE is the quintessential diagnosis of medicine not because it represents our greatest success, but because it captures all the complexity of medicine in the evidence-based era. *It may serve as a metaphor for many other conditions in medicine*, including coronary artery disease. New trials in the field continue to test trivialities, whereas fundamental questions are unanswered.”

A metáfora proveniente de uma área de conhecimento distinta permite novas abordagens de um problema:

[# 048] PMID- 22605676; “Selective automation and skill transfer in medical robotics: a demonstration on surgical knot-tying”

Extracto do resumo: “A *novel approach* to human-machine skill transfer for multi-arm robot systems is presented. *The methodology capitalizes on the metaphor of ‘scaffolded learning’*, which has gained widespread acceptance in psychology.” [Da psicologia para a robótica médica.]

[# 099] PMID- 22165334; “A modular model of the apoptosis machinery”

Extracto do resumo: “Using a modular principle of computer hardware as a metaphor, we defined and implemented in the BioUML platform a module concept for biological pathways.” [Da informática para a biologia.]

[# 140] PMID- 21779026; “The ‘invisible hand’: regulation of RHO GTPases by RHOGDIs”

Resumo completo: “The ‘invisible hand’ is a term originally coined by Adam Smith in *The Theory of Moral Sentiments* to describe the forces of self-interest, competition and supply and demand that regulate the resources in society. *This metaphor continues to be used by economists to describe the self-regulating nature of a market economy. The same metaphor can be used to describe the RHO-specific guanine nucleotide dissociation inhibitor (RHOGDI) family, which operates in the background, as an invisible hand, using similar forces to regulate the RHO GTPase cycle.*” [Da economia para a biologia.]

[# 165] PMID- 21484530; “The surgical ensemble: choreography as a simulation and training tool”

Extracto do resumo: “There are very specific ‘elements’ (tools) that are basic to choreography, such as space, timing, rhythm, energy, cues, transitions, and especially rehearsal. *This review explores whether such a metaphor is appropriate and the possibility of applying the science of choreography to the surgical team in the operating theater.*” [Das artes performativas para a cirurgia.]

[# 219] PMID- 20887693; “The dynamics of health care reform — learning from a complex adaptive systems theoretical perspective”

Extracto do resumo: “Health services demonstrate key features of complex adaptive systems (CAS), they are dynamic and unfold in unpredictable ways, and unfolding events are often unique. *To better understand the complex adaptive nature of health systems around a core attractor we propose the metaphor of the health care vortex.*” [Do estudo dos sistemas complexos para as ciências da saúde.]

[# 290] PMID- 20158873; “Collective motions and specific effectors: a statistical mechanics perspective on biological regulation”

Extracto do resumo: “BACKGROUND: The interaction of a multiplicity of scales in both time and space is a fundamental feature of biological systems. The complementation of macroscopic (entire organism) and microscopic (molecular biology) views with a mesoscopic level of analysis able to connect the different planes of investigation is urgently needed. (...) RESULTS: *The network paradigm* in which microscopic level elements (nodes) are each other related by functional links so giving rise to both global (entire network) and local (specific) behavior *is a promising metaphor to try and develop a statistical mechanics inspired approach for biological systems.*” [Da estatística mecânica para a biologia.]

A metáfora pode facilitar o *entendimento*:

[# 059] PMID- 22492773; “The dance between attending physicians and senior residents as teachers and supervisors”

Extracto do resumo: “*The metaphor of a dance enabled us to better understand not only how attending physicians and senior residents negotiate shared responsibilities for teaching and supervision on clinical work rounds, but also how the clinical context impacts this negotiation.*”

A “extensão do campo de aplicação” de uma metáfora pode apresentar resultados inovadores:

[# 297] PMID- 20100213; “The social organism: congresses, parties, and committees”

Resumo completo: “We propose that what makes an organism is nearly complete cooperation, with strong control of intraorganism conflicts, and no affiliations above the level of the organism as unified as those at the organism level. Organisms can be made up of like units, which we call fraternal organisms, or different units, making them egalitarian organisms. Previous defi-

nitions have concentrated on the factors that favor high cooperation and low conflict, or on the adapted outcomes of organismality. Our approach brings these definitions together, conceptually unifying our understanding of organismality. Although the organism is a concerted cluster of adaptations, nearly all directed toward the same end, some conflict may remain. *To understand such conflict, we extend Leigh's metaphor of the parliament of genes to include parties with different interests and committees that work on particular tasks.*"

Um modelo metafórico pode "sugerir" vias de investigação:

[# 003] PMID- 22933729; "Functional maps within a single neuron"

Resumo completo: "The presence and plasticity of dendritic ion channels are well established. However, the literature is divided on what specific roles these dendritic ion channels play in neuronal information processing, and there is no consensus on why neuronal dendrites should express diverse ion channels with different expression profiles. In this review, we present a case for viewing dendritic information processing through the lens of the sensory map literature, where functional gradients within neurons are considered as maps on the neuronal topograph. Under such a framework, *drawing analogies from the sensory map literature*, we postulate that the formation of intraneuronal functional maps is driven by the twin objectives of efficiently encoding inputs that impinge along different dendritic locations and of retaining homeostasis in the face of changes that are required in the coding process. In arriving at this postulate, we relate intraneuronal map physiology to the vast literature on sensory maps and argue that *such a metaphorical association provides a fresh conceptual framework for analyzing and understanding* single-neuron information encoding. We also describe instances where *the metaphor presents specific directions for research* on intraneuronal maps, derived from analogous pursuits in the sensory map literature. We suggest that this perspective offers a thesis for why neurons should express and alter ion channels in their dendrites and provides a framework under which active dendrites could be related to neural coding, learning theory, and homeostasis."

(Note-se também a ambiguidade na utilização dos conceitos de "metáfora" e "analogia".)

A metáfora pode ser um "instrumento de exploração" de um determinado tema:

[# 274] PMID- 20397907; “Evolutionary balancing of fitness-limiting factors”

Extracto do resumo: “Debates concerning the roles of different factors that may limit an organism’s reproductive success pervade evolutionary ecology. We suggest that a broad class of limiting-factors problems involving essential resources or essential components of reproductive effort can be analyzed with an evolutionary application of Liebig’s law of the minimum. *We explore life-history evolution using the metaphor of an organism that must harvest two essential resources (resources 1 and 2) from a stochastically varying environment.*”

b) Metáfora como instrumento de demonstração:

[# 73] PMID- 22380427; “How evolution generates complexity without design: *language as an instructional metaphor*”

Extracto do resumo: “*To demonstrate* that complexity can arise solely through mutations that fix in populations via natural selection or drift, *we can use analogies* where processes can be observed across short time frames and where the key data are accessible to those without specialized biological knowledge.”

(Note-se a ambiguidade na utilização dos conceitos de “metáfora” e “analogia”).

c) Metáfora como instrumento exegético para dar a conhecer ou explicar de forma inovadora uma ideia, conceito, modelo ou teoria (este tipo de metáfora pode ser útil no contexto da inovação, mas não de forma necessariamente inovadora por si mesma).

[# 80] PMID- 22341140; “The sensitization model to explain how chronic pain exists without tissue damage”

Extracto do resumo: “In this article, sensitization is described as a model that can be used for the explanation of the existence of chronic pain. The sensitization model is described using a metaphor.”

(Note-se, neste exemplo, a consciência de uma distinção clara entre o conceito de “modelo” e a função estritamente exegética da metáfora.)

[# 215] PMID- 21039962; TI - “Brain mechanisms involved in predatory aggression are activated in a laboratory model of violent intra-specific aggression”

Extracto do resumo: “Callous-unemotional violence associated with anti-social personality disorder is often called ‘predatory’ because it involves restricted intention signaling and low emotional/physiological arousal, including

decreased glucocorticoid production. *This epithet may be a mere metaphor, but may also cover a structural similarity* at the level of the hypothalamus where the control of affective and predatory aggression diverges. We investigated this hypothesis in a laboratory model where glucocorticoid production is chronically limited by adrenalectomy with glucocorticoid replacement (ADXr).”

(Neste caso, um epíteto pode ser considerado como uma “mera metáfora”, ou seja, provavelmente, um mero artifício discursivo, e, por isso, “esconder” algum tipo de “similaridade estrutural”. Note-se ainda a distinção entre os conceitos de “metáfora” e “símile” — este último associado a algum tipo de conteúdo, dir-se-ia, “real”).

### 3.4. Resultados e discussão: metáfora e iconicidade

Desde as primeiras reflexões sobre a metáfora, foi dado grande destaque à sua notável riqueza *figurativa* – uma característica que, acreditamos, poderá traduzir-se numa especial associação da metáfora à terminologia *icónica* (note-se que como “terminologia icónica” nos referimos a toda a terminologia de tipo *sensorial*, e não apenas “visual”).

Os resultados obtidos foram expressivos, tendo-se detectado, num número importante de textos, a associação do termo “metaphor” a algum tipo de terminologia icónica. Como seria de esperar, sobressaíram as associações a terminologia de origem visual, mas coligimos também algumas expressões de origem auditiva e até táctil (estas de forma mais escassa).

#### a) Associações predominantemente visuais

[#010] [PMID- 22907320](#); “Meeting in the mist: Key considerations in a collaborative research partnership with people with mental health issues”

Extracto do resumo: “ ‘Meeting in the mist’ was a *metaphor* to explain the *journeys* experienced by participants, within a collaborative cycle. This cycle was central to a *visual model*, ‘Creating space’, which suggested the importance of allowing sufficient time and space to work for a *shared vision* of the future.”

#### b) Outras associações sensoriais

Em nítido contraste com o uso de terminologia “visual”, as ocorrências de associações auditivas são bem menos comuns:

[#007] [PMID- 22919679](#); “Intelligibility in microbial complex systems: Wittgenstein and the score of life”

Extracto do resumo: “In our days, the ‘*score of life*’ *metaphor* is more accurate to express the complexity of living systems than the classic ‘book of life.’ *Music and life* can be represented at lower hierarchical levels by *music scores and genomic sequences*, and such representations have a generational influence in the reproduction of *music and life*.”

Ainda que invulgar, o uso de terminologia relativa ao tacto também se encontra presente.

[#009] [PMID- 22909230](#); “Groping through the fog inverted question mark: a metasynthesis of women’s experiences on VBAC (Vaginal birth after Caesarean section)”

Extracto do resumo: “The main results are presented with the *metaphor groping through the fog*; for the women the issue of VBAC is like being in a fog, where decision-making and information from the health care system and professionals, both during pregnancy and the birth, is unclear and contrasting.”

(Convém sublinhar que a metáfora apresentada no extracto tem como origem uma experiência de *falta de visão clara* – nesse sentido, poderá dizer-se que o tacto surge aqui como uma instância experiencial *subsidiária* relativamente à visão.)

## **Fase 4: Linhas de investigação sobre a metáfora na pesquisa biomédica**

### *Discussão e resultados*

Finalmente, e de forma breve, procurámos distinguir neste corpo de artigos as linhas de investigação mais relevantes sobre a metáfora em biomedicina. Uma leitura rápida do material antes exposto antecipa os grandes traços do panorama agora apresentado. Confirmámos neste estudo, em primeiro lugar, a aceitação generalizada do importante papel da metáfora no âmbito do conhecimento científico. Embora sejam referidos casos em que esta situação acarreta aspectos negativos (cf. alínea h) da secção 3.1.), não identificámos nenhum em que fosse contrariada a importância da metáfora nas áreas da investigação biomédica – ou mesmo do saber científico em geral. Em consequência, surpreendeu-nos que



os artigos “históricos” ou de “revisão”, devotados à investigação de modelos e paradigmas, não tivessem uma maior expressão.

Por outro lado, parecem assumir especial relevância os estudos fisiológicos sobre a metáfora – associados, possivelmente, à divulgação de interpretações cognitivistas entre os investigadores da área. Atendendo a que o estudo da investigação fisiológica sobre a metáfora ultrapassa de longe o âmbito do nosso projecto, talvez uma análise diacrónica mais abrangente possa, no futuro, vir a oferecer uma visão mais clara sobre a questão. Algo de idêntico acontece no que respeita aos projectos ligados a análises disciplinares particulares sobre a metáfora.

Por esses motivos, preferimos destacar as investigações que exploram as diferenças substantivas entre os vários tipos de linguagens (como a literal, a idiomática, a metafórica, a analógica, etc.) ou as respectivas características – sobretudo atendendo a que no decurso desta investigação detectámos inúmeras situações em que os conceitos permanecem, se não obscuros, pelo menos muito ambíguos. Além disso, é possível que facilmente inspirem variados projectos interdisciplinares em que se pode tornar frutuosa a colaboração de especialistas tanto das áreas científicas como das humanísticas:

- [#124] PMID- 21929665; “Structure-mapping in metaphor comprehension”
- [#175] PMID- 21429000; “Computational exploration of metaphor comprehension processes using a semantic space model”
- [#200] PMID- 21153444; “Kill the song & steal the show: what does distinguish predicative metaphors from decomposable idioms?”
- [#225] PMID- 20849033; “Development of metaphor and metonymy comprehension: receptive vocabulary and conceptual knowledge”
- [#236] PMID- 20805587; “Stimulus design is an obstacle course: 560 matched literal and metaphorical sentences for testing neural hypotheses about metaphor”
- [#260] PMID- 20565181; “The clouds are a flock of sheep: at what age do children understand that there are no sheep in the sky?”
- [#262] PMID- 20551365; “The role of working memory in the metaphor interference effect”
- [#264] PMID- 20509074; “Effects of weight-related literal and metaphorical suggestions about the forearms during hypnosis”

Se a estes artigos virmos associar, depois de confirmados, alguns dos resultados produzidos pelos projectos de temática fisiológica no domínio da metáfora, é possível que venham a ocorrer interessantes revelações sobre a metáfora e a sua utilização num futuro próximo.

## Conclusão

No termo deste breve percurso que, esperamos, consiga também ilustrar o tipo de trabalhos que podem ser desenvolvidos recorrendo a uma base de dados pública como a PubMed, sobressai a importância que a metáfora tem adquirido na área da investigação biomédica desde meados do século XX, provavelmente em consonância com o que se passou em outras áreas do saber. Tal como nas humanidades, o carácter complexo e polémico do conceito de metáfora traduz-se aqui numa diversidade de projectos e pluralidade de interpretações que suscitam um laborioso trabalho de integração. Porém, e talvez seja esse o principal interesse do acompanhamento dos projectos nesta área, é possível que, em sintonia com o que se tem feito na linha das teorias cognitivistas da metáfora, venham a ser divulgados em breve interessantes esclarecimentos sobre alguns dos aspectos mais mensuráveis deste fenómeno.

## Referências

- AA.VV. (2006), *Ending the war metaphor: the changing agenda for unraveling the hostmicrobe relationship*, Washington: National Academies Press.
- BOYD, Richard (1993), “Metaphor and theory change: What is ‘metaphor’ a metaphor for?”, in Andrew Ortony (ed.) (1993 [1979]), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2.<sup>a</sup> edição, pp. 481–532.
- BOWDLE, Brian F. e Dedre Gentner (2005). “The Career of Metaphor”, *Psychological Review*, 2005, Vol. 112, No. 1, pp. 193–216.
- BROWN, Theodore (2003), *Making Truth: metaphor in science*, Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- CONTENÇAS, Paula (1999), *A Eficácia da Metáfora na Produção da Ciência – O Caso da Genética*, Lisboa: Instituto Piaget.
- FAHNESTOCK, Jeanne (1999), *Rhetorical Figures in Science*, Nova Iorque, Oxford: University Press.
- GILES, Timothy D. (2008). *Motives for Metaphor in Scientific and Technical Communication*, Amityville: N.Y.: Baywood.

- GIBBS JR., Raymond W. (2008), “Metaphor and Thought – The State of the Art”, in Raymond W. Gibbs Jr. (2010 [2008]), *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3–13.
- HESSE, Mary B. (1966), *Models and Analogies in Science*, Notre Dame (Indiana): University of Notre Dame Press.
- JORGE, Maria Manuel Araújo (1994), *Da Epistemologia à Biologia*, Lisboa: Instituto Piaget.
- KHUN, Thomas (1970 [1962]), *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago: The University of Chicago, 2.<sup>a</sup> edição.
- LAKOFF, George e Mark Johnson (1980), *Metaphors We Live By*, Chicago: The University of Chicago Press.
- LEARY, David (1990), “Preface”, in David E. Leary (ed.) (1994 [1990]), *Metaphors in the History of Psychology*, Cambridge: Cambridge University Press, p. xi–xiii.
- MOURA, Vitor (2006), “In search of the wrong currency – A theory of metaphoric experience”, tese de doutoramento (não publicada).
- ORTONY, Andrew (1993), “Preface to the Second Edition”, in Andrew Ortony (ed.) (1993), *Metaphor and Thought*, Cambridge: Cambridge University Press, 2.<sup>a</sup> edição, pp. XIII–XIV.
- RICHARDT, Susanne (2005), *Metaphor in Languages for Special Purposes*, Frankfurt am Main: Peter Lang.
- VAN RIJN-VAN TONGEREN, Geraldine W. (1997), *Metaphors in Medical Texts*, Amsterdam: Rodopi.
- SONTAG, Susan (1978), *Illness as Metaphor*, Nova Iorque: Farrar, Straus & Giroux.
- VAISRUB, Samuel (1977), *Medicine’s Metaphors: Messages & Menaces*, Oradell (NJ), Medical Economics Company.



TESTEMUNHOS DE PROJECTOS  
NO ÂMBITO DA CULTURA NO CEHUM



# APRESENTAÇÃO DO GRUPO DE INVESTIGAÇÃO EM ESTUDOS TRANSCULTURAIS (GIETCULT) E DO SEU PROJETO MOBILIDADE E MEMÓRIA LOCAL: REPRESENTAÇÕES INTERCULTURAIS DA REGIÃO MINHO (MOMEL)

Joanne Paisana<sup>[1]</sup> e Mário Matos<sup>[2]</sup>

Em novembro de 2010, constituiu-se, no seio do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM), o *Grupo de Investigação em Estudos Transculturais* (GIETCult).<sup>[3]</sup> A fundação deste grupo transdepartamental, inicialmente constituído por treze membros, teve como ponto de partida a percepção de que a configuração multilingue, pluricultural e transdisciplinar quer do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH) quer do CEHUM se propiciava à criação dum espaço comum de reflexão e de estudo pautado por uma perspetiva explicitamente transcultural que fosse transversal aos departamentos e às três diferentes linhas de ação do CEHUM.

Em função do conjunto de diferentes saberes e de diversos espaços linguísticos e culturais albergado pelo GIETCult, foram discutidas e definidas as áreas de estudo que melhor se adequam à característica transversalidade do grupo. Desta reflexão teórica e metodológica resultou a delimitação dum campo de investigação intrinsecamente transnacional e transdisciplinar que se compõe, entre outras áreas possíveis, das seguintes temáticas a explorar: mani-

- 
- 1 Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Ingleses e Norte-Americanos (ILCH-UM, Braga/Portugal) e investigadora do CEHUM na linha de ação Filosofia e Cultura: [jpaisana@ilch.uminho.pt](mailto:jpaisana@ilch.uminho.pt)
  - 2 Professor Auxiliar do Departamento de Estudos Germanísticos e Eslavos (ILCH-UM, Braga/Portugal) e investigador do CEHUM na linha de ação Filosofia e Cultura. Coordenador do GIETCult: [matos@ilchuminho.pt](mailto:matos@ilchuminho.pt)
  - 3 Mais informações sobre o GIETCult em: <http://ceh.ilch.uminho.pt/gietcult.php>

festações culturais dos processos da globalização e glocalização; diversidade e multidimensionalidade de fenómenos migratórios; imagologia intercultural; mnemo-grafias e cartografias interculturais; análise de discursos de identidades nacionais, regionais e culturais numa perspetiva histórica, transnacional e transcultural; estudos comparados de historiografias nacionais e memórias culturais (mitos fundacionais, etc.); representações transmediais da viagem e dos contactos entre culturas; história cultural do turismo; experiências e representações do exílio e da diáspora; processos transnacionais de produção, exibição e receção de artefactos culturais (literatura, filmes, arte, música, publicidade, etc.); escrita transcultural (literatura de migrantes; narrativas de viagem; literatura de minorias regionais, etc.); tradução intercultural.

Após a fase inicial de consolidação do GIETCult, que consistiu numa série de reuniões com vista a refletir sobre as suas possíveis áreas de estudo e as respetivas teorias e metodologias de enquadramento, o grupo decidiu avançar com um primeiro projeto que proporcionasse a aplicação concreta dos conceitos e conceções que tinham originado a sua constituição.

Impulsionado pelo muito conhecido, mas pouco seguido apelo dos nossos tempos *Think global, act local!*, o grupo concebeu um projeto a que deu o título de *Mobilidade e Memória Local: Representações Interculturais da Região (MoMeL)*.

Com este projeto focado nas múltiplas perceções e representações da região do Minho por viajantes de nacionalidades, épocas históricas e condições socioculturais muito diversas pretende-se, em última instância, estabelecer um cruzamento profícuo de duas áreas de estudo que, apesar dos notórios incrementos verificados em cada uma delas durante as últimas décadas, continuam modo geral a coexistir em separado: dum lado, os estudos sobre a mobilidade e mediação interculturais e, do outro, as investigações em torno da memória cultural, sobretudo quando se trata duma vertente mais local.

Partindo, em termos teóricos, das assunções de dois dos mais importantes pensadores das Humanidades nas últimas décadas, nomeadamente da tese avançada por James Clifford (1997) de que o par conceptual *routes/roots* (rotas/raízes) não configura uma dicotomia, mas uma parilha complementar de condicionamentos recíprocos, assim como da asserção mais recente de Stephen Greenblatt (2009) da incontornabilidade de se estudar fenómenos culturais sob o prisma da mobilidade, o projeto MoMeL visa contribuir para os estudos interdisciplinares relacionados com os complexos processos da (re)construção de memórias culturais a dois níveis distintos, mas indissolivelmente interligados, i.e. as diferentes memórias coletivas referentes às diversas cultu-



ras de origem dos viajantes-narradores, que estão subliminarmente presentes em qualquer representação do outro, e a memória local da região visitada e descrita.

A literatura de viagens, entendida num sentido lato, constitui por várias razões um *corpus* privilegiado para a obtenção dos referidos objetivos. Devido à sua heterogeneidade e ao seu hibridismo, à sua oscilação entre representação factual e fictícia, entre discursos de objetividade e subjetividade, (in)características estas que, por sua vez, lhe permitem desempenhar a função dum meio simultaneamente informativo e lúdico, os relatos, as reportagens, os ensaios e os guias de viagens representam, em suma, um inesgotável e multifacetado arquivo de material memorialístico a partir do qual é possível ensaiar-se, ainda que de forma apenas parcelar e seletiva, um processo de reconstrução tanto das várias memórias nacionais inscritas nas respetivas representações dos narradores-viajantes como, em particular, duma memória local do Minho.

Perante a acentuada diversidade da literatura de viagens não surpreende que este género de narrativas tenha sido intensamente explorado por várias disciplinas (estudos literários e culturais, história, antropologia, etnografia, geografia, etc.) e sob perspetivas muito díspares, dando origem a uma vasta produção de literatura crítica sobre as visões de Portugal por estrangeiros que se encontra, maioritariamente, dispersa sob forma de artigos e ensaios em publicações de índole diversa. Existem também listagens ou catálogos bibliográficos sobre o tema (Mercadal, 1999; Pérez, 1999 e 2000; Ruppert, 1994, etc.), monografias que focam a imagens de Portugal projetadas por viajantes de determinada nacionalidade, e.g. a inglesa (Pires: 1981), em determinadas épocas (Chaves, 1987; Clara, 2007) ou, ainda, sob determinados prismas, como no caso dos estudos de género dedicados às representações das mulheres portuguesas por viajantes estrangeiros (Vicente, 2011). No entanto, até ao momento, não há qualquer estudo sistemático que incida especificamente nas hetero-representações do Minho.

Uma vez que a equipa do GIETCult conta com docentes e investigadores de diversas línguas e áreas culturais (estudos alemães, eslavos, espanhóis, franceses, ingleses e norte-americanos, portugueses e greco-latinos), o projeto MoMeL dispõe de condições ideais para visar preencher a referida lacuna. Para tal, propõe-se levar a cabo as seguintes tarefas: (1) fazer um levantamento, na medida do possível, sistemático de referências ao Minho na literatura de viagens produzida por autores de nacionalidades e épocas diversas; (2) elaborar uma base de dados desse levantamento bibliográfico que deverá ser colo-

cada *online* em livre acesso; (3) selecionar e traduzir excertos textuais sobre o Minho, com vista à publicação numa antologia multilingue que ofereça uma visão transnacional e transtemporal da região; (4) organizar um colóquio dedicado ao tema.

Para além do seu presumível interesse para vários domínios académicos, pretende-se que os resultados esperados extravasem a comunidade científica. Neste sentido, o GIETCult visa pô-los à disposição quer das redes escolares da região, para fins pedagógico-didáticos, mormente nos domínios da história e das competências de comunicação interculturais, quer das autarquias, com vista à promoção dum turismo de cunho histórico-cultural numa região que, apesar de tradicionalmente periférica nas rotas turísticas, foi ao longo dos séculos visitada e elogiada por viajantes de origens muito díspares.

Perante a dimensão que o projeto MoMeL foi adquirindo, surgiu a necessidade da obtenção de meios de apoio financeiros para a realização dos seus multifacetados objetivos. Assim, o GIETCult decidiu submeter, em 2012, uma candidatura à FCT, candidatura essa que, não obstante ter sido classificada como “muito boa”, não foi selecionada para financiamento. Os membros do *Grupo de Investigação em Estudos Transculturais*, que integram na sua maioria a equipa do projeto *Mobilidade e Memória Local: Representações Interculturais da Região Minho*, encontram-se numa fase de reconceptualização dos objetivos previamente delineados.

## Bibliografia

- CHAVES, C. B. (1987), *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua Projecção Europeia*, Lisboa: Biblioteca Breve, Instituto de Língua e Cultura Portuguesa.
- CLARA, F. (2007), *Mundos de Palavras. Viagem, História, Literatura, Portugal no Espaço de Língua Alemã (1770-1810)*, Frankfurt am Main: Peter Lang.
- CLIFFORD, J. (1997), *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*, Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press.
- GREENBLATT, Stephen *et al.* (2009), *Cultural Mobility: a Manifesto*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MERCADAL, J. G. (1999), *Viajes de Extranjeros por España e Portugal*, VI vol., Salamanca: Consejería de Educación y Cultura. Junta de Castilla y León.
- PÉREZ, C. G.-R. (2000), *Bio-Bibliografía de Viajeros por España y Portugal (siglo XVIII)*, Madrid: Ollero & Ramos.

- , (1999), *Bio-Bibliografia de Viajeros por España y Portugal (siglo XIX)*, Madrid: Ollero & Ramos.
- PIRES, M. L. B. (1981), *Portugal visto pelos Ingleses*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas, Universidade Nova.
- RUPPERT, A. (1994), *Bibliographie der Historischen und Reiseliteratur zur Iberischen Halbinsel*, Paderborn: Igel Verlag.
- VICENTE, A. (2001), *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros*, Lisboa: Gótica.



# **LINHAS ORIENTADORAS DO PROJETO DE INVESTIGAÇÃO: “O ‘SER PORTUGUÊS’ E O ‘OUTRO’: A CHINA NA IDENTIDADE CULTURAL DE PORTUGAL”**

Sun Lam<sup>[1]</sup>, Manuel Gama<sup>[2]</sup> e Rui Silva<sup>[3]</sup>

Este projeto tem um duplo objetivo. Por um lado, no âmbito do tema da identidade nacional, pretende-se compreender a capacidade dos portugueses se adaptarem a culturas diferentes, neste caso a da China. Sublinhe-se que faz parte do inconsciente coletivo dos portugueses uma longa história de aculturação com Celtas, Romanos, Germanos, Árabes, etc.

Por outro lado, pretende-se estudar o facto de a China, a partir de quinhentos, ter conhecido e passado a conviver com o “ser português”. Tomaremos como exemplo marcante a entrada do Padre Tomás Pereira na corte imperial chinesa, onde residiu até à sua morte, em 1708.

Abaixo explicita-se a forma como estes dois objetivos se adequam às diferentes vertentes do projecto proposto à FCT:

**A) Revisitar a história e a cultura portuguesas no diálogo com a cultura e civilização chinesas, tomando como eixo nos estudos interculturais o caso do Padre Tomás Pereira (1645-1708).**

Natural de Vale de S. Martinho, nos arredores de Vila Nova de Famalicão, Portugal, onde nasceu em 1645, teve uma sólida educação, primeiro em Braga,

---

1 Universidade do Minho, Departamento de Estudos Asiáticos, Braga, Portugal: slc@ilch.uminho.pt

2 Universidade do Minho, Departamento de Filosofia, Braga, Portugal: mrcgama@ilch.uminho.pt

3 Universidade do Minho, Departamento de Estudos Asiáticos, Braga, Portugal: d6113@ilch.uminho.pt

no Colégio de S. Paulo, onde, após ter dado mostras de apreciáveis qualidades, passou para outra instituição de ensino dos Jesuítas (em 1661), em Coimbra, o Colégio de Jesus.

Depois de no Colégio de S. Paulo ter feito várias aprendizagens, entre as quais o desenvolvimento dos estudos em música, é a vez de, agora em Coimbra, durante cinco anos, ter exigente formação sob a norma da *Ratio Studiorum*<sup>[4]</sup>. As matérias eram as mais diversas e exigentes do tempo. Entre essas disciplinas destaque-se - pela preparação que veio a evidenciar mais tarde, na corte do imperador Xangxi - o grupo de filosofia, que abrangia domínios tão diferentes como a matemática, a cosmografia, a geografia, a física, a mecânica, a ótica, a eletricidade, a meteorologia.

Partiu para o Oriente em 1666, permanecendo em Goa e Macau, onde completou a sua formação (estudos teológicos e aperfeiçoamento dos estudos musicais), antes de entrar na China, em 1672.

Já na China, pelos seus conhecimentos científicos, e sobretudo pelos seu saber e talentos musicais, impressionou o imperador Xangxi, que o convidou para servir como músico da corte. Aí, teve ocasião de transmitir aos chineses todos os seus conhecimentos no domínio da música ocidental, tendo mesmo escrito uma *Introdução à Musicologia*.

Entre outras atividades de especial relevo, mencione-se o Tratado Sino-Russo de Nerchinsk, celebrado a 6 de setembro de 1689, sendo o primeiro acordo diplomático celebrado pela China imperial. Tomás Pereira e um seu confrade francês, Jean-François Gerbillon (1654-1707), foram integrados no grupo que negociou o referido Tratado, onde se fixavam os limites dos dois impérios e se estabeleciam as bases para as relações bilaterais.

Em conclusão, nesta primeira vertente, proceder-se-á ao estudo exaustivo sobre o importante papel que o Padre Tomás Pereira teve na história da abertura da China ao mundo exterior, assim como na prossecução diligente das relações culturais luso-chinesas. Ou seja, através de Tomás Pereira, pode-se contribuir para compreender melhor “quem somos nós” perante o “outro civilizacional”.

---

4 A *Ratio Studiorum* (nome abreviado de *Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu*) é uma sistematização da pedagogia jesuítica, com orientações direcionadas para os intervenientes no processo educativo de todos os colégios dos Jesuítas. Aí se condensa o plano de estudos, o código e o regulamento.

## **B) Revisitar as relações Portugal-China através da introdução do chá em Portugal e a sua cultura nos Açores com o ensino direto pelos chineses**

De origens que se perdem no tempo, o chá passou de uma simples bebida utilizada por monges budistas chineses, de forma a evitar a sonolência, para uma das bebidas não-alcoólicas mais consumidas em todo o Mundo, após a água.

O chá deixou o seu local de origem, na China, alastrando-se lentamente em direcção ao Ocidente, onde foi acolhido de braços abertos nos lares e mesas de toda a população. Esteve presente em vários eventos históricos que mudaram o destino do mundo e adaptou-se às necessidades de cada povo. Esta bebida singela ligou o Oriente e o Ocidente, tornando-se num bem comum à humanidade.

É, portanto, devido à sua importância como meio de comunicação intercultural que pretendo tomar o chá como caso de estudo de modo a aprofundar a nossa investigação na área da comunicação intercultural Portugal-China, investigando a cultura do chá em Portugal e focando-me mais precisamente no caso dos dois chineses que foram trabalhar para a Ilha de S. Miguel, nos Açores. Para além de que o Português é a única língua da Europa que pronuncia o nome do “chá” da mesma maneira do chinês Mandarim e Cantonês (*chá*), Portugal foi também responsável pela introdução do consumo de chá na Europa e seu cultivo nos Açores.

A existência do cultivo de chá (*Camellia Sinensis*) é uma referência incontornável em numerosa documentação sobre os Açores. Esta apreciada bebida cultivada na ilha de S. Miguel, foi durante muitos anos a única plantação de chá na Europa. Na atualidade, e apesar das muitas dificuldades (sempre ultrapassadas) a fábrica Gorreana continua com a produção. A história da introdução do chá em S. Miguel confunde-se com a da vida das famílias micalenses e compreender a primeira ilumina um pouco da segunda.

A chegada de dois irmãos chineses à ilha, em 1878, contribuiu para o sucesso da vida económica da ilha. Para estes dois chineses, o dia-a-dia nos Açores significou o contacto continuado com um povo que lhes era totalmente desconhecido, numa terra no meio do Atlântico, longe do imaginário e das referências sociais a que estavam habituados. Podemos imaginar as imensas dificuldades da comunicação entre estes dois homens e a gente local, o que não os impediu de viverem e trabalharem com esta comunidade. Qual era a

reação dos micaelenses aos chineses (estranheza, curiosidade, amizade), como conviviam, e até quando aí permaneceram os chineses?

Este trabalho visa descobrir o percurso e episódios do ensino, do convívio e do sucesso dos dois macaenses na ilha de S. Miguel, a partir dos registos históricos da época, bem como explicitar as influências chinesas na história do chá português (tanto na produção como na sua utilização) visto que se trata de uma tradição enraizada e de um património popular. Para além do impacto social da introdução do chá em S. Miguel, iremos ainda investigar o seu impacto na economia local e será feita uma comparação, a partir de uma abordagem técnica, dos processos de plantação, produção e preparação do chá açoriano e do chá chinês. Também serão investigadas as funções digestivas e medicinais do chá no seio destas duas sociedades.

Em colaboração com a Universidade de Nankai, China e a Universidade do Ciência e Tecnologia de Macau, esta investigação irá ser apresentada em forma bilingue (português e chinês), permitindo o acesso aos públicos falantes de qualquer uma das duas línguas. A pesquisa e trabalho incluirão ainda visitas de estudo à ilha de S. Miguel, nos Açores, ao ex-território português de Macau e à zona de produção de chá da província de Fukien, na China, de modo a estudar e descobrir laços comuns em termos de técnicas usadas e funções sociais do chá.





# Conhe cimen to e da Investi gação



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de  
Desenvolvimento Regional

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

ISBN 978-989-755-011-9



9 789897 550119